"*André Pasqualini é um provocador, antes de mais nada. Sua insistência em pedalar em uma cidade construída para os automóveis - função que São Paulo passou a exercer, ainda nos anos de 1930, com o Plano de Avenidas de Prestes Maia - é apenas uma faceta deste perfil. Usou de todos os recursos para tirar a bicicleta do exílio urbano. Provocou autoridades ao ficar nu para mostrar que os ciclistas não são invisíveis; provocou ciclistas a ocuparem seu espaço e motoristas a aceitarem a bicicleta; provocou jornalistas a tornarem o assunto em pauta. Eu fui desafiado várias vezes. A primeira, em uma competição na qual até hoje não me explicou como, de bicicleta, chegou antes de mim que estava a bordo de um helicóptero. A segunda, ao me fazer pedalar 18 quilômetros entre minha casa e a CBN para descobrir que poderia transformar a bicicleta de objeto de lazer em meio de transporte. A terceira, quando me deu oportunidade de ler "A vida em ciclos" em que descreve a viagem pelos principais biomas brasileiros e muito mais. Não se restringe a falar da bicicleta. Trata de infraestrutura, meio ambiente, cidadania, amizades e tristezas. E nos provoca.*

MÍLTON JUNG, JORNALISTA ANCORA DO CBN BRASIL DA RÁDIO CBN

ANDRÉ PASQUALINI A VIDA EM CICLOS

A VIDA EM CICLOS

Uma viagem pelo interior do Brasil e da própria alma

ANDRÉ PASQUALINI

PRÓLOGO

Geralmente quando pedalo em estradas de terra e vejo um caminhão vindo no mesmo sentido, vou para a contramão pra ele não precisar fazer uma manobra de ultrapassagem. Já carros e veículos menores deixo-os ultrapassarem normalmente.

Estava em um trecho de terra a trezentos metros de uma curva fechada para a direita. Atrás de mim percebo a aproximação de um caminhão basculante. Vou para a contramão e fico bem no canto, pois se vier um carro depois da curva ele consegue passar sem dificuldades.

Ao final da minha travessia, uma enorme carreta surge na curva em alta velocidade, creio a uns 70 km/h no mínimo, um absurdo em muitas rodovias asfaltadas, ainda mais numa estrada de terra. Era um desses caminhões que transportam duas carretas, também chamado de treminhão. Quando o motorista me viu, ainda na curva, se assustou e tacou o pé no freio. Vejo a segunda carreta sair de lado, abrindo na curva, formando o temível "L" e vindo em minha direção.

Na hora pensei em me jogar do barranco, se a segunda carreta tomba, faria o caminhão inteiro tombar me varrendo sem que eu tivesse para onde escapar, provavelmente nem o salto barranco abaixo me salvaria. De repente o motorista para de frear, pisa forte no acelerador estabilizando a carreta e seguindo em frente. Tudo isso que narrei em cima, desde que avistei a carreta, não deve ter acontecido numa fração maior que dois segundos.

Temo que se eu tivesse ficado no meu canto, obrigando o outro caminhão abrir para me ultrapassar, o desastre poderia ser maior, pois os motoristas não teriam tempo nem por onde desviar, obrigando o caminhão basculante a passar por cima de mim.

Aquele havia sido um dia onde a cabeça pesou mais que as pernas. Era o 59º dia de estrada e não tinha a potência dos outros dias. Esse foi o dia que acordei com a obrigação de pedalar, mas o que eu mais queria era deitar minha cabeça no colo de uma pessoa querida e receber um carinho.

Nesse dia lembrava a todo o momento das tantas vezes que eu tinha esse carinho, mas até mesmo negava. Quantas foram as vezes que estive com pessoas queridas, felizes com minha presença, mas no fundo parecia não querer estar ali.

Lembrava muito das oportunidades que perdi de retribuir os carinhos que recebi. De quantas vezes me achei o centro do universo, egocêntrico e mesmo às vezes percebendo meu desconforto, elas continuavam ali, felizes por estar comigo.

Depois de sentir que minha vida quase se foi numa fração de segundos, lembrei da última vez que vi meu filho, o Marcos, na época com quatro anos. Um dia antes do início da minha viagem, tinha que passar na casa da sua avó e depois numa bicicletaria. Meu plano era passar na hora em que ele estivesse na escolinha, mas me atrasei e ele já estava lá quando cheguei.

Assim que ele me viu, largou tudo e veio brincar comigo, nesse momento liguei para meu amigo

na bicicletaria, pedindo para ele não fechar a loja antes de eu passar e enquanto falava com ele pelo celular, meu filho montou sobre minhas costas e ficava brincando comigo. Desliguei e ele pediu para brincar comigo, mas falei que precisava sair, então ele disse.

"Mas papai, você não quer comer? Vem comigo pra cozinha pra eu te dar uma coisa para comer…"

Ele só tentava fazer algo para eu continuar ali com ele, mas insisti, disse que o amigo do papai estava me esperando para poder ir para casa, apelei, falei até que se eu demorasse ele iria atrasar para chegar em casa e ver o filhinho dele...

Apelei para o bom coração do meu filho, que sempre foi muito mais generoso que a maioria das pessoas que já conheci. Sem ter mais o que fazer para me segurar ali, simplesmente fez uma cara de choro, seus olhinhos cerraram e ele me abraçou. Fazia pouco mais de três meses que havia me separado da sua mãe, antes do divórcio, como trabalhava em casa, acabava passando mais tempo com meu filho do que sua mãe. Ele acordava junto comigo, eu o levava para a escola quase todos os dias na cadeirinha da minha bicicleta, como sua mãe dormia cedo e eu sempre muito tarde, todos os dias nos deitávamos em sua cama e ficávamos os dois assistindo algum filme (naquela época ele adorava o Homem de Ferro) e nunca víamos mais que 10% do filme, logo ambos dormíamos.

Mas muita coisa havia mudado em nossas vidas, esses 3 meses longe de casa, passei a vê-lo só a cada 15 dias ou quando eu conseguia passar na casa da avó dele, como naquele dia. Nós estávamos sofrendo muito e eu estava para fazer uma grande viagem onde ficaríamos mais tempo longe um do outro. Sempre que a saudade aperta lembro-me da sensação daqueles bracinhos me envolvendo, nada traz mais dor para um pai do que ver seu filho sofrendo e não conseguir fazer nada.

Naquele dia, para acalmá-lo, disse que iria correndo na loja do amigo do papai e quando voltasse, como teria que resolver um problema no shopping, o levaria comigo e assim poderíamos passar um pouco mais de tempo juntos. Ele, ainda chorando, aceitou minha proposta e me deixou partir.

Saí pedalando como um alucinado pela cidade e em menos de uma hora tinha resolvido meus problemas e estava de volta. Mas quando cheguei na casa da sua avó o encontrei adormecido, tentei acordá-lo mas nada o fazia despertar. Foi assim que vi meu filho pela última vez até então, a única lembrança que eu tinha dele durante toda minha viagem foi dele chorando, me abraçando e principalmente sofrendo.

Aquele foi o dia que os músculos não foram problema, mas o dia que tive que lutar contra a minha mente. Numa cicloviagem temos que pedalar um dia por vez e naquele dia parece que pedalei uma vida inteira. Ao menos terminei mais um dia.

Baseado no texto "Colo" escrito no dia 12 de janeiro de 2011, em Vila Rica no Mato Grosso e publicado no blog Bicicreteiro.org, praticamente na metade da viagem do Projeto Biomas.

ÍNDICE

Agradecimentos	**11**
Dedicatória	**13**
Minha trajetória até o fim de um ciclo	**15**
O ponto da virada	**21**
A Bicicleta e a preparação meteórica	**27**
1 – O Tietê e o Estado de São Paulo	**33**
1.1 – A saída de São Paulo	**36**
1.2 – Primeiro dia de pedal no escuro	**38**
1.3 – Chegando ao Rio Tietê	**39**
1.4 – O Rio Tietê em Barra Bonita	**42**
1.5 – Dia de descanso e hora de ir às compras	**43**
1.6 – Vencendo a depressão, vento contra e o sol	**44**
1.7 – Desabafo, não sou maluco!	**47**
1.8 – Liberdade e solidariedade	**52**
1.9 – Porque caí na estrada?	**53**
1.10 – O dia que caminhei sem andar	**55**
1.11 – Cada vez mais adaptado a rotina de cicloturista	**56**
1.12 – Vencendo o físico e a mente	**60**
1.13 – Itapura, a foz do Rio Tietê	**64**
1.14 – São Paulo, terra da SaCANA	**67**
2 – Cruzando o Mato Grosso do Sul	**73**
2.1 – Deixando São Paulo para trás	**73**
2.2 – Descansando em Três Lagoas	**75**
2.3 – Preparado para entrar na Zona de Convergência do Atlântico Sul	**77**
2.4 – Meu destino é para onde o Sol for…	**80**
2.5 – Em Campo Grande, planejando a travessia do Pantanal	**86**
2.6 – Partindo de Campo Grande, os últimos preparativos	**89**
2.7 – De onde vem a minha energia!	**91**
2.8 – Uma pitada de irresponsabilidade	**96**
3 – A Travessia do Pantanal	**101**
3.1 – Diário do Pantanal – dia 1 – Muitos bichos	**103**
3.2 – Diário do Pantanal – dia 2 – O tamanho da encrenca	**110**
3.3 – Diário do Pantanal – dia 3 – Santa Vazante	**114**
3.4 – Diário do Pantanal – dia 4 – Respeite o Deus Sol	**117**

3.5 – Diário do Pantanal – dia 5 – Domingo, dia de descanso 121
3.6 – Diário do Pantanal – dia 6 – Cuidado com a onça! 123
3.7 – Diário do Pantanal – dia 7 – Santo GPS 130
3.8 – Diário do Pantanal – dia 8 – Maldito areião 132
3.9 – Diário do Pantanal – dia 9 – Cansaço 135
3.10 – Diário do Pantanal – dia 10 – O rasante da Arara Azul 137
3.11 – Diário do Pantanal – dia 11 – A Transpantaneira 141

4 – O Estado do Mato Grosso 149
4.1 – A chegada em Cuiabá 151
4.2 – A cidade de Cuiabá 153
4.3 – Mais histórias de amor e dor 155
4.4 – A Chapada é CHAPADA! 158
4.5 – A minha noite de Natal 160
4.6 – Dormindo no Ninho das Águias 168
4.7 – Despedida da Chapada 171
4.8 – Rumo ao Norte 176
4.9 – Não fique bravo, fazemos isso para o seu bem 177
4.10 – Entrando na zona dos milionários do Mato Grosso 181
4.11 – Ano novo e depressão antiga 184

5 – A Floresta Amazônica 189
5.1 – Welcome to the jungle – Já estou na Amazônia! 190
5.2 – A Arara que faltava 192
5.3 – Tem que ter OPINIÃO! 195
5.4 – Transformando uma Estradeira numa MTB 198
5.5 – Cadê o areião? 202
5.6 – Índio não Solidário 205
5.7 – Mais uma linda história 210
5.8 – Outro pedal pra lá de épico 214
5.9 – Colo 218
5.10 – A terceira fronteira 224
5.11 – Me despedindo da Floresta Amazônica 228

6 – A caminho do Parque do Jalapão 237
6.1 – Corra que a polícia vem aí! 238
6.2 – Chegando a Palmas com 4 mil quilômetros de história 242
6.3 – Palmas, uma linda cidade mal planejada 248
6.4 – Hora da revisão geral e descobrir o tamanho da encrenca 250
6.5 – Desbravando as trilhas do Lajeado 253
6.6 – Partindo de Palmas, rumo ao Jalapão 256
6.7 - O batismo do Jalapão 259

7 – O Parque do Jalapão 265
7.1 – Acorda menino! 266

7.2 – Jalapão em uma palavra: Espetacular! 270
7.3 – Um dia de Turista 282
7.4 – O Capim Dourado 285

8 – O Cerrado Brasileiro 293
8.1 – Enfim, pedalando em direção ao sul, de volta para casa 294
8.2 – Uma casa com luz própria 297
8.3 – Entrando em parafuso 303
8.4 – Audax #fail, transformando o parafuso em prego 306
8.5 – Adeus Tocantins! 308
8.6 – Mais Cansaço… 314
8.7 – Churrasquinho de ciclista? 317
8.8 – Velozes e Furiosos, bem vindo a Brasília 322
8.9 – Passeando por BSB 326
8.10 – Curtindo o domingão na cidade carrocrata de Brasília 328
8.11 – Adeus Brasília, chega de sufoco 332
8.12 – Chegando em Minas! Eita trem bão… 338
8.13 – Nunca senti tanta falta de um abraço 343
8.14 – Técnicas para combater a dor da saudade 350
8.15 – Meu quase retiro espiritual em Patos 353
8.16 – Tempo 357
8.17 – A caminho de casa 359
8.18 – O preço do esforço exagerado 366
8.19 – Minha despedida do Cerrado 368

9 – A Mata Atlântica 375
9.1 – A Cruzada pela Canastra 376
9.2 – Adeus Canastra 381
9.3 – Corpo, Mente e Tempo. Minha luta é contra eles 388
9.4 – Mais braços e abraços, cada vez mais perto de casa 389
9.5 – Têm que ter fé e força nas pernas 393
9.6 – A Estrada da Luz 400
9.7 – A chegada a São Paulo, a corrida para meu tão sonhado abraço 406

Considerações finais - Melhor, a continuação da viagem... 413

AGRADECIMENTOS

Com certeza irei esquecer algumas pessoas, por isso fica aqui meu pedido de perdão. Para facilitar quero agradecer as centenas de pessoas que citei em meu livro e que de alguma forma participaram da minha viagem. Posso não ter escrito seus nomes aqui, mas com certeza, o fato de vocês serem citados no meio do livro só demonstra o quanto foram significativos para mim.

Agradeço o Arcanjo Gonzalez, o principal apoiador (financeiro) da minha viagem, sem a ajuda dele, no mínimo, vocês ficariam sem algumas das belas imagens que tirei, mais detalhes encontrarão no livro. Meu agradecimento a ele é uma forma de agradecer a todos que colaboraram com doações em dinheiro, recebi via doações surpreendentes oito mil reais de diversos ciclistas que acompanharam minha viagem pelo blog do Bicicreteiro.org, ou que me encontraram na estrada. Ainda teve as pessoas que me deram pouso, que me pagaram comida, que me deram conforto e até mesmo alguns abraços, cada ajuda que recebi acabou vindo numa ótima hora.

Agradeço ao Adilson da Maré GPS que me emprestou GPS e o rastreador que usei durante minha viagem. Agradeço também a Rosana que fez a linda arte desse livro.

Sem me alongar, agradeço a todos que acompanharam minha jornada e torceram por mim, espero que esse livro entretenha, faça rir, chorar, inspire, revolte... Seja lá qual for a sua reação, se o livro fizer você pensar, já me dou por satisfeito.

DEDICATÓRIA

Quando caí na estrada, sinceramente não tinha como objetivo escrever um livro, a viagem era uma fuga, algo desesperado, uma tentativa de chamar a atenção das pessoas. Mas durante a viagem percebi seria importante que meu anjinho (meu filho) tivesse onde encontrar algumas repostas no futuro, que o ajudasse compreender uma fase difícil fase que viveu.

Esse livro eu escrevi para você meu filho, apesar de você ainda ser muito novo e não lembrar direito de tudo que ocorreu naquela época, é possível que algumas das sensações que você tem hoje passem a fazer sentido ao saber detalhes do que ocorreu comigo naquela época.

Que fique bem claro, jamais o deixei, que você sempre encontrará em mim alguém que realmente quer seu bem, até acima do meu e que sempre irá lutar pela sua felicidade.

MINHA TRAJETÓRIA ATÉ O FIM DE UM CICLO

Minha paixão pela bicicleta vem de infância (comum a 99% dos ciclistas), quando meu pai, com muito esforço, presenteou a mim e ao meu irmão com duas bicicletas. Devia ter uns cinco ou seis anos, comecei com rodinhas e lembro que meu irmão (um ano e meio mais velho) tirou-as no primeiro dia e ali surgiu meu primeiro desafio, o de pedalar sem rodinhas.

Sim, posso dizer que minha vida é marcada por desafios, não importa a fase da vida que você irá me encontrar, sempre terei um sonho que estou tentando tirá-lo do papel. Aliás, esse é o meu segundo livro, o primeiro escrevi em 2003, meses antes da minha segunda viagem pelo Rio Tietê e se chama "O primeiro passo para uma grande conquista... Sonhar". Um livro onde detalho como a bicicleta entrou em minha vida, desde minhas primeiras pedaladas até a primeira cicloviagem, uma boa maneira de compreender o porquê esse meu casamento (com a bike) deu tão certo.

Voltando ao primeiro contato com a bicicleta, realmente "gastamos" as magrelas e em pouco tempo elas não tinham mais condições de uso. Depois de uns anos encostadas, meu pai as colocou no bagageiro da sua Variant e as levou para uma bicicletaria. Lá ele me perguntou como eu queria a reforma, pedi para pintá-la de verde (motivos futebolísticos), trocar a relação, pneus, banco, manopla... A bike deve ter ficado linda. Sim "deve" porque nunca mais meu pai voltou para retirá-la. Não, meu pai não fez isso por mal, não voltou para pegá-la por falta de dinheiro mesmo.

Depois de longos anos sem bicicleta, mesmo espalhando vários bilhetinhos pela casa com a frase "Não se esqueça da minha Caloi"[1], a bicicleta só foi retornar em minha vida em 1993, aos 19 anos, quando trabalhava na Comgás como Contínuo (profissão também conhecida como Office-Boy).

Certo dia, passei no departamento onde meu amigo Adelmo Moreira Leite trabalhava e peguei-o mostrando algumas fotos pessoais para colegas de trabalho. Naquela época não existia Facebook, máquinas digitais, celulares, ele estava com um daqueles álbuns simples de fotografias em papel que havia acabado de revelar.

Fiquei maravilhado, eram fotos de um passeio de bicicleta que ele e amigos haviam feito até a região de Riacho Grande próximo da Serra do Mar em São Paulo e impressionado pela distância que eles conseguiram percorrer de bicicleta. Tomado pelo espírito de aventura e querendo fazer parte daquilo esperei as primeiras férias chegarem e em junho de 1993 comprei minha primeira bicicleta. Em menos de duas semanas lá estava eu na casa do Adelmo, perto de Diadema, para realizar minha primeira grande aventura. Fomos até a Estrada Velha de Santos totalizando mais de 100 quilômetros de pedal em um dia.

Capa do primeiro livro lançado em 2004

Em 1995, devido às dificuldades financeiras, acabei vendendo minha bicicleta e me afastando novamente dos pedais. Em 96 um amigo me emprestou sua bicicleta para realizar a minha primeira cicloviagem, dessa vez na companhia de outro amigo, o Cláudio Nadaleto. Pedalamos mais de 300 quilômetros pelo litoral sul de São Paulo, até chegarmos à divisa do estado com o Paraná.

Nessa viagem lançamos o segundo grande desafio, realizar uma viagem de bicicleta beirando o Rio Tietê, algo que concretizamos em janeiro de 1997. Segui pedalando até que em 1998 conheci minha ex-mulher, numa época em que eu ainda pedalava, mas estava me dedicando ao Teatro e uma banda de rock, coisa de moleque. Devido ao namoro e ao teatro, acabei me afastando em definitivo do pedal em 1999.

Nesse ano encerrava meu primeiro grande ciclo, tinha cerca de 27 anos, havia me desligado da Comgás empresa que trabalhei como operador de rádio por 8 anos. Como essa profissão era muito específica, fui obrigado a tentar uma nova profissão apelando para meu lado autodidata e passei a trabalhar com informática. Em 2001, já trabalhava programando sites e criei CicloBR.com.br com o objetivo de ter um site portfólio e também divulgar minhas viagens de bicicleta além de manter vivo meu sonho de retornar aos pedais.

Comprei uma moto numa tentativa frustrada de aplacar a saudade que sentia da minha bicicleta, mas isso quase me tirou a vida após passar por cima de dois carros na Avenida Vinte e Três de Maio em São Paulo. Vendi a moto pois preferi continuar vivo mas o sonho do retorno ao pedal nunca me abandonou.

A melhor maneira disso acontecer seria me impondo um novo desafio, como sempre tive vontade de repetir a viagem pelo Tietê, em 2013 lancei em meu site (o CicloBR) esse desejo e marquei uma data, assim sabia que janeiro de 2004 ocorreria meu retorno aos pedais. Ganhei de presente uma bike, lembro que era uma Caloi Aluminium, mandei trocar pneus, instalei para-lamas, bagageiros, velocímetro, um investimento em torno de mil reais, se já é muito hoje imaginem na época.

Viagem pelo Rio Tietê de 1997, chegada a Barra Bonita - SP

Faltando quatro meses para a viagem mais uma grande dificuldade foi imposta, roubaram minha bicicleta. Aquilo acabou comigo, nem pelo valor material, mas ao roubarem aquela bicicleta foi como se tivessem roubado meu sonho de voltar a pedalar. Chorei demais e num momento de desabafo, mandei um email bem emocionado para a Bikeonlist, uma lista de discussão com ciclistas do Brasil inteiro, lista que já participava já havia alguns anos.

Sinceramente não tinha o objetivo de pedir ajuda, mas além do desabafo, a intenção era divulgar nessa rede as características da minha bicicleta para, caso alguém a encontrasse eu teria alguma chance de recuperá-la.

Essa foi a primeira vez que senti o poder da internet e que realmente me emocionei com a solidariedade das pessoas. A repercussão foi enorme, alguns queriam me doar peças, outros dinheiro, muitas pessoas querendo ajudar de alguma forma e isso além de me comover, me fez um bem enorme. Apesar de haver muita gente ruim nesse mundo, saber que os bons são maioria (como diz aquele comercial da Coca-Cola) sempre me faz bem.

Um deles, o Ishida, perguntou se eu havia entrado em contato com a Caloi, na época a maior empresa do ramo de bicicletas do Brasil. Disse que encaminhei um projeto, mas provavelmente havia se perdido em meio a centenas de projetos que devem receber, por isso havia desencanado.

Ele então intermediou o contato com o Eduardo Romão, na época ele trabalhava na equipe de Marketing da Caloi. O Romão me convidou para um bate-papo na fábrica, ainda na Avenida Guido Caloi, Zona Sul de São Paulo. Lá ele disse para escolher qualquer bicicleta do Showroom deles, pois por falta de bicicleta não deixaria de realizar a minha viagem.

Escolhi uma Caloi 200, uma bicicleta aro 700, até então algo novo num mundo dominado pelas MTBs. Apesar de todas as dificuldades realizei a viagem pelo Tietê e a partir de 2004, a bicicleta entrou em minha vida para nunca mais sair. O Romão da Caloi me convidou para participar do GT (grupo de trabalho) Bicicleta da ANTP (Associação Nacional de Transportes Públicos) e lá passei a discutir a bicicleta como mobilidade. Depois das reuniões com esse GT Bicicleta, passei a me envolver em ações pró-mobilidade sustentável, também batizada (às vezes de forma pejorativa) como ações "cicloativistas". Não gosto desse termo, pois ele é muito restritivo, até porque minha luta não é apenas por melhores condições para o ciclista, mas sim por cidades mais humanas, mais justas para todos. A bicicleta não passa de uma ferramenta que uso para contrapor essa cultura carrocrata que vivemos.

Meu engajamento foi total, ainda em 2004 comecei a usar o CicloBR como um site de notícias abordando o tema bicicleta como mobilidade, também participei da minha primeira Bicicletada (versão brasileira do Critical Mass) justamente no dia 22 de setembro, o Dia Mundial Sem Carro, aliás esse foi também o ano do meu primeiro casamento. No dia 28 de setembro de 2006 nasceu uma das pessoas mais importante da minha vida, meu filho Marcos. Torci para ele esperar uns dias e nascer depois do Dia Sem Carro (22), pois havia passado o mês inteiro me dedicando a uma série de atividades que

Viagem pelo Rio Tietê em 2004, Barragem Ponte Nova em Biritiba Mirim - SP

realizamos nesses dias, até nisso ele me ajudou.

Em 2008 a Bicicletada começava a se consolidar e já era hora de ousarmos e organizarmos nossa edição do World Naked Bike Ride (WNBR), a famosa "Pedalada Pelada". O WNBR é um protesto onde ciclistas pedalam nus com diversas motivações. Uma das principais é a de usar o corpo como uma espécie de Outdoor para passar mensagens, por isso muitos ciclistas escondem seus rostos pois mais importante é a mensagem e não seu autor. Outro objetivo é fazer uma analogia mostrando o quanto o ciclista é frágil no trânsito, já que ele não tem a proteção de ferro que os motoristas possuem e consequentemente, cobrar maior responsabilidade e respeito a vida por parte das pessoas quando conduzem um veículo motorizado.

Essa manifestação já ocorria em diversas cidades ao redor do mundo desde 2003 e como o "inconsciente coletivo" da Bicicletada estava disposto a participar, registramos no site mundial a data da nossa primeira edição, dia 14 de junho de 2008, uma semana após a que ocorre em Londres, uma das mais tradicionais do mundo que chega a reunir mais de 3 mil ciclistas. No dia da manifestação lá estava eu, seminu, apenas com uma tanga feita com capas de revista. Resumindo a história, acabei sendo o único preso sendo que minha prisão foi vista no Brasil inteiro pela TV.

Depois do WNBR o movimento cicloativista brasileiro cresceu, a própria Bicicletada de São Paulo, que na edição de maio de 2008 teve uns 80 ciclistas, no mês seguinte ao WNBR éramos 300 e seu número de participantes nunca mais foi pequeno, finalmente atingimos a "Massa Crítica" tendo algumas edições com mais de mil ciclistas. Com o crescimento sentimos a necessidade de mais organização, assim começamos a discutir a criação de Associações que nos dessem mais representatividade, principalmente na interlocução com o poder público. Como percebi que esse processo seria muito lento, resolvi aproveitar a rede criada através do meu site pessoal, o CicloBR e transformá-lo numa Ong. Convidei alguns amigos ciclistas e no dia 08 de agosto de 2009 nasceu o Instituto CicloBR de Fomento a Mobilidade Sustentável. Passei então a me dedicar ao Instituto, minha intenção era usar a Ong para alavancar vários projetos de fomento da bicicleta, seja em parceria com o poder público ou com a iniciativa privada. Com meses de vida, ainda em 2009, realizamos nosso primeiro grande evento, o 4º Desafio Intermodal (DI) de São Paulo, evento que até então era organizado pelos ciclistas sem alguma instituição que a representasse. Com menos de um ano de vida o CicloBR já tinha sido responsável pela organização do evento Rota Márcia Prado, o Calendário CicloBR "Como Nus Sentimos", e ainda realizamos a primeira e única edição do Festival CicloBR.

Foto publicada em 2010 no Calendário CicloBR - "Como Nus Sentimos"

Junto com o lançamento da Ong, criei o Blog do Bicicreteiro (www.bicicreteiro.org), precisava criar um canal onde pudesse me comunicar com as pessoas como fazia antes do CicloBR se tornar uma Ong, então resolvi adotar esse nome com "r" de propósito, isso porque eu queria representar a maioria dos ciclistas invisíveis que temos por aí e também valorizá-los pois eles representam a maioria dos ciclistas brasileiros.

Um dos sonhos (também um dos meus maiores erros) foi o de tentar estruturar a Ong para que eu e outras pessoas pudéssemos trabalhar tirar nosso sustento dela, consequentemente viver da nossa paixão, a bicicleta. Essa minha intenção até poderia ter dado certo, mas em agosto de 2010 ocorreu o fim do meu primeiro casamento e uma reviravolta em minha vida.

Acima narrei alguns acontecimentos importantes de forma bem superficial, fatos esses que serão melhores descritos caso consiga realizar o sonho de escrever ao menos mais dois livros, num deles faria uma reedição do meu primeiro livro onde narraria detalhes do que aconteceu em minha vida até 2004, ano da minha segunda Cicloviagem pelo Rio Tietê. O outro teria como nome "Cicloativismo?", nele contaria um pouco da história do Cicloativismo no Brasil e principalmente todos os acontecimentos que participei desde 2004 até os dias de hoje. Esse segundo projeto creio que será importante para as pessoas entenderem o papel da bicicleta e desse movimento nas mudanças que ocorreram nas cidades brasileiras desde então.

O PONTO DA VIRADA

Meu casamento não foi muito diferente da maioria, com momentos ótimos mas também vivendo enormes crises. Particularmente em 2010 vivia grandes problemas, não conseguia encontrar motivação para continuar trabalhando como programador, não tinha mais um relacionamento com minha atual mulher e com sintomas de depressão também não encontrava forças para me dedicar a Ong, vivia um limbo onde a minha única alegria era os momentos que eu tinha com meu filho.

Um dia acabei explodindo e literalmente joguei merda no ventilador, falei tudo que devia (e principalmente o que não devia), peguei minhas coisas e caí fora. Nem preciso dizer que ao sair de casa minha vida ficou ainda mais maluca do que antes e em menos de um mês bateu o arrependimento e tentei voltar, claro que não fui nada bem recebido. Se as coisas já estavam ruins antes, tudo piorou com a negativa do retorno e isso me fez afundar na depressão. Como queria que meu filho sofresse o mínimo com o processo, ao sair de casa e abri mão de tudo que teria direito, casa, carro, móveis, apenas peguei minhas roupas (que cabiam em duas malas), meu computador e minhas bicicletas. Nem vou entrar em maiores detalhes, só digo que essa foi minha pior coisa que eu fiz na separação e graças a essa decisão estúpida acabei sendo afastado em definitivo do meu filho, ao ponto da minha ex conseguir na justiça, que eu não pudesse ver meu filho por um ano. Se tiver que dar um conselho a quem acabou de se separar e não pretende se afastar do seu filho, jamais seja tão generoso como eu fui.

Voltando ao momento da separação, passei a tentar a reconciliação a todo custo, até havia ainda sentimentos mal resolvidos com minha ex, mas o que estava insuportável era a distância do meu filho. Hoje tenho plena ciência que se conseguisse a reconciliação teria cometido o maior erro da minha vida, mas não hesitaria em abrir mão da minha felicidade se isso pudesse poupar meu filho de todo sofrimento que ele passou. Como casei com uma advogada, em menos de dois meses já estávamos na frente do juiz para assinar o divórcio (o que daria um belo guia do que NÃO fazer durante a separação). Estava completamente perdido, divórcio assinado, sem dinheiro, sem motivação para continuar trabalhando, morando no Cafofo do Poço (mais adiante falo mais sobre essa casa), deprimido e sem forças para nada.

Mesmo tendo alguns trabalhos a fazer, não encontrava forças, ficava sozinho naquela casa por dias sem ver ninguém, baixava alguns seriados na internet e ficava assistindo em sequência, não precisava sequer levantar até o computador. Numa das oportunidades fiquei 3 dias deitado num enorme Puff apenas assistindo alguns seriados. Como não comia e nem me mexia muito, não tinha sequer vontade de ir ao banheiro, quando isso acontecia aproveitava para tomar banho. Perdi nada menos do que 10 quilos durante essa minha estadia e várias vezes pensei no pior.

Percebi que ninguém iria me ajudar a sair daquela situação, foi aí que encontrei na minha bicicleta a ajuda que tanto precisava, era o meu "ciclo" que me ajudaria a sair daquela situação. Reparem como nossas vidas são marcadas por ciclos bem definidos, neles há pessoas que num momento são fundamentais em nossa vida e em outro simplesmente desaparecem, mas nem por isso nos arrependemos de ter vivido tal experiência. Minha vida também tem ciclos bem claros, o primeiro durou até meus 10 anos quando mudei de casa pela primeira vez. O segundo

foi até meus 18 anos, quando entrei na Comgás e a bicicleta entrou em minha vida. O terceiro se encerrou quando saí da Comgás e que conheci minha ex-mulher, já o quarto era exatamente esse que tem como data central o dia em que pedi o divórcio. A única maneira que encontrei para superar aquela conturbada transição foi pegar minha bicicleta e cair na estrada, assim nasceu o Projeto Biomas que deu base a esse livro, que futuramente recebeu o nome de "A Vida em Ciclos".

Em outubro de 2010, marquei uma cicloviagem entre os dias 22 e 28, pelo Circuito Vale Europeu em Santa Catarina, quando tive a companhia da querida Renata Falzoni, jornalista do Programa Aventuras, dos canais de TV ESPN e que atualmente é responsável pelo site "Bike é Legal". Naqueles dias havia decidido que a bicicleta seria a forma de eu dar um novo rumo para minha vida, só pensava em chutar tudo para o alto e cair na estrada, pensei inclusive finalizar o Vale Europeu e continuar pedalando sem rumo.

Dia 13 de novembro seria o dia que comemoraríamos 12 anos de relacionamento, então coloquei essa data como um "deadline", seria o dia da reconciliação ou do meu renascimento. Nem preciso falar que qualquer separação é complexa, apesar de estarmos separados, era quase impossível não manter os vínculos. Por exemplo, já tínhamos dois meses separados ela me pediu para fazer companhia até a Zona Cerealista em São Paulo, pior não foi aceitar e sim achar aquilo algo natural, erro que vejo muitos casais separados cometendo e também achando tudo natural. Hoje sei que a melhor forma de superar o fim de uma relação é cortando todos os vínculos, como diria os americanos "Move-on", ou como os ciclistas dizem no Brasil "O pedal girou".

Mas como seguir em frente se sua mente implora para voltar pra trás?

Voltando a cronologia, assinei o divórcio no dia 18 de outubro e no dia 22 estava pegando o avião rumo a Timbó em Santa Catarina, para percorrer o Vale Europeu. Durante a viagem confidenciei minha intenção de viajar pelo Brasil a Renata Falzoni e ela mesmo me aconselhou a voltar e colocá-la na parede, "ou volta comigo ou eu caio no mundo", ideia que pareceu muito boa.

Uma das inúmeras Cachoeiras Véu de Noiva, essa no Vale Europeu em SC

Durante a Cicloviagem pelo Vale Europeu meu astral melhorou um pouco, as falsas esperanças me ajudaram, mas bastou voltar e a depressão tomou conta de mim novamente, só ficava melhor quando conseguia estar com meu filho aos finais de semana, algo ainda possível na época, mas durante a semana, sozinho no cafofo não encontrava forças para nada. O Cafofo merece uma atenção especial, pois o local era bizarro. Fazendo uma breve descrição do Cafofo, era na casa da Tia de um amigo, uma casa de dois andares sendo que a superior ficava no nível da rua enquanto

eu morava literalmente no porão. Imaginem aquela casa enorme daquela tia velha que mora sozinha, tudo que é tranqueira da família ia para lá e eu dormia ali no meio de tudo isso. Quem assistiu o seriado "Caçadores de Relíquias" do Canal History deve ter uma noção do que estou falando, aliás se os apresentadores do programa entrassem ali iriam encontrar itens do tempo do império.

A casa de cima era bonitinha, já a debaixo era o depósito da família, quando me ligavam dizia que estava no "poço do Poço" (Poço era o sobrenome do meu amigo). Uma amiga dizia que a tia que morava em cima parecia a velhinha do filme "Duplex" e realmente a tia do Poço me pentelhava muito, não era muito diferente da personagem do filme. Reclamei com o Rafael, ele disse que daria um jeito e deu, mas adivinhem como? De uma hora para outra ela passou a me tratar com maior distância, de uma forma bem estranha, dificilmente ela descia para o quintal enquanto estava lá embaixo. Depois soube que ele disse para a tia dele não me provocar, pois eu era muito agressivo tanto é que havia saído da minha casa porque batia muito na minha mulher e por isso saí de casa (que amigo).

A casa em si tinha dois banheiros, dois quartos, duas cozinhas e uma sala, num passado mais distante aquilo eram duas casas separadas que eles alugavam para famílias distintas. Eu dormia num quarto sobre um desses colchões de ar vendidos em supermercados, na sala havia um enorme Puff e meu computador, não havia TV, mas tinha internet. Na cozinha havia uma geladeira quebrada (não servia nem como armário) e um desses fornos 3 em 1, com grill, forno e cafeteira, minha alimentação era a base de Traquinas e Miojo, como não tinha fogão eu fazia na cafeteira (pergunte-me como).

A história da geladeira é mais bizarra ainda, ganhei de um amigo (o Juliano Pappalardo) e para transportarmos, usamos uma carretinha que você prende na bicicleta, criação dele. Tirei algumas fotos do transporte e ele as usou para participar de um concurso de projetos sustentáveis que estava rolando na África. A geladeira nunca funcionou, mas o lado bom é que, graças a minha foto, ele venceu o concurso! Ao menos a geladeira serviu para algo.

Voltando aos fatos que antecederam a viagem, do dia do retorno do Vale Europeu até meu deadline eu teria apenas 15 dias. Resolvi que só após a conversa com minha ex anunciaria a viagem em meu blog, marquei então nossa conversa para o final de semana seguinte e enquanto isso comecei a planejar o trajeto da minha viagem. Fiz apenas um plano básico, pois numa viagem tão longa você precisa de um trajeto base, mas o mais importante é ter flexibilidade para alterar o roteiro de acordo com a conveniência.

Para definir o trajeto me lembrei de um fato que ocorreu quando retornava da viagem de 1997 pelo Rio Tietê, quando eu e o Claudio estávamos na rodoviária em Três Lagoas (MS) comprando passagem de volta para São Paulo. Perguntaram-nos porque não voltávamos pedalando e respondi – "Se tivesse tempo para voltar pedalando eu pedalaria mais 500 quilômetros até o Pantanal!"

Porque então não continuar a viagem do Tietê? Abri o Google Maps e comecei a traçar uma possível rota partindo de Três Lagoas. Vi que antes do Pantanal eu passaria por Campo Grande,

a capital do estado do Mato Grosso do Sul. Dentro do Pantanal não há estradas definidas, mas queria sair no Porto Jofre e cruzar o Rio São Lourenço que faz a divisa com o estado de Mato Grosso. Se conseguisse realizar a travessia do rio pedalaria pela Transpantaneira até Poconé.

De Poconé estaria a um dia de Cuiabá, capital do Mato Grosso que tem como vista a linda Chapada dos Guimarães a menos de 60 quilômetros da cidade. Fantástico, já estou ali e porque não conhecer a Chapada? Foi quando reparei que quatrocentos quilômetros ao norte estaria em área de Amazônia legal – "Dois biomas na mesma viagem? Pedalar na Amazônia?!" Na verdade seriam três Biomas, pois metade do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul já é o bioma Cerrado e foi aí que surgiu o nome "Projeto Biomas".

Segui traçando uma provável rota no mapa, teria que pedalar de leste a oeste no Mato Grosso e para sair do estado você tem praticamente só duas opções. Mato Grosso tem uns mil quilômetros de divisa com Goiás e de qualquer maneira seria obrigado a cruzar o Rio Araguaia que divide não apenas Mato Grosso com Goiás, como Pará com Tocantins. Para cruzar o rio eu teria basicamente 3 opções, a primeira é ainda na sua cabeceira em Barra do Garça, que fica a leste, no mesmo paralelo da cidade de Cuiabá. A segunda opção seria uma travessia pela Ilha do Bananal, uns 500 quilômetros ao norte, mas essa opção só poderia usar em época de seca, já a terceira alternativa seria mais ao norte ainda, a 700 quilômetros, num ponto onde o rio divide os estados do Pará com Tocantins.

Para essa terceira opção eu teria continuar a norte de Cuiabá até a BR 080 usá-la para cruzar o parque do Xingu. Adivinhe qual foi minha escolha?

Continuei viajando no mapa, depois de cruzar o Rio Xingu, aquele que será destruído pela usina Belo Monte, teria o grande Araguaia, pedalaria por dois dias no Pará até cruzar o rio e entrar em Tocantins, o quinto estado da viagem.

Em Tocantins obrigatoriamente pedalaria até Palmas, a capital do estado, observando atentamente o mapa percebi que o Parque do Jalapão fica a 200 quilômetros a leste da capital. Em minhas pesquisas encontrei uma matéria da TV Globo sobre o Jalapão dizendo que ali seria uma área de transição do Cerrado com a Caatinga, o que seria o quinto Bioma da viagem. Mais tarde descobri que a matéria estava equivocada e a divisa entre Cerrado e Caatinga está a cerca de 300 quilômetros mais a leste do Parque, junto com o Rio São Francisco.

Segui a minha viagem virtual e comecei o retorno para casa, vi que poderia passar na Chapada dos Veadeiros, Brasília e fiz questão de colocar no meu trajeto a cidade de Patos de Minas (Em Minas Gerais). Lá moram meus padrinhos, pais de alguns dos meus melhores amigos. Ali seria a primeira oportunidade de toda a viagem de abraçar pessoas conhecidas depois de tanto tempo pedalando sozinho.

De Patos iniciaria meu retorno a São Paulo passando pela Serra da Canastra, local onde fiz com meu filho nossa primeira viagem de aventura, quando ele tinha apenas cinco meses. Depois pedalaria pelo sul de Minas Gerais, percorreria algum trecho do Caminho da Fé e de quebra passaria por mais um bioma, dessa vez a Mata Atlântica, chegando a São Paulo. Acreditava que

conseguiria completar o trajeto em dois meses, mas com dias de viagem percebi que isso seria impossível.

Quatro biomas, Pantanal, Floresta Amazônica, Cerrado e Mata Atlântica

Quatro grandes parques, Chapada dos Guimarães, Jalapão, Chapada dos Veadeiros e Serra da Canastra.

O trajeto já estava pensado, tinha uma base e apenas uma obrigação, a de percorrer todos os biomas e todos os parques que acima citei. Só precisava agora saber se faria ou não a viagem. Tudo dependia de uma única resposta. Queria causar um choque, no fundo torcia para que ela pedisse para eu ficar, mas ao mesmo tempo estava empolgado com a possibilidade de passar por lugares tão maravilhosos. Tinha ainda questão do meu filho, sabia que sofreria muito com a distância dele, mas também imaginava que todo o sacrifício seria compensado com a retomada do nosso casamento. Na minha cabeça parecia um plano perfeito, só faltou combinar com os russos.

Chegou o dia, lembro que faltavam menos de 5 dias para meu prazo final, cheguei ao encontro bem firme e decidido que se não passasse essa data com ela, passaria na estrada, foi quando dei minha última cartada – "Ou o dia 13 de novembro eu passo com você ou passarei na estrada, muito longe daqui" – Como resposta ouvi um:

– "Vai, será bom para você".

Definitivamente não era isso que gostaria de ouvir...

Aí não teve jeito, voltei para casa e o que estava em jogo era a minha dignidade e minha palavra, aliás a única coisa que ainda tinha, pois não tinha dinheiro, casa, havia perdido todos meus bens na separação. Nunca disse que iria fazer algo e depois desisti. Então escrevi um longo texto no blog e anunciei a minha viagem.

Não demorou e recebi diversos emails, comentários, centenas de mensagens de apoio. Ao mesmo tempo que essas mensagens me ajudaram, também colocou uma enorme pressão, agora não havia como abortar a missão. Comecei então a correria que narro adiante, tinha apenas uns 3 dias para me preparar e encarar a estrada.

A BICICLETA E A PREPARAÇÃO METEÓRICA

A bicicleta que usei na viagem foi uma Two Niner que ganhei da Caloi meses antes. Essa foi a primeira MTB 29er produzida no Brasil, para quem não tem familiaridade, as 29er possui aros maiores que os convencionais 26 tradicionais nas Montain Bikes. Na época uma novidade no mundo da bicicleta, menos ágil que as usuais 26, mas com um desempenho infinitamente superior em longas distâncias. Isso sem falar na versatilidade, o aro 29 é do mesmo tamanho dos aros 700, utilizados em bicicletas de estrada (Road-bikes) ou nas bicicletas urbanas. Graças a essa versatilidade, bastava colocar um pneu liso que poderia rodar no asfalto, aumentando significativamente meu desempenho.

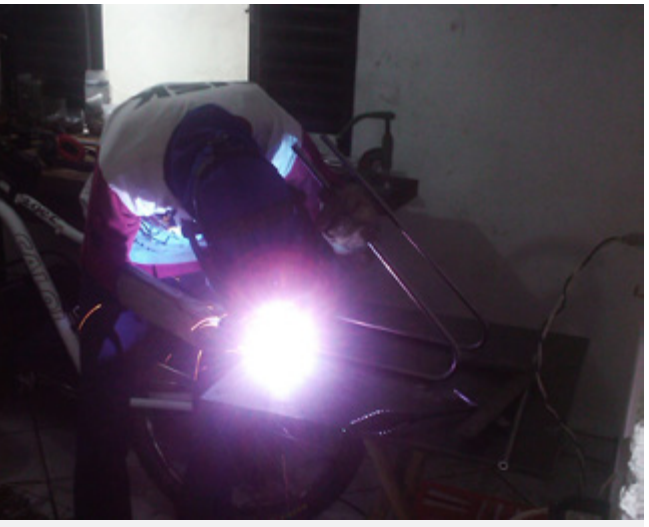
Bicicleta 29er. Robusta e versátil

Dias antes da minha viagem percebi que meu quadro estava desalinhado, fui então até a fábrica da Caloi em Atibaia e lá constatamos que o problema era no lote inteiro de quadros dessa bike. Resolvemos trocar por um novo mas antes o alinhamos na mão, usando um equipamento de alinhamento e um martelo de borracha. Além disso eles me arrumaram um jogo novo de pneus de kevlar e câmeras para levar de reserva, até porque, teria certa dificuldade em comprar pneus para ela caso tivesse problemas na estrada, já que as bicicletas 29er eram novidade no Brasil em 2010.

Na época a Renata Falzoni tinha patrocínio da Levorin, (maior empresa brasileira especializada em pneus para bicicleta) e ela me arrumou um jogo de pneus slicks 700x28C, na época um protótipo em kevlar que a empresa estava pensando em comercializar. A Levorin é conhecida no Brasil por fabricar pneus para bicicletas de baixo valor agregado e até então não possuía uma linha de produtos de alto desempenho e lá fui eu testar o pneu.

Como pedalaria, a princípio, cerca de 1500 quilômetros em asfalto, antes de entrar no Pantanal, resolvi sair com esse pneu de São Paulo. Falo muito desse pneu durante a viagem, mas no geral ele foi mais que aprovado. Tanto é que eles duraram dois anos mais em minha bike, mesmo depois do corte que ele sofreu no primeiro dia.

Mas não precisava apenas da bicicleta, a lista dos equipamentos necessários era enorme, a começar pelos bagageiros. O traseiro foi mais fácil de encontrar, comprei por 65 reais numa loja no centro, mas tive problemas para instalar por causa do freio a disco. Infelizmente a Caloi ainda peca em preparar seus quadros para receberem bagageiros, ao menos era assim na época. A maioria das MTBs de grandes fabricantes vêm com a furação para bagageiro no quadro de fábrica.



Juliano trabalhando no bagageiro dianteiro

Foi complicado instalar esse bagageiro na bicicleta, teria que ter comprado um mais específico, próprio para bicicletas com freio a disco, mas na época isso era uma mosca branca. O que eu deveria ter feito desde o início era mandar um ferreiro fazer um bagageiro sob medida, ficaria mais caro mas seria mais confiável, ainda mais devido a quantidade de bagagem que iria carregar.

No final das contas acabei fazendo uma gambiarra com a ajuda dos mecânicos da Caloi, conseguiram arrumar uma espécie de espaçador e instalamos o bagageiro de um modo que ele não encostasse no sistema do freio a disco. Já o dianteiro precisava produzir artesanalmente, então corri atrás do meu amigo, o Juliano, o mesmo da geladeira. No sábado, 13 de novembro, dia que pretendia iniciar minha viagem, passei na casa dele com a bike. A princípio ele estava relutante, pois não tinha ideia de como produzir o bagageiro, entramos na internet, vimos algumas imagens de bagageiros dianteiros e pensamos numa forma de produzir rapidamente. Assim, com os materiais que ele possuía em sua oficina ele montou um bagageiro em poucas horas.

Enquanto ele ficou produzindo o bagageiro, saí correndo atrás das últimas pendências e quando retornei à noite na sua casa, lá estava meu bagageiro, limpo e pintado. Ele usou duas barras de ferro cilíndricas, soldou três chapas de ferro na base superior e quatro barrinhas cilíndricas na base inferior, sendo duas para usar como base para fixar o bagageiro na bengala do amortecedor e as outras para prender as travas do alforje.

Bagageiro dianteiro pronto

Toda a fixação era feita com abraçadeiras, comprei dez por R$0,50 cada, mais tarde fui perceber que deveria ter gasto um pouco mais e comprado abraçadeiras de aço e não de ferro como eram aquelas. De qualquer forma o protótipo ficou muito bom, deu até menos problemas que o bagageiro traseiro.

Na casa do Juliano estavam vários ciclistas da Zona Norte, encontrei o Mestre Odir (do Blog As Bicicletas) e lá ele me ensinou a fazer uma espiriteira usando uma lata de cerveja,

algo que acabei usando na viagem, apesar de ter levado também um fogareiro de gás butano.

Também encontrei o Felippe César de Aracaju (do site Pedais pelo Mundo), coincidências que fazem a gente pensar que realmente há outras forças agindo em nossas vidas. Durante a semana de preparação, conversei com meu amigo Palmas, que representa as redes Kampa e ele ficou de me dar uma de suas redes para levar na viagem. Devido a correria da última semana, não consegui passar na casa dele no Butantã (na Zona Oeste, a uns 20 quilômetros de mim na Zona Norte) e decidi que não levaria a sua rede na minha viagem. Por sorte, o Felippe tinha uma rede Kampa que ganhou do próprio Palmas, como ele ficaria mais alguns dias em São Paulo, me deu sua rede para depois pegar a minha direto com o Palmas. Na continuação do livro vocês verão o quanto esse encontro inusitado me salvou.

Com a bicicleta pronta e o problema dos bagageiros resolvidos, hora dos alforjes e do que eu colocaria dentro deles. No mês anterior eu e a Renata Falzoni havíamos recebido da Curtlo dois pares de alforjes para usar na viagem do Vale Europeu. Quando passei na casa da Renata para pegar os pneus, aproveitei e peguei os alforjes que ela havia recebido, isso já me garantiu os dois pares que usaria na viagem.

Além dos alforjes, ganhei e camisetas de ciclista, sendo uma de manga longa, uma calça e duas bermudas de ciclistas. As camisetas eram bastante confortáveis e também tinham proteção UV. Tomei tanto sol que minhas camisetas manga longa (as que mais usei) desbotaram. Com essas roupas da Curtlo, quando via uma chuva pela frente, apenas colocava a capa nos alforjes e encarava a chuva. Quando avistava um rio, ou cachoeira, tirava o boné legionário, o óculos e entrava no rio com roupa e tudo. Bastava uma torcida na camiseta e em pouco mais de 15 minutos estava seco novamente. Isso ocorria mesmo em dias não tão quentes, pois as camisetas eram de uma malha que não retinha líquido e eliminavam o suor (nesse caso a água) rapidamente, mantendo o corpo sequinho.

Falando em entrar numa cachoeira de roupa e tudo, não posso deixar de incluir o calçado nessa história. Minha amiga, a Vanessa Tordino, mais uma dessas pessoas que ajudei sua introdução no mundo da bike, estava de viagem marcada para São Francisco e perguntou se eu queria algo de lá. Pedi uma papete com clip, sabia que isso existia lá mas não imaginava que encontraria e não é que ela encontrou?

Assim que retornou de viagem me trouxe aquele presentão. E foi um presente mesmo pois ela nem quis cobrar. Usei essa papete na maior parte da viagem, principalmente nos dias quentes (ou seja, quase todos), foram várias as vezes que entrei de roupa, papete e tudo em rios e cachoeiras.

Um dia antes da viagem passei na loja do Mundo Terra e gastei uns 1000 reais em equipamentos. Lá comprei um kit compacto com panelas, um fogareiro que desmontado fica menor que um copo, botijão de gás butano, e uma bateria solar que eu usaria para carregar celular e equipamentos eletrônicos. Dos mil reais seiscentos foram para esse carregador solar e sem dúvida essa foi minha pior aquisição.

Havia colocado um cubo a dínamo da Shimano na minha bicicleta, minha intenção era armazenar a energia da minha pedalada para carregar uma bateria de Nobreak e dela mandar energia para meu celular. Até fazia sentido, mas infelizmente o sistema de captação de energia não funcionou como eu imaginava.

Também recebi uma ajuda do Adilson da Maré Gps que me emprestou um GPS e um excelente suporte de guidão para colocar tanto o celular como o GPS, além de um rastreador via satélite. Com esse rastreador qualquer pessoa poderia saber minha posição em tempo real pela internet, mesmo se estivesse num local sem sinal de celular. Além de ser útil durante a viagem, ajudou a manter amigos e familiares tranquilos. Mais ou menos tranquilos, pois como toda tecnologia é sujeita a falhas, comigo não foi diferente como vocês poderão conferir quando chegarem ao capítulo de Brasília. Queria comprar uma barraca mais leve, mas acabei levando a minha barraca antiga, com cerca de 5 quilos, no final das contas ela mais passeou pelo Brasil do que foi aberta. Faltavam diversos detalhes para iniciar a viagem mas o dia 13 havia chegado e se adiasse mais um dia possivelmente teria desistido.

Adiei o máximo minha partida naquele dia na esperança de ver minha ex mulher chegar em minha casa com meu filho para me despedir deles, mas ela sequer deu algum sinal de vida. Já era sábado, havia passado a madrugada em claro apenas arrumando a bicicleta e as bagagens. Sozinho e completamente desolado. As 5 da manhã do dia 14 de novembro de 2010 a bicicleta estava pronta, só faltava subir nela e cair na estrada, não dava mais para voltar atrás. Apesar de ser uma idiotice, até aquele momento ainda tinha esperanças de que minha ex surgisse, mas ela não apareceu e então as 6h00 da manhã, chorando, eu parti. Parti para o maior desafio da minha vida, mas mal sabia que estava partindo para uma nova vida.

Bicicleta finalmente pronta para encarar a estrada

1 – O TIETÊ E O ESTADO DE SÃO PAULO

A princípio pretendia "anular" o trecho entre a cidade de São Paulo e Três Lagoas, na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul, justamente porque já conhecia bem o trajeto devido minhas duas viagens de bicicleta pelo Rio Tietê. Primeiro pensei em pegar um ônibus de São Paulo a Três Lagoas, mas sinceramente, fiquei com dó de gastar 100 reais com a passagem, ainda mais sabendo que com esse dinheiro poderia pedalar uns 10 dias.

Depois havia outro problema, ainda precisava comprar alguns materiais essenciais para a viagem, como uma bomba reserva, tripé para máquina fotográfica, remendos, algumas ferramentas... Eram vários pequenos acessórios que sua por falta poderia ficar na mão, acessórios esses que teria muita dificuldade de achar conforme me afastasse dos grandes centros.

Outra possibilidade seria percorrer os 700 quilômetros entre São Paulo e Três Lagoas em 4 dias, nesse caso pensaria só em socar a bota, faria o trajeto por autoestradas sem muita preocupação em registrar o trajeto "olhando apenas para a roda", como nos referimos quando a preocupação em chegar é tanta que nem nos importamos com as belezas do trajeto. Mas se fizesse isso perderia uma excelente oportunidade de aproveitar os benefícios que a atual tecnologia poderia me proporcionar, algo que fez muita falta nas viagens anteriores.

Na época da minha primeira viagem pelo Rio Tietê (1997) mal havia celular, o máximo de tecnologia de comunicação disponível na época era um Pager. Celular era artigo de luxo, os primeiros aparelhos que surgiram custavam o preço de um carro, verdadeiros tijolos que mal faziam ligações, quanto mais receber mensagens. Para isso o que havia de mais moderno e popular era o Pager também chamado de Bip.

Vou explicar, pois garanto que a maioria das pessoas que nasceram depois da década de 90 não tem a menor noção do que era esse aparelho. O Pager é um aparelho com um pequeno visor que emitia um sinal sempre que recebe mensagens (por isso apelido de Bip). Para mandar uma mensagem para alguém via Pager, você tinha que ligar para uma central, passar o código do Pager e falar sua mensagem, uma atendente digitava e encaminhava ao dono do aparelho via ondas de rádio. O problema é que ele só funcionava na região da Grande São Paulo, bastou me afastar 50 quilômetros da capital para ele virar um peso morto.

Para tirar fotos, tínhamos máquinas analógicas com rolos de filmes com 36 poses, levamos 10 filmes cada e além do trabalho de ter que trocar o rolo, corríamos o risco de queimar todo o filme ao abrir a máquina acidentalmente e só conseguíamos conferir as fotos depois de reveladas. Imaginem como é tirar uma foto maravilhosa e só semanas depois descobrir que ficou uma porcaria? Isso acontecia com 60% das fotos, uma época que não tenho saudades. Se não sabe o que é uma máquina analógica, dá uma pesquisada aí no seu tablet ou celular, só assim para entender porque a fotografia era algo pouco acessível.

Já em 2004 a internet estava começando a bombar e tentei inovar, meu objetivo era atualizar diariamente meu site (O CicloBR) com fotos e relatos, algo que raros aventureiros faziam. Levei

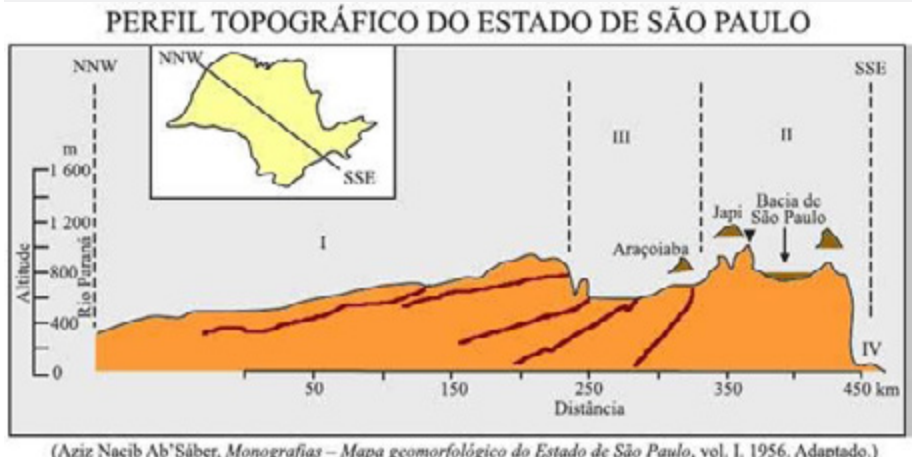
uma Câmera Fotográfica Digital com um cartão de 64 mega e um Thinkpad (notebook) da IBM, que na época já era bem fraquinho. Mas e para conectar? Wireless? Piada né! Eu usava conexão discada, "quase" igual aos filmes Matrix. Até que consegui atualizar meu site algumas vezes, embora só a aventura para conseguir uma conexão já daria um livro.

Em 2010 a situação era muito diferente, possuía um moderno Smartphone com internet 3G e comprei uma Câmera Digital de 14 megapixels, 8 giga de memória. Como meu celular tinha um teclado slider abri mão de um notebook. Baixei um app do Wordpress e assim poderia publicar meus posts quase que diariamente, para isso só precisava passar por algum local com sinal celular e alguns minutos para fazer upload do post. Como o Estado de São Paulo tem uma excelente cobertura de telefonia celular, conseguia conexão em lugares bem remotos e além dos posts, conseguia interagir via Twitter e Facebook e interagia com a galera ali mesmo na estrada. Ainda fiquei craque com o teclado do celular, em uma hora eu conseguia escrever posts gigantes e postá-los, mesmo com fotos. Resolvi aproveitar toda essa facilidade e realizar um sonho, o de interagir com o mundo no meio da viagem, ali na estrada, algo que sonhava em fazer desde a primeira viagem do Tietê 14 anos antes.

Sabia que o Rio Tietê tem vários balneários (quando ele deixa de ser esse esgoto que nos acostumamos em São Paulo), por isso resolvi passar por vários dos pontos por onde havia passado nas viagens anteriores, até porque eles seriam uma boa opção para acampar, com belas paisagens, infraestrutura e principalmente, de graça.

Falando sobre o Rio Tietê, podemos dizer que ele é um rio de características únicas. A maioria dos grandes rios nascem em regiões serranas e correm para o mar. O Rio Tietê tem sua nascente na cidade de Salesópolis, a cerca de 20 quilômetros do litoral e contrariando a lógica, ele percorre mais de 1000 quilômetros rumo ao interior do estado, para desaguar no Rio Paraná. As águas do Tietê só irão encontrar o mar milhares de quilômetros depois, desaguando na Bacia do Rio da Prata no Uruguai.

Interessante realizarmos uma análise geográfica do estado de São Paulo para entender



(Aziz Nacib Ab'Sáber. *Monografias – Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo*. vol. I. 1956. Adaptado.)

porque o Tietê corre para o interior. Temos nossa região litorânea praticamente dominada pelos paredões da Serra do Mar. Uma cadeia de montanhas que se estende desde o estado do Espírito Santo e segue vigorosa até o sul do estado de Santa Catarina, formando uma verdadeira muralha separando o litoral do Planalto Paulista. Aliás era esse o apelido dado a Serra do Mar pelos primeiros portugueses, inspirou até uma grande minissérie na TV Brasileira com esse nome.

A Serra do Mar no Estado de São Paulo é uma cadeia de montanhas com altitudes variando entre 1000 e 2000 metros, quis o destino que o Rio Tietê nascesse a 1026 metros de altitude, seguindo para oeste, o relevo do Estado de São Paulo contribui para que o rio siga sentido interior. Da sua nascente até a cidade de São Paulo ele percorreu cerca de 100 quilômetros e desceu a uma altitude de 800 metros, já em sua foz no Rio Paraná sua altitude é de 280.

O Rio Tietê não é apenas famoso pela poluição que vemos quando ele passa pela capital. Ele foi um rio extremamente importante para a colonização do Estado de São Paulo, bem como do Brasil. Pelo seu rio os Bandeirantes desbravavam o interior atrás de ouro, madeira, escravos, etc. Já sobre a poluição, percebi que há uma espécie de senso comum de que o Rio Tietê é totalmente poluído e as pessoas se espantam quando digo que menos de 20% do rio tem níveis altos de poluição.

O Tietê nasce na cidade de Salesópolis a cerca de 100 quilômetros da capital do estado de São Paulo. Durante seus primeiros 50 quilômetros ele é de uma pureza ímpar, isso devido à baixa densidade demográfica dessa região. Tanto é que a cerca de 30 quilômetros da nascente temos a Barragem Ponte Nova. Essa barragem foi construída, a princípio, para controlar as enchentes da região de Mogi das Cruzes, mas hoje serve para abastecer com água as cidades da região e a Zona Leste de São Paulo.

Quando o rio atinge a região de Mogi das Cruzes começa a receber um grande número de esgoto não tratado das cidades da Região Metropolitana de São Paulo, além de agrotóxicos e poluentes gerados pelas fazendas e empresas do seu entorno. A situação piora drasticamente quando o rio se aproxima da cidade, principalmente quando passa a receber ás águas da bacia do Cabuçu (região de Guarulhos) e o Rio Tamanduateí, que traz todo o esgoto não tratado da região do ABC.

Soma-se a isso a parte do esgoto ainda não recolhida ou tratada na cidade de São Paulo (segundo a Sabesp cerca de 80% do esgoto da cidade é recolhido), as ligações clandestinas de esgotos residenciais e

Barragem Ponte Nova em Biritiba Mirim - SP

Rio Tietê e suas espumas em Cabreúva a pouco mais de 50 kms de São Paulo - SP

industriais que despejam os resíduos nas redes de águas pluviais (água de chuva) e ainda todo o lixo que é atirado para as ruas das nossas cidades, diariamente cerca de duas toneladas de lixo chegam ao Rio Tietê resultado direto da atitude porca de muitos cidadãos ao atirarem lixo nas ruas.

Mas a própria geografia ajuda a limpar o Rio Tietê. Primeira ajuda é do grande desnível do rio por cerca de 100 quilômetros entre as cidades de São Paulo e Salto. São 300 metros de desnível onde o rio percorre lindos cânions formando fortes corredeiras, sem receber muitos afluentes. Essas corredeiras funcionam como um imenso liquidificador que oxigena a água e retêm boa parte do lixo flutuante.

Depois que ele atinge a região de Porto Feliz a cerca de 120 quilômetros da capital, apesar do rio ainda estar poluído, já é possível verificar a presença de vida, tanto dentro da água como em suas margens, com muitas aves se alimentando dos peixes que vivem nele. Para melhorar ainda a qualidade da sua água, ele começa a receber um grande número de afluentes com águas em melhores condições, principalmente quando ele se encontra com a bacia do Rio Piracicaba.

Chegando à região de Barra Bonita existe a primeira grande usina hidroelétrica do Rio Tietê que acaba funcionando também como a última grande barreira para o lixo flutuante. Isso faz com que os turistas que visitam a cidade não consigam acreditar que o Rio Tietê em Barra Bonita é o mesmo que encontramos na região metropolitana de São Paulo. Tanto é que o Turismo é uma das maiores fontes de renda da cidade, se for para Barra Bonita não deixe de fazer um dos clássicos passeios de barco pelas águas cristalinas do Rio Tietê.

E aqui encerro essa pequena introdução, continuarei a falar mais quando o livro chegar em Barra Bonita quando me encontrarei com o Rio Tietê pela primeira vez na viagem.

1.1 – A SAÍDA DE SÃO PAULO

Por volta das 6h00 da manhã do dia 14 de novembro de 2010, um domingo, lá estava eu, pronto para encarar a estrada. Meu filho não iria aparecer e chorando lá fui eu colocar minha bicicleta escada acima e ir para rua. Chorava compulsivamente mas devido ao horário não encontrei ninguém para testemunhar minhas lagrimas. Para complicar quando já havia pedalado quase 10 quilômetros percebi que faltava algo importante, havia esquecido "apenas" a bomba da bicicleta, o que me obrigou a voltar. Aliás levei uma bomba dessas de pé, muitos acham um absurdo levar algo tão grande, mas para quem estava carregando quase 50 quilos de bagagem o peso da bomba não faria a menor diferença em comparação com a praticidade que ela me daria.

Meu destino no primeiro dia era Holambra, seriam cerca de 160 quilômetros. Oficialmente o trecho que eu pedalaria era para ser de Mata Atlântica, mas o Estado de São Paulo tem hoje menos de 20% da sua mata original. O agronegócio alterou de forma drástica a vegetação do estado e para encontrar regiões de Mata Atlântica mais preservadas, só nos parques da região da Serra do Mar, como meu rumo era o interior dificilmente encontraria grandes trechos com mata original preservada.

A paisagem do primeiro dia não teve nada de atraente. O trecho entre São Paulo e Campinas é densamente povoado. Urbanistas dizem que no futuro, essa região fará parte de uma megalópole que unirá a cidade de São Paulo, Jundiaí e Campinas numa grande mancha urbana. Observando as imagens de satélite não é difícil desacreditar nessa possibilidade.

Saí de São Paulo e segui pela Rodovia dos Bandeirantes e como era um domingo, encontrei vários ciclistas treinando na rodovia. Apesar da minha bicicleta ser uma MTB, graças a versatilidade da 29er pude colocar aquele pneus de asfalto que ganhei da Renata, o que me daria mais desempenho e velocidade. Mas com poucas horas de estrada, logo fui vítima da sujeira do acostamento das rodovias, peguei uma chapa de ferro que cortou na hora o meu pneu. O corte no pneu me obrigou a trocá-lo por um de terra, piorando meu desempenho além de gerar desgaste excessivo. Isso me fez lembrar da dica da Renata Falzoni – "Não se esqueça de levar agulha e linha". Coloquei essa pendência na minha lista e segui viagem.

Quando me afastava dos trechos mais urbanos, só conseguia ver plantações de cana. Aliás foi muito difícil encontrar outro tipo de cultivo que não fosse cana em São Paulo. Desde a década de 80 o Brasil vem investindo no cultivo de cana para o abastecimento dos carros a álcool. Na primeira viagem que realizei pelo Rio Tietê, encontrei muitos canaviais, mas também observei uma boa diversificação nas plantações, longe dessa monocultura absurda. Como estava com pouca grana, um dos meus objetivos era estocar alimentos que encontrasse no caminho e gastar o mínimo com alimentação. Mas as únicas plantações que encontrei nesse dia foram de cana de açúcar.

Problemas... Pneu cortado na lateral graças a sujeira do acostamento da Bandeirantes

Nesse dia pedalei por cerca de 160 quilômetros até chegar à cidade de Holambra por volta das 16h. Foi um dia bem cansativo até pela ausência de sono na noite anterior, já que fiquei a noite inteira fazendo os últimos ajustes para a viagem. Em Holambra fiquei na casa de uma amiga

querida. Recebi a atenção e carinho que tanto precisava para o início dessa longa jornada.

1.2 – PRIMEIRO DIA DE PEDAL NO ESCURO

Depois de uma noite maravilhosa, acordei sem a menor vontade de ir embora, mas era preciso e depois do almoço voltei para a estrada. Pelos meus cálculos teria apenas 90 quilômetros até São Pedro, mas para variar, calculei mal e o resultado foi ter que pedalar de noite pela primeira vez na viagem.

Antes de sair, como minha amiga tinha uma balança em sua casa, resolvi pesar minha bicicleta. Primeiro eu subi só com a roupa do corpo, a balança registrou 81.7 kg. Depois ergui a bicicleta e subi na balança, marcando 130.7 kg. Como minha bicicleta tinha uns 14 quilos, só de bagagem havia cerca de 36 quilos, acontece que ainda precisava comprar muitas coisas, sem falar que o estoque de água e comida estavam zerados.

Saí de Holambra, tirei a clássica foto do moinho de vento que está na entrada da cidade e segui em direção a Artur Nogueira. Procurava sempre rotas alternativas, fugindo de rodovias para evitar o barulho dos carros e ter mais contato com a natureza. De Artur Nogueira peguei uma estrada vicinal, que apesar de não ter acostamento, era bem tranquila, com pouco tráfego de veículos, tanto de caminhões como de carros. Somente ali vi a paisagem se alterar um pouco, dos mares de cana avistei algumas plantações de laranja. Isso é um sinal de que eu estava pedalando próximo de Limeira, região muito conhecida pelo cultivo de frutas cítricas.

Chegando a Limeira avistei uma pracinha. Nela havia várias pessoas, inclusive alguns idosos jogando truco ao ar livre. Me remeteu a minha infância, quando podia pedalar tranquilamente na rua Ascenso Ribeiro na Vila Morse em São Paulo onde nasci, poucos carros passando e aquele mar de pessoas nas ruas, sempre fazendo alguma atividade. Depois de adulto passei diversas vezes na rua em que cresci e a visão é sempre a mesma, aquela fila de carros estacionados em ambos os lados e nenhuma alma sequer na rua. Saudades de uma época na qual utilizávamos os espaços públicos com mais inteligência.

Holambra - SP

De Limeira segui para Piracicaba, essa já é uma região da bacia do Rio Piracicaba, um dos principais afluentes do Rio Tietê (meu destino). Corri muito, pois queria chegar à cidade de dia para poder fazer fotos do rio "Piracicabão", mas não consegui, acabei chegando no começo do anoitecer. De Piracicaba foram mais 30 quilômetros até a cidade de São Pedro, onde mora um amigo meu e esse trecho foi muito tenso, pois a estrada não tem

acostamento. Para complicar havia uma blitz da polícia no início da pista dupla, no sentido contrário ao que eu seguia, se formava um congestionamento de mais de 15 quilômetros.

Jogo de Truco em uma praça de Limeira - SP

Foi realmente tenso, principalmente nas descidas, como nas subidas havia uma pista auxiliar, bastava eu me manter a direita deixando a esquerda livre para os carros me ultrapassarem, já nas descidas não havia acostamento e nem espaço para ser ultrapassado, até porque na outra pista havia uma extensa fila de carros. Era obrigado a acelerar a cerca de 50 km/h no mínimo e quando surgia um carro atrás de mim, nem todos tinham paciência de aguardar para realizar uma ultrapassagem segura, alguns começavam a forçar passagem me ultrapassando a centímetros de mim. Lá estava eu a mais de 50 km/h carregado de malas, com um carro a esquerda e buracos do bordo da pista direita. Foram 15 quilômetros pedalando com o máximo de tensão, até que finalmente o congestionamento no sentido contrário acabou e consegui pedalar com mais tranquilidade.

Faltando alguns quilômetros para chegar na cidade meu pneu furou. Parei no posto rodoviário para arrumar e liguei para meu amigo, avisando que estava bem próximo, então ele disse que iria me esperar no portal da cidade. Arrumei meu pneu e cheguei em São Pedro, de longe vi um piscar de um farol de bicicleta no portal da cidade, era meu amigo, o Francisco. Ex-morador de São Paulo que se mudou para a cidade logo que se aposentou na busca de sossego e bons lugares para pedalar. Posso dizer que ele fez uma excelente escolha.

Além de me dar pouso em sua casa, como não bastasse ainda me presenteou com um tripé para máquina fotográfica. Um belo tripé, fechado ele fica com uns 15 centímetros, já montado chega a 1,5 metros. Muito prático, cabia na minha pochete ou na bolsa de guidão. Mais um presente perfeito, que foi extremamente útil durante a minha viagem.

1.3 – CHEGANDO AO RIO TIETÊ

Um dos meus sonhos é criar uma Rota Cicloturística onde o ciclista poderá sair de Salesópolis e ir beirando o Rio Tietê até sua foz no Rio Paraná. Quero que a prática do Cicloturismo no Brasil seja como na Europa, com milhares de pessoas viajando a cada verão, como aqui verão é quase o ano inteiro imaginem só o tamanho do nosso potencial? Ainda farei um mapeamento, nem que seja por conta própria, para que essa rota vire realidade.

De São Pedro tinha duas opções para pedalar até Barra Bonita, onde encontraria pela

primeira vez o Rio Tietê limpo. A primeira seria seguir até Santa Maria da Serra, por um trecho relativamente plano, mas com muito movimento de caminhões de cana. Realmente pedalar no estado de São Paulo é complicado, nas rodovias pedagiadas não é tão perigoso devido à presença constante de acostamento, mas é longe de ser agradável. Suas grandes retas são chatas, a paisagem não é convidativa, o barulho dos carros incomodam, sem contar os detritos que se acumulam no acostamento, causando constantes furos nos pneus.

Já as vicinais são mais tortuosas e com maior variação de relevo o que torna as paisagens mais bonitas, tem ainda limites de velocidades reduzidos, variando entre 60 a 80 km/h, além do tráfego de carros menos intenso, o que em tese deveria tornar o pedal mais agradável e mais seguro, mas não é. Como não existe fiscalização nas rodovias vicinais, os motoristas andam mais rápidos nelas que nas pedagiadas de pista dupla. Nas pedagiadas, com limites variam entre 100 a 120 km/h, era raríssimo ver alguém abusando da velocidade, em compensação nas vicinais vi carros passando perto dos 200 km/h, isso numa pista péssima, com vários buracos. Não era por menos que em todas as cidades que passei, batizavam as vicinais de "Rodovia da Morte".

Outro fator de perigo é a falta de acostamento e o excesso de treminhões de cana. Treminhões são aqueles enormes caminhões com mais de uma carreta, parecem até composições de trem, veículos como aqueles que eu cito no prólogo do livro. Para evitar esse tráfego pesado tinha a outra opção de encarar a serra de São Pedro, uma forte subida e depois por um longo trecho de terra. Acabei seguindo o conselho do meu amigo Francisco, que resolveu me acompanhar durante boa parte do trajeto, então fui rumo a montanha.

Enquanto a maioria dos ciclistas foge das subidas, eu sempre as vejo como um grande desafio, quase sempre sou recompensado com o visual maravilhoso. Nessa serra em especial são mais de 400 metros de desnível sendo que em alguns trechos, a inclinação chegava aos 20%. Como a maioria das pessoas tem dificuldades de entender como calculamos a inclinação de uma subida aqui vai a dica, basta dividir a altura pela distância e depois multiplicar por 100. Exemplo, se você com 100 metros pedalados, você subiu 10 metros, significa que a subida é de 10%. Nessa subida em questão, em alguns trechos subíamos 20 metros numa distância de 100 metros, por isso 20% de inclinação.

Início da Serra de São Pedro - SP

Foi preciso muita força, muitas pausas e depois de uns seis quilômetros de subida chegamos ao topo, a quase mil metros de altitude. Dava para ver toda a cidade de São Pedro e com um pouco de esforço, até a cidade de Piracicaba a 30 quilômetros dali. No alto seguimos por uma bela estrada de

terra, onde pela primeira vez na viagem, fiquei mais perto da natureza virgem. Pedalei por uma região com diversas fazendas, infelizmente as plantações de cana dominavam a paisagem com poucas criações de gado.

Francisco contemplando o "lado bom" de toda subida

O lado bom é que várias fazendas, apesar de terem desmatado grandes áreas, em sua maioria respeitavam a lei que as obriga manter 20% da propriedade com mata original como reserva legal. Já na Amazônia legal o correto deveria ser de 80%, esse "deveria" vocês irão compreender mais adiante no livro. Além disso, existem as Áreas de Preservação Permanente (APPs) que consistem nas zonas de mata ciliar (margens de rios), ao redor de lagos, nascentes, em encostas, restingas, chapadas e qualquer vegetação acima de 1800 metros de altitude.

Quando esse livro foi publicado, havia acabado de ser votado o Novo Código Florestal que entre outras coisas, dava o direito de incluir as APPs dentro da área de reserva legal, além de anistiar todos agricultores que descumpriram a lei anterior ao novo código florestal. Ou seja, se você é um agricultor que sempre trabalhou dentro da lei, saiba que você se ferrou, pois aqueles que foram mais "espertos" do que você e ignoraram as leis provam o quanto o crime compensa.

O novo código proposto pelo Deputado Aldo Rebelo, deveria até mudar de nome, pois de florestal não tem nada. Na verdade não passa de um grande "Código Agrícola" que só beneficia o grande desmatador e aqueles que literalmente "cagam" para as leis. Por essas e outras que muitas vezes tenho vergonha de ser brasileiro e saber que estamos nas mãos de uma corja de bandidos que conseguem até legalizar seus crimes.

Percorrendo a parte alta da Serra de São Pedro

Pois bem, voltando ao pedal, segui pedalando pela belíssima estrada de terra e ali comecei a ver, pela primeira vez na viagem, animais silvestres. Os primeiros que avistei foram as Seriemas, aves parentes

Por do sol entre os Canaviais que margeiam o Rio Tietê

das Emas que acabavam se confundindo com o vermelho da terra. Chegamos ao final da estrada de terra e uma bela pista asfaltada me esperava. Ali me despedi do meu amigo Francisco e segui em frente. Ele até tinha vontade de ir até Barra Bonita comigo, mas sua esposa estava com alguns problemas de saúde e ele tinha medo de ficar um dia longe de casa e ela precisar dele.

Fiquei um pouco triste pelos dois, ela até insistiu para ele ir pois queria ver seu companheiro feliz, já ele estava muito preocupado, sua mulher estava com um grave problema de saúde e teria que fazer uma série de exames, aquele era um momento muito crítico e ele preferiu estar com seu amor, pois oportunidades para pedalar não faltariam. Segui então até a cidade de Torrinhas, onde almocei e toquei forte rumo a Barra Bonita, com o intuito de chegar lá ainda de dia. Como mais uma vez sai muito tarde da casa do meu amigo (por volta do meio dia), acabei tendo que curtir o pôr do sol no meio dos canaviais.

1.4 – O RIO TIETÊ EM BARRA BONITA

Barra Bonita, cidade que fica a cerca de 300 quilômetros de São Paulo, onde o rio Tietê se encontra de vez com a vida. Nessa cidade nasceu o Movimento de Defesa do Tietê no início dos anos 80, motivado por uma grande mortandade de peixes, resultado de algum crime ambiental. Na internet encontramos várias fotos de toneladas de peixes boiando no trecho que o Rio Tietê corta a cidade. Ali nasceu um abaixo-assinado que posteriormente conseguiu reunir 1.2 milhões de assinaturas, exigindo a despoluição do Rio Tietê, considerado um dos maiores abaixo-assinados do mundo com uma causa ambiental.

Infelizmente as águas do Tietê voltaram a ficar poluidas em Barra Bonita - SP

Em minha primeira viagem de bicicleta pelo Rio Tietê, ao chegar a Barra Bonita, avistamos pela primeira vez o Rio Tietê limpo, depois de presenciarmos sua morte

na cidade de São Paulo. Lembro da alegria em chegar à cidade numa tarde ensolarada e encontrar aquela imensidão, praias em suas margens, barcos navegando, pessoas pescando, centenas de capivaras na beira do rio, ver tantas pessoas usufruindo do Rio Tietê de diferentes maneiras.

Já na segunda viagem, em 2004, percebi que o rio começava a ter mais vida desde a cidade de Porto Feliz, 150 quilômetros antes de Barra Bonita, ou seja, realmente a poluição no Rio Tietê estava diminuindo. Confesso que isso foi um alento a princípio pois estava constatando uma evolução, mas com tristeza eu cheguei a Barra Bonita em 2010 e não avistei ninguém no rio, sequer pessoas pescando. Para piorar encontrei uma placa informando que a água estava imprópria para banho. Mas porque será?

A principal mudança que eu vi no estado de São Paulo entre as viagens de 1997, 2004 e 2010, foi a troca de cultivo nas plantações. Em 1997 encontramos muitos canaviais pelo caminho, mas eles se concentravam principalmente no entorno de algumas usinas, que eram poucas na época. Os canaviais rivalizavam com as fazendas de gado, milho, frutas cítricas, não dava para dizer que havia uma monocultura no estado.

Em 2004 a situação não foi muito diferente, encontrei uma grande diversificação, tanto é que era comum fazer paradas na estrada e comer algo que estava sendo plantado, já em 2010 levei um choque. São Paulo virou um verdadeiro mar de cana, raramente encontrava outro tipo de cultivo, pelo menos até Barra Bonita era difícil encontrar até gado. Apesar de termos carros a álcool no Brasil desde a década de 80, só com o lançamento dos carros flex em 2003 é que o consumo de álcool realmente explodiu. O resultado foi fácil de constatar nessa viagem, além dos malefícios que qualquer monocultura sempre traz, especificamente o cultivo da cana acabou interferindo diretamente nas condições do Rio Tietê como deixarei claro nas próximas páginas.

1.5 – DIA DE DESCANSO E HORA DE IR ÀS COMPRAS

Quem me conhece sabe que nunca faço um exímio planejamento antes de partir para qualquer aventura e dessa vez não foi muito diferente. Como eu coloquei na cabeça que sairia de São Paulo no dia 13, aconteça o que acontecer, não tive tempo de comprar tudo que eu precisava e deixei para realizar algumas compras durante a viagem. Faltavam desde alguns equipamentos de manutenção da bicicleta até cueca, por isso em Barra Bonita fui as compras, roupas, alguma coisa de comida e equipamentos de pesca, pois queria muito pescar durante a viagem.

Durante o pedal eu usava roupas de ciclistas, quase tudo que usei foi cedido pela Curtlo. Camisetas, bermudas e calças de ciclistas, todas “Dry Fit”, uma tecnologia que não deixa você acumular suor, eliminando os líquidos e mantendo a roupa sempre sequinha. Quando terminava um dia de pedal bastava lavar as roupas, colocar para secar e no dia seguinte estava tudo pronto.

Levei apenas uma bermuda, uma cueca e uma camiseta de algodão. Como usava essas roupas

depois do banho, dava para usar a mesma por dias. Já toalhas levei duas, uma de rosto e outra grande, ocorre que logo no segundo dia, em São Pedro, acabei esquecendo minha toalha na casa do Francisco, o que fez aumentar minha lista de compras. Portanto deveria ser um dia bem corriqueiro se não tivesse acontecido algo que me tocaria profundamente.

Estava vendo uma vitrine numa loja quando ouço um barulho de queda, seguido por uma criança chorando. Era um garotinho que não devia ter mais de dois anos. Deve ter tentado passar por um degrau que separava o corredor da sua casa com a calçada da rua, tropeçou e caiu no chão. Obviamente que na mesma hora ele começou a chorar. Até ai normal, criança cai a todo o momento, mas o que me revoltou foi a atitude da mãe que estava na frente de outra loja. Ao invés de correr para acudir a criança, começou a gritar, dando bronca no seu filho. Imediatamente atravessei a rua, peguei a criança no colo e tratei de acalmá-la. A mãe se aproximou e meio sem jeito, mas ainda tentando me convencer que estava certa, continuou falando que a criança não parava quieta e tentando se redimir da culpa.

Nessa hora lembrei imediatamente do meu filho. Até pouco tempo tinha contato diário com ele, mas aquele era meu terceiro dia de viagem dia que finalmente caiu a ficha de que ficaria mais de 3 meses longe dele, sem sequer poder abraçá-lo. Enquanto me privaria do abraço do meu filho por tanto tempo, aquela mãe estava mais preocupada no trabalho que a criança estava lhe dando. Nem lembro direito o que falei, mas algo como - "Ao menos você tem uma criança para socorrer".

Depois que o acalmei, a mãe o pegou no colo e até fazendo certo mea culpa tentou acalmá-lo. Então eu a deixei e segui caminhando pela calçada. Meus olhos se encheram de lágrimas, estava indo para uma rua movimentada e acabei entrando numa viela deserta, onde pude chorar de forma compulsiva. As fichas foram caindo em doses homeopáticas durante a viagem, naquele dia tive noção do quanto iria sofrer devido à distância do meu filho. Na minha mente o via caindo, chorando e procurando um pai para poder abraçá-lo e confortá-lo, mas ele não me encontrava, apenas chorava.

Nessas horas refletimos se vale a pena fazer tudo para ficar com seu filho, até mesmo ficar com alguém que te faz infeliz. A única conclusão que eu chego é que, quem é pai (de verdade) não hesitaria em trocar a felicidade do seu filho pela sua e sem dúvida essa seria a minha escolha.

Encerrei minhas compras, voltei para a pousada e lá fui eu deitar na cama e chorar muito, deixando a depressão me consumir. Mas esse foi só mais um dos dias difíceis que eu passei nessa longa jornada de 106 dias.

1.6 – VENCENDO A DEPRESSÃO, VENTO CONTRA E O SOL

Minha viagem foi muito mais do que uma aventura, desbravar locais onde poucas pessoas já passaram, superar limites... Essa viagem tinha como principal objetivo realizar uma busca interior, me tornar uma pessoa melhor, avaliar meus defeitos e descobrir como superá-los para me tornar mais eficiente. Um dos principais objetivos era ser mais disciplinado, principalmente com horários. Minha intenção nesse dia era acordar as 5 da manhã, fazer as malas e partir as

6h00.

O celular tocou as 5h00, mas só levantei as 10h00 e saí as 13h00. O motivo do atraso foi uma tentativa de superar a depressão que havia tomado conta de mim no dia anterior. Dessa vez não haveria alguém para me ajudar, teria que superar a dor sozinho. Foi difícil mas superei e consegui levantar, naquela ocasião tentava aceitar que o passado não voltaria mais e tinha que seguir em frente, assim segui rumo a Bauru.

Ponte centenária sobre o Rio Tietê em Barra Bonita

Bike carregada e saí de Barra Bonita cruzando a bela ponte Campos Sales, uma ponte construída em 1915, uma época onde apenas carroças e pessoas cruzavam o rio. A ponte é tão estreita que tem um semáforo para controlar o fluxo de carros, pois só é possível passar um por vez. Durante a travessia senti um forte vento lateral que vinha do oeste, justamente o sentido que iria seguir assim que cruzasse o rio, ou seja, enfrentaria um dos maiores problemas para os ciclistas, o vento contra.

Quem não pedala deve achar que o maior problema do ciclista é chuva, subida, sol... Nada disso, do sol você se protege, a chuva te refresca e na maioria das vezes, se não traz relâmpagos é até bem-vinda. Subida você vence e ainda te torna forte, além de quase sempre, ao final de uma subida há uma descida, agora vento contra...

Rio Tietê rodeado pelo mar de cana

Foram cerca de 20 quilômetros até Macatuba, numa estrada sem acostamento e com vento contra no peito. Vento te atrapalha até na descida, é um inimigo invisível. As vezes ele te ajuda, mas as chances dele bater com constância nas suas costas são raras, o melhor mesmo é pedalar sem vento nenhum. Segui então entre um mar de cana, por mais que me esforçasse a vista não conseguia encontrar outra coisa senão cana ao meu redor por quilômetros. Para complicar, apesar do limite dessa estrada ser 60 km/h, 99% dos motoristas simplesmente ignoravam esse detalhe colocando em risco a vida deles e

Usina São João em Macatuba - SP

principalmente a minha. Respeitando os limites todos chegam, agora sem respeitar sempre ficam alguns pelo caminho.

Ao me aproximar de um rio vi uma placa que dizia – "Atenção, pesque a vontade, mas não corte a cerca". Quer dizer que além das pessoas invadirem a propriedade de alguém para pescar, algo tolerado pelo dono, ainda tem algumas pessoas que destruíam a propriedade dos outros, vai entender. Cheguei a Macatuba onde fiz meu almoço, uma Coca-Cola, umas castanhas, um torresmo, tudo presente da minha amiga de Holambra. Castanhas são altamente calóricas e tudo que mais precisava era de energia para pedalar. No bar onde comprei a coca, pedi informações de como evitar aquela estrada chata que eu havia encarado e me deram uma dica, de seguir rumo a Usina São José. Foi uma bela opção uma estrada bem mais tranquila, menos carros, mas com muito vento contra e um sol…

Depois que saí da cidade de São Pedro desisti do capacete, foram dois dias com muito sol e senti minha cabeça literalmente cozinhar. Minhas orelhas, nuca e pescoço ficaram queimados, olha que meu capacete não era vagabundo, apesar de ter sido dado como apoio da Bell, ele custava quase 300 reais. Lembrei de um presente devido as compras que fiz na loja Mundo Terra, um Boné Legionário, desses que tem um pano para proteger orelhas e nuca do sol, assim meu capacete foi parar no bagageiro e o boné na minha cabeça. Deixei o capacete a mão caso fosse descer uma longa serra, ou em alguma situação onde eu realmente me sentisse em risco. Naquela situação o chapéu me trouxe muito mais proteção do que o capacete.

Avistei a usina ao longe, vendo apenas a fumaça que deve ser da queima do bagaço. Não consigo ver "pogresso" em toda essa destruição, nem as margens do Tietê são poupadas, é cana pra todos os lados. Nesse caminho passei ao lado de uma plantação onde os caminhões despejavam toneladas de agrotóxicos na cana. Como essa cana não é para consumo humano e sim para combustível, os agricultores abusam mesmo dos agrotóxicos. Queria me alimentar com algo que encontrasse na estrada, mas não tinha coragem de comer essa cana. Impossível ver esse mar de cana que o Estado de São Paulo se transformou e continuar achando que o carro a álcool (ou etanol) seja algo que faz bem ao meio ambiente. A cana tira muita água do solo, ela seca as nascentes o que força as propriedades retirarem água dos rios para irrigação. Ela destrói o solo, tornando fraco e arenoso. A famosa terra vermelha tão boa para agricultura que tínhamos no começo do século 19, no início da cultura do café, está virando uma areia amarelada.

Na estrada era comum cruzar com caminhões carregados de garapão, também conhecido

como vinhaça ou vinhoto. Para se fazer um litro de álcool (etanol) é produzido 14 litros de garapão. O problema é que esse é um resíduo altamente tóxico e se chegar as águas causa um nocivo impacto ambiental, ocorre que esse garapão pode ser utilizado também como fertilizante e acaba sendo devolvido as plantações de cana e isso é feito da seguinte maneira:

Recepção maravilhosa na loja do "De" (ao meu lado) em sua loja em Bauru - SP

Mesmo o interior de São Paulo não haver serras ou cadeias montanhosas, seu relevo não é plano, basicamente formado por colinas nas áreas plantadas e entre os Canaviais são cavados canais de forma que a gravidade leve esse garapão por toda a plantação, agora a pergunta, o que vocês acham que existem no final desses canais? Inúmeras as fazendas de cana as margens do Tietê e seus afluentes, como a maioria das fazendas não faz a devida proteção das margens dos rios, (Preservação das APPs e suas matas ciliares) boa parte desse garapão acabar no Rio Tietê.

Se lembra do que disse nos capítulos passados sobre e proibição da pesca em Barra Bonita? Isso se deve ao aumento do número de algas e de matéria orgânica despejada no rio, muito provavelmente causada pelo despejo desse garapão nas plantações de cana. Isso não ocorria em 2004 pois até então o estado ainda não estava dominado pela monocultura da Cana de Açúcar.

Retornando a viagem, venci o mar de cana, pedalei até a BR-369 e de lá segui até Bauru. Já estava em contato com o Labão de Bauru que seria meu anfitrião durante minha passagem pela sua cidade e ele veio ao meu encontro ainda na rodovia. Conhecia o Labão, até aquele dia só virtualmente, fazia uns 10 anos, através da lista de discussões Bike Onlist que fiz parte desde 2001, uma lista de discussões com ciclistas do Brasil inteiro. É sempre prazeroso ver uma amizade que começou no virtual passar para o real.

O Labão me escoltou até a loja do "De" (a DeBike) em Bauru, lá fui recebido com uma caixa de cervejas, um bom papo e acabou sendo o local da minha pousada. Estendi minha rede numa jabuticabeira carregada que ele tinha nos fundos da sua loja e tive uma noite muito tranquila. Ah, claro que estando em Bauru, não poderia deixar de comer o tradicional lanche que leva o nome da cidade, detalhe é que ele nem nasceu aqui, outra historinha bacana.

Na década de 30, havia um estudante da Faculdade São Francisco em São Paulo que tinha apelido de Bauru por ser sua cidade natal. Sempre que ele ia a lanchonete "Ponto Chic" do Largo do Paissandu, pedia para o chapeiro fazer um lanche ao seu gosto. Retirar o miolo do

pão francês, colocar umas fatias de rosbife, queijo derretido e umas rodelas de tomate. Os demais clientes, depois de observarem seu pedido, passaram a pedir também um lanche "Igual ao do Bauru". O tal lanche começou a se popularizar e como o rosbife não é tão popular, trocaram o rosbife pelo presunto e hoje o "Bauru" com presunto, queijo e tomate, consta no cardápio de todos os bares e lanchonete do Brasil.

1.7 – DESABAFO, NÃO SOU MALUCO!

De Bauru segui até a cidade de Iacanga, uma cidade que fica às margens do Rio Tietê, foram 50 quilômetros de pedal e posso dizer que foi um dia bastante tenso. A minha opção seria pedalar pela SP-321, uma rodovia vicinal, sem acostamento e com muito tráfego de veículos. Vocês devem imaginar o quanto sou abordado nas ruas e estradas por pedalar uma bike tão bizarra como a minha. Uns fazem elogios, invejam minha iniciativa, alguns dão força mas pra maioria, o que faço é coisa de maluco, não apenas por pedalar, mas sim me arriscar na estrada. Pior que eles estão certos só no que diz respeito ao perigo de nossas estradas. Ocorre que não sou nenhum maluco, sou apenas um cara que gosta de pedalar que quer voltar para casa feliz e ver novamente seu filho.

Em qualquer país sério, fazer cicloturismo não seria esse martírio como ocorre em certos lugares do Brasil, como ocorreu nesse dia entre Bauru e Iacanga. Essa estrada é péssima, sem acostamento, lotada de motoristas insanos e sem nenhuma fiscalização, ou seja, prato cheio para os fãs do Felipe Massa. A lei é clara, ao se aproximar do ciclista, o motorista deve reduzir a velocidade e ultrapassar com segurança, mas nos 50 quilômetros desse dia, apenas 2 motoristas fizeram isso e com certeza não porque conhecem a lei, mas porque fazem parte de uma minoria de motoristas que se importam com a segurança de quem está fora dos seus tanques de guerra.

Havia outra alternativa para evitar essa rodovia? Sim, mas infelizmente os ciclistas de Bauru não souberam me explicar o caminho e sem companhia ou o trajeto marcado num GPS, seriam grandes as chances de me perder. Aí que entra o meu desejo de trabalhar para mapear rotas cicloturísticas, com a tecnologia do nosso lado não precisaremos mais depender da boa vontade dos governantes e consequentemente gerar uma demanda.

Um amigo estava no Canadá e resolveu ir pedalando até outra cidade, olharam o mapa e seguiram pelo caminho mais óbvio, pela rodovia, uma estrada larga, com grande acostamento, bem sinalizada, asfalto impecável. Mas eles notaram que os demais motoristas acenavam como se quisessem avisar de algo, sem contar que reduziam muito a velocidade e ainda passavam a metros deles. De repente encosta uma viatura, desce um funcionário e manda colocar as bikes no carro de forma até meio rude, subiram no carro e saíram da rodovia. Quando estavam em "segurança" o agente bem mais simpático perguntou se eram turistas e eles responderam "Sim somos argentinos" (se é para queimar o filme, que seja dos hermanos), então o agente abriu um mapa e indicou uma rodovia secundária onde eles poderiam pedalar com segurança, até lhes deu o mapa de presente.

Esse é só um exemplo de civilidade, na Alemanha existem mais de 65 mil quilômetros de

vias para ciclistas, todas sinalizadas. Existem até rodovias ligando cidades onde só é possível transitar a pé ou de bicicleta. Não é à toa que apenas o cicloturismo na Alemanha movimenta 5 bilhões de Euros por ano (números de 2008). Enfim, não quero ser maluco, e minha definição de aventureiro está em vencer dificuldades e limites e não me arriscar devido a estupidez humana, mas tenho que concordar com quem assim me considera, pois estamos longe de termos um nível de civilidade que gostaríamos.

O que me espanta é que o povo brasileiro é extremamente atencioso e acolhedor, mas um número significativo dessas pessoas, quando entram num carro, se transformam num monstro como naquele motorista maluco do Pateta no filme Motormania. Para motoristas assim, parece que a única coisa que importa é chegar rápido ao seu destino, mesmo se para isso tiver que ceifar algumas vidas, quando não a dele mesmo.

Cheguei a Iacanga depois do martírio de ter que pedalar naquela péssima estrada e acampei num camping a beira de um braço do Tietê. Paguei 5 reais pela noite e dormi com relativa segurança. Até poderia acampar na parte "pública" do rio, mas teria dois problemas, o primeiro seria aguentar a praga da proliferação desses carros com sons mais potentes que muitos trios elétricos. Como estava do outro lado do rio o som chegava um pouco mais abafado, mas passei a noite inteira aquele barulho que alguns chamam de "música", mais popularmente conhecido como "Modão". Mesmo do outro lado do rio já foi um martírio imagine se acampasse na praia pública da cidade ao lado deles. Outro problema é que a junção de jovens (turba), noite e bebida, muitas vezes é perigosa, para algum bêbado achar interessante tirar uma onda com o ciclista ali acampado, a distância não era muito grande, portanto preferi evitar maiores problemas e gastei cinco reais para passar uma noite mais tranquila, esse é um dos principais problemas em acampar dentro de zonas urbanas.

Praia no Rio Tietê em Iacanga - SP

1.8 - LIBERDADE E SOLIDARIEDADE

O mais gostoso de uma cicloviagem é ter a liberdade de mudar o seu rumo quando convier e puder contar com a solidariedade das pessoas. Acredito muito nas pessoas, na capacidade do ser humano em ajudar o próximo sem esperar nada em troca, posso afirmar que um dos motivos que me levaram a encarar a estrada foi a tentativa de resgatar a esperança no ser humano, algo que eu estava perdendo devido a alguns acontecimentos nessa Paulicéia desvairada. Apesar dessa recente falta de esperança, tinha certeza que encontraria pessoas solidárias que mudariam meu destino.

Saí de Iacanga com o objetivo de chegar a Borborema, pedalei uns 20 quilômetros até a Barragem de Ibitinga no Rio Tietê, pela horrível estrada que pedalei no dia anterior. Assim que consegui cruzar o rio sobre a represa de Ibitinga, passei a procurar alguma rota para poder sair daquela estrada e menos de um quilômetro da usina, há um trevo onde havia um carro parado. Perguntei a eles se havia uma rota alternativa até Borborema que evitasse o asfalto e eles desconheciam, mas o papo vai, papo vem, contei detalhes da minha aventura, das minhas motivações e não demorou já surgiu o convite. Eles estavam indo para um Rancho de um deles na beira do Rio Tietê, um grupo com uns 8 homens de diferentes idades, desde garotos até senhores na faixa dos 60 anos. Iriam passar alguns dias pescando, jogando truco, comendo um churrasco, me convidaram para ir com eles e disseram que depois me levariam de barco até a Praia de Borborema.

Aceitei na hora, mais importante do que pedalar é a possibilidade de encontrar pessoas interessantes no caminho, então segui com eles até o ranchinho. Como não sabia chegar lá, e não colocaria a bike na caminhonete deles, disseram para eu seguir uma trilha com algumas fitas vermelhas, marcações que eles haviam feito para uma festa que havia ocorrido no rancho meses atrás. Ainda para ajudar eles foram colocando latinhas de cervejas em pontos estratégicos na estrada e obviamente, fui coletando as latinhas do caminho.

Cerveja, comida, bate papo, truco... Tudo de bom

Consegui chegar ao belo ranchinho na beira do Tietê. Um chopinho, churrasquinho, muito truco e horas de conversa depois, (somado a muitos litros de Chopp) aceitei a sugestão deles de dormir no rancho e seguir no dia seguinte com eles até Borborema. Sobre um píer na beira do Rio Tietê, avistando a usina de Ibitinga a esquerda, finalizei um texto para o Blog e mantive a galera que me acompanhava ligada na minha viagem. E feliz por ter mudado meu roteiro, por ter aceitado as coincidências do destino e por ter conhecido pessoas tão maravilhosas.

1.9 – PORQUE CAÍ NA ESTRADA?

"Carona" de barco até a praia do Tietê em Borborema - SP

Conforme já disse na introdução do livro, essa minha viagem teve início no dia 13 de novembro de 2010 propositalmente, pois nesse dia faria 12 anos que eu havia conhecido minha ex-mulher, dia que nós consideramos ser o início de tudo. Como uma tentativa de vencer a depressão que me consumia com o fim do casamento, decidi que se não estivesse com ela no dia 13, estaria sozinho na estrada.

Naquela época achava que eu era o único culpado pelo fim do nosso relacionamento e graças a esse sentimento, usava a viagem como uma forma de punição, uma espécie de autoflagelo. Outro objetivo da viagem seria criar um divisor de águas em minha vida, um reencontro com minha alma, uma nova avaliação dos meus sentimentos, além de uma avaliação de tudo que já fizera até então. Queria que a viagem fosse um divisor de águas em minha vida, estava claro que eu precisava encerrar um ciclo para poder dar início a um outro, portanto que essa viagem me iluminasse e trouxesse novos objetivos para minha vida. Não sabia o que iria acontecer, a única certeza é que depois de tal feito eu jamais seria o mesmo.

Aquele era o segundo dia mais significativo da viagem, dia 21 de novembro foi a data do meu casamento, embora eu sempre esquecesse pois dava mais importância ao dia 13, mas daquela vez seria diferente, todas lembranças pesavam demais as minhas pernas. Pouco mais de uma semana na estrada e pela segunda vez era abatido por uma forte depressão. Saudades do meu filho, ainda sofrendo demais com a separação, se não estivesse na estrada, seria mais um dia jogado no Puff do cafofo, sem forças para me levantar.

Clássico em Sales - SP. Reparem onde os torcedores estacionam seus veículos

Mas na estrada e nem tinha tempo para isso, pois a viagem estava no começo, muitos objetivos a cumprir, lugares e pessoas para conhecer e principalmente, uma forte vontade de voltar inteiro para junto do meu filho. Pela primeira vez sentia que, apesar do meu sofrimento, a viagem me dava forças para superar minhas

derrotas, ou seja, sentia que a decisão de cair na estrada foi correta e estava me fazendo bem.

Saímos do Rancho a beira do Tietê e depois de 40 minutos de barco chegamos à praia de Borborema, não imaginava que seria tão longe, tanto é que o Alexandre, dono do barco, calculou mal e ficou sem gasolina para voltar. Como estava com a grana muito contada nem tive como ajuda-lo, ele teve que mandar comprar em um posto na cidade de Borborema, a sete quilômetros dali. Quando a gasolina chegou me despedi do pessoal e caí na estrada, mas não sem antes notar uma placa dizendo para os banhistas terem cuidado, alertando sobre possíveis ataques de piranhas.

Nesse dia teria uns 70 quilômetros pela frente e meu esquema de gerar energia limpa, captando energia de um dínamo no cubo da minha bicicleta começou a falhar, sinal de que não seria muito fácil ser totalmente sustentável como gostaria. Chegando perto da entrada de Sales uma surpresa, aquele mar de cana sumiu e apareceram grandes trechos de Mata Atlântica preservada. Depois fui saber que essas áreas são do Ibama, se não fossem, já teriam virado combustível. Entrei em Sales e era dia de clássico local. Logo na entrada da cidade passei ao lado do estádio, não estava lotado, mas havia um bom público. O mais interessante é ver que os veículos dos torcedores estavam estacionados junto a eles na arquibancada, bicicletas.

Sales é uma cidade que investe muito no turismo interiorano, construíram 3 belas praias que atraem turistas de toda a região. Optei por ficar na Praia do Torres que fica a 11 quilômetros da cidade, ao lado da balsa que faz a travessia do Tietê para quem pretende seguir na direção de Lins, balsa que atravessei na viagem de 2004. Na entrada da praia há um portal com uma tabela de preços, perguntei quanto eu deveria pagar e disseram "A gente cobra de veículo, mas bicicleta não é veículo". Bem, nesse momento esqueci meu lado ativista, (aquele que brigava com todo mundo quando diziam que bicicleta não era veículo) e aproveitei a isenção que meu "veículo" recebeu.

Meu doce e provisório lar na Praia de Torres no Rio Tietê em Sales - SP

Cheguei no final da tarde, era domingo e a praia ainda estava lotada. Minha bike fez sucesso, e fiquei um bom tempo conversando com o pessoal e posando para fotos, depois bastou achar um quiosque desocupado e me instalar. O interessante é que todos os quiosques têm churrasqueira, mesa, tomada e até iluminação, tudo de graça (ao menos para quem chega de bicicleta). Recarreguei meu celular, armei minha barraca e fiquei curtindo o pôr do sol. O dia seguinte seria de descanso para as pernas e principalmente para a mente, dia de recarregar todas as baterias antes de prosseguir.

1.10 - O DIA QUE CAMINHEI SEM ANDAR

"Nós nunca vamos chegar a lugar algum, estaremos sempre caminhando"

Dia de descanso em Sales

Os dias parados eram os piores para mim, mas são necessários para colocar os equipamentos em ordem, lavar as roupas e avaliar o que fiz até então. Naquele dia havia recebido uma mensagem da minha ex que me deixou mais confuso, quando você está recém-separado é praticamente impossível cortar os vínculos, ainda mais quando você alimenta falsas esperanças. Se tiver que dar um conselho para quem terminou um relacionamento e ainda tem esperanças de reatar seria só um, bloqueie esse sentimento e siga sua vida como se você nunca mais fosse reatar. Aceite que é muito difícil um retorno com alguém que você já teve uma vida a dois, depois da separação tudo que vocês sofreram calados vem à tona e fica difícil a convivência, tanto é que são raros os casais que conseguem retomar uma relação depois de um rompimento, sendo que a maioria que consegue acaba se separando em definitivo em pouco tempo.

O dia parado serviu para avaliar a viagem em si, posso dizer que a avaliação não foi das melhores. Meu sistema de captar energia das pedaladas não se mostrou tão eficiente, o aparelho de 500 reais para captar energia solar também ficou devendo, a intenção de não gastar dinheiro com hospedagem até que ia bem, já com alimentação estava bem complicado. A não ser que eu fosse movido a cana transgênica não havia outra maneira, pelo menos em São Paulo, de me alimentar com o que encontrasse na natureza. Pra piorar, consultei minha conta bancária e vi que a coisa estava realmente ficando feia, olha que eu vi entrando um dinheiro de doações da galera, aliás, fui salvo pela solidariedade online por diversas vezes. Depois de uma semana já deu para avaliar o tamanho do desafio, naquele dia desisti de tentar ser totalmente sustentável, passei a apelar para bons e baratos "PFs" (Prato Feito) e usava qualquer tomada para recarregar meus equipamentos.

Sobre o dia na Praia do Torres em Sales, comecei com um bom café da manhã, lavei e coloquei para secar um monte de roupas além de dar um trato na minha bike. Ventava demais o dia inteiro e de onde estava conseguia ver o caminho da chuva, assim previa se ela iria me pegar ou não, até que por volta do meio dia tive que tirar a roupa do varal, pois a chuva me pegou. A tarde o sol tentou aparecer entre as nuvens e consegui curtir um pouco da praia, que naquela segunda feira era inteira só para mim. Mas no final da tarde o vento piorou, tive que desarmar a minha barraca para ela não sair voando e até fui obrigado a correr atrás da minha panela que resolveu dar uma volta pelo balneário.

Quando achava que não poderia piorar, o vento muda, trazendo em minha direção uma enorme nuvem de chuva que estava do outro lado do rio. Resolvi mudar de quiosque, de um pequeno, em frente para a praia, para um maior, mais ao centro do balneário e mais protegido dos ventos. Enquanto fazia a mudança observava os pássaros tentando inutilmente migrar das árvores centrais para as da ponta da praia, voando contra o vento numa bela cena quixotesca. De repente tudo se acalma, a chuva não chegou, os pássaros conseguiam voar para quisessem e lá no horizonte o sol aparece para o mais belo pôr do sol que eu vi até então. Depois foi só fazer a janta, escrever o texto para o blog e ir deitar, sob a bela lua cheia, a primeira de muitas outras que eu encontraria durante toda a viagem.

1.11 - CADA VEZ MAIS ADAPTADO A ROTINA DE CICLOTURISTA

Finalmente consegui acordar cedo, coloquei o relógio para despertar as 7h00, mas acordei sozinho as 6h00, fiz meu café da manhã, arrumei todas minhas tralhas e antes das 9h00 estava pronto para pedalar, com tempo até para fazer um alongamento. O trajeto do dia era conhecido, já havia percorrido na viagem de 1997, uma rota onde fujo de rodovias mais movimentadas e ainda faço o caminho mais curto. A diferença é que na viagem anterior tivemos 4 pneus furados e chegamos próximo das duas da manhã em Buritama. Já dessa vez o pedal rendeu bem, fiz todo o trajeto de dia e não tive nenhum contratempo com pneus. Dessa vez me programei para chegar de dia ao meu destino, pois apesar de já ter percorrido o trajeto não tinha a menor ideia de como seria pois dá outra vez pedalamos a maioria desse trecho de noite. Segui até a BR-153 e fui rumo ao Sul, o curioso dessa estrada é que se seguisse sempre ao norte chegaria em Belém do Pará, estrada também conhecida como Belém-Brasília (embora passe em Goiânia e não em Brasília).

Apesar da BR estar em boas condições, com um bom acostamento, pouco a frente havia um longo trecho plano com o que poderia chamar de uma "Cicloterra". Uma estrada de terra paralela a rodovia e ainda com uma cobertura vegetal. Como estava com pneus de terra não pensei duas vezes, troquei o asfalto por uns cinco quilômetros da sombra. Antes de entrar à direita em Ubarana havia um posto de gasolina e parei para me abastecer de água. Fica a dica, sempre que estiver na estrada e encontrar um posto de gasolina, vá até o local onde os caminhões abastecem, quase sempre há um filtro de água potável geladinha, cortesia que os postos geralmente dão aos caminhoneiros, sem nunca negar aos ciclistas.

Olha um tornado, seria um F1? Tá mais para F0.

Segui tranquilo pedalando por uma estrada municipal, mais uma vez rodeado de canaviais, quando olhei para o lado e ao longe observo uma cortina de areia, um

vórtice de vento cortando os canaviais. Além de realizar uma bela cicloviagem, ainda faço um estágio como caçador de tornados. Passei pela cidade de Planalto e segui rumo a Buritama pelo trecho que havia percorrido em 1997 de noite. Peguei uma estrada bem tranquila e me aproximando da cidade avisto uma ponte com a seguinte placa – "Ponte sobre o córrego Santa Barbara" – o detalhe é que a ponte tinha uns 200 metros de extensão. Provavelmente aquilo um dia foi um córrego, mas hoje é um imenso braço da represa de Avanhandava.

Cheguei à cidade de Buritama onde fiz minhas compras de mantimentos para os próximos dias e pedalei uns 5 quilômetros até a praia do Tietê. Em 1997, nenhum dos balneários as margens do Rio Tietê tinham controle de entrada, já dessa vez todas possuíam e cobravam. Tudo bem que a infraestrutura em todas havia melhorado, mas cobrar pelo acesso a um espaço que deveria ser público acho complicado, como se resolvessem cobrar para entrar na Ciclovia do Rio Pinheiros ou no Parque do Ibirapuera. Ao menos só cobravam de carros e motos, já as bicicletas são bem vindas.

Passei pela portaria do Balneário, restando umas duas horas de sol, com tempo de sobra para tomar um banho e curtir outro espetáculo da natureza, cada dia vivia um pôr do sol mais belo que o outro. Dormir nos balneários do Rio Tietê é uma excelente maneira de economizar dinheiro, até então havia gasto com hospedagem apenas uma vez em Barra Bonita. Comida ia me virando, comprando uns pães nas padarias fazia lanches para o dia inteiro, não gastava mais de 5 reais por dia. Comer frutas na estrada esquece, encontrava algumas mangueiras isoladas na beira da estrada mas de resto era só cana o caminho inteiro.

Pescar tinha sido minha decepção pois não era tão simples como parece. Tem hora certa, isca certa e para não perder tempo, você precisa trocar umas informações com pescadores da região, quando consegui umas dicas em Sales, bem na hora de pescar bateu um vendaval que abortou minha tentativa.

Diferente dos quiosques da praia de Sales, os da praia de Buritama eram menores e um pouco complicados para armar minha barraca. Sem falar no desânimo que dava ter que montar e desmontar sozinho todos os dias, então resolvi testar a rede "Kampa" que meu amigo Palmas me deu. Como já havia comprado um pesado rolo de sisal, a partir daquele dia teria como armar minha rede, fazer varal, essas coisas. Armei a rede dentro de um dos quiosques, fiz minha janta e depois da higiene bucal fui deitar. Da rede escrevia meu texto do dia, sendo que ao lado esquerdo, a lua cheia crescia maravilhosa entre as árvores e a direita um sapo chato que não ficou quieto até conseguir arrumar uma namorada e foi assim que tentei dormir, tentando me acostumar a rede, pois não é tão fácil como parece.

Pôr do sol em Buritama - SP

1.12 - VENCENDO O FÍSICO E A MENTE

A partir desse dia minha barraca passou a ser apenas um peso extra. Perdia geralmente uma hora para montar e mais uma para desmontar a barraca, já a rede, bastava encontrar os pontos de apoio e em menos de 10 minutos ela estava montada, para o frio usava meu saco de dormir. Ponto para a rede Kampa, pena que não deu para curtir uma boa noite de sono naquele dia, não apenas porque ainda não estava acostumado a dormir em rede (mais adiante explico como).

A noite anterior estava linda, uma lua cheia estonteante, um sapinho tarado, uma leve brisa, temperatura agradável. Prometia ser mais uma tranquila noite de sono. Já estava cochilando quando percebo o aumento do vento que trazia junto uns respingos de chuva. Quando dou por mim o vento estava levando até as panelas que havia deixado sobre o balcão de cimento, eram 1h30 da manhã e lá vou eu correndo mais uma vez atrás de panelas. Coloco a bicicleta na cobertura, cubro os alforjes com as capas de chuva, guardo tudo que estava solto no balcão e tento voltar a dormir. Só tento, pois se a chuva chegasse, com todo aquele vento, de nada adiantaria minha modesta cobertura, fiquei tão preocupado que não dormi nada e logo o dia estava claro.

Levantei com um mau humor incrível, com o vento forte ainda soprando, lá fui eu fazer o meu café e correr atrás de sacos e outros utensílios que não achei no meio da noite. Apesar do vento, o dia estava lindo e não consegui ficar tanto tempo de mau humor, procurei me animar, arrumei minhas tralhas e caí na estrada. O trajeto seria bem puxado, estudando o mapa achei um caminho relativamente mais curto, misturando trechos de asfalto e terra. Aliás, esse seria um dia que exigiria muito do meu físico, pois pedalaria longos trechos em estrada de terra e areia.

Cortei caminho pelo município de Lourdes, onde peguei um trecho de 10 quilômetros de estrada de terra. Estava a cerca de 150 quilômetros da divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul e apenas nessa região comecei a notar um aumento nas fazendas de gado e outras plantações que não fossem cana, apesar de notar que a cana seguia avançando rumo a oeste.

Noite (e dia) com muito vento

Outra coisa que o cicloviajante precisa se preocupar é com os "chamados da natureza", apesar do meu corpo se acostumar com a rotina de pedalar todos os dias, por mais que consumisse muitas calorias e obviamente que nem tudo era aproveitado e portanto tem que ser eliminado. Líquidos eu eliminava muito com o suor e minhas camisetas de ciclistas se mostraram excelentes, bebia muita água, no mínimo cinco litros por dia (as vezes dez litros) e apesar de transpirar muito, minhas roupas estavam sempre secas. Era comum observar manchas brancas nas camisetas, eram os sais que eu eliminava e ficavam presos na roupa, portanto era não só importante me hidratar como repor os sais, algo que já fazia quando comia um bom PF (prato feito).

Fazer xixi era bem fácil, batia a vontade era só parar e "esvaziar a caramanhola" ali mesmo, nem descia da bike, até tentei fazer vez pedalando mas os resultados pouco satisfatórios não recomendo, já a eliminação de resíduos sólidos, essa era mais complicada. O ideal é fazer isso de manhã, logo após acordar, com o tempo isso acontecia naturalmente comigo, mas demorou um pouco para que meu corpo passasse a funcionar como um relógio.

Nesse dia não tive vontade de ir ao banheiro de manhã o que seria bem mais simples no Balneário que estava, isso aconteceu provavelmente devido à noite mal dormida e porque finalmente estava acordando mais cedo e meu corpo ainda estava se adaptando. Mas bem no momento que havia acabado de cruzar um rio recebo um chamado da natureza. E agora? Não tinha para onde correr e como já havia pedalado uns 15 quilômetros sem cruzar um carro sequer, atendi o chamado ali mesmo, ao lado de um barranco na estrada.

São casos assim que procuro evitar ao máximo, levava comigo esses lenços umedecidos que eram bem úteis, tanto para limpar graxa das mãos como em situações como essas. Papel higiênico nem pensar, não limpa direito e só serve para espalhar a caca. Levei também uma pequena enxada que servia para muitas coisas, como cavar a base de uma fogueira por exemplo, mas sua função principal era a de cobrir fezes. Aliás fica outra dica, quando acampar, faça suas necessidades longe do acampamento e sempre enterre suas fezes, pois elas atraem predadores, não é à toa que cães e gatos cobrem suas fezes, é uma questão de sobrevivência. Ali nem seria necessário, mas mesmo assim o fiz, pois além de ajudar a decompor mais rapidamente, ninguém que passasse por ali seria obrigado a ver a "merda" que eu fiz...

Voltando ao pedal, venci o primeiro trecho de terra e novamente saí no asfalto onde pedalei até o acesso a Santo Antônio do Aracanguá. Essa estrada de acesso tem cinco quilômetros e o que me deixou mais impressionado foi um corredor de mangueiras de ambos os lados da rodovia até a entrada da cidade, finalmente pude estocar comida que a natureza me dispunha. Ao entrar na cidade, lembrei da minha última passagem por ela, durante a viagem de 2004, quando percorri pela segunda vez o Rio Tietê. Naquela época tinha notado no mapa uma estrada de terra ligando Aracanguá a Sud Mennucci, acabei

Bela sombra

Cinco quilômetros pedalando entre um lindo pomar de mangas

estrada ao meio dia e saí às 9 da noite.

Para se ter uma ideia, aquele havia sido a primeira vez na vida que peguei uma carona para chegar num destino, meu desespero era tanto que quando ouvi um barulho de motor parei e esperei o carro me alcançar, era um trator que me deu carona pelos últimos quatro quilômetros até a cidade. Mas dessa vez estava com uma bike apropriada, minha 29er com enormes pneus de cravos iriam mostrar a que vieram e não fizeram feio, mesmo assim logo na primeira descida percebi que não seria fácil, perdi o controle e quase fui ao chão. O trajeto é um sobe e desce constante com raros trechos planos, quando encarava um trecho com muita areia, tinha que pedalar e fazer o dobro de esforço. Eram 14h30 quando comecei o pedal, duas horas e meia a mais que em 2004, ou seja, grandes eram as chances de ser obrigado a pedalar de noite.

De volta para a estradinha onde passei apuros em 2004

Desde o começo da viagem usei meu celular como velocímetro, mas dependia do sistema que alimentava suas baterias através do dínamo da bicicleta que já havia se mostrado ineficiente nos dias anteriores e acabou morrendo logo que entrei na cidade. Com meu celular eu tinha certeza que estava na estrada correta, agora sem ele fiquei sem a noção da distância que faltava para o meu destino e com muito medo de pegar um caminho errado.

Quando cheguei na segunda ponte, parei em uma fazenda para pedir água. Perguntei ao fazendeiro qual cidade estava mais longe, Sud Mennucci (meu destino) ou Aracanguá (de onde parti). Quando o mateiro disse Sud, desanimei. Pelo mapa em papel, havia pedalado só 18 km em duas horas e ainda faltavam uns 40.

Descanso para saborear as deliciosas mangas colhidas quilômetros atrás

Como o pedal a noite seria quase inevitável, dei uma parada na beira do rio para descansar e comer algumas mangas que colhi naquele dia, tentei usar o tempo para ver se conseguia energizar meu corpo, pois estava judiando bastante dele. Minha técnica na areia melhorou e não caia mais, nas descidas ia o mais rápido que podia para entrar veloz no areião, assim que a frente da bicicleta saía de lado eu pedalava mais rápido como se tracionasse para recuperar a frente e isso funcionava. O preço foi um pedal 10 vezes mais sofrível do que se eu optasse pelo asfalto.

A corrida era contra o sol, pedalava e o via se aproximando da linha do horizonte. De repente uma bifurcação que não existia no mapa de papel. Na dúvida fui para a direita, peguei uma longa descida e lá embaixo avistei uma casinha. Parei para pedir água e para me informar se estava no caminho certo, mas não fiquei muito feliz com a resposta. Pra variar estava no caminho errado, o senhor que me deu água disse que dali até Sud são 18 quilômetros. Sem opção resolvi voltar os dois quilômetros (de subida) e lá do alto vi o sol se pondo, peguei outra longa descida e cruzei a última ponte do dia. A partir dali seriam 12 quilômetros na escuridão total. Como desgraça pouca é bobagem, ainda tive que encarar vários cachorros chatos correndo atrás de mim na escuridão. Pior que nem conseguia acelerar devido a terra e o cansaço, estava quase descendo da bike e encarando eles no dente. Mal sabia que esse era só o começo das centenas de corres de cachorros que eu iria levar.

Meu corpo estava destruído, a noite mal dormida por causa do vendaval, um sol insuportável durante todo o dia, aqueles 60 quilômetros de areia, tudo aquilo foi uma verdadeira prova de fogo. Lembrava-me a todo o momento da minha desistência em 2004, mas dessa vez jamais desistiria. Bem ao longe vejo uma luz na escuridão, imaginei ser um carro, mas não parecia se mover. Um pouco mais de pedal, percebi que eram postes de luz, e para a minha alegria, isso significava que a cidade de Sud Mennucci estava logo a frente.

Cheguei em Sud às 20h50, como era horário de verão, pedalei pouco mais de 40 minutos no escuro, mesmo assim estava estragado. Precisava de um bom descanso e resolvi que gastaria um dinheiro que não tinha, mas ficaria em um hotel. Já a minha bicicleta deu um show, fiquei muito orgulhoso dela, incrível como uma bicicleta adequada para a situação faz uma diferença

enorme. Em 2004, fiz o mesmo trajeto em 9h00, já nesse ano 6h00 e isso nem se deveu ao condicionamento pois além de ser mais jovem eu pedalava mais forte e carregava metade do peso, todas as variáveis só deixaram mais claro o quanto um bom equipamento faz a diferença.

Cheguei na cidade e fui comer, achei um restaurante para comer um PF e depois me indicaram uma pousadinha perto de onde eu havia passado, ao lado de um posto de gasolina onde tinha um monte de gente tomando cervejas numas mesas em frente ao hotel. Nem preciso falar que fiz um sucesso quando cheguei e até uma cervejinha eu ganhei.

Sud Mennucci é uma dessas cidades que estão num plano do governo federal como teste de internet de graça, realmente de qualquer ponto da cidade eu conseguia identificar sinais de WiFi, mas não conseguia acessar nenhuma página. Acabei usando o WiFi da pousadinha para atualizar meu blog e desmaiei, pois o dia foi tenso e no dia seguinte finalmente chegaria a foz do rio Tietê.

1.13 - ITAPURA, A FOZ DO RIO TIETÊ

A preguiça me abateu na hora de levantar mais uma vez, dormir em cama era um problema, pois tinha uma dificuldade enorme em sair dela e novamente acabei saindo da cidade só depois do almoço. Pedalei 26 quilômetros até Pereira Barreto mas agora pelo asfalto, na entrada da cidade havia uma placa escrito "Praia". Quase toda cidade que margeia o Rio Tietê tem uma prainha de água doce e como é legal ver uma placa indicando uma praia a mais de 600 quilômetros do litoral.

Em Pereira Barreto fiz uma curta parada para tomar minha vacina de Febre Amarela, obrigatória para quem pretende visitar a região Amazônica e segui adiante. Para chegar em Itapura, a opção mais lógica seria seguir pela rodovia, mas havia um "atalho" por terra e lá fui eu me aventurar no areião novamente. Neste caminho iria passar pelo Patrimônio Bela Floresta, mas porque "Patrimônio"? Durante a viagem cansei de ouvir as pessoas dizendo, "daqui a alguns quilômetros tem um Patrimônio". Quando ouço essa palavra logo penso na definição mais comum que encontramos no dicionário, imaginava uma estátua ou coisa parecida, vem a associação com Patrimônio Público, da Humanidade. Mas aprendi mais uma nuance do nosso vocabulário, compreendi que patrimônio também é usado para dar nome a vilas pequenas, povoados, tanto é que em Pereira Barreto, as pessoas se referiam a Bela Floresta como um Patrimônio.

Nada mais maluco do que ver uma placa indicando "praia" a 600 km do litoral

Entrei na estrada de terra e fiquei na esperança de encontrar alguma floresta

mas nada, a única coisa que eu encontrava era um mar de cana. Até que encontrei uma pequena ilha no meio do oceano, uma pequena mata fechada, um belo exemplar de Mata Atlântica no meio do nada. Mas o curioso, é que ao entrar na mata, a temperatura deve ter caído uns 5 graus, isso mostra a importância de mantermos grandes áreas de reserva, pois ela serve também para controlar a temperatura da região. Mais adiante encontrei uma espécie de vila fantasma, algumas casas com sinal de vida e outras completamente abandonadas. Havia chegado no "Patrimônio" de Bela Floresta e as únicas pessoas que encontrei foram 3 homens colhendo alguns cocos.

No meio do mar de cana uma "ilha" de Mata Atlântica, onde a temperatura caía uns 5 graus

Um dos senhores que colhia os cocos era morador de Ilha Solteira, cidade a uns 60 quilômetros dali, ele havia herdado algumas casas naquela vila de parentes. A vila não tinha mais do que 50 casas e os jovens que ali nasceram nas últimas décadas, saíam da cidade para estudar e não retornavam mais, segundo ele, só naquela vila umas 20 pessoas se formaram em medicina e a maioria descendentes de orientais. Enquanto proseava, tomava a água de coco que ganhei deles, hoje menos de 10 casas tinham moradores, algumas estavam literalmente desabando, as pessoas foram morrendo e seus herdeiros seguindo a vida em outro canto do país. Mais uns 10 anos e provavelmente a vila será varrida do mapa.

Depois da prosa segui meu rumo a caminho de Itapura, faltando cada vez menos para chegar nos limites do estado de São Paulo. Assim que entrei no asfalto, vi um caminhão parado debaixo de uma grande e carregada mangueira, com o caminhoneiro usando seu veículo para conseguir colher belas mangas. A última cidade antes de Itapura é Entre Rios e essa foi a terceira vez que passei por ela e ali criei um ritual, assim que atingi o topo da subida já na entrada da cidade, parei num boteco do lado direito e mais uma vez pedi uma Tubaína, algo que havia feito nas duas viagens anteriores.

Refresco direto do coqueiro em Bela Floresta - SP

Depois segui até Itapura, foram mais 12

Parada obrigatória para a minha deliciosa tubaína

quilômetros e em meia hora cheguei na cidade onde está a foz do Rio Tietê, aquelas mesmas águas que nasceram em Salesópolis, percorreram mais de 1000 quilômetros agora estavam desaguando no imenso Rio Paraná. Antes das construções de barragens no Tietê e no Paraná, haviam duas grandes quedas, uma em Avanhandava e outra em Itapura.

Em Itapura havia um salto de 60 metros de altura, ali havia uma pequena usina hidroelétrica e a cidade ficava no entorno da usina. Quando a CESP construiu a Usina de Jupiá, no Rio Paraná, como a cidade inteira seria alagada a empresa construiu uma nova cidade na parte mais alta. As únicas construções que resistiram foram a Igreja e a casa do avô do Sandro, um morador da região (que virou meu amigo) e me ajudou muito nas viagens anteriores.

Minha intenção era ficar dois dias aqui descansando na cidade, mas infelizmente não tive o apoio do Sandro dessa vez, pois ele nem vive ali na cidade e sim em Ilha Solteira a cerca de 40 quilômetros de Itapura. Na busca de um local para passar a noite, conheci um senhor que infelizmente não lembro o nome (a partir desse dia comecei a anotar o nome das pessoas que conhecia no caminho). Esse senhor era um funcionário da Prefeitura e trabalhava como segurança na Praça principal da cidade, seu trabalho era tomar conta de uns enfeites de natal.

Pensei em acampar lá perto da praia, mas ele sugeriu armar a rede numa cobertura ao lado da praça, como ele ficaria a noite inteira acordado, não deixaria ninguém tocar nas minhas tralhas. Ele disse que infelizmente, devido ao consumo de drogas, não seria seguro eu acampar na praia, afastada do centro, uma pena ver pacatas cidades do interior perderem seu maior bem, a tranquilidade.

Conversei por horas com esse senhor, era comum eu me abrir para algumas pessoas estranhas, contar meus dramas, o sofrimento com a separação, mais interessante ainda é ver as pessoas também se abrindo comigo, contando suas experiências de vida. Esse senhor estava no quarto casamento, disse que aprontava demais, chegou até a sair fugido da cidade que morava. Falou que sempre acabava os casamentos devido a sua infidelidade, traía muito suas mulheres, mas que naquele momento estava mais tranquilo, feliz com a atual, embora não continuasse "tão" fiel.

Vi ele dando mole para algumas mulheres da cidade, ele não morava em Itapura e sim numa cidade vizinha, falou que sua atual mulher era tranquila e se acostumou com o jeito dele, mas se pudesse escolher, teria ficado com a do primeiro casamento, a mãe dos seus filhos e que

se pudesse voltar atrás faria tudo para manter esse casamento, até mesmo controlar a sua infidelidade.

Fiquei horas conversando com esse senhor, até o momento que o cansaço começou a ficar mais forte, então segui para o meu canto, armei minha rede e dormi. Mas o que me consumiu naquela noite foi o fato dele estar no quarto casamento e preferir a primeira, tentei me colocar na sua situação e percebi o quão triste seria. Sempre fui o cara que me entregava aos meus relacionamentos, até tentei manter alguns mais superficiais mas nunca consegui, me imaginava estar com alguém achando que o melhor seria estar com outra, imaginem como essa minha atual mulher se sentiria sabendo desse meu sentimento?

Uma das coisas que prometi a mim é que jamais passaria por essa situação e a forma que encontrei para evitar isso foi a criação de uma espécie de lista, nela relacionei o mínimo que que uma mulher teria que ter para eu me aprofundar num relacionamento e confesso que deu certo. Depois da separação me envolvi com algumas mulheres e se percebia que na personalidade dessa pessoa faltava itens importantes da minha lista nem insistia. Dá para imaginar eu me envolvendo com uma mulher que não goste de pedalar? Uma coisa posso garantir, nunca me arrependi das apostas amorosas que fiz após a separação e acredito que será assim até o final dos meus dias.

1.14 - SÃO PAULO, TERRA DA SACANA

Numa das Bicicletadas Paulistana, fiz uma alegoria em minha bicicleta simulando aquela capa do estepe do Ecosport. Lembro que parei ao lado de um Ecosport e brincando com o motorista falei "te enganaram, o original é esse aqui". Daí ele me respondeu, "Mas é a álcool..."

Se você tem um carro flex e usa álcool porque é mais barato, tudo bem. Agora se está abastecendo achando que está fazendo um bem para a natureza, se informe melhor. Foram 3 vezes que eu cruzei o estado de São Paulo de bicicleta e com base nos meus registros e observações, posso garantir que muita coisa mudou e infelizmente para pior. Falando do movimento das estradas, o aumento do número de carros foi estrondoso e a qualidade das rodovias não era como eu esperava. Nas rodovias privatizadas, o asfalto é bom e sempre tem acostamento, o problema é a sujeira da pista que me rendeu várias câmaras furadas e um pneu cortado. Sem falar que é desagradável pedalar por essas rodovias, a paisagem é feia e o barulho insuportável.

Limites de velocidades insânos para estradas horríveis

Sempre que possível, até mesmo pela

necessidade de ir parando nas prainhas do Tietê, optava pelas vicinais de asfalto ou terra. As de terra eram mais agradáveis, havia poucos carros, embora exigissem mais preparo físico, já as asfaltadas raramente tinham acostamento e você era obrigado a conviver com motoristas insanos, pois sabendo da ausência de fiscalização, a maioria abusava da velocidade colocando a vida deles e a sua em risco. Apesar do risco, você incrivelmente se acostuma e passa a lidar com isso sem se estressar tanto.

Mas o que mais me surpreendeu de forma triste, foi a devastação que o cultivo da cana trouxe ao estado. Inspirado na savana, batizei esse "novo bioma" de São Paulo de saCANA (Interpretação livre). Não se planta mais nada no estado que não seja cana, vi poucas fazendas de laranja na região de Limeira e apenas alguns sítios aqui e ali plantando algo diferente. Até as fazendas de gado que eram abundantes estão sumindo.

Conversando com alguns fazendeiros, eles dizem que as usinas arrendam o terreno deles por 5 anos, cultivam, colhem, pagam (bem), ao final do contrato devolvem o terreno judiado e o dono tem que se virar para consertar os prejuízos que a monocultura da cana traz. Até porque, com a monocultura, a terra fica pobre e só a cana vinga, mesmo assim ela perde qualidade. A Cana precisa de muita água e deixa o solo arenoso parecendo areia de praia, seca as nascentes e contamina os rios, tanto com os agrotóxicos como com a vinhaça (garapão que falei nos capítulos anteriores), que é jogado de volta na lavoura e acaba chegando aos rios. Se estiver numa região com muitos canaviais e passar um caminhão fedido ao seu lado, ele está carregado de vinhaça.

Aprofundando o tema que comentei em um capítulo anterior, para cada litro de álcool, é gerado cerca de 12 litros de vinhaça e devido a quantidade de nutrientes como fósforo, nitrogênio e potássio, se transforma num excelente fertilizante, em compensação tem um potencial poluidor 100 vezes maior que o esgoto doméstico. Quando me aproximava de Barra Bonita, passei pelo meio de vários canaviais e entre eles são formados espécies de "córregos" que carregam esse garapão para dentro da plantação. Como boa parte dos rios de São Paulo não tem a proteção das matas ciliares, impossível evitar com que esse garapão não chegue aos rios. O resultado disso são as sinalizações de água imprópria que eu vi em Barra Bonita, e a grande infestação de algas que se proliferam em águas poluídas.

Outro problema é o aquecimento local, o calor na região onde há cana plantada é muito mais alto do que e, outras regiões, nas poucas oportunidades que passei por regiões com mata original, a temperatura caia uns 5 graus. O estado de São Paulo está devastado, tirando poucos parques no seu litoral, cerca de 90% da área do estado, que era tomada pela Mata Atlântica, virou plantação e ao menos pela região que passei só dá cana. A mata ciliar, que deveria proteger os rios inexiste, principalmente no Tietê e nos seus afluentes, falando apenas do Tietê, por incrível que pareça, apesar do "suposto" Projeto de despoluição do Tietê ter avançado, o rio na região do médio e baixo Tietê (após Barra Bonita) em 2010 estava bem mais poluído do que em 1997.

Resumindo, fiquei triste com o futuro do nosso estado, se continuar caminhando nesse ritmo, em breve o Tietê e grande parte dos nossos rios não passarão de meros esgotos a céu aberto,

isso se não secarem graças a esses longos períodos de secas e o pouco da mata preservada que temos, logo irá desaparecer de vez. Sem falar no gado que sumiu do estado que antes era um dos maiores produtores do Brasil. Mas para onde será que foi todo esse gado que sumiu de São Paulo? Você irá encontrá-los nos próximos capítulos e compreender o porquê nossa carne é tão mais cara hoje em dia.

Por incrível que pareça, em 1997, nosso estado estava bem melhor e mais agradável para se pedalar, triste ver tamanha regressão.

Queima da palha da cana no interior de São Paulo

SAÍDA 292
Matão
Bebedouro
Barretos

2 – CRUZANDO O MATO GROSSO DO SUL

Ou também o Estado do Pantanal, ou Estado de Campo Grande. De certo que esse nome Mato Grosso do Sul causa muita confusão e não encontrei nenhum sul-mato-grossense contente com o atual nome. Me disseram que houve uma tentativa de mudar o nome para Estado do Pantanal, na minha opinião é um nome que tem tudo a ver com o estado, já que a maior parte do Pantanal fica no Mato Grosso do Sul. O Pantanal tem uma área de 624.320 km2 (fonte WWF), sendo que 20% na Bolívia, 18% no Paraguai e 62% no Brasil (40% no MS e 22% em MT), portanto o nome Estado do Pantanal seria bem justo. Mas segundo ouvi dos sul-mato-grossenses, a proposta não foi pra frente, não pelo nome, mas sim porque sua sigla seria PT.

Mas minha saga pelo Mato Grosso do Sul estava começando e pela primeira vez na viagem, depois de mais de 900 quilômetros de pedal, finalmente tudo seria novidade pois de todo o trajeto até Três Lagoas já conhecia de viagens anteriores. Mesmo assim mal conhecia a cidade pois a última vez que havia passado por lá foi em 1997, entramos na cidade e seguimos direto para a rodoviária de onde embarcamos de volta a São Paulo, nossa visita não durou mais que uma hora na cidade. Já dessa ver passaria alguns dias aqui me preparando para cruzar o estado.

O Rio Paraná, que divide os dois estados (São Paulo e Mato Grosso do Sul) é também a divisa de dois Biomas, daqui em diante eu já estarei percorrendo o Bioma do Cerrado, até o Pantanal.

2.1 - DEIXANDO SÃO PAULO PARA TRÁS

Minha intenção era ficar uns 2 dias pelo menos em Itapura, mas não me senti bem na cidade como das outras vezes e aquele senhor que trabalhava como segurança na praça deu uma dica. Do outro lado do Rio Paraná, na cidade de Três Lagoas, havia um balneário na beira do rio Sucuriú, um dos seus afluentes. Como Três Lagoas é uma cidade bem maior e com mais infraestrutura, possivelmente o balneário deveria ser parecido com os que encontrei no Rio Tietê em São Paulo. Então resolvi atravessar logo a fronteira, seguir para Três Lagoas e ter meus dias de pausa lá.

Travessia do Rio Paraná sobre a Usina de Jupiá

De Itapura até Três Lagoas são 40 quilômetros por asfalto. Apesar de estar muito próximo da fronteira, sem um barco não tinha outra opção senão dar a volta. Segui pela estrada na esperança

Sendo escoltado por um carro da CESP na travessia da Usina

de deixar para trás o quanto antes, os chatos, quentes, desagradáveis e fedidos canaviais de São Paulo.

São cerca de 30 quilômetros para chegar de Itapura até a divisa do estado de SP com MS. Não há uma ponte e sim uma barragem, que por sinal é bem movimentada. Ela tem cerca de 5 quilômetros de extensão, o desnível do rio é tão alto que para vencê-la, os barcos tem que passar por duas eclusas para prosseguir a navegação pelo Rio Paraná. A título de comparação, o Canal do Panamá, possui 11 eclusas. Bem no meio da barragem encontrei a placa que marca a divisa entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Quando tentei atravessar, o guarda na guarita me barrou, dizendo que eu não poderia passar sozinho e que tinha que esperar uma escolta, ou seja, tecnicamente é proibido cruzar o estado a pé ou de bicicleta, lembro que em 1997 o segurança teve que chamar uma Pick-up para levar nossas bikes para o outro lado. São duas pistas simples e os carros têm que passar a 30 km/h sobre a barragem, daria perfeitamente para eu ir entre os carros, mas tudo bem, preferir não criar caso. Assim que uma viatura da CESP chegou pude ir pedalando enquanto ele fazia a escolta, foi bem mais do que ter que ir dentro da caçamba de uma pick-up.

Três Lagoas - MS - Ciclovia no canteiro central, "limpa", com "fácil" e "seguro" acesso.

Quando passei o posto fiscal, já há uma ciclovia no canteiro central. A cidade é plana e lotada de bicicletas, mas fica claro que a infraestrutura não visa a segurança ou o fomento do uso da bicicleta, havia um claro objetivo é fazer com que o ciclista não atrapalhe os carros. As consequências de desestimular o uso da bicicleta é o aumento significativo do número de motoqueiros, consequentemente dos acidentes de trânsito.

Dei várias voltas na cidade buscando informações sobre o Balneário e fiquei sabendo que, devido a uma tempestade que ocorreu dois meses antes, ele estava interditado. Fui a prefeitura pedir indicação de um canto para dormir e

me mandaram para um albergue. Nada contra, bacana eles terem um local legal para acolher viajantes e pessoas sem moradia, mas eu buscava é ficar em contato com a natureza. Numa bicicletaria me deram a seguinte dica, que eu fosse até a Radio Caçula e falasse sobre a minha viagem, com certeza eles poderiam fazer uma entrevista comigo e tentar arrumar um local para acampar.

Minha moradia no balneário da cidade durante minha estada em Três Lagoas

Fiz isso e no final acabou dando certo, depois da entrevista contei a jornalista sobre minha intenção de acampar ao ar livre e que o balneário, mesmo interditado, seria perfeito. Ela então fez algumas ligações e conseguiu uma autorização para que eu ficasse no balneário, já que havia alguns seguranças tomando conta do local. Pedalei até o balneário que fica um pouco afastado da cidade e encontrei o Juarez e o Fagner, dois seguranças que estavam fazendo plantão naquele dia. Cheguei com um nome e um telefone anotado no papel, o Juarez fez uma cara ressabiada, pegou o telefone e ligou para confirmar com seus superiores. Quando teve a resposta positiva ele voltou e disse - "Consegui a confirmação só para me garantir, mas mesmo se você não tivesse autorização claro que não deixaríamos você dormir na rua, arrumaríamos uma maneira de você dormir por aqui."

Já bem estabelecido, procurei minha casinha ideal e achei um quiosque bem tranquilo. Não havia pilares e acabei improvisando, usei as vigas do teto e pendurei minha rede. Depois de me ajeitar fui convidado a jantar com eles, arroz com linguiça, salada e até um suco natural. Tinha casa, comida e só faltava a roupa lavada.

2.2 – DESCANSANDO EM TRÊS LAGOAS

Acabei passando três noites nesse balneário e que noites gostosas, ainda mais com a dica do Juarez – "Está vendo essa caixa no meio do balneário? Repare que ela fica o dia inteiro recebendo sol. De madrugada, se estiver com calor, vá naquela ducha e veja que delicia é tomar banho as 3h00 da manhã com água morninha, pode até ficar pelado, só tem a gente mesmo aqui!"

Nem preciso falar que fiz exatamente o que ele sugeriu, que sensação maravilhosa tomar uma forte ducha as 3 da manhã completamente nu. Confesso que depois de pedalar nu no meio da Paulista no primeiro World Naked Bike Ride em 2008, minha relação com o nu mudou completamente. Boa parte dos dogmas que dominam a maioria das pessoas não fazem mais sentido para mim.

Ducha de água quente, seja de dia ou de noite

Nos demais dias que fiquei no Balneário, já comecei a me impressionar com a hospitalidade sul-mato-grossense. No dia seguinte, mesmo sendo sua folga o Juarez estava de folga foi até o Balneário me levar uma marmita para eu almoçar. O Balneário é lindo, mas infelizmente estava muito avariado por causa de um vendaval que ocorreu meses antes, segundo o pessoal da cidade, ninguém tinha visto algo parecido, é como se houvesse passado um tornado pela cidade. Vários eram os quiosques com sérias avarias e por isso ele estava fechado, ficava até com dó do pessoal que chegava a todo o momento no Balneário e eram recebidos pela péssima notícia da sua interdição.

Na praia há uma rede para proteção dos banhistas contra piranhas e arraias, as segundas bem mais perigosas. As piranhas só costumam atacar quando a pessoa está sangrando, já as arraias podem ferroar uma pessoa que, por distração, pisar sobre ela. Mesmo assim algumas pessoas costumavam ir ao Balneário para pescar com varas ou mesmo mergulhando, pescando com arpão. Havia um casal de senhores japoneses que iam quase todos os dias pescar no rio, a técnica para andar na água, sem correr o risco de pisar numa arraia era de arrastar o pé na areia, assim se houver uma arraia enterrada, ela é "chutada" e não ataca a pessoa.

Estava com minha varinha, iscas, mas e a coragem de entrar na água? Quem disse que eu conseguia confiar na técnica deles? Adiei mais uma vez a minha pescaria, meu medo era sofrer uma ferroada de uma arraia e colocar em risco minha viagem, pois uma ferroada poderia me deixar meses sem poder pedalar, já que sua calda é um verdadeiro arpão, cheio de toxinas. A filha desse mesmo casal sofreu um ataque havia pouco tempo, seu erro foi deixar cair iscas perto do seu pé enquanto pescava, isso atraiu peixes e arraias e num descuido acabou levando uma ferroada e quase perdeu a perna por gangrena. Não estava nem um pouco disposto a correr esse risco por comida, até porque isso não foi problema durante minha estadia no Balneário.

Passei três noites bem curtidas no Balneário, dei umas voltas na cidade mas fiquei mais tempo na praia. Sofri até uns ataques de Quero-quero, uma das aves que mais vi durante a viagem. Na última noite que passei no Balneário, o Juarez foi fazer sua ronda e de repente chega com um filhote de Quero-quero na mão, foi quando aprendi mais sobre o comportamento desse animal e como fazem para proteger seus filhotes. Ao pressentirem alguma ameaça, eles começam com seus gritos característicos, isso serve tanto para chamar atenção da presa como um sinal para os filhotes se esconderem. Então as aves adultas passam a tentar atrair a ameaça para o lado oposto ao dos filhotes, caso percebam que não está funcionando

começam a atacar dando rasantes em direção da ameaça, se possível dando umas ferroadas com umas pinças que eles tem na ponta das asas.

O Juarez é um desses caras bem acostumados com mato, percebeu a agitação das aves adultas e mesmo de noite começou a procurar o filhote, até que o encontrou ao lado de uma árvore, todo encolhido. Então ele pegou o filhote e trouxe para dentro da salinha da segurança pra mostrar pra gente. Ficamos menos de 2 minutos ali com o filhote e logo ele levou de volta para fora, mas sem antes levar uns "safanões" das aves.

Rede de proteção aos banhistas para evitar as ataque de piranhas e arraias

Foram dias bem interessantes que passei no Balneário, conheci pessoas legais, divertidíssimas e extremamente solidárias. Mas o descanso findou-se, pois tinha logo que pedalar, agora rumo ao desconhecido, rumo ao Pantanal.

2.3 - PREPARADO PARA ENTRAR NA ZONA DE CONVERGÊNCIA DO ATLÂNTICO SUL

São Paulo passou e não peguei quase nada de chuva, mas meu primeiro dia de pedal em Mato Grosso do Sul mostrou que seria uma briga de gato e rato. Tanto em MS como em SP, são longas as planícies onde é possível ver as nuvens de chuva ao longe, com isso você pode administrar o ritmo do pedal acelerando para fugir delas ou diminuindo dando tempo para as nuvens cruzarem seu caminho.

Saí de Três Lagoas deixando o Balneário para trás e segui rumo à cidade de Água Clara, mas antes de deixar a área urbana da cidade fui presenteado com a imagem de uma escola com dezenas de bicicletas estacionadas. Crianças indo para a escola de bicicleta, porque não tornar isso ainda mais comum nas grandes cidades? Em 2012 a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo criou um grande plano que visava fomentar isso, infelizmente

Bicicletário para os alunos de uma escola municipal de Três Lagoas

Nessa cidade a preferência é para os carros e não para as pessoas

trocaram o governo e abandonaram o projeto, uma pena. Tomara que ao ler esse livro a realidade já tenha mudado para melhor.

Entrei numa Ciclovia no canteiro central, como ciclista experiente e um especialista em mobilidade humana, nunca gostei de ciclovias no canteiro central, pois raramente elas tem acessos seguros e quase sempre são mal sinalizadas. Essa em questão tinha algumas sinalizações absurdas. Ao invés de colocarem o PARE antes da faixa de pedestres, ele está após a faixa, indicando que o ciclista tem que dar preferência ao carro e não ao pedestre. Pior que para os carros não havia nenhuma sinalização, nem para ter cuidado com os ciclistas na travessia, uma verdadeira afronta ao Código de Trânsito Brasileiro (CTB).

O artigo 29, do CTB diz que os veículos maiores têm que proteger os menores, os motorizados devem proteger os não motorizados e todos tem que proteger o pedestre. Já o artigo 39 do CTB, diz que é o motorista quem deve dar a preferência ao ciclista e ao pedestre nas conversões e não o contrário. Com isso, além de desrespeitarem as leis brasileiras com sinalizações equivocadas, inconscientemente o governo passa uma mensagem aos motoristas de que eles tem mais direitos que pedestres e ciclistas, dando carta branca ao motorista, incentivando-o a ignorar a lei, colocando em risco a segurança dos mais fracos. Isso tudo torna a ciclovia tão insegura, que seria melhor que não houvesse ciclovia alguma, eu teria medo de que meu filho pedalasse por ela.

Era final do mês de novembro e no começo de dezembro de 2010, mais precisamente quando eu estivesse dentro do Pantanal que minha amiga Renata Falzoni iria receber, na Câmara dos Vereadores de São Paulo, a Medalha Anchieta e um Diploma de Gratidão em reconhecimento aos mais de 30 anos de luta pelo espaço e valorização da bicicleta como meio de transporte. Claro que, se não fosse a viagem eu estaria lá com ela, mas para marcar presença, gravei um vídeo quando saí de Três Lagoas, dentro da Ciclovia, justamente mostrando essa aberração acima que não deixa de ser um dos motivos da nossa luta. Mandei esse vídeo para o assessor do Vereador Chico Macena (autor da homenagem) que passou no telão durante o evento.

Foram mais de 10 quilômetros pedalando apenas dentro da cidade, sendo que boa parte do trajeto por ciclovias, mas logo que acessei a rodovia uma cena triste, encontrei um enorme tamanduá bandeira atropelado. A velocidade máxima na rodovia é de 80 km/h, mas são raros os motoristas que respeitam e tenho certeza que se os limites fossem respeitados,

metade dos 8 tamanduás que encontrei atropelados nesse trecho estariam vivos.

Saí tarde de Três Lagoas, por volta das 11h00, isso na hora de São Paulo, pois Mato Grosso do Sul tem uma hora a menos de fuso horário, portanto na hora local eram ainda 10h00. Não atrasei meus relógios para poder me comunicar com o pessoal em São Paulo e isso acabou causando várias confusões durante a viagem. Como seriam 140 quilômetros até Água Clara, pensei em pedalar até o Rio do Pombo onde havia um ponto de apoio e dependendo do horário que chegasse lá esticaria ou não até Água Clara. Isso faz parte de uma técnica que uso para definir a distância que eu tenho que pedalar num dia, sempre tenho um plano A, um B, um C... Ou seja, um alfabeto inteiro, se um plano não dá certo sempre tenho outro na manga.

Um das oito carcaças de Tamanduás que encontrei nesse trajeto de 140 km

Não fiz muitas paradas, até porque a paisagem não tinha tantos atrativos, encontrei vários córregos cortando a estrada, segundo algumas pessoas de Três Lagoas, eram rios de água limpa e se quisesse poderia beber dessa água, mas ainda estava muito receoso. A paisagem era dominada por fazendas de gado e florestas de Pinheiros, grande parte dessa madeira é usada para abastecer as madeireiras da região, de qualquer forma era melhor do que percorrer aquele mar de cana do Estado de São Paulo.

Mesmo sem realizar longas paradas, curti demais pedalar ouvindo tantos periquitos, passarinhos, um mais colorido que o outro. As seriemas cantando, tucanos dando rasantes, casais de araras me acompanhando na estrada, já estava reconhecendo até o canto e o grito de alguns animais. Cheguei ao Rio do Pombo as 15h00 no meu horário, quer dizer que ainda teria 5 horas de luz natural para percorrer os 60 quilômetros que restavam até Água Clara. Lá almocei uma Coca-Cola de um litro e dois pedaços de queijos. Depois sai correndo pois uma enorme nuvem de chuva vinha do norte na minha direção, como seguia para oeste acelerei para escapar dela.

Meu almoço, foi o que encontrei mas quebrou um galho

Lá em baixo a cidade de Água Clara, recebido com muita água

No resto do trajeto segui desviando das nuvens de chuva, peguei alguns pingos que em nada atrapalharam, pelo contrário. A chuva nem é um problema tão grande, usando roupas "dry" e a papete com clip (sem a necessidade de meias), quando encontrava um rio, bastava tirar o boné e entrava com roupa e tudo. Saía ensopado, dava uma torcida na camiseta e em quinze minutos já estava seco. A preocupação era apenas com os equipamentos, para os alforjes colocava a capa de chuva, a bolsa de guidão também tinha uma capa, já o GPS era a prova d'água.

O calor é intenso, infelizmente não levei um termômetro na minha viagem, mas constantemente a temperatura era superior a 30 graus, nessas condições, se a chuva não é acompanhada por relâmpagos, ela passa a ser uma grande aliada. Nesse dia, quando faltavam 8 quilômetros para o meu destino, vi uma enorme nuvem de chuva sobre a cidade de Água Clara e mais uma vez a chuva não me pegou no trajeto e superei minhas expectativas, pois cheguei em Água Clara as 18h00, como havia economizado um bom dinheiro acampando nos últimos dias e como iria tentar um pedal de 200 quilômetros no dia seguinte, resolvi dormir numa pousada, até porque não gastaria mais dinheiro com hospedagem até sair do Pantanal.

2.4 - MEU DESTINO É PARA ONDE O SOL FOR...

No dia anterior eu havia pedalado 140 quilômetros, saindo as 11h00 de 3 Lagoas, chegando as 18h00 em Água Clara. Em tese eu deveria reservar dois dias até Campo Grande, pois ainda restavam 180 quilômetros, mas porque não tentar ir direto?

Seria uma longa jornada, no dia anterior o relevo se mostrou bem menos acidentado do que no Estado de São Paulo, com longos trechos planos onde o pedal rendeu bem. O dia de hoje prometia uns 40 quilômetros bem planos, mas com algumas boas subidas pela frente, teria que acordar cedo e ser disciplinado, um pedal longo não te deixa com muita margem para contratempos que quase sempre ocorrem. Mesmo assim resolvi arriscar, dependendo do horário que eu chegasse em Ribas do Rio Pardo, seguiria direto até Campo Grande.

Acordei as 5h30, na hora local (o fuso começando a complicar minha vida), queria ter levantado uma hora mais cedo, mas estava numa pousada e o café só seria servido as 6h00 (7h00 em São Paulo), portanto de nada adiantaria acordar cedo. Então levantei, ajeitei as tralhas, tomei café e cai na estrada, as sete horas da manhã (oito na de sampa, que bagunça) estava num posto de gasolina na saída da cidade, onde aproveitei para encher minhas

garrafinhas com água gelada.

Pedalei mais um pouco e cheguei ao Rio Verde que beira a cidade de Água Clara, como ainda havia sinal de celular, dei minhas twittadas matinais e registrei o sol que tentava surgir entre as nuvens. Bom sinal, isso significava que teria alguns momentos de sombra durante a viagem. Seria uma corrida pelo sol que estava nascendo nas minhas costas e iria se pôr no meu destino. A estrada tinha acostamento praticamente em quase todo trajeto até Campo Grande, e pra variar, os motoristas inconsequentes faziam a festa, já que não encontrei na estrada nenhuma fiscalização e muito menos o bom senso por parte da maioria dos motoristas. Por pouco não virei paçoca quando um caminhão cegonha descarregado, que vinha no sentido contrário, tentou ultrapassar outro caminhão, ignorando um carro que vinha atrás de mim.

Esse outro carro foi obrigado a invadir o acostamento para evitar uma tragédia. Questão de segundos na relação tempo espaço, eu estaria justamente no ponto em que o carro invadiu o acostamento, entre colidir de frente com o caminhão e um ciclista no acostamento, adivinhem qual seria sua escolha? Por isso não concordo com essa história de que pedalar é perigoso, perigoso é dirigir!

Cheguei a Ribas do Rio Pardo as 13h00 locais, almocei num restaurante bem legal, descansei um pouco e as 14h30 saí rumo a Campo Grande. A corrida seria rumo ao sol que seguia para oeste e enquanto eu visse o sol estaria feliz, valeria a pena chegar a Campo Grande mesmo de noite, pois lá teria uma cama confortável na casa do Luis Guilherme, ciclista que conheci numa das viagens que eu fiz para Curitiba. Sem falar nos ciclistas que eu conheci pela internet já durante a viagem, que ficaram me acompanhando pelo Blog e pelo rastreador, portanto já sabia que teria uma excelente recepção ao chegar na cidade.

A fauna no trajeto já era bem mais rica do que havia encontrado até então. Descobri que, onde tem um tucano quase sempre tem uns pássaros dando "corre" neles. "Corre" é uma gíria usada no interior quando alguém ou um animal está fugindo, corre de cachorro, de onça, de passarinho. Durante a viagem havia presenciado uns três Tucanos levando corre de aves menores, Tucanos se alimentam de ovos e filhotes de outros pássaros, portanto quando um pássaro pequeno observa um Tucano por perto, não perde tempo e logo o coloca para correr.

Primeiro encontro com as grandes Emas

As seriemas eu já vinha observando desde São Paulo, seu grito característico

já reconhecia de longe e constantemente as via cruzando a rodovia, cantando no alto das cercas, no meio do cerrado, algumas infelizmente as encontrava estraçalhadas pela fúria motorizada. A novidade foram as Emas, passei a encontrá-las constantemente, assim que entrei no Mato Grosso do Sul, vi uma família atravessando a pista bem na minha frente, quase as atropelo. As Emas são da mesma família dos Avestruzes e das Seriemas. São menores que os Avestruzes, com cerca de 1,5 m de altura, mas bem maiores que as Seriemas que parecem super galinhas.

De Ribas até Campo Grande o GPS marcava 89 quilômetros e sabia que encontraria um posto de gasolina a cerca de 40 quilômetros de Ribas. A partir de então a água passou as ser um problema, sequei todas as minhas reservas e passei a repensar sobre o uso das águas dos riachos que cortavam a estrada, depois de uma longa descida, cheguei a um desses riachos, pensei em descer até ele mas perdi a coragem. Olhei no horizonte e avistei lá no alto o que parecia ser uma fazenda, pensei em pedalar até lá e pedir água, diferente do Estado de São Paulo quando você raramente tem que pedalar distâncias maiores que 40 quilômetros sem passar por uma cidade ou vila, sabia que de Mato Grosso do Sul em diante a distância entre trechos com civilização seriam maiores.

Subi a ladeira rumo a fazenda, mas para a minha surpresa, assim que me aproximei percebi que era o tal posto de Gasolina que me disseram haver no caminho a Campo Grande. Lá mandei pra dentro um isotônico, um guaraná com açaí e enchi minhas garrafas nos bebedouros de água gelada que quase todos os postos de estrada possuem. Faltavam 51 quilômetros até Campo Grande e logo que saí do posto peguei um vento a favor que trouxe motivação extra, pedalei muito forte e venci, em pouco mais de meia hora, os primeiros 20 quilômetros. Como uma forma de superar o lado psicológico e não desanimar com a longa distância que restava, passei a criar metas intermediárias e naquele dia passei a ir em busca da placa que indicasse o número 300, pois sabia que de lá faltariam uns 25 quilômetros para a cidade.

A essa altura sabia que teria que pedalar de noite, observava o sol no horizonte e era como se eu pedalasse ao seu encontro, quando finalmente encontrei a tal placa dos 300 quilômetros a alegria logo deu lugar ao cansaço e a partir de então passei a me rastejar pelos últimos 25 quilômetros, pudera, já havia pedalado uns 170 até aquele ponto. Escureceu, liguei os piscas da magrela e segui pedalando bem devagar, qualquer mínima inclinação na via era um martírio. O odômetro do GPS marcava quase 180 km e nada de avistar Campo Grande, meu celular estava desligado faz tempo pois estava com medo de ficar sem bateria, então o liguei e observei que havia sinal, o que significava que me aproximava da cidade. Acessei o Google Maps e observei que estava ao lado de um autódromo, mas ainda faltava um bocado para o perímetro urbano.

Pra complicar meu pneu traseiro furou e como não avistava nenhum ponto de luz próximo, resolvi encher o suficiente para chegar pedalando até um ponto iluminado na estrada. Em uma dessas paradas para calibrar o pneu a bicicleta tombou e ao tentar levantá-la passei a sentir câimbras em tudo que é músculo do meu corpo. Com calma, ergui a bike, terminei de encher o pneu e segui na estrada, de repente ouço um "ANDRÉ!" Era o Yanko, o morador de

Campo Grande que estava me acompanhando pelo blog, quando ele viu no rastreador que eu estava no Posto de Gasolina, pegou a bicicleta e partiu para me encontrar na estrada. Aproveitei sua presença e consertei o pneu ali mesmo, descobri que o causador do problema era um ridículo caco de vidro.

Pedalei os últimos quilômetros, cheguei a Campo Grande e logo segui rumo a casa do Guilherme, o brother que conheci em Curitiba e antes mesmo de sair de São Paulo me disse para ficar na casa dos pais dele. Ele estudava em Florianópolis e tinha ido para Curitiba participar de um dos "Bondes para Curitiba" que organizei. Conheci-o pessoalmente durante a descida da Estrada da Graciosa, mas confesso que nem lembrava do rosto dele, até porque são tantas as pessoas que converso nesses eventos que é necessário ocorrer algo significativo para me lembrar posteriormente da pessoa, ou revê-la numa outra situação.

Depois desse evento, trocamos algumas mensagens pela internet e só, mas quando fiz o anúncio da viagem em meu blog, ele foi um dos primeiros a mandar mensagem oferecendo apoio durante minha passagem pela cidade. Nessas horas, mesmo não sendo religioso, tenho que agradecer aos anjos vivos que aparecem nas nossas vidas de vez em quando. Cheguei a casa do Guilherme e fui recebido pelos seus pais, tive um papo maravilhoso com seu Antônio, uma pessoa que conhecia o Pantanal como poucos, tomamos uma cerveja gelada e tive uma excelente noite de descanso, pois não foi nada fácil encarar esse Audax de 200 quilômetros.

Pedalando rumo ao sol - MS

2.5 – EM CAMPO GRANDE, PLANEJANDO A TRAVESSIA DO PANTANAL

Cheguei a Campo Grande e fiquei hospedado na casa do Guilherme. Infelizmente ele estava em época de provas da faculdade e só iria chegar quando eu já estivesse dentro do Pantanal, mas fui recebido pelos seus pais e seu irmão. Seu Antônio, (pai do Guilherme) trabalha com alimentação animal, conhecia várias fazendas do Pantanal e me deu várias dicas. Era inevitável a apreensão de todos quando contava a minha ideia de atravessar o Pantanal sozinho, todos que não pedalavam, diziam ser uma loucura, que eu não iria conseguir, que os riscos eram enormes. Mas queria ouvir a opinião de ciclistas que já se aventuraram pelo Pantanal e com certeza seria em Campo Grande que iria encontra-los.

Na dúvida SEMPRE fale com ciclistas, não importa se o cara é um trilheiro que pedala bike de 10 mil reais ou aquele tiozão da barra forte que vai pra roça de bicicleta. Ambos lhe darão as melhores dicas, só eles vão dizer se o trecho é realmente montanhoso, se dá para pedalar, se vai encontrar muito areião. Nessa minha viagem, 95% do que os ciclistas me diziam era exatamente o que encontrava pela frente. Já apenas 10% do que os "não ciclistas" me diziam ficava próximo da realidade. As conversas com o pai do Guilherme foram ótimas, mas me deixaram com muito medo, ele sugeriu uma alternativa mais fácil, pedalar até Aquidauana e de lá seguir pela rodovia BR 262 até Corumbá, cidade divisa com a Bolívia, a única estrada asfaltada que cruza o Pantanal. De Corumbá, eu poderia pegar uma Chalana (barco) e subir o Rio Paraguai até o Porto Jofre, já no estado do Mato Grosso e de lá pedalar pela Transpantaneira, até Poconé.

Outra opção seria fazer o trajeto que o Yanko havia feito em julho de 2010, ele e mais um amigo cruzaram o Pantanal por dentro das fazendas, eles literalmente desbravaram o Pantanal, possuíam apenas coordenadas de algumas fazendas, pedalavam até uma e lá pediam informações de como chegar até a próxima. Foram pedalando de fazenda em fazenda até chegarem no Porto Jofre, a vantagem é que estavam em dois, muito mais seguro do que pedalar sozinho, mesmo assim foi uma aventura épica.

Yanko e seu amigo pretendiam sair no Porto Jofre, cruzar o rio Cuiabá e seguir a Transpantaneira. Para isso, eles teriam que sair na Fazenda São Bento que o pessoal chamava aqui de "criação de onça", isso porque, segundo as lendas urbanas, essa fazenda foi comprada por ecologistas franceses que abandonaram a criação de gado e a transformaram numa mini reserva, deixando o gado viver de forma selvagem para servir de alimento para as onças. Durante a viagem deles, foram desaconselhados pelos pantaneiros a seguir até essa fazenda e os mandaram até a Fazenda Recreio, pois essa tem um porto a 30 quilômetros a oeste do Porto Jofre. De lá contrataram um barqueiro que os levou até o Jofre e seguiram pela Transpantaneira, já em Mato Grosso.

Minha estadia em Campo Grande durou seis dias e começou a bater o medo. Medo não, quase desespero! Pior que o Yanko, enquanto me explicava o caminho e me mostrava no mapa os trechos próximos aos rios enquanto narrava seu pânico ao passar por ali, o que me deixava ainda mais aterrorizado. Um dia conversei por telefone com o Guilherme, meu anfitrião em Campo Grande, ele ainda estava em Florianópolis. Disse que estava pensando em seguir pela rota sugerida pelo seu pai até Corumbá, mas ele me encorajou e disse para ir pelo meio do Pantanal, deu a maior força, que apesar das dificuldades eu conseguiria. Sem dúvidas essa conversa me deu novo ânimo, quanto maior a dificuldade mais valor daria para minha conquista.

Pretendia partir no sábado, mas preferi passar o final de semana em Campo Grande, assim poderia visitar o Cantinho do Tereré, um local onde um grupo de cicloturistas da cidade se reuniam semanalmente para trocar figurinhas sobre suas cicloviagens. Como os pais do Guilherme iriam passar o sábado numa festa na casa de amigos, preferi me despedir deles e fiquei o final de semana na casa do Yanko, assim teria tempo de sobra para conversar com os cicloturistas de Campo Grande e terminar o planejamento da minha travessia do Pantanal.

Sábado de manhã seguimos eu e o Yanko até o Cantinho do Tereré, lá eu conheci o Cesão, Washington e o João, os três já haviam pedalado pelo Pantanal diversas vezes, sendo que o Cesão (Peregrino do Pantanal) foi um dos poucos que atravessaram o Pantanal sozinho, não pela rota que eu pretendia, mas por uma rota que ligava Campo Grande até Corumbá onde não havia a necessidade de travessia de um grande rio. Os três têm histórias divertidíssimas para contar e a brincadeira começava com a profissão de cada um, o Cesão que era sargento do exército valorizava sua patente se passando por Major, o Washington trabalha com análises clínicas era apresentado pelos amigos como médico, já o João, corretor de imóveis, na estrada virava é empresário.

Numa de suas viagens, graças a hospitalidade comum a maioria dos cicloturistas, foram convidados a dormirem num resort lotado de gringos no Pantanal. Estavam os três tirando onda, contando histórias, comendo e bebendo de graça quando uma hóspede fala para o Washington, "Oi Doutor, quer dizer que somos companheiros de profissão?" Nem preciso falar a saia justa pro hipocondríaco com jeitão de doutor.

Entre muitas histórias, levei a eles a minha apreensão de atravessar sozinho o Pantanal depois de tanto terror que colocaram em mim. Até então, o único acidente envolvendo ataque de animais que eu conhecia era uma história recente de uma onça que pulou no barco de turistas e pegou um adolescente, isso em Cáceres (MT). Mas incrivelmente quanto mais você se aproxima de uma localidade, mais histórias vêm à tona, o difícil era

O "Cantinho do Tereré", muito bom

diferenciar as histórias reais das lendas urbanas. Entre as lendas havia uma de que até ciclistas já foram vítimas de ataques de onça, a história que parecia ter mais veracidade era a de três ciclistas que acamparam na Estrada Parque que liga o Buraco da Piranha a Corumbá. Segundo contam, eles acamparam num canto da estrada, pois não queriam gastar dinheiro com hospedagens na região, mesmo estando ao lado de um hotel, no meio da noite uma onça destruiu a barraca deles, atacando e matando um dos ciclistas.

Naquele dia não consegui conversar muito com o Cesão, o mais experiente de todos, pois ele tinha um compromisso, por isso combinamos de tomar um tereré na casa dele no dia seguinte (domingo), assim ele poderia me ajudar com mais dicas. No domingo lá fomos nós para a casa dele e a roda de Tereré rendeu, o Cesão alertava que sempre há riscos, mas como ele dizia "Quem conhece o inimigo não perde a guerra". A dica foi simples, as onças (o que considerava ser o maior perigo do Pantanal) tem hábitos noturnos, no final da tarde elas saem para caçar e voltam para as tocas no início da manhã, portanto se eu terminasse meu pedal até umas 16h00, dificilmente teria problemas.

Outra característica importante, as onças costumam viver próximas aos grandes rios do Pantanal, o que não são muitos principalmente nessa época de seca, as margens dos rios geralmente são bem protegidas por matas fechadas, portanto deveria ter minha atenção redobrada nesses locais. Caso eu fosse obrigado a acampar no meio do mato, teria que procurar uma área descampada, fazer uma fogueira, dormindo longe da mata. Também deveria ter uma preocupação redobrada com a fogueira durante toda noite, o sono deveria ser leve, pois a todo momento deveria alimentar a fogueira. Uma onça não sairá da sua área para atacar no meio de um pasto e uma fogueira afugentaria qualquer animal.

Estamos falando da onça pintada, animal grande que fica próximo aos rios, uma onça pintada tem força para matar um boi, portanto um homem vira um boneco na mão dela. Mais afastado dos rios é comum encontrarmos as onças pardas (ou pardinhas como os pantaneiros a chamam). As pardinhas são bem menores e tem mais medo dos homens e atacam no máximo bezerros, a diferença é que elas costumam andar em pares, diferente das pintadas que geralmente caçam sozinhas ou acompanhadas dos filhotes.

Roda de Tereré na casa do Cesão (regata preta)

Mas meu pavor de verdade era encontrar um filhote de onça pintada, aí sim eu deveria ficar apavorado, pois se avistasse um filhote significaria que a mãe estava por perto e se ela me considerasse uma ameaça, tudo mesmo poderia acontecer. A época de procriação das onças são os meses de junho e julho, mas só soube disso depois que saí do Pantanal, se soubesse antes teria o cruzado com menos pavor.

Mas os perigos do Pantanal não se resumem as onças, há também as cobras, principalmente a boca de sapo, uma cobra pequena e muito venenosa, Pantaneiro que calça a bota sem conferir se tem algo dentro está pedindo para morrer. Agora sobre a bike as chances de eu ter problema com isso eram pequenas, isso é problema para os caminhantes. Foram muitas as dicas, algumas deixarei para contar durante o relato da travessia do Pantanal. A estada em Campo Grande foi riquíssima, a cidade é linda e seu povo maravilhoso, tinha certeza que estava muito bem preparado para encarar o Pantanal, já conhecia o inimigo, portanto vencer a só dependia de mim vencer a guerra.

2.6 – PARTINDO DE CAMPO GRANDE, OS ÚLTIMOS PREPARATIVOS

Depois que deixamos a casa do Cesão, seguimos pedalando até a casa do Washington, o "hipocondríaco" da turma. Quando ficou sabendo que eu não estava levando nenhum remédio o cara quase enfartou, queria que eu passasse na sua casa para me dar alguns remédios para o caso de emergências. Já não gosto de tomar remédio prescrito por médico, pior ainda me auto medicar, mesmo assim achei importante ter alguns remédios para casos de extrema necessidade, por isso aceitei sua gentileza, até porque meu lema era aceitar tudo que me oferecessem.

Como não sei me automedicar, anotei no celular o nome de cada remédio e para o que ele servia, tinha remédio para cólicas, alergia, analgésico com e sem anti-inflamatório, antitérmico, remédio para diarreia, antibióticos e uns sais para casos de desidratação, esses sim, os que eu considerava mais importantes. Queria comprar um "Específico-Pessoa", um remédio famoso no Pantanal que é usado para picadas de cobras, aranhas em geral. Não é um soro, mas um remédio que pode minimizar os efeitos de uma picada venenosa, dando tempo para quem foi picado receber atendimento médico e até mesmo ter acesso ao soro. No Pantanal não há cidades, postos de saúde, vilas, essas coisas, se eu tivesse um problema grave lá, teria que ser resgatado de trator ou helicóptero e receber ajuda em alguma cidade do entorno, o que levaria de horas a dias, dependendo de onde me encontrasse.

Falando nisso, como o Cesão era sargento do exército, coloquei-o como um dos contatos de emergência do meu rastreador que além de mandar minhas coordenadas em tempo real para um site, possuía também funções importantes para a minha segurança. No rastreador havia quatro botões, no centro dois maiores, um com a função liga/desliga e outro escrito "OK". Clicando nesse último uma vez, eu enviava o "Estou aqui", uma mensagem para uma relação de emails e telefones de pessoas que cadastrei previamente no site do equipamento, com um texto (que poderia alterar via site) além das minhas coordenadas. Essa mensagem também era publicada no meu Twitter e Facebook. Usava esse botão mais para alertar as pessoas que me acompanhavam quando iniciava ou encerrava um pedal.

Esse mesmo botão do "Estou Aqui", quando eu pressionava por 2 segundos ativava o "Siga-me", quando ativado, o rastreador mandava minhas coordenadas para um site via satélite, esse rastreador era independente do celular, bastava estar numa área aberta para ele

Meu "painel de controle". Em laranja o rastreador

junto com as autoridades da região.

enviar um sinal. Com essa função ligada qualquer pessoa com acesso à internet poderia saber exatamente minha posição a cada 30 minutos.

O Rastreador possuía mais dois botões, o Help e o 911, se eu clicasse o Help uma relação de contatos que eu cadastrei no site passariam a receber mensagens por email ou torpedos de 10 em 10 minutos. Foi nessa relação que eu incluí o email e o celular do Cesão, caso ele recebesse essa mensagem significaria que estava com sérios problemas. Já se eu clicasse o 911, uma central nos Estados Unidos faria uma ligação para um telefone que eu cadastrei no site e se essa pessoa confirmasse que eu poderia estar em perigo, essa mesma central passaria a coordenar um resgate,

Colocar o Cesão como uma das pessoas que receberiam essa mensagem por email ou torpedo em caso de emergência foi uma forma de agilizar um possível resgate, pois ele era sargento do exército e trabalha justamente no batalhão que é responsável pelos resgates que ocorrem no Pantanal, com minhas coordenadas em mãos eles poderiam me achar em questão de minutos, o que poderia ser a diferença entre salvar ou não a minha vida. No dia do Tereré na casa do Cesão, ele contou a história de um resgate recente que havia ocorrido no meio do Pantanal, de uma mulher que foi picada por uma cobra e estava no meio de uma fazenda. A maioria das fazendas do Pantanal tem telefones, mas caso algo me ocorresse no deslocamento entre as fazendas, dependendo da situação eu poderia não ter tempo para chegar à próxima fazenda, nesse caso o rastreador seria importantíssimo.

Estava pronto para a minha partida, saí por volta das 9h00 da manhã da casa do Yanko, mas antes da saída, recebi mais um presente. O João, um dos três cicloturistas da turma do Cesão, me presenteou com um garrafão de 5 litros de água, desses que os caminhoneiros costumam levar em suas viagens. Confesso que de início não achei que aquele trambolho me ajudaria, seriam mais 5 quilos de peso com ele cheio. Até então contava apenas com três caramanholas que juntas não davam 2 litros de água, até aquele dia, apenas em um momento da viagem fiquei sem água, por isso achava o garrafão um exagero, mesmo assim aceitei, mal sabia que ele praticamente salvou minha vida.

Coloquei-o deitado sobre o meu bagageiro dianteiro, encaixou perfeitamente, enchi de água gelada, coloquei até umas pedras de gelo e fui embora. A forma que ele ficou instalado foi bem interessante, pois eu só precisava parar, tirar o copo de proteção, abrir um pouco e logo escorria uma água geladinha. Agora sim estava pronto, o Yanko iria me acompanhar

por uma parte do trajeto e lá fomos nós, definitivamente, rumo ao Pantanal.

2.7 - DE ONDE VEM A MINHA ENERGIA!

Não acredito em mudanças súbitas, não acredito em messias, em salvadores da pátria, que dependemos de um "grande líder" para fazer com que nossas vidas melhorem. Acredito nas mudanças lentas, na construção de uma base sólida, na democratização e disseminação da informação, pois acesso irrestrito e igual da informação a toda a população é o que fará nossas vidas mudarem para melhor de forma natural.

Não acredito nessa geração que está no poder, movidos pela ganância e por esse capitalismo selvagem que em busca do lucro, destroem tudo a sua volta. O fazem mesmo sabendo que essa destruição alterará drasticamente o meio ambiente, colocando vidas em risco. Mas não se preocupam, pois acreditam que seu poder financeiro irá protegê-los dos grandes desastres.

Acredito na geração que estamos preparando, ela será bem menos egocêntrica, terá muito menos ganância, pensará mais no coletivo e buscará usar a informação para poder coexistir sem destruir nosso meio ambiente, se necessário, abrindo mão de um benefício em troca do bem estar de toda uma sociedade.

Acredito demais na próxima geração, que terá muito mais facilidade do que nós para convencer as pessoas que temos que fazer algo já, não só para continuar vivendo nesse planeta, mas para viver em paz e harmonia, mesmo sem muito dinheiro, sem ter que consumir tanto, sem ter que destruir nada.

Minha partida rumo ao Pantanal começou com uma entrevista para a TV Morena de MS. Eles foram ao meu encontro na saída da cidade, lá entrevistaram a mim e ao Yanko. Fizeram uma matéria bem bacana que foi retransmitida para todo o Mato Grosso do Sul no Globo Esporte regional. Após a entrevista, o Yanko ainda pedalou mais uns 15 quilômetros comigo, até pararmos numa tenda de fruta para tomar um tereré, depois da despedida segui o meu rumo enquanto ele voltava para casa.

Antes de sair ele me deu uma super dica, alguns quilômetros adiante encontraria uma escola no distrito de Aguão, pertencente ao município de Campo Grande e lá poderia pegar água geladinha caso a escola estivesse aberta. Muito comum em regiões quentes é a instalação de bebedouros de água gelada (igual ao dos que encontrava nos postos de gasolinas) para as crianças se manterem hidratadas. Depois dessa dica eu parava em todas as escolas que encontrava pelo caminho, excelente ponto para abastecimento de água e comida.

Cheguei à escola e encontrei um bebedouro bem geladinho, pedi para abastecer de água e logo começou o bate papo bem agradável, como ocorre sempre que encontro pessoas na estrada. Não demorou para me ofereceram um prato de comida que obviamente não recusei. Mais tarde a garotada da escola saiu para o intervalo e começou um papo ainda mais agradável, em todas minhas viagens causo fascínio na garotada. Eu não (quanta

Me despedindo do Yanko, mais tereré antes de partir sozinho rumo ao Pantanal

pretensão), mas minha bicicleta, ela sim faz um enorme sucesso entre crianças e adolescentes. A bicicleta é o sonho de 9 em cada 10 crianças, eles devem me ver e logo se imaginam naquela situação, desbravando esse mundão de uma forma simples, fácil e muito próxima a realidade deles.

Esse é o poder da bicicleta.

Depois do papo a turma voltou para as classes e numa sala próxima, que devia estar sem aula, a molecada começou a se esgueirar na porta enquanto eu arrumava algo na bicicleta. De repente, um garoto saiu da sala e veio com uma folha de papel na mão, pedindo para eu assinar. Logo veio outro jovem, depois mais outro, mais outro, quando percebi estava rodeado por uns 10 adolescentes, todos com papel ou cadernos nas mãos para eu autografar. Fiquei um bom tempo na escola, nem tinha vontade de ir embora, mas precisava seguir meu rumo, então me despedi da garotada, dos professores, dos funcionários da Escola e voltei para a carreteira (estrada).

Logo que saí achei uma mangueira carregada e parei para recarregar minha "dispensa". Mais adiante encontro um andarilho, eram umas 16h00 e ele me perguntou se Campo Grande estava longe. Estava a 40 quilômetros pelo menos e com certeza esse teria mais uma noite ao relento. Estava ficando tarde, parei de tirar fotos e me concentrei no pedal, consegui escapar de duas nuvens de chuva que estavam no meu caminho e já estava a poucos quilômetros de Corguinho (meu destino naquele dia), depois de uma longa subida avistei a cidade lá embaixo.

Dava para ver uma enorme (coloca enorme nisso) nuvem de chuva no caminho da cidade, então o objetivo era chegar a Corginho antes da chuva, pedalei rápido e fui direto para o ginásio da cidade para tentar dormir lá, essa foi uma dica do Yanko que conseguiu dormir ali quando estavam a caminho do Pantanal em sua viagem meses antes da minha, mas bastou entrar no ginásio para uma tempestade atingir a cidade. Essa era enorme e ficou mais de uma hora sobre a cidade e com muita água. Se fosse em São Paulo, com tanta área impermeabilizada, teria causado várias tragédias. Depois que passou, acabei encontrando o responsável pelo ginásio e me autorizou a dormir lá. Havia uma garotada jogando vôlei e ficaram por lá até as 21h00, só depois que foram pra casa consegui arrumar um canto para armar minha "cama" (armei minha rede pendurada em um dos gols), preparei minha janta e fui descansar.

Um dia maravilhoso, o contato com a molecada na escola foi um verdadeiro elixir, mas já era

hora de descansar, pois o dia seguinte seria bem intenso, estava cada vez mais perto do meu primeiro grande desafio, o Pantanal.

Mais versatilidade do que isso impossível

Alunos de uma escola pública de Aguão - MS

2.8 – UMA PITADA DE IRRESPONSABILIDADE

Desde a cidade de Rochedo (80 km de Campo Grande/MS), perdi totalmente o sinal do meu celular. Até então eu perdia o sinal nas estradas, mas ao chegar nas cidades sempre havia sinal da TIM, minha operadora durante a viagem, já a partir dessa cidade, quando havia algum sinal era quase sempre é da Vivo. Se tivesse planejado minha viagem, teria levado dois chips poucas vezes ficaria desconectado. Amanheceu o dia em Corguinho e antes de sair comecei a procurar alguma maneira de atualizar o meu blog, fui até uma Lan House, mas o Wifi estava com defeito. O rapaz da Lan deu a dica de tentar "roubar" o sinal da prefeitura, fui até lá e nada feito também. Sabia que iria ficar vários dias dentro do Pantanal, sem nenhuma conexão para poder atualizar o meu blog, mas queria ao menos mandar um texto de despedida para o pessoal que estava me acompanhando, mas tive que considerar a possibilidade de não encontrar conexão antes de entrar no Pantanal.

Saí de Corguinho por volta das 8h00 da manhã, como não tive sucesso na tentativa de conexão com a internet, resolvi tocar até Rio Negro (última cidade antes do Pantanal) e lá tentar acessar alguma Lan House, só que devido a correria esqueci o mais importante, a água. Estava praticamente a seco, só percebi que estava sem água depois de ter me afastado uns 10 quilômetros de Corguinho. Pensei em parar em alguns córregos, mas devido à chuva do dia anterior a água estava lamacenta e nada de fazendas próximo da estrada, portanto nada de água.

Depois de 10 quilômetros vejo um pequeno Tatu Peba cruzando a estrada, eles caminham devagar, de cor cinza acabam se confundindo com o asfalto. Esse fator, aliado a alta velocidade praticada pela maioria dos motoristas é a causa da enorme quantidade de carcaças que costumo encontrar durante minhas viagem. Enquanto contemplava o Tatu, surgiu um motoqueiro que parou e pegou o Tatu para eu tirar uma foto, esse motoqueiro disse haver um vilarejo a 10 quilômetros de Rio Negro, mas entendi tudo errado, achei que havia uma vila a 10 quilômetros de onde eu estava e achei que logo encontraria água.

Um Tatu Peba que sobreviveu a uma travessia da estrada

O trajeto nesse trecho é cheio de altos e baixos, uma espécie de serra que beira o Pantanal, com a altitude variando entre 300 e 500 metros. Esse sobe e desce, aliado ao calor infernal, começou a fazer efeito, passei a sentir sintomas de desidratação. Depois de muitos rios sujos de lama, finalmente encontrei um córrego bem limpo, o odômetro marcava 40 quilômetros, devia estar próximo ao vilarejo que o motoqueiro falou, já que de Corguinho a Rio Negro são 50 quilômetros, mas na dúvida parei no córrego para me refrescar.

O rio era bem raso, deitei no leito do rio e a água não me cobria, apenas me refrescava, uma delícia, até bebi um pouco da água desse rio direto, sem tratar. Logo voltei para a estrada e passando a primeira subida avistei o retiro de uma fazenda. Não pensei duas vezes e parei para tentar ao menos pedir água, foi quando comecei a reconhecer o local. Um senhor me atendeu, convidou a entrar e puxou uma cadeira para eu sentar, perguntei seu nome e ele respondeu, era o seu Biruca.

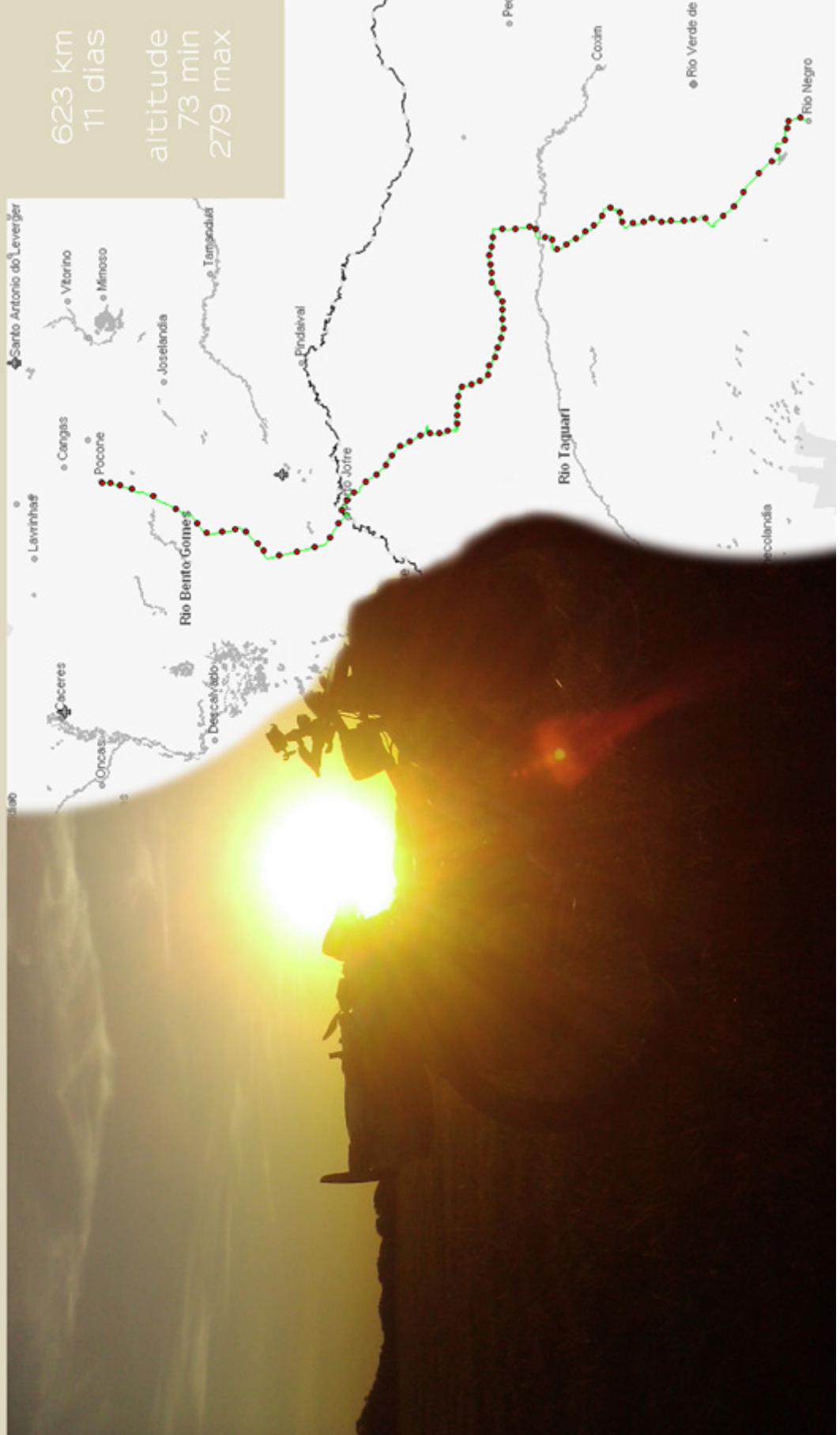
Quando saí de Campo Grande, o Yanko pediu para eu parar na casa do seu Biruca, um senhor de Rio Negro que deu pouso para ele em sua viagem ao Pantanal meses antes. Ele já estava sabendo que passaria por lá, pois como o Yanko estava me acompanhando pelo rastreador, notou que estava próximo e ligou para ele avisando da minha chegada. Bem no momento que cheguei, seu Biruca e sua esposa tiveram que sair e me deixaram com seu filho Bruno e sua filha Kaillany na casa. Pediram para eu descansar na casa deles e pedalar só no dia seguinte e mais uma vez foi impossível resistir ao convite.

Deixaram uns miojos e alguns legumes para eu preparar minha comida, os turbinei com dois ovos e mandei ver no meu almoço. Mais tarde, quando seu Biruca retornou, eu e o Bruno fomos até a cabeceira do Rio Negro que fica dentro da fazenda deles, bem perto daquele riacho onde havia parado para me refrescar. Quando estava me refrescando no córrego, ouvi um barulho de água correndo e imaginei haver algo perto, mas não imaginava o quão bonito seria. Pena que devido às chuvas, o rio estava muito barrento e não entramos na água. Ali era um garimpo e hoje apenas um belo rio, enquanto passeávamos pelo rio a procura de sucuris, o Bruno me mostrava (e recolhia) o lixo que jogavam no Rio. Ele me contou que tempos atrás eles deixavam a porteira aberta para o pessoal da região curtir a cachoeira aos finais de semana. Infelizmente eles tiveram que proibir o acesso devido a total falta de higiene e consciência ambiental do povo que visitava o local.

Voltamos no final da tarde, depois de um delicioso jantar, armei minha rede na varanda da casa deles. Já não tinha nenhum sintoma de insolação ou desidratação, estava recuperado e pronto para pedalar, do dia seguinte não passaria, finalmente entraria em território do Pantanal, onde minha aventura pelo Brasil iria começar de verdade.

Passeio com o Bruno pela cabeceira do Rio Negro

Refresco em córrego na chegada de Rio Negro - MS



3 – A TRAVESSIA DO PANTANAL

O Pantanal, uma das maiores extensões secas, contínuas do planeta, situada no meio da América do Sul, local que um dia já foi oceano. Um grande pântano com cerca de 250 mil km2 com altitude média de 100 metros acima do nível do mar. Podemos dizer que o Pantanal é uma grande mesa de madeira rústica um pouco desnivelada. Se você jogar água nessa mesa, ela primeiro irá se espalhar por toda a mesa, preenchendo seus sulcos e depois irá "vazar" para a parte mais baixa e quanto mais leve for esse desnível, mais lentamente essa água irá vazar. É exatamente isso que ocorre no Pantanal em épocas de cheias.

Com as fortes chuvas na cabeceira do Rio Paraguai, além das chuvas em todo centro-oeste brasileiro, provocados pela Zona de Convergência do Atlântico Sul, seu terreno arenoso vai ficando úmido e encharcando, o nível do rio vai aumentando e vazando, fazendo com que as águas escorram a planície sentido leste, enchendo as vazantes e os grandes lagos do Pantanal. Do lado brasileiro, há uma grande cadeia de montanhas com altitudes de até 600 metros, desde Aquidauana, passando pela região de Campo Grande, Rio Verde, até Rondonópolis que se segue até a Chapada dos Guimarães, formando uma divisa natural do Pantanal com o resto do Cerrado.

A vegetação do Pantanal é característica de Cerrado, árvores menores, retorcidas, resistentes as altas temperaturas e pouca água. Apesar das imagens de grandes rios e lagos, que estamos acostumados a ver do Pantanal, as cheias ocorrem uma vez por ano e por um período relativamente curto, cerca de dois meses no máximo. O solo do Pantanal é arenoso, parece aquela areia branca de praia, um solo que inviabiliza a agricultura tradicional já que apenas vegetação nativa da região (típica de cerrado) consegue resistir, muito se deve a essa sazonalidade entre cheias e secas que movimenta as águas e carrega nutrientes, fazendo aquele solo arenoso ser

"Areião", uma constante durante a travessia do Pantanal

de alguma forma fértil.

Ocorre que esse equilíbrio depende demais da estabilidade do clima, principalmente das chuvas que são formadas na região amazônica. O grande risco é que as queimadas da Amazônia alterem as estações de chuvas, se passarmos uma temporada sem grandes volumes de chuva na região, corremos o risco do Pantanal virar um grande deserto, causando um desastre ecológico sem tamanho.

Já a fauna do Pantanal não há palavras. Rica em aves, mamíferos, répteis, andar pelo Pantanal é como se você estivesse num safári, apesar de vermos muito gado para todos os lados, é comum ver entre eles grandes Tuiuiús, aves com mais de um metro de altura, tamanduás, emas, seriemas. Impossível realizar uma caminhada de poucos quilômetros sem dar de frente com algum tipo de animal silvestre.

O Pantanal é todo recortado por fazendas, não há vilas, bairros, apenas grandes fazendas de gado, isso graças ao fato de haver muita pastagem natural. As características das fazendas são sempre as mesmas, todas têm uma sede onde ficam os Pantaneiros, os habitantes do Pantanal. Ao chegar à sede de uma fazenda, provavelmente você encontrará a casa sede, do dono da fazenda (que raramente mora no local), a casa do Capataz (quem realmente vive no Pantanal, geralmente com mulher e filhos) o principal responsável por toda a fazenda, além da casa dos peões.

Tirando os capatazes, a maioria dos Pantaneiros que trabalham no Pantanal, moram em cidades do entorno e só vão para lá trabalhar de forma temporária. Nesse caso essa casa dos peões é a sua moradia, algumas têm camas, ventiladores, mas a maioria é bem simples, com sorte no banheiro há um vaso, cano na parede de onde vem a água do banho e uma cobertura com vários ganchos para redes. E era nessas casas que eu passava minhas noites, geralmente junto com os peões que trabalhavam nas fazendas. Algumas fazendas de tão grandes que eram, precisam de retiros, que nada mais é do que outra casa com outro Capataz e uma casa dos peões, só que essa sem a casa sede. Em algumas fazendas, a distância entre o Retiro e a sede passa de 20 quilômetros.

Eu tinha no meu GPS as coordenadas de cada fazenda que o Yanko passou em sua viagem pelo Pantanal, não tinha a rota traçada, apenas sabia a distância em linha reta até meu próximo destino, portanto eu deveria pedalar até uma fazenda e lá me informar qual o melhor trajeto para chegar a próxima. Apesar de ter barraca, eu deveria evitar ao máximo acampar no Pantanal pois onças e cobras tem hábitos noturnos. Se fosse necessário acampar, teria que procurar algum lugar descampado e nunca próximo da mata. Deveria ascender uma fogueira e alimentá-la a noite inteira, conforme já disse anteriormente.

Mas meu plano era o de chegar em uma fazenda, no máximo até as 16h00, lá eu pediria pouso que dificilmente seria negado. Chegando nesse horário, teria tempo de arrumar um canto para dormir, tomar banho, escrever os textos do blog e fazer comida quando necessário. Com o Pantanal devidamente estudado e com a travessia planejada, era hora de invadir de vez um dos lugares mais espetaculares do mundo!

3.1 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 1 – MUITOS BICHOS

Me despedindo do seu Biruca, com o presente que ganhei do seu filho bruno

Dormi numa rede na varanda da casa do seu Biruca, como é gostoso dormir ao ar livre quando não tem mosquito, vento ou chuva, quem dera se todas as noites fossem assim. A casa do seu Biruca fica a 11 km de Rio Negro e esses seriam meus últimos quilômetros de asfalto, antes de sair ganhei dois presentes, uma garrafa congelada de suco de Acerola concentrado e um facão. Apesar de ter sido entregue pelo seu Biruca, tenho certeza que foi ideia do Bruno que infelizmente não tive oportunidade de me despedir na bike, pois ele teve que ir para a escola antes da minha saída.

A viagem estava como eu queria, contava apenas com a solidariedade das pessoas. No meu bolso apenas 20 reais e a dúvida de onde gastar, na compra de um facão ou comprando pilhas para o GPS? Não ter nenhuma arma para um caso de emergência ou ficar sem bateria no meio do Pantanal e me perder? Ainda bem que o Bruno acabou com minha dúvida com seu maravilhoso presente.

Na bagagem haviam vários pacotes de miojo, minha única fonte de alimento, se acabasse teria que me virar. O garrafão de água que ganhei do João em Campo Grande está sendo um dos melhores presentes até então, um bom reservatório de água, ideal para percorrer longos trechos sem nenhuma infraestrutura, com poucos pontos de abastecimento e pra piorar, extremamente quente.

Um grande tamanduá-bandeira que avistei logo que saí da casa do seu Biruca

Me despedi do seu Biruca, da sua mulher Ilza, da linda Kaillany e caí na estrada. Conhecer essa família é mais uma das bênçãos que só uma cicloviagem como essa pode proporcionar. Logo que entrei no asfalto avistei algo diferente num pasto ao lado da pista, parecia um cupinzeiro, mas como se movia, resolvi conferir o que era aquilo. Pulei a cerca, entrei no pasto e me aproximei de um enorme e lindo Tamanduá Bandeira, consegui chegar bem perto dele, a cerca de 5 metros e tirei algumas fotos. Para tirar fotos de animais no Pantanal, só assim, chegando o mais perto possível.

Isso porque a minha máquina digital de 12 megapixels que havia comprado para a viagem pifou no dia anterior. Para arrumá-la, eu deveria voltar a Campo Grande, mas estava longe da cidade, sem dinheiro e muito atrasado no cronograma, pois não pretendia passar o meu Natal dentro do Pantanal. Tive que me contentar em registrar o Pantanal com meus dois celulares, tirando fotos de apenas 5 megapixels. E ainda sem zoom o que dificultaria demais as fotos de animais.

Cruzei a cidade de Rio Negro e logo entrei na estrada de terra, antes de entrar de vez no Pantanal parei no último posto de gasolina onde eu comprei as pilhas que precisava. Não posso esquecer o presente que ganhei do Yanko em Campo Grande, um carregador e duas pilhas recarregáveis para usar no GPS durante a travessia do Pantanal. Se achasse pontos de energia poderia recarregá-las, usaria as pilhas alcalinas apenas em caso de emergência. Ah, também ganhei da mulher do posto um pacote de doce de leite, outro presente que não deixou de ter sua utilidade. Segui descendo a serra até que finalmente estava na porta do Pantanal, até já havia pedalado 50 km e ainda era meio dia. Parei na Colonina, uma espécie de vilarejo que fica onde eles consideram a "franja" (ou borda) do Pantanal, lá enchi meu água e segui viagem.

O Pantanal é uma imensa planície com alguns "aterros", nome dado as estradas consideradas oficiais, pois são trechos literalmente aterrados, elevados, para que mesmo em épocas de cheias haja alguma maneira das pessoas se locomoverem. Meu plano no dia era de pedalar cerca de 50 quilômetros nessa via aterrada Pantanal a dentro e procurar dormir em alguma das fazendas na beira dessa estrada e só no dia seguinte seguir pelas trilhas sugeridas pelo Yanko, por dentro das fazendas.

Avistei ao longe 3 peões que deveriam trabalhar em alguma fazenda da região, parei para conversar e a primeira pergunta deles não poderia ser outra: "Você não tem medo de onça?" Mais um que saiu de lá praguejando que eu iria virar caça mais adiante. E quantos animais! Apenas nesse trecho de 50 quilômetros de Pantanal vi mais bichos do que em toda viagem até então.

Apesar dos descampados formado pelos pastos das fazendas, as vezes passava por trechos de mata fechada. Ao chegar próximo de uma vazante, avistei várias capivaras, que ao me verem (diferente das que temos aqui no Rio Pinheiros em São Paulo) saíam em disparada para o meio do mato.

De relance olho para o lado numa clareira em um trecho de Cerradão e avisto um veadinho. Ele entra para o meio do mato e mais à frente cruza a estrada. Pedalando um pouco mais avisto uma das cenas mais lindas da viagem, de longe avistei um enorme Tuiuiú na beira da estrada, em frente a uma cerca que estava repleta de urubus. Ao me aproximar notei que aquele Tuiuiú estava protegendo o cadáver da sua parceira(o), sem permitir que os urubus o atacassem. Tuiuiús são aves que vivem em casais pelo resto da vida, quando um morre, o outro fica sozinho até a morte. Aquela cena me tocou profundamente, mais um momento de choro onde sofri por um sentimento de culpa que ainda me dominava. Ver aquele exemplo de amor e fidelidade não foi fácil, só me restava aprender com mais essa lição de vida que a viagem estava tentando me ensinar.

Voltando a viagem, o GPS dizia que a fazenda mais próxima estava a 12 quilômetros, depois havia a Fazenda Pindorama a mais 30. Quando cheguei na primeira, ainda eram 14h30 e resolvi seguir adiante, pois ainda tinha tempo de sobra até as 16h00, horário que coloquei como meta diária. No caminho peguei uma chuva rápida que serviu apenas para me dar mais energia, mas a frente havia uma tempestade com relâmpagos, logo após cruzar uma enorme ponte sobre uma vazante. Tentei seguir rumo a imensa nuvem que estava atravessando a estrada. Eu rumava para Noroeste e a chuva ia do Sul em direção ao Norte, mas o vento causado pela chuva era tão forte que me impedia de pedalar e o melhor a fazer foi esperar aquela chuva passar.

Havia uma pick-up parada logo após uma das milhares de pontes de madeira que existe no Pantanal, nela havia um senhor que estava pescando na vazante e veio conversar comigo. Ele achou muito estranha a minha forma de "aventura" e segundo ele, se isso fosse bom, haveria várias pessoas fazendo o que eu estava fazendo. Interessante a colocação dele, enquanto para mim, bom é aquilo que eu gosto de fazer e me dá prazer, para ele, bom é aquilo que todo mundo quer fazer. Muita gente tem uma enorme dificuldade em compreender que nem sempre o que é bom para um, necessariamente tem que ser bom para outros. Desculpe por ser diferente do senso comum.

A chuva diminuiu e segui em frente, a areia ficou mais compacta o que facilitou a minha vida, mas o tempo perdido esperando a chuva diminuir acabou me atrasando. Quando o relógio marcou 18h00 estava exatamente aonde deveria ser a fazenda Pindorama, mas não encontrei a entrada dela. Então segui mais 6 quilômetros até a fazenda Vitoria que também constava no GPS, agora eu tinha que dar um jeito de convencer os Pantaneiros a me darem pouso e não sabia bem como fazer, então fui pedalando até a sede (que ficava longe pra cacete da portaria).

Ao chegar, pedi abrigo para a noite e me mandaram para a casa dos Peões falar com uma pessoa que nem lembro mais o nome, mas era o Capataz da fazenda. Encontrei-o, pedi abrigo que não me foi negado, fui recebido com um misto de espanto e curiosidade pelos jovens pantaneiros que ali estavam, devia haver umas 10 pessoas, alguns mais velhos do que eu, mas a maioria não

deveria ter mais do que 20 anos. Estava com muita fome e não sabia como funcionava as coisas por lá, então perguntei se não haveria problema em fazer um prato de miojo e eles disseram que não. Aproveitei o pouco de luz do dia que ainda havia e comecei a armar minha cozinha móvel e a cada peça que eu tirava da mala, deixava a molecada impressionada.

No meu primeiro banho no Pantanal a água saía de um cano no alto da parede, chuveiro elétrico pra que? Era tão quente a água que saia dos canos, que um chuveiro não teria nenhuma utilidade. Logo após o banho me convidaram para comer e lá na sede conheci o filho do dono da fazenda, trocamos algumas ideias e depois segui para a casinha dos peões. Mais um aprendizado, jamais se deslocar a noite entre uma casa e outra sem uma lanterna na mão e sempre caminhar nas trilhas, evitar ao máximo caminhar no pasto. A noite as cobras saem para caçar e o risco de encontrar uma na trilha são enormes, portanto jamais caminhe de noite no Pantanal sem uma lanterna.

Também não precisei armar a barraca, arrumaram dois ganchos e coloquei minha rede dentro da área coberta. Nada de energia elétrica nessa fazenda, o (barulhento) gerador a diesel que é ligado as 18h00 e desligado por volta das 22h00, isso ajudou a dar um pouco de carga para as minhas pilhas recarregáveis. E assim foi minha primeira noite no Pantanal, bem cansativa, mas maravilhosa, mas mal tinha ideia do quanto seria difícil e complicada essa jornada.

Tuiuiú protegendo sua parceira morta no Pantanal - MS

3.2 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 2 – O TAMANHO DA ENCRENCA

No primeiro dia pedalei 100 quilômetros sendo uns 80 de terra. Encarei o areião sem empurrar e dei risada, pensei que tiraria os 400 quilômetros de Pantanal em uns 5 dias no máximo, comecei até a achar que o Yanko e seu amigo eram moles demais por terem atravessado o Pantanal em mais de 15 dias. Mas bastou sair do aterro e começar a trilhar pelas estradinhas que ligam as fazendas, percorrer os corredores de boi, para ver o tamanho da encrenca.

Primeiro quero definir o que chamamos de "areião", são trechos em estrada de terra onde o solo perde sua compactação e fica muito arenoso. Esse areião pode variar para pequenos trechos com uns 5 centímetros de profundidade, até longos trechos com areia igual àquela que encontramos em praias, onde mal é possível caminhar quanto mais pedalar. Quando você está pedalando bem numa estrada compacta e encontra um trecho com areião, mesmo o pequeno, o risco aí é você desequilibrar e cair, pois a tendência é perder a estabilidade da roda dianteira. Já nos longos areiões que encarei no Pantanal, a única alternativa nem era empurrar, mas sim arrastar a bicicleta até encontrar um solo mais compacto.

Não dá e nem compensa pedalar na areia, é como tentar pedalar na areia fofa da praia, impossível, ainda mais carregando uma enorme quantidade de peso como era meu caso. Quando encontrava um areião procurava pedalar pela grama no meio da trilha, ou por um trilheiro de tatu que eles criam ao lado da estrada pois nem eles conseguem caminhar na areia. Outra opção é pedalar dentro do cerradão entre as árvores, acompanhando a estrada ao lado.

Saí bem cedo, no Pantanal eles não adotam o horário de verão e como eu não mudei o horário dos meus equipamentos para o fuso (-1 hora) do Mato Grosso do Sul, a diferença entre o horário deles e o meu era de 2 horas. Os Pantaneiros acordam as 4h00 (no horário deles) e eu acordei as 5h00. No primeiro dia conheci o "quebra-torto", nome do café da manhã dos Pantaneiros. Nada de "pãozinho" com "manteiga", o café da manhã no Pantanal é arroz carreteiro, macarrão com carne de porco, feijão, ovos, paçoca (uma farofa com carne, feijão, ovos e mais um monte de coisas que não identifiquei). Aquilo era uma verdadeira bomba de energia e se segurava o Pantaneiro por quase o dia inteiro, comigo não seria diferente.

Um antílope na sombra

Despedi-me do pessoal que já estava de partida para mais um dia de trabalho, pedi orientação sobre qual caminho seguir e fui adiante. Quando o Yanko fez a viagem, ele deixava o aparelho GPS desligado, ligando de tempos em tempos apenas para marcar um ponto no seu caminho. Ele não deixava o aparelho ligado o tempo inteiro gravando seus tracks pois ele tinha medo de ficar sem bateria no meio do Pantanal por não encontrar lugar para recarregar. Para quem desconhece o termo, "track" vem de "tracklogs", ou registro de trilhas, quando você tem um aparelho de GPS com o registro dos tracklogs ligado, conforme você se desloca o aparelho vai criando pontos e traçando uma linha entre eles, a distância entre esses pontos você configura no próprio aparelho (o meu estava definido um ponto a cada 10 metros de deslocamento). Se você possui os Tracks de um trajeto, basta andar sobre a linha mostrada no aparelho que é praticamente impossível você se perder.

Quando estava planejando meu caminho no Pantanal, jogamos os tracks que ele tinha no Google Earth e observando os mapas, passamos a traçar os pontos por onde ele provavelmente teria passado criando um track do trajeto que teria que percorrer. Depois passei esses tracks para meu GPS e ainda em Campo Grande, conferi no aparelho e vi que os tracks estavam lá, mas quando entrei no Pantanal e liguei o aparelho, cadê os tracks? Sumiram por completo e por pura sorte restaram os pontos (waypoints) das fazendas. Dessa forma não tinha como ter certeza de que estava na trilha correta, então tinha que ouvir as recomendações do pessoal da última fazenda, observar o rumo da trilha já existente e verificar se a distância até meu próximo destino estava diminuindo. No Pantanal, meu destino era sempre a fazenda mais próxima, dependendo do horário e das informações que eu recebesse sobre o caminho até a próxima fazenda, eu decidiria se continuaria ou não minha pedalada naquele dia. A partir desse dia passei a colocar em prática algumas dicas que recebi dos Cicloturistas de Campo Grande.

Procurava chegar por volta das 11h00 em uma fazenda, lá eu parava e pedia um pouco de água, como isso raramente seria negado, após a água pedia autorização para descansar em alguma árvore e lá fazer meu almoço enquanto esperava o sol dar alguma trégua. Quase sempre acabavam me convidando para almoçar e obviamente não negava o convite, até porque meu lema era não pedir nada (no máximo água), mas aceitar tudo que me oferecessem. Segui a trilha e estava agora fora de estradas e pedalando no meio das fazendas, avistei no Cerradão alguns bugios (uma espécie de macaco comum na Mata Atlântica). Era difícil fotografar qualquer bicho com meu celular a distância, tentei ir atrás deles no Cerradão mas eles fugiam de mim, pulando entre as árvores. O que dificultava ainda mais é que eu tinha que ficar olhando para o chão evitando encontrar alguma cobra, depois parar para olhar pro alto, não dava para correr só olhando para cima e por causa da lentidão dava oportunidade para o animal se afastar de mim. Pra piorar, havia um corvo chato que ficava gritando e alertando a minha presença, com isso não consegui fotografar os macacos.

Passei pelo Retiro Pindorama e segui rumo à fazenda Marajoara, depois de apanhar para encontrar a entrada da fazenda tentei colocar em prática a dica da água, o que não me foi negado mas não tive coragem de tentar usar a técnica do almoço e ali cometi meu primeiro erro, ao invés de parar e fazer minha refeição, resolvi seguir pedalando. A próxima fazenda, a Pimentas, marcava 10 quilômetros no GPS em linha reta, mas as curvas do trajeto significavam que a distância poderia ser bem maior. Nesse momento eu poderia seguir pela estrada, mas encontrei trilheiro apontando para a direção da fazenda, não tive dúvidas, entrei na trilha e no final me dei bem, pois não precisei dar uma volta na estrada e economizei alguns quilômetros.

No Pantanal, quando não estava nos aterros, encontrava três tipos de terrenos, algumas trilhas

feitas por carros, onde o local que as rodas passavam era impossível de pedalar, nessa situação ou pedalava pela grama do meio da pista, ou pelos trilheiros de tatu ao lado delas. O segundo terreno era as "Vazantes" ou grandes lagos, nesses locais a terra era mais compacta e o pedal rendia muito bem, ficava muito próximo do asfalto as vezes. Mas o pior era o terceiro caso, quando a pista era tomada por um areião de ponta a ponta, nesses casos a opção era tentar pedalar entre as árvores no meio do Cerrado, sem me afastar da estrada para não me perder. Mas as vezes o areião tomava conta até do Cerrado, nesse caso não havia jeito, tinha que descer e arrastar a bicicleta, as vezes por quilômetros.

Outro problema eram os corredores de boi, imaginem uma estrada com um, dois, até dez quilômetros com cercas dos dois lados obrigando os bois a caminharem na mesma direção. Pedalar dentro é impossível pois como passam muitos animais (mais de mil por comitivas) não nasce uma planta sequer e o corredor fica tomado por areia, complicado até mesmo para caminhar. O jeito era ir por fora do corredor usando as pequenas trilhas de Tatu e as vezes usando até a cerca como apoio, não apenas como ponto de equilíbrio, mas para me impulsionar mais à frente. Impossível descrever o tamanho do esforço que fazia para pedalar míseros 10 quilômetros no Pantanal.

Com muito custo cheguei à fazenda Pimenta, eram 15h00 e o retiro da Fazenda Piúva estava distante 10 quilômetros. O trajeto mais óbvio era o que o Yanko havia feito, mas me sugeriram mudar o caminho indo por uma outra estrada com muita areia. Se fizesse isso eu seria obrigado a mudar de rota e tentaria pouso em outras fazendas, sabendo que pela nova rota, haveria uma logo a frente, a cerca de 3 quilômetros. De lá eu seguiria por outra estrada rumo a fazenda Morrinhos, voltando para a rota que o Yanko me indicou. Até comecei a pedalar por essa estrada, mas estava praticamente impossível pois não havia trechos de grama no entorno, então deveria pedalar pela areia mesmo. Acabei voltando e decidi seguir rumo a Piúva mesmo.

Comitiva de boiadeiro com mais de mil bois

No caminho encontrei uma comitiva de boiadeiros com vários tourinhos que vieram da direção da fazenda Piúva, foi meu primeiro encontro com uma comitiva, havia mais de mil bois. Perguntei a eles como chegar na fazenda e disseram que bastava seguir a "batida" da boiada pois eles estavam vindo de lá, não teria como errar. Batida é como chamam as pegadas por aqui. Provavelmente eles iriam levantar acampamento ali por perto, mas eu ainda tinha mais de 10 quilômetros pela frente e pelo ritmo de 6 km/h, certeza de dificuldades.

Entrei na trilha e me ferrei, peguei um areião desgraçado, ainda mais detonado por causa da comitiva, sofria até para empurrar a bike.

Como meu pedal clip (sapatilha que usamos para fixar o pé no pedal) estava muito apertado, por diversas vezes não conseguia destravar e ia ao chão. Raramente me machucava, mas ficava muito irritado, depois de tantos tombos, perdi uma mão da luva e logo depois perdi a outra. Finalmente o Cerradão e o areião acabaram, passei uma cerca e encontrei uma grande área de pasto da fazenda Piúva, acabei chegando ao retiro as 17h00.

Lá descobri que esqueci minha toalha na fazenda Vitória e a partir dali teria que me virar com uma toalha de rosto. Devido aos tombos sem a luva, acabava ficando com muita areia nas mãos que grudavam devido ao suor, tentava limpar sem muito sucesso e isso causou o surgimento de uma bolha em minha mão. Também surgiu umas feridas na minha bunda junto com uma lição de vida, NUNCA amaciar um banco novo durante uma cicloviagem. Cheguei ao retiro e conheci o Edinho, capataz da fazenda, a mesma que o Yanko e seu amigo haviam ficado meses atrás. Edinho é jovem, não era casado e morava só, havia outros peões dormindo na fazenda, um deles saiu no meio da noite para caçar Porco Monteiro apenas com um facão e seus cachorros. Monteiro é uma espécie de porco selvagem que tem uma carne muito apreciada por eles.

O calor era infernal, depois que eu tomei um banho me chamaram para jantar e lá fui eu para a casa do Edinho (capataz). Como ele estava sem camisa, fui assim também e percebi que me olharam meio estranho, até aí tudo bem. Depois vi que eles estavam conversando e me fui lá conversar também, ao invés de ir por fora da casa, fui por dentro, passando pela cozinha. Quando cheguei lá levei um "toco" que me deixou bem constrangido. De qualquer forma foi bom para aprender.

O Edinho me disse, sem meias palavras, que eu fui mal educado por comer sem camisa e entrar na casa dele sem ser convidado. Disse que ali ele até entendia, mas com certeza eu iria encontrar outros pantaneiros nos próximos dias de viagem e eles poderiam se incomodar com minha atitude. Realmente fiquei mal com aquilo, tentei até argumentar, mas realmente fui muito sem noção. Não posso deixar de entender que estou num lugar muito diferente dos grandes centros, aqui não tem polícia, não tem juiz e sabemos que em qualquer comunidade mais isolada seus moradores acabam criando códigos de comportamento que devem ser seguidos por todos. Uma discussão aqui, quando um dos lados não cede, não irá surgir um policial para intermediar ou mesmo um juiz para dizer quem está certo, uma discussão aqui pode ser resolvida seguindo a lei do mais forte, simples assim. Apesar da hospitalidade pantaneira ser incomum, a tal ponto de as vezes me sentir mais à vontade do que em casa, tenho sempre que lembrar que ninguém tem a obrigação de me ajudar e que essas pessoas estão fazendo um imenso favor para mim, me recebendo em suas casas.

A partir daquele dia só entrava na casa de alguém se convidado e por mais que estivesse um calor de 50 graus, sempre ia comer com camiseta. Depois, observando melhor o comportamento dos pantaneiros nos demais dias, quando estão em seus cantos eles ficam largados, mas quando os chamam para a casa sede, não importa para o que tenham que fazer, sempre vestem uma camiseta antes de se dirigir até o local e quando há uma mulher, o respeito é ainda maior. Pode parecer até óbvio, mas são lições como essas que levamos por toda uma vida, com certeza o meu comportamento mudou completamente depois dessa viagem e como esses aprendizados me tornaram uma pessoa melhor.

3.3 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 3 – SANTA VAZANTE

Vazantes são grandes rios sazonais, seguindo aquela associação de que o Pantanal é uma grande mesa rústica, as vazantes são os sulcos dessa mesa por onde a água "literalmente" escorre durante as épocas de cheias. Isso porque segundo os próprios Pantaneiros, quando começam é época das chuvas a água começa a surgir na vazante e aumentar mesmo se não estiver chovendo no local, isso porque está chovendo muito em outro ponto e a força das cheias carrega a água por esses sulcos que chamamos de Vazantes.

Já para quem está pedalando no Pantanal as vazantes significam velocidade, o caminho mais bonito e o local com maior chance de ver animais silvestres. As vazantes são bem gramadas e um dos locais com solo mas fértil e bem mais compacto, portanto se houver uma vazante na sua rota, considere-se um ciclista feliz. Saí do retiro Piúva e peguei um corredor de boiadeiro onde sofri, enquanto ficamos felizes por encontrar uma vazante, temos que fugir dos corredores. Nesse em questão foram seis quilômetros de "push-bike" (push = empurre) até a fazenda Água Viva, levei quase duas horas para fazer esse pequeno deslocamento.

Na Fazenda Água Viva encontrei um pessoal que estavam levando energia elétrica para as fazendas do Pantanal. Achei o máximo essa iniciativa, um projeto do programa "Luz para todos" do governo federal, livrar o pessoal da dependência dos geradores que só são ligados a noite é algo muito importante, mas só tem um detalhe. Para fazer com que se cheguem os postes de energia elétrica nas fazendas, centenas de quilômetros de mata do Pantanal são devastadas para a passagem das torres de alta tensão.

Não! Não sou apenas um ecologista chato que chora ao ver uma árvore derrubada por causa do "pogresso", longe disso, mas é tudo uma questão de inteligência. Como disse anteriormente, o Pantanal é imenso, tem uma área maior que a do Estado de São Paulo e uma densidade demográfica de 2 hab./km2 (enquanto a do estado de São Paulo é de 166,2 hab./km^2), portanto não vejo nenhum sentido em cortar 20 quilômetros de mata virgem para abastecer 3 casas. Claro que eles tem todo o direito de receberem energia, mas pensem nos milhões de reais gastos com postes, fios e principalmente para derrubar as florestas. Agora pegue 10% desse dinheiro, repassem para alguns alunos da Escola Politécnica da USP e peçam para eles usem o dinheiro para abastecerem essas casas com energias limpas e renováveis.

Uma vazante, melhor lugar para se pedalar

Em quase todas as casas há moinhos de ventos para mandar a água do subsolo para as caixas d'água, porque não explorar a energia eólica? E o sol que bate o dia inteiro (e de forma absurda) todos os dias, mesmo em dias de chuva porque não aproveitar essa tecnologia? Quem tem TV a cabo já viu na TV projeto de usinas termoelétricas que usam o calor emitido pelo sol para girar turbinas que se mantêm aquecidas mesmo de noite.

Mas vão dizer – "Energia solar é cara, a hidroelétrica é mais barata".

Acordem pessoal, a energia hidroelétrica é barata no Brasil pois os custos da obra são bancados integralmente pelo governo. Se as demais fontes de energia também tivessem os mesmos subsídios e apoios governamentais que as hidroelétricas recebem, não só seriam desnecessárias construções de barragens, no futuro elas seriam até desnecessárias. O Brasil tem a maior reserva de silício (matéria prima para painéis solares) do mundo, mas não fabricamos uma placa sequer no Brasil, se quiser comprar uma placa solar terá que importar da Alemanha ou da China.

Deixando o lado ativista de lado e voltando ao pedal, enchi meu garrafão com água geladinha (graças a 400 quilômetros de mata nativa derrubada) e segui viagem, meu destino agora seria a fazenda Morrinhos e depois para a Campo Oliva. Não tinha acesso aos mapas e fotos via satélite que tenho agora escrevendo o livro, mas o GPS já me mostrava que eu estava dando uma volta maior e que provavelmente havia um caminho mais curto. O pessoal da fazenda Água Viva também me disse isso, quase fui por esse caminho, mas um pantaneiro disse para eu seguir pelo marcado no GPS pois eu iria só por vazantes e o pedal renderia bem mais. Segui o seu conselho e não me arrependi.

E que vazante, geralmente nem pedalo pelo trilho do carro e opto pela grama, mas nessa vazante o solo estava tão compacto que eu fui pelo trilho dos pneus. Estava tão bom para pedalar que eu acabei percorrendo os 12 quilômetros até a Fazenda Mourrinho em 40 minutos. Mais tarde fiquei sabendo pelo Yanko que ele percorreu esse mesmo trecho em duas horas, pode ser que a vazante não estivesse bem compacta, já que ele pedalou no ápice da época de seca. Na fazenda Morrinhos tentei usar aquela técnica para garantir um almoço e fui mais direto. "O senhor pode me arrumar um pouco de água?" – recebi minha água e engatei – "Se incomodaria se eu descansasse um pouco na sombra e aproveitar para fazer meu almoço aqui no canto?"

A resposta foi – "Imagina, tem almoço aqui, entre e fica à vontade". Almoço delicioso e com Água geladinha, já que essa fazenda possuía energia elétrica. Depois do almoço, a próxima fazenda era a Donato. Me disseram que era só vazante, então achei que iria pedalar uns 60 quilômetros, mas que nada. De cara me perdi, cai num lago seco, fiquei dando voltas e procurando a saída, até que com muito custo reencontrei a rota. Fim das vazantes, novamente areião e para complicar um sol só para mim. Enquanto eu empurrava a bicicleta era atacado por Mutucas, espécie de moscas que sugam nosso sangue. Elas ficavam girando em torno de mim e zumbindo, me senti um átomo rodeado por elétrons. O curioso é que elas não pousavam na parte exposta da perna e sim na bermuda de ciclistas e me picavam sobre a roupa. Elas preferiam essa área a picar sobre minha perna cheia de pelos e areia.

Bebi muita água e ao chegar na Fazenda Donato parei novamente para completar meu garrafão, não queria correr mais riscos mesmo sabendo que iria tentar dormir na Fazenda Campo Oliva a próxima da minha rota. Havia desistido de avançar mais naquele dia e resolvi que tentaria

Portaria da fazenda Campo Oliva

pousar na mesma fazenda que o Yanko havia ficado, assim as chances de eu receber uma negativa eram menores. Reparei que eles estavam construindo mais uma casa na Fazenda Donato e segundo os pantaneiros, essa era uma condição para ligarem a energia elétrica na fazenda, ter ao menos três construções no mesmo local.

Já estava revoltado com o desmatamento para a passagem dos postes, imagine agora depois dessa informação. No Pantanal há tantos grandes fazendeiros, funcionam como grandes empresas e muitos pequenos fazendeiros, com áreas menores, que mal tem condições de erguer duas casas. Quer dizer que aqueles menos aventurados não serão beneficiados com a chegada da energia elétrica?

Na maioria das fazendas do Pantanal, água gelada é um luxo e a arte deles é criar maneiras para manter a água fresca, pois até a água dos encanamentos é quente, (como constatei no primeiro banho no Pantanal). Quem não tem geladeira elétrica, ou a gás, usa a seguinte técnica, primeiro pegam a água direto do poço, que é mais fresca, depois colocam essa água em galões de plástico revestidos com uma manta de couro, uma espécie de garrafa térmica artesanal dos pantaneiros. Na Fazenda Donato, como ainda não tem energia elétrica, completei meu garrafão com água dessas garrafas.

Porco Monteiro, uma espécie de suíno selvagem do Pantanal

Saí da fazenda Donato e segui até a fazenda Campo Oliva, peguei mais um curto trecho de vazante e cheguei na porteira dela as 16h00. Assim que entrei no pasto passei a ser seguido por dezenas de bois. Bichos curiosos, conforme eu me aproximava eles saiam correndo, mas depois que eu passava por eles, começavam a me seguir, chegando o mais perto que podiam. Ao me aproximar de uma porteira, quando olhei para trás, deveria ter uns 100 bois a menos de 10 metros de mim, todos parados, lado a lado, sem saber o que fazer. Bastou um grito e lá foram eles em debandada para tudo que é lado.

Pelo horário dava até para tentar chegar

na próxima fazenda, mas agora estou me aproximando do rio Taquari e quanto mais próximo dos rios, mais perto também das temíveis onças pintadas, por isso resolvi não arriscar. Aqui o capataz da Campo Oliva é meu xará (André) e deixou que eu dormisse numa das camas que eles disponibilizam para os peões que trabalham na fazenda. Nesse dia vi poucos animais, veadinhos, emas, araras, mas nessa fazenda havia um Porco Monteiro, aquele porco selvagem que o pantaneiro saiu pra caçar na Fazenda Piúva. São muito parecidos com os porcos comuns, esse daqui foi capturado e preso no chiqueiro, segundo o capataz André, ele ficou a noite inteira gritando e tentando sair do chiqueiro. No dia seguinte soltaram o danado que desembestou para o meio do mato, mas algumas horas depois, lá estava ele fazendo companhia aos demais porcos da fazenda.

Nesse dia tive uma ótima noite de sono, cama macia, tudo isso para me recuperar do desgastante pedal no Pantanal. Já estava bem cansado, mas ainda restavam uns 260 quilômetros até o Porto Jofre, muito chão (e areião) pela frente.

3.4 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 4 – RESPEITE O DEUS SOL

Sempre fui mais tolerante que a média das pessoas a temperaturas extremas, seja ao frio quanto ao calor. Quando moleque, aos 18 anos, parecia um índio de tão moreno, ficava o dia inteiro jogando bola, vôlei, sempre sem camisa. Passar protetor solar? Isso era coisa de "boiola", tinha um bronzeado de invejar a mulherada que passava horas cozinhando na beira da piscina. Surgiu então a bicicleta, horas de pedal debaixo de sol e lá vou eu pedalar sem camiseta, só pra não ficar com a marca do "manguito" nos braços. Basta conferir umas fotos das minhas viagens na década de 90 e me verá em várias fotos sem camiseta. Mas isso foi numa época de irresponsabilidades (as quais ainda pago o preço), hoje me protejo do sol de todas as maneiras, mas não deixo de encará-lo.

No Pantanal procurava sair cedo, por volta das 5h00 no horário local (7h00 no de São Paulo), pedalava até as 11h00, quando fazia minha pausa para o almoço e seguia pedalando até as 16h00 no máximo. Saí da fazenda Campo Oliva as 5h00, o dia estava claro mas nublado, o capataz disse que seria o dia inteiro assim, pois era normal ficar nublado nos finais de semana (não sabia que o clima seguia o calendário romano, mas beleza). Só depois que ele disse isso caiu a ficha que era sábado, por causa da rotina na estrada acabava perdendo a referência entre dia útil e final de semana. Mas fiquei mais feliz com a notícia de que deveria permanecer nublado, com menos sol o pedal iria render muito mais.

Meu próximo destino (sempre a próxima fazenda) seria a fazenda Santa Cruz e depois a Mercedinha, já a 10 km do Rio Taquari. Dependendo do horário tentaria esticar mais uns 5 km de pedal, até o Retiro da Fazenda Mercedes a 5 quilômetros do rio. Não pedalei muito e já avistei um grupo de veadinhos, ao me verem todos correram com exceção de um. Quando me aproximei percebi que esse veadinho estava com a perna quebrada. Conforme me aproximava ele tentava fugir sem muito sucesso por causa da sua perna que dobrava para a frente. Consegui ficar a uma distância boa para tirar algumas fotos com o celular, até poderia ter me aproximado mais, mas isso o faria sofrer nas tentativas de fuga e desisti, mesmo sabendo que seu destino seria virar comida de onça.

Veadinho com a perna quebrada

Mais adiante vi uma árvore repleta de urubus e senti um cheiro forte de carniça, parei para ver o que era e descobri ser uma enorme Anta. A carcaça estava fresca e não deu para saber o motivo da sua morte, nem quis ficar para tentar descobrir. A Anta é um animal muito difícil de ser morta, pois ela não tem predadores naturais, sua pele grossa a protege do ataque de onças e cobras. Seu maior predador é o homem que no Pantanal, não costuma caçar antas. Essa aqui provavelmente foi picada por uma cobra, enquanto pastava, só assim para uma cobra matá-la.

Antes de chegar à Fazenda Santa Cruz tive que encarar novamente um longo areião, mais de dois quilômetros arrastando a bicicleta, quase uma hora para percorrer esse trecho. No Pantanal há muitos homens e pouquíssimas mulheres. Peões só homens e como disse anteriormente, a maioria mora em cidades vizinhas. Quem vive lá são os capatazes, eles sim na maioria das vezes moram com mulheres e filhos, geralmente são as mulheres responsáveis por fazer a comida do pessoal, portanto numa sede há em torno de 10 homens e uma ou duas mulheres no máximo, na maioria das vezes senhoras beirando os 40 anos.

Quando cheguei nessa fazenda, comecei a procurar alguém para pedir água e parecia não haver ninguém. Depois de um tempo sai de dentro de um coxo uma garota loira, com cerca de 20 anos, de vestido e com uma faca na mão. A garota era muito bonita e caminhava sorrindo em minha direção. A cena pode até parecer engraçada, mas ela vinha de um estábulo e provavelmente estava dando alimento aos animais. Procurei ser o mais cuidadoso possível, jamais faltaria com o respeito com aquela garota que provavelmente era casada com algum pantaneiro, mas confesso que fiquei impressionado, jamais esperaria que surgisse uma linda garota naquele canto do mundo. Achava essa história de encontrar uma Cristiana de Oliveira no meio do Pantanal era só coisa de novela. Perguntei a ela onde poderia conseguir água e muito atenciosa, me indicou a casa sede e lá encontrei outra senhora que me deu um pouco de água.

Diferente da Fazenda Campo Oliva, na Santa Cruz não havia energia elétrica e a água era fresca e não gelada, portanto não enchi o galão até a boca pois ainda havia um pouco de água gelada no garrafão. Ali cometi dois erros, primeiro não ter enchido até a boca do garrafão e depois não ter parado para almoçar, já que novamente fiquei com vergonha de usar aquela estratégia. Resolvi seguir viagem sem sequer parar para descansar do sol ou comer ao menos um lamen.

Segui em direção da Fazenda Mercedinha, nem perguntava mais para o pessoal das fazendas se havia ou não areião no meu caminho pois eles nunca acertavam, o fato é que sempre haverá pontos com areião e pronto. Logo na saída da fazenda peguei um trecho ruim, olhando parecia

ser grama, mas era uma espécie de planta que se arrastava como as trepadeiras, era um pouco melhor do que pedalar na areia, mesmo assim segurava demais. Depois de uns trechos curtos intercalando areiões e lagos, encontrei um Corixo. Lagos são grandes áreas que se enche em época de cheias, mas na seca se parecem um grande campo gramado. Já os Corixos são pequenos lagos ainda com água, as vezes pouco menor que uma área de um campo de futebol, alguns são naturais e outros feitos pelos homens, eles permanecem com água praticamente durante o ano todo, inclusive na época de seca.

Encontrava vários Corixos no meu caminho, esses poços servem tanto para o gado como para os homens das comitivas se abastecerem, mas também servem de morada dos jacarés. Encontrei um Corixo repleto de jacarés, foi a primeira vez que eu os vi de perto, como o calor era intenso, estavam todos dentro da água, apenas com os olhinhos para fora.

Meu relógio marcava 15h00 (13h00 no horário do Pantanal), o sol a pino castigava e ali bolei uma técnica de pedalar até a sombra mais próxima onde parava e bebia um pouco de água. Avistei um grande lago onde cruzei com facilidade e meu GPS dizia que faltavam menos de 10 quilômetros até a Fazenda Mercedinha, parecia que tudo correria bem. No final do lago, seguindo a trilha dos carros, havia um Cerradão fechado e muita areia (muita mesmo), tomando conta não só da estrada, mas seguia mata adentro, não tinha mais a opção de pedalar no cerradão, só me restava empurrar. Calçava aquela papete com clip, o problema dela é que na hora de empurrar, afundava meu pé na areia quente. Estava com fome e arrependido por não ter comido nada, nessa hora percebi que minha água havia acabado e ainda faltavam cerca de 6 quilômetros até a próxima fazenda.

Comecei a empurrar a bike até a próxima sombra, onde fazia uma pausa até meu pé esfriar. Não conseguia enxergar até onde o areião ia, não conseguia ter ideia do quanto eu precisaria arrastar a bicicleta. Até que avistei uma clareira sendo que a sombra mais próxima estava a uns 20 metros de mim. Saí arrastando a bicicleta enquanto meu pé fritava, parecia que a distância aumentava, achei que iria queimar meu pé de verdade. Quando cheguei na sombra do outro lado, atirei minha bicicleta no chão e arranquei minha papete. Naquele momento percebi que se continuasse empurrando a bicicleta por mais um quilômetro de areião, teria um sério problema.

Meu primeiro encontro com os jacarés

Olhei para o meu aparelho de celular e havia uma mensagem que nunca havia visto. Não lembro exatamente a mensagem, mas era algo como que ele tivesse atingido uma temperatura perigosa e que se eu não o desligasse, provavelmente ele iria para o espaço. Não era só o aparelho que corria riscos, eu estava também numa situação

Areião para todos os lados. Hora de utilizar a técnica do "push-bike"

crítica, foi quando tomei uma das decisões mais sábias da minha vida. Larguei a bicicleta ali no mato, peguei o rastreador, o GPS, o garrafão de água e resolvi ir caminhando até a fazenda mais próxima. Estava muito debilitado pela falta de comida e água, caminhar naquele sol não foi fácil, mesmo assim foi a melhor decisão, pois se tivesse insistido em seguir pedalando poderia sucumbir, pela primeira vez acho que atingi meu limite físico.

Uma hora de caminhada e cheguei na fazenda Mercedinha, lá estava apenas a Dona Mavi, esposa do João Carona, o capataz da fazenda. Nem terminei de explicar minha situação, ela trouxe uma garrafa de 2 litros com água geladinha e pediu para descansar um pouco num banco na sombra dentro do seu quintal. Olho para cima e vejo uma mangueira carregada, pedi permissão e ela me deixou à vontade, comi umas 10 mangas no mínimo. Enquanto me alimentava e descansava, o sol começava a dar uma trégua.

Na fazenda eu mandei a mensagem do rastreador indicando que havia terminado o dia de pedal sem problemas, fiz isso para que as pessoas que estivessem me acompanhando naquele momento pela internet, não ficassem preocupadas com minhas idas e vindas no meio do nada. Recuperado e bem mais disposto, retornei os 6 quilômetros até onde deixei minha bicicleta, ainda demorei um pouco para achá-la mas o GPS ajudou. Fiz bem em ter decidido ir a pé, pois foram quase dois quilômetros de areião e dificilmente teria forças para vencer o trajeto sem água nem comida.

No caminho de volta encontrei vários Quatis atravessando a estrada a menos de 5 metros de mim, foi fácil fotografá-los mas a foto não ficou tão boa devido a limitações de iluminação e equipamento. Mas ao ver os animais, acabei me lembrando de um detalhe, faltavam poucos minutos para anoitecer e eles só apareceram pois aquele era o momento em que eles costumam sair de suas tocas para se alimentarem. Isso vale para todos os animais, desde cobras até onça. Por isso apertei o passo para sair logo do areião e cruzar o portão da fazenda, pois dali em diante estaria mais seguro.

Nesse dia aprendi de uma vez por todas que não posso brincar com o sol. A partir desse episódio, além de manter cheio o garrafão e uma garrafinha de água, mantinha dentro de uma mala térmica no alforje mais duas garrafas cheias de água, uma espécie de reserva. Caso a água do garrafão e da minha garrafinha da bicicleta se esgotasse, usaria as reservas de forma mais racional até chegar ao próximo ponto de abastecimento.

Depois de seis dias de pedal no Pantanal, resolvi deixar o dia seguinte para descanso. Com a autorização do João Carona, passei o domingo na Fazenda Mercedinha, dia de dar uma geral na bike, nos equipamentos, mas principalmente armar a rede e deixar as pernas para o ar. As dores que dominavam meu corpo inteiro eram insignificantes perto da sensação de estar realizando essa travessia do Pantanal.

3.5 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 5 – DOMINGO, DIA DE DESCANSO

Domingo no Pantanal, aí está algo que tinha a curiosidade de saber, como será que os pantaneiros curtem o seu final de semana? No dia anterior, depois que busquei minha bike, conheci o seu João Carona, o capataz da Fazenda Mercedinha, gente finíssima.

Antes de pedir para eu passar o domingo na sua casa, dei uma "parcial" das notícias, falei sobre o Tietê, o mar de cana de São Paulo e contei o que eu havia visto no próprio Pantanal, pois cada pantaneiro só tem noção do que acontece no seu entorno e como estava cruzando o Pantanal, trazia notícias fresquinhas. Quando pedi para o João Carona para dormir lá ele respondeu – "Claro que pode ficar aqui, eu até gosto quando vem alguém de fora, você chegou e já me contou sobre o Pantanal, sobre o Rio Tietê. Amanhã você vai ver, os vizinhos vão chegar e o assunto será gado, gado, gado. Estou cansado de falar de gado, quero ouvir algo diferente..."

Amanheceu o dia e logo os vizinhos começam a chegar e foram estacionando seus tratores em frente à fazenda da mesma forma que o pessoal da cidade para seus carros num bar e entra num bar para jogar conversa fora. Formaram uma roda de Tereré debaixo da mangueira, de repente o João Carona começa a puxar o assunto e adivinhem? Gado, gado, gado...

O dia foi de descanso total, dei uma geral na bike e depois uma volta no entorno da sede para conhecer melhor seus detalhes e descobrir como é pedalar aquela bicicleta no Pantanal sem tanto peso. Posso dizer que é bem mais fácil, mas ainda assim sacrificante. Ali não havia chegado ainda a luz, água gelada vinha de uma geladeira a gás de cozinha. Um pedaço de carne bovina pendurada numa espécie de varal na sombra, conhecida também como "Carne soleada", similar a "carne de sol", era uma das formas de se estocar alimentos onde há muito calor e pouca energia elétrica.

Amigos do João Carona numa roda de tereré dominical

Havia uma célula de energia solar que servia apenas para manter ligado o telefone celular rural da fazenda. Em frente à sede um grande moinho de vento com cerca de 10 metros de altura. Gerando energia elétrica? Não. Servia para tirar água de um poço e abastecer a caixa. Enquanto estava ali o moinho não parou de girar, segundo o João Carona, as

Força do ar para tirar água do poço. Porque não para gerar energia elétrica?

vezes ele fica mais de 20 dias sem parar de girar. O Sol também deu as caras e brilhou sozinho no céu o dia inteiro. Aproveitei para tentar recarregar a minha célula solar, mas infelizmente ela estava com algum problema, pois segundo o fabricante ela deveria ficar com carga cheia em 8 horas, mas mais de 12 horas e mesmo assim não chegou na metade.

Novamente fico imaginando o desperdício de dinheiro, quem dera eu tivesse dinheiro para poder financiar projetos de geração de energia limpa e sustentável em locais como esse. Voltei para a roda de Tereré embaixo da mangueira e suas deliciosas mangas. Estranhei o fato delas estarem tão carregadas, passei em várias fazendas onde os pés estavam praticamente vazios, pois Araras, Papagaios e Periquitos destruíam as mangueiras que encontravam. Não demorou e descobri porque ainda estava carregada, bastou uma arara pousar na árvore para o filho do seu João, com um estilingue, botá-las para correr.

Calma gente, nenhuma ave morreu, nem de pedrada tão pouco de fome, aliás, essa foi mais justa de divisão dos benefícios da Mangueira, até porque havia várias outras no terreno e apenas nessa Mangueira, eles espantavam as aves. Durante o dia eu fiquei só observando a natureza trabalhar, as aves se alimentavam até sua manga despencar da árvore, logo os porcos corriam para comer tanto as mangas que caiam das árvores, como as cascas e caroços que nós dispensávamos, no final das contas todos podiam contar com os frutos da Mangueira.

Piscina dos porquinhos na casa do João Carona

O dia apesar de lento foi muito bom, depois do almoço armamos as redes embaixo das Mangueiras e tivemos merecidos descanso. Logo a noite chegou, o gerador foi ligado, jantamos e terminamos o dia curtindo um pouco de televisão. Mas sinceramente, não sentia falta nenhuma de televisão durante a viagem, então dei boa noite e fui para a cama. Ah, me ofereceram um quarto com uma deliciosa cama, mais um dia sem precisar dormir em rede. De madrugada uma forte chuva caiu, mas como estava muito bem protegido, a chuva não foi

problema, pelo contrário. Quando ouvi a tempestade já fiquei imaginando que a terra estaria bem mais compacta, o que facilitaria o pedal. Dormi torcendo para o dia amanhecer nublado e a natureza poder jogar ao meu favor ao menos uma vez, ainda mais no dia que pela primeira vez invadiria o território das temíveis onças pintadas.

3.6 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 6 – CUIDADO COM A ONÇA!

Desde que decidi atravessar sozinho o Pantanal só ouço isso:

"Cuidado com a onça", "Não tem medo de onça?", "Aqui a onça come gente!"

É onça daqui, onça dali e só ouço falar nisso, até mesmo os Pantaneiros, principalmente o pessoal que toca as comitivas, sempre perguntam se estou preparado para a onça. Perguntam da minha arma e quando mostro meu pequeno facão dão risada. Onça é um perigo real no Pantanal, ela ataca capivaras, veados, emas, gado e até o homem. Há três tipos de onças aqui, a preta, a parda e a pintada. A parda é menor e tem muito mais medo dos homens, costumam andar em grupo, não ficam tão perto dos rios como as pintadas e atacam no máximo bezerros, dificilmente conseguem atacar um boi grande. Sinceramente, as pardas não me preocupavam.

Já a onça pintada é maior, mais forte e a mais perigosa. A princípio, achavam que a onça preta era uma terceira espécie, mas descobriram que ela é uma pintada com uma variação genética. Quando estava na Mercedinha, me contaram que uma onça pintada atacou uma comitiva no corredor de boiadeiro perto do Rio Taquari bem próximo de onde eu iria passar. Segundo me contaram uns boiadeiros, ela pulou em cima de um boi por sobre a cerca e arrastou o boi para dentro do mato, destruindo a cerca. Se ela pode fazer isso com um boi, imagina com um ciclista magrelo?

Quanto mais andamos no Pantanal, mais histórias e quando escutamos a mesma história várias vezes e em lugares diferentes, aumentam as chances dela ser verdadeira. Um dos ataques mais comentados era o de dois homens que foram pescar e acamparam perto do rio. A melhor história que eu escutei é que esses dois armaram sua barraca bem próxima a trilha das onças, próximo do abrigo delas. Eles toparam com elas ainda de dia e as assustaram tirando fotos delas. Já de noite, com muitas cachaças na cabeça, um deles resolveu deitar na barraca enquanto o outro foi buscar água. O que saiu ouviu um grito, quando voltou encontrou a barraca estraçalhada e seu amigo morto. Eles cometeram um erro grave, armaram suas barracas na rota das onças e quando voltaram, elas (nesse caso ela) os pegou de surpresa.

Em Cáceres, no Mato Grosso havia ocorrido recentemente um ataque a um jovem, eles retornavam de uma pescaria quando ao se aproximar do barranco uma onça saltou no barco e atacou o rapaz, foi salvo graças a agilidade do piloteiro que atingiu a onça com um pedaço de ferro que havia no barco. Tem também o caso daqueles três ciclistas na Estrada Parque no Mato Grosso do Sul, perto de Corumbá que contei no capitulo onde conto como foi minha preparação em Campo Grande. O que eu deveria aprender com tudo isso é que o risco existe, mas para sobreviver como a maioria dos Pantaneiros que vivem lá, eu preciso conhecer muito bem o comportamento desse animal.

Minha intenção no Pantanal era ver muitos bichos, mas o único que não fazia tanta questão de ver era a onça, por isso pesquisei muito sobre ela antes de me embrenhar nessa aventura. Como ela vive próxima a rios, procurei ficar sempre longe deles, mas naquele dia como teria que atravessar o Taquari isso seria inevitável. Ela tem hábitos noturnos, portanto evitei pedalar a tarde ou bem no começo da madrugada hora em que ela está voltando para a toca. Aquela seria a primeira vez que passaria perto de um rio e invadiria seu território, a chuva do dia anterior ajudou muito, a areia estava bastante compacta. O tempo amanheceu frio e nublado, se continuasse assim o dia inteiro, não teria que me preocupar com o desgaste do sol, um problema a menos.

Saí cedo da Mercedinha e quando faltavam uns 5 quilômetros para chegar ao rio Taquari, percebo que meu bagageiro estava quebrado, gastei ao menos uma hora para consertá-lo. Apesar de estar num local bem descampado, os sentidos estavam a mil, qualquer ruído me atraia a atenção. Depois que consertei o bagageiro voltei para a estrada, percebi que havia uma trilha bem ao lado da mata e outra numa área mais descampada, distante uns 10 metros uma da outra, sendo que ambas iam na mesma direção. Acabei dando preferência a que estava na área descampada, se houvesse alguma coisa ali eu gostaria de ver antes de ser visto, o que não ocorreria se usasse a trilha ao lado da mata.

No meio dessa trilha avistei um porco "quexada". Esse porco lembra muito o Javali por causa do seu queixo comprido, disseram para eu ter cuidado com eles, pois quando em bando, se sentirem ameaçados, podem atacar qualquer pessoa. Pronto, além das onças tinha que encarar os quexadas. Por sorte esse preferiu fugir, nem deu tempo para fotografar. Outro detalhe importante, esse porco é um dos alimentos preferidos das onças.

Quando estava próximo da ponte, descobri que peguei a rota errada, ao seu final havia uma cerca sem simbra (porteira), portanto o correto seria eu pegar a estrada que fica ao lado da mata. Isso só dificultou um pouco minha vida pois consegui passar a bicicleta por debaixo da cerca, foi bem melhor do que correr o risco de virar aperitivo de onça. Atravessei a ponte do Rio Taquari, um rio grande que infelizmente estava bem assoreado. Segundo apurei, a culpa do assoreamento é devido a algumas plantações na cabeceira do Taquari e como os rios do Pantanal são rasos, qualquer interferência do homem, traz impactos negativos ao Pantanal, um ecossistema muito frágil.

Malabarismo só para fugir da trilha próxima ao cerradão

Do alto da ponte dava para ver os jacarés nos bancos de areia, no final da ponte havia uma casa que era usada pelos trabalhadores da obra, mas depois da obra passaram a chamar de "Casa da Onça". É bem provável que alguma estivesse descansando na casa no momento que passei em frente.

Um pantaneiro me disse que é comum encontrar carcaça de capivara e outros bichos ali dentro. Guardei a curiosidade para mim e segui em frente.

Era um areião bravo, mas estava até razoável para pedalar devido as chuvas da noite anterior e da garoa que insistia em cair. Não demorou muito e avistei na minha trilha as "batidas" das onças. Batida é como eles chamam as pegadas aqui. Quase certo que elas passaram por ali de manhã, depois da chuva, do contrário dificilmente haveria rastros. A distância da caminhada delas era longa, às vezes eram dois rastros e dava para notar que uma pegada era maior que a outra. Segui hora pedalando, hora arrastando a magrela, mas a todo o momento olhando para dentro da mata, achando que poderia surgir um felino.

A "Casa da Onça" logo após a ponte do Rio Taquari

Logo as batidas sumiram e eu estava afastado do rio, segui primeiro para leste até a entrada de uma fazenda, de onde se iniciava um extenso corredor de boiadeiro sentido norte, com cerca de 10 quilômetros. No corredor era impossível pedalar por causa de tanta areia, mas depois da cerca, havia mais pasto e junto a ela um "trilheiro" de tatu. Até os animais constroem estradas e elas eram excelentes para pedalar. Passei a bike por debaixo da cerca e segui em frente.

O corredor é longo, tem mais de 10 km, parei numa área onde o pessoal das comitivas fazem acampamento e lá fiz meu almoço. Na mala havia várias mangas e uns bolinhos que ganhei na fazenda Mercedinha. Isso somado a um belo macarrão instantâneo estava com energia necessária para seguir em frente. Depois do almoço segui pedalando e encontrei outra enorme comitiva, com mais de mil bois. Era a Comitiva Nantes de Rio Verde. Gosto de tirar fotos, mas fico com receio dos pantaneiros reclamarem, então evito fotografar nas poses clássicas, procuro registrar, com descrição, as pessoas agindo naturalmente, se possível sem identificá-los.

O pessoal havia acabado de almoçar e eu estava no trilheiro do lado de fora do

As "batidas" da danada

Reabastecimento

corredor, do outro lado avistei uma casinha em obras e decidi ir até lá buscar água. Até para não assustar o gado, deixei minha bike do outro lado e entrei no corredor e fui a pé. Fui tirando algumas fotos mas sempre com discrição. Quando retornei disseram que se eu chegasse mais cedo poderia até comer com eles que haviam acabado de encerrar o almoço e estavam prontos para seguir viagem. Expliquei minha história foi quando o líder da comitiva, seu Ciro, quem pediu para tirar uma foto deles. Fiquei bastante surpreso, os três se posicionaram na minha frente e tirei uma foto. Anotaram até o endereço do blog para ver depois.

Seguindo em frente avistei vários ninhos de Tuiuiús, mas infelizmente estavam todos vazios. Os ninhos de Tuiuiús são enormes e se destacam nas árvores. Enquanto jovens, os Tuiuiús passam o dia inteiro pescando, retornando no final da tarde, aquela época coincidiu com o início da fase adulta deles, quando isso ocorre eles saem a procura de uma parceira e consequentemente, abandonam o ninho.

Esse seria um trecho longo com poucas fazendas. Quando o Yanko passou por ali, ele dormiu no acampamento de comitiva que havia deixado para trás. Segui mais 30 quilômetros e tinha como meta pedalar até o Retiro Santa Rosa. Pouco antes de chegar encontrei outra comitiva começando a armar o acampamento, deveria ter ficado com eles, mas como não rolou um convite explícito, tão pouco pedi para dormir com eles, preferi seguir até a fazenda que devia estar a 4 quilômetros dali.

Boiadeiros tocando sua comitiva

Quebrei uma regra minha, quando passei pela comitiva restava menos de uma hora de sol e acabou que a noite chegou enquanto ainda estava pedalando, cheguei na fazenda no breu total. Avistei uma luz na casinha e a cachorrada anunciou minha chegada. O Capataz veio até mim, contei minha história, pedi um abrigo para passar a noite e ele disse que eu poderia armar a barraca em qualquer lugar. Sua casa tinha até varanda, provavelmente a comida estava quentinha, mas não rolou nenhum convite. Era um pantaneiro jovem, devia ser até mais novo que eu e o fato de ter

chegado no escuro fez ele ficar ainda mais ressabiado. Como vi que o convite não iria acontecer, perguntei se ele tinha uma casinha para os peões e ele me apontou o barracão ao lado. Me deu uma chave e deixou eu dormir lá.

Não tinha luz, nem dava para fazer uma fogueira, então improvisei uma iluminação com as lanternas e me ajeitei na casa. Como fez muito frio naquele dia, a água estava um gelo, mesmo assim tomei um banho. Apesar do zero conforto, estava num local protegido do frio e de animais. Expulsei um sapão que entrou na casa enquanto eu tomava banho, preparei meu jantar, um belo macarrão com molho de tomate e sardinha, armei minha rede e fui descansar. Foi o dia que mais pedalei no Pantanal, 60 quilômetros pra lá de árduos.

Pantaneiros da Comitiva Nante - Pantanal - MS

3.7 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 7 – SANTO GPS

Tive uma noite péssima, durante a viagem passei a sentir algumas dores na lombar, achava que o problema era a falta de costume em dormir na rede, mas já fazia quase um mês de viagem e elas pioraram nesse dia. Durante o dia até era suportável, mas a noite, provavelmente devido ao frio era de matar. Noite mal dormida fez acordar cedo, fiz um miojo de café da manhã, arrumei minhas tralhas e fui para a estrada. Quando estava saindo vi alguns homens indo embora passando por uma porteira lá ao longe, provavelmente era o capataz. Peguei a chave e fui até a casa dele e as entreguei a sua esposa. Bem mais simpática que o capataz, me ofereceu água e tenho certeza que só não ofereceu café da manhã porque o marido deve ter proibido. Conversamos um pouco, brinquei com seus filhos pequenos e foi impossível não lembrar do meu filho que estava a um mês longe de mim. Mas logo me despedi e tomei meu rumo.

De saída encarei um outro areião, mas dessa vez haviam várias pistas. Conforme uma pista piora, os motoristas começam a fazer outras e com isso acabam formando um labirinto. Entrei no meio do Cerradão e tentava fugir da areia, tentando avançar sempre rumo a próxima fazenda. Fazia curva para cá, desvia dessa outra árvore, segue aquela pista, olhando no GPS percebo que estava sobre a linha da rota, parecia estar na direção correta mas observando de forma mais atenta, noto que a distância até o próximo ponto estava aumentando e não diminuindo. Isso quer dizer que eu estava voltando!

Nessa hora o GPS me ajudou, sem ele, com certeza me perderia no meio daquele mar de areia. Mais um trecho longo sem fazendas de apoio no meio. O tempo estava novamente colaborando, não era o frio do dia anterior, mas em compensação nada de sol. No meio do caminho encontrei uns lobinhos tomando água numa poça na estrada, mas logo que me viram correram para o meio do mato. Mais adiante outra poça no meio da estrada e vejo um lobo se aproximando dela. Parei e ele também parou e ficou me encarando, durante essa troca de olhares deu tempo de ligar o meu celular para poder bater uma foto.

Lobinho que surgiu no meu caminho

Aliás esse foi um dia com poucas fotos e muita preocupação em chegar na fazenda antes do anoitecer e também ter alguma maneira de recarregar meus celulares. Consegui encontrar uma casa abandonada, havia resto de fogueiras e um poço, provavelmente era ponto de pouso de comitivas. De lá avistei a cerca de 1 quilômetro uma casa, conseguia ver apenas uma caixa d'água. Pensei em ir até lá para ver se havia alguém morando e, quem sabe, almoçando? Mas na dúvida, já que tinha uma área coberta e um ponto de água na mão, preferi usar meus suprimentos e fazer meu almoço.

Com ajuda de uma vara que estava ao lado do poço, peguei um balde que também estava ali e retirei água do poço. Para não correr riscos, joguei alguns clorins na água e deixei agindo enquanto comia. A água estava cristalina, mas havia um monte de sujeira boiando, usei a camiseta como filtro e enchi o meu garrafão, pois ficar sem água novamente, nem pensar.

O Yanko e seu amigo se perderam nesse trajeto e tiveram que acampar sozinhos na estrada. Estava seguindo uma cerca que, em tese, me levaria até a Fazenda São Sebastião Grande, onde pretendia pousar. Consegui encontrar um peão levando uns cavalinhos na estrada, perguntei como chegar na fazenda e ele disse para ir por aquela estrada mesmo. Mas ela era muito sinuosa e achava que deveria haver outro caminho mais curto, até porque a estrada apontava para um lado e a fazenda para outro. Fiz esse caminho seguindo a cerca e depois entrei numa pista de carro, quando dei por mim estava num imenso pasto, então atravessei pelo meio dele. Horrível andar no meio do pasto, pois os tufos de grama parecem pedras e minha bike saltava como pipoca sempre que passava por eles. Não encontrava nenhuma trilha e tive que ir pelo meio, não havia outra alternativa.

Pelo o GPS eu deveria cruzar uma cerca e pedalar uns dois quilômetros no meio do mato até chegar numa mata bem densa, não havia outra maneira de chegar na fazenda a sem passar por aquela mata. Fiquei por quase uma hora tentando atravessar pelo meio da floresta, o problema é que em alguns momentos formava-se uma cerca viva com o que os pantaneiros chamam de "unha de gato", uma planta, parecida com a babosa, cheia de espinhos. Já havia até furado um pneu por causa desses espinhos e não queria correr o risco de ter que arrumar um pneu no meio daquela mata.

Resolvi voltar e com a ajuda do GPS me dirigi até a cerca novamente, sabia que se seguisse beirando ela, provavelmente encontraria aquela estrada que eu fugi, então fui atrás do certo. Cerca de um quilômetro de cerca, encontro novamente um enorme pasto e a estrada, com isso voltava ao caminho. Aquele deve ter sido o ponto exato onde o Yanko teve que acampar, mas na época eles não sabiam que a fazenda estava a menos de 5 quilômetros deles, como eu sabia, segui em frente.

Encontrei outro Corixo, esse cheio de capivaras e jacarés, havia muito gado também, tudo misturado. Ao longe avistei algo, era um acampamento de comitiva e lá encontrei o mesmo peão que cruzei lá atrás. Se seguisse pela estrada, como meu ritmo era mais rápido que o dele, com certeza teria sofrido menos, de qualquer forma valeu pela aventura.

Pedalei mais um quilômetro e cheguei na Fazenda São Sebastião Grande a tempo de curtir mais um maravilhoso pôr do sol no Pantanal. Na fazenda fui muito bem recebido, essa era uma fazenda grande, praticamente uma empresa, havia até um quarto com beliches para os boiadeiros, nem rede precisei armar. Estava mais frio que o normal, o dia havia começado nublado mas no decorrer do dia esquentou, mesmo assim ainda estava quente, mas enquanto eu arrumava minhas tralhas no alojamento, vi um cara deitado cheio de cobertores. Perguntei a outro Pantaneiro se ele estava doente e ele disse – "Tá é com frio!". Deveria estar uns 20 graus, temperatura que eu acho deliciosa, mas para esse povo que está acostumado noites com 40 graus, parecia que estava nevando.

O lindo pôr do sol do Pantanal

minha vida.

Enquanto a janta não ficava pronta, fiquei de papo com o pessoal e nessa fazenda recebi o melhor elogio da viagem. Sempre que chego numa fazenda fico um bom tempo contando minhas aventuras, então um dos pantaneiros perguntou:

"Você está atravessando o Pantanal desde o Rio Negro, sozinho?"

Respondi que sim e então ele emendou: "Cara, você é um legítimo aventureiro!"

Nada de maluco, desequilibrado, mas aventureiro na melhor concepção da palavra e um elogio como esse, vindo de um pantaneiro, um cara que vive aquele Pantanal todos os dias, com certeza foi um dos maiores elogios que eu recebi em

Logo tocou a sineta e fomos jantar, a comida é a mesma em todos os lugares, macarrão com carne de porco, arroz carreteiro, uma farofa turbinada e tudo delicioso. Ainda tive mais um tempinho para um bate papo e logo fui para meu canto, para escrever meu texto do blog e dormir, dessa vez numa deliciosa cama, um alívio para minhas costas.

3.8 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 8 – MALDITO AREIÃO

Essa minha pedalada pelo Pantanal, de longe foi meu maior desafio, o mais difícil, mais desgastante, às vezes até desmotivante, apesar de toda beleza que havia encontrado até então.

Mas aquele dia começou bem, estava tomando café da manhã e ouvindo a conversa. – "Mas a peça do Caminhão não chegou e não consigo ligar"

Daí o outro responde, "Mas você usou a internet?"

(Internet? – pensei)

"Mandei um email, mas não responderam ainda…"

(Email?) Então perguntei; "Vocês têm internet aqui?"

"Sim, internet via satélite, se quiser usar..."

O Pantanal é muito peculiar, há desde pequenas fazendas sem nada de energia elétrica, com

tecnologia do século 19, a até grandes fazendas que funcionam como verdadeiras empresas, milhares de cabeças de gado, pistas de pouso, celular via satélite, tecnologia do século 21. A fazenda São Sebastião Grande é uma dessas grandes "empresas", gigante, com centenas de funcionários e muita infraestrutura.

Ao lado da casa sede, há uma casinha com uma grande antena, aceitei o apoio e usei o computador deles para atualizar o meu blog, algo que não fazia a mais de uma semana. Mas o computador estava com um pequeno problema no botão do mouse o que atrasava muito a atualização do site e impossibilitava subir as fotos. Poderia até ter ficado mais um dia lá e com isso, atualizar o blog com os textos que eu tinha até então e até mesmo ter um descanso merecido, mas já estava de saco cheio de sofrimento e não via a hora de chegar logo em Cuiabá.

Apesar do Pantanal ser maravilhoso, já tinha dado o que tinha que dar e pretendia chegar em Cuiabá logo para poder descansar pra valer. Além disso ainda tinha as dores no lombar que só pioravam meu martírio. Consegui ao menos subir um post no blog, até para avisar a galera que mostrar que ainda estava vivo e segui em frente. A partir dali há fazendas num raio de 7 a 15 quilômetros, isso significa maior número de pontos de apoio e mais segurança para seguir adiante.

Saindo da São Sebastião Grande, apenas precisei cortar o pasto da fazenda e saí direto na Santa Cruz, nada de areião, nada de grandes dificuldades. Seguia pelo trilheiros dos tatus, vi muitos bichos, inclusive um tatu que entrou na minha pista e apostou uma corrida comigo. Chega um momento que você até enjoa de ver tanto bicho. Não demorou, cheguei na fazenda Santa Cruz e já fui atrás de água, mas não havia ninguém, já haviam me dito que essa era uma fazenda pequena e que seu dono sai de manhã para o pasto e só volta de noite. Fui entrando na fazenda, meio que invadindo e não havia ninguém mesmo, só a cachorrada. Deixei eles latindo, me rodeando, fui até o tanque, me abasteci e segui em frente.

O próximo destino seria a Fazenda Campo Alto, o trajeto foi novamente muito tranquilo, mais 10 quilômetros entre uma estradinha no meio de um Cerradão e as 12h30 cheguei na fazenda. Lá conheci o seu Nelson, capataz do retiro que estava descansando na rede. Dessa vez eu pedi na cara de pau, água e comida, pois meus mantimentos estavam acabando e não queria correr risco de ficar sem suprimento nos dois dias que restavam.

O senhor foi extremamente gentil, me mandou sentar na sombra e descansar um pouco enquanto tomava uma água. Ficamos ali de papo enquanto a sua esposa esquentava a comida. Menos de 10 minutos ela nos chamou e comi a comida mais

"Cansado" de ver tantos animais silvestres

A linda casa do seu Nelson

saborosa da minha estada no Pantanal, uma feijoada divina feita pela sua senhora. Ficamos proseando enquanto almoçava, sua senhora ainda me trouxe água geladinha e até suco para acompanhar a comida. Vocês não tem noção do quanto estava maravilhosa, tanto é que ainda repeti o prato (bem, isso não é parâmetro pois SEMPRE eu repetia o prato).

Nesse mundo há alguns lugares simplesmente mágicos, lugares que emanam uma energia natural, impossível não te trazer paz às pessoas que por lá passam. Nessa viagem, a casa do seu Nelson foi um desses lugares.

Uma casa bem simples mesmo, mas havia um cuidado, um toque de carinho, de amor que me deixou contagiado. Uma casa muito simples que me lembrou as casinhas tão bem cuidada do Vale Europeu em Santa Catarina. Me lembrou a casa do Egon e da Margareth na Cachoeira do Zinco, que havia visitado meses antes, durante a cicloviagem pelo Vale Europeu. Nada de Baguás, de "análises de fluxos de energia", uma casa montada simplesmente com amor e carinho, isso é suficiente para trazer paz e tranquilidade para todos que passam por ali.

Não queria partir, seu Nelson até me convidou para dormir lá, mas estava em um momento da viagem muito crítico. Já sofrendo demais com a distância do meu filho, ainda não tinha absorvido a realidade da minha separação e isso me trazia dor, pra piorar o Natal se aproximava e naquele momento tudo que queria é estar fora da li para ver se teria a possibilidade de ligar para casa nesse dia, mas dentro do Pantanal isso seria impossível de acontecer.

Segui em frente e como nesse dia o sol entre as nuvens não me castigava tanto, parti rumo à próxima fazenda, mas dessa vez o caminho teria muita areia. E quanta areia, foram "apenas" mais 10 quilômetros até a fazenda São Cristóvão, logo que saí da Campo Alto foram cerca de 2 quilômetros sem pedalar, sem sequer poder empurrar, apenas arrastando a bicicleta como se arrastasse um defunto de 60 quilos. Na areia minha velocidade beirava os 2 km/h, só nesse primeiro trecho de areião, levei cerca de 1 hora para percorrer.

Nem os animais gostam de areia, enquanto nas vazantes, campos e corixos encontrei vários animais, no areião, no máximo encontrava eram buracos de tatu, os bichos nem se arriscam em atravessar a areia quente. Até esse dia eu marcava no GPS a próxima fazenda e ficava observando quantos quilômetros faltam para ela. Mas quando o Yanko fez suas marcações, não gravou apenas os pontos das fazendas, mas outros pontos importantes como curvas, porteiras, lagos, etc. A partir desse dia passei a incluir na minha rota esses pontos, pois uma pedalada até uma fazenda a 15 quilômetros, você só "vence" depois de duas horas. Agora marcando os pontos

intermediários, a cada meia hora você está "vencendo" um ponto. Pode parecer estúpido, mas vencer um ponto significa vencer e qualquer vitória, qualquer coisa que te trouxesse ânimo estava te empurrava pra mais adiante. Quando vencia um ponto, fazia uma pausa, tomava uns goles de água e descansava um pouco. Foi assim, ponto a ponto, que finalmente cheguei na Fazenda São Cristóvão, com direito a areião até 500 metros da sede.

Uma vazante, a melhor visão do mundo para quem está pedalando no Pantanal

Fui muito bem recebido, jantei, ganhei pouso e dicas sobre um caminho mais curto para poder chegar na Fazenda Recreio, até então o meu objetivo para poder atravessar o Rio São Lourenço e chegar no Porto Jofre onde cruzaria a divisa com Mato Grosso. Do Porto Jofre até a cidade de Cuiabá seriam "apenas" 250 quilômetros, mas em trechos de aterro e asfalto, o que daria para ser feito em dois dias, encerrando minha saga pelo difícil Alto Pantanal.

3.9 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 9 – CANSAÇO

O Pantanal é realmente lindo, mas pedalar por ele carregando tanto peso, é extremamente desgastante, mesmo quando encontro areia mais compacta você tem que fazer muita força para o pedal render. Quando a areia está muito fofa e há grama ao redor, a solução é colocar na menor coroa e a maior catraca da bicicleta e girar como se estivesse escalando uma cordilheira. Suportar os solavancos da grama e ir em frente, qualquer coisa é melhor do que arrastar a bicicleta no areião.

Clip é uma trava de pedal muito usada por ciclistas mais experientes, calçados com clip possuem uma espécie de trava onde o ciclista prende seu pé ao pedal, o que traz mais segurança para a pedalada. Para o ciclista soltar sua sapatilha do pedal, basta uma torção e está livre. No começo parece complicado destravar, mas com a prática fazemos isso de forma muito natural. Já a Papete é uma espécie de sandália, bem arejada, ela é prática para situações com água, boa tanto para chuva como para poder caminhar dentro de rios. Como não é necessário usar meias, depois de molhada, em minutos seu pé e a papete estão completamente secos. Muito bom também para locais quentes como o Pantanal por exemplo.

Como por diversas vezes eu era obrigado a empurrar a bicicleta, constantemente eu batia tornozelo com tornozelo, o que acabou rasgando minha papete e deixando o tornozelo em carne viva. Para piorar levei um tombo nesse dia, onde acabei enfiando meu pé no meio da coroa, deixando a marca de 3 dentes no pé, cicatriz que carrego até hoje. Comecei o dia saindo da Fazenda São Cristóvão, lá o capataz deu uma dica boa para chegar na fazenda Recreio, até

Marcas para a posteridade

então a minha porta de saída do Pantanal. Pelo seu caminho sugerido, eu iria por várias vazantes até a Fazenda Santa Luzia e de lá pediria informação de como chegar na Fazenda Fortuna. Dessa fazenda seria uma reta só até chegar na Fazenda Recreio.

Foram cerca de 20 quilômetros até a Santa Luzia, alternando entre vazantes, Cerrados, inevitáveis areiões, acabei chegando por volta de 11h00 nessa fazenda. Lá eu conheci o senhor Augusto, capataz, que me convidou para almoçar. Outro almoço maravilhoso, pela primeira vez eu comi a carne do Porco Monteiro, que realmente é muito mais saborosa que os porcos comuns. Comida boa, um papo maravilhoso, direito até a sobremesa.

Seu Augusto era tão simpático que pediu para eu dormir lá, o problema que ainda era meio dia e tinha tempo de sobra para vencer boa parte do trajeto naquele dia. Deveria ter ficado, pena que eu não estava tão livre e desimpedido na viagem como eu gostaria. Uma das coisas que eu aprendi nessa viagem é que não adianta pedir dicas sobre algum ponto do meu trajeto para alguém que mora a centenas de quilômetros de distância do local, principalmente se a pessoa não for um cicloturista. A maioria das pessoas só conhecem com alguma propriedade um raio de 10 quilômetros de onde moram, salvo raríssimas exceções. Isso vale muito no Pantanal, tem dúvida quanto a um local, busque esclarecê-la quando estiver próximo a ele.

Seu Augusto me deu uma boa dica, mas eu teria que sair da minha rota, descartando a ida até a Fazenda Recreio. Quando eu chegasse à Fazenda São Pedro, deveria sair da rota do meu GPS e seguir rumo à fazenda Carvalho. Segundo ele, dessa fazenda há um porto a 10 quilômetros da sede, bem próximo ao Porto Jofre, seria mais fácil conseguir apoio de um barco para atravessar o rio. Já na Fazenda Recreio, eu deveria subir de barco pelo menos 30 quilômetros dentro do Rio São Lourenço.

Ele havia dado essa dica também ao Yanko, mas eles se perderam e acabaram saindo na Fazenda Recreio. Dessa vez, depois de todo estudo que eu fiz, tenho certeza que não me perderia. Segui meu rumo até a fazenda Fortuna, o que estava nos meus planos iniciais e lá me orientaria melhor com o senhor Adão, o proprietário dessa fazenda. Logo na saída peguei uma estrada errada e só percebi depois que estava a mais de 5 quilômetros da fazenda, tudo que eu precisava. Voltei para a rota e acertei o caminho, seu Augusto disse até que o filho do Seu Adão costuma a vir até sua fazenda de bicicleta para conversar ou assistir algum jogo de futebol. Isso significa que havia algum caminho mais fácil para se pedalar entre as duas fazendas.

Seu Adão era muito conhecido no Pantanal, um antigo gerente de fazendas, entre elas da Santa

Luzia, onde seu Augusto hoje é o capataz. Depois de 30 anos trabalhando no Pantanal juntou um dinheiro e comprou sua própria fazenda. Muito experiente ele me confirmou a dica do Seu Augusto e deu vários toques de como chegar nessa fazenda Carvalho. Com mais 7 quilômetros de muito "push bike", cheguei na fazenda São Pedro. Mais uma fazenda onde fui muito bem recebido, lá novamente recebi a confirmação da dica e estava decidido a sair da minha trilha. Já tinha experiência suficiente de Pantanal para poder desbravar esse trecho, encontrando uma rota mais fácil até o Porto Jofre.

3.10 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 10 – O RASANTE DA ARARA AZUL

Estava frustrado até então, faltavam poucos dias para sair do Pantanal e não tinha conseguido ver nenhuma das tão famosas Araraunas, também conhecidas por Arara Azul. A população desse animal cresceu de 1500 para 5000 no Pantanal, mas devido a sua baixa natalidade, ainda é considerada em risco de extinção. Elas fazem ninhos em árvores ocas, vivem em casais e com cerca de sete anos se acasalam. Geralmente uma Arara dá a luz a dois filhotes, mas na maioria dos casos, apenas o mais forte sobrevive e depois que uma das araras do casal morre, assim como os Tuiuiús, o viúvo passa o resto da vida solitários. É considerada a maior ave da família dos psitacídeos (araras, papagaios, periquitos, maritacas) com cerca de um metro da cabeça a ponta da cauda.

A noite foi bastante agradável, rede ao ar livre, nada de insetos, uma boa noite de descanso. No café da manhã conheci o Mauro, dono da fazenda e muito gente boa. Nascido em Coxim e morando atualmente em Curitiba, espírito desbravador como eu, já fez diversas viagens, até já participou do rali dos Sertões, não correndo, mas patrocinando uma equipe. Ele me deu as coordenadas para poder mudar minha trajetória com destino a fazenda Carvalho. Tentei fazer o caminho exatamente como disse, "saia pela estrada da fazenda e passando a cancela, ao avistar um areião, pegue a pista da esquerda". Se eu seguisse reto na estrada, sairia na fazenda São Gonçalves, mas virando a esquerda seguiria rumo a Fazenda Tarumã que estava no caminho da Carvalho.

Encontrei o areião e do outro lado do corredor formado pelo Cerrado fechado noto que uma figura me observa. Um Veadinho ficou parado enquanto eu arrastava minha bicicleta. Foi o animal vivo que mais consegui aproximar, tanto é que consegui tirar uma boa foto, mesmo com meu celular. Quando cheguei a uns 5 metros dele, o animal começou a correr para o lado, como se me acompanhasse. Segui lentamente, arrastando a bicicleta pois era impossível pedalar e ele seguia trotando e parando para me observar de uma distância segura, sempre a minha direita. Até que ele passou a correr em direção a pista que eu estava e deu um lindo salto, cruzando a estrada e se perdendo na imensidão do Cerrado.

Passei algumas cancelas e entrei num enorme pasto, de onde podia observar ao longe várias Emas e alguns Veadinhos pastando. De repente vejo uma ave, ela voava bem alto a minha esquerda, ao me avistar ela muda o curso e vem e minha direção dando um rasante passando a menos de 5 metros de mim. Passou me observando, como se tentasse identificar aquela figura estranha que pedalava no meio do nada. Uma linda e solitária Arara Azul passa me encarando, toma novamente uma boa altitude e segue seu destino rumo ao horizonte.

Veadinho curioso

Só percebi que era uma Arararauna quando estava bem perto e a luz do sol bateu sobre ela. Toda azulada, com seu bico negro, linda. Apesar de ser impossível fotografá-la, sua imagem ficará gravada para sempre na minha mente, basta fechar os olhos para que o filme passe novamente.

Logo a frente havia uma fazenda, não havia andado nem 6 quilômetros e não deveria ser a Tarumã, meu próximo destino. Descobri que era a Fazenda São Gonzalo, isso significava que eu errei o caminho mais uma vez. Ainda bem que não errei por muito, de lá bastava seguir por uma estrada que sairia na Fazenda Carvalho, não havia mais como errar. Depois de muita areia, intercalando com pequenos trechos de pasto, com duas horas e meia de pedal, cheguei na Fazenda Tarumã, e da entrada observei o pessoal sentado em volta de uma mesa almoçando. Usei a tática de sempre:

"Será que o senhor pode me arrumar um pouco de água e um canto para eu fazer o meu Miojo?" – A resposta foi óbvia – "Que é isso, almoça com a gente, senta aqui" e lá fui eu mandar outro bom prato de comida para o estômago.

Mais um pouco de conversa, descobri que a Carvalho é um Retiro da Fazenda Uval, essa sim tem sua sede próximo ao rio e ainda havia um outro retiro na Uval antes da sede. Planejei pedalar, ao menos, até esse segundo retiro e se o tempo me permitisse, no dia seguinte tentaria chegar ao Porto Jofre. Sol rachando minha cabeça, nada de muita novidade no caminho, aliás o cansaço impedia de pensar em outra coisa que não chegar. Para complicar encarei três quilômetros de areia até a fronteira da fazenda Uval, trecho que percorri e mais de uma hora, mas assim que passei a porteira avistei um imenso pasto, então bastou seguir pela grama.

Essa fazenda é enorme e depois de quase 10 quilômetros pedalando dentro dos seus pastos, ao longe avisto uma fazenda, era como se eu visse um oásis no deserto. Ao chegar à fazenda o choque de sempre, diferente das anteriores que até então já haviam recebido a presença do Yanko e seu amigo, da São Gonzalo para cá jamais haviam visto um ciclista. Pedi informações de como seguir adiante e pediram-me para esperar o dono chegar e foi o que fiz, até porque o descanso ia bem. Havia um senhor nessa fazenda que me disse algo que me revoltou. Normal causar surpresa nas pessoas e elas perguntarem se é promessa, trabalho científico, se tenho patrocínio, tudo isso é normal e respondo a todos naturalmente.

Mas esse senhor perguntou como eu ganhava dinheiro e disse que não ganhava nada, algumas pessoas colaboravam com doações, outras com pouso, comidas e assim ia seguindo. Daí ele

disse o seguinte – "Olha, me desculpe, mas para mim isso é algo de quem não tem o que fazer" – então respondi:

"Como assim? Queira ou não, além da minha aventura, não deixo de fazer um trabalho. Não é remunerado de forma convencional, mas estou levando informações daqui a pessoas que estão longe, além de trazer informações de longe para as pessoas daqui. Sem falar que estou realizando uma aventura e tem a minha conquista pessoal, a superação dos meus limites, tudo isso é um feito, é algo que alguém está fazendo. Porque para tudo nessa vida é necessário receber (e muito) dinheiro? Outro tipo de recompensa que não seja dinheiro pode não ter valor para o senhor, mas para mim tem muito valor!"

Fazenda Uval que tem um porto no Rio São Lourenço

Bem, acabei deixando aquele senhor um pouco desconcertado, um dos grandes males desse mundo é nossa mania de julgar as pessoas, suas motivações. Difícil aceitar quem pensa diferente de você ou que pensa diferente da maioria? Não precisa pensar como eu, basta respeitar minha opinião da mesma forma que eu respeito a dos outros.

Após uma hora o dono e o gerente da fazenda chegaram e por coincidência o gerente já havia visto a minha entrevista para a TV Morena, foram os primeiros pantaneiros que encontrei e que me viram na TV. Falei que meu objetivo era chegar pedalando o mais próximo possível do Porto Jofre para seguir viagem pela Transpantaneira. Foi quando ele fez a seguinte oferta – "Amanhã cedinho um caminhão vai levar o pessoal daqui até o Jofre, enquanto isso uma voadeira da fazenda vai descer o rio para fazer a travessia do pessoal. Se quiser uma carona pode ir com eles e fazer essa travessia."

O porto da fazenda fica a 20 quilômetros a leste do Jofre, se eu fosse até o porto da fazenda teria que dar um jeito de descer o rio. Poderia ir pelas trilhas até a fazenda São Bento, seria de um a dois dias a mais na viagem e correria o risco de não conseguir fazer a travessia, pois era época de piracema e como a pesca no rio é proibida, não há muitos barcos passando pelo rio que me poderiam ajudar na travessia.

E a dúvida, seguir pedalando dali até a Fazenda São Bento ou pegar uma carona no último dia?

Depois de 10 dias de Pantanal, muito cansaço e a possibilidade de chegar em Cuiabá mais cedo, não pensei duas vezes, aceitei a carona no ato. Outro lado positivo é que indo com eles, poderei descobrir a rota exata de como cruzar o Pantanal, algo que até então ninguém havia feito. Com essas coordenadas, qualquer pessoa poderá cruzar o Pantanal sem correr riscos desnecessários,

até mesmo eu numa próxima viagem.

Foram até aquele dia 440 quilômetros pedalando dentro do Pantanal. Poderia acrescentar mais 50, mas já havia decidido que minha aventura no Pantanal Sul-mato-grossense acabara ali.

Como cheguei cedo, tive tempo de sobra para curtir a fazenda. Primeiro bati um papo com um cara que tem como trabalho, instalar antenas de telefonia nas fazendas. Esse era o cara com quem eu deveria ter conversado antes de entrar no Pantanal, como ele tem que percorrer quase todas as fazendas instalando e dando manutenção nas torres de telefonia, ele conhece todo o Pantanal melhor que ninguém.

Seu veículo é uma moto, o mais próximo da bicicleta. Quando contei o caminho que eu fiz, ele disse que dei muitas voltas, pois para fazer a travessia até Rio Negro, onde foi minha entrada no Pantanal, há vários caminhos usando as vazantes. Com um mapa e um GPS ele poderia me traçar a melhor rota. Depois me contou dos perigos do Pantanal e disse que considera as onças o menor deles. Para ele, bem mais perigoso que onças são as cobras Boca de Sapo e jacarés que saem da hibernada. As pequenas "boca-de-sapo", extremamente venenosas, podem se esconder dentro do sapato do Pantaneiro e picar o homem ao calçá-lo.

Já os jacarés, quando os Corixos secam por causa da seca eles passam a andar pelo meio da mata, atrás de outro lago para se alimentarem de peixes. Se não encontram lagos, se enterram na areia e hibernam por longos meses se necessário. Ao cruzar um jacaré como esse durante essa caminhada ou logo após a saída da hibernada, como estão famintos, eles atacam tudo que se move, inclusive os ciclistas.

Já onças, ele disse que não existe essa história do ciclista estar passando pela estrada e ela saltar da floresta para comê-lo. Se você não pedalar nos horários dela, dificilmente terá problema. Se avistar uma onça também não é problema, pois se ela não se sentir encurralada, com certeza irá fugir, perigo mesmo só se ela estiver com filhote.

Casa das Araraunas (Arara Azul)

Ele contou um caso, estava numa estrada de moto e deu de frente com uma onça. Ao vê-lo, ela pulou para o meio do mato, saindo da pista. Mas assim que ele passou por ela, percebeu que ela se armou e passou a persegui-lo, então ele acelerou e a deixou para trás. Mais adiante, quando estava em segurança, a viu cruzando a estrada, entrando no meio de uns arbustos e saindo de lá com um filhote de onça. O risco que ele correu foi porque ele ficou entre a onça e o filhote, nesse momento a mãe, com seu instinto protetor, se atirou em sua direção,

mas assim que ela percebeu que seu filhote não corria riscos, abandonou a perseguição. O lado bom é que aquela não era uma época de procriação das onças, que geralmente ocorre nos meses de junho, então corri poucos riscos durante a minha travessia.

Na fazenda ainda havia um enorme ninho de Tuiuiú e uma outra árvore onde, ao final da tarde, dois casais de Araras Azuis pousavam para passar a noite. Me disseram que todos os dias, o filhote de Tuiuiú que morava no ninho voltava para passar a noite, mas infelizmente, fazia poucos dias que ele não aparecia, isso quer dizer que ele já tinha se tornado um adulto e provavelmente encontrado uma parceira. Já as Araras vieram no final da tarde e dessa vez pude vê-las bem de perto. Fui até o pé da árvore que elas estavam, peguei várias penas de Araraunas e trouxe de recordação.

A noite chegou, arrumei um canto para armar minha rede na varanda do dormitório dos peões e aguardei o dia seguinte, quando finalmente iria vencer o meu primeiro Bioma.

3.11 - DIÁRIO DO PANTANAL – DIA 11 – A TRANSPANTANEIRA

Acordamos as 3h00 da manhã, na hora dos Pantaneiros (5h00 no horário de Brasília). Minhas malas já estavam praticamente pronta, só precisei guardar a rede, o saco de dormir e com a ajuda de 4 pessoas colocamos a bike montada na Pick-up. Estava pronto para partir, ainda sobrou tempo para tomar um café da manhã. Como disse em outro capítulo, a maioria dos trabalhadores das fazendas do Pantanal moram nas cidades no entorno, grande parte dos trabalhadores daquela fazenda moram em Poconé, cidade do Mato Grosso que fica no final da Transpantaneira.

Com o GPS ligado fui gravando o caminho, o carro iria até o Porto Jofre, do lado Sul-mato-grossense, no trajeto passaríamos pela Fazenda São Bento, também conhecida por ser uma criação de onças. Vale novamente aquela máxima de quanto mais longe vier a informação sobre um local, mais fantasiosa ela fica. Segundo o pessoal de Campo Grande e fazendeiros do sul do Pantanal, aquela fazenda foi comprada por ativistas franceses que acabaram com a atividade pecuária e largaram o gado para virar comida de onça. O que ocorreu na verdade é que realmente foi comprada por uma Ong, só que eles continuam a atividade agropecuária, mas ao contrário de vários fazendeiros que matam a onça que ataca seu gado, lá eles não só não fazem nada, pelo contrário, até realizam monitoramentos das onças com coleiras e tudo mais.

Voltando ao trajeto, o carro seguiu tranquilo pelo areião desenvolvendo uma velocidade média de quase 40 km/h. Observava que havia pouca areia e muito pasto formado ao lado, ou seja, o trajeto é bom para pedalar. Antes de chegar na fazenda São Bento, ainda há o retiro São Clemente que pertence a mesma fazenda, seria mais um ponto de apoio que poderia ter usado caso fosse pedalando até o Jofre. Até então, nada de matas fechadas e bom descampados, seguros para pedalar. O carro andou cerca de 20 quilômetros até chegarmos a um aterro, isso significa o fim do areião e estrada boa para pedalar. Seguimos por esse aterro sendo que o motorista ainda fez um desvio, dando uma volta maior, apenas para passarmos na frente da Sede da São Bento. Havia muito gado pelo caminho, também notei que muitas áreas que foram desmatadas para pasto, estão abandonadas, ou seja, voltando a virar cerrado.

Entre a boiada havia um boi morto, deu para notar que o focinho dele estava deformado, com certeza foi ataque de onça que geralmente ataca a cabeça do gado para derrubá-lo. Eu tinha alguma expectativa de ver alguma onça, pois estávamos passando na área dela, bem no momento em que elas estão retornando da caça, mas creio que o barulho dos carros fez com que elas se afastassem das ruas antes da nossa chegada.

Chegamos no Jofre por volta das 7h00 (horário do Pantanal) e havia uma balsa grande ancorada do nosso lado, cabia até um carro, isso quer dizer que até existe a possibilidade de fazer a travessia do rio, mas enquanto estávamos esperando o barco da fazenda, não vi ninguém que poderia ser responsável pela balsa. Depois de uns 20 minutos aguardando, logo apareceu o barco da fazenda para realizar nossa travessia, uma pequena voadeira e fez nossa travessia em 3 etapas, rapidamente estávamos todos em Mato Grosso.

Dentro do Pantanal, me diziam que a partir dali haveria internet e sinal de celular, que inclusive, poderia usar a internet de uma pousada onde o pessoal que aguarda o transporte até Poconé costuma esperar. Assim poderia ver o nome da pousada na Transpantaneira que a Fernanda, minha anfitriã em Cuiabá me indicou, já que não daria para fazer em um dia do Jofre até Cuiabá. Mas como estávamos em época de Piracema, com a pesca proibida, nenhuma pousada no Jofre estava funcionando.

Segui então pela Transpantaneira, um aterro com terra bem firme, onde conseguia imprimir velocidades superiores a 20 km/h com muita facilidade, então apertei muito o ritmo da pedalada. São centenas de pontes de madeira na estrada e em cada ponte é possível ver vários animais bem próximos da gente. Um festival de Capivaras, Jacarés, Tuiuiús e diversos outros pássaros, sempre próximos a você. Do Jofre até as primeiras pousadas foram cerca de 30 quilômetros e nenhuma das que eu passei tinham internet. Parei em uma pousada para pedir água e poder fazer meus miojos. Lá uma senhora fez para mim no fogão, só não me deram comida porque não tinha nada e segundo eles, uma pessoa estava até trazendo comida para o pessoal.

Cruzando o Rio São Lourenço no Porto Jofre

Fiquei um tempo de papo com o guia da pousada e comentei que ao passar por um posto da Policia Ambiental que estava abandonado, havia um forte cheiro de carniça, mas não parei para observar. O guia dessa pousada disse que ali as onças costumam levar suas caças para comer e já houve casos de pessoas que entraram na casa e deram de cara com uma onça, provavelmente havia alguma carcaça fresca ali. Pedalei por mais 30 quilômetros, passava por algumas pousadas, mas a maioria delas tinha sede a mais de três quilômetros da estrada. Tinha medo de entrar nessas estradas e descobrir lá que não havia

internet e ter que voltar tudo novamente, então continuei pedalando.

Depois de uns 60 quilômetros pedalados, cheguei a um rio grande com uma ponte de concreto. Havia inclusive uma antena de celular, liguei procurando sinal da Tim, minha operadora, mas só havia da Vivo. Segui em frente, no alto da ponte avistei algumas ariranhas pescando e realizando um verdadeiro balé nas águas, uma colocou a cabeça fora d'água e começou a mastigar um peixe. Do outro lado da ponte vinham dois homens, eram funcionários de um hotel que havia na beira do rio, consegui água com eles e pedi informações sobre o que encontraria pela frente. Apenas algumas pousadas, mas todas afastadas da estrada.

Centenas de pontes como essas, as vezes com alguns "obstáculos"

Tentava lembrar o nome da Pousada que a Fernanda de Cuiabá havia me indicado, só lembrava que ficava próximo do quilômetro 32. O problema é saber se é a 32 quilômetros de Poconé (início da Transpantaneira), ou do Jofre, já no final. Aliás, para alguns o começo é no Jofre, para outros em Poconé e eu me ferrei ali no meio sem saber para onde ir. A fome estava aumentando, queria chegar nessa pousada, que burrice a minha não anotar os dados num papel, ou mesmo num bloco de notas no meu Smartphone, mania besta de contar com a tecnologia apenas. O pedal rendia, em compensação o sol castigava, pedalava até uma sombra e nela parava para me refrescar. Em uma dessas paradas, olho para o chão e vejo uma manga caída. Em cima de mim um pé de manga carregado, consegui pegar umas seis para meu almoço, mas comi rapidamente e voltei a pedalar.

Faltavam cerca de 40 quilômetros para o final da Transpantaneira, isso significava que se fosse 30 quilômetros de Poconé, a pousada que me indicaram deveria estar próxima. Parei um taxista que saia de uma pousada, primeiro perguntei se havia internet lá e ele disse que provavelmente não. Depois expliquei que estava procurando uma pousada, mas não lembrava o nome. Pedi para ele dizer o nome de algumas e logo a frente havia a Pousada das Araras, mas ele disse que essa não poderia ser pois, segundo ele, o dono "era picareta", porque

Jacarés, visão constante durante o pedal pela Transpantaneira

fazia plantão no aeroporto só para pegar os gringos desavisados, cobrando preços exorbitantes.

Segui pedalando e logo estava na frente dessa pousada, era a que tinha acesso mais próximo da rodovia, mas resolvi acreditar no motorista e segui em frente. Quando eram cerca de 18h00, cheguei ao portal da Transpantaneira. Ali havia um pouco de sinal de celular, acessei a internet, consultei o email e adivinhem o nome da pousada que minha amiga indicou? Pousada das Araras.

Me ferrei, como não iria retornar 30 quilômetros, preferi seguir até Poconé, estava sem dinheiro e com um único pacote de Miojo. Tinha esperanças de que houvesse algum dinheiro na minha conta, mas tentei passar o cartão um uma loja e nada. Acabei dando uma mendigada numa casinha de hot-dog e ganhei um para aliviar a fome. A cidade estava lotada, era sábado e todos os bares lotados, a vontade de tomar uma cervejinha era demais depois de tantos dias. Pensei em puxar assunto com alguém, tentar fazer amizade para ver se isso faria alguém me pagar algo, mas achei isso muita sacanagem.

Se as pessoas me parassem eu conversaria, seria simpático e se uma oferta surgisse tudo bem, mas fazer amizades com segundas intenções não é comigo. Vários dos pantaneiros que fizeram a viagem comigo eram de Poconé, alguns deles disseram para eu ficar na casa deles na cidade, mas como achava que ficaria na pousada, agradeci e sequer peguei o telefone deles. Bem feito, então eu resolvi procurar um posto de gasolina na saída da cidade, achei um canto próximo de onde os caminhoneiros dormem e fui logo dormir. No dia seguinte ainda teria que pedalar uns 130 quilômetros até Cuiabá, sem dinheiro e apenas com um pacote de arroz e um misero miojo, tudo isso teria que me levar até Cuiabá.

Me despedindo da Transpantaneira

Transpantaneira - MT

4 – O ESTADO DO MATO GROSSO

Mar de soja Matogrossense

Desde que cruzei o Rio São Lourenço e entrei na Transpantaneira, já estava em Mato Grosso, um dos estados mais ricos do Brasil. Esse estado é bem particular, como tinha uma baixíssima densidade demográfica e criaram diversas políticas para trazer pessoas de outros estados para "colonizá-lo".

Conheci poucos Mato-grossenses legítimos, tirando os índios e os de primeira geração, só encontrava gaúchos, catarinenses, paranaenses, paulistas, sendo que mais para o Norte há muitos imigrantes do Pará. Isso não é uma crítica, mas um fato que infelizmente pode trazer prejuízos para o Estado, principalmente ambientais.

Sabemos que a maioria das pessoas que vêm de fora, geralmente chegam visando apenas o lucro, principalmente grandes fazendeiros, pois o povão vem em busca de trabalho nessas fazendas. Portanto são esses grandes fazendeiros que definem o que essa massa operária vai fazer e como esses fazendeiros raramente têm apego à terra onde não nasceram, é comum vermos o lucro vir antes da preservação. Pior ainda é o escrúpulo dessa galera, é muito fácil constatar o desrespeito às leis. Uma simples fiscalização um pouquinho mais séria constataria que a maioria das grandes fazendas agropecuárias do Mato Grosso descumprem tanto a legislação ambiental como trabalhista, isso quando não falamos da criminal.

725 km
11 dias

altitude
132 min
858 max

Sabia que encontraria oceanos de soja durante minha passagem pelo estado, mas confesso que vendo "in loco" é bem mais impressionante do que quando vemos pela TV. Mato Grosso é um estado rico, fascinante, mas marcado por grandes diferenças sociais. O Mato Grosso tem 54% da sua área de Floresta Amazônica, 39% de Cerrado e 7% de Pantanal. Minha saga no estado começou cruzando sua área de Pantanal, apesar de 65% do Pantanal Brasileiro estar no Mato Grosso do Sul, sua parcela de 35% não é nada desprezível. De cara vi um estado que explora muito bem o turismo no Pantanal, muito melhor que o seu vizinho do sul. Senti que o Pantanal, para o Mato-grossense é motivo de orgulho, até mais que sua Floresta Amazônica.

No cerrado é comum ocorrer queimadas naturais, inclusive algumas das sementes só eclodem depois que atingem certa temperatura e encontrei várias árvores de cerrado com seus troncos chamuscados e folhas verdinhas, significando que sua árvore resistiu as fortes temperaturas da última queimada. Apesar de queimadas naturais ocorrerem no Cerrado, o mesmo não podemos dizer das que ocorrem em solo Amazônico e infelizmente essa é a desculpa dada para justificar a maioria das queimadas que encontrei no estado.

Um estado complexo, boa parte da sua floresta já foi desmatada e isso é fácil constatar pelas imagens do Google Earth, grandes áreas mais preservadas você só encontrará em reservas indígenas, mesmo assim é comum ouvirmos histórias de garimpos e até desmatamentos promovidos pelos próprios índios. Outra questão delicada é a relação entre os Índios e os "Brancos" do estado. Quanto mais longe de uma reserva, mais os índios são odiados e temidos. Tanto é que escrevi um texto para o blog com o título "Índios, as 'onças' do Mato Grosso", uma clara alusão ao terror que me colocaram em relação as onças no Pantanal. Mas mais uma vez, quanto mais próximo chegava da região dos índios, ficava mais claro que esse terror era superestimado.

Claro que há bandidos entre eles, mas eles existem na mesma proporção como há entre os brancos. A diferença é que esses bandidos se aproveitam da legislação que lhes dá inimputabilidade para cometerem seus crimes, portanto riscos sempre haveria, seja dentro ou fora das reservas. Por isso sempre acreditei na máxima de que os "bons são maioria" e não me abalei em nenhum momento da viagem.

Mato Grosso foi um dos estados mais desiguais por onde passei, miséria e riqueza caminhando lado a lado, mas encontrei também um povo humilde, bastante guerreiro e extremamente acolhedor. Muitos se incomodam sim com a fama de destruidores e querem fazer algo para mudar, o problema é que a maioria dessas pessoas simplesmente não sabe o que fazer. Faltam políticas públicas reais e não políticas eleitoreiras que só sabem explorar a esperança do povo, aquela de que "algum dia" alguém virá resolver seus problemas. Esperança que infelizmente só serve para fazer com que o povo seja facilmente manipulado, pois enquanto ele espera o líder bondoso salvá-lo, vão levando a vida sem o asfalto, o saneamento, a saúde e as condições dignas para viver, algo que já chegou às cidades ricas, como vocês irão constatar nas próximas páginas do livro.

Aliás um comentário de um caminhoneiro diz tudo – "Onde tem soja tem asfalto bom". Sim, o sul do estado é dominado pela soja, justamente a região dominada pelo Cerrado que

antigamente tinha como carro chefe a pecuária. Mas a soja é ideal para terrenos planos como as imensidões do Cerrado Mato-grossense e da mesma forma que a Cana expulsou a pecuária de São Paulo, a soja mandou os pecuaristas mato-grossenses para o norte, justamente para a região de Amazônia Legal.

Esqueletos de uma ex-floresta

Um detalhe importante, enquanto no Cerrado apenas 20% do terreno tem que ser de reserva legal, na Amazônia essa proporção tem que ser de 80%. Os pecuaristas que invadiram o norte do estado, para não serem multados derrubando árvores, simplesmente tacam fogo na floresta e alegam que foi a "queimada natural". Mas basta visitar esses trechos de queimada para encontrar pneus, galões derretidos e diversos outros agentes catalisadores que só podem ter chegado ali de forma criminosa.

Em contrapartida a destruição que estava a todo lado que olhava, só encontrei uma fazenda que fazia manejo sustentável o que definitivamente seria a melhor maneira de explorar a Amazônia. Mas o que os governantes desse estado esperavam que ocorresse jogando pecuaristas no norte do estado e os deixando livres para fazerem o que bem entendem?

Bem-vindo ao Mato Grosso e acompanhem minha saga por mais de 1500 quilômetros pedalados por esse estado intrigante.

4.1 – A CHEGADA EM CUIABÁ

A noite em Poconé não foi muito agradável. Minha noite de sono foi num terreno ao lado de um posto de gasolina, na saída da cidade, terreno é usado como estacionamento de caminhoneiros. Usei uma dessas máquinas agrícolas, que são puxadas por trator para arar a terra como ponto de apoio da minha rede, o outro foi uma árvore. Ao lado do posto de gasolina havia uma loja de conveniência e a todo o momento aparecia um carro com o "pancadão" rolando, noite muito mal dormida. De manhã tinha apenas um pacote de arroz na mala e mais nada, resolvi tentar fazer um pouco do arroz como café da manhã, mas acabei queimando a comida, tentei comer um pouco mas estava intragável.

Fui ao banheiro, me abasteci com água e quando voltei a bike para começar o pedal notei um senhor olhando minha bicicleta com bastante atenção. Parei ao lado dele como se ficasse admirando a bicicleta também até ele diz – "E essa moto aí?" – imediatamente respondi – "Não é uma moto, é uma bicicleta." – ele retrucou – "Que bicicleta nada, isso é uma moto, olha o

motor ali atrás!" – disse apontando para meus alforjes. Depois de convencê-lo, com muito custo, de que aquilo era uma bicicleta, encarei novamente a minha viagem.

De Poconé à Cuiabá são 120 quilômetros, todo o trajeto asfaltado e praticamente plano. O Pantanal e a cidade de Poconé estão numa altitude de 100 metros, já Cuiabá está a 200. Pedalei e logo a 20 quilômetros passei pelo município de Cangas, nesse dia não tirei uma foto sequer, pois não consegui recarregar as baterias dos celulares. Depois de Cangas são mais 50 quilômetros até Nossa Senhora do Livramento e no caminho não há nada, nem um bar, fazenda, vilas, rios, plantações, pés de manga, nada. Estava desgastado pela penosa travessia do Pantanal e para piorar, como não havia tomado café e comecei a passar muito mal. Vi uma dessas palmeiras com vários coquinhos, depois descobri que o nome deles é Buriti. No Pantanal me disseram que os Porcos Monteiros e os "Queixadas" se alimentavam desses cocos, achei vários caídos no chão, bem amarelos, aparentando estar maduros.

Tentei comer, mas não conseguia, tirei a casca deles e dentro havia um grande caroço envolvido com algumas fibras. Depois descobri que são essas fibras que devemos comer, mas para virar alimento é preciso colocar os caroços numa água quente e esperar essas fibras se soltarem, algo que jamais iria conseguir fazer na estrada. Mas a fome era tanta que já estava começando a bater o desespero.

Faltavam 10 quilômetros para Livramento e 60 até Cuiabá, onde seria recebido por uma amiga e teria, no mínimo, um belo prato de comida. Provavelmente encontraria um bar de estrada próximo a cidade, mas como estava sem dinheiro seria obrigado a pedir comida. Fico imaginando quantos pedintes ficam pedindo comida para os donos desses bares e quantas vezes eles devem dizer não. Não queria mendigar, mas seria impossível chegar em Cuiabá sem me alimentar.

Coloquei na cabeça que, pela primeira vez, iria pedir comida, foi quando encontrei uma casinha próximo a estrada, ao me aproximar notei ser uma borracharia onde o dono morava ao lado. Entrei, contei minha história para um senhor que deveria ser o dono da borracharia e pedi comida. O senhor pediu para esperar, entrou na casa e quando voltou disse que eu iria comer, para aguardar enquanto a mulher dele preparava a minha comida. Minutos depois sua esposa apareceu com um pote de sorvete desses de 2 litros, dentro tinha arroz, feijão, macarrão e frango, cobrindo mais da metade do pote. Para acompanhar uma garrafa pet de 2 litros, com de água gelada.

Se fosse pesar, posso dizer que ali tinha facilmente mais de 1 quilo de comida, queriam até que eu levasse mais, mas agradeci a oferta pois não seria necessário, aquela dose seria suficiente para chegar em Cuiabá. Aquele senhor me contou que é comum aparecerem ciclistas pedindo comida e abrigo em sua casa, me apontou uma mangueira onde várias pessoas já armaram acampamento. Foi a primeira vez em minha vida que pedi comida para alguém (que não fosse minha mãe), senti um pouco de vergonha e fico imaginando o sofrimento das pessoas que não tem nem para quem pedir.

Segui pedalando e dessa vez sobrava energia, parecia que eu tinha tomado gasolina extra

aditivada, não demorou e entrei em Cuiabá. Lá eu consegui ligar meu celular que estava quase zerado de bateria, mas com o suficiente para eu falar com a Fernanda que me indicou como chegar a sua casa. A Fernanda é amiga do Renan, um amigo ciclista aqui de São Paulo, ao ver que eu iria passar por Cuiabá, entrou em contato com sua amiga que me recebeu de forma maravilhosa. Assim que cheguei me colocou num carro e me levou direto para uma pizzaria, olha aí outro anjo que surgiu em minha vida marcando para sempre.

4.2 – A CIDADE DE CUIABÁ

Chegar em Cuiabá foi um alívio, queria sair do Pantanal antes do Natal e consegui. A Fernanda, minha anfitriã é um doce de pessoa e até me convidou para passar o Natal com sua família. Mas já sabia que o Natal deveria ser o momento mais doloroso da viagem, não era justo levar minha dor para aquela família, portanto agradeci o convite, mas me programei para sair de Cuiabá no dia 24 de dezembro e passar meu Natal sozinho, no meio da Chapada dos Guimarães, só não sabia aonde.

Cuiabá foi a única cidade onde eu não fiz nenhum contato prévio com ciclistas, mas quem pedala sabe que somos uma praga e não é difícil nos identificar no meio da malha urbana. A Fernanda, apesar de ser amiga do Renan (um ciclista), não entendia nada de bicicleta, não sabia sequer onde havia lojas de bike em Cuiabá. Mas num dos passeios pela cidade em que ela me levava de carro, avistamos um grupo de ciclistas noturnos.

Paramos e eles me indicaram duas lojas, sendo que uma delas, a Tribo Adventure era ao lado da casa da Fernanda, dava para ir a pé. Lá conheci o Djalma, dono da Bicicletaria que tinha em seu mural, uma foto sua com a Renata Falzoni, foto tirada em um evento que ele participou em São Paulo. O Djalma me deu uma força enorme, revisou minha bike, me ajudou a trocar o aro da minha bicicleta que havia se quebrado logo que estava chegando em sua loja e me deu uma excelente dica de onde passar meu Natal na Chapada dos Guimarães, o Ninho das Águias.

Meus dias em Cuiabá foram corridos, mas consegui conhecer várias pessoas interessantes. A Fernanda tinha uns conhecidos na TV Centro América, afiliada Globo de Mato Grosso, ela entrou em contato com eles para sugerir minha viagem como pauta. No dia seguinte me ligaram perguntando se eu não me importava em conceder uma entrevista junto com outros três ciclistas que estavam em uma viagem de volta ao mundo e que por coincidência, também estavam na cidade. Achei ótimo e marcamos a entrevista para o dia seguinte.

Cheguei ao parque no horário combinado e logo chegaram os três ciclistas, Kico, Thiago e Casé. Três ciclistas de Juiz de fora que formam o grupo Nova Origem (www.novaorigem.com.br), estavam a oito meses na estrada para uma volta ao mundo, projeto esse que iria se encerrar em 2014. Depois da entrevista que concedemos a Globo local e que foi veiculada no seu jornal matinal em todo o estado do MT, nos abrigamos de uma forte chuva num posto de gasolina, onde batemos um bom papo.

Eles saíram de Juiz de Fora e seguiram pedalando por diversos lugares do Brasil. Passaram pelo norte de Minas, Brasília, Chapada dos Veadeiros, seguiram para Barra do Garça, entrando no

Kico, Caseh e Tiago, cicloturistas do grupo Nova Origem em sua volta ao mundo

Mato Grosso e cruzaram meu caminho em Cuiabá. De lá eles iriam finalmente deixar o país, seguindo até Cáceres e entrando na Bolívia.

O ritmo de pedal deles era muito diferente do meu, principalmente a pegada, enquanto tentava passar poucos dias em uma cidade, eles tentavam curtir ao máximo os locais que passavam, chegaram a ficar dois meses só na Chapada dos Veadeiros. Isso reflete na distância percorrida, até aquele momento havíamos pedalado quase a mesma distância, a diferença é que eles estavam a 8 meses na estrada e eu a pouco mais de um mês.

Minha cabeça não estava livre como deveria estar, queria voltar logo para ver meu filho, ainda tinha esperança de reatar meu casamento, tudo isso deixava minha cabeça ainda mais confusa e não me permitia curtir a viagem. Já eles eram três jovens (cada um tinha 10 anos a menos que eu), solteiros e sem praticamente nenhum vínculo que não fosse com o projeto pessoal dos três. O papo foi muito bom, a primeira pergunta que mandei é como eles resolvem as crises internas. O fato deles serem amigos de infância e terem a mesma idade ajuda muito, mas eles tem uma regra bacana, sempre que um não estiver a fim de pedalar, não tem discussão, ninguém pedala.

Sei o que é pedalar em companhia é mais difícil do que pedalar sozinho, nem sempre todos tem o mesmo ritmo, mesmo quando o seu parceiro (ou parceiros) tem ritmos parecidos, é preciso levar em conta o dia de cada um. Uma contusão, uma noite mal dormida, um "piriri", problemas gástricos ou até mesmo intoxicação alimentar pode trazer problemas para um deles e testar a paciência do outro. Minhas primeiras viagens sempre foram com o Claudio Nadaleto, não vou dizer que não tínhamos problemas de relacionamento, mas eles eram raros, acho difícil surgir uma parceria tão antagônica e completa como a nossa.

Em 1997 fiz uma viagem de bicicleta beirando o Rio Tietê com o Claudio e correu tudo sem maiores problemas, mesmo sendo muito diferentes aprendemos a aproveitar o que o outro tem de melhor. O Claudio é uma pessoa excelente para administrar dinheiro, já eu sou um bom planejador e tenho um ótimo senso de direção, assim eu deixava com ele todas as decisões em relação a dinheiro enquanto ele raramente discordava das minhas decisões em relação ao trajeto. Uma boa dica para quem quer pedalar com alguém é que vocês definam, antes da viagem, quais as responsabilidades de cada um.

Em 2004 resolvi repetir a viagem do Tietê, chamei novamente o Claudio e dessa vez o meu amigo de infância Wellcleaf. Na semana da viagem o chefe do Claudio cancelou suas férias e

acabei indo apenas com o Well. Como ele levou um tombaço um mês antes da viagem, ele acabou não treinando para a viagem e não estava com um condicionamento tão bom como o meu. Por causa disso tivemos vários contratempos e minha paciência foi pro espaço ao ponto de discutirmos no meio da viagem com ele a abortando a viagem no meio dela.

Apesar de ter brigado com um amigo, essa experiência foi muito útil, pois jamais deveria tê-lo forçado a pedalar no meu ritmo. Quando optamos por realizar uma cicloviagem em grupo, temos que esquecer a preocupação com ritmo, tempo e velocidade e principalmente tentar ser o mais fiel possível ao cronograma da viagem, quanto menor espaço para manobras maior o risco de problemas, isso vale para tudo na vida. Se você quer viajar, mas tem muita preocupação com tempo e desempenho, vá sozinho.

Óbvio que me acertei com esse amigo e posso dizer que graças a aquela experiência acabei me tornando uma pessoa muito mais paciente e com isso acabo ajudando muitos ciclistas iniciantes a continuarem no mundo da bicicleta. Aliás se não tivesse passado por aquilo não sei se teria criado o Desafio Bicicletas ao Mar, um programa que visa capacitar ciclistas iniciantes para que eles possam percorrer a Rota Cicloturística Márcia Prado e consequentemente entrar para o nosso mundo da bike. Se você foi mais uma dessas pessoas que se beneficiaram com o DBM, saibam que muito se deve ao meu amigo.

Nessa viagem se tivesse chamado alguém, com certeza teria companhia, mas sabia que em muitos momentos o ritmo seria importante e para não ter problemas, fiz questão de pedalar sozinho. Sem falar no fato de que eu precisava dos meus momentos de solidão para poder refletir melhor sobre minhas questões pessoais. Foi maravilhosa essa troca de experiências com a galera do Nova Origem, aprendi muito com eles, inclusive recebi boas dicas para o restante da minha viagem, como indicações de locais para ficar no meu trajeto.

Só atualizando, como esse livro foi reeditado em 2014, infelizmente eles não concluíram suas jornadas, acabaram se separando ainda em 2011 e hoje apenas o Kico continua envolvido com cicloviagens.

Fiquei cinco dias em Cuiabá, tive minha bike revisada, aprendi a montar uma roda quando tive que trocar o aro. No final das contas acabei aprendendo como "não deveria" ter montado uma roda, mas isso como contarei mais adiante. Curti a cidade, pedalei com um grupo noturno da Tribo Adventure, e é uma cidade que com certeza voltarei mais vezes, se possível, sempre de bicicleta.

Aprendendo a enraiar uma roda

4.3 – MAIS HISTÓRIAS DE AMOR E DOR

Quando caí na estrada, não queria apenas pedalar, mas refletir sobre tudo que aconteceu em minha vida e principalmente compartilhar experiências e tentar tirar alguma lição delas. Quando passamos por um grande sofrimento, temos a sensação que a nossa dor é maior que a de todo mundo, mas não é. Não somos os únicos do mundo com problemas ou que passam por momentos difíceis. É fato, algumas pessoas têm mais dificuldades de lidar com uma dor, algumas levam anos para superar, outras chegam até a sucumbir, mas as pessoas que continuam vivendo são aquelas que conseguem tirar lições da dor.

Ao conhecer alguém, não era difícil abrir meu coração e bastava um pouco de papo para meu ouvinte saber da minha separação, do meu sofrimento, das saudades do meu filho e de todo drama que vivia naquele momento. Isso fazia com que as pessoas abrissem também seus corações me confidenciando seus dramas. Em Cuiabá conheci duas pessoas, um homem e uma mulher que passaram por situações tão intensas como a minha. Os nomes eu alterei, até porque o mais importante são as histórias e como de alguma forma elas me ajudaram, acredito que elas serão úteis para meus leitores também.

Primeiro vou contar a história da Patrícia, ela viajava muito a trabalho e nesse trabalho conheceu um Francês, o Jean. Eles viviam uma linda história, quando estavam no Brasil ficavam no Rio de Janeiro e juntos compraram um apartamento. Estavam felizes, iriam se casar, fizeram planos de morar juntos, ela deveria mudar de emprego para viajar menos, mas teriam como base o apartamento no Rio.

Estava tudo certo, ela já havia se mudado para o Rio de Janeiro, até brigou com a família, pois eram contra esse casamento, mas o amor falou mais forte, até porque ela sabia que o sentimento era recíproco. Foi quando ele teve que voltar para a França, a fim de resolver alguns problemas pessoais, antes de se mudar em definitivo para o Rio, mas quando ele voltou da Europa veio com uma bomba. Numa comemoração entre amigos, encheu a cara e acabou ficando com uma pessoa. Pra piorar, a mulher engravidou.

Nem preciso falar que a casa dela desmoronou. Acabou retornando a Cuiabá, para a casa dos pais que a receberam bem, mas teve que aguentar o terrível "eu te disse" da família, o que só piorava ainda mais seu sofrimento. O Jean, completamente arrependido, implorava por perdão, mas a raiva a dominava por completo. Apesar da forte dor ela ainda o amava muito e por causa disso acabou dando uma chance a ele.

Jean largou seu trabalho e mudou com ela para Cuiabá, enquanto ela trabalhava com os pais, ele arrumou um emprego de professor de Francês. Claro que ganhava 10% do que ganharia no seu trabalho anterior, mas ele queria ficar perto do seu amor e aos poucos, com a ajuda dela, foram tentando recuperar a relação, já fortemente desgastada. Infelizmente a família continuava contra esse relacionamento o que só piorava o sofrimento dela e sua tentativa de reconciliação.

Os meses foram passando, a criança nasceu e foi feito o exame de DNA. Quando o resultado confirmou que ele era o pai da criança, Patrícia não aguentou e terminou tudo de vez. Jean então pegou suas tralhas e voltou para a França. Nesse meio tempo ela foi cruel com ele, chegou ao ponto de dizer por telefone que ela havia transado com outro cara e adorado e mesmo assim ele continuava dizendo que a amava, que queria viver com ela para sempre. Quando contava a ela as atitudes que minha ex tinha comigo, sem hesitar ela dizia que minha ex fazia aquilo por pura raiva e que, com certeza ainda havia muito sentimento por parte dela, mas que só o tempo poderia (ou não) curar essa dor que ela estava sentindo.

Durante a minha passagem por Cuiabá, eles ainda se falavam e ela me dizia que ainda o amava, que a dor já não era tão grande como antes, mas seu maior problema era sua família. Ela tinha certeza do seu amor pelo Jean, que era com ele que queria viver, mas sabia que se optasse em viver com ele, teria que se afastar da sua família. Era triste ver uma pessoa ter que escolher entre a família e seu amor.

Foi quando dei o meu pitaco, falei para ela aproveitar o Natal e conversar com sua família, contar sobre sua dor, dizer que é cruel eles indiretamente a obrigarem a fazer essa escolha e que ela deveria pedir o apoio deles. Ela tinha que dar essa chance a ele, deveria viver essa experiência, ela tinha o direito de tentar, se não desse certo, paciência. Sua família sempre iria continuar fazendo parte da sua vida, mas era fundamental saber que poderia contar com o apoio deles nessa decisão tão difícil que ela iria tomar.

Depois da viagem tive pouco contato com ela, não sei se ela teve essa conversa com sua família, só sei que hoje ela deixou Cuiabá e foi morar em São Paulo onde segue sua vida, sem seu namorado, sem sua família, mas agora casada com sua profissão.

Outra história foi a do Rodrigo, ele morava há oito anos com sua mulher, não eram casados no papel, mas viviam como se fossem e relativamente bem. Rodrigo era uma pessoa mais simples, tinha um emprego razoável, vida sem muitos luxos e não almejava grandes conquistas. Já sua mulher era muito ambiciosa, tinha um cargo de encarregada numa grande empresa varejista e cobrava dele a mesma ambição. Sempre que podia dizia que iria mudar para São Paulo para poder galgar altos cargos na carreira algo sempre o incomodou.

Eles eram bem diferentes, ele gostava de pedalar, praticar atividades físicas, já ela era uma sedentária convicta, gostava de beber, fumava, era um pouco fora de forma até devido ao estilo de vida sedentário que levava. Apesar de tantas diferenças eles se amavam e conseguiam superar todas as diferenças com seu amor. Ele até montou uma bike para ela, pois como todo bom ciclista, sempre sonhamos em ter nossa mulher fazendo companhia em nossas pedaladas, mas definitivamente não era a praia dela.

Um belo dia, sem nenhum aviso prévio, sua mulher surtou, disse que queria se separar, que iria embora e que não gostava mais do cara. O Rodrigo ficou doido, completamente sem chão, fez de tudo para voltar, mas sua mulher foi irredutível, foi embora, saiu de casa e o abandonou. Meses com muita dor se passaram, até que ele superou e voltou a sair, não demorou para conhecer outra pessoa, que morava numa cidade vizinha de Cuiabá. Estava começando a se dar bem com essa nova namorada e um belo dia, quando estava na casa dela, recebe uma

mensagem no celular. Era sua ex, dizendo que estava com saudades, arrependida e queria conversar com ele.

Perguntei a ele se ainda gostava dela, ele me disse que sim, que pensou em dar uma chance, mas tinha dúvidas. Na hora disse "Dê a chance!"

Se ele tivesse certeza que acabou, nem vontade de dar uma chance ele teria, afinal foram oito anos. Além disso não dá para se envolver com uma nova pessoa sem ter resolvido toda a questão do relacionamento anterior. Ele disse que daria a chance e fiquei feliz por ele, se der certo ao menos eles tentaram.

Vi nas duas histórias situações muito parecidas com a que vivi e fica fácil compreender que os roteiros dos relacionamentos podem ser diferentes, mas os problemas quase sempre são os mesmos.

Algo que aprendi com tudo isso é que todo relacionamento irá passar por momentos turbulentos e aí vai da habilidade do casal em fazer com que esses momentos não deixem grandes marcas pois isso vai acabar pesando mais adiante. Outro problema é que são poucas as pessoas que sabem interpretar seus próprios sentimentos e isso é a maior causa das presepadas que tanto homens como mulheres acabam cometendo durante um relacionamento.

A conversa que eu tive com a Patrícia me deixou animado, naquela época ainda estava muito ligado emocionalmente a minha ex e como as atitudes dela eram idênticas as da Patrícia, acreditava que ainda havia algum sentimento bom por mim e isso me alimentou falsas esperanças. Então segui em frente, tirei tudo de bom que Cuiabá me proporcionou e mais animado, encarei a estrada, pois no dia 24 de dezembro, meu destino era a Chapada dos Guimarães, onde passaria meu Natal no Ninho das Águias.

4.4 – A CHAPADA É CHAPADA!

Até então eu havia percorrido, "em tese" três Biomas, em São Paulo, onde vi um mar de cana, originalmente havia Mata Atlântica. Quando entrei em Mato Grosso, já estava no Bioma Cerrado. Depois entrei no Bioma Pantanal que tem vegetação de Cerrado, mas com essa característica de região alagada. Agora deveria seguir rumo ao norte e realizar a transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica. Ocorre que no meu caminho, além dos Biomas, há diversos pontos turísticos que fiz questão de incluir no roteiro, um deles é a Chapada dos Guimarães.

A Chapada dos Guimarães, que fica a 60 quilômetros de Cuiabá, uma formação linda, que tem como marca seus paredões vermelhos, vista de forma magnífica da cidade de Cuiabá. A Chapada é um dos pontos mais altos do estado do Mato Grosso, atingindo quase mil metros de altitude. Era dia 24 de dezembro, véspera de Natal, como decidi que iria passar o Natal sozinho, me despedi da Fernandinha e depois fui até a Tribo Adventure, onde o Djalma ofereceu um café da manhã a mim e ao pessoal do Nova Origem que também iriam passar o Natal na estrada. O destino deles era a cidade de Cáceres, onde cruzariam finalmente a fronteira. Como a cidade fica a 200 quilômetros de Cuiabá, o Natal deles seria em um posto de gasolina no meio do caminho.

Eu fui rumo ao norte, de acordo com as dicas do Djalma, no caminho até a Chapada, faria uma parada no restaurante do Horácio para almoçar e aproveitar um belo rio de águas cristalinas que há no fundo do restaurante, de lá era seguir para o Ninho das Águias. Antes de sair de Cuiabá ainda passei no supermercado para comprar a minha ceia de Natal.

Café da manhã na Tribo Adventure com o pessoal do Nova Origem

A estrada que nos leva a chapada, tirando um curto trecho de pista dupla, é muito estreita, sem acostamento e lotada de motoristas irresponsáveis, principalmente os donos de caminhonetes. Como havia muita gente indo e voltando para passar o Natal com a família, a estrada estava bem movimentada. Cheguei nesse restaurante do Horácio, comi uma porção qualquer, pois não tinha almoço naquele dia. Tive ainda tempo de conhecer e me refrescar no belo rio que passa nos fundos do restaurante.

Continuei a jornada e comecei a subir de verdade. Cuiabá está a 200 metros de altitude média e até o começo da subida da Chapada são 40 quilômetros de sobe e desce. Peguei chuva no caminho, mas como estava muito quente, ela veio em boa hora, só precisei encapar os alforjes e seguir viagem. O trecho de subida é longa, cerca de 10 quilômetros, mas bem suave, não tem nenhuma grande inclinação. Pedalei cerca de 55 quilômetros para o acesso da base do Sindacta, que fica no caminho do Ninho das Águias. Se continuasse na estrada, teria que pedalar mais uns 7 quilômetros até a cidade de Chapada dos Guimarães, mas segui a direita, rumo ao meu objetivo, 8 quilômetros até o ponto mais alto de Mato Grosso, o mirante Alto do Céu.

Águas cristalinas no caminho da Chapada

Ali sim encarei uma forte subida, no começo da estrada a altitude era de 730 metros, no início tem uma bela descida, mas nem deu tempo de me animar, desci o vale e comecei a subir. E como subia, a inclinação chegou a 20% em alguns trechos, o ponto mais alto do caminho bateu 850 metros. A pista asfaltada ia até

Vista do mirante Alto do Céu, um dos pontos mais altos do estado de Mato Grosso

quilos de bagagem!

Tive que desmontar os alforjes da bike e carregar por partes, primeiro os alforjes e depois a bike nas costas. Para complicar começou a escurecer e ainda estava no meio da trilha, portanto além de descer com a tralha, teria que procurar um canto para eu ficar. Perdi o pôr-do-sol, mas consegui chegar até uma casinha, a que estava em melhores condições e encontrei abrigo.

Quando saí de Cuiabá, minha intenção era só passar a noite de Natal no Ninho das Águias e no dia seguinte seguir para Nobres, mas foi tão cansativo chegar até ali que resolvi passar o dia seguinte no Ninho, descansando e curtindo o local. Sem esquecer que o meu dia ainda não havia acabado, pois aquela seria uma das mais difíceis noites de natal que eu passei em toda a minha vida.

4.5 – A MINHA NOITE DE NATAL

Entrei na cabana na escuridão total, ventava demais e nem me arrisquei em sair atrás de madeira para fazer uma fogueira. Sei que isso é de certa forma perigoso, pois da mesma maneira que eu estava usando aquela casa como abrigo, animais silvestres poderiam tentar fazem o mesmo, portanto preferi contar com a sorte nesse dia. Precisava de água, mas na escuridão não tinha como ver a trilha que me levava ao lago. Então usei a tecnologia para me guiar, como por sorte, aquela área tinha cobertura de 3G, acessei o Google Maps no celular e com o GPS ligado, logo apareceu o ponto que eu estava. Então fui caminhando por uma provável trilha e iluminando meu trajeto com uma lanterna.

Tinha medo de encontrar cobras no meio da trilha, então meu caminhar era ruidoso, até mesmo para espantar possíveis animais com a vibração da pisada e devagar, para poder observar bem

a entrada do Sindacta, depois segui por terra mais uns 2 quilômetros até o mirante. Cheguei ao Alto do Céu, nome dado a esse belo mirante, de onde você pode ver o sol se pondo em sobre a cidade de Cuiabá.

Queria registrar o pôr do sol, mas ainda tinha que descer por uma trilha, até um platô 100 metros abaixo do mirante. Nesse platô havia algumas construções abandonadas e chegando lá saberia se alguma delas poderia servir de pousada para mim. Também era possível notar um lago a uns 300 metros de uma casa, como era uma nascente a água era limpa. Segundo o Djalma, havia algumas escadas de ferro no meio da trilha, bastava só colocar a bicicleta nas costas e descer. Mas o detalhe é que além da bike haviam 50

o que havia na minha frente. Guiado pelo GPS encontrei o lago, onde enchi meu garrafão com água. Enquanto me abaixava para enfiar o galão na água, dei de cara com um sapo enorme, sorte que ele não pulou me assustando, se fizesse isso é bem capaz que meu destino seria um banho forçado. Garrafão cheio com 5 litros de água, me guiei novamente até a cabana, isso me garantiu uma boa reserva de água para passar a noite. Como não consegui observar a qualidade da água devido a escuridão, não corri riscos e usei um Clorin para purificar a água.

A cabana tinha um pilar central onde poderia amarrar e usando minha simples lanterna, armei a rede e me organizei para a minha ceia. Havia comprado um espumante, panetone, uns pacotes de biscoito e um suco de guaraná concentrado. Também havia colhido algumas mangas no caminho até ali e com tudo isso armei minha ceia de Natal. O local que eu estava era alto, mais de 500 metros acima do nível de Cuiabá e apesar da distância (cerca de 40 quilômetros em linha reta), como não havia barreiras físicas entre eu e a cidade, havia um bom sinal de celular, assim poderia ligar para meus familiares e tentar falar com minha ex-mulher e meu filho. A minha família sempre comemorava o Natal a meia noite, já a família da minha ex-mulher, geralmente faziam a troca de presentes mais cedo e partiam para a Ceia, por volta das 22h00. Pensei então em ligar depois desse horário mas faria isso primeiro para a minha família e depois para minha ex-mulher.

Estava com medo, até aquele momento, minha ex não havia feito nenhum contato comigo, no máximo respondia de forma muito fria alguns dos meus e-mails e uma coisa que fazia muita falta era a preocupação que ela sempre tinha por mim quando estava longe e isso me deixava ainda mais fragilizado. Aquela frieza me matava, não conseguia entender como de uma hora para a outra, uma pessoa que tanto se preocupava com você passava a te tratar como um estorvo, sentia até que se eu sumisse de vez isso seria um alívio para ela. Achava que aquilo ainda era mágoa devido a tudo que foi dito em nossa traumática separação e motivado de forma equivocada com a história da Patrícia, acreditava que o espírito natalino fizesse com que ela dissesse alguma palavra mais doce naquela dia. Nem queria tanto uma mensagem de esperanças em retomarmos nosso casamento, mas apenas uma simples palavra de carinho, uma mísera preocupação dela por mim.

Como era complicada minha situação, sabia que teria tudo isso com minha família, mas naquele momento a única pessoa que poderia aliviar minha dor era minha ex, mas fazer o que? Naquela época eu não conseguia permitir que outra pessoa fizesse isso por mim e nem eu consigo entender o porquê.

Passavam das 22h00, estava tudo pronto, minha ceia estava montada, tirei aquela foto bizarra e decadente que postei em meu blog, só faltava ligar para a família. Fui até a parte de fora da casa pois lá dentro o sinal do celular oscilava muito. Lá fora ventava demais e do alto do mirante, observando a cidade de Cuiabá lá em baixo, liguei para a minha família, coloquei no viva-voz e deixei o celular no peito, me protegendo do forte vento que batia nas minhas costas.

Primeiro liguei para a casa do meu irmão, onde minha família estava reunida. Conversei com todos eles, meus irmãos, minha irmã, meu pai, minha mãe, meus sobrinhos. Me contive para não chorar, sabia que estavam todos sofrendo com minha situação mas tentei ser forte e até

irônico para descontrair. Desliguei o telefone, já eram umas 22h30 e agora iria falar com minha ex-mulher e meu filho.

Fiz a primeira ligação e por azar era bem a hora que o Papai Noel estava distribuindo presentes, então fiquei de retornar meia hora depois. Liguei novamente e minha ex chamou meu filho. Certa vez, ainda quando estava em São Paulo, depois de passar meu primeiro final de semana longe do meu filho depois da separação, porque sua mãe havia o levado para uma casa no litoral, liguei para ele e não me controlei, comecei a chorar. Ele também não resistiu e caiu no choro também. Sua mãe tomou o telefone e ficou uma fera comigo, isso porque, segundo ela, até a nossa conversa ele estava alegre e brincando com seus amiguinhos, mas depois daquilo deitou no sofá e não queria falar com ninguém.

Não queria fazer meu filho sofrer, ainda mais naquela noite, então prometi a mim que iria segurar a emoção e não choraria com ele no telefone. Assim que ele atendeu, a primeira pergunta que ele fez era quando eu iria chegar, pois ele achava que a qualquer momento eu entraria na casa para passar o Natal com ele. Então disse que estava longe, viajando e que não conseguiria estar ali. Ele começou a chorar e eu tratei de tentar alegrá-lo, brincando no telefone, perguntando o que ele havia ganhado de presente e com isso ele foi mudando de assunto, mas consegui segurar a emoção e não chorei em nenhum momento.

Conversamos mais um pouco e logo ele me largou, pois alguém estava mexendo num brinquedo dele e passou o fone para sua mãe.

Ouvi um alô seco, nada de um "como você está", "você está bem", nada, ou seja, para meu desespero o Natal não havia mudado em nada sua forma de falar comigo, nessa hora meu mundo desabou. Toda a força que havia feito para me conter foi embora e desabei, comecei a chorar e mal conseguia falar coisa com coisa. Era lamento, imploro por perdão, desespero, angústia, enquanto isso do outro lado só frieza. Posso dizer que a palavra mais doce que escutei da minha ex foi um "Me esquece!". Logo desligamos a ligação e voltei para a cabana.

Não conseguia me conter, nem o Natal havia amolecido o coração dela, me sentei na frente de onde havia armado a minha ceia. Abri a garrafa de espumante e tomei aquilo como se fosse água. Tentei comer algo, abri o panetone, cortei um pedaço e levei a boca. Apesar da fome do dia inteiro de pedal, não tinha forças para mastigar. Meu canivete que havia aberto para cortar o panetone estava ao meu lado. Peguei ele nas mãos e comecei a manuseá-lo, passava ele sobre os pulsos, sobre meu peito, sobre meu pescoço. Confesso que a tentação era enorme, mas junto me batia uma fraqueza, a depressão e não tinha forças para nada. Minha cabeça era um turbilhão de emoções foi quando me lembrei do choro do meu filho minutos atrás no telefone. Nesse momento peguei o canivete e atirei para longe de mim que ficou fincado na parede de madeira da casa. Logo em seguida deitei na rede e tentei dormir.

Não posso dizer que foi a pior noite da minha vida, mas ali eu me prometi que jamais passaria outro Natal sozinho. Assim que amanheceu fiquei pensando sobre o que escrever em meu blog, detalhes dessa noite sofrível? Achei melhor deixar uma mensagem de Natal inspirada no que passei e de alguma forma tirar proveito dessa situação. Abaixo segue o texto que publiquei

na manhã do dia 25 e aqueles que leram o texto naquele dia, agora conseguirão entender qual foi a minha motivação para escrever esse texto.

É bom lembrar que esse texto foi publicado em 2010, ainda emocionalmente influenciado por tudo que havia passado horas antes. Hoje (em 2014) com certeza escreveria algo diferente como também escreveria 50 anos depois dessa data, mas o mais legal é saber que estou seguindo à risca praticamente todas as dicas que me dei e isso me fez uma pessoa muito melhor e mais segura do que realmente quer na vida.

Preparando minha ceia de natal

A minha mensagem de Natal

Nunca dei muita atenção para datas, até o meu aniversário já esqueci. Eu sei que temos que ser romântico e carinhoso com nossa mulher todos os dias e não só no dia dos namorados. Natal é a mesma coisa, temos que cuidar da nossa família sempre e não apenas numa data que e Igreja roubou de outras religiões mais antigas.

Meus argumentos até teriam fundamento se eu realmente não fosse negligente com minha mulher e minha família como estava sendo ultimamente. Mas porquê dessa negligência?

Egoísmo, frustração, dificuldade em compreender meus sentimentos e agora, daqui, fica fácil entender o que me levou a tomar atitudes tão insensatas, de magoar tantas pessoas, de me empacar profissionalmente, de fazer tão mal as pessoas que viviam ao meu redor a ponto delas ficarem felizes com minha distância.

O Natal, apesar de sempre dizer que "não dava muita bola", sempre teve muita importância na minha vida. Lembro-me das brigas familiares (que ocorre em todas famílias) que tínhamos, mas nem nos preocupávamos pois sabíamos que tudo se resolveria até o Natal.

Era no natal que meu sentimento de amor pela minha mulher ficava mais evidente, pois sempre queria comprar algo diferente, original, só para vê-la feliz. As vezes errava feio, mas quando acertava e via seu sorriso sincero de surpresa e felicidade, aquilo era um elixir da juventude.

Nunca passei o Natal sozinho, o melhor natal que passei em minha vida foi quando estávamos apenas eu e ela numa pousada em São Pedro, ali que descobri de verdade com quem eu queria ter uma família. Acertei na mosca, foi a escolha mais acertada da minha vida, mas a vida é longa e a manutenção das escolhas é muito mais difícil que a própria escolha.

Ontem eu consegui entender o que leva a data do Natal a ser o dia em que mais se cometem suicídios. A energia que envolve o Natal é muito intensa, o carinho da família, cada abraço que recebemos, a sensação de casa cheia onde se celebra o Natal, tudo envolve uma energia tão positiva.

Agora numa cabana abandonada, sem luz, fria, sem ninguém para te abraçar. Depois de um dia cansativo, depois de falar com a família e ver o quanto eles estão sofrendo com sua situação, depois de "tentar" falar com seu filho que está mais preocupado com seus novos brinquedos do que com você, depois de perceber que você não está fazendo a menor falta para a pessoa que você ama…

A tentação é enorme, mas creio que se eu não tivesse um bebê lindo esperando meu retorno, sinceramente não sei como suportaria tudo isso.

Como diz o ditado, "O que não tem mata te fortalece". O dia passou, a noite fria com ventos invadindo a casa abandonada, que não me deixaram dormir, foram trocados por um belo dia de sol e com um visual digno do paraíso. Com base nisso tudo deixo minha mensagem.

Valorize as pessoas que te amam SEMPRE! Demonstre seu amor SEMPRE! A vida sozinho é uma droga, ninguém consegue ser feliz só.

Seja forte, ninguém suporta alguém rastejando aos seus pés, fracos são MUITO CHATOS.

Seja COERENTE com seus ideais. Se não gosta de algo ruim que outros fazem, não aja da mesma maneira só porque se encontra numa situação temporária de superioridade. Lembre-se que uma hora pode aparecer alguém com um trator maior que o seu e poderá usá-lo contra você.

PERDOE! Perdoe de verdade uma pessoa, de coração. Ao perdoar apague o que passou e siga a vida a partir dali. Se você não consegue apagar o passado, é porque você ainda não está pronto para perdoar. O perdão pode fazer parte de um processo, pode ocorrer aos poucos, mas se abra a essa possibilidade. A mágoa nos transforma em pessoas frias, insensíveis e cria bloqueios que vão acabar dificultando a nossa felicidade. Perdoar de coração faz bem para todos, alivia a dor do arrependimento do perdoado e ilumina quem perdoou, engrandecendo ainda mais como pessoa.

CURTA CADA DIA DA SUA VIDA! Tem coisas que você não consegue resolver agora, portanto curta cada dia como se fosse o último. Quando chegar o momento certo você poderá resolver aqueles problemas que estão longe do seu alcance. Viver uma realidade pensando em outra, piora a dor e te cega para oportunidades reais que estão passando a sua frente.

Passada a mensagem, agora cabe a mim tentar seguir meus próprios conselhos. Nada do que escrevi acima é fácil de ser feito. Se fosse não teria saído desesperado para essa viagem e curtido muito mais do que eu fiz até então. Mas quem disse que viver é fácil?

Portanto um feliz natal para todos, que amem muito, abracem muito e valorize sempre as pessoas que te amam. Esse é meu sincero desejo a todos que me acompanham. Um ótimo natal para vocês.

Noite de Natal na Chapada dos Guimarães - MT

4.6 - DORMINDO NO NINHO DAS ÁGUIAS

Vista que eu tinha do meu cafofo para a Chapada dos Guimarães

Depois de tanto trabalho para descer até aqui, não dava para passar um dia sem curtir esse lugar. O Ninho é um platô 100 metros abaixo do mirante Alto do Céu que, diga-se de passagem, tem uma visão espetacular. Mas apesar do mirante ser muito visitado, menos de 1% dos que vão ao mirante descem no Ninho das Águias.

Meu cafofo durante minha estada na Chapada

Lembrou-me quando estava numa viagem de turismo em Natal e nos levaram a um passeio na praia de Pipa. Enquanto todos do ônibus ficaram esturricando na areia, preferimos ir caminhando uns sete quilômetros pela praia, até o restaurante que os guias "determinaram" nosso almoço. Enquanto almoçávamos na praia dos golfinhos, ficamos imaginando quem do ônibus teria coragem de descer os 80 metros de Falésia, para curtir o show dos golfinhos na praia. Obviamente que ninguém desceu.

Descer até o Ninho das Águias não é fácil, mas como quase sempre todo sacrifício é recompensador. Há algumas escadas de ferro para ajudar na descida, mas se a pé já são poucos que descem, imaginem descer com toda a tralha que eu carregava. O Ninho das Águias parece aquelas bases escondidas para onde enviamos o presidente da república num ataque nuclear. Impossível chegar de carro até aqui, tanto é que até pista de pouso há no local. Segundo um leitor do Blog, o Ninho das Águias foi idealizado por um piloto na década de 80, que levou boa parte do material de construção de avião.

Uma piscina natural só para mim

Há pelo menos 4 construções abandonadas, uma bem destruída e outras 3 quase desabando. Casinhas bonitas que parecem chalés no estilo europeu. Fiquei na casa mais conservada (e mais protegida), ela tinha dois andares, mas fiquei no térreo pois nos andares superiores, além do risco de não aguentarem meu peso, havia muito buracos no telhado. Dentro da casa estava bem protegido, apesar de bem em frente ao local onde armei minha rede haver uma janela quebrada, e justamente na direção do vento, que geralmente sopra da Chapada em direção a Cuiabá. Sorte que o saco de dormir me deixava bem isolado do vento e consegui passar as noites sem frio.

Mais próximo da entrada pela trilha principal havia uma casa de alvenaria, nela encontrei restos de comida e até lenha estocada para o fogão. Parecia que quem estava lá saiu correndo, fugindo de algo. No dia anterior tinha ido até o lago de noite e agora, com calor e luz natural, fui conhecer o meu lago particular. Essa pequena represa deve ter sido construída para abastecer as casas do local. Aproveitei não apenas me abastecer, mas também para me refrescar, já que a temperatura estava alta, em torno de 30 graus. Depois fiquei sabendo que se acompanhasse o córrego que se formava depois do lago, encontraria uma queda d'água com 100 metros de altura.

Para todos os lados que você vai o visual é fantástico, nessa época do ano dá para ver com detalhes a chuva caindo a quilômetros de distância. De lá é possível ver o sol se pondo sobre a cidade de Cuiabá, daquele

Fogueira rapidamente consumida graças aos fortes ventos

Minha lembrança para os futuros visitantes do meu cafofo na Chapada

ponto que estava o pessoal do Nova Origem conseguiu registrar um belo pôr do sol. Gostaria de ter a mesma sorte, mas naquele dia uma enorme nuvem de chuva estacionou sobre a cidade, o que não deixou de ser um lindo visual.

Dessa vez u resolvi fazer uma fogueira, não havia muita lenha ou árvores a disposição, não iria derrubar uma árvore só para ter uma fogueira à noite, então resolvi aproveitar o resto das casas. Saí recolhendo várias tabuas que saíam voando dos telhados daquelas construções, deixei uma fogueira montada e ainda sobrou muita lenha de reserva. Quando escureceu, acendi a minha fogueira, mas devido ao forte vento, a madeira se consumiu rapidamente, não fiquei nem uma hora com a fogueira acesa, logo todo aquele meu estoque havia se acabado.

O dia acabou, mas antes de escurecer, preparei a minha lembrança para deixar na casa. Quando estava na Pousada do Zinco, dentro do Circuito do Vale Europeu em Santa Catarina, vi uma garrafa pendurada de ponta cabeça, no meio do restaurante. O Egon, proprietário da pousada, me disse que era uma técnica para afastar os morcegos. Segundo ele, o formato da garrafa confunde os morcegos que são guiados por ondas sonoras e não conseguem voar dentro da casa e nem encontrar as vigas do telhado para pousarem. Peguei o rolo de sisal, a garrafa de espumante que tomei no Natal e usei o sisal para fazer uma amarra e poder pendurar a garrafa no meio da sala do meu cafofo.

Noites de relativo conforto e proteção

No dia que cheguei na casa, alguns morcegos saíram da casa se assustando com minha chegada. Um dia quando voltar verei não só se a garrafa funcionou como também se ela ainda está lá. Quando reeditei esse livro em 2014, havia recebido algumas mensagens de visitantes que encontraram a garrafa lá, legal ela ter durado 4 anos!

Depois de um dia mais que reconfortante, depois de uma noite de Natal mais que conturbada, restou-me descansar, pois no

dia seguinte teria a árdua tarefa de subir a trilha até o mirante Alto do Céu, algo que deveria fazer muito bem descansado.

Dureza foi carregar por aí bike e alforges

Neste plano a minha casinha e o lago onde me abasteci

4.7 - DESPEDIDA DA CHAPADA

Vento, chuva, muito vento. Até parecia que havia alguém fora da casa tentando forçar uma invasão, mas era o barulho dela desmontando. Já imaginava que, se a chuva se mantivesse o dia inteiro, teria que ficar mais um dia no ninho, pois seria impossível subir a trilha debaixo d'água. Mas depois da tempestade vem a bonança e quando o relógio marcou 9h00 (no meu horário) a chuva parou, então preparei meu café, arrumei as tralhas e parti.

Que subida! Desmontei a bike no começo do morro e comecei a subir primeiro os alforjes. Descer pode ser mais perigoso mas a subida, além de perigosa é penosa. São quatro escadas de ferro que não apenas aliviam o esforço como tornam possível a subida. Venci todas as escadas e trilhas, depois de mais de uma hora para subir um desnível de apenas 100 metros, cheguei ao Mirante Alto do Céu, com uma visão maravilhosa do Ninho das Águias. Apesar de muito visitado, ao menos enquanto estive lá, ninguém se aventurou a descer a trilha do Ninho das Águias. Azar dos preguiçosos.

Queria ir naquele dia rumo ao norte, para a região de Nobres, mas já suspeitava que minha máquina digital havia pifado novamente, então procurei um restaurante no caminho, onde pudesse almoçar e tentar recarregá-la. Pedalei até a cachoeira Véu de Noiva e enquanto almoçava, deixei minha máquina recarregando, mas para a minha tristeza, nada dela recarregar, ou seja, havia pifado de vez.

Nesse restaurante eu conheci o Luiz, um ciclista praticante de Downhill, cidadão de Cuiabá que naquela época estava radicado em Sinop. Falei que sua cidade estava no meu destino e ele falou para eu ficar na casa dele durante minha passagem por lá, mais um contato precioso que arrumei na viagem. Enquanto batia um papo com o pessoal do restaurante, descobri que as cidades de Chapada dos Guimarães e Cuiabá brigam entre si para saber quem é o dono do Centro Geodésico da América do Sul, já que em ambas as cidades há um marco onde deveria ser o centro geodésico. É a política influenciando até em decisões matemáticas...

Posso dizer que não vi nem 5% do que seria a Chapada dos Guimarães, mas meu intuito na viagem não era o de desbravar cada lugar que eu passasse e sim apresentar uma pequena amostra de lugares magníficos que temos no nosso Brasil. Se o pouco que eu mostro já é empolgante, imaginem vocês aqui explorando cada canto desse lugar magnífico? Em cada lugar que passei deixei uma sementinha de saudades, para poder não só retornar e desfrutar dos locais que conheci com mais tempo, mas principalmente estimular outras pessoas a descobrirem um pouco mais esse nosso Brasil, de preferência pedalando.

Resolvi voltar para Cuiabá e fiquei numa pousadinha na saída da cidade pois tinha vergonha de pedir pouso para a Fernanda novamente. No dia seguinte voltei para o centro de Cuiabá para tentar arrumar minha máquina fotográfica, infelizmente ela não tinha mais jeito. Um amigo ficou de fazer uma doação para poder comprar uma máquina fotográfica nova, enquanto isso tinha que me virar com meus celulares.

De Cuiabá até Matupá, seriam cerca de 700 quilômetros de asfalto. Tirei os pneus de terra e voltei com os pneus de asfalto 700 28xC que a Renata Falzoni me deu de presente antes de viajar. Como esse seria um trajeto sem tanto atrativos (a não ser que eu me impressionasse com os desertos verdes de soja), quanto menos tempo eu perdesse até chegar a Floresta Amazônica seria melhor.

Chapada dos Guimarães - MT

4.8 – RUMO AO NORTE

Sai de Cuiabá e agora rumo ao norte para encontrar a Floresta Amazônica, meu segundo Bioma. Logo na saída tinha duas opções, encarar a BR-163 desde Cuiabá ou seguir por uma vicinal até Rosário do Oeste (cerca de 100 km), uma via nova, com acostamento pequeno, mas com tráfego de caminhões proibido. Segui por ela, meu objetivo seria chegar a Nobres, que fica a 18 quilômetros de Rosário do Oeste, mas tudo iria depender do horário que entrasse na BR, quando terminava essa estrada. A estrada é muito tranquila, o problema era a falta de pontos de apoio, havia uma pequena cidade cerca de 30 quilômetros de Cuiabá e praticamente mais nada. Deveria tomar cuidado para não ficar sem água, tão pouco sem comida, pois meu dinheiro havia praticamente evaporado.

Na saída da cidade vejo uma placa com a frase "Rodovia da Vida". Aqui no Brasil, qualquer estrada onde ocorrem vários acidentes é chamada de Rodovia da Morte. Na maioria das vezes o problema nem é a estrada, quando acompanho as voltas de ciclismo europeia, vejo várias estradas parecidas com as nossas, cheias de curvas, estreitas e muitas vezes sem acostamento e nem por isso elas são chamadas de Rodovias da Morte.

A diferença entre essas estradas não são suas condições e sim a forma com que os motoristas as usam. No Brasil a maioria dos motoristas são dominados pelo espírito de velocidade e como aqui ninguém vai preso por imprudência no trânsito, qualquer rodovia com um pouco mais de curvas é considerada estrada da morte. Para nossa infelicidade dificilmente teremos uma mudança tão breve. Enquanto no resto do mundo há um cerco contra o mau motorista, no Brasil a própria mídia costuma a fazer matérias com a frase "Indústria da Multa" no título de qualquer iniciativa por parte dos governantes em aumentar a punição contra o motorista infrator.

Um contraponto as "estradas da morte"

A estrada é bem tranquila, plana, com asfalto novo e um pequeno acostamento. Não há muitos atrativos e nada para tirar a minha concentração. Depois de uns 50 quilômetros já estava à procura de água e algum lugar para fazer meu almoço, foi quando avistei uma banca de frutas na estrada, mas o que me chamou a atenção foi uma fruta bem diferente que o dono da barraca vendia. Era o conhecido "Melão Caipira", dizem só existir na região.

Diferente do melão comum, bem arredondado, esse tem uns gomos e parece mais uma abóbora. Me ofereceram abrigo e lá fiz meu almoço, com direito a várias bananas e algumas frutas. Antes de ir embora, ainda ganhei um enorme

melão caipira de presente, era um melão que tinha queimaduras de sol na casca, não estava estragado, pelo contrário, mas como estava "feio" e dificilmente seria vendido. Agradeci, fiz um malabarismo para ele caber no meu alforje e parti já com o café da manhã do dia seguinte garantido.

o Melão Caipira

Cheguei em Rosário do Oeste as 18h00, restavam pouco mais de uma hora para anoitecer e faltavam 18 quilômetros até Nobres pela perigosa BR que havia evitado. Para não correr riscos, preferi dormir em Rosário, mas aonde? Comecei a fazer perguntas sobre postos de gasolina e me indicaram um restaurante que servia de parada para caminhoneiros na BR, já na saída da cidade.

Chegando lá conheci uma galera animada que estava tomando cerveja e beliscando alguns petiscos. Contei minha história e resolveram pagar o meu jantar, cerveja e acabei ficando de papo com o pessoal. Perguntei o que eles faziam e disseram que era melhor nem saber...

Era um pessoal bem bacana, eram casados ou enrolados, quase todos tinham filhos, alguns solteiros, sinceramente não me importei com a "profissão" deles, até porque essa relação "mocinhos e bandidos" não raramente é invertida no Brasil. Tomei um banho no restaurante mesmo, jantei por conta do pessoal, armei minha rede e dormi com tranquilidade. Uma boa noite de sono me preparando para encarar e perigosa BR-364.

4.9 - NÃO FIQUE BRAVO, FAZEMOS ISSO PARA O SEU BEM

O título desse artigo seria: "Que estrada horrível" o que serviria de gancho para criticar as péssimas condições das estradas brasileiras, o comportamento assassino da maioria dos motoristas brasileiros e principalmente a omissão das autoridades que permitem que nossos motoristas dirijam como quiserem. Não podemos esquecer que esse livro foi escrito com base nos posts que escrevi em meu blog durante a viagem e minha técnica geralmente consiste em "escrever mentalmente" enquanto pedalo e a noite passo para o papel.

Meu dia já estava acabando, faltavam poucos quilômetros para chegar a Nova Mutum, já tinha texto e título praticamente pronto, mas sempre surge "a cereja do bolo". Depois de mais de 17 anos de cicloturismo, viajando por milhares de quilômetros pelas estradas brasileiras, "nunca antes na história da minha vida" havia levado uma "geral" de policiais rodoviários. Pela primeira vez na vida tive minhas malas e meus miojos revirados por um policial.

Policial: "O que é isso?"

Eu: "Sisal"

P: "Pra que?"

E: "Amarrar coisas"

P: "Que coisas?"

E: "Minha rede, lamparinas de vela, fazer varal, ou me enforcar ao ser interrogado…"

Vou começar contando como foi meu dia, acordei depois de uma tranquila noite de sono, preparei meu café, comi o melão caipira que ganhei na noite anterior e encarei a BR-364. Havia colocado os pneus de asfalto (700 28xC), no dia anterior foi tudo bem tranquilo, pois a estrada alternativa a essa BR era bem vazia, tinha um acostamento ridículo, com pouco mais de 1,5 metros, mas ao menos tinha. Já essa BR parecia mais estreita que a do dia anterior e tinha um tráfego muito pesado, com muitos caminhões, eles mal cabiam na sua faixa de rodagem.

Como eles eram muitos e em ambos os sentidos, a todo o momento tinha que me jogar no mato, onde em tese deveria haver um acostamento. Essa área do acostamento é cheia de pedriscos que sobram da estrada, a sensação era que a rodovia estava esfarelando, sendo impossível pedalar no acostamento. Logo na primeira vez que fui obrigado a me jogar no acostamento, meu pneu furou. Em 10 quilômetros o pneu furou três vezes e fui obrigado a colocar os pneus de cravo, uma pena pois a diferença de rendimento da bicicleta com os pneus mais finos era gritante no asfalto.

A velocidade permitida na via é 80 km/h, mas para variar, as placas não passam de enfeites, pois raros são aqueles que andam abaixo do limite. Os caminhões que até então não haviam sido problemas, nessa estrada pareciam pilotos de corrida, andando sempre muito acima dos limites de velocidade e ocupando toda a faixa, extremamente perigoso. A lei manda o motorista, ao ver o ciclista, reduzir a velocidade e ultrapassá-lo com 1,5m. Mas ali eles faziam o oposto, aceleravam mais ainda quando não buzinavam para você sair da frente deles, como se dizendo – "Ou sai ou vira lombada!"

E a polícia? Naquele dia achei estranho, pois só via policiais parados em postos na estrada, em um deles eu vi até uma rede de descanso armada. Mas só nesse dia uma viatura da PRF (Polícia Rodoviária Federal) passou umas cinco vezes por mim. Não que estivessem fiscalizando algo, pois eles não metem medo em ninguém, numa das oportunidades vi uma viatura levar farol de outro motorista. O motorista brasileiro em geral se sente tão dono da estrada que nem polícia respeitam mais.

Essa é mais uma estrada da morte, cheia de cruzes. Respeito a dor das famílias, mas duvido que 99% desses acidentes não teve relação com nenhum motorista imprudente, seja fazendo uma ultrapassagem perigosa ou mesmo andando em velocidades de autódromo, pois era comum ser ultrapassado por pick-ups a mais de 200 km/h. O respeito ao limite de velocidade não salvaria apenas vidas humanas, mas a da infinidade de animais que "ousam" atravessar a via.

Sem falar que o atropelamento de um animal silvestre pode até ocasionar um grave acidente. Mas nas conversas que eu tinha com os motoristas, parecia um senso comum que a culpa era sempre da vítima que "ousou" atravessar a via e não do animal ao volante a 200 km/h.

Até parei de tirar fotos de carcaças atropeladas, pois não teria memória suficiente nas máquinas para registrar todas elas. Como é difícil colocar na cabeça desses motoristas que andando dentro dos limites, além de metade desses animais não morrerem, todos chegarão aos seus destinos. Já acima do limite, sempre alguém vai ficar no caminho, SEMPRE!

Essa rodovia fazia parte do PAC. Interessante ver como a estrada vai melhorando a medida que se aproxima de regiões mais ricas do Mato Grosso, como disse aquele cuiabano "Onde tem soja tem estrada boa". O mais curioso era a naturalidade com que me diziam isso. Mais curioso ainda é saber que muitos dos que estão lendo esse livro vão achar natural uma região mais rica ter estradas melhores, ou seja, uma melhor infraestrutura.

Um bom exemplo é esse trecho da rodovia, aqui ao menos há esse ridículo acostamento de 1,5 metros. Para o ciclista é melhor do que nada, mas para a segurança da via, de que adianta ter um acostamento onde não cabe um carro? Fiquei sabendo que esse é o tal "padrão BR", muito comum em rodovias federais, provavelmente para economizar dinheiro. Rodovias com pouca sinuosidade jamais deveriam ser construídas sem um acostamento decente, a não ser que haja um forte controle da velocidade dos motoristas, algo que infelizmente não ocorre na maioria dos estados brasileiros.

No caminho encontrei mais um Cicloturista, o Juliano de Sinop. Ele estava fazendo um pedal pra lá de puxado, pedalou de Sinop a Lucas do Rio Verde (cerca de 200 km) no dia anterior e naquele dia pretendia pedalar até Rosário do Oeste, para no dia seguinte seguir até Campo Verde, cidade que fica depois da Chapada dos Guimarães. Ele me encontrou bem no momento que estava com um pneu furado e acabou me ajudando a colocar os pneus de terra, pois não tinha mais câmeras para os pneus 700.

Segundo ele, depois de Lucas do Rio Verde, a estrada é plana e tem um acostamento impecável, corroborando com minha tese de que quanto mais rica a região, melhor assistida de infraestrutura. Detalhe que o dinheiro para essas obras não vem do Governo do Estado e sim do Governo Federal.

Agora porque o estado não usa o dinheiro da Soja para melhorar as estradas da região enquanto o governo federal investe nas regiões mais carentes? O fato de o asfalto

Fogueira rapidamente consumida graças aos fortes ventos

ficar bom para mim era ótimo, mas temi pela segurança do Juliano, pois para ele, a situação só iria piorar. Depois acabei recebendo uma mensagem dele no meu blog dizendo que havia chegado são e salvo, ainda bem.

E a polícia? Acho que todo mundo que deseja ser policial, deve imaginar uma vida cheia de aventura, correndo atrás de bandidos. Alguns devem considerar um rebaixamento "perder" tempo fiscalizando excesso de velocidade de motoristas irresponsáveis, algo que salvaria vidas. Passei por várias viaturas, NENHUMA estava tentando coibir abusos de motoristas, como se isso fosse um problema pequeno. Mas o surpreendente ocorreu a uns 40 quilômetros de Nova Mutum. Vejo uma viatura parada me mandando encostar. Perguntei um "Eu" com o dedo e disseram que era comigo mesmo, então parei.

Já fui parado dezenas de vezes por Policiais na estrada, só tive problemas uma vez, em janeiro de 1997, quando ainda vigorava o antigo Código de Trânsito e nele havia uma brecha que dava o direito de proibirem o tráfego de bicicletas nas estradas estaduais de São Paulo e por muito pouco aquele Policial Rodoviário não acabou com nossa viagem. Mas a maioria das vezes que sou parado é por curiosidade, surpresa, ou porque o Policial também é ciclista. Quase sempre recebia mensagens de apoio, elogios e principalmente dicas de alguém que conhece as estradas da região, mas dessa vez foi bem diferente.

Primeiro começaram as perguntas de praxe, sem olhar muito para mim, mas com uma atenção maior sobre minhas malas, até que o fulano tomou coragem e mandou a pergunta: "posso olhar as suas malas?"

"Vocês querem me dar uma geral? Em 17 anos de estrada essa é a primeira vez que isso me acontece" (plagiando o pica pau)

Sim, abriram minhas malas, revistaram meus miojos, minhas roupas sujas, estranharam até o meu sisal. Ainda bem que não acharam o meu facão, já imaginaram? Como explicar que centenas de pessoas insistiram que eu carregasse um facão para cruzar o Pantanal e que ganhei um de uma criança de 11 anos? Estaria perdido!

Dicas de estrada ou rotas alternativas? Nenhuma. Dicas de pontos de apoio? Nenhuma. Perguntar se estou precisando de algo como água? Nada. Mas me disseram que a revista era para a "minha segurança".

Fico imaginando como transformar meu miojo em sopa de letrinhas estaria corroborando para minha segurança. Acho que meus conceitos sobre segurança são bem diferentes, não apenas desses policiais, mas de toda essa instituição que tanto se diz trabalhar para nos proteger. Alguém conta pra eles que para a minha segurança, melhor do que tentar descobrir formas de cometer um crime com um rolo de sisal é fiscalizar os absurdos que ocorrem nas rodovias! "Mas não temos efetivo suficiente…"

Simples, peguem o dinheiro que sobrou quando fizeram um acostamento pela metade e contratem mais policiais. Depois só com o dinheiro arrecadado punindo os péssimos

motoristas, daria para usar o lucro da "Indústria da Multa" e montar um batalhão do BOPE em cada rodovia. Enquanto a única coisa que a Policia Rodoviária faz para garantir a segurança das pessoas nas estradas (além de dar geral em ciclista) for aparecer na TV contando quantos morreram na estrada, vamos continuar sendo chamado de loucos, de aventureiros (não pela aventura em si, mas sim devido aos riscos que corremos). Só nos resta torcer para que um dia, essas instituições tomem vergonha na cara e resolvam trabalhar.

Para a proteção de quem?

Bem, findado o desabafo, o dia foi de 150 quilômetros de pedal com muita subida e estrada horrível. O lado bom é que o terreno estava ficando cada vez menos acidentado quanto mais ao norte pedalava melhor o asfalto ia ficando.

Apesar de tudo estava feliz, pois me aproximava cada vez mais da região do "Ouro Verde" (soja) e também porque já estava numa área de transição entre Cerrado e Floresta Amazônica, meu próximo Bioma.

4.10 – ENTRANDO NA ZONA DOS MILIONÁRIOS DO MATO GROSSO

Assim que cheguei à Nova Mutum, consegui acessar um banco e vi que meus amigos haviam depositado um dinheiro. Isso seria muito bom, pois além desse trecho da BR-163 não ter muitos atrativos, queria fazer longas "pernas" com cerca de 150 quilômetros por dia, no mínimo. Isso me levaria a ter que pedalar alguns dias de noite, o que iria dificultar a procura de um local seguro para dormir ao relento. Com dinheiro poderia optar por hotéis, gastando cerca de 30 reais por dia em média.

A partir de Nova Mutum entro de vez na região do Ouro Verde. A altitude média é de 300 metros e as estradas são incrivelmente planas, parece que estou pedalando no litoral. Aonde haveria Cerrado de transição com a Floresta Amazônica, só via enormes campos de soja que se perdiam no horizonte. Avistei ao meu lado na estrada um caminhão com vários produtos com aqueles sinais de perigo. De repente vejo descer do caminhão um astronauta. Não, me enganei, não era um astronauta, apenas uma pessoa aplicando agrotóxicos na soja. Não! Agrotóxico não se usa mais, mudaram a palavra para "defensivos" agrícolas. Vendo a parafernália que o agricultor estava usando fica a pergunta. Quem vai nos defender dos defensivos?

Devido ao péssimo estado do acostamento, estava pedalando no asfalto com pneus de terra, o que prejudicava o meu desempenho. Também estava com problemas para consertar as

Quem irá nos defender dos defensívos?

câmaras do pneu 700 tinham cortes largos e meus remendos não estavam segurando. Então decidi que chegando a Lucas do Rio Verde, procuraria uma borracharia para fazer um remendo quente nas minhas câmaras e colocar novamente os pneus de asfalto. Cheguei à cidade e comecei a procurar uma borracharia, mas me indicaram uma bicicletaria que faria esse conserto. Nessa brincadeira perdi quase uma hora e lá tive que esperar mais uma hora para ser atendido. Para quem não sabe a diferença entre remendo quente e frio, quente é feito como em câmeras de carro, quando usam uma máquina de calor para colar outra borracha sobre o rasgo. Já o frio é aquele que nós fazemos na hora, com remendo e cola.

Quando minha bicicleta ficou pronta, agora com pneus de asfalto, restavam 60 quilômetros para Sorriso e eu tinha apenas cerca de 1h15 de luz do sol. Uma boa particularidade do meu GPS é que ele informa a hora que irá ocorrer o pôr-do-sol com uma precisão muito boa. Tinha exatos uma hora de sol no GPS e sabia que o sol se pondo em definitivo, ainda restavam mais uns 15 a 20 minutos de "lusco fusco" onde poderia pedalar sem auxílio de lanternas, então comecei acelerar. Já havia pedalado mais de 100 quilômetros e me surpreendi. Saindo de Lucas tem uma subida onde pedalava a 30 km/h, depois desse morrinho encarei longos trechos planos onde acelerei muito. Asfalto bom com largo acostamento e os pneus de asfalto começaram a fazer diferença, consegui imprimir uma média que beirava os 40 km/h nas retas, me sentia o "Fabian Cancellara"!

As retas sem fim do Mato Grosso

Quando fui obrigado a ligar a lanterna, 1h20 depois que saí de Lucas do Rio Verde, havia pedalado impressionantes 40 quilômetros, faltando apenas 20 para Sorriso. Nesse momento fui obrigado a reduzir o ritmo até mesmo por motivos de segurança, pois minhas lanternas eram muito fracas e não conseguia ver direito o que havia a mais de 10 metros de mim. De repente vejo um vulto e mal deu tempo para desviar. Era a carcaça de um pneu de caminhão que estava atravessada no acostamento, fui obrigado a invadir a pista para desviar. Antes que digam – "Mas e se estivesse passando um carro, que perigo!" – Sem exageros, se estivesse passando um carro eu conseguiria avistar o pneu com uma distância suficiente para desviar ou mesmo reduzir a velocidade, isso graças a iluminação do carro. Parei para retirá-la e senti o peso, tive que descer da bike para tirá-lo com as duas mãos. Se tivesse batido na carcaça o tombo seria feio, pois uma queda da bicicleta com mais de 50 quilos de bagagem pode comprometer todo o equipamento.

Cheguei a Sorriso, pouco antes das 20h00 e de cara encontrei uma pousadinha a 25 reais com café da manhã, seria lá mesmo que dormiria. Mas antes de entrar de vez na pousada, resolvi jantar. Não vi nenhum restaurante e parei num quiosque movimentado em frente a um shopping. Estacionei minha bike, cheia de bagagens ao lado de uma moto de mil cilindradas (nem preciso dizer que minha bike chamou muito mais atenção) e lá pedi o maior lanche que eles tinham e uma cerveja (desculpe, não sou atleta).

Nesse bar ocorreu algo interessante, fui abordado por um jornalista famoso, não lembrava da cara dele mas sua voz não era estranha. Não vou dizer o nome do cara, mas ele me ajudou a compreender um pouco melhor esse "fenômeno" da colonização (literal) do Mato Grosso. Ele já narrou jogos na TV Bandeirantes em São Paulo, narrou em TVs do Sul do Brasil e fez relativo sucesso, até que resolveu mudar para essa região do Ouro Verde. Como bom jornalista me abordou, soube da minha história e pediu para esperar, pois iria correr até sua casa e pegar um gravador, pois ele tinha um jornal na cidade e ainda um programa de rádio que cobre toda a região norte do Mato Grosso. Depois que dei a entrevista começou me contar da sua vida e o que o levou para um lugar tão remoto.

Dinheiro é claro, essa é uma região riquíssima, onde o pessoal tem dinheiro, mas não tem como gastar então porque não alimentar o ego desses novos ricos transformando-os em celebridades? Apresentou-me um senhor, chapéu surrado na cabeça, roupas mais surradas ainda, completamente largado. Vi Pantaneiros voltando de um dia de trabalho em condições bem melhores que a desse senhor. Mas o cara era um mega fazendeiro, riquíssimo, enchia a boca para dizer que Sorriso é a "maior produtora de soja do mundo"! Começaram a contar os detalhes de como seria a festa de fim de ano na fazenda dele onde apenas 12 bois seriam abatidos para a festança.

Claro que nem me atrevi a questionar se suas fazendas tinham reserva legal, se ele preservava as nascentes, se não havia outra maneira dele tirar proveito da floresta de forma sustentável. Ali é uma região complicada, para eles mandarem pra um buraco "neo-ecologista-chato" não custa nada. Mas aquela conversa deixou claro como aquela região de deslumbrados é. Onde você reúne uma legião de gananciosos, que só pensam em dinheiro, fica difícil sequer tocar na palavra sustentabilidade, justiça social ou coisa parecida. Parece até que o Brasil acha bom transformar aquela região num gueto e deixar esse povo se matar. Coitado daqueles que nascerem aqui com alguma consciência social ou ambiental, com certeza essa pessoa terá vida curta, quantos Chico Mendes estão enterrados naquelas terras?

Ainda me convidaram para passar o Réveillon com eles, fiquei de pensar. Seria interessante entrar no meio dessa galera para descobrir essas verdades que surgiriam com mais facilidade,

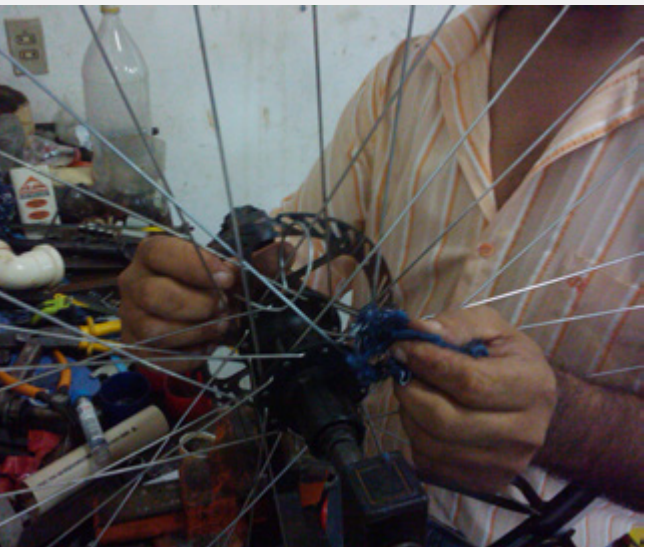
regados a litros de whiskies. Peguei o fone do jornalista e resolvi que ligaria no dia seguinte se resolvesse passar a virada de ano lá e fui para o hotel finalmente descansar.

4.11 – ANO NOVO E DEPRESSÃO ANTIGA

Acordei no dia 31 de dezembro e fui dar uma volta na cidade, queria encontrar alguma bicicletaria aberta para tentar trocar uns raios quebrados. Na correria da saída destrambelhada de São Paulo havia esquecido de comprar uma ferramenta para sacar o cassete da roda além de uma chave específica para sacar o disco do freio. Era cada vez mais difícil achar alguma bicicletaria que tinha essas ferramentas em todas as cidades que passei. Uma economia de nem R$50,00 que me deu muita dor de cabeça, raios quebrados numa longa cicloviagem é praticamente inevitável.

Achei uma Bicicletaria que iria fechar ao meio dia (eram 10h00), mas o dono não estava a fim de me atender. Quase implorei, disse que estava viajando, que só precisava da ferramenta, que faria o resto sozinho e daí ele resolveu me ajudar. Emprestou a ferramenta, saquei o cassete e troquei os raios quebrados do lado direito. Do esquerdo achava que seria mais fácil, só que nem eu, nem o bicicleteiro tínhamos a chave do freio a disco. Então, numa operação de guerra, conseguimos passar o raio entortando ele inteirinho.

Consertado meu aro, fui dar uma volta na cidade, passei na rua que seria fechada para a festa da virada, onde haveria a queima de fogos. Depois fui até o Shopping da cidade tentar comprar uma máquina fotográfica pois meu anjo da guarda fez uma doação quando soube que a outra máquina havia dado perda total. Lá me indicaram uma loja numa outra avenida, começou a chover bem na hora, mas continuei minha busca pela máquina nova, pois devido aos feriados de final de ano, poderia ficar uns 3 dias sem minha máquina e entrar na Amazônia tirando fotos de celular, ninguém merece. Ainda não inventaram nenhuma máquina decente a prova de "André", pois preciso de uma máquina a prova de água, choques (elétricos inclusive), sol, calor, frio, fogo e por aí vai. Mas por sugestão do cara que tentou consertar minha máquina em Cuiabá, acabei escolhendo um modelo da Sony que, segundo ele, a que menos dava problemas.



Malabarismo para poder trocar um raio sem as ferramentas apropriadas

Outra lição da viagem, não tirei fotos mais belas devido a limitações do equipamento e em minhas próximas viagens, carregarei uma máquina profissional digital, com o máximo de recursos, principalmente com zoom. Mas também levarei uma boa e velha máquina mecânica de filmes, pois caso o equipamento eletrônico me deixe na mão, como fez quando cruzei o Pantanal, vou apelar para o sistema analógico.

Eu tinha um contato em Sinop que estava a cerca de 100 quilômetros de Sorriso, mas como não consegui entrar em contato com o cara, resolvi ficar mais um dia na cidade, para não correr o risco de chegar em Sinop e não achá-lo, devido a festa de virada do ano. Mais uma vez bateu um enorme bode, pensei em ligar para o jornalista e passar a virada com eles, mas por mais que fosse uma festa com muita fartura, possivelmente não iria gostar muito do clima. Passar a virada sozinho na rua nem pensar, então resolvi pegar o meu "bode" e passar a virada com ele na cama, dormindo.

Foi melancólico, mas preferi dormir cedo, até para não ter que ouvir o barulho dos fogos. Assim já acordaria em 2011, com ânimo renovado e feliz, pois finalmente estaria entrando em área de Floresta Amazônica.

As vítimas da fúria motorizada - Rosário do Oeste - MT

5 – A FLORESTA AMAZÔNICA

O Bioma Amazônia abrange 49% do território nacional, atingindo os estados de Mato Grosso, Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima, Amapá, Pará e um pedaço do Maranhão. O trecho de Floresta Amazônica que pedalaria nessa viagem, podemos considerar ser sua borda, passaria por um grande trecho no Mato Grosso e outro no Pará, sendo que sempre próximo da divisa com os outros biomas.

Mas suas características são únicas, muitos rios, banhados, árvores enormes e como estou numa região de fronteira, encontrei muita devastação. O avanço da cana no sul do Brasil e da própria soja em todas as áreas de cerrado do Mato Grosso, forçam os fazendeiros de gado a avançarem sobre as florestas. Desce a década de 70 o governo estadual do Mato Grosso e muitos municípios tem como política de doar terras a pecuaristas do sul do Brasil para que eles desmatem e as preparem para o gado. Atualmente algumas prefeituras continuam fazendo esse tipo de doação e cada vez mais, retirantes do sul e do nordeste brasileiros, migram ao estado para trabalhar na pecuária.

A busca por florestas intactas foi complicada, mesmo assim encontrei algumas entre centenas de quilômetros de fazendas com herança das queimadas, onde os tocos das árvores chamuscados convivem harmoniosamente com o gado. Como disse acima, vi pouca área de floresta intacta, mas tenho certeza que se voltar ao local daqui a alguns anos, verei muito menos, pois nada está sendo feito para coibir as queimadas e preservar nossas florestas.

A FLORESTA AMAZÔNICA

De qualquer forma foi fascinante poder pedalar ao lado das imponentes árvores que fazem parte da Floresta Amazônica. A Floresta tenta resistir e se deixarem de desmatar em uns 20 anos ela irá se recuperar, o problema é que 20 anos também é o tempo necessário para ela sumir de vez do mapa.

5.1 - WELCOME TO THE JUNGLE – JÁ ESTOU NA AMAZÔNIA!

O reencontro com a felicidade, apesar de acordar triste devido à distância do meu filho em mais uma data importante, de ainda estar abalado com o "me esquece" no Natal, de acordar com chuva e achar que seria mais um dia parado, foi muito bom ver a chuva diminuir e saber que a partir daquele dia estaria no meu segundo bioma da viagem, a Floresta Amazônica.

Antes de chegar a Sorriso já percebia sinais dessa transição entre Cerrado e Amazônia, mas como cheguei de noite na cidade, não consegui ver os detalhes da vegetação. Apesar da região estar bem devastada, com quilômetros de soja de lado a lado, toda fazenda tem como obrigação manter uma reserva legal de mata nativa e quando essa reserva é perto da rodovia você consegue notar a diferença de fauna e flora. Comecei a armar as tralhas na bike, sem muito ânimo, pois a chuva fina não dava sinal de parar, mas parti debaixo de chuva mesmo. Todo cicloturista sabe a diferença entre pegar chuva no meio de um pedal e começar pedalando com chuva, a segunda é muito mais complicada.

Logo que saí da cidade de Sorriso há uma subida e lá do alto consegui avistar toda a cidade, assim ficou fácil de entender porque ela é a maior produtora de soja do mundo, praticamente para todos os lados que você olhava era soja, não conseguia enxergar quase nada de Floresta, mas será que vale a pena o custo ambiental de tudo isso?

Maior parte da estrada é plana e consegui desenvolver uma boa velocidade. As vezes surgiam umas baixadas, são as áreas de banhados ou de igarapés. Nesses trechos era normal ver carcaças de animais e na Amazônia, passei a me deparar com uma quantidade incomum de sapos e cobras atropeladas. Cada bioma tem sua fauna específica e encontrar as carcaças era a pior maneira de constatar essa transição.

Cana a direita e soja a esquerda. Quem disse que não tem canavial na Amazônia?

A partir dali seria cada vez mais constante me deparar com áreas recém queimadas. Fácil de constatar devido aos imensos troncos chamuscados do que antes eram enormes árvores, algumas com mais de 40 metros de altura. O porquê das queimadas é fácil de responder, ali é uma área de Amazônia Legal onde apenas 20% da área (segundo a lei) podem ser desmatadas

para qualquer tipo de cultivo. Mas soja e cana além de proibido (em tese) ser plantado em áreas de Amazônia Legal, vale lembrar que esse tipo de cultivo é dominado por grandes e poderosas empresas que recebem um controle maior. Mas como precisam de espaço para plantar, é necessário criar um método que seja mais fácil de burlar a lei. O uso de motosserras é complicado, pois além da venda da madeira ser controlada, o barulho chama atenção e as pessoas que estão manuseando os equipamentos podem ser facilmente detidas.

Basicamente duas técnicas são usadas, a principal é tacar fogo na floresta e dizer que foi um "acidente" ou mesmo uma queimada natural. Mas conforme expliquei nos capítulos anteriores, isso é algo que realmente ocorre no Cerrado mas não na Amazônia. Depois do desastre feito, usam tratores com corrente que vão "varrendo" a floresta. Depois basta esperar um pouco para a grama crescer e jogar o gado entre os tocos queimados. Como essas fazendas estão na fronteira de onde se planta soja, e a floresta não existe mais, começam a realizar um cultivo de soja junto com a criação de gado, até que a soja tome conta de tudo expulsam os mesmos fazendeiros de gado para repetirem o processo Floresta Amazônica adentro.

Outro detalhe é que, em tese, nem soja e nem álcool podem ser plantados em área de Amazônia legal, mas encontrei não só as duas plantações como até uma Usina de Álcool, (aquele nosso combustível "ecológico") em áreas de Amazônia e com certeza esse processo ainda vai longe.

De qualquer forma foi um dia muito feliz, pois era muito mais comum ver as grandes árvores da floresta, certo momento pedalei por um trecho de quase 2 quilômetros de florestas dos dois lados. Ali bateu a emoção e percebi que definitivamente estava no segundo bioma da viagem, a Amazônia. O mais interessante é que ali havia sinal de celular em quase todo o trajeto, assim conseguia mandar mensagens a toda galera que me acompanhava pelo meu Twitter (@oBicicreteiro).

Quase que diariamente era abordado na estrada por pessoas curiosas, nesse dia um senhor de carro parou e começou andar lentamente ao meu lado, aproveitando a calmaria da estrada. Contei a história e como a maioria, ficou muito impressionado. Depois disse que passa quase que todos os dias nessa estrada e que iria tentar me reencontrar nos próximos dias e quem sabe almoçar comigo na estrada.

Cheguei a Sinop às 16h00, os pneus para asfalto ajudaram muito, mesmo com aquele peso todo, era fácil manter uma média acima de 25 km/h, entrei na cidade e fui logo atrás de um Açaí. Estava na floresta amazônica e tinha que tomar um legítimo Açaí de lá. Encontrei uma loja e depois descobri que aquele Açaí não vinha do norte e sim do sul, da cidade de Cuiabá. Acabei descobrindo que são várias as palmeiras que, não apenas produzem o Açaí legítimo, como cada uma tem um fruto com características parecidas. Sou tão fissurado em açaí que passei a ver todas as palmeiras que encontrava e tentava identificar qual é qual.

Em Sinop procurei o Luiz, aquele ciclista de Downhill que encontrei quando estava na Cachoeira Véu de Noiva na Chapada dos Guimarães. Liguei para ele que estava em outra cidade, mas ele me indicou outro amigo que iria me receber e me levar para um churrasco na casa de outros amigos. Por coincidência, o Luiz estava numa fazenda em Sorriso, cidade que havia estado no

dia anterior e enquanto ele não chegava, procurei o Alexandre e fui pedalando até o local do churrasco.

Conheci uma turma grande de amigos do Luiz e do Alexandre, mas infelizmente não lembro o nome deles. Entrei de invasor na festa, comi um bom churrasco, tomei um banho, umas cervejas e fiquei lá jogando conversa fora com o pessoal. Mais tarde colocamos a magrela na pick-up do Alexandre e lá fomos para a casa dele, onde armei minha rede e tive mais uma boa noite de descanso.

Passei mais um dia na bela cidade de Sinop, no dia seguinte dormi na casa do Luiz e fui tentar entender o que leva esse povo vir parar nessa cidade. O Luiz morava em Cuiabá, se formou e recebeu uma bela proposta financeira para trabalhar em Sinop. Ele trabalhava com análises clínicas e seu laboratório era o único da região. Essa era a história da maioria dos demais moradores da cidade, ou perderam empregos nas suas cidades e vieram tentar a sorte ou receberam propostas tentadoras para morar lá. Não apenas cargos de baixa qualificação, mas cargos bons, que necessitam de graduação, cargos técnicos. Uma placa na entrada da cidade enaltecia o fato da cidade crescer em população mais de 10% ao ano.

Outra cidade riquíssima na qual, diferente de Sorriso, aonde 90% da sua renda vem da Soja, como Sinop já está em área Amazônia Legal e aqui a Soja divide espaço com o milho e o algodão. Sinop é uma cidade rica que cresce sem muito planejamento, onde o mercado dita as regras e vai deixando a cidade da maneira mais desigual possível, juntando os ricos na região central e mandando os pobres para longe. Não muito diferente da maioria das cidades brasileiras.

5.2 – A ARARA QUE FALTAVA

Fiquei o final de semana em Sinop e segunda-feira voltei para a estrada. Na saída concedi uma entrevista para o SBT da região e a matéria passou apenas no estado do Mato Grosso. Depois passei na casa do Alexandre, amigo do Luiz, que me deu pouso no dia em que cheguei à cidade para me despedir.

Logo na saída da cidade, já na BR que me levaria ao norte, como sempre parei num posto de gasolina onde completei meu garrafão com água gelada e aproveitei para tomar um café na lanchonete do posto. Pedi meus lanches e na mesa ao lado havia um senhor, provavelmente com mais de 50 anos e um garoto que não deveria ter mais do que 10. O garoto, para variar, ficou impressionado com minha bicicleta, queria saber o que era o GPS e então comecei a conversar com eles, até que o seu José Lourenço (pai do garoto, o Luciano) me convidou para sentar com eles. Aí o papo foi embora, contei minhas aventuras e o garoto ficou deslumbrado. Adoro crianças e sinto uma imensa satisfação com o fascínio que causo neles, portanto nunca economizo no tempo gasto com eles, pois sei que daqui a alguns anos ele continuará lembrando desse nosso encontro. Sem falar que compenso um pouquinho da imensa falta que meu filho me faz, sempre que ocorria um encontro como esse, logo depois de pegar estrada as lágrimas vinham. Pra variar, não precisei pagar meu café, ficou por conta do pai do garoto.

Com tanta enrolação, quando comecei o pedal o relógio já marcava 12h00. Não precisei pedalar muito para ter a primeira surpresa do dia, entre as Castanheiras sobreviventes do desmatamento para o cultivo da soja, observei em uma das árvores algo que parecia um ninho. Dentro dele dois lindos filhotes de Araras Vermelhas, dessa vez, com uma máquina um pouco melhor, consegui um zoom e tirei belas fotos das aves. Apesar dessas aves serem comuns no Pantanal, lá só consegui ver as Araras Canindé, com coloração predominante azul e amarela e as Araraunas, também conhecidas como Arara Azul.

Filhotes de Arara Vermelha

Logo após as Araras, encontro um ciclista vindo no sentido contrário da estrada. Passei por ele e dei um alô que foi retribuído, até pensei em parar mas segui em frente porque havia saído muito tarde. Mas pra que a pressa? Adiantar-me alguns minutos e perder a oportunidade de conhecer uma história diferente? Dei meia volta, pedalei para alcançá-lo e comecei o bate papo. Seu nome é Li Mendes, perguntei – "Está vindo de onde?" – e ele respondeu – "Oiapoque" – Caramba (pensei) antes de completar minha pergunta, ele continuou – "Sou gaúcho, saí do Rio Grande do Sul e pedalei até o Oiapoque. Depois resolvi voltar e agora estou a caminho de Ponta Porã no Mato Grosso do Sul, divisa com o Paraguai.

Esqueci de perguntar sua idade, mas com certeza devia ter mais de 50. Ele carregava um violão na garupa, perguntei se era músico (imaginando um hippie), mas ele disse que havia ganhado dias atrás e estava aprendendo a tocar. Era artista plástico e pintor, parava nas cidades, pegava um trabalhinho de pintura e até mesmo de pedreiro, ficava uns dias para fazer o trabalho, depois pegava o dinheiro e voltava para a estrada. Sua bicicleta, uma Caloi Poti, sem marchas, que não deve custar mais do que 300 reais na loja. Fez pequenas alterações, trocou o garfo rígido por uma suspensão, colocou uns aros aero de melhor qualidade, que não devem custar mais do que 30 reais, colocou um freio V-Break mais decente, arrancou os

Li Mendes, Cicloturista Gaúcho

As imponentes castanheiras

para-lamas que devem ter atrapalhado muito no primeiro lamaçal amazônico que encarou e com uma bicicleta bem simples, deve ter pedalado pelo menos uns 7 mil quilômetros pelo Brasil.

Quer viajar? Acha que você precisa do que? Uma bicicleta de três mil reais? Uns cinco mil em equipamentos? Condicionamento físico de atleta? Para realizar uma cicloviagem a única coisa que você precisa é de uma bicicleta.

Me despedi do seu Li, dei meia volta e rumei para o norte. O visual lembrava muito as estradas do sul do pais, quando fiz minha cicloviagem pelo Vale Europeu (Santa Catarina) com uma diferença. Enquanto lá, entre os pastos, o que impera são as enormes Araucárias, aqui são as Castanheiras as donas da paisagem. Os frutos dessas castanheiras são as famosas (e deliciosas) Castanhas do Pará.

As Castanheiras são enormes e tem esses tamanhos porque estavam ali desde a época que tudo aquilo é floresta. Uma castanheira que nasce numa área descampada fica, no máximo, com uns 6 metros. Lembro que quando criança havia uns pés de castanhas numa fazenda de uns amigos dos meus pais, no interior de São Paulo. Brincávamos com seus frutos espinhosos, que pareciam uns ouriços e tirávamos sua deliciosa castanha.

Já na floresta, como a vegetação é muito densa, há uma competição entre as árvores onde sobrevivem aquelas que conseguem captar mais luz solar. Graças a essa competição, há castanheiras com até 50 metros de altura na Floresta Amazônica. Passei por um distrito que se chama Castanhal, que tem esse nome por causa das enormes castanheiras no entorno da estrada e que marcam presença como enormes prédios rodeados por nada.

Queria pedalar até Santa Helena, mas a reportagem, dois pneus furados e as longas paradas, forçaram uma parada em Itaúba. Lá encontrei uma pousadinha simples e que tinha WiFi, com isso pude abastecer meu blog, já que sinal de celular, ali nem pensar.

5.3 - TEM QUE TER OPINIÃO!

Um dos motivos (entre vários) que me levaram a cair na estrada foi a busca da solidariedade humana. Andava desgostoso com o egoísmo que assola boa parte do nosso povo, ainda mais depois de um debate que eu participei meses antes da viagem, na rádio CBN São Paulo, onde estávamos discutindo uma proposta de criação de uma rede de Ciclofaixas dentro do bairro de Moema.

Participaram do debate, eu como representante da Ong que apresentou a proposta e a senhora Lygia Veras de Freitas Horta, presidente da AMAM - Associação dos Moradores e Amigos de Moema. Era para ser um debate pontual, onde eu explicaria maiores detalhes da proposta e teria a contrapartida de alguém que é contra, mesmo sem saber profundamente detalhes do projeto. O debate praticamente não existiu, a dona Lygia só estava preocupada com o espaço que seria retirado "dos carros" e com o fato de que, com o sistema cicloviário, pessoas de outras regiões, passariam a usar o bairro como corredor, para chegar ao Parque

do Ibirapuera. Toda a defesa de divisão de classes em ambientes públicos, quando feitas com discrição e de forma indireta, já me enoja. Mas quando é feita sem pudores, ao vivo, numa rádio com transmissão para o Brasil inteiro, isso me deixa com vergonha até de pertencer a mesma raça dessa senhora.

A busca de um contato mais direto com as pessoas, com a possibilidade de interagir com todo tipo de gente, desde prefeitos a garis, foi mais um dos motivadores da minha viagem. Como já esperava (até com base nas experiências maravilhosas que tive em outras viagens) esse contato com o povo brasileiro sempre é maravilhoso. Temos milhares de defeitos sim, mas a solidariedade é intrínseca ao nosso povo, principalmente entre a massa mais humilde, que sempre passou por grandes provações e dificilmente nega ajuda a quem precisa.

No dia anterior havia encontrado novamente aquele motorista que ficou conversando comigo na rodovia dias atrás. Dessa vez ele tinha uma companhia, disse que havia acabado de contar a minha história para o amigo e logo depois me avistou no horizonte. Sempre encontro pessoas, os olhares veem em minha direção, alguns sem meias palavras já chegam perguntando da viagem, outros ficam rodeando, apresentando um pouco de vergonha e um certo receio de puxar assunto. Para quebrar o gelo, começo a falar sobre a viagem, já tenho um discurso pronto, é quase uma palestra, pois as perguntas são sempre as mesmas.

Desses bate-papos surgiram vários adjetivos, uns bacanas como corajoso, valente e por aí vai. Teve um mais preconceituoso, como daquele senhor do Pantanal dizendo que o que eu fazia era coisa de quem "não tem o que fazer", mas o lado bom é que esse foi o único comentário realmente infeliz em toda viagem. Tudo bem que as pessoas são livres para dizerem o que quiserem, mas quem fala o que quer, tem que estar preparado para ouvir o que não quer.

Entre todos os adjetivos, dois marcaram mais. O primeiro foi daquele pantaneiro, da fazenda São Sebastião Grande. Depois que soube que estava realizando a travessia do Pantanal sozinho disse: "Caramba, você é um legítimo aventureiro!" Já o outro foi dito por diversas pessoas aqui do Mato Grosso: "Tem que ter opinião", "Você é um cara que tem opinião". Foram vários que disseram isso, no começo não conseguia entender direito o sentido do elogio, mas depois percebi que significa algo como "uma pessoa de atitude" que usamos muito em São Paulo. De qualquer forma é maravilhoso vislumbrar essas nossas nuances de adjetivos e provérbios com que as diferentes regiões do nosso país nos presenteiam.

Adjetivos a parte, vamos ao pedal. A princípio pretendia chegar a Matupá até a hora do almoço e seguir para dentro da BR 080. Matupá seria o local mais distante que estaria da minha casa. Até então estava rumando a norte e Matupá seria um marco pois mudaria de direção em 90 graus, agora rumando para leste, como se estivesse na metade da viagem. Mas para variar, acabei saindo tarde da cidade anterior e resolvi ficar em Matupá, assim teria tempo para arrumar minha bicicleta, trocando os pneus de asfalto para os de terra, pois encontraria muita areia, lama e terra vermelha, por uns 600 quilômetros ao menos, me embrenhando no "Vale dos Esquecidos", como aquela região é conhecida.

O trecho que pedalei no dia é um pouco mais acidentado do que eu tinha encarado nos

últimos dias, com desníveis de até 150 metros, o que tornou o trajeto um pouco mais puxado, mas ao mesmo tempo bem mais bonito. A paisagem aqui é uma mescla entre cerrado e floresta. Não avistei as enormes castanheiras, mas também não vi plantações, o que reina aqui é a criação de gado. Terrenos mais acidentados não são os mais apropriados para as grandes plantações de soja por causa do maquinário o que diminui a produtividade, mas trechos acidentados como esses são raros no Mato Grosso e nada impede da soja "pular" essa região e invadir ainda mais a Amazônia. Outra importante fonte de renda na região é o garimpo que também contribui para a degradação da floresta. Manejo sustentável, no meu modo de ver (e de muitos especialistas) a melhor e mais rentável forma de se explorar a região amazônica, embora não seja comum e tão pouco estimulada pelo governo.

Jiboia atropelada

Nesse dia procurei fazer poucas paradas e fica nítida a diferença das regiões mais ricas que eu passei. Primeiro nas regiões mais ricas, a distância entre as cidades são menores, não pedalava mais de 40 quilômetros sem encontrar uma cidade ou vila. Aqui dá para notar uma boa movimentação de dinheiro, mas não tanto como nas cidades mais ao sul. Apesar de ter um movimento de carros e caminhões infinitamente menor que antes de Sinop, como essa é uma região ainda não tão degradada, temos também mais animais atravessando a via e sofrendo com a carnificina imposta pelo mau uso dos carros.

Ah, como há muitas fazendas pequenas próximas da estrada, é comum sermos perseguidos por cachorros. Nessa viagem levei centenas de "corres" de cachorros, na maioria das vezes não havia risco, no máximo enchiam o saco, mas é bom ter cuidado pois alguns são realmente perigosos.

A princípio iria ficar em Peixoto Azevedo, mas algumas pessoas das cidades que passei disseram para ficar em Matupá, uma cidade mais agradável. Disseram que só de

Mais de 100 corres de cachorro durante a viagem

ver a cidade de Peixoto eu iria acabar escolhendo Matupá que fica a 5 quilômetros adiante. Peixoto é uma cidade de garimpeiros, ao passar em frente, realmente não fiquei com vontade de ficar nela. Cidade com muitos garimpeiros significa que tem muitos homens, poucas mulheres e muita testosterona acumulada. Sem falar que o garimpo no Brasil é algo sem muito controle por parte do governo. Há alguns garimpos legais, promovidos por grandes empresas e mais propensas a seguir à risca a legislação. Mas isso é exceção, a regra do garimpo no Brasil é ser uma atividade clandestina, feita sem nenhum cuidado ambiental e completamente fora da lei. E tudo que é feito fora da lei acaba atraindo pessoas sem escrúpulos, portanto é bom tomar cuidado, pois nem todos os garimpeiros são bandidos, mas definitivamente, entre eles há muitas pessoas de péssima índole.

Segui em frente, atravessei o Rio Peixoto, pedalei um pouquinho e logo estava em Matupá. Na entrada da cidade passei pela BR-080, a estrada que me levaria ao Xingu, e vi que teria uma longa estrada com uma terra vermelha e muita lama pela frente. Matupá é uma cidade bem mais aconchegante, arrumei uma pousadinha com WiFi, bem perto de um lago enorme que tem inclusive uma ciclovia no entorno. Algo raro nessas cidades por onde passei, encontrar um bom espaço público para passear. Fiz a escolha certa e agora só me restava descansar, preparar a bicicleta e encarar essa nova etapa da minha aventura.

5.4 - TRANSFORMANDO UMA ESTRADEIRA NUMA MTB

A principal característica de se fazer cicloturismo com uma aro 29 é sua versatilidade. O aro de uma 29er tem o mesmo tamanho do aro 700, usadas em bicicletas de estrada e na maioria das urbanas. Isso faz da sua bicicleta uma verdadeira híbrida de alto desempenho, pois você pode usar os pneus de aro 700 nos trechos longos de asfalto e trocar por pneus de cravo para encarar qualquer outro terreno mais difícil como terra, areia ou pedras.

Pronta para o asfalto

Pretendia só passar uma noite em Matupá, como choveu o dia inteiro, resolvi usar o dia para dar uma geral na minha magrela e deixá-la pronta para encarar os quase 600 quilômetros de terra até Confresa, quando retornaria ao asfalto. A chuva sinalizou que eu iria pegar muita lama no caminho e precisava fazer algo para me proteger. Na roda de trás não precisaria de nada, pois os alforjes e a barraca já fazem a função de um para-lamas. Na frente, apesar do garrafão de água fazer esse papel, me protegendo da água que poderia vir no meu rosto, precisaria de uma proteção para a lama que vem da roda dianteira em direção ao quadro. Então comprei uma garrafa de Coca-Cola e improvisei um eficiente para-lama. Detalhe que esse para-lama durou

uns dois anos após a viagem.

Outro problema que precisava resolver, é que havia perdido o adaptador para encher o pneu da minha bicicleta, já que as minhas câmaras possuem uma válvula num formato diferente do mais usual, o "americano", comum na maioria das bicicletas e padrão para pneus de carros. As minhas válvulas são do formato "presta", mais finas e precisam de um adaptador para poder enchê-las em qualquer bomba de postos de gasolina.

Pronta para a terra

Já possuía um adaptador, que veio junto com a minha bomba e antes de sair, ganhei outro adaptador da Renata Falzoni. Mas para variar, além de ter perdido o adaptador que a Renata me deu, não encontrava o que deveria estar na bomba. Lembrei de um conselho do Gallo, ele disse que dá para pegar uma válvula americana, serrar na base da rosca que ela funcionaria como um adaptador. Como não tinha nenhuma câmara do formato americano, procurei umas bicicletarias da cidade onde consegui umas câmaras e fiz dois adaptadores que funcionaram muito bem.

Tudo pronto e agora só restava torcer pelo dia seguinte ser melhor e poder me embrenhar na Floresta Amazônica rumo ao Xingu.

Paralamas ecológico

Floresta Amazônica - Matupa - MT

5.5 - CADÊ O AREIÃO?

Quem consegue pedalar no Pantanal, pedala em qualquer lugar, acho que até na neve. Acordei cedo, mas a forte chuva que caía em Matupá me desanimou. Continuei enrolando na cama até as 7h00 da manhã quando fui tomar meu café na pousada. Acabei saindo de Matupá as 10h00 (horário local), muito tarde para quem queria sair as 7h00. Mas só saí porque a chuva parou e até abriu um pouco de sol. Saí da cidade e fui até a rotatória, onde começa a BR 080. Uma grande placa informando as possíveis obras na estrada me deixou intrigado. Primeiro a obra só seria entregue em maio de 2012. Muito tempo para uma obra relativamente pequena, mas estrategicamente programada para ser entregue próximo das eleições municipais.

Depois o tamanho do trecho asfaltado, "60 quilômetros" entre Matupá ao Rio Xingu. Detalhe é que a distância da cidade até o Rio Xingu são 220 quilômetros, não consegui fechar a conta. Ao lado do início da estrada há um posto de gasolina, e lá parei para encher meu garrafão de água e novamente minha magrela fez sucesso.

Parti em definitivo e nos primeiros 10 quilômetros havia sinal de celular, com isso consegui dar várias "twittadas". Havia algumas obras no caminho e o trecho estava com muita lama. Seguia desviando das grandes poças de lama, mas sempre progredindo. Encontrava alguns carros na estrada e praticamente todos faziam algum aceno, quando não paravam para conversar. Cicloturista não pode ser antipático, temos que repetir o mesmo discurso quantas vezes forem necessárias e faço isso com o maior prazer, mas uma pick-up passou por mim no sentido oposto, parou muito longe e começou a me chamar. Poxa, teria que voltar tudo na lama e bateu uma preguiça, mas daí um senhor desceu e começou a me chamar. Conforme me aproximava ele dizia para os seus companheiros, "É o menino, é o menino". Seu nome era Zé Vicente, e tinha me visto na reportagem ao jornal do SBT.

É uma moto?

Ele disse que tinha uma fazenda perto do Restaurante do Bigode, a 120 quilômetros de Matupá, local onde eu pretendia passar a noite. Ele disse para eu procurar o capataz da fazenda e dizer que ele havia autorizado dormir na fazenda dele. Me despedi e segui mais tranquilo pois já tinha lugar para passar a noite.

Fiquei em dúvida se conseguiria chegar na fazenda ainda de dia, pois a estrada estava péssima, com muitos buracos e poças de lama. Surgiu uma carreta lá atrás, mas ela não conseguia me ultrapassar, pois precisava passar muito devagar nos trechos esburacados enquanto eu conseguia manter sempre um ritmo, pedalando numa média de 20 km/h. Depois de uns

20 quilômetros, finalmente o motorista me passou e seguimos conversando lado a lado por um trecho. Disse que iríamos nos encontrar nos próximos dias, pois ele ainda teria que ir e voltar pela estrada. Deu várias dicas também, principalmente em relação aos índios que controlam a balsa do Rio Xingu.

Rumo ao Xingu

Apesar da lama a estrada estava uma maravilha, era lindo ver aquela mata fechada dos dois lados. Mais adiante começou os clarões e a realidade, atrás das árvores avistava as vastas fazendas de gado. Logo cheguei na primeira vila, a 60 quilômetros de Matupá, metade do que teria que pedalar naquele dia. O relógio do GPS marcava 16h00, significa que eu teria ainda 4 horas de luz de sol. Fiquei feliz com meu desempenho, então comi um lanche em uma vendinha na estrada e segui adiante.

A minha frente havia uma pequena serra onde subi cerca de 200 metros de desnível. No alto encontrei rio com várias crianças brincando. Ao lado havia dois homens garimpando no rio. Puxei papo e me disseram que estavam só testando a terra para ver se havia ouro. Mostraram-me uns pontos amarelos em algumas pedras, o que significava ouro.

Perguntei se estavam usando mercúrio e disseram que não, pois era mesmo só um teste. Então procurei tentar entender como funcionava o garimpo e porque o mercúrio era tão necessário. Disseram que ao jogar o mercúrio liquido na água, esses pontinhos amarelos do outro se aprisionam no mercúrio formando a amalgama. Curiosamente, a amálgama é aquela coisa prateada que colocavam em nossos dentes nas obturações de antigamente. Detalhe que eu tenho algumas obturações dessa, ou seja, estou carregando fonte de mercúrio na boca. Depois usando um maçarico, os garimpeiros derretem o mercúrio restando apenas o ouro. O problema ambiental nessa história é que da forma que isso é feito no Brasil, se perde muito mercúrio que acaba contaminando os rios. E no momento em que utilizam o maçarico para derreter a amálgama, o mercúrio evaporado é inalado pelo garimpeiro.

Um deles, tentando defender o uso do mercúrio disse "mas nenhum peixe vai comer aquela bolota de mercúrio, como é que ele vai ser contaminado?" Então eu expliquei que, por mais que não pareça, frações microscópicas desses mercúrio se desprendem e se misturam com a água e é assim que ocorre a contaminação. Ou seja, ao invés de condenarmos os garimpeiros, se conseguíssemos instruí-los e explicar nos detalhes como ocorre todo o processo, com certeza muitos tentariam fazer a coisa da maneira correta.

Segui em frente, tinha pouco mais 3 horas de sol e uns 60 quilômetros até o Bigode. A chuva

Crianças brincando ao lado de garimpeiros

deu uma trégua, mas pra todos os lados que olhava a avistava caindo ao meu redor. A lama eu encontrava sempre que passava perto dos banhados e rios, mas não achava um problema vencer esses obstáculos, era até divertido, a bike já estava imunda mesmo.

Cheguei numa outra vila, onde havia o famoso "bar do bigode". Parei para tomar a minha famosa "coca" e lá me mostraram onde ficava a fazenda do seu Zé Vicente, que estava bem em frente ao bar. Fiquei um tempo de papo, até que começou a escurecer e chover ao mesmo tempo. Então eu corri para a fazenda com a companhia de um garoto que estava no bar e devia ser amigo dos filhos do capataz.

Cometi outro erro, se você vai pedir pouso para alguém numa fazenda, evite fazer a abordagem de noite. Cheguei na vila ainda com luz do dia, mas fiquei enrolando e quase que o Capataz não me deixa dormir na fazenda. Precisei mostrar a foto que eu tirei com o seu Zé Vicente e só então ele permitiu que eu armasse a minha rede na cozinha da casa sede, que mais parece uma varanda.

Depois o seu Manoel, capataz da fazenda, me convidou para jantar e deu várias dicas sobre o que eu iria encontrar pela frente. Ele contou que devido às queimadas, os animais estão todos fugindo para dentro da Reserva Indígena. Eu precisava tomar muito cuidado com as onças que, expulsas do seu território e sem comida, estão atacando até gado de dia.

Cozinha da casa do Seu Vicente

Vale lembrar que onças têm hábitos noturnos e para elas atacarem presas ao meio dia, é sinal de que elas estão desesperadas. Animais nessas situações fogem de todas as lógicas, portanto eu deveria ter muito cuidado na minha próxima etapa de pedal.

Boas dicas, ótimo papo, mas precisava dormir e foi o que eu fiz. Acordar cedo seria importante, pois pela primeira vez na viagem iria percorrer uma área de floresta amazônica intacta, mas havia ainda 80 quilômetros só até a entrada da reserva.

5.6 – ÍNDIO NÃO SOLIDÁRIO

Céu azul, sem chuva, apenas uma bela neblina para saudar minha partida. Seriam 120 quilômetros de pedal até o Rio Xingu, sendo 80 até o início da reserva. O desafio era chegar no rio antes das 17h00, hora que os índios encerram a travessia com a balsa. Consegui sair bem cedo da fazenda do senhor Zé Vicente, por volta das 7h30 e segui em ritmo forte. A pista ainda estava castigada por causa das chuvas, mas meu condicionamento nessa época estava maravilhoso, parecia que eu estava de moto, passava atropelando tudo e nada me segurava, por vários momentos mantinha média de 30 km/h na terra.

Era comum passar por riachos e encontrar enormes toras. Fico imaginando como era aquela floresta e como foi todo o processo de destruição para aquela imensa tora chegar até ali. Bom salientar que não se deve jogar a culpa nos moradores da região apenas. Aquilo era para ser uma área preservada, ou deveria ser fomentada a exploração sustentável da floresta, mas os governos estaduais e municipais são os principais fomentadores da destruição da floresta.

Na década de 70, os governos estaduais e municipais do Mato Grosso doavam terras a fazendeiros (a maioria do sul do país) e os obrigavam a desmatar toda a área da fazenda, mesmo aquilo sendo contra as leis federais. Se não assim fizessem, eles tomavam a terra de volta. A melhor forma de se explorar a floresta é realizando o manejo sustentável, para isso é feito um mapeamento das árvores e elas são derrubadas a dedo. O maior investimento é na realização desse mapeamento e depois só é necessário manter um funcionário para impedir que o madeireiro derrube mais que o necessário. Sem falar que até as árvores que caem naturalmente também são utilizadas. Fazendo o manejo do jeito certo, é só deixar que a natureza se recupere sozinha.

Conversei com muitas pessoas durante a viagem e aqueles que investiram em manejo estão ganhando muito dinheiro e de forma honesta, justamente porque eles não possuem um gasto tão grande de manutenção da fazenda como ocorre com a soja ou gado. Infelizmente só vi uma fazenda nessa região que promovia o manejo sustentável.

Onde ocorreram as queimadas, a floresta fica com aparência de Cerrado, até porque essa é uma região de transição, com árvores dos dois biomas. Como a maioria das árvores de Cerrado são resistentes ao fogo, elas são as que acabam resistindo as queimadas e o que vemos acontecer é

Rastros do "pogresso"

Unica fazenda de manejo sustentável que encontrei na viagem

uma imensa área de Floresta Amazônica se transformando em Cerrado, graças à interferência do homem. Mas o que me deixava mais transtornado é que usavam as madeiras que sobraram das queimadas para cercar suas propriedades. Era comum ver as cercas chamuscadas. Nesse trecho encontrei a minha primeira e única fazenda que faz manejo sustentável em área de floresta amazônica. A pergunta é porque o governo não estimula esse tipo de investimento ao invés de fomentar a indústria agropecuária?

Numa das paradas para tomar minha Coca-Cola conversei com um senhor paraense que migrou para aquelas bandas. Ele me disse que naquela região é comum os fazendeiros resolverem seus problemas de lixo queimando-os, até porque não existe coleta pública e muito menos orientação do estado sobre a melhor maneira de proceder. Mas bastava alguém fazer uma fogueira que já vinha alguém do Ibama prender a pessoa. Com isso, na cidade de Marcelândia, como todos tinham medo de queimar o lixo, ele foi se acumulando. Até que meses antes da minha viagem, em agosto de 2010 numa época de seca, ocorreu um grande incêndio que praticamente consumiu a cidade.

Quando alcancei 80 quilômetros de pedal naquele dia, cheguei na última parada antes da entrada da reserva. Ali fiz meu almoço e segui em frente, já eram 13h30, e restavam ainda 40 quilômetros até a balsa, portanto eu tinha 3h30 para chegar na balsa a tempo de fazer a travessia, se tivesse algum problema, seria obrigado a dormir no meio do mato. Dentro da reserva a mata impõe respeito, sons só de pássaros e alguns animais. Me disseram que as chances de eu ver animais eram grandes, mas conforme avançava na floresta, só ouvia ruídos distantes. Pedalando num ritmo forte, de repente percebo algo grande dar um grito e correr para dentro da mata. Não consegui ver o que era, mas provavelmente um grande primata.

Divisa da reserva índigina do Xingu

Mas não vi um animal sequer, o sol forte afugentou os bichos, o único animal que tinha coragem de encarar aquele sol que

beirava os 40 graus era um que estava sobre uma bicicleta. Ali é uma região de onças, apesar de não ter mais tanto medo de encontrar a danada, peguei o facão que estava guardado na mala e deixei-o novamente a mão sobre os alforjes. Quanto mais próximo dos rios e mais próximo do entardecer, maiores as chances de encontrá-las. As onças não apareceram, mas não demorou muito e lá estava ele, o grande Rio Xingu.

Cheguei às 16h00 e avistei do outro lado do rio a balsa parada, os índios me viram ali mas não vieram me buscar. Havia uns índios pescando no rio ao meu lado. Comecei a conversar com eles, bem simpáticos, disseram que eram de uma outra tribo que ficava rio acima. Na conversa, meu receio dos índios foi desaparecendo. Depois de meia hora uma caminhonete surgiu na estrada pelo lado que eu estava e só então a balsa atravessou para nos buscar.

E quanto teria que pagar? Uma incógnita, o preço varia, eles cobram 30 reais de uma moto e mais 5 por pessoa. Caminhões chegam a custar entre 80 a 120 reais, uns mato-grossenses disseram que eu teria que pagar na balsa e provavelmente cobrariam o valor de uma moto. Antes de entrar na reserva, um peão que trabalha numa fazenda contou que saiu de moto de São José do Xingu, do outro lado do rio. Tinha dinheiro só pra vir, até porque ele iria receber na fazenda onde trabalhou, o problema é que ele recebeu em cheque, então na volta, mostrou o cheque e disse que no dia seguinte, quando voltasse para a fazenda, ele pagaria o valor devido. Mas o índio não quis saber, pegou o capacete que ele estava usando, o arrancou de sua cabeça, jogou dentro do rio e disse "Pronto, tá pago. Pra aprender que Índio não aceita fiado". No dia seguinte o motoqueiro voltou e fez questão de pagar e disse "Índio pode não aceitar fiado, mas branco tem palavra".

Bem, depois de tantos relatos tensos, lá estava eu, pronto para encarar os índios. A balsa chegou, entrei no barco e fiquei num canto. Junto a mim outra bicicleta que era de um dos índios que trabalham na balsa. Esse veio até mim para saber mais da minha viagem como a maioria das pessoas fazem. Até então nada do tão falado "achaque". Enquanto a balsa cruzava o rio, comecei a conversar com os índios, perguntando da possibilidade de dormir na aldeia. E me disseram que eu deveria ir até a cancela e conversar com o pessoal de lá. Já eram 17h00, desci da balsa e pedalei uns 500 metros até uma cancela. Como o carro que cruzou comigo já havia passado fazia um tempinho, eles devem ter achado que não tinha mais ninguém e abandonaram o posto. Ao lado da cancela estava a aldeia dos índios que controlam a balsa.

Divisa da reserva índigina do Xingu

Pelo que me disseram, aquela balsa foi comprada pela própria Funai e cedida aos índios, para que eles pudessem explorar como quiserem. Todo o lucro da balsa vai pra aldeia, ou melhor, vai para o cacique que controla a aldeia. Agora meu objetivo

Curumins fazendo a festa com minha magrela

nem era me livrar do pedágio e sim tentar passar um dia na aldeia. Me aproximei até as ocas e conversei com um índio jovem, muito simpático pareceu curtir a ideia de eu dormir lá. O motorista da caminhonete disse "o cacique é gente boa, com certeza ele deixa você dormir lá". Então esse jovem índio foi conversar com o cacique. Enquanto ele o procurava, fiquei entretendo a criançada que estava impressionada com a bike.

Fiquei quase uma hora esperando o cacique aparecer. Expliquei que queria ficar um dia lá, queria conhecer um pouco melhor os seus costumes, saber a opinião deles sobre todo esse desmatamento, sobre o que eles acham do homem branco, até mesmo para fazer um contraponto de tudo que ouvi de ruim deles, mas quando falei que tinha um blog a resposta…

Cacique: "Não pode, só com autorização Funai, se não tiver não pode"

Eu: "Mas com quem eu pego? Tem como ligar para alguém daqui?"

Cacique: "Não, tem que ir na Funai e pegar autorização"

Eu: "Mas não tenho como pegar a autorização e eu preciso de um lugar para passar a noite hoje, não é o senhor quem manda aqui?"

Cacique: "Não, quem manda é Funai"

Eu: "Posso pelo menos passar a noite aqui? Pois vai escurecer em uma hora e não conseguirei chegar de dia na cidade"

Cacique: "Não, sem autorização Funai não pode dormir. Pode ir embora"

Eu: "Posso pegar água pelo menos?"

Cacique: "Água da torneira pode"

Enchi meu galão e parti, um cara de uma caminhonete, que trabalha com os índios na balsa perguntou se eu queria carona e disse que não, vou no breu mesmo. Seriam mais 40 quilômetros até a cidade e eu teria apenas 1 hora de sol. Pedalei muito forte pra avançar o máximo que eu pudesse com luz natural e consegui avançar uns 20 quilômetros até tudo escurecer, ao menos registrei mais um belíssimo pôr do sol.

Sabia que depois de 20 quilômetros teria fazendas ao meu lado esquerdo e reserva do direito, assim tinha a esperança de encontrar algum lugar onde eu pudesse me abrigar. Mas a sede da maioria das fazendas ficava quilômetros fazenda a dentro, nem a luz das casas conseguia ver. Antes de anoitecer havia encontrado uma casinha abandonada, mas preferi pedalar um pouco de noite e chegar na cidade. Foi difícil, até porque a estrada começou a ficar muito esburacada e cheia de lama. Recebi até umas ofertas de carona mas como sou "xucro" segui pedalando na escuridão. Certo momento algum animal cruzou a pista na minha frente, quase me derrubando, não tenho ideia de que bicho era, só sei que era grande e nem parei para tentar descobrir.

Pôr do sol dentro da Reserva do Xingu

Quando já começava a enxergar as luzes da cidade, passou por mim um caminhoneiro que já havia encontrado na estrada no dia anterior. Ele disse para entrar na cidade e procurar o segundo posto de gasolina, onde os caminhoneiros costumam dormir. Perguntou se eu queria carona, mas já estava chegando e pedi pra ele me esperar no posto que em breve estaria lá. Entrei na cidade e quando estava procurando o posto, passei em frente a uma casa aonde havia várias pessoas na varanda e ouço.

"Oi Ciclista!"

Dei um aceno mas segui em frente rumo ao posto, até que ouvi:

"Hei ciclista, chega aí, vem jantar com a gente!"

Ouvi a palavra mágica, dei meia volta e entrei na casa. Quem me chamou foi o Fábio, na hora arrumou uma cadeira para mim e enquanto eu falava da viagem me trouxe um "pratão" de comida. Ele disse que assim que viu a bandeira do Brasil não pensou duas vezes em me chamar. Resumindo, depois da janta ainda falou para eu dormir na casa dele e acabei resolvendo ficar mais um dia inteiro lá, assim poderia descansar e dar uma geral na bicicleta que estava bem judiada devido

Abrigo na casa do Fabio em São José do Xingu

à quantidade de lama que trouxe do Xingu. Depois de tanto sofrimento e apreensão, fiquei feliz com o rumo que o dia tomou. Enquanto o cacique não estava nem aí para mim, acabei contando com a solidariedade de um cara com uma história fantástica que vou poder dividir com vocês no próximo capítulo.

5.7 – MAIS UMA LINDA HISTÓRIA

Queria apenas passar uma noite em São José do Xingu e seguir em frente até Confresa, até para poder atualizar meu blog novamente, pois dificilmente haveria sinal da TIM nessa cidade, mas não é que havia? Outra máxima da minha viagem que estava seguindo à risca. Não hesite em mudar seus planos sempre que uma boa história cruzar o seu caminho. Pedi ao Fábio, o proprietário da casa, para passar mais um dia ali e obviamente ele deixou. Os dois últimos dias foram bem puxados, a bicicleta precisava de uma boa geral e meu corpo já começava a apresentar sinais de "over training".

Digo que Cicloturismo é para qualquer pessoa e que o condicionamento vem com o tempo, mas em uma cicloviagem é como se fossemos verdadeiros atletas, pois ficamos horas praticando exercícios e num ritmo de esforço de médio pra alto. Eu sempre tive um pedal considerado forte e nessa viagem eu não estava aliviando a força. Os motivos era vários, ansiedade, saudades do meu filho, a dor da separação, tudo era motivo para descontar no pedal. Em certos momentos meu ritmo era alucinante, foram várias vezes que eu pedalei por quase 12 horas. Da mesma forma que isso me trazia um condicionamento monstro, também colocava meu corpo no limite. Todo atleta monta seu treinamento para atingir um pico de rendimento na data de uma competição importante. Eu não competia, apenas pedalava e comecei a sentir que aquele estava alcançando o meu pico de rendimento. Ao atingir esse pico, o recomendável é que o atleta pare por completo para o corpo se recuperar. Consequentemente o seu condicionamento também sofrerá uma queda e o atleta precisa retomar o seu ritmo de treinamento de forma gradual. Mas eu estava em uma viagem, não podia parar simplesmente, antes eu conseguia pedalar até 6 dias seguidos para só então fazer um dia de descanso, mas agora percebia que esse descanso era necessário depois de quatro, três, as vezes dois dias.

Então pedi para o Fábio um dia a mais de descanso em sua casa, como cheguei numa sexta à noite, não iria atrapalhar a rotina deles passando o sábado em sua casa e isso me deu a oportunidade de conhecer mais uma bela história de vida. Fábio era um garoto, não lembro sua idade, mas não devia ter nem 30 anos. Por coincidência tem o mesmo nome do meu irmão, portanto não precisei nem anotar seu nome na minha agenda. Um cara trabalhador que esbanja felicidade, mas tem aquele jeito mateiro, de alguém que cresceu sem acesso a informação, não estudou, teve uma vida dura, comete alguns erros devido a essa cultura machista e nada justa que pessoas como ele são submetidas, mas tem muita bondade no coração e isso fica claro de se perceber em pouco tempo de convivência.

Ele estava feliz, pois estava numa casa nova, presente do seu pai. Com muita alegria e sem pudores contou sua história. Disse que sua mãe era da vida (prostituta) e com todas as dificuldades do mundo o criou sem um pai. Mas quando ele chegou aos 16 anos começou a

dizer que queria conhecer o pai, perturbando todo mundo, sua mãe e amigos, mas sua mãe se recusava em apresentá-lo. Então procurou um amigo da sua mãe que sabia quem era o pai. Como sua mãe era da vida, obviamente as dúvidas surgiram, mas esse amigo de sua mãe disse: "Tá bom, fica aqui que vou fazer uma ligação". Pegou o telefone e na frente do garoto ligou para um homem. Um senhor que mora em Cuiabá, bem de vida, com família e tudo mais – "Sabe aquele garoto, filho de fulana (não lembro o nome da mãe), o moleque quer te conhecer de toda maneira. E digo, nem precisa de DNA, pois parece que estou te vendo na minha frente".

Então esse senhor de Cuiabá pediu para levar o garoto até ele, que se fosse mesmo seu filho nada lhe faltaria. Ele foi com sua mãe até Cuiabá, desceram do ônibus e logo encostou uma caminhonete. Dela desceu um senhor e imediatamente sua mãe disse – "Seu pai é aquele ali" – se despediu do filho e o deixou com o homem. O homem o convidou a entrar no carro, de lá foram direto para uma clínica para fazer o exame de DNA, ao chegar na clínica o homem disse ao garoto de 16 anos – "Não importa o resultado, você já me terá como amigo, mas se você for realmente meu filho, te levo na hora para minha casa" – Fizeram o exame e o senhor levou aquele jovem até um hotel.

Foram 15 dias que ele ficou no hotel aguardando o resultado do exame, ele contou que sofria demais, pensava em ir embora, que foram os piores dias de sua vida. Dá para imaginar o que é para um adolescente ficar esse tempo trancado num quarto de hotel, numa cidade onde não conhece ninguém, aguardando o resultado de um exame que pode mudar sua vida? Passaram-se os dias até que esse senhor voltou, quando o Fábio entrou no carro ele entregou o envelope com o resultado e pediu pra ele abrir. O Fábio abriu e estava escrito algo dizendo negativo. Na hora seu mundo desabou, mas depois o senhor lhe corrigiu. Disse para olhar direito, pois o negativo na verdade queria dizer positivo. Não tenho ideia de como é apresentado um exame de DNA, mas vendo com calma ele percebeu que estava mesmo ao lado do seu pai.

No mesmo dia ele o levou para sua casa, o apresentou para sua família, conheceu seus irmãos e desde então muita coisa mudou em sua vida. Mas infelizmente não foi possível recuperar os 16 anos perdidos e muitos conflitos começaram a ocorrer. Primeiro o seu pai queria que ele voltasse a estudar, ele tinha fazendas e se o filho estudasse, poderia trabalhar com ele e até pilotar seus aviões, mas o Fábio já havia abandonado os estudos há tempos e não conseguia retornar. Apesar de uma relação tensa, com o tempo ela foi melhorando até porque o Fábio não estava interessado no dinheiro do seu pai, queria mesmo é ter um pai e isso já havia conquistado. Retornou para São José do Xingu e seguiu trabalhando, naquela época trabalhava como operador de máquina numa fazenda da região.

Graças à boa relação com seu pai, ganhou de presente uma linda casa na cidade, aquela aonde ele me recebeu, faziam só dois meses que se mudaram para ela. Fábio na época vivia com a Simone e entre tapas e beijos levavam uma relação, no mínimo divertida. Torço muito para que eles tenham parado de brigar e tenham sido felizes. Mais uma história fantástica que só uma viagem como essa, realizada de coração e mente aberta, pode nos proporcionar. Aprendi muito com essa passagem pela casa do Fábio e torço muito para que ele, uma pessoa como nós, com muitos defeitos, tenha uma vida bem feliz, pois não é sempre que encontramos uma pessoa com um coração tão bom como o dele.

Aldeia Indígena - Xingu - MT

5.8 – OUTRO PEDAL PRA LÁ DE ÉPICO

Mais uma vez a preguiça tomou conta, na noite anterior o Fábio, sua esposa e amigos resolveram ir num forró e me convidaram, mas eu preferi ficar na casa descansando para tentar acordar cedo e com disposição. Não tinha ideia de quanto teria que pedalar naquele dia, mas sabia que seria muito, mais de 160 quilômetros até Confresa. O trajeto praticamente todo em terra. Dormi demais, preguiça para levantar e só por volta do meio dia estava pronto para sair, me despedi do Fábio, da sua família e parti. Fiz um caminho mais curto, mais bonito e também mais difícil, pois tinha muita areia. Nada comparado com o areião "impedalável" do Pantanal, mas complicou o meu ritmo, ainda mais porque a distância do dia seria longa.

O lado bom é que passei por áreas de floresta ainda preservadas, o que tornou o pedal bem mais agradável. Árvores que não irão durar muito tempo, pois não são reservas e sim propriedades privadas, portanto, a exemplo do que eu tinha visto nos dias anteriores, no próximo período de seca, provavelmente toda essa área deve virar carvão.

A estrada que era pouco movimentada, as vezes passavam uma série de caminhões e só. Poucos carros, algumas motos, mas estava sozinho numa região que deveria ter muitos animais. Vi várias pegadas de onça nessa estrada, dava para ver as batidas dos felinos entrando e saindo da estrada. Encontrei outra pegada enorme e acabei confundindo com pegadas de onças, não sabia qual animal, mas percebi que era grande pela profundidade das pegadas no solo. Para a minha surpresa, avistei uma grande anta nadando num lago de uma fazenda. Foi a primeira vez que vi esse animal vivo durante a viagem, a outra vez que o avistei estava morto, no Pantanal. Para a minha infelicidade, ele não quis sair da água e eu não poderia esperar muito tempo, pois tinha uma longa jornada pela frente até Confresa.

Foram 165 quilômetros de Santo Antônio do Xingu até Confresa, apesar de longo, daria para percorrer o trajeto com tranquilidade se eu saísse cedo, como saí meio dia, era certo que iria pedalar de noite, então a luta era para pedalar o mínimo possível sem luz natural. O trajeto seria praticamente inteiro em terra, asfalto só nos últimos nove quilômetros, mas depois que saí do trecho de floresta, a estrada era boa, bem compacta, onde conseguia pedalar a 30 km/h sem muita dificuldade.

Ocorre que além de sair tarde, do trecho em terra, da longa distância, para complicar, pela primeira vez na viagem o esquema de fixação (com abraçadeiras) do meu bagageiro dianteiro não resistiu. Meu sistema era assim, havia duas abraçadeiras segurando a parte superior, fixando o bagageiro no arco de para-barro da suspensão e mais duas abraçadeiras fixando um suporte do bagageiro junto aos tubos (também conhecida como canela), não interferindo assim no trabalho da suspensão.

Saí de São Paulo com 10 abraçadeiras que paguei 50 centavos cada, mas a àquela altura já havia trocado várias, pois constantemente, as abraçadeiras que colocava na parte inferior, junto as canelas, se quebravam. Mas dessa vez foi diferente, estava voando na terra e num solavanco mais forte ouvi um barulho e percebi que o bagageiro ficou solto. Freei a bicicleta mas o bagageiro continuou viagem sozinho, quebrou de uma vez as duas abraçadeiras de

Imponência é marca registrada na Amazônia

Minha primeira anta viva da viagem

cima e o peso dos alforjes fez abrir as duas abraçadeiras de baixo, o resultado foi meu bagageiro no chão.

O bagageiro entortou no ferrinho que soldamos para poder prender na parte inferior e no meu estoque só havia mais duas abraçadeiras, sendo que eu precisaria de no mínimo quatro. Então usei a criatividade, desentortei o ferrinho que entortou sem quebrar a solda, usei as duas abraçadeiras que ainda tinha para a parte inferior e na base superior usei um elástico que reciclei depois que quebrou a presilha. Ficou tão bem fixado que eu tinha certeza que o bagageiro chegaria assim a São Paulo.

Segui novamente com força no pedal, queria fazer uma pausa para comer algo, passei por uma vila que estava a uns 80 quilômetros de Confresa, mas me disseram haver uma prainha na beira de um rio mais a frente, lá havia um bar onde eu poderia me alimentar, seria minha última parada antes de Confresa. Quando cheguei, vi uma enorme ponte de madeira, com cerca de 200 metros, uma ponte estreita onde só passa um carro por vez.

Não havia nenhum carro e comecei a atravessá-la, foi quando surge uma caminhonete e ao invés de esperar eu sair da ponte ela entrou como se eu fosse nada. Obviamente não cabiam nós dois na ponte, até porque eu estava lotado de bagagem, quando nos alcançamos fui obrigado a ir para o canto então a maluca acelerou, bateu em minhas mapas e por muito pouco não parei dentro do rio, já que não havia proteção lateral na ponte. Parei no bar na outra margem do rio ainda sem compreender a falta de noção daquela mulher que até hoje nem deve imaginar o risco que me fez correr. Mas enquanto pedi um lanche e minha coca, apareceram algumas garotas querendo saber da viagem. Normal, isso acontecia a todo o momento e fui atencioso como sempre. As garotas tiraram fotos comigo e como sempre faço, depois eu tiro uma foto das pessoas para publicar no meu Facebook. As quatro fizeram pose aquela

E agora José?

clássica pose pra foto tipo modelinho atrás da bicicleta e depois que tirei, uma mais empolgada disse "Agora tira uma em cima da bicicleta".

Minha bike é muito pesada, tanto é que eu instalei dois pezinhos, pois um apenas não suportaria os mais de cinquenta quilos de peso das bagagens. Mas ao tentar subir em cima da bicicleta sem levantar os descansos, a bicicleta cedeu e a garota não conseguiu sustentar o peso da bike que tombou, quebrando os dois descansos. A garota, depois de quebrar minha bike desapareceu, outras duas ainda quiseram tirar fotos comigo e foi difícil disfarçar minha irritação com aquele sorrisinho meia boca.

Ponte de onde eu quase fui arremessado por uma motorista infeliz

Tinha gasto cerca de 50 reais só para fazer essa adaptação, depois disso não conseguia mais parar a bicicleta de pé, seja para descansar, ou mesmo para tirar fotos com a bicicleta compondo a paisagem. Como não tinha mais dinheiro, para gastar numa adaptação decente, deixei para resolver esse problema no dia seguinte. Tomei logo o meu refrigerante e saí daquele lugar, pois se ficasse mais alguns minutos naquele lugar zicado, com certeza outra coisa de ruim poderia acontecer.

Segui forte pela estrada, o meu GPS me informava que restavam 27 quilômetros pela frente e tinha menos de uma hora de sol. O problema é que o GPS marcava a distância em linha reta, pois eu não tinha os mapas da região nele (na verdade até teria, mas por algum problema o mapa do trecho não foi baixado no GPS) e não sabia quanto de estrada eu ainda teria pela frente.

Até então a estrada estava boa, mas eu notava que descia cada vez mais, quando escureceu minha altitude caiu de 300 para cerca de 200 metros e entrei numa longa região de banhados, com cerca de 40 quilômetros. Bastou escurecer para a estrada ficar horrível, cheia de lama e muito esburacada. Passei por uma vila pequena e encontrei uma casinha simples, pedi água, perguntei a distância até Confresa e me disseram que teria uns 30 quilômetros pelo menos até o asfalto e depois mais 10 até a cidade. Até esperei um convite para jantar ou mesmo dormir, o que não aconteceu. Nem arrisquei pedir por causa da desconfiança que sempre ocorre quando chegamos de noite numa fazenda, então resolvi encarar o estradão.

Minha iluminação era péssima, na ânsia de ser o mais sustentável possível, levei duas lanternas, uma da Cateye que se recarrega com energia solar e uma outra a dínamo, que você recarrega girando uma manivela. São ótimas soluções para ambientes urbanos, mas em se tratando de estradas não serviam pra quase nada, quando tinha lua preferia desligá-las. Não era o caso

nesse dia, antes tivesse invertido, pego o trecho bom de noite e aquele trecho ruim de dia. Era muito parecido com a lama que eu peguei no primeiro dia de pedal na estrada que vai para o Xingu. Não conseguia pedalar muito, levei ainda alguns tombos por causa da lama já que não conseguia ver os buracos a frente.

Certo momento um caminhão começou a se aproximar e devido aos buracos ele tinha que andar bem devagar. Quando estava me alcançando, comecei a me aproveitar da sua iluminação e com uma boa visão conseguia pedalar mais rápido. O pedal rendeu e comecei a deixar o caminhão para trás, já que era muito mais complicado para ele desviar dos buracos do que eu. Só que de nada adiantava avançar muito pois perdia a luz do caminhão e tinha que ir devagar novamente. Seguimos juntos por cerca de 10 quilômetros, até que ele pegou um trecho bom e fiquei para trás.

Depois de muito esforço consegui chegar no asfalto, até parei para ver se realmente o piso era asfaltado ou miragem, quando confirmei só faltou eu ajoelhar e beijar o chão. Era domingo e tinha combinado de tentar ligar para a minha ex e tentar falar com meu filho, já se passavam das 22h00 e pra minha sorte havia sinal de celular. Liguei mas ele estava dormindo para aumentar minha tristeza.

Segui pedalando e cheguei a Confresa as 23h00, ao chegar na cidade procurei uma pousada pois estava cansado demais. Queria ficar um dia a mais na cidade para dar outra geral na magrela que estava com vários raios quebrados e limpá-la, pois a lama daquele dia faria muito mal as engrenagens se não fosse retirada. Tinha que ir atrás das abraçadeiras reservas, uma bicicletaria para me emprestar um sacador de cassete, limpar a bike, mas precisava mesmo de um repouso, pois esse foi mais um desgastante dia de pedal. O sofrimento causado pela dor física e do coração, da saudade do meu filho, várias eram as provações que essa viagem estava me colocando, olha que estava só na metade.

5.9 – COLO

Quando estava na casa do Fábio, um amigo dele que passou no sábado em sua casa, disse que era de Confresa e quando eu passasse por lá, poderia ficar na casa dele. Mas só consegui sinal de celular quando estava chegando na cidade, quase 22h00. Liguei para ele e percebi que iria incomodar por chegar tarde, então falei que iria dormir em algum posto de gasolina, que não precisaria da sua ajuda. Mas fui direto para uma pousada, estava acabado e precisava de uma boa noite de sono. Já tinha decidido não pedalar no dia seguinte, estava atingindo meu limite físico e mental, passei o dia em Confresa arrumando a bicicleta e descansando. Durante meu trajeto pela Amazônia, lembrei de ter recebido um email do pessoal da Record de Cuiabá pedindo para que eu entrasse em contato com uma afiliada daquela cidade para eles me entrevistarem, marcamos de conversar quando estivesse pegando a estrada no dia seguinte.

O dia amanheceu, tinha uma longa jornada pela frente e o compromisso com o pessoal da TV me obrigou a levantar. O gerente da pousada fez um super desconto, cobrou 20 reais por dia, com direito a mega café da manhã, conseguia até economizar no almoço. Não queria sair, estava muito deprimido, mas era praticamente obrigado a pedalar. Nesse dia eu acabei

escrevendo no blog um texto com o mesmo nome desse título, texto esse que adaptei no prólogo desse livro. Logo cedo, no horário combinado, lá estava o pessoal da TV Record prontos para me entrevistar. Pedalamos até a saída da cidade, eles fizeram a entrevista e depois segui meu rumo.

Entrevista para a equipe da Record de Confresa - MT

Na saída da cidade encontrei uma grande plantação de cana em Floresta Amazônica. Só confirmava a minha sensação de que não iremos transformar nossas florestas em "comida" de automóvel, não passa de falácia. Além da cana de açúcar, não demorei a encontrar fazendas que sofreram ação de queimadas, confirmando o fato de que motosserra é algo ultrapassado. Em Confresa, além da geral na bicicleta, arrumei um cabo de vassoura na pousada e com isso resolvi dois problemas de uma vez, poderia usar o cabo para apoiar minha bicicleta quando não estava sobre ela e ainda possuía uma ferramenta para poder espantar os caninos que insistiam em correr atrás de mim, bastava sacar o cabo de vassoura para eles se afastarem.

Depois de uns 400 quilômetros em estrada de terra, encarei novamente as obras do PAC, que pra variar, estavam bem devagar. Pedalei poucos quilômetros no asfalto e logo encontrei um trecho de terra, ali foi a primeira vez na vida que eu literalmente vi a morte. Como disse no texto do prólogo, principalmente quando estou nessas estradas com pouco movimento e vejo um caminhão no mesmo sentido que eu, vou para a contramão e o deixo passar, evitando com que ele faça o processo de ultrapassagem, já carros e caminhonetes eu deixo que eles me ultrapassem normalmente.

Uma das funções do meu novo acessório, o cabo de vassoura

Ainda no trecho de terra, havia uma curva bem fechada a minha frente, estava com o celular ligado, ouvindo música e isso pode ter me impedido de ouvir algum barulho além da curva, mas percebi a aproximação de um caminhão basculante atrás de mim, então fui para a contramão como sempre fazia. Mesmo estando na contramão, havia bastante espaço para um caminhão no

sentido contrário me passar, pois a estrada era bem larga. Mas assim que terminei de cruzar a pista, surgiu uma grande carreta em alta velocidade. Deveria estar entre 70 e 80 km/h no mínimo. Uma velocidade estúpida para um carro pequeno, imaginem para um treminhão (nome dado para esses caminhões que levam duas carretas) numa estrada de terra?

Quando o motorista me viu, ainda no meio da curva, ele se assustou e instintivamente, tacou o pé no freio. Na hora vi o caminhão fazendo o famoso "L". Tudo aconteceu em frações de segundos, me preparei para me atirar em um barranco, pois era minha única alternativa caso a carreta tombasse. Por sorte o motorista enfiou o pé no acelerador, trazendo a carreta detrás de volta para a pista. Tenho dúvidas se teria ocorrido o pior caso me mantivesse na minha pista, pois com certeza o caminhão basculante iria abrir para me ultrapassar e ocuparia muito mais espaço do que eu. Poderia acontecer uma colisão frontal ou ele decidir jogar seu carro para cima de mim. Depois que tudo passou só conseguia pensar no meu filho e na possibilidade de nunca mais poder vê-lo. Só conseguia chorar, já tinha poucas forças nas pernas fui assolado pela depressão ainda pedalando.

Segui em frente, a minha esquerda havia uma grande nuvem de chuva vindo ao meu encontro. Sabia que pelo mapa, apesar de estar indo para o norte (a chuva vinha do oeste para leste), sabia que a estrada faria uma forte curva para a direita seguindo a nordeste. Queria evitar a chuva, pois apesar dos meus alforjes terem capa, uma forte chuva como aquela faria acumular água entre as capas e as malas, molhando tudo dentro deles. Então pedalei forte para chegar na curva antes da chuva, assim eu fugiria dela e aproveitaria o vento a favor que ela iria proporcionar.

Quando fiz a curva e deixei a chuva nas minhas costas, percebi que meu pneu traseiro havia furado. O furo não era grande e na estrada não havia pontos de abrigo, se eu parasse para consertar o pneu a chuva me alcançaria e teria que fazer o conserto no meio da chuva e lama.

ùltima vez que eu vi meu capacete

Sabia que cerca de 30 quilômetros adiante haveria trevo e com certeza, deveria encontrar algum abrigo e até mesmo um local para almoçar, então resolvi colocar um ar no pneu e seguir fugindo da chuva. Tirei a bomba e comecei a encher o pneu, sentia o vento nas minhas costas e os pingos começavam a ficar cada vez mais fortes. Enchi o pneu e voltei a pedalar, o vento me ajudava a manter uma velocidade de 35 km/h e rapidamente deixava a chuva para trás. Infelizmente o pneu não durava 10 quilômetros e fui assim até chegar ao trevo, parando, enchendo rapidamente e voltando ao pedal, consegui deixar a chuva para trás.

Finalmente avistei o trevo e como

imaginava havia um bar, parei nele e em 10 minutos a chuva chegou com força, mas dessa vez já estava protegido. Arrumei o pneu da minha bicicleta, aproveitei para comer e na hora de montar a bicicleta para ir embora, percebi que meu capacete havia sumido. Ainda dentro do estado de São Paulo eu troquei o meu capacete pelo boné estilo legionário, desses que tem uma proteção para a orelha e nuca. Depois do sol cozinhar minha cabeça e passar a pedalar em estradas mais tranquilas, passei a levar meu capacete pra passear e raras foram as vezes que senti necessidade de usá-lo.

Pneu consertado e pronto para retornar ao pedal. E sem capacete...

O capacete era até de boa qualidade, um Bell que ganhei de presente do Cleber da Anderson Bicicletas (na época custava uns 300 reais), mas eu precisava jogá-lo fora, pois estava todo rachado por dentro. Não por culpa de um tombo de bicicleta, mas sim devido a um tombo "da bicicleta". Explicando, um dia estava carregando minha bicicleta sonora que tem um bagageiro bem pesado, encostei a bicicleta na praça e deixei o capacete pendurado no guidão. Alguém deve ter esbarrado na bicicleta que foi ao chão, o guidão caiu sobre a parte interna do capacete rachando toda sua espuma. Mas continuei usando o capacete mesmo rachado, até porque ele era o que menos incomodava (já que nunca gostei de pedalar de capacete). Agora é que vai me incomodar menos, já que ele ficou em algum canto entre o Mato Grosso e o Pará.

Segui viagem, agora sob uma fina garoa e enfrentando grandes trechos de lamaçal. No meio do caminho sou abordado por outro motorista, era um desses representantes de remédios que eu havia conhecido na pousada em Confresa. Ele abriu o porta-malas do seu carro e me deu várias amostras grátis de remédios. Aceitei por educação pois, como já disse, odeio remédios e principalmente me automedicar. Mas achei que eles poderiam ser úteis caso tivesse uma emergência e algum médico pudesse receita-los.

Ele avisou que estava a menos de 10 quilômetros de Vila Rica, quando saí de Confresa tinha a esperança de conseguir cruzar a divisa do estado do Mato Grosso naquele dia, mas de Vila Rica até a divisa ainda restavam 40 quilômetros e não tinha ideia de quanto teria que percorrer até a próxima cidade, então preferi diminuir o ritmo e ficar na cidade.

O dia foi inteiro de chuva, cansado, frustrado por ainda não ter conseguido cruzar a divisa do estado, mas ciente que estava cometendo um grande erro que era o de tentar pedalar mais de um dia por vez. Achei outra pousadinha e fui logo me ajeitar para dormir, dia difícil, muita depressão, saudades, lembranças dos bracinhos do meu filho me envolvendo, mas eu precisava sobreviver a mais esse dia, já que ele sempre estará me esperando voltar para a casa.

Aqui jaz uma Floresta - Confresa - MT

5.10 – A TERCEIRA FRONTEIRA

Finalmente acordei cedo, no trajeto desse dia teria 10 quilômetros em terra, logo na saída da cidade e depois seguiria por asfalto até Santana do Araguaia já no Estado do Pará, sendo que a primeira cidade seria a 180 quilômetros dali. Sabia que na metade do caminho (cerca de 90 quilômetros), havia o distrito de Vila Mandi, que pertence ao município de Santana, como não sabia as dificuldades que encontraria no caminho, meu plano B era dormir no distrito, mas se conseguisse chegar nessa vila até as 13h00, seguiria em frente até Santana.

Depois de uma esticada nos músculos, comecei meu pedal, o tempo bem nublado e se o dia fosse sem chuvas seria bom para mim, pois não seria tão castigado pelo sol. Os primeiros quilômetros em terra estava bom, até que cheguei a uma longa reta com muita lama (muita mesmo). Havia uma única trilha de feita pelos carros no meio da pista, com uma profundidade de uns 40 centímetros, essa trilha tinha cerca de 1 quilômetro. Quando entrasse na trilha, se houvesse um carro atrás ele teria que ter paciência, já se outro viesse em minha direção poderia me jogar na lama. Deixei um carro que vinha atrás de mim passar e entrei na trilha, mas acabei encontrando uma caminhonete no sentido contrário. O motorista até tentou me ajudar jogando uma roda dele na lama, mas acabei me desequilibrando e fui pro chão.

O prejuízo não foi tão grande, só enchi de lama o lado direito da minha bike, incluindo eu e os alforjes. Depois encontrei um bom asfalto com muito pouco tráfego de carros por quilômetros, muita tranquilidade para pedalar, embora a paisagem marcada pelas queimadas não era diferente do que vinha encontrando até então. Desde que estava no Xingu, queria encontrar um açaizeiro, a palmeira que dá os frutos do Açaí da Amazônia, mas tinha dificuldade para identifica-la. Vi muitas palmeiras com seus frutos, mas não conseguia ter certeza se realmente era o Açaí da Amazônia.

E aí? Quem conseguiria passar ileso por esse lamaçal?

Estrada bem plana, sabia que a qualquer momento iria encontrar a divisa dos dois estados. Quando carreguei os mapas do meu GPS, devido à falta de espaço na memória do aparelho, deixei de colocar o mapa do Pará, pois não tinha certeza se passaria por ele. Caso fizesse, seria por um curto trecho, portanto achei desnecessário. Como tinha apenas o mapa do Mato Grosso, percebi que havia cruzado a fronteira mas até então não havia encontrado nenhuma sinalização, posto fiscal, nada que me dissesse estar no Pará. Já havia pedalado mais de 10 quilômetros pelo estado do Pará, segundo o GPS até que encontrei um posto fiscal. Já era quase meio dia e ainda estava na divisa, uma placa dizia que faltavam 112

Bacaba, parente do Açaí

Divisa dos estados de Mato Grosso e Pará

quilômetros até Santana do Araguaia. Tinha pouco dinheiro na carteira, precisava comer, mas deveria ser econômico. Havia um boteco no posto fiscal, mas não senti firmeza no que vi e como restavam uns 30 quilômetros até a Vila Mandi, resolvi seguir em frente.

O trajeto era bem plano e muito tranquilo e conseguia manter velocidades de 30 km/h de média por diversas vezes, o que me deixava confiante em poder chegar a Santana do Araguaia de dia. Em menos de uma hora estava na Vila Mandi, parei num posto de gasolina e com cinco reais, comprei uma garrafa de Coca-Cola de 1 litro e três grandes pães de queijo, aquele seria meu almoço. Confiante, continuei o pedal e comecei a reparar que encontrava dois biomas diferentes separados pela estrada. Isso confirmava uma teoria de transformação da Amazônia em Cerrado, pois parecia que as queimadas só atingiram um lado da estrada e no trecho que sofreu a queimada só sobrevivia a vegetação típica de Cerrado enquanto do outro lado várias imponentes árvores e densa floresta. As áreas das fazendas geralmente são imensas e as queimadas não são controladas. O gado ocupa apenas uma pequena área da fazenda e o restante é largado, assim não demora e a vegetação começa a se restabelecer, dessa vez com vegetação típica de cerrado.

Floresta Amazônica se transformando em Cerrado

Meu rendimento estava muito bom e nas intermináveis retas, percebi que me aproximava da cidade de Santana do Araguaia, depois de 180 quilômetros e ainda com uma hora de sol. Ao me aproximar da entrada da cidade, fui parado por um motorista de uma caminhonete, ele parou o carro, desceu, me cumprimentou e disse – "Se lembra de mim?" – obviamente disse que não. Ele havia me confundido com outro cicloturista que deve ter passado meses atrás pela cidade. Contei minha história, disse que estava vindo de São Paulo, pedalando pelos Biomas (aquele discurso pronto), ele achou bacana e antes de ir embora, enfiou a mão no bolso, sacou 10 reais e disse – "Sua janta hoje é por minha conta".

Logo adiante parei na placa da entrada da cidade para tirar fotos e encostou uma moto com duas pessoas, sendo que eles carregavam duas gaiolas cobertas com um pano. Um deles era o Paulo, novamente contei da minha viagem e o Paulo perguntou onde iria dormir na cidade. Respondi que não sabia ainda, que iria procurar um posto de gasolina, então ele disse para eu ir até o Hotel Karajas (o qual ele era o dono) que me daria hospedagem de graça. Cheguei na cidade que não tinha sinal de celular e achei que teria dificuldades para entrar em contato com o mundo virtual, mas por sorte no seu hotel havia WiFi. Estabelecido, saí pela cidade à procura de duas coisas, um local para fazer um lanche e outro para comprar um Açaí da Amazônia. Encontrei um supermercado que estava para fechar, lá consegui fazer meu lanche e ainda comprei duas poupas de açaí e uma de graviola para apreciar minha sobremesa no hotel.

Paulo (esq) que me ofereceu pouso no seu Hotel

Sempre tive dúvida se o sabor do Açaí que tomamos no sul do Brasil é o mesmo do original da Amazônia e realmente há muita diferença. Pelo que percebi, os que eu compro aqui vem com uma mistura que o deixa mais cremoso e adocicado, já o de lá é mais encorpado, mais natural. Como não sou fã de doces achei o açaí de lá muito mais saboroso. Perguntei ao Paulo se os pés das palmeiras que eu vi no caminho eram de Açaí, mostrei algumas fotos e ele disse ser Bacaba, um parente do Açaí, segundo ele tem um creme mais gorduroso e que salvou sua vida certa vez na Transamazônica. Paulo é paraense e disse que uma vez tiveram um carro quebrado no meio da Transamazônica e ficaram três dias na floresta aguardando um resgate. Como não havia comida, passaram os dias comendo a Bacaba, sua única fonte de nutrientes.

Disse também que era difícil ver locais vendendo Açaí como vemos nas capitais, até porque essa comida faz parte do cardápio deles e a maioria dos paraenses consomem em casa, quando não os colhem compram na feira ainda como fruta. Mas naquela cidade, apesar de ser Pará, seu consumo não era comum pois a

Açaí da Amazônia, bem diferente daquele que comemos nas capitais

maioria dos moradores eram migrantes do sul do Brasil com sua cultura dos fazendeiros de gado, sem aproveitar os costumes de quem nasceu na Amazônia. O Paulo tinha muito mais para me contar, mas estava cansado e precisando escrever meus textos para o blog, portanto acabei indo dormir e deixei para ver se continuava o papo no dia seguinte.

5.11 – ME DESPEDINDO DA FLORESTA AMAZÔNICA

Acordei cedo e novamente, sem muita animação. Pra piorar uma forte chuva caia, sem dar trégua. Seriam cerca de 70 quilômetros até a divisa do Pará com Tocantins, sendo 60 quilômetros em terra, que com aquela chuva, podemos trocar a terra pela lama. Tomei um café, deixei tudo preparado e fiquei esperando a chuva diminuir. Enquanto isso fiquei conversando com o Paulo, que estava sentado na varanda do hotel com o seu Curió na gaiola.

Ele tinha uma espécie de Curió de pelúcia, uma réplica do tamanho do pássaro e parecia estar brincando com ele. Na minha infância meu pai tinha um Curió e lembro que ele tinha um canto muito bonito. Aquele era o mesmo pássaro que ele estava carregando com seu amigo na moto no dia anterior. Não entendi direito o que estavam fazendo com os pássaros e também não achei que era o melhor momento para perguntar. Mas agora era, perguntei se ele tinha o pássaro por causa do canto e ele disse que não, era pra por ele pra brigar...

O Curió na natureza vive brigando com outros do mesmo sexo, era comum eu encontrar os passarinhos se matando na beira da estrada. Quando os encontrei na estrada, haviam acabado de levar seus bichos para brigar. Enquanto conversava comigo, o Paulo ficava com o passarinho de pelúcia junto na gaiola e o outro pássaro tentava a todo custo brigar com o boneco de pelúcia. Aquilo segundo ele era um treino, dizia que quando ele fica bico com bico, o pássaro era "burro", pois o correto é pegar na perna. Ao falar comigo ele induzia o pássaro a buscar a perna do boneco.

"Olha só, esse é esperto, já vai na perna direto". Perguntei o que poderia acontecer com os passarinhos e ele disse "Se o outro vacilar ele pode até perder a perna!"

Tá bem, o animal já faz isso na natureza, mas induzir ele a brigar é complicado, o animal já está preso na gaiola e fica ainda mais estressado, mas o que fazer? Como convencer aquela pessoa, que vive outra realidade, onde muitas coisas que são normais para mim, não são para ele (e vice versa) de que está cometendo uma atrocidade?

Algo que aprendi nessa viagem é que não devemos sequer tentar impor nossos hábitos a ninguém, por mais estúpida que seja a atitude da pessoa. Temos que, no máximo, mostrar o que fazemos, como vivemos e trocar experiências. Com crianças e adolescentes eu procuro passar meu ponto de vista tirando proveito daquela admiração que acabo gerando neles. Já com pessoas mais velhas, tento contar histórias, coloco minhas opiniões com firmeza e embasamento mas sem condenar suas atitudes.

Com o Paulo eu queria passar alguma mensagem e acabei roubando a história de um irmão meu. Disse que não gostava de nenhum animal preso, que nem tenho animais de estimação,

pois gosto de vê-los na natureza. Contei que eu (na verdade meu irmão fez isso), após ver um filme na "Sessão da Tarde" o filme "Pássaro Azul". Nem lembro direito como é o filme, mas ao final um garoto pega o pássaro azul, o solta para, num outro momento do filme o pássaro retornar. Logo que acabou o filme, ele foi até as gaiolas do meu pai e soltou todos seus pássaros, quando questionado do porquê ele respondeu – "Daqui a pouco eles voltam".

O Paulo é e foi uma pessoa fantástica, pai de família, tem um ótimo coração, mas provavelmente cresceu achando isso a coisa mais normal do mundo, nem deve imaginar que pode ser preso por maus-tratos a animais. Aliás, existem milhares de pessoas com pássaros silvestres em gaiolas que nem imaginam que isso é um crime. O que fazer nesse momento? O máximo que me senti no direito de fazer foi tentar colocar uma pulga atrás da sua orelha.

Antes da viagem confesso que era muito intransigente, por diversas vezes condenava a pessoa por completo só por causa de uma única atitude que não concordava. Uso do carro por exemplo, eu não gosto de carro, não gosto de como ele prejudica a vida dos demais, e sempre me incomodei com as pessoas que, ao comprar o carro, ficavam satisfeitas com a resolução do seu problema de mobilidade e ainda passavam a pressionar o governo por mais infraestrutura para seu carro mesmo que isso prejudique o resto da população. Esse egoísmo sempre vai me incomodar, a pessoa não se importa se a empregada vai perder 4 horas por dia no transporte público, mas reclama se tirarem uma faixa de rolamento para seu carro e a transformarem num corredor de ônibus. Em São Paulo já teve Associações Comerciais barrando corredores em algumas avenidas (como Faria Lima e Sumaré) e moradores protestando por causa do corredor de ônibus na Avenida Rebouças como comerciantes e alguns moradores de diversos bairros nobres de São Paulo protestando contra as ciclovias que "roubaram" a vaga dos seus carros. Isso claro que me revolta, porém não tenho o direito de mudar as pessoas na marra. Cabe a mim mostrar um ponto de vista diferente e gerar a reflexão. Ninguém muda de atitude por imposição de outro. Uma pessoa pode se sentir influenciada por esse ou aquele, mas a mudança de atitude sempre terá que partir da pessoa.

Resgatei o meu passado, se isso tivesse ocorrido a menos de 10 anos atrás, com certeza minhas atitudes seriam outras, era capaz até de eu denunciar o Paulo à polícia, mas fiz o oposto. Claro que demonstrei um certo espanto, fiz perguntas sobre a possibilidade disso causar mal-estar para o passarinho, queria colocar algumas dúvidas em sua cabeça. Por incrível que pareça ele tem amor pelo seu animal, mas só ele faz pois não tem noção do sofrimento do bichinho, pois ninguém quer ver um animal que tanto ama passar por algum sofrimento. Se ele vai mudar, juro que não sei, mas ficarei satisfeito se souber que ele repensou sua atitude. Rapidinho, lembro que uma vez tive um Jipe Willys, mas quando descobri o impacto que ele causa na natureza com erosões, decidi vende-lo e nunca mais tentei fazer trilha novamente.

Por volta das 11 da manhã a chuva parou, embora o tempo ainda estivesse bem nublado, essa foi a deixa para me despedir do Paulo e cair na estrada. Saindo da cidade passei por uma bela construção, não havia nenhuma placa, não sei exatamente do que se trata, mas parecia ser um prostíbulo (zona) ou um motel. O que me chamou atenção foi uma pintura na parede, ao lado da entrada com a seguinte frase:

"Visita periódica do conselho tutelar com polícia"

Detalhe na grafia que o texto estava num fundo branco, escrito em preto, sendo que a palavra "polícia" estava destacada em vermelho. Prostituição infantil é um problema seriíssimo, principalmente nessas cidades pequenas que sofrem com a total ausência do Estado. Não digo que é o caso dessa cidade que passei, mas o mais comum é vermos uma tolerância de todos em relação à prostituição infantil. Se bem que a prostituição em si já é um problema bem mais grave, por diversas vezes dormia em postos de gasolina, local de descanso de caminhoneiros e sempre havia garotas passeando entre os caminhões, quando não havia um puteiro colado ao posto.

Segui em frente e uns 10 quilômetros depois da cidade encontrei a estrada de terra que me levaria até a Balsa que faz a travessia do Rio Tocantins. Seriam 60 quilômetros de estrada de terra e pela quantidade de poças, já previa que teria muita lama pela frente. Na estrada, o cenário das queimadas não foi nada diferente do que havia encontrado até então, poucos gigantescos troncos com as marcas pretas se destacavam nos imensos pastos. Já as poças começaram a ficar cada vez maiores, eu evitava ao máximo encher a bike de terra, pois além de prejudicar as engrenagens que já estavam no limite, como minhas malas não eram impermeáveis, com certeza tudo dentro se encheria, não só de água, mas também de lama.

O meu ritmo era devagar, até porque eu estava evitando as poças e os buracos. De repente o terreno começou a se inclinar e enormes poças tomando toda a pista começaram a surgir. Aí não teve jeito, encarei a lama como uma criança e o barro começou a tomar conta do meu corpo. Seguia para leste e a estrada, logo em seguida virou para norte. Como não tinha o mapa do Pará no meu GPS, antes de sair tentei memorizar o trajeto estudando as imagens de satélite pelo Google Maps. Sabia que teria que seguir em frente ao sair do asfalto e que a estrada faria uma curva para a esquerda até uma vila. Fiz a curva para a esquerda (sentido norte) e logo cruzei um riacho. Naquela região havia muita água, era uma área de várzea que se enche facilmente e por diversas vezes a água cruzava toda a pista.

Aviso interessante na entrada de uma casa "suspeita"

Ao cruzar o rio a estrada começou a subir e o terreno melhorou, deixando a lama para trás. A todo o momento a paisagem da estrada se dividia em grandes florestas e imensos pastos, sempre com marcas de queimadas. Estava pedalando tranquilamente quando ouço um grito, olho para a direita e vejo numa árvore a metros de mim um lindo casal de araras vermelhas. Até pegar a máquina que estava guardada devido à chuva, elas levantaram voo e pousaram numa árvore à frente. Segui pedalando e com a máquina em mãos, consegui tirar algumas fotos. Elas continuaram me seguindo por alguns quilômetros, brincavam no ar, pousavam nos galhos altos, namoravam. Fiquei feliz com essa companhia temporária...

Banho de lama inevitável

Mais à frente uma visão que me causou tristeza, mais uma fazenda onde a floresta foi dizimada, restando apenas um único tronco de árvore chamuscado, bem ao lado da entrada da fazenda. A impressão que tive é que o dono da fazenda queria dizer – "Venci a floresta". Continuei pedalando e saí numa vila com o nome de Barreiras. Um dos nomes de distrito mais óbvios que encontrei, por causa da quantidade de barro, só pode. Segui por mais uns 30 quilômetros de muita lama "mesmo", até finalmente chegar à beira do Rio Araguaia, divisa dos estados do Pará e Tocantins.

Lindo rio que praticamente divide o país ao meio. Há poucas formas de cruzá-lo, quem está no Mato Grosso e pretende ir para os estados de Goiás e Tocantins, pode cruzá-lo pela região de Barra do Garça ou uns 500 quilômetros ao norte, na Ilha do Bananal, sendo que essa travessia só é possível em época de seca. O terceiro ponto é justamente onde estava (uns 1000 quilômetros de Barra do Garça), já no Pará. Toda essa região do Araguaia é riquíssima em biodiversidade, mas corre sério risco devido a agropecuária extensiva que só não está completamente dominada devido essa variação de volume de água que inunda grandes áreas todos os anos.

Algo muito parecido com o que ocorre no Rio Xingu, que tem aumento de até 10 vezes no seu volume de água, de acordo com a época do ano, mas agora que vão construir essa usina de Belo Monte (de merda), irá acabar com essa variação das cheias e deve causar um tremendo estrago, como ocorreu

Souvenirs dos fazendeiros que "venceram" a floresta

Casal de Araras Vermelhas

com as Usinas do Rio Madeira que obrigou aqueles que viviam da pesca a procurar outra profissão. Logo irão inventar de construir uma usina também no Araguaia, enquanto isso continuaremos tendo zero de investimentos em geração de energia limpa e sustentável, infelizmente.

Depois de uma meia hora a balsa chegou e assim que entrei nela, percebi que meu pneu estava furado. Enquanto o pessoal que trabalha na balsa fazia o seu descanso, já dentro dela, tratei de consertar o pneu da bike. Assim que consertei, aproveitei para nadar um pouco no rio e me limpar da lama que estava trazendo da Amazônia. O Rio Araguaia tem muitos jacarés, como estava em um ponto com muito movimento de pessoas e embarcações, me senti seguro já que esses animais evitam ficar próximo dos humanos, como eles não sofriam com escassez de comida, não corri riscos. Nadei e me lavei, entrei com roupa e tudo no rio e aproveitei para tirar o barro dela. Apesar da chuva, o tempo estava abafado e com as roupas adequadas, bastou 10 minutos fora da água para ficar limpo e seco. A balsa partiu e minha bicicleta era a sensação entre o pessoal, ganhei inclusive um litro de suco e um pacote de bolacha de uma garotinha que estava com os pais realizando uma viagem até Goiás. Pra variar também não tive que pagar nada para usar a balsa, enquanto os motoristas tiveram que desembolsar, uns 20 reais no mínimo.

Aportamos do outro lado do rio e finalmente me despedia da Floresta Amazônica, pedalei uns seis quilômetros e cheguei na cidade de Caseara. Eram cerca de 16h00, restavam umas 3 horas de sol, mas resolvi ficar na cidade e gastar o resto do tempo para limpar a magrela e trocar seus pneus, pois dali até Palmas seriam uns 260 quilômetros de asfalto. Essa foi minha despedida da Floresta Amazônica, entrava numa nova fase da viagem onde teria muito esforço pela frente. Estava com quase quatro mil quilômetros pedalados, mais da metade da viagem, mas havia muitas barreiras físicas e emocionais ainda a vencer. Triste, dominado pela saudade do meu filho, mas feliz por mais uma batalha vencida nessa guerra que estava longe de terminar.

Atração turística

Rio Araguaia - Divisas dos Estados do Pará com Tocantins

6 – A CAMINHO DO PARQUE DO JALAPÃO

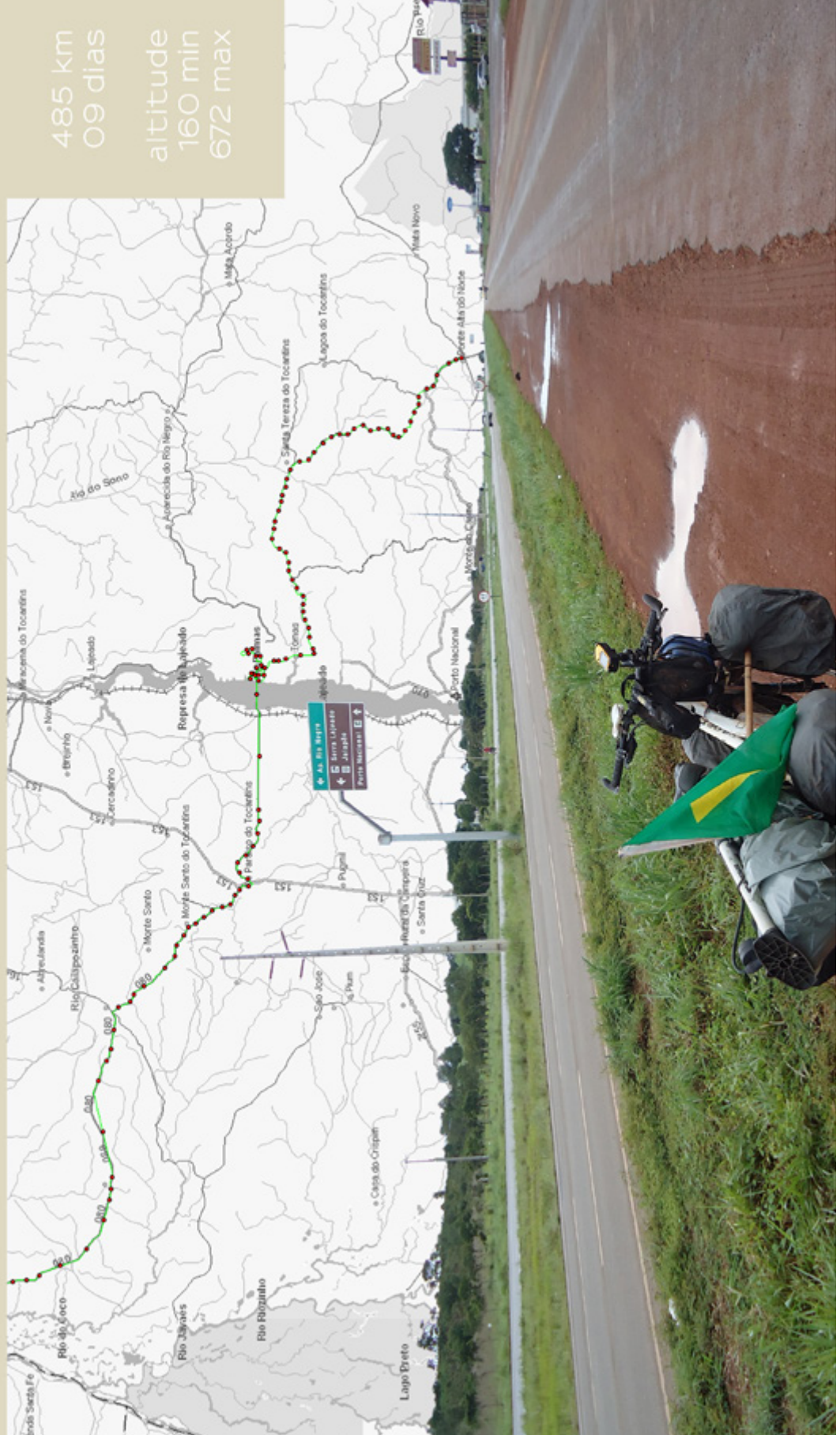
Morro do Espirito Santo - Jalapão

Cruzando a fronteira entre os estados de Pará e Tocantins, chegava ao meu quarto estado com quatro mil quilômetros pedalados. Também cruzava a fronteira entre a Floresta Amazônica e o Cerrado. Se bem que desde que saí de São Paulo, já vim pedalando por Cerrado, portanto já estava bem familiarizado com o Bioma.

Mas minha principal motivação para pedalar no Tocantins, sem dúvida foi saber que cruzaria o Parque do Jalapão. No meu imaginário estava à frase "O Deserto do Jalapão" e isso me deixava meio aterrorizado. Descobri que ele tem esse apelido, não porque é dominado por areia, mas devido ao calor e a baixa densidade demográfica, uma das menores do país. Só o fato de conhecer o Jalapão é algo fantástico, cruzá-lo de bicicleta então seria êxtase total.

Antes do Jalapão passaria por Palmas, cidade que na época tinha cerca de 200 mil habitantes, é uma das menores capitais do país. O pouco que estudei, soube que ela foi uma cidade planejada e inspirada em Brasília, portanto esperava uma cidade inóspita para qualquer ser vivo fora do carro. Depois de Palmas teria ainda um bom pedal pelo Tocantins. Esse estado tem uma boa particularidade, além de ser gigantesco com 277 mil km^2 (maior que o estado de São Paulo e a Nova Zelândia), tem baixíssima densidade demográfica, menos de 2 milhões de pessoas (e estado de São Paulo tem 42 milhões em 2011). E diferente do Mato Grosso, um estado bem mais rico e com péssimas rodovias, no Tocantins praticamente todas as cidades

A CAMINHO DO PARQUE DO JALAPÃO



são ligadas por boas rodovias asfaltadas.

Isso significava que teria bastante tranquilidade cruzando o estado, asfalto de razoável para bom com um pequeno acostamento, poucos carros e apenas enquanto passasse pelo Parque do Jalapão deveria pegar trechos de terra e muita areia. Mas o fato de não ter asfalto no Jalapão é um bom sinal, pois isso ajuda a manter a preservação do local, pois ele só é belo porque ainda não tem muita ação do bicho homem. Outro fator importante, depois de pedalar a norte, depois a leste, assim que saísse do Parque do Jalapão passaria a seguir rumo ao sul, o que significava que a distância de casa começaria a diminuir, então começaria a contagem regressiva dos dias em que poderia ver meu filho novamente.

Saber que finalmente a distância da minha casa estava diminuindo mais atrapalhou do que ajudou. A saudade, somada a carência emocional, ansiedade e o desgaste físico, por muito pouco não arruinou minha viagem. Todo atleta sabe que seu treinamento tem que se basear em picos e seu planejamento é feito para que ele atinja o ápice geralmente em alguma grande competição. Depois do seu ápice, o atleta é obrigado a reduzir drasticamente seus treinos para seu corpo recuperar e só então recomeçar um novo ciclo. Durante esse planejamento a carga de exercícios tem que aumentar conforme ele se aproxima da competição, se ele forçar antes da hora, ou se não reduzir os treinos depois do seu ápice, ele pode sofrer o "over training".

Como em todas as minhas cicloviagens, meu condicionamento foi melhorando conforme eu pedalava. Meu ritmo estava cada vez mais forte, principalmente depois que venci o Pantanal e cruzei os retões do Mato Grosso do Sul. Queria vencer logo os 1500 quilômetros do estado e por diversas vezes fiz trajetos com quase 200 quilômetros e algumas vezes com médias beirando os 30 km/h. Mas ao entrar em Tocantins todo o esforço que havia feito até então começou a cobrar um preço muito alto. O físico, que estava no limite, somado ao emocional, por muito pouco não fez eu abandonar tudo. Só não fiz isso devido à enorme vontade de rever meu filho e principalmente fazer com que ele sentisse orgulho de mim, por ele jamais desistiria (desistirei).

6.1 – CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ!

Dormi em Caseara, praticamente a beira do belíssimo rio Araguaia, tinha a oportunidade de dormir dentro de um Parque Estadual do Cantão, mas como precisava de uma conexão para publicar os textos no meu blog, preferia ficar numa pousada em Caseara. Uma pena, pois o Parque do Cantão é uma das maravilhas da região, considerada um Ecótono, quase um bioma próprio, único no mundo pois sofre interferência por estar numa área de transição com características de Floresta Amazônica, Cerrado, Mata Atlântica e até Pantanal, devido aos alagamentos em época de cheias.

Em Caseara, assim que cheguei dei uma geral na bike, tirei toda a lama e aproveitei para colocar pneus slicks, já que teria ao menos 260 quilômetros de asfalto até Palmas. Enquanto estava no posto de gasolina da entrada da cidade lavando minha bike, uma viatura da polícia de elite do estado entrou no posto. Havia ocorrido um assalto a um banco em Divinópolis do Tocantins, os ladrões balearam um policial, roubaram um carro e ao invés de seguirem rumo a Paraíso

do Tocantins, foram para Oeste, rumo a Caseara. O problema é que a única rota de fuga seria cruzando a balsa em Caseara, ou os ladrões teriam que entrar em alguma fazenda, fora isso estavam cercados.

O retorno dos pneus de asfalto

Um dos PMs se aproximou com uma metralhadora em mãos e perguntou da bicicleta, até porque viu aquele monte de malas. Achei que receberia mais uma "geral", mas esse aí estava mesmo curioso, achou o máximo o fato de eu estar na estrada. Já no dia seguinte pretendia pedalar 200 quilômetros até Paraíso do Tocantins, e até Divinópolis o trajeto seria praticamente todo plano. Minha meta seria pedalar forte até Marianópolis (80 km), comer algo e seguir em frente até Divinópolis onde almoçaria e pedalaria até Paraíso. Parti às 8h00 no horário local, ao entrar no Estado do Tocantins achei que finalmente voltaria ao fuso horário de São Paulo, mas descobri que Tocantins não aderiu ao Horário de Verão, portanto ainda continuava uma hora mais cedo que o horário de Brasília.

No começo do pedal ainda observava essa vegetação de transição, alternando vegetação densa com grandes áreas e vegetação de cerrado com vários campos. Estava a 200 metros de altitude e era muito plano, com poucos rios e muitos banhados. Abaixei a cabeça e pedalei forte, notava vários carros de polícia passando em alta velocidade rumo a Caseara e torcia para não furar o pneu, pois ficar parado consertando o pneu chamaria mais atenção do que se estivesse pedalando, não estava a fim de tomar uma nova geral. Não só o pneu furou com pouco mais de 40 quilômetros, como não conseguia fazer o remendo pegar.

Adivinhem, passaram duas viaturas alucinadas, a uns 150 km/h. Começaram a reduzir, deram a volta e vieram em minha direção. Pararam os carros, desceram com revólver na mão enquanto continuei ali remendando o pneu.

"Algum problema?" – Eles me perguntaram

"Estou consertando o pneu" – Respondi

Bem no interior do Brasil com uma altitude muito próxima a do nível do mar

Asfalto muito abrasivo me obrigando a retornar com os pneus de cravo

"O que você tem aí?" – Pergunta estúpida do PM

"Roupas, comida, ferramentas, barracas, tudo que eu preciso para uma Cicloviagem. Sou de São Paulo e estou a quase três meses viajando de bicicleta pelo Brasil"

"Ah..." – "Posso ver o que tem na mala?" – Outra pergunta idiota

"Você vai encontrar muitas coisas estranhas, menos dinheiro"

Eles foram embora e não conseguia terminar o conserto, quando passou outro PM e novamente pararam. Mesmo papinho idiota dos outros e daí eu disse sem muita paciência.

"Já estou aqui há 20 minutos tentando consertar o meu pneu, fui parado e revistado duas vezes. A última coisa que você vai encontrar dentro da mala é um ladrão de banco!"

O cara pediu desculpas e seguiu em frente. Como vi que iria demorar a consertar as câmeras, resolvi colocar logo o pneu de cravo e voltei para a estrada, pedalando nenhum PM iria me parar, mas ali parado na estrada, com certeza isso iria ocorrer novamente. Tá, eu até estava com certo receio dos bandidos, ficava imaginando eles estarem escondido perto da estrada com a intenção de parar algum carro ou mesmo qualquer pessoa que estivesse passando por ali. Já imaginou se o ladrão for ciclista? Poderia fugir da polícia com minha bike!

Segui em frente e por sorte não encontrei ninguém no meio do caminho. Cheguei a Marianópolis às 13h30, comi 3 pães de queijo e uma coca de um litro num posto de gasolina. Teria mais 50 até Divinópolis e naquele ritmo poderia fazer em duas horas, assim poderia cumprir meu plano de chegar ainda naquele dia em Paraíso do Tocantins. Tinha só 20 reais na carteira e era com isso que iria me virar, até porque em nenhuma cidade até Paraíso acharia banco 24 horas, tanto é que meu almoço em Divinópolis seria uma Açaí no máximo.

Assim que retornei para a estrada me senti estranho. Pedalei os primeiros 15 quilômetros num ritmo bem forte, mas logo comecei a sentir forte fadiga e o ritmo caiu. Quando completei 20 quilômetros passei a sentir câimbras, o que me deixou preocupado. Achei uma sombra e fiz uma pausa, pois estava sentindo espasmos nos músculos, um sinal de desidratação grave. Peguei na mala um pacote de Soro que havia ganhado dos cicloturistas de Campo Grande e preparei na minha garrafinha. Enquanto curtia a sombra, ia tomando o Soro em pequenas quantidades, além de hidratar ele tem potássio e glicose, combatendo as câimbras e dando energia para o pedal.

Segui pedalando já abortando a ideia de chegar a Paraíso do Tocantins, Divinópolis estava a 30 quilômetros e lá seria o meu destino. Até então, como o trajeto era muito plano, não havia cruzado nenhum rio. Quando o relevo começou a ficar mais acidentado fiquei feliz, pois isso era sinal de que encontraria água. Não deu outra, encontrei um belo rio e lá fui eu me refrescar daquele calor infernal. O banho de rio revigorou minha alma e sabia que faltava muito pouco para Divinópolis, pois já observava os sinais de civilização. Não, nada de construções, aumento no fluxo de carros, mas o sinal de civilização vem de um cupinzeiro ao lado do rio. Ao invés de cupins, em seus buracos havia várias garrafas de cerveja, sinal de que sofremos com a superlotação de estúpidos na face da terra.

Segui numa boa, sem mais sinais de desidratação até Divinópolis, lá encontrei uma pousada que aceitava cartão de crédito e com internet WiFi. Só assim para poder pagar a hospedagem e postar mais um texto para o blog, pois a conexão da Tim ainda não havia chegado à cidade. Cheguei relativamente cedo na cidade, por volta das 17h00, mas eu precisava descansar bem, pois me assustei com os problemas que tive e sabia que daquele dia até a minha chegada em São Paulo a tendência era só piorar, passaria a ter muita dificuldade para imprimir longos pedais e meu corpo passaria a cobrar cada vez mais um longo período de descanso.

Mais motivos para ter vergonha do ser humano

6.2 – CHEGANDO A PALMAS COM 4 MIL QUILÔMETROS DE HISTÓRIA

Saí de Divinópolis as 9h00 da manhã com o GPS marcando 120 quilômetros até Palmas. Assim que deixei a região da Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso, pedalei cerca de 1.500 quilômetros até onde estava, em Divinópolis em Tocantins, sendo que 99% desse trajeto foi plano como uma panqueca, foram raros os desníveis e quando existiam, nunca superavam os 100 metros. Mas esse dia marcou a mudança de terreno, as montanhas apareceram. Ainda como numa zona de transição, ocorriam longos trechos planos, intercalando com pequenas serras e desníveis de 300 a 400 metros, algumas subidas com inclinação maior que 10%.

Palmas seria mais um destino onde faria uma longa parada, como fiz em todas as capitais por onde passei. Tinha diversos problemas mecânicos entre eles os raios que quebravam sem motivo aparente, mesmo pedalando no plano, sem buracos na via, de repente ouvia um "tec" e lá se ia mais um raio. Nesse dia estava com quatro raios quebrados na roda traseira, e se o meu sistema de freio fosse o convencional (e não a disco) teria que desativá-lo, pois a roda estava muito desalinhada.

Comecei o pedal e logo adiante fui ultrapassado por uma caminhonete com várias bicicletas na caçamba. Vou confessar, na hora xinguei. Poxa, os caras são ciclistas como eu, me viram na estrada e sequer pararam para bater um papo? Além de tudo sou pretensioso (:p). Segui adiante, não pedalei nem três quilômetros e já vejo a caminhonete parada numa barraquinha de pamonha.

"Vem aí comer pamonha!" – um deles gritou – "Disseram para parar, mas eu falei para esperarmos você logo a frente, assim poderia te pagar uma pamonha". Eram os "Papa-léguas de Paraíso do Tocantins", um grupo de ciclistas da cidade que realizaram um pedal até Divinópolis bem cedinho. Lá foram resgatados pela mulher de um dos membros do grupo. Nunca fui fã de pamonha, mas como meu lema era não recusar nada que me oferecessem, aceitei. Não é que eu gostei? Comi umas três pamonhas. Também me ofereceram carona na caminhonete deles, mas meu lema sobre aceitar tudo que me oferecessem era em relação a comida, dinheiro e hospedagem. Carona felizmente fazia parte da lista das coisas que eu poderia recusar.

Drama com a constante quebra de raios.

Uma forte chuva cruzou meu caminho no alto de uma colina, logo depois que deixei o pessoal dos Papa-léguas. Encapei meus alforjes e segui em frente, sempre subindo e descendo. Havia alguns rios no caminho, mas o céu estava nublado e com chuvas a todo o momento. Nem parei para

me refrescar, também nem precisava, pois queria chegar logo em Palmas. Divinópolis estava a 200 metros de altitude e cheguei a Paraíso do Tocantins com 400 metros. Depois de almoçar um açaí segui rumo a Palmas, já sabendo que iria encarar uma bela montanha. Cruzei a Belém-Brasília que corta a cidade e entrei na TO-080 rumo leste. De cara já tive que vencer o paredão, a Serra do Estrondo.

Deliciosa pamonha com o pessoal do grupo Papa-léguas de Paraíso do Tocantins

São cinco quilômetros de subida numa inclinação que por algumas vezes passou dos 15%. Um fato curioso ocorreu na estrada, logo no início da subida. Estava lá, fazendo muita força, mas subindo no meu lema "devagar e sempre". De repente surge um motoqueiro, ele começou a andar devagar atrás de mim e olhando para a traseira da minha bicicleta. Saquei na hora, ele estava procurando algum ponto de apoio para poder me empurrar com o pé subida acima. Achei um barato a preocupação dele e quando percebi o que ele queria disse que estava numa boa, que aquela subida era tranquila. Ele perguntou novamente "Tudo bem mesmo?" respondi que sim e agradeci por sua intenção. Não duvido que isso seja comum na região, ao ver um ciclista fazendo muito força na subida, deve haver um certo "código" onde os motoqueiros param para dar uma forcinha, até porque há muitos ciclistas naquela cidade.

Cheguei ao alto da Serra e o GPS marcava a 550 metros de altitude, uma subida curta muito íngreme, logo após a subida avistei uma longa reta. Parecia um trecho plano, mas na verdade era uma longa e suave descida. Consegui imprimir uma média altíssima, próximo dos 40 km/h. Foram 10 quilômetros onde desci todos os 150 metros que havia ganhado na serra. Vamos relembrar como calcular a inclinação? Basta dividir a altura pela distância e multiplicar por 100. O resultado é uma inclinação de 1,5%, nem parece uma descida.

Na estrada tive meu reencontro com os Tamanduás do Cerrado, mas posso dizer que não foi como eu gostaria. Um Tamanduá Mirim que deve ter sido atropelado pouco antes da minha passagem, pois nem odor de carniça ele possuía. Isso significa que além de me aproximar de áreas mais preservadas, infelizmente ainda há muitos motoristas que só pensam em pisar fundo (velocidade máxima ali é de 80 km/h), para o desespero da fauna local. Segui pedalando e quando faltavam cerca de 20 quilômetros para Palmas (segundo o GPS), finalmente avistei a cidade assim que cheguei no topo de uma subida. Dava para ver o lago formado pelo represamento do Rio Tocantins, a cidade de Palmas e a Serra do Lajeado ao fundo. Cheguei às margens do lago e avistei uma longa ponte. O Rio Tocantins já era volumoso e passava por um grande cânion, com a construção da Hidroelétrica Lajeado foi criado um imenso lago artificial.

Subindo a Serra do Estrondo em Paraíso do Tocantins

A travessia do Rio Tocantins tem oito quilômetros sendo que boa parte feita por aterro, já no meio do lago há uma linda ponte com mais de um quilômetro e tem até ciclovia! Mas nem tudo são flores, pois o que separa a pista da ciclovia é um guard rail vazado e não aqueles muros (também conhecidos como "new Jersey"). Com isso toda a sujeira da pista acaba aonde? Na ciclovia. Devido a esse detalhe, é comum ver ciclistas pedalando no acostamento, menos sujo, para evitar os pneus furados e carros de pescadores estacionados na ciclovia.

No meio da ponte encontrei o Artur e seu irmão Lucas. Artur viu minha entrevista no site da Época quando estava cruzando o Xingu em Mato Grosso. Entrou em contato comigo por email oferecendo hospedagem em sua casa enquanto estivesse passando pela cidade. Até então eu achava que eles eram ciclistas, mas ele e o irmão chegaram de moto ao meu encontro. Encontramo-nos sobre a ponte, tiramos umas fotos e a primeira coisa que eu pedi foi que me levassem até algum lugar que vendesse açaí. Fazia dias que eu não comia e até sonhos com açaí estava tendo, então eles me levaram até uma praia. Isso mesmo, uma linda praia no ponto mais central do Brasil, praia com calçadão, quiosques, areia, só não havia água salgada.

Travessia do Rio Tocantins

Logo que chegamos a um quiosque observei duas bicicletas de MTB e já estacionei a minha bicicleta ao lado. Não demorou e apareceram os donos das bikes, o Didi e o Dunga. O Didi trabalha com produção musical, é louco por bicicletas e encontrou em Palmas o lugar perfeito para trabalhar e pedalar, eles inclusive já conheciam o Jalapão pedalando. Pronto, já encontrei meus guias na cidade até porque, por mais que o Artur tivesse a maior boa vontade do mundo, dicas de ciclistas são sempre muito precisas. Na conversa descobri que o Diego participava de um grupo de ciclistas de Palmas que todos os anos organiza uma expedição de ciclistas pelo Jalapão.

Depois do papo me despedi do pessoal e segui para a casa do Artur, meu anfitrião, mas deixei marcado um encontro para o dia seguinte, pois além de me ajudarem a dar uma geral na bicicleta, queriam me levar para pedalar nas trilhas pela Serra do Lajeado, uma linda serra que fica ao fundo da cidade numa distância de 10 quilômetros do centro. Já imaginaram o que é viver numa cidade onde há uma imensa serra a 30 minutos "pedalando" até a trilha? Essa foi a sensação que eu iria descobrir durante minha agradável estada em Palmas.

Com o Dunga (esquerda) e o Didi (centro) a beira da "praia" de Palmas

Ele só queria chegar do outro lado da rodovia - Palmas - TO

6.3 - PALMAS, UMA LINDA CIDADE MAL PLANEJADA

Palmas está no Centro Geodésico do Brasil

A cidade de Palmas é muito nova, fundada em maio de 1989 (21 anos quando fiz a viagem) era considerada pelos seus governantes uma cidade planejada. Mas como sempre é aquela noção de planejamento onde parece que toda a população tem que depender do transporte individual privado (automóvel). Infelizmente a noção de planejamento da maioria dos nossos urbanistas é que todos os Brasileiros são de classe média e todos têm carros. Esquecem que mobilidade barata e inclusiva aproxima as pessoas de diferentes classes sociais, tornando a cidade mais justa e principalmente planejada.

Palmas está situada numa planície a cerca de 200 metros de altitude, entre as Serras do Carmo e Lajeado e o lago formado pela barragem da Usina Hidroelétrica de Lajeado, no Rio Tocantins. Segundo os antigos moradores, antes da barragem, o Rio Tocantins percorria lindos cânions, fico imaginando como deveria ser essa paisagem antes da barragem. A leste temos a imponente Serra do Carmo que fica a cerca de 10 quilômetros do marco zero de Palmas. A Serra do Carmo também separa Palmas do Parque do Jalapão. A cidade de Palmas é cortada por avenidas formando um imenso quadriculado, com as LOs (leste, oeste) e NSs (norte, sul). Poucos semáforos e diversas rotatórias, a solução encontrada para evitar o uso de semáforos e fazer com que os automóveis se desloquem com maior fluidez.

Isso o que eu considero a maior "cagada" dos planejadores urbanos. A cidade tinha (quando fiz a viagem) 200 mil habitantes e na época, apesar do trânsito não ser tão caótico, quando esse número dobrar ela vai ficar um inferno. Usar transporte público pode esquecer, da casa do meu amigo até o ponto de ônibus mais próximo a pessoa tem que caminhar cerca de um quilômetro, portanto lá se usava o carro até para ir na padaria, literalmente. Até porque há diversos loteamentos e nenhum conceito de bairro, como reservando uma área central para comércios e serviços. Como qualquer cidade onde a população tem um bom poder aquisitivo, usar o carro é natural e enquanto o caos motorizado não chega, a população vai achando tudo normal. Assisti num telejornal local uma entrevista do prefeito da cidade onde ele era questionado sobre gastos na construção de alguns prédios para a prefeitura. Para acalmar os ânimos da crítica classe média, ele disse que a obra criaria várias vagas de estacionamento para a população. Dizer que irá criar um sistema de transporte público decente e barato são coisas que não devem dar muito voto.

As rotatórias, em todo mundo é usada como uma infraestrutura de "Traffic Calming", para reduzir a velocidade dos carros trazendo segurança. Já aqui é usada para evitar os semáforos e dar mais velocidade ao deslocamento motorizado, o resultado vocês já devem imaginar. Tem momentos que fica um caos já que ninguém dá passagem para ninguém, era comum encontrar ciclistas parados nas linhas de canalização esperando a sorte de poder atravessar.

Depois de falar seus defeitos, Palmas, apesar de tudo é ótima para pedalar, principalmente devido ao seu relevo. O calor é outro problema, mas não impede várias pessoas de usarem a bicicleta. No trânsito, tirando as rotatórias, não encontrei muitos problemas, até que tive demonstrações de respeito acima da média, do que estava acostumado nas demais capitais do país por onde passei. Há poucas ciclovias, mesmo assim vi muitos ciclistas nas ruas, a maioria gente simples, usando a bike como meio de transporte. Infelizmente o número de motos também é grande, o resultado é o grande número de acidentes, poluição (do ar e sonora) e muito desrespeito, principalmente nas rotatórias.

Pra variar, se não havia nenhum investimento em transporte público, que dirá incentivo por parte do governo com o objetivo de aumentar o número de deslocamentos não motorizados. Grande parte das avenidas não tem calçadas e o transporte coletivo se resume a poucas linhas que não atendem os bairros. Há espaço, há dinheiro, mas não há nenhuma visão de futuro por parte dos gestores. Mesmo assim a cidade é muito boa para a bicicleta, não apenas como transporte, mas principalmente como lazer. Comecei meus primeiros dias em Palmas dormindo na casa do Artur. Como um bom anfitrião, ele me levou de carro até Taquaruçu, um distrito de Palmas a cerca de 40 quilômetros da cidade. Um distrito que fica no meio da Serra do Carmo, repleto de belíssimas cachoeiras.

Ele queria me mostrar a Cachoeira Roncadeira, mas chegamos lá próximo das 17h00, horário de fechamento da cachoeira. Não entendam mal, ninguém fecha a cachoeira, mas o acesso a ela é controlado e é necessário pagar para entrar. Me falaram muito bem sobre essa cachoeira, mas deixei para tentar conhecer quando estivesse a caminho do Parque do Jalapão, já que esse seria meu caminho obrigatório. Mas para não perder a viagem, descemos mais um pouco e passamos pela Cachoeira Taquaruçu. Novamente tivemos que pagar para entrar e com muita dó dei os 5 reais. Estava em contenção de gastos e depois de tantas belezas naturais

Cachoeira Taquaruçu

de graça, fiquei com muita dó de gastar um dinheiro ali.

No final valeu a pena, acabei curtindo um pouco da belíssima cachoeira com o Artur e depois voltamos para Palmas. Nos dias seguintes acabei saindo mais vezes com o os ciclistas da cidade e o Dunga sugeriu que eu ficasse na casa dele, até porque seria mais fácil para pedalar com o pessoal. Fiquei um pouco mal já que o Artur estava sendo um excelente anfitrião, mas ele compreendeu que, como ele não pedalava, ele tinha mais dificuldades para me passar informações importantes que só os ciclistas conhecem. Mas o lado bom é que fiquei sabendo que depois da minha passagem, infelizmente roubaram sua moto, mas felizmente ele comprou uma bicicleta e passou a usá-la em seus deslocamentos. Quando voltar à cidade é bem provável que seja ele quem irá me levar para pedalar.

No segundo dia fui até a casa do Dunga e lá o Rodrigão (amigo do Dunga e do Diego) desmontou minha bicicleta inteira. Enquanto ele dava uma geral na bike, eu e o Dunga fomos buscar minhas tralhas na casa do Artur. O Dunga se espantou, pois só com as tralhas que carregava na bike enchemos a caçamba da sua pick-up. Agora da casa do Dunga, como ele estava de férias, ficou bem mais fácil para sairmos de lá para pedalar e desbravar cada pedaço de Palmas.

6.4 – HORA DA REVISÃO GERAL E DESCOBRIR O TAMANHO DA ENCRENCA

Palmas era minha terceira capital, passei antes por Campo Grande e Cuiabá. Sempre que possível buscava apoio nas bicicletarias da cidade, na maioria das vezes recebi muito apoio e tinha orgulho em carregar na minha bike adesivos de cada uma delas. Precisava de uma revisão completa na minha bike e algumas peças, geralmente pedia apoio mecânico de graça e descontos na compra de equipamentos. Logo no primeiro dia, quando encontrei o Diego e o Dunga, perguntei sobre as bicicletarias da cidade e quem poderia me dar esseapoio. Precisaria ser uma loja mais sofisticada, pois quando levava minha bike nessas bicicletarias mais simples, geralmente os mecânicos ficavam com medo de mexer e raramente tinham uma simples ferramenta para sacar o cassete.

Me indicaram o Jammil, diziam ser a melhor bicicletaria e que dificilmente ele não me ajudaria. No mesmo momento que o Dunga me pegou na casa do Artur, me levou até a loja do Jammil, ele disse que iria ajudar mas não senti muita firmeza. Primeiro disse que estava com muito trabalho, depois acabou dizendo que ajudaria só porque o Dunga insistiu. Deixamos

a bicicleta lá e seguimos para a casa do Dunga. Mais tarde o Diego apareceu e o Dunga contou que não gostou da forma que o Jammil havia me tratado. Como eu estava sem grana e precisando de apoio acabei aceitando, foi quando o Diego teve a ideia de chamar o Rodrigo.

Rodrigão dando um trato na minha magrela

Rodrigão, como era conhecido pelo pessoal, além de pedalar muito, o cara curte fazer manutenção na bike. Ele tem todas as ferramentas que uma bicicletaria tem que ter e não apenas faz a revisão na bike dele como na dos amigos. O Diego ligou para o Rodrigão, explicou minha situação e ele topou na hora arrumar minha bike. Mais tarde, no mesmo dia fomos até a bicicletaria do Jammil, agradecemos o apoio e levamos a bike para a casa do Dunga. No dia seguinte o Rodrigão apareceu, o cara pegou minha bicicleta e tratou como uma princesa. Desmontou toda a bike e me deu uma verdadeira aula sobre desgaste de equipamentos. Percebi que já havia esgotado a vida útil de vários equipamentos, principalmente da corrente que estava laceada. Sim, a corrente com o passar do tempo vai esticando e para reaproveitar a minha tive que retirar uns três elos.

Isso acabou não resolvendo e não tive alternativa senão trocar a corrente. O problema é que na maioria das vezes que fazemos isso temos também que trocar o cassete ou as coroas. Comprei uma corrente nova e não deu outra, o cassete até que encaixou, mas minha coroa do meio, de 32 dentes, não segurava a corrente, bastava eu forçar o pedal que a corrente escapava. A coroa do meio é a que eu mais usava na viagem, consequentemente a primeira a desgastar. Tentei comprar uma coroa Deore de algum ciclista que pratica Downhill, geralmente os ciclistas ficam apenas com duas coroas, a de 42 e a de 22 dentes, usam a de 22 para subir e a 42 para despencar morro abaixo. Até conseguimos uma com um ciclista de Downhill, mas não consegui encontrá-lo antes da minha saída da cidade e resolvi continuar a viagem usando apenas as duas coroas. Arrisquei pois sabia que com o tempo a corrente iria encaixar melhor e quem sabe, poderia voltar a usar a coroa do meio. Aliás, em minhas próximas viagens vou levar entre as ferramentas uma pequena lima. Lembro que não foi a primeira vez que isso aconteceu nas minhas coroas, com o tempo os dentes vão se desgastando, ficando finos e não tracionando a corrente. Uma vez eu peguei uma lima e fui limando dente a dente, aumentando a profundidade dos sulcos, com isso consegui aumentar a vida útil da minha coroa por um ano, isso poderia ter sido útil nessa viagem.

Montamos a bike, trocamos alguns raios e ali descobri o real motivo para tanta quebradeira. Quando montei a roda da minha bicicleta em Cuiabá, eu teria que ter colocado os raios no mesmo sentido que eles já estavam na roda antiga, isso porque acaba ocorrendo um certo

Deveria ter montado a roda respeitando o apontamento dos raios da roda antiga

desgaste nos furos do cubo com os raios se acomodando naquele sentido. Quando montei a roda apontando os raios para outro sentido, com o tempo houve uma nova acomodação e um alargamento dos furos, por causa disso os raios quebravam bem na cabeça mesmo sem sofrer com o impacto de buracos, varias vezes estava em trechos planos, ouvia um "tec" e lá se ia mais um raio. A solução seria trocar o cubo, como em breve receberia uma roda nova da Caloi, o jeito foi ir com a roda daquele jeito o quanto ela suportasse.

Ainda aprendi a remendar direito minhas câmeras. Sim, mesmo com quase 20 anos de ciclismo, por incrível que pareça fazia tudo errado, por isso que meus remendos não pegavam. O Rodrigão me deu a seguinte dica: O mais importante é lixar a base onde será colocado o remendo e para facilitar esse processo eu serrei um pedaço de cabo de vassoura (usei aquele que usava como descanso e para afastar os cachorros). Nesse toco de aproximadamente 10 cm eu colei uma lixa dessas de lixar parede. Quando encontrava o furo marcava com uma caneta ou com um palito de dente, assim eu até aumentava o furo para reencontrá-lo mais facilmente. Como apoio usava a base da minha bomba, esticava a borracha e lixava bem. Com esse toco fica mais fácil e rápido, em menos de 30 segundos a câmara estava bem lixada.

Antes eu tacava um monte de cola na câmera e no remendo (aquele em forma de estrela) e deixava uns 10 minutos secando no sol. Mas o Rodrigão me corrigiu, bastava passar um pequeno pingo de cola e espalhar uma fina camada sobre toda a base que eu lixei. Depois aguardar menos de um minuto para a cola secar e colocar o remendo sobre o furo. Se estivesse com muita pressa, poderia usar um isqueiro e tacar fogo sobre a cola. Basta ter cuidado já que a cola é inflamável, pode ser que suba uma pequena labareda, um assoprão resolve, dessa forma você não precisa esperar um minuto para secar.

Geralmente os remendos vem com uma base de alumínio na parte amarela (a cola) e um plástico transparente sobre o remendo. Retire a base de alumínio e cole sobre o remendo, ainda com o plástico. Com uma ferramenta mais sólida (usava meu canivete Leatherman) e passava sobre o remendo para a cola pegar melhor e tirar todo o ar debaixo do remendo. Feito isso, bastava agora segurar o remendo e a câmera com as mãos e segurando aquele plástico de proteção, puxar para os lados e rasgar o plástico no ponto serrilhado. Depois era só retirar os plásticos de dentro para fora e pronto, nunca mais esse remendo iria escapar.

Fiz questão detalhar bem pois muitos ciclistas experientes ainda não sabem a melhor maneira de se fazer um remendo e agindo assim, as chances de você ter que refazer um remendo

diminuirão drasticamente.

Bike revisada, hora de pedalar, final de tarde e o pessoal me levou para a trilha do Limpão, algo que vou contar no próximo capítulo.

Trilha noturna no Limpão

6.5– DESBRAVANDO AS TRILHAS DO LAJEADO

Saí com meus anfitriões para três passeios de bike durante minha passagem por Palmas, o primeiro foi um pedal noturno onde subimos até o Limpão, uma das montanhas da Serra do Lajeado. Bastou uns 10 quilômetros de pedal e já estávamos no pé da Serra. Antes encontramos outra "tribo" de bike da cidade, lá estavam os estradeiros, galera que curte as roadbikes, também chamada de Speed, o pessoal usa uma estrada paralela rodovia estadual para treinar. Seguimos rumo ao Limpão, trilha noturna, lanternas nas bikes e lá fomos nós morro acima. Pra variar sofri com minhas lanternas ecológicas, mas segui chupinhando as lanternas dos meus amigos e logo estávamos no topo. São cerca de 200 metros mais alto que Palmas, com uma visão muito privilegiada da cidade.

Lá no alto contaram a história do monumento do Limpão. A Serra do Lajeado é uma imensa área a leste de Palmas com mais de 100 cachoeiras catalogadas, um paraíso para esportes sobre duas rodas. Ciclistas e motoqueiros dominam suas trilhas e como em qualquer lugar com essa divisão há certos problemas. É uma relação de amor e ódio, pois os motoqueiros é que conseguem abrir as trilhas para os ciclistas pedalarem. O problema é que com o tempo,

os motoqueiros acabam destruindo as trilhas que abriram, causando graves problemas de erosão. Outro problema é você estar pedalando numa trilha quando de repente, percebe um motoqueiro em alta velocidade e eles não aliviam, vem em alta velocidade e você tem que se virar pra sair da frente, isso quando eles não estão no sentido contrário da pista.

O barulho das motos assusta os animais, sua velocidade e na maioria das vezes, a falta de cuidado em relação aos ciclistas na trilha, causou uma certa animosidade entre as tribos. Pois bem, o Limpão é o topo de um morro muito utilizado como ponto de partida para os ciclistas que querem despencar num Downhill alucinante. Acontece que alguns motoqueiros resolveram colocar um "Monumento" no alto do morro e chumbaram uma motocicleta, como se estivessem fincado uma bandeira.

Claro que tal atitude deixou muita gente revoltada. O Limpão não é de ninguém, é de todos! Eu também acho uma aberração colocar qualquer monumento seja uma bicicleta ou uma moto, num lugar onde só deveria haver natureza. Como alguém já disse num comentário na internet, "No cerrado não nasce um pé de DT-180". Um belo dia, melhor, numa bela noite, alguns ciclistas fantasiados subiram até o Limpão, arrancaram o "monumento" e atiraram morro abaixo. Tudo isso filmado, editado e divulgado nas redes sociais. Infelizmente nunca consegui ver esse vídeo, o Diego ficou de me mostrar e ainda sonho em vê-lo um dia.

Voltando ao pedal, naquele dia em que subimos, havia alguns jovens evangélicos que subiram até o alto da montanha para orarem. Um deles havia perdido na trilha um pacote de bolacha que eu acabei achando e depois devolvemos a eles. Outro problema é a sujeira na trilha, encontramos muitas coisas que não deveriam estar ali e a galera da bike, sempre que pode, retira o lixo deixado pelos outros e devolve para a cidade. Na volta a galera despencou alucinada morro abaixo, mas preferi ir na boa e desci bem devagar. Downhill não é minha praia e ainda tinha mais 3 mil quilômetros pela frente. Para que arriscar, levar um tombo e comprometer, tanto o equipamento como o resto da minha viagem? Deixa a aventura para os brothers de Palmas que já estão bem acostumados com a ladeira.

Trilha das Araras

No final da tarde do dia seguinte voltamos para a Serra do Lajeado, dessa vez para fazer a Trilha das Araras. Tem esse nome porque num dos trechos dela há diversas árvores onde elas dormem, mas para encontra-las na trilha precisávamos realizar o pedal de manhã. Foi a primeira vez que testei minha 29er sem peso num Single-Track, como chamamos essas pequenas trilhas no meio do mato. Minha bike respondeu bem, simplesmente atropelava todos os buracos e mesmo com todos pedalando com aros 26, não tive nenhuma dificuldade em acompanhá-los. O problema era nas descidas onde deixava eles irem sozinhos e descia até empurrando se fosse o caso. Uma coisa é despencar numa estrada de terra, outra é descer num Single-Track, é necessário muito mais habilidade do que coragem.

Pé de bike

O visual é deslumbrante, contornamos uma montanha sendo que do outro lado da primeira sessão de morros há um imenso vale e uma nova formação rochosa a leste, sentido o Jalapão. Mais à frente encontramos um belo mirante onde me apresentaram o "Pé de bike". Uma arvore que funciona como bicicletário, penduramos todas nossas bikes na árvore enquanto curtíamos o visual maravilhoso. Enrolamos muito no mirante e a noite começou a cair, aceleramos o passo para poder sair da trilha ainda com luz natural, mas não foi possível. Chegamos numa estradinha de terra onde conseguimos pedalar com relativa segurança. Mas isso não impediu de que houvesse dois tombos e ambos do Dunga. O primeiro foi num Downhill em um trecho cheio de pedras soltas, ainda com luz natural. O segundo já sem luz nenhuma, ele estava logo atrás de mim, percebi um trecho com lama e consegui desviar, já ele não. Mas os tombos não resultaram em nada mais do que umas boas risadas.

Saímos da trilha e ainda tínhamos que pedalar uns 10 quilômetros até o corpo de bombeiros. Haveria um pedal noturno na lua cheia e não poderia deixar de participar já que fizeram questão de me convidar. Chegamos e a galera só estava nos esperando para poder partir, eram cerca de 30 ciclistas e lá saímos pela cidade. O maluco é que, diferente de São Paulo, onde nossos passeios noturnos são estritamente urbanos, lá eles podem intercalar trilhas e pedais urbanos num trajeto menor de 20 quilômetros. Passamos por riachos, ruas de terra, shoppings, foi muito divertido.

Pedal noturno em Paulas - TO

Palmas é uma cidade com muita bicicleta, com todas as tribos mas o que predomina é mesmo o MTB. A única coisa que realmente senti falta é um pouco mais de motivação para a criação de uma cultura da bicicleta

Pedal que mistura trilha com ambiente urbano

na cidade. Palmas tem tudo para ser uma cidade das bicicletas, mas ela é ainda vista mais como um brinquedo do que um estilo de vida. A maioria tinha seu carro e usava a bike como lazer, muito parecido com os pedais noturnos no começo da década de 90 em São Paulo. Tomara que a galera da cidade passe a enxergar a bicicleta como algo mais além do que um brinquedo. Se os ciclistas perceberem a força que tem, poderão ditar os rumos das políticas de mobilidade da cidade. Mas se nada for feito, muito em breve, o caos que domina a maioria das grandes cidades irá chegar a Palmas e logo passarão a ter amigos atropelados (até mesmo mortos) no trânsito assassino que domina qualquer cidade onde o planejamento de mobilidade é voltado única e exclusivamente aos carros. Mas eles tem condições de reverter essa situação. Mesmo com o calor, creio que 50% dos deslocamentos poderiam ser realizados de bicicleta. Um simples e barato plano cicloviário mudaria a cara da cidade.

Adorei Palmas, é um cidade onde viveria facilmente, cidade linda, com uma galera muito da paz e com ótimo astral. Curti cada um dos dias que estive na cidade e ainda pretendo voltar, tanto para fazer novas visitas ao Parque do Jalapão, como para pedalar com essa galera. Outro evento que ainda irei participar é a Expedição Cicloturística do Jalapão, uma aventura que começou em 2001, quando meia dúzia de malucos, como diria o Diego, "com um Camelback nas costas e umas paçocas ", resolveram pedalar 800 quilômetros, saindo de Palmas, contornando o Parque do Jalapão e retornando a cidade após 8 dias, sempre durante o Carnaval.

Após 10 anos o pedal estava consolidado e muito bem estruturado, com uma infraestrutura de causar inveja, com direito a carro de apoio e um caminhão cozinha. Com certeza ainda farei parte dessa turma.

6.6 – PARTINDO DE PALMAS, RUMO AO JALAPÃO

Jalapão finalmente! Depois de dias agradabilíssimos em Palmas me despedi da galera e parti rumo ao parque. Antes de sair, passei na bicicletaria do Espaguete, a Speed Bike. Foi na loja dele que comprei a corrente a preço de custo e ainda acabei ganhando de presente o descanso da minha bike. Também comprei uma câmara para meus pneus 700x28C porque não tinha nenhuma reserva. Como não sabia se teria asfalto até Ponte Alta, cidade considerada o Portal do Parque do Jalapão, preferi seguir com meus pneus de terra na bike.

Saí de Palmas com o tempo chuvoso e entrei na TO-010 sentido sul, pedalei por cerca de 20 quilômetros o bairro de Taquaralto, depois segui por outra rodovia agora sentido leste, agora subindo rumo a Serra do Carmo. Tem um trecho dessa rodovia onde a sensação é que você está descendo, mas na verdade você está subindo. É uma sensação muito louca, dizem que nesse ponto tem alguma interferência magnética, onde as bussolas ficam malucas. Como estava com um GPS, não senti nenhuma diferença e tão pouco surgiu algum buraco de minhoca para que eu entrasse em outra dimensão, apenas subi. Depois de mais uma forte subida, cheguei ao bairro do Taquaruçu e como havia sinal de celular, aproveitei para mandar umas mensagens via Twitter. Um dos pontos máximos da viagem foi essa dinâmica que criei com a galera que me seguia nas redes sociais. Mandava uma mensagem e em poucos minutos já recebia comentários, era fantástico perceber que não estava sozinho.

Galera da Speed Bike

Almocei na cidade e continuei a subir, agora teria que vencer a parte mais difícil da viagem, uma subida longa e muito inclinada, cerca de 15% de inclinação em média. Logo no início da forte subida vi um esqueleto de macaco (provavelmente atropelado) embaixo de uma placa dizendo que ali é uma área de proteção ambiental e que a velocidade máxima é de 40 km/h. Essa é uma região de cerrado, marcado por árvores pequenas e retorcidas, mas sempre que aproximamos de uma região de encostas e com muitos rios, temos algumas árvores típicas de Mata Atlântica, formando uma pequena floresta. Encontrei uma árvore com frutos vermelhos, me disseram que era Urucum, muito usada pelos índios para fazer pinturas no corpo e em objetos.

Twittando

Segui subindo até a entrada da Cachoeira do Roncador, a mesma que havia ido com o Artur no meu segundo dia na cidade. Tentei entrar de graça, mas como não quiseram deixar, achei melhor economizar esses 5 reais. Não importa o tamanho da sua beleza, até porque essa é a cachoeira mais famosa da região, portanto pode até

Vencendo a Serra do Roncador

ser novidade para mim, mas não seria para a galera que estava me acompanhando, basta algumas "googadas" para aparecer fotos da cachoeira na tela do seu computador. Mas valeu a pena dar uma parada, conversei com um biólogo que trabalha ali no parque e ele me deu várias dicas sobre o Jalapão, além de explicar melhor a história do Capim Dourado.

Nessa região era comum encontrar artesanatos produzidos com o Capim Dourado. Esse Capim é muito comum no parque do Jalapão, apesar de também ser encontrado em outros cantos do cerrado brasileiro, em algumas veredas na Bahia, Goiás e Minas Gerais. Só que há uma lei que proíbe a saída do Capim Dourado in natura do estado do Tocantins, ele pode sair apenas sob forma de artesanato. Não deixa de ser uma maneira de valorizar os artesões locais, até porque essa forma de artesanato nasceu no estado. Já estava tarde, tinha apenas duas horas de sol pela frente e segui encarando a última e mais forte subida. Cheguei a 650 metros de altitude (Palmas está a 200) e logo à frente desci tudo novamente. Faltavam cerca de 25 quilômetros para a cidade de Butirana e depois mais uns 10 quilômetros até Santa Helena, meu destino naquele dia e mais uma vez iria pedalar de noite. Para variar meu pneu furou bem na hora que escureceu. Parei para consertá-lo até que vejo uma moto se aproximando e o motoqueiro fez questão de parar para ajudar. Ele disse que achou que era uma outra moto e que eu havia caído, não foi o primeiro que confundiu minha bike com uma moto.

Infelizmente não lembro o nome da boa alma, mas ele me ajudou com a iluminação e consegui consertar rapidamente meu pneu. Seguiu comigo me dando luz por alguns quilômetros, até que chegou a seu destino, uma chácara simples no meio da estrada e lá segui encarando a escuridão e dispensando minha iluminação.

Quando cheguei em Butirana, conseguia avistar ao longe as luzes da cidade de Santa Helena, fiquei feliz pois parecia que o trajeto seria plano até o local. Mas para minha decepção havia um rio entre as duas cidades e lá fui eu encarar uma longa descida para ter que subir tudo novamente. Para piorar, adivinhem? Outro pneu furado. Segui descendo, pois não achei um local seguro para parar e assim que cruzei o rio a pista ficou mais larga e encontrei um canto mais seguro para fazer o conserto. Não pedalei muito e logo cheguei na cidade a procura de uma pousadinha para ficar. A surpresa do dia foi conhecer o Artur, um garoto de uns 10 anos que ao me ver ficou maravilhado com minha bicicleta.

"Olha mãe, uma bicicleta com freio a disco, olha só mãe, freio a disco, eu sempre sonhei e ter uma bicicleta de freio a disco, que linda mãe, olha só, é de verdade mãe, tem freio a disco..."

O garoto ficou alucinado com minha bicicleta que a cada dez palavras, cinco eram "freio a disco". E eu feliz por ver alguém mais alucinado por bicicleta do que eu... Acabei deixando minha bike dentro da sala da casa deles já que minha bike não cabia no meu quarto. Sua mãe disse que iria deixar a sala trancada com medo do seu filho ir a noite tentar pedalar a bicicleta e pela a reação do garoto, o risco era imenso!

6.7 - O BATISMO DO JALAPÃO

Acordei, fui tomar café e lá estava o Artur do lado da minha bicicleta, se deixasse acho que ele teria lavado a bike. Sua mãe me contou que ele até sonhou com a bicicleta, ficou no meio da noite falando do freio a disco. Depois do café da manhã o coloquei sobre a bike para mostrar que nem abaixando todo o banco ele alcançaria os pedais, só assim para provar que não dava mesmo para ele pedalar, mas em compensação, tirei uma foto dele acionando o freio a disco, claro. Me despedi do Artur e de todos seus amigos que ele havia chamado para verem uma bicicleta "com freio a disco" e segui com destino a Ponte Alta. O GPS marcava 70 quilômetros até a cidade, acreditava que seria um pedal tranquilo, o começo realmente foi, apesar das subidas pedalei por cerca de 20 quilômetros de asfalto e com poucos carros. Tive um encontro com um ciclista de Palmas, não lembrava dele, provavelmente foi um dos ciclistas que pedalou comigo no pedal do Corpo de Bombeiros, mas ele fez questão de parar e me abastecer com água geladinha, antes de seguir seu rumo.

Logo adiante acabou o asfalto e começou a terra. Eram obras recentes, anos depois voltei ao Jalapão e a estrada já estava asfaltada. Mesmo na época sendo em terra, não havia muitos atrativos na estrada e apenas me concentrei no pedal. Parecia que seria um dia comum, mas só parecia. Estava pedalando rumo ao sul, do alto eu já avistavas as montanhas do Parque do Jalapão a minha esquerda e a toda minha volta via a formação de nuvens de chuva. Era por trás, pelo lado e vindo em minha direção numa velocidade onde o encontro com ela seria inevitável. Como havia perdido uma das capas do meu alforje, havia feito umas mudanças na organização da mala, deixando as coisas que poderia molhar num único alforje (pneus, algumas ferramentas) e demais tralhas (como roupas e comidas) nas outras três malas. Encapei tudo e fui ao encontro da tormenta.

Artur, fã de bike com freio a disco

Acho que foi a pior chuva que já pedalei em minha vida por sorte estava na parte alta do morro, pois se fosse numa parte baixa, era bem capaz que eu fosse arrastado por alguma enxurrada. Por sorte também não era uma chuva com raios, mas era muita água. Em diversos momentos a pista se transformava num rio, não conseguia ver o solo, apenas a água escorrendo e

Monstruosa chuva que veio ao meu encontro

buscando o caminho mais fácil para descer. Infelizmente não consegui fotografar, mas seria uma imagem impressionante. Na minha próxima viagem mais um item que não pode faltar, uma máquina fotográfica a prova de água. Foi um verdadeiro batismo, até porque a chuva veio dos lados do Jalapão. Foram 40 minutos de tempestade. A lama tomava conta de tudo, o problema é que ela subia pelo pneu e parava na proteção do barro da suspensão. Com isso a lama caia bem sobre o freio a disco e o que aconteceu? Perdi uma pastilha de freio novinha, que havia acabado de trocar em Palmas. A pastilha gastou mesmo sem que eu acionasse o freio, só o barro que se juntou entre a pastilha e o disco foi suficiente para gastar a pastilha. Por sorte o mesmo não aconteceu no freio traseiro, senão ficaria sem freio algum, pois nem uma pastilha reserva eu possuía. Foram quarenta minutos de tempestade e mais vinte minutos de uma chuva bem fraca, ela passou e apareceu o areião e até sol.

Mais adiante encontrei o Bico, morador de Ponte Alta que trabalha na empresa de energia da região. Ele estava indo de onde eu vinha para resolver alguns problemas de falta de energia causados pela chuva. Assim que cheguei a Ponte Alta parei no Centro de Apoio ao Turista que... Estava fechado. Sabe como é, era domingo, dia que turista não pode fazer visitas em uma cidade turística, coisas de Brasil.

Sol, depois de uma hora de chuva intensa

Estava procurando um canto para dormir pagando pouco e enquanto almoçava encontrei novamente o Bico. Ele me levou até a Pousada Veredas das Águas e me apresentou o senhor Arilon. Expliquei sobre o projeto da viagem e ele resolveu apoiar dando pouso de graça em sua pousada. Nem preciso dizer que tive um tratamento de rei. Os chalés são pra lá de confortáveis e espaçosos, com internet Wifi e tudo mais. Seu Arilon ainda me deu várias dicas sobre o Jalapão, indicando o melhor trajeto, o que eu não deveria deixar de visitar. Quem quiser conhecer o Jalapão fica a dica, basta entrar em contato com o pessoal da Pousada e fazer uma reserva,

tomara que eles fiquem por lá durante mais alguns anos. Pegue um avião e vá até Palmas e deixe tudo por conta do pessoal da Pousada. Se necessário eles vão buscar vocês em Palmas e ainda levam vocês para todos os cantos, uma ótima e barata maneira de conhecer o Jalapão. As diárias na pousada custavam cerca de 60 reais, um valor mais que justo na época. Sei que tem gente que não gosta de guias, mas no Jalapão recomendo ao menos o primeiro passeio fazer com guias, pois as atrações não são bem sinalizadas e se perder, ou deixar de visitar lugares imperdíveis é fácil de acontecer.

Pousada Vereda das Águas. òtimo ponto de partida para se aventurar no Jalapão

A chuva castigou demais minha bike e bagagem, foi tanta chuva que o alforje não resistiu e molhou tudo por dentro. A partir desse dia passei a ensacar tudo, pois além de entrar água, entrou lama também. Se vai investir num alforje compre um impermeável, hoje é fácil de encontrar no Brasil, mas as vezes vale a pena comprar um pela internet, até porque um alforje é para toda vida.

Serra do Lajeado - Palmas - TO

7 – O PARQUE DO JALAPÃO

Quando estava traçando minha rota, minha primeira motivação foi passar pelo Pantanal, esse era um desejo que carregava desde 1997 quando percebi que estava muito mais próximo do Pantanal do que de São Paulo naquela ocasião. Por isso que primeiro tracei minha rota até o Pantanal e o resto da viagem sobre o mapa foi consequência, sai do Pantanal e estava em Cuiabá, apenas alguns quilômetros da Floresta Amazônica. Seguindo a leste, passando o Pará, entraria em Tocantins e passaria por Palmas. Quando percebi que de Palmas estaria a pouco mais de 200 quilômetros do Jalapão meus olhos brilharam. Não só por ter ouvido falar pouco dele, mas com certeza seria um dos poucos ciclistas que já estiveram no parque e tudo que é ineditismo é entusiasmador. Parque do Jalapão fica praticamente no meio do Brasil, há uma estrada que o contorna com 800 quilômetros, uma área imensa e uma das mais baixas densidades demográficas do Brasil.

Durante minhas pesquisas, graças a desinformação de uma matéria da TV Globo, erroneamente achei que o Jalapão era uma área de transição entre o Cerrado com a Caatinga e achava que, cruzando o parque entraria no quinto bioma da viagem. Mas estudando mais profundamente sobre o parque e principalmente conversando com biólogos, tudo indicava que a vegetação do Jalapão é apenas de cerrado. Como ninguém conseguia me dar certeza, resolvi fazer a pesquisa in loco. Vamos então para dentro do parque, um dos lugares mais espetaculares que já passei em toda minha vida.

7.1 - ACORDA MENINO!

Saindo de Ponte Alta, rumo ao Jalapão

Sempre tive dificuldades em acordar cedo, odeio acordar com despertador e sempre meu maior objetivo de vida era conseguir acordar de forma natural, deixar que meu corpo faça o papel de despertador. Na viagem acabava dormindo tarde, pois geralmente levava de uma a duas horas para escrever o texto do blog e fazia isso sempre antes de dormir. As vezes só escrevia a noite e deixava para a manhã o trabalho de revisar e publicar. Daí enrola para levantar, mais meia hora no mínimo para revisar e colocar as fotos... Soma-se o cansaço, a preguiça matinal, o fuso horário, já que desde que havia entrado no Mato Grosso do Sul estava sempre com uma hora a menos do que estaria em São Paulo, portanto não adiantava me programar para sair as 6h00 (do meu horário) se tudo só funciona uma hora depois.

No primeiro dia que realmente iria entrar no Jalapão, acordei até que cedo, umas 6h00 no horário de São Paulo, mas enrolei, pois sabia que o café seria servido as 7h00 no horário daqui (8h00 em SP). No final das contas saí de Ponte Alta quase 12h00, com apenas 7 horas de luz natural para pedalar cerca de 80 quilômetros, ou seja, merecia sofrer pedalando de noite.

O Jalapão é um local fantástico, e cheio de atrações. A primeira seria o Cânion Sussuapara a 15 quilômetros de Ponte Alta, mas tinha que ficar atento, pois a sinalização não era muito boa. O Jalapão também é chamado de "deserto", nem tanto pelo calor mas principalmente pela sua baixa densidade demográfica. Pedalava por horas sem nenhum sinal de civilização. Avistei lá longe uma forte subida e percebi algo a minha frente. Imaginei ser algum bicho

caminhando calmamente na estrada, seria um Lobo Guará, comum nessa região? Mas ao me aproximar descobri o que era, um ciclista. Um senhor que não me lembro o nome, mas sei que ele vive entre Ponte Alta e uma fazenda a 27 quilômetros da cidade, seu meio de transporte? Uma belíssima Monark Barra Circular, com freio varão. Nem eu imaginaria que anos mais tarde viria a ter uma Monark muito parecida com essa e que até a Rota Marcia Prado a percorreria com ela. A curiosidade foi um facão estrategicamente posicionado junto ao guidão. Para que? Segundo ele para afastar uns "Guarazãos". Disse que é comum cruzar com grandes Lobos Guarás na estrada e que o facão é uma boa forma de se proteger. Inevitável não lembrar das onças do Pantanal.

Faca no guidão, proteção contra os Lobos Guarás

Pedalamos juntos por um bom trecho, até que ele me avisou da chegada ao Cânion Sussuapara. Se não fosse pelo seu alerta passaria direto. Uma simples ponte e um córrego, ao lado uma área onde dá para estacionar um carro. Entrei na trilha, caminhei uns 100 metros e tive uma visão sensacional.

Paredes com cerca de 10 metros, formadas pela força das águas. A direita escorria água de umas raízes, pois logo acima havia uma vereda. Segui caminhando pelo rio, até que ouvi sons de carro. Pouco depois surgiram na trilha dois homens, Eduardo e seu filho Torquato. Pai e filho, ambos de São Paulo que tiraram umas férias, pegaram a caminhonete e viajaram juntos pelo país. Mais uma vez voltou a lembrança do meu filhote, imaginando o quanto curtiríamos se ele estivesse ali comigo – "Papai, quando você vai me levar para a selva com você?" – era o que mais ouvia quando conversava com meu filho pelo telefone – "Que bicho você viu hoje?" – "Papai viu um Tamanduá" – "Ah é? Mamãe, papai viu um amanduá, papai viu um amanduá".

Canion Sussuapara

Não pude ficar muito tempo curtindo o Cânion (já que enrolei para sair da cama) e logo voltei para a estrada. O trajeto continua

lindo, como estava numa época de chuvas, havia muito verde à minha volta. Me disseram que no inverno, época de seca, além de ser comum queimadas, a vegetação é bem amarelada, cor de mato seco. As formações rochosas no meu entorno eram deslumbrantes, tinha vontade de entrar sempre para o meio do mato e sair desbravando. Nada de ficar seguindo estradas, a vontade era de criar novas rotas. As árvores do Cerrado são baixas e ralas, dá para observar muito bem se há algo entre elas. O solo com muita areia, muito similar ao Pantanal, a diferença é que no Jalapão há muitos morros e colinas.

Vejo ao lado uma pequena trilha que me leva a um descampado. Estava procurando o Capim Dourado, depois fiquei sabendo que nessa época do ano ele está bem pequeno. O Capim Dourado é uma espécie de Sempre Viva, muito comum no Cerrado e que cresce em abundância nas veredas. Uma vereda é uma espécie de banhado, fácil perceber uma ao avistar os Buritis, uma espécie de Palmeira que possui um galho comprido e folhas verdes em sua extremidade em formato circular. Diferente das Palmeiras do Açaí onde as folhas crescem quase que perpendicularmente ao galho principal. Mas esse campo não tinha uma vereda, apenas pequenas Sempre Vivas crescendo naquele solo arenoso. Pedalo no meio do descampado até onde consigo, de repente chego a um barranco. Observo um grande vale até outro barranco com um platô no alto, parecia até que foi cortado com uma régua.

Voltei para a estrada principal e logo alcancei uma estrada lateral que me levaria até a Cachoeira do Lajeado 3 quilômetros dali. O problema é que a estrada era de areia como a do Pantanal, não pedalei nem 200 metros e logo levei um tombo. O correto seria retirar as bagagens, deixa-la na trilha e seguir pedalando sem peso ou ir a pé, mas desanimei e preferi conhecer essa cachoeira em minha próxima visita.

O problema é que estava ficando sem água e são raras as fazendas no caminho. Para complicar, o bico da câmara do meu pneu abriu. Além de perder tempo para consertar o pneu, ainda perdi uma boa câmara reserva com apenas 11 remendos (sem dar risada, por favor). Como o trouxa aqui se esqueceu de abastecer seu garrafão no Cânion Sussuapara, não demorou e fiquei sem água, tive que pedalar uns 20 quilômetros até chegar no próximo rio. Ainda bem que o Jalapão é a segunda maior bacia hidrográfica do mundo, atrás apenas da bacia amazônica.

Seu Arilon da Pousada Vereda das Águas em Ponte Alta me disse que poderia beber qualquer água que encontrasse. Devido ao terreno arenoso e a baixa densidade populacional, a água e os rios são de uma transparência que impressiona. Parei no Rio Vermelho e encantado com a limpidez da água, dispensei o clorin e me reabasteci. Assim que me abasteci vi uma Land Rover chegando na ponte, são raros os carros que passam por ali e obviamente que todos param ao ver um ciclista sozinho no meio daquela imensidão. Desceram do carro o Rodrigo e o Rogério, amigos que estavam viajando pelo Brasil com o objetivo de terminar sua viagem em Pirenópolis. Pararam para conversar e tirar fotos minhas e da minha magrela. Mas o que achei mais engraçado foi quando um disse – "Mãe, por favor, tira uma foto da gente!" – Então uma senhora que deveria estar deitada no banco de trás da Land Rover se levantou e sem sair do carro tirou uma foto nossa. Então antes de me despedir tirei uma foto deles para também guardar de recordação.

Confesso que foi até engraçado ver dois caras viajando pelo Brasil com a mãe de tira colo. Nessa hora imaginei a minha mãe fazendo uma viagem dessa comigo (de carro obviamente) e imaginando o quanto ela iria curtir. Mais uma dessas experiências e desejos que dificilmente passaria pela minha cabeça se não tivesse realizado essa viagem. Tá aí mais uma coisa que não posso morrer sem antes realizar.

Rio Vermelho, água cristalina e potável

Ainda restavam cerca de 40 quilômetros até a Cachoeira da Velha e meus planos iniciais eram acampar na beira do Rio Novo, deveria chegar lá durante o dia para ter tempo de armar o acampamento e até mesmo pescar minha janta. Mas devido a minha displicência, mais uma vez iria chegar de noite, já que só tinha mais um hora de luz natural. Antes de chegar a bifurcação que me levaria (a esquerda) para a Cachoeira da Velha havia um forte morro, o único trecho com asfalto da viagem. Pra piorar o parafuso do meu bagageiro quebrou novamente. Primeiro no Pantanal, o que me obrigou alterar o furo pois o parafuso quebrado ficou dentro do quadro. Agora ocorreu o mesmo e lá vou eu fazer uma nova gambiarra. A solução foi usar um "enforca gato" e forçar o suporte do bagageiro a se apoiar na peça da blocagem. Ficou muito tosco, mas foi a única maneira que encontrei para prosseguir a viagem.

Cheguei na serrinha, ela é curta mas muito inclinada, deve ter uns 20% de inclinação, tanto é que colocaram asfalto só no trecho final do morro. Subi fazendo todas as caretas possíveis, mas subi, sem descer da bike. Logo após a subida encontrei a bifurcação, embora não houvesse nenhuma sinalização, sabia que a esquerda me levaria até a Cachoeira da Velha e pra lá eu segui. Seriam 28 quilômetros no breu, sabendo que no dia seguinte teria que voltar até aquela ponto novamente para então seguir rumo a Mateiros.

Detalhe para a mãe de um deles, sendo carregada pelo Brasil

Já havia desistido de acampar na cachoeira e a dica de pouso seria dormir na Pousada Jalapão a 8 quilômetros da cachoeira. A pousada está desativada há anos, mas

Jantando na "Pousada do Pablo Escobar"

sabia que haveria um caseiro cuidando dela e segui na esperança de que me deixassem dormir lá, mesmo chegando no meio da noite. Pedalei por quase duas horas sem luz nenhuma, a não ser a dos vagalumes. O trajeto tem muitas pedras e um sobe e desce constante, quanto mais me afastava de Ponte Alta, menos vegetação encontrava, árvores eram raras, dificilmente encontraria duas, uma próxima da outra, para poder armar uma rede. Praticamente impossível acampar e apesar do cansaço segui pedalando até que finalmente avistei uma luz muito longe. Não era uma miragem e tão pouco um óvni, era a fazenda.

Cheguei no meio da escuridão e o pessoal ainda estava acordado. Pedi para o caseiro um canto para dormir e fui bem recebido, aproveitei e fiz meus miojos já que não iria pedir comida e nem me ofereceram nada. Mas fiquei feliz assim mesmo, encontrei um canto onde pude armar minha rede e não demorou para cair no sono. O detalhe curioso é que essa é a tão falada fazenda do "Pablo Escobar". Mais uma agradável surpresa da minha viagem, como já era noite, eu caí logo no sono para poder, no dia seguinte, acordar cedo e ter tempo para conhecer melhor essa famosa fazenda.

7.2 - JALAPÃO EM UMA PALAVRA: ESPETACULAR!

Serras, rios, planícies, campos, areia e muita água. Como já disse anteriormente, o Jalapão é a segunda maior bacia hidrográfica do mundo, tem uma área de 34 mil km2, do tamanho do estado do Alagoas e uma das menores densidades demográfica do mundo, com 1,3 hab/km2 e também um dos menores IDH do mundo, mas isso não quer dizer que o povo seja miserável, apenas tem um padrão de vida simples. Muitos dos moradores da região gostam do seu estilo de vida e não parecem dispostos a mudar essa realidade. Um lugar singular e com tantas particularidades que é humanamente impossível desbravá-lo em apenas três dias. Mas minha passagem pelo Jalapão foi apenas para ter uma noção da sua grandiosidade e também como uma forma de motivar mais pessoas a conhecerem esse lugar, além de despertar em mim uma vontade de retornar.

Havia chegado de noite na desativada Pousada do Jalapão, armei minha rede na escuridão, nem conseguia o que era exatamente a construção que estava, mas ao amanhecer tive a noção exata. Era uma espécie de refeitório, o problema é que parecia ter passado um tornado por ali, por sorte não choveu de noite pois tinha escolhido um lugar pouco abrigado. Tomei meu café e fui dar uma volta para conhecer o local, conferi uma construção onde deveria ficar os melhores alojamentos, vi que na varanda haviam vários ganchos para eu prender minha rede, se tivesse chegado de dia ali seria minha escolha. A fazenda é imensa, segundo a versão oficial, ela foi construída por gringos, mas ninguém sabe ao certo o que faziam ali.

Já a lenda diz que essa era uma fazenda de refino de coca do Pablo Escobar. Não sei se era isso mesmo, mas duvido que fosse algo realmente do bem. Há várias construções no local, uma espécie de casarão com quartos mais luxuosos e outra maior, com muito mais quartos mais simples, uma espécie de alojamento. Um local que poderia receber tranquilamente umas 300 pessoas com conforto, mas porque bem ali no meio do nada?

Segundo apurei, havia realmente uns americanos no local e constantemente eram vistos em Ponte Alta comprando mantimentos, sempre com dinheiro vivo. Foi quando o pessoal começou a desconfiar e o governo agiu. O pessoal mais velho diz que começaram a acontecer movimentações do exército em Mateiros e em Ponte Alta. Quando o exército invadiu a fazenda ela já estava abandonada, provavelmente perceberam a movimentação, fugiram de avião e largaram a fazenda da maneira que ela está hoje. Atualmente a fazenda pertence ao estado, segundo me disseram, quem era responsável pela fazenda é a família do Governador de Tocantins. Houve uma tentativa de transformá-la

Dormindo ao relento, ainda bem que não choveu

Dormitórios nobres da pousada. Detalhe dos ganchos, onde poderia ter dormido

lindo, parece uma mini Cataratas do Iguaçu.

Este é o Rio Novo, simplesmente o maior rio de água potável do mundo, isso mesmo, você pode beber direto essa água sem a necessidade de tratamento. Toda essa água vai desaguar no rio Tocantins muito à frente de onde estamos. Você já ouviu falar de um Rafting no Jalapão que dura dois dias? É justamente nesse rio, o pessoal acampa no meio do caminho, mais precisamente na prainha depois da cachoeira. Um cara em Taquaruçu me disse que há um caminho pelo meio da cachoeira onde a pessoa entra numa gruta e consegue cruzar o rio por dentro da cachoeira. Mas disse só para tomar cuidado, pois tem um trecho apenas mais complicado e se você cair pode morrer (hehe). Fiquei com vontade de descobrir esse caminho, mas deixei para outra oportunidade.

Cachoeira da Velha no Rio Novo

em Pousada, mas ao que parece não deu muito certo. Segundo o caseiro, parece que iriam reformá-la novamente e reabri-la como pousada. Depois de tirar dezenas de fotos da pousada, consegui sair de lá às 9 da manhã. Tinha que ir até a Cachoeira da Velha que fica a oito quilômetros dali e depois voltar tudo novamente, mais 28 quilômetros, até a bifurcação do dia anterior e de lá seguir rumo a Mateiros. Como seria uma longa jornada, não poderia esperar mais.

Cheguei rapidamente ao rio, ao chegar há duas trilhas, uma para a cachoeira e outra para a praia, fui primeiro até a cachoeira que fica na parte mais alta. Ao final da trilha há uma passarela que nos leva até bem próximo da Cachoeira da Velha, um lugar

Tentei ir por uma trilha até a prainha, deixei minha bicicleta lá na passarela e segui em frente. No começo a trilha estava tranquila, mas no meio do caminho havia uma vereda que mais parecia um brejo. Vi que seria difícil seguir pela trilha e depois ter que voltar tudo para pegar a bike, resolvi dar a volta. Voltei até a passarela e peguei minha bicicleta para seguir pela trilha até a prainha. Dá para ir pedalando por um bom trecho, mas no final você só

consegue descer por escadas. Para descer com a bicicleta eu teria que desmontar tudo, como isso seria complicado, resolvi deixar a bike lá e desci a pé, apenas com os equipamentos de filmagem. Antes de descer fui visitar o banheiro, uma bela construção que fizeram para atender as necessidades das pessoas que visitam a cachoeira. Mas esqueci que infelizmente estamos no Brasil, onde o correto seria "É público. É de todos", mas o que vale é o "É público. É de ninguém!". O banheiro imundo, totalmente depredado, mais seguro seria usar o mato, vergonha de ser brasileiro.

Praia do Rio Novo, o maior rio de água potável do mundo

Desci até a Prainha e mais uma vez encontrei um lindo visual, as águas cristalinas do Rio Novo, uma temperatura super agradável, nada das insuportáveis águas geladas que estamos acostumados em rios e cachoeiras. Acabei aproveitando que não tive tempo para tomar banho no dia anterior e me banhei ali. Sem sabão é claro. Era aqui que eu gostaria de passar a noite do dia anterior. Armar a minha barraca, usar minha varinha de pesca para tentar caçar minha janta, fazer uma fogueirinha, curtir a noite, as estrelas, mas infelizmente acabei saindo tarde e não consegui chegar aqui de dia. Já havia tomado meu banho, tirei belas fotos e precisava seguir viagem, mas antes de sair notei um cano de concreto no meio da praia, não me pergunte como foi parar ali. Quando me aproximei notei que estava lotado de lixo. Agora me diz, o estúpido que jogou lixo dentro desse cano, será que está esperando passar o caminhão lixeiro passar por aqui? Enquanto tirava a foto do lixo dentro do cano algo se mexeu dentro do cano no meio da sujeira. Não sei o que era, poderia ser um lagarto, uma cobra, mas sinceramente não tive a curiosidade de fuçar no lixo para descobrir que animal era.

Deixei a Cachoeira da Velha pra trás e segui de volta os 28 quilômetros até a bifurcação para Mateiros, trecho que havia pedalado de noite no dia anterior. O lado bom é que dessa vez consegui curtir o visual, notei que diferente do começo da estrada, ainda perto de Ponte Alta, ali haviam poucas árvores, apenas imensos campos com arbustos pequenos. Se dormisse

Quem virá recolher esse lixo jogado aí?

Banheiro vandalizado, vai entender...

na rua, teria que armar a barraca, já que dificilmente acharia duas árvores próximas para prender minha rede, a não ser que a corda tivesse uns 50 metros!

Avistei um carro ao longe e quando cheguei perto eles pararam para conversar comigo. Era o casal José Carlos e Maria José de Curitiba. Eles tinham um Ecosport (se não me engano) com uma daquelas barracas que você arma no teto. Só precisavam escolher um local para acampar, parar o carro e abrir a barraca sobre o carro. Saíram de Curitiba e estavam viajando pelo Brasil. Impressionante o semblante de felicidade deles. Eles estavam vindo de Mateiros, haviam dormido perto do Rio Novo, iriam conhecer a Cachoeira da Velha e depois voltariam sentido Ponte Alta. Nos despedimos e lá fomos nós, cada um seguindo seu rumo.

Ao estudar o caminho percebi que haveria um atalho onde eu poderia reduzir meu trajeto em mais de 10 quilômetros e segundo o GPS essa trilha estava logo adiante, mas o começo dela era a mesma areia que encontrei no Pantanal. Quer saber, entre arrastar minha bike por 10 quilômetros e pedalar 10 a mais, optei pela segunda opção. Cheguei até a bifurcação e já eram 14h50. De lá seriam mais uns 90 quilômetros até Mateiros. Ou eu acelerava ou chegaria de noite novamente. Logo no início da estrada peguei um trecho horrível com cascalhos de um lado e a pista de areia do outro, justamente onde os carros passavam. O trecho cascalhado era firme, o problema eram as enormes pedras pontudas, não conseguia encontrar uma trilha onde pudesse desenvolver mais que 10 km/h, pois tinha que ficar desviando das pedras para não danificar a bicicleta.

A única opção era pedalar sobre os cascalhos, me senti numa pipoqueira.

Por sorte o trecho era de apenas 5 quilômetros e logo a pista melhorou, virou uma terra mais firme e consegui desenvolver boa velocidade. Meu destino era a parte alta do Rio Novo, o mesmo rio da Cachoeira da Velha, onde o pessoal do Rafting costuma partir para as expedições. Mas antes dele ainda haviam muitas belezas pelo caminho, como o Rio Preto, onde parei para me abastecer com água

fresca. Quando cheguei nesse rio havia uma pick-up parada e um cara fazendo seu almoço numa fogueira improvisada. Numa panela havia arroz e uma carne, não lembro se era linguiça. Ele me convidou para almoçar e adivinhem? Comi um pratão de arroz com carne enquanto conversávamos. Ele era um guia que estava esperando um cliente que estava vindo de carro desde o Piauí, vindo pelos lados de Mateiros e de lá iria guiá-lo para alguns pontos do Jalapão. Logo depois encostou outro carro, dessa vez de uns turistas que havia conhecido em Ponte Alta.

Segui em frente e logo encontrei uma placa curiosa – "Conheça o local-filme Survaivor". Para quem não conhece, Survivor é um Reality Show da TV Americana CBS, onde diversos competidores disputam algumas provas em locais bem remotos, muito parecido com o programa "No Limite" que a TV Globo realizou algumas vezes no Brasil. As gravações do programa "Survivor Tocantins" ocorrerem em dezembro de 2008 num local próximo ao Rio Novo. Disseram-me que quando começaram as gravações, ambientalistas da região caíram de pau na produção do programa, mas acabaram espantados com a aula de sustentabilidade que levaram. Para se ter uma ideia, toda a água que a produção usava era tratada e devolvida ao meio ambiente. Olha que a água era mais pura do que a que eles usavam. Quando levantaram o acampamento ao final do programa, nem pareceu que eles estiveram por lá, não deixaram nem pegadas. Quem dera se 1% das empresas que operam no Brasil tivessem 1% da pegada ecológica da produção do programa.

Segui adiante e ainda faltava muito pela frente, não haviam grandes morros para vencer, mas o problema eram as "costelas de vaca", ondulações na pista terríveis para o ciclista. Cheguei ao Rio Novo, havia um povoado e daria até para eu acampar por lá, mas queria muito chegar logo em Mateiros ainda naquele dia, fiz uma rápida parada para algumas fotos e logo voltei para a estrada. Não demorou e comecei a avistar a Serra do Espírito Santo com seu já clássico visual espetacular, se você fizer uma breve pesquisa na internet sobre o Jalapão, com certeza verá uma foto dessa linda montanha. Queria muito chegar de dia ali para ter tempo de conhecer as Dunas, outro ponto turístico do Parque.

Quanto mais pedalava, mais a montanha crescia e mais espetacular o visual ficava. Apesar de muitos buracos na pista, conseguia imprimir um forte ritmo no pedal, meu GPS marcava 19h50 minutos e o mesmo GPS dizia que só tinha mais alguns minutos de luz natural, foi quando finalmente cheguei em frente à entrada para as Dunas. As dunas são formadas pela erosão da Serra do Espírito Santo, a montanha sofre uma ação eólica que carrega seus sedimentos para esse local, formando dunas com mais de 20 metros

Vamos dar um desconto vai.

Parte de cima do Rio Novo, o maior rio de água potável do mundo

de altura. Infelizmente da entrada até o local onde ficam as Dunas são quatro quilômetros, mesmo assim não havia mais luz. Poderia acampar ali mas queria chegar em Mateiros (30 quilômetros dali) e tentar ficar numa pousada com internet. Isso que dá querer fazer a viagem correndo, antes eu tivesse ligado o "foda-se" e curtido o Jalapão como ele merecia.

Parei para tomar uma Coca-Cola no bar em frente a entrada das Dunas e encontrei o Flávio, guia da NorteTur que estava levando umas garotas para Mateiros e haviam acabado de conhecer as Dunas. O Flávio falou para mim, ao chegar à cidade, procurar a Pousada Buriti que poderia fazer um desconto para mim e onde encontraria internet. Antes mesmo deles saírem eu parti, apesar do GPS dizer que o sol já havia se posto, sabia que ainda teria uns 20 minutos de iluminação natural e aproveitei ao máximo, consegui pedalar 11 quilômetros sem a necessidade de usar minha iluminação. Eles queriam me dar uma carona, falaram até para eu tirar minhas malas para pedalar com menos peso, já que eles estavam numa pick-up, mas o teimoso aqui quer chegar pedalando e mesmo de noite, segui em frente.

Cheguei a Mateiros e fui direto para a pizzaria do Carioca. Minutos antes de encontrar o pessoal da Land Rover no dia anterior (aqueles que estavam com a mãe), havia encontrado o Carioca que estava indo rumo a Porto Nacional. Ele disse que voltaria no dia seguinte e falou para eu comer em sua pizzaria. Ao chegar lá encontrei o Fábio e as garotas novamente, haviam até pedido uma pizza a mais para mim. Como eles já haviam terminado, me deixaram lá e seguiram para a Pousada Buriti, o Flávio disse que deixaria avisado que eu chegaria logo mais. Enquanto comia, conheci mais uma dessas figuras maravilhosas que surgiram no meu caminho e abriram o seu coração. Infelizmente não lembro o seu nome, mas era outro carioca que estava morando em Mateiros há quase um ano e trabalhava como mecânico, consertando carros e motos.

Corrida contra a escuridão

Contei minha história e logo ele começou a contar a dele. Também chegou ao Jalapão depois que resolveu viajar e sua viagem também foi motivada por uma desilusão amoroso, embora seu motivo tenha sido bem mais trágico. Ele vivia no Rio, tinha uma vida normal e estava noivo, mas pouco antes do casamento, sua noiva sofreu um acidente de carro e veio a falecer. Sem saber o que fazer resolveu abandonar tudo e cair na estrada, viajando pelo Brasil. Passou por várias cidades e acabou chegando a Mateiros onde foi muito bem acolhido. Com sua moto desbrava a região e vivia sua vida de uma forma relativamente feliz. Disse que apesar de amar o Jalapão, estava com vontade de voltar para a estrada. Voltar ao Rio de Janeiro? Não, ainda não, nem vontade de rever sua família, parentes e amigos.

Despedi-me e senti uma grande tristeza e me considerei uma pessoa abençoada por não ter passado por algo tão doloroso como ele. Cheguei na pousada e realmente possuía Wi-fi e assim pude abastecer meu blog com mais textos e imagens fantásticas. Fui descansar para curtir um pouco mais o Jalapão de uma forma diferente.

Cachoeira da Velha - Parque do Jalapão - TO

Serra do Espírito Santo - Parque do Jalapão - TO

7.3 - UM DIA DE TURISTA

Carona no carro do Flavio

Desmontei a bike. Quando digo desmontar não é no sentido literal, como os alforjes são de difícil fixação, raramente eu os tirava da bicicleta. Geralmente arrancava apenas os da frente onde guardava roupas e assessórios de higiene. Mas esse dia eu queria pedalar sem peso, pois passaria o dia pedalando e voltaria para a pousada novamente. Mateiros está na "ponta" do Jalapão, olhando um mapa, Ponte Alta está a oeste (esquerda) e Mateiros a leste (direita). Para contornar o parque eu deveria ir até Mateiros, subir rumo a norte e depois começar a retornar novamente a oeste fechando o círculo em Ponte Alta.

Queria nesse dia visitar a Cachoeira do Formiga, o Camping do Vicente, o Fervedouro Mumbuca e a comunidade Mumbuca, um antigo quilombola onde nasceu o artesanato do Capim Dourado. Levantei cedo, tomei um café na pousada e encontrei o Flávio com as turistas que ele estava guiando, eles haviam madrugado para escalar o Morro do Espírito Santo, um mirante lindo que tem logo após aquela formação rochosa adiante as dunas, queriam contemplar o nascer do sol lá do alto. Mais uma que me arrependi, poderia ter pego uma carona com eles.

Bem, quando estava tomando café eles estavam me contando como foi escalar o morro e o visual lá de cima, só me deixaram com mais peso na consciência. Depois de conhecer o Morro do Espírito Santo eles iriam fazer um trajeto parecido com o meu, a diferença é que não iriam visitar a comunidade Mumbuca, pois já haviam feito isso no dia anterior. Enrolei mais um pouco e parti depois deles. Seriam 25 quilômetros de estrada principal e mais seis quilômetros até a Cachoeira da Formiga. A estrada principal é cascalhada, mas minha preocupação era com os seis quilômetros até a cachoeira, provavelmente seriam de areião. O visual é ainda mais deslumbrante, a esquerda eu via a Serra do Espírito Santo, a mesma que contornei no dia anterior e a direita algumas montanhas, uma mais linda que a outra. Havia uma que parecia ter um forte de pedra no alto da montanha, fico imaginando que há muitos lugares ainda intocados nessa maravilha de lugar.

No caminho o Flávio e as meninas passaram por mim e corri para chegar não muito depois deles, pois pretendia aproveitar a carona na volta. Cheguei ao acesso da cachoeira pra confirmar meus medos era de areião. Mas graças às chuvas e a bike sem peso, o solo estava bem compacto e consegui pedalar até que rápido. Mesmo assim sempre é muito desgastante pedalar naquela areia. Cheguei a Cachoeira do Formiga e lá estavam eles, haviam acabado de sair do carro, levaram até um susto por eu ter chegado quase junto deles. Tive que pagar cinco reais e lá fui eu conhecer essa cachoeira. Simplesmente fiquei espantado, parecia uma piscina com neon ao fundo, a água era de uma transparência absurda! O leito do rio é formado por um calcário que dá um tom esverdeado. Dei um mergulho no rio e outro espanto, nada daquele gelo comum na maioria das cachoeiras, a temperatura da água era muito agradável.

As meninas me emprestaram um óculos de natação e conseguia ver as pessoas com perfeição do outro lado do lago, até os peixinhos nadando em volta de mim. Era tão transparente que você fica com a ilusão de era tudo raso, só que não. Ficamos quase uma hora curtindo a cachoeira. Seria possível até acampar na cachoeira, ficava imaginando como deveria ser nadar ali a noite, imaginem a luz do luar sobre a cachoeira? Outro guia estava preparando um churrasco para os turistas que ele havia levado, até me convidou para comer com eles e confesso que fiquei tentado. Agradeci, pois no dia anterior o Flávio havia feito o convite para eu almoçar com eles no Camping do Vicente e resolvi aceitar a carona. Coloquei minha bike na caçamba e seguimos até o camping. Ao chegar, enquanto o almoço caseiro não ficava pronto a curtição foi tomar uma cervejinha e ouvir as histórias do "Junior" o filho do seu Vicente.

A melhor foi de quando seu pai encontrou um Lobo Guará na estrada. Estava na estrada a uns 10 quilômetros de casa, voltando de moto quando, no meio da estrada seu pai avista um grande Lobo Guará parado bem na frente dele. Seu Vicente parou a moto e ambos ficaram se encarando. Ameaçou ir para um lado e o lobo fez o mesmo. Ameaçou ir para o outro e o lobo foi em sua direção. Foi quando ele resolveu acelerar em cima dele para ver se o lobo saia da frente. Ao se aproximar o lobo ele saiu para o lado e deu um salto em direção a moto, esticou a pata na

Cachoeira do Formiga

Almo;o no Camping do Vicente

altura da barriga do seu Vicente como se o agarrasse por de trás. Seu Vicente acelerou muito com o lobo grudado nele, quando estava chegando próximo ao seu camping o lobo deu dois tapinhas na barriga dele. Seu Vicente parou a moto, o lobo desceu, fez sinal de obrigado e entrou no meio da mata...

Vocês têm que levar em consideração que faz parte da cultura do povo da região dar carona para qualquer um que estiver sozinho na estrada.

Depois de um belo almoço ainda desci para ver o Rio Formiga, o mesmo da cachoeira, que passa na divisa do seu camping. As características são as mesmas da cachoeira, água cristalina e fundo esverdeado por causa do calcário. Nos despedimos e seguimos para a última atração do dia, o Fervedouro Mumbuca que fica a uns 5 quilômetros do Camping, na entrada da estrada que me levaria até o Quilombola. Chegamos ao fervedouro e novamente outra visão deslumbrante. O fervedouro nada mais é que uma nascente, as águas das chuvas dessa época do ano abastecem os aquíferos subterrâneos e esses buscam pontos mais frágeis no solo para expelirem sua água. O Jalapão é uma região muito arenosa, suas montanhas esfarelam e são esculpidas com a ação dos ventos, a vegetação é rasteira, nada de grandes florestas ricas em sedimentos. É tanta areia que dentro do parque, nas regiões mais isoladas podemos encontrar até areia movediça.

Tentando me manter em pé no Fervedouro Mumbuca

Quando um aquífero encontra esses sistemas mais frágeis, criam-se esses fervedouros, onde a água verte criando um mini lago. No meio do fervedouro dá para ver o ponto exato por onde a água surge e o movimento da areia dá essa sensação de que a água está fervendo, mas fiquem tranquilos, a temperatura da água é a mesma da cachoeira, mais agradável impossível. Peguei uma vara com mais de 5 metros, enfiei dentro do buraco e não consegui encontrar nenhuma resistência, nem dá para saber a profundidade exata. Entrava no meio do buraco e ficava de pé, apenas me equilibrando para não ser derrubado pela força d'água. O único inconveniente era a areia que

entrava em tudo que era buraco do corpo (literalmente).

Os fervedouros são ambientes frágeis, neste em questão permitem no máximo cinco pessoas por vez. Como não era uma época de muito movimento de turista (o forte é julho), curtimos bastante o lugar. Há centenas de fervedouros espalhados pelo Jalapão, alguns tem uma força da água ainda maior, outros parecem simples nascentes, aquilo que havia conhecido não é nem 1% das possibilidades do Parque.

Impressão de que a água esta fervendo, dai o nome "Fervedouro"

Já estava ficando tarde e não daria tempo para visitar a comunidade Mumbuca, então resolvi aceitar a carona e voltar com o pessoal para Mateiros. Não dá para vir ao Jalapão com poucos dias se você quiser conhecer o local pra valer. Sempre que faço minhas viagens raramente me arrependo de ter conhecido algum local. Embora nem todos sinto o desejo de voltar, sempre haverá aqueles locais tão especiais que faço questão de retornar e o Jalapão é um desses que voltarei, não uma mas várias vezes. E quem sabe na companhia do meu moleque, esse que espero ser um dos melhores parceiros de viagens, seja de carro, a pé e principalmente de bicicleta.

7.4 - O CAPIM DOURADO

Havia uma senhora conhecida como Tia Agda que morava em Mateiros. Ela começou a fazer uns potes usando o Capim Dourado, uma espécie de Sempre-Viva, abundante nas veredas do Jalapão, que tem como particularidade o seu tom dourado. Eram potes lindos e chamavam atenção pelo seu brilho, mas ela não fazia para vender, sim para uso pessoal. O acesso a Mateiros era difícil por terra, por isso era mais comum as pessoas chegarem de avião. Os pilotos impressionados com os belos potes passaram a pedir para a Tia Agda fazer chapéus. Assim os pilotos colaboravam com a renda da Tia Agda e de certa forma ajudavam a divulgar os belos produtos de Capim Dourado.

O tempo foi passando, algumas pessoas começaram a descobrir essa forma de artesanato e os pedidos começaram a surgir. A irmã da Tia Agda, que vivia no Quilombo Mumbuca a uns 40 quilômetros de Mateiros, também aprendeu e levou a arte para o quilombola. Ela repassou para sua filha, a Dona Miúda, que acabou sendo a mais conhecida como precursora do artesanato do Capim Dourado. Hoje há centenas artesãos, tanto no Quilombo como em Mateiros, que vivem apenas da arte do Capim Dourado. O Capim Dourado não é exclusividade do Jalapão, pode ser encontrado em Minas, na Bahia, Piauí, mas seu artesanato nasceu aqui e segundo os artesãos de Mateiros, o Capim Dourado que nasce no Jalapão é de melhor qualidade do que os encontrado nos demais estados.

Essa história foi contada por vários personagens que encontrei em Mateiros. Sei que faltou a opinião do pessoal da Comunidade Mumbuca, pois sabe como é, cada um conta a história puxando a sardinha pro seu lado. Há uma lei estadual que proíbe a saída do Capim Dourado in natura do estado, ele só pode sair como artesanato. Uma forma de proteger os artesões já que o artesanato movimenta muito dinheiro na região e de uma forma socialmente mais justa.

Era para eu ter seguido viagem nesse dia, mas o cansaço pediu para eu ficar mais um dia e aproveitei para pesquisar a história do capim. Do Jalapão até São Paulo começaria uma corrida de volta para casa, dias onde a angústia e a ansiedade quase me destruíram. Por isso todo Cicloturista deve ter como regra o conselho que o Yanko de Campo Grande me passou, "temos que viajar um dia de cada vez". Dia de folga, de passear por Mateiros e saber mais sobre o Capim Dourado. Primeiro passei na pizzaria e bicicletaria do Carioca. Isso mesmo, o carioca tem uma espécie de bicicletaria comunitária, se for só fazer um ajuste, você mesmo pega a ferramenta, conserta a bike e segue pedalando. Lá não havia almoço e me mandaram para o restaurante da Dona Rosa. Chegando lá conheci um casal de holandeses que moram num Motor home e estavam viajando o mundo, a Karin e o Coen. Conversamos muito, eles haviam

Um festival de criatividade com o artesanato do Capim Dourado

passado por algumas regiões que eu passei, pelo Pantanal, Xingu...

Eles tinham um sério problema, queriam ficar no Brasil por mais tempo, mas pela lei eles deveriam sair do país por seis meses e só depois voltar com visto de dois ou cinco anos se não me engano. O visto deles estava vencendo e eles estavam a caminho do Suriname para passar uns meses e poder retornar ao Brasil. A pergunta que eu fiz é a mais óbvia, como eles fazem para se manter e disseram que a Karin escreve para algumas revistas enquanto o Coen é fotógrafo. Com esses dois trabalhos eles conseguem se manter na estrada sem a necessidade de patrocínios. Aliás, fotografia é uma boa dica para que o ciclista possa se manter, há um grande mercado de imagens para livros didáticos e publicitário que podem nos manter na estrada.

Holandeses Karin e Coen

Voltei a Dona Rosa e lá disse que queria comprar um chapéu mas sabia que não seria barato. Chamaram um cara para me mostrar uns produtos e odiei a abordagem dele. Primeiro que me apresentou uns produtos mal trabalhados e com preço salgado, queria 100 reais num chapéu horrível e ficava me empurrando como se fosse obrigação minha comprar. Quase fui grosso ao dispensá-lo e dei atenção a simpaticíssima Dona Rosa que me fez companhia durante o almoço. Ela me mostrou uma "cobra-cabelo", não lembro direito a lenda, mas dizem que aquilo era um cabelo que acabou virando uma cobra. Pra mim isso não passa de um verme que alguém achou no ralo de um banheiro.

Me despedi da Dona Rosa e fui atrás do pessoal que faz o artesanato do Capim Dourado. Primeiro a Dona Rosa me indicou o seu Otacílio, ele produz e revende o artesanato do Capim Dourado. Ele me pareceu uma espécie de atravessador, pois segundo ele, remete encomendas até para a Europa. Não sei se ele tem um monte de crianças trabalhando ao estalo do chicote, mas ele me pareceu ser mais uma pessoa que facilita a venda dos produtos dos artesãos. Não podemos deixar de levar em consideração que há pessoas que são ótimas para produzir, mas péssimas para vender. Ele não tinha um chapéu e me indicou a Dona Gildete. Mateiros é pequenina, dava para ir de uma casa a outra a pé, de bike então mais fácil ainda. Cheguei na casa da Dona Gildete e a peguei com a mão na massa. Me convidou para entrar, serviu café e começou a me contar a história do Capim Dourado. Ela é neta (ou bisneta) da Tia Agda que contei lá no começo do capítulo.

Fiquei um bom tempo conversando e admirando sua habilidade. Ela me mostrou um chapéu de Capim Dourado lindo. Fiquei imaginando chegar a São Paulo com um desses na cabeça, mas ele não só é pesado como não tinha um encaixe muito bom (sim, sou literalmente cabeçudo).

Dona Gildete tecendo com o Capim Dourado

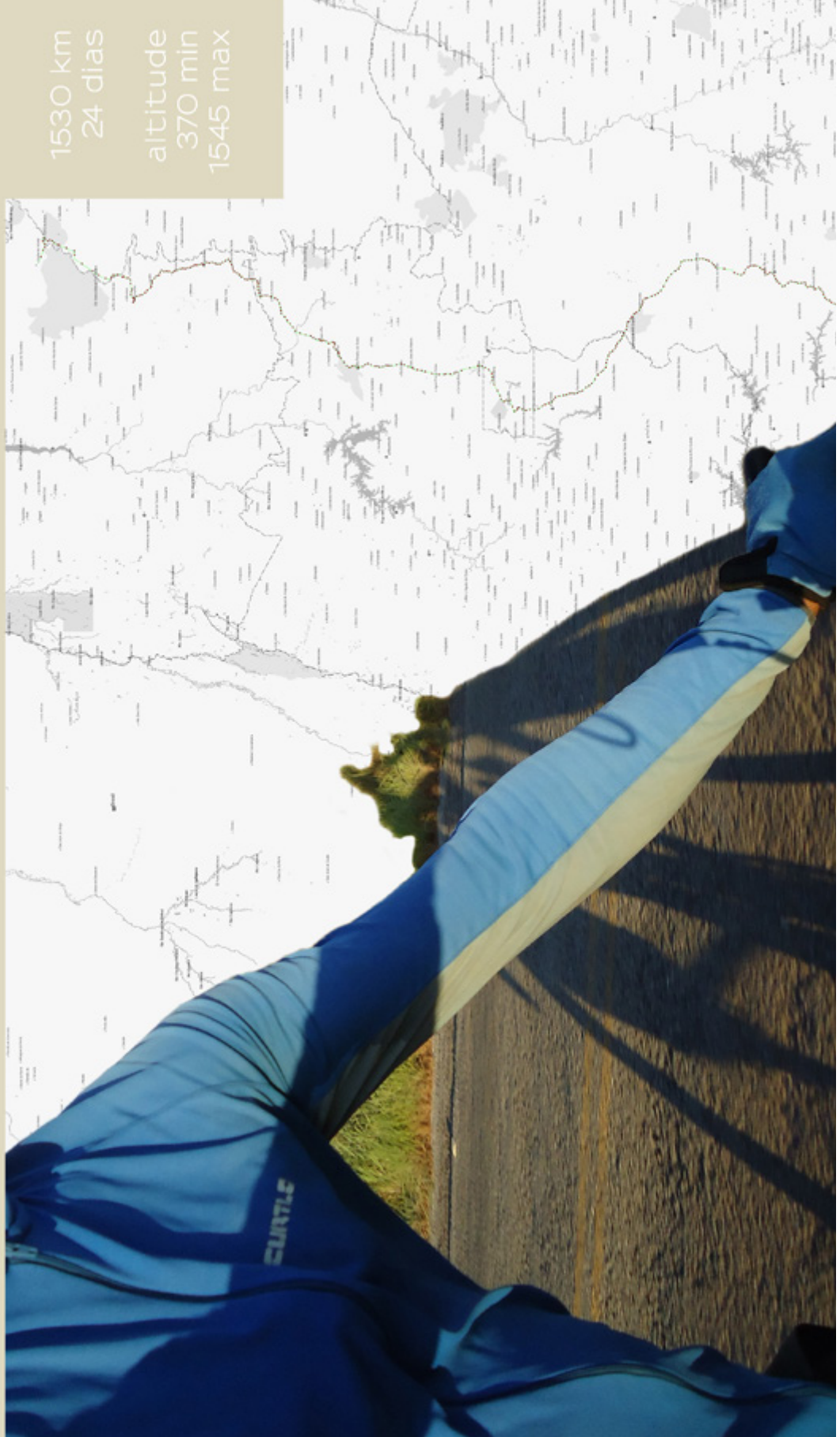
O correto seria fazer um sob medida, mas não tinha tempo para isso e comecei a pechinchar esse mesmo. Para se ter uma ideia, numa rápida busca na internet enquanto escrevia esse capítulo, encontrei um chapéu por 120 reais e mesmo assim não era tão bonito quanto o meu. Depois de muita choradeira a Dona Gildete fez por 50 reais! Lembrando que paguei uns 20 reais nuns brincos que eu havia comprado em Taquaruçu, pois segundo o cara que trabalhava na cachoeira, em Mateiros seria muito mais caro...

Despedi-me e saí todo feliz, sem o Chapéu pois ela ainda iria fazer um laço com seda de buriti para ele não sair voando da minha cabeça com o vento. Fui então para a Casa do Artesão, uma associação comunitária onde os artesões podem apresentar seus produtos diretamente aos turistas. No caminho fui abordado pelo chato que queria me empurrar aquele chapéu feio por 100 reais. Como ele me viu saindo da casa da Dona Gildete, perguntou se tinha comprado o chapéu e por quanto ela me vendeu. Respondi "Vinte reais" e saí andando. Na casa do artesão vi produtos lindos, tinha umas bolsas muito loucas, queria comprar uma mas custava uns 150 reais. Até tinha esse dinheiro mas precisava economizar para poder chegar a São Paulo sem ficar pedindo dinheiro a galera. Então eu deixei todos os dados de entrega e fiquei de depositar o dinheiro quando estivesse em São Paulo. Comprei alguns produtos mais baratos e fui embora.

Consegui meu chorado Chapéu de Capim Dourado

A noite chegou, voltei para a pousada para montar as tralhas e deixar a bicicleta no esquema para sair cedinho de Mateiros e me despedir do Parque do Jalapão.

Fervedouro Mumbuca - Parque do Jalapão - TO



8 – O CERRADO BRASILEIRO

Apesar de já ter pedalado um longo trecho pelo Cerrado, vou dedicar esse capítulo ao terceiro bioma da minha viagem. Sabia que se seguisse mais 200 quilômetros a leste, depois da divisa entre Tocantins e Bahia estaria na Caatinga, mas a saudades de casa estava impedindo que eu aumentasse minha viagem.

O Cerrado é a segunda maior formação vegetal brasileira, originalmente numa área de 2 milhões de km2, hoje restam apenas 20% da formação original. A causa da devastação é como sempre a expansão agropecuária. Com o total desrespeito ao antigo Código Florestal e ao estímulo ao desmatamento que o novo código trouxe, teremos no futuro o Cerrado avançando sobre regiões que antigamente eram de Floresta Amazônica, consequentemente alavancando as mudanças climáticas.

O Cerrado tem uma diversidade em sua fauna impressionante, são mais de 1500 espécies conhecidas, embora eu só conseguisse constatar essa mudança da fauna observando as carcaças atropeladas na estrada. Uma das particularidades do Cerrado são as queimadas, diferente das queimadas amazônicas onde 100% delas são criminosas, no cerrado ocorrem algumas queimadas naturais. Algumas sementes de árvores do Cerrado só germinam sob forte calor e é comum encontrar árvores totalmente chamuscadas, mostrando que sofreram ação do fogo recentemente, mas com folhas verdes brotando.

Comecei a pedalar em Cerrado desde que entrei no Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas. Apesar do Pantanal ser um bioma próprio, sua vegetação é característica de cerrado. Já em Mato Grosso, desde a cidade de Poconé até Sorriso, pedalei por cerca de 600 quilômetros dentro desse Bioma, antes de entrar em Floresta Amazônica. Desde que cruzei o Rio Araguaia pedalava apenas por Cerrado. Dali teria uns 1000 quilômetros até o próximo bioma a Mata Atlântica, já na divisa de Minas com São Paulo. Esse seria o maior trecho de Cerrado puro que percorreria na viagem, por isso nada melhor do que dedicar esse capítulo a ele.

8.1 – ENFIM, PEDALANDO EM DIREÇÃO AO SUL, DE VOLTA PARA CASA

Hora de me despedir do Jalapão e seguir pela primeira vez rumo ao sul, a partir desse dia a distância da minha casa iria diminuir de forma sensível dia a dia, só que não... Mais uma vez enrolei demais para sair e parti de Mateiros pouco antes do meio dia. Durante toda a viagem e ainda alguns meses depois do seu final eu ainda mantinha as esperanças de retomar meu casamento e isso só me trouxe prejuízos, não apenas na viagem mas em minha vida como um todo. Aconteceram diversas coisas nesse meio tempo e a cada desilusão ou dificuldade, mais eu entrava em parafuso e colocava em risco minha viagem. Os próximos dias foram extremamente penosos, pedalava em depressão, mesmo passando por lugares maravilhosos, não conseguia me entregar ao lugar como deveria. A partir desse dia comecei a fortalecer a ideia de desistir de tudo e voltar logo para casa.

Saindo de Mateiros eu deveria rumar a leste, meu destino era a Pedra da Baliza, que marca as divisas entre Bahia e Tocantins. Não acreditem nos caboclos da região, pois para eles lá é uma tríplice divisa, incluindo o Piaui. Mas essa tríplice divisa está muito longe dali, pelo menos a uns 80 quilômetros ao norte. O dia seria difícil, seriam uns 210 quilômetros até Dianópolis, impossível de chegar lá num único dia (ainda mais saindo tão tarde), pois o trajeto era por terra e muita areia. Então me programei para dormir na Vila de Panambi a uns 80 quilômetros de Mateiros. Sabia também que teria problemas com água, pois conforme me afastava do Jalapão os rios de água limpa começaram a ficar raros e já sabia que da Pedra da Baliza até a vila de Panambi não haveria pontos de água já que estaria no alto de um chapadão, possivelmente seria obrigado a utilizar minhas reservas. Depois dos perrengues que passei por causa da falta de água, passei a levar duas garrafinhas cheias de água dentro dos alforjes, uma espécie de reserva estratégica. Caso acabasse a água do meu garrafão e das duas garrafinhas que eu levava na bike, me restariam algumas horas de água que deveria racionar.

Rumo a divisa de Tocantins com a Bahia

Parti e com 10 quilômetros comecei a ver o Parque do Jalapão ao longe, já estava com saudades desse paraíso. À frente via umas formações belíssimas, mais um chapadão que parecia ter sido esculpido com uma régua. É para lá que eu vou! Com 20 quilômetros cheguei na pousada Galhão. Ela estava sendo reformada e haviam várias pessoas trabalhando. Estava ameaçando chover, então eu encostei e pedi um canto para poder me abrigar da chuva e comer. Acabaram me convidando para comer com eles, fui até a cozinha e me esbaldei, comi muito até porque só teria algo para comer lá em Panambi, muito longe dali.

A chuva passou e voltei para a estrada, enchi todas minhas reservas de água, pois esse era o último ponto com água antes da Vila Panambi, já que atrás da pousada passava justamente o rio que dá nome a ela. A estrada, até então agradável, ficou muito ruim por causa das costelas de vaca. Segui desviando da chuva e subindo, contornando a montanha para acessar a parte de trás do chapadão. Nessa região pude comprovar os sinais das queimadas naturais. Não haviam fazendas, pastagens, mas mesmo assim era comum encontrarmos as árvores retorcidas, comuns no Cerrado, todas chamuscadas, mesmo com tanto verde em volta.

Subi bastante, uma longa e suave subida até avistar a Pedra da Baliza. Achava que iria encontrar uma montanha tipo a Pedra do Baú em Campos do Jordão, mas bem no cruzamento da estrada havia a sinalização de que estava na Pedra. Uma placa apontava o Piauí a esquerda e Dianópolis (Tocantins) a direita. Acho que por isso que o pessoal dali dizia ser uma tríplice fronteira, embora o Piauí estivesse muito longe dali. Mas meu destino era ao sul e antes de sair fui conferir de perto essa tal Pedra da Baliza. Uma formação rochosa de uns 4 metros de altura que tem o formato de uma caixa, ou uma baliza como o nome já diz. Tirei algumas fotos, voltei para a estrada e levei um susto. Era um areião bravo, lembrei na hora do meu sofrimento no Pantanal. Mas para piorar, diferente do Pantanal que é totalmente plano, ali eu teria que subir e descer morros no meio do areião.

Seria pouco mais de 40 quilômetros até a Vila Panambi e já eram 18h00, tinha apenas mais duas horas de luz natural. Não havia uma alma sequer, só avistei um único carro na estrada que nem passou por mim, acabou entrando numa fazenda. Queria encontrar alguém para conversar, chorar, pedir ajuda, qualquer coisa servia, mas como não havia ninguém encarei uma longa e perigosa descida na areia. Apanhei muito, levei uns tombos, mas cheguei na baixada onde havia um banhado. Como ainda tinha uma boa reserva de água resolvi não misturar, até porque a água não parecia muito boa.

Pedra da Balisa

O pedal estava cansativo, desanimava pedalar, peguei muita chuva, muita lama

Mais areião e mais sofrimento

no caminho, desci muito e sabia que teria que subir muito. Vontade de parar, deitar e esperar o mundo acabar, mas precisava seguir. Vocês não têm noção do quanto é difícil lutar contra a mente. Você até percebe que tem forças, mas parece que todo seu corpo conspira contra você. Segui subindo entre a lama, areia, muita dor, mas subi. Sempre que começava a entrar em desespero, lembrava do meu filho, imaginava o sofrimento dele caso seu pai desistisse da vida, então uma força literalmente estranha surgia e minhas pernas giravam sem parar. Subi 130 metros de desnível na areia e avistei uma longa e infinita reta com cerrado virgem de ambos os lados. Já ameaçava escurecer e lá ao longe vejo movimentação de carros.

A pista no alto do chapadão ficou melhor e o pedal voltou a render, noto que mais à frente o Cerrado dava lugar a plantações de soja, longas planícies de soja lembrando o oceano verde do Mato Grosso. Saí do deserto e entrei na civilização, melhor, cruzei uma fronteira agrícola, sabia que a Vila de Panambi estava adiante. A estrada estava péssima por causa da chuva e o estrago causado por caminhões e tratores, mas fui seguindo evitando ao máximo as grandes poças de lama. Num certo momento não teve jeito, tive que cruzar mini lagos de lama na estrada e enchi minha bicicleta de barro, mas já avistava a Vila Panambi logo a frente, cheguei e ainda com luz natural. De repente um cara de moto encosta ao meu lado e começa a conversar comigo. Ele me deu a dica de ficar no restaurante da Dona Ângela e que seria bem provável que eles me deixassem dormir na varanda do restaurante deles.

Divisa do Cerrado virgem com o cultivo da soja

Não demorou e chegamos na vila de Panambi, o sol já havia se posto, mas restavam alguns minutos de claridade. Notei que não havia nenhuma luz acessa e ao chegar ao restaurante, o motoqueiro que infelizmente esqueci o nome, me apresentou o seu Domingos, marido da Dona Ângela. Contei minha história e obviamente não me negou pouso, fez até um preço fechado de 15 reais incluindo janta e café da manhã para eu ficar ali. Teria comida, pouso, banheiro por 15 reais? O que eu iria querer mais? Aproveitei o

pouco de luz que havia para limpar minha bike e minhas tralhas com uma mangueira. Depois tomei banho frio já que o dia foi de muita chuva e tempo nublado. O banheiro deles até tinha chuveiro elétrico, mas com a falta de energia, de nada ele adiantou. Até já estava acostumado aos banhos frios, mas o maior problema foi me limpar na escuridão.

Mais tarde chegou uns amigos do casal para jantar. Ficamos todos de papo enquanto a Dona Ângela fazia o jantar. Logo me chamaram para comer, montaram uma mesa à luz de velas lá dentro do restaurante. Tudo bem que minha fome era enorme, mas que delícia a comida daquela baiana! Até o ovo frito era divino, não cansei de elogiar sua comida e mais tarde acabei descobrindo o segredo daquela maravilha que contarei no capítulo seguinte.

Já havia armado minha rede, estava morrendo de sono, mas os amigos do casal estavam animados com a conversa. Fiquei ali deitado na rede, envolto no saco de dormir ouvindo e participando da conversa, até que não resisti, pois o sono foi mais forte do que eu. Adormeci como um anjo, a energia daquele local me contagiou, me senti protegido e em casa. Precisava muito me sentir acolhido e nem eles imaginam o quanto essa curta passagem pela Vila Panambi me fez bem.

8.2 – UMA CASA COM LUZ PRÓPRIA

Acordei com a luz do sol já que dormi na varanda do Restaurante da Dona Ângela. Fiquei ali deitado na rede tomando coragem para me levantar, mas não demorou e apareceu o Seu Domingos, enquanto ele se preparava para ir trabalhar me contou a história do lugar. Disse que aquela é uma região esquecida justamente por se tratar de uma divisa de estados. Tocantins queria fazer uma estrada asfaltada ligando Dianópolis até Mateiros e o mais lógico seria passar por ali, mas como tecnicamente a região faz parte da Bahia e o governo Baiano só aparece lá para recolher impostos dos fazendeiros (segundo os próprios moradores do local), o povo de lá acaba vivendo num limbo.

Se há algum governo que dá alguma assistência ao local é o governo do Tocantins, sua estrada asfaltada seguiu apenas até a fronteira, não chegou lá por falta de acordo com o estado da Bahia. A luz vem de Dianópolis, instalada pelo governo de Tocantins, mas o ICMS, quem cobra é a Bahia, algumas fazendas recolhem mais de um milhão de impostos para o governo da Bahia que nada fez pela região. Parece que o governador de Tocantins havia prometido que iria fazer a rodovia por conta própria, mesmo se fosse obrigado a invadir área da Bahia. Quatro anos depois continuava tudo na mesma e pelo visto vai continuar assim por muito tempo. O papo foi curto, logo o

Minha pousada na varanda do restaurante da Dona Ângela

seu Domingos se despediu e foi trabalhar. Enquanto eu tomava café, fiquei conversando com a Dona Ângela e fiquei impressionado com a sua história.

Seu Domingos é de Porto Nacional – TO, já a Dona Ângela é baiana. Casaram e mudaram para Panambi já havia uns 15 anos para trabalhar em uma das fazendas de soja da região, seu Domingos como tratorista e ela como cozinheira. No começo ela cozinhava para duas pessoas, mas a fazenda foi crescendo, a produção também e de repente ela cozinhava sozinha para 200 pessoas. Claro que sem ganhar um real a mais, praticamente trabalho escravo. Eles construíram uma casinha na Vila de Panambi, já com os filhos pequenos. Em algumas épocas eles passavam dias longe dos seus filhos, deixando-os sozinhos na vila já que não conseguiam ir todos os dias da fazenda para casa. Com muito esforço o casal comprou uma moto, assim passaram a voltar todos os dias para casa e cuidar dos filhos.

Dona Ângela é uma cozinheira maravilhosa, foi uma das comidas mais divinas que comi em minha vida. Seu marido, vendo o sofrimento da sua esposa e da família resolveu levantar outra casa para eles, num terreno maior e construir também um restaurante, assim sua esposa poderia ficar em casa, cuidando dos filhos, enquanto ele seguia trabalhando. Eles até ganhariam mais dinheiro com os dois trabalhando juntos, mas quem disse que dinheiro era o mais importante para eles? Qual sacrifício não vale a pena ser feito para trazer paz e alegria para a pessoa que você ama? Naquela época o marido continuava trabalhando nas fazendas enquanto a Dona Ângela cuidava apenas do restaurante. Os filhos cresceram e foram morar em Porto Nacional para poder estudar, atualmente se comunicam com os pais via internet. Mesmo podendo trabalhar com ele na fazenda e ganhar mais, ela estava tão feliz com seu simples restaurante que seu marido nem cogitava a hipótese dela voltar para a fazenda.

Depois que ouvi a história deles, imediatamente me lembrei de uma época em meu casamento, quando ambos lutavam pelo bem estar do outro, algo que em um momento simplesmente acabou, esse foi um dos principais motivos da minha primeira separação (e deve ser o de muitas outras por aí).

Infelizmente sou um homem muito diferente do padrão que existe por aí, sempre fui um cara que só consegue trabalhar com motivação e depois de uns anos só conseguia encontrar essa inspiração na bicicleta, mas como é difícil descobrir como transformar minha paixão em dinheiro e estabilidade, algo que 99% das mulheres do mundo, por mais independentes que digam ser, esperam de um companheiro. Um homem falar para sua esposa – "Larga tudo e se concentra no seu sonho de ser bióloga astrofísica enquanto isso eu seguro as pontas aqui" –é até normal, conheço muitas pessoas que já fizeram isso. Agora encontrar uma mulher que diga – "Se concentre em fazer com que essa sua paixão por bicicleta vire dinheiro enquanto eu coloco comida em casa" – isso sim é muito raro de se encontrar. Até porque não é toda mulher que consegue segurar a pressão, principalmente quando vem dos familiares que consideram um "absurdo" ver uma mulher sustentando um "vagabundo", mas acham normal um homem transformar sua esposa numa dondoca, vai entender...

Depois de tantas reflexões, a única conclusão que cheguei é que se não for para ter uma pessoa ao meu lado disposta a se sacrificar por mim, mais ou menos como o Seu Domingos

fez pela sua mulher, prefiro ir atrás do meu sonho sozinho, mesmo que eu morra sem atingi-lo. Estar com alguém que não acredita (de verdade) nos meus sonhos nunca mais. Depois de ouvir a história da Dona Ângela, comecei a contar a minha, contei detalhes da minha separação, do meu sofrimento com tudo aquilo e principalmente da saudade do meu filho. Logo notei uma lágrima escorrendo dos seus olhos, possivelmente ela estava relembrando do sofrimento que ela deve ter sentido por deixar seus filhos sozinhos em casa enquanto tinha que trabalhar. Falar com o coração me faz sofrer, sempre que me lembro desse momento meus olhos se enchem de lágrimas, mas não deixa de ser libertador. Percebi que abrir o coração, perdoar, aceitar e dividir os sentimentos que te trazem dor faz parte do processo de libertação de um passado que não volta mais e faz com que você se compreenda melhor. Lições como essa só nos fará superar mais facilmente todos os momentos dolorosos que ainda iremos passar.

A Iluminada Dona Ângela

Dona Ângela foi mais uma das pessoas maravilhosas que surgiram em minha vida para deixá-la melhor. Encerramos nosso papo, tomei um maravilhoso café da manhã, terminei de arrumar minhas tralhas e com os olhos cheios de lágrimas abracei forte a Dona Ângela e voltei para a estrada. O GPS dizia que 1300 quilômetros me separavam da minha casa, era bom ver a distância diminuindo dia a dia. Deixei a Vila Panambi e numa estrada de terra cercada por soja e milho, segui rumo a Dianópolis. No caminho ainda tive a sorte de ver um casal de lobinhos cruzando a estrada e se escondendo no milharal, enquanto isso grandes máquinas pulverizadoras despejavam agrotóxicos defensivos agrícolas nas plantações.

O trajeto era absurdamente plano, ao menos era a sensação que eu tinha, estava no alto de uma montanha que parece ser cortada no facão, fico imaginando qual foi a ação da natureza que esculpiu esse platô no alto de uma montanha com mais de 100 quilômetros de comprimento. Mas, apesar de parecer plano, havia uma leve inclinação, quando terminei de subir o morro do dia anterior e alcancei retão do cerrado estava a 744 metros. Cem quilômetros adiante, quando iniciei a descida da serra, atingi 900 metros, portanto esse retão tinha uma inclinação de 0,15%, imperceptível.

Restavam ainda uns 60 quilômetros de terra até chegar ao asfalto, e desde a Pedra da Baliza não havia rios cortando a estrada, só encontraria um rio quando estivesse a quinze quilômetros de Dianópolis, por isso se fez necessário completar todas minhas reservas de água e usá-las com cuidado para não correr riscos. O terreno, ora era de lama, ora de areia e alguns momentos com muitas pedras sem o trilho dos carros, um perigo para os meus pneus. Logo cheguei

Máquinário despejando agrotóxicos na soja

ao asfalto e avistei a Garganta do Diabo a minha esquerda, uma diferente formação rochosa, obviamente causada pela erosão das montanhas formando essas curiosas estruturas, similares a Pedra da Baliza. A formação não é a das mais bonitas, mas como a beleza está nos olhos de quem vê, fico imaginando a alegria de um geólogo ou um paleontólogo. Aquele lugar, deve esconder bilhões de anos de magnífica história. Quem trabalhou na construção dessa estrada foi o Dunga, meu anfitrião em Palmas, ele contou um pouco da história das estradas de Tocantins, que começaram a ser construídas depois da criação do estado no ano de 1988. Fazendo uma comparação com o Mato Grosso, onde só há rodovias pavimentadas nas regiões mais ricas e geralmente são rodovias federais, o Estado de Tocantins está repleto de rodovias pavimentadas em sua maioria estaduais. Excetuando a região do Parque do Jalapão, só pedalei por boas e tranquilas rodovias estaduais em minha passagem pelo estado.

Segundo o Dunga, aquelas são rodovias que foram construídas para durarem 10 anos e na época, algumas já tinham mais de 15 e estavam relativamente conservadas. Claro que devemos levar em consideração que o agronegócio não é tão pujante como em Mato Grosso, o que acaba não sobrecarregando suas estradas de caminhões. De qualquer forma, o estado de Tocantins estava se mostrando um ótimo estado para se pedalar, seja pelo baixo fluxo de carros, pela qualidade das estradas e até pelo comportamento dos motoristas, bem mais prudentes que a média dos motoristas brasileiros. Alguns quilômetros de asfalto e já avistei um imenso vale, meu destino. Estava a 900 metros de altitude e iria descer quase 400 metros. Antes de despencar morro abaixo tirei meu chapéu legionário, pois não queria perdê-lo já que ele estava sendo mil vezes mais útil que meu finado capacete.

Garganta do Diabo

Do alto da montanha eu observava várias nuvens de chuva no meu caminho. Essa é uma época marcada pelas fortes chuvas, a região é muito quente e raramente chove

de manhã, em compensação, no final da tarde vemos nuvens de chuva para todos os lados, difícil não cruzar alguma durante a viagem. Eu até gosto de pedalar na chuva, minha roupa é própria para isso, o máximo que eu tinha que fazer era guardar os óculos. Quando pedalava com a papete com clip que ganhei da minha amiga Vanessa, não apenas podia tomar chuva, como também atravessar rios, cachoeiras, sem me preocupar com o calçado. Pelo contrário, o solado me protegia, facilitando minha caminhada sobre as rochas.

Chuva que iria cruzar a minha frente na estrada

O GPS que eu levava (um Etrex Venture HC) também era resistente a água, o problema era a necessidade de parar para embalar, tanto os alforjes, como a bolsa de guidão. As capas de chuva dos alforjes protegiam de chuvas fracas, mas não resistiam à longas tempestades, já a bolsa de guidão, só depois que visitei a fábrica da Curtlo no meu retorno a São Paulo é que aprendi colocar a capa da forma correta. Por causa disso eu procurava evitar a chuva, seja acelerando o passo para cruzar a estrada antes dela, ou mesmo reduzindo o ritmo para que ela passasse antes por mim. Como as estradas não tem barreiras físicas, seja de grandes árvores (como ocorria na região amazônica) ou construções (como ocorre nas cidades), conseguia acompanhar o maravilhoso movimento das nuvens de chuva e quase sempre tinha êxito em evitá-las.

Falando em chuva, outro bom motivo para evitá-las, são as tempestades com raios. Nem toda nuvem de chuva vem disparando raios, mas quando avistava uma dessas, todo cuidado era pouco. O carro pode proteger os motoristas, mas essa proteção não é devido aos pneus como a maioria imagina. Se isso fosse verdade, o mesmo princípio se aplicaria aos ciclistas, tanto é que não é difícil encontrar casos de ciclistas que foram atingidos por raios. Mas até então não havia corrido encontrado grandes tempestades magnéticas. Fui apostando corrida com uma nuvem de chuva ao meu lado que certamente cruzaria a estrada que me levava a Dianópolis. Antes de descer a montanha, havia parado num bar na estrada, onde o dono me disse haver um rio com cachoeira, uns 15 quilômetros antes da cidade, decidi que iria chegar nesse rio antes da chuva.

Cheguei a uma pequena vila, vi pessoas caminhando na estrada, observei um rio mas não sabia como chegar a ele. Notei uma estradinha que levava até o rio, mas no caminho havia uma casa por onde deveria passar. Encontrei pessoas caminhando na estrada que me disseram ser ali o local que procurava. Entrei na casa e me deixaram dar um mergulho, ali na verdade é como se fosse um balneário particular, cobram para as pessoas nadarem no rio e ainda há um barzinho para atender os banhistas, me trataram bem e nem me cobraram nada. Fui então até o rio onde consegui dar uns mergulhos. Diferente das águas do Jalapão, ali o

Paradas obrigatórias

rio era bem turvo, mas me disseram que suas águas são cristalinas e estavam assim por causa das chuvas. Falando em chuva, quando estava começando a me banhar ela chegou. Lá vou eu correr para o abrigo e proteger meus equipamentos. Comprei um refrigerante de dois litros e fiquei ali de papo com o pessoal até a chuva passar.

Voltei para a estrada e de início havia uma forte subida, joguei na marcha leve e segui pedalando. Foi quando observei uma enorme aranha cruzando a estrada ainda úmida por causa da chuva. Ao me aproximar para tirar fotos ela parou no meio da rodovia. Tirei as fotos e nada dela seguir em frente. Era uma grande aranha, acho que maior do que minha mão, queria tirar uma foto dela ao lado do meu pé para mostrar o tamanho da aranha, mas e a coragem? Fiquei com medo dela ser atropelada, vi um carro subindo, parei no meio da rodovia protegendo a aranha e fiz sinal para o motorista me ultrapassar ao lado. Ele parou ao meu lado e perguntou o que aconteceu. Expliquei que havia uma aranha parada no meio da pista e não queria que ele atropelasse enquanto não arrumava algo para tirá-la de lá. O cara me olhou de uma forma estranha e seguiu em frente. Acho que ele não conseguia entender o que me motivava a proteger uma aranha já que ela deverá atravessar novamente a pista e ser atropelada por outro motorista. É certo que uma hora vai fazer, mas se eu puder adiar sua morte por mais alguns dias ou mesmo horas, porque não?

Pelo menos esse bicho consegui salvar

Cheguei no final da tarde em Dianópolis e saí a procura de um lugar para dormir. Nada de postos de gasolina, acampamentos, queria mesmo é ficar numa pousadinha tranquila. Tinha algum dinheiro e precisava dormir com tranquilidade e segurança, de preferência num local que tivesse internet. Fui até o banco sacar dinheiro, pois era a primeira vez que estava em uma cidade com alguma infraestrutura depois que saí de Palmas, já haviam se passado quase duas semanas. Achei uma agência com caixa 24 horas, mas na hora de digitar a senha ocorreu algum problema no equipamento que invalidou a senha e acabou bloqueando meu cartão.

Tentei ligar para o banco e tentar desbloquear minha senha, foi quando descobri que meu celular estava bloqueado por falta de pagamento. Era um sábado começo de noite, estava com fome, sem dinheiro na mão e sem a possibilidade sequer de sacar o dinheiro que tinha em minha conta. Como meu celular ainda estava no nome da minha ex e a conta ia para minha antiga casa, antes de sair de Palmas transferi dinheiro para ela pagar minha conta de telefone, só que ela esqueceu.

Liguei para a casa dela e ninguém atendeu. Liguei para o celular e nada, então tentei a casa da mãe dela, quando descobri que ela havia saído e deixado meu filho com a avó. Como meu celular ainda estava no nome dela, a operadora não passava nem uma informação. Liguei novamente (a cobrar) para a casa da mãe dela e pedi para ela falar com sua filha e pedir pra ela me ligar, pois só ela poderia resolver a situação. Liguei novamente para a operadora para tentar explicar a situação e por sorte outra atendente mais simpática atendente e resolveu ligar para minha ex num outro telefone dela, confirmou os dados e liberou minha linha resolvendo o problema.

Isso já era umas 21h00 de sábado achei um hotel baratinho e fui descansar. Durante aquele imbróglio todo acabei conversando por telefone com minha ex e ao notar que ela deveria estar num bar ou balada se divertindo fiquei ainda mais depressivo. Pior para uma pessoa que ainda está ligado emocionalmente a alguém é perceber que a outra pessoa já venceu o luto e está seguindo a vida. Nos próximos dias ocorreram intermináveis batalhas mentais que faziam de tudo para que jogasse tudo para o alto e por muito pouco a mente não venceu o corpo.

8.3 – ENTRANDO EM PARAFUSO

Precisava seguir viagem, mas minha motivação havia ido para o espaço. Tudo que fazia era em câmera lenta, levantei lentamente para tomar meu café, só fui comer porque já estava incluso na hospedagem e se não comesse jogaria dinheiro fora. Já tinha conseguido resolver meus problemas de grana, não consegui sacar, mas ao menos conseguia comprar algo onde pudesse passar meu cartão. Depois de muita enrolação, montei minha mala e parti no piloto automático rumo a estrada e mais uma vez sofro com essas peças que só o destino nos prega. Nem bem saí da cidade e mais um raio da minha roda foi para o espaço. Já havia perdido vários raios e sabia que isso seria uma constante até o final da viagem devido à montagem errada da roda, que eu mesmo fiz em Cuiabá.

Mas quando estava em Palmas entrei em contato com o pessoal da Caloi falando sobre o problema e pedi uma ajuda para resolver essa questão. Então eles pediram um endereço, pois iriam mandar uma roda montada para mim. Passei o endereço dos meus amigos de Brasília, cidade que deveria chegar provavelmente em 5 dias. Ocorre que aquele novo raio quebrado deixou a roda muito torta pegando no quadro o que me obrigava a resolver o problema ao invés de tentar uma gambiarra, mas o que fazer se eu não tinha as ferramentas certas? Parei numa sombra ainda dentro da cidade e estava tentando me virar, foi quando encostou um carro ao meu lado e desceu o Onofre.

Ex-ciclista profissional que mora em Dianópolis, contei do meu problema e ele pediu para eu

Onofre, ex-ciclista profissional

acabei perdendo.

Ele me contou um pouco da sua história, mas não consigo mesmo me lembrar. Se não me engano ele já havia sido casado e tem um filho (ou filha) que não mora com ele, mas que costumava ver. Ele disse para eu ficar na cidade e pegar a estrada só no dia seguinte, só não deixou eu dormir em sua casa, pois naquela tarde estava indo viajar para Porto Nacional onde iria se casar! Mas antes me ajudou muito, me levou até um amigo dele que tinha uma oficina mecânica para motos e como também pedalava, tinha todas as ferramentas que precisava para suas bicicletas. Como eu tinha alguns raios reservas, conseguimos sacar a catraca, o freio a disco e troquei todos os raios quebrados. Com certeza outros iriam se quebrar até Brasília, mas até lá conseguiria pedalar sem grandes dificuldades.

Seu amigo me contou até do caso de um cicloturista que passou pela cidade, já estava a meses na estrada e parou em sua loja. Ele deu uma força para o ciclista, ajudou com sua parte mecânica, mas na hora de dormir, ao invés de ficar num hotel o ciclista preferiu dormir ali na praça em frente à sua loja. De madrugada o ciclista acorda por causa de um barulho e vê um cara indo embora com sua bicicleta e boa parte da sua bagagem. Ele me disse que aquela não é uma cidade perigosa, mas como é perto da divisa com a Bahia, é comum ocorrerem alguns assaltos, principalmente roubos de carros e motos. Aliás a reclamação da violência no estado do Tocantins só ocorria em cidades perto da fronteira com a Bahia. Evito ao máximo dormir em praças públicas em cidades do interior, lembro que fiz isso em Itapura, mas só fiz porque conheci o segurança da prefeitura que era pago para ficar tomando conta dos enfeites de Natal na praça e garantiu que poderia dormir sossegado já que ele passaria a noite acordado. Mas se é para dormir ao relento, que seja longe dos centros urbanos, postos de gasolina, fazendinhas, quanto mais longe da civilização melhor.

Resolvi ficar mais um dia na cidade e fui dormir numa outra pousada indicada pelo Onofre. Daí eu aproveitaria o dia seguinte esperando o banco abrir para poder sacar dinheiro, pois era domingo e tudo estava fechado. Naquele dia, depois de mais um atraso, decidi que não dava mais para esperar, precisava chegar logo em São Paulo. Era uma atitude desesperada de alguém que ainda alimentava alguma esperança e programei uma espécie de Audax quando pedalaria 600 quilômetros num dia, depois mais 400 no outro e pra completar faria uma perna de 900 quilômetros! Ah tá.

Pra quem nunca ouviu falar, Audax é uma espécie de prova onde o ciclista tem que completar longas distâncias em um certo espaço de tempo, você não corre contra os demais ciclistas e sim contra você. O primeiro evento é o Brevet 200, quando o ciclista tem que pedalar 200 quilômetros em 13 horas. Se conseguir ganha a autorização para participar do 300, depois do 400 e por último do 600. Conseguindo tal façanha o ciclista ganha o direito de participar do Paris – Brest – Paris de 1200 quilômetros para serem percorridos em 90 horas. Ou seja até poderia ser possível realizar tal façanha mas com uma bike de estrada, agora com a cabeça fora do lugar, uma bike MTB e ainda carregando 50 quilos de bagagem? Nem em sonho!

Aquele foi o dia que literalmente desisti da viagem, fui para a pousada com o objetivo de dormir para acordar cedo e então realizar uma perna de 600 quilômetros sem pausas para descanso.

Vale a pena conferir o que escrevi naquele dia em meu blog, reproduzo logo abaixo.

Desculpa aí galera, mas já deu

Infelizmente já deu para mim, só não coloco a bike num ônibus e vou embora para manter o resto de dignidade que ainda tenho. Mas agora estou partindo, vou abortar a Chapada dos Veadeiros, os pontos turísticos que iria visitar e vou pedalar direto de volta para a casa.

Vou fazer os meus Audaxs. Para quem não é do mundo da bike, Audax é uma prova onde cada competidor tem que terminar o trajeto dentro de um tempo mínimo de acordo com a distância. Mais informações acessem a página do Audax Brasil.

Os tempos são 13h30 para os 200 quilômetros, 20h00 para os 300, 27h00 para os 400, 40h00 para os 600 e 75h00 para os 1000 quilômetros.

Farei três trechos, o primeiro daqui até Brasília (600 km) onde irei ficar até arrumar minha bike. O segundo trecho será de Brasília até Patos de Minas (400 km) onde irei rever meus queridos padrinhos de casamento. Depois toco direto até São Paulo, onde farei cerca de 900 quilômetros.

Pedalarei a noite, até comprei umas lanternas a pilha mesmo, pois as minhas sustentáveis não seguram a onda. Nesse trecho até Brasília vou tentar fazer sem parar para dormir. A partir de agora é rastreador ligado, celular desligado e foco na estrada para vencer as distâncias.

Não sei mais quando voltarei (e se voltarei) a escrever aqui. Quero pedir desculpas a aqueles que de

alguma maneira se frustraram com a minha decisão, mas a saudades e a dor está demais.

Enquanto pedalo, choro, grito, sofro, mas a dor se mistura com o cansaço e o esforço, ajudando esquecer toda essa situação por um curto espaço de tempo.

Nem consigo mais ligar para o meu filho, pois sei que irei ficar aos prantos e deixá-lo mais triste. Se chegar inteiro a Sampa depois dessa maratona, vou direto até onde ele está e abraçá-lo muito.

Desculpe mais uma vez galera. Estou partindo para Brasília, se conseguir percorrer o trecho em 40 horas, devo chegar lá amanhã à noite. Vocês podem me acompanhar pelo link do rastreador. Abraços e até sei lá quando.

8.4 - AUDAX #FAIL, TRANSFORMANDO O PARAFUSO EM PREGO

Minha tentativa de pedalar 600 quilômetros sem parar acabou com 100 quilômetros percorridos. Estou me divertindo muito vendo a confusão que vivi naqueles dias, me sinto até a vontade para falar na terceira pessoa, pois em diversas situações atualmente não pareço em nada com aquele "antigo André". Esse foi mais um dia terrível, primeiro eu fui até uma agência do correios para enviar uns artesanatos de Capim Dourado que queria mandar pra minha ex numa estúpida tentativa de amolece-la. Chegando lá encontrei uma fila monstruosa me obrigando a deixar minha bike, cheia de tralhas no meio da rua. Pra piorar caiu uma forte chuva na cidade enquanto estava dentro da agência.

Consegui despachar minhas tralhas mas queria ligar para minha ex e tentar ouvir qualquer mensagem de consolo por parte dela, como já previa que poderia ouvir o pior, pensei em ligar do meio da estrada assim não passaria vergonha tendo que chorar na frente dos outros. Saindo da cidade sabia que teria uma longa montanha, assim imaginei que lá do alto haveria sinal de celular e foi exatamente o que aconteceu. Peguei meu celular, abri a agenda e liguei para ela. A ligação não estava boa, consegui conversar um pouco com ela mas não demorou e comecei o drama, a me declarar, dizer que tinha vontade de morrer, essas besteiras. Como já previa só ouvia palavras de desprezo. Conversamos um pouco, nem lembro direito o que falamos e logo desligamos.

Bicicleta preparada para pedalar no escuro. Faltou combinar com o corpo do ciclista

Devido ao meu sofrimento passei a surtar e esquecer a regra principal de todo cicloturista, a de viajar um dia de cada vez. Qual seria a diferença entre chegar em São Paulo em 5 ou em 25 dias? O máximo que iria acontecer é que eu perderia 20 dias, pois em nada mudaria

esse meu retorno imediato. Ali no meio da estrada desisti daquela loucura de pedalar 600 quilômetros sem parar. Algo que até poderia fazer depois de muito treino, preparação física e psicológica, com uma bicicleta adequada e principalmente sem peso. Agora pedalar 600 quilômetros com 50 quilos de bagagem, todo arrebentado e desgastado pela viagem e com um turbilhão na cabeça, nem em sonho!

Morro das tetas (falta de mulher é um problema)

Então segui com destino a Taguatinga, que fica a 100 quilômetros de Dianópolis, o trajeto era muito tranquilo e de longe avistava o Morro das Tetas. Não sei qual é o nome daquelas montanhas, mas como fiquei horas pedalando na sua direção, resolvi batizá-las com esse nome. Duas montanhas que pareciam mesmo dois seios, com aquele vermelhão das suas paredes em erosão. É maluco como a bicicleta pode ser uma excelente terapia, eu conversava com as montanhas, com os pássaros, com o gado que ficava próximo das cercas, todas essas coisas faziam o pedal ser divertido e faziam eu esquecer todo aquele drama pessoa que estava vivendo. Minha cura estava ali e a usava de forma inconsciente ao meu favor.

Estava beirando a Serra Geral de Goiás que fica na divisa com a Bahia, lembrava muito a Chapada dos Guimarães e imaginava as belezas escondidas nessas terras pouco exploradas. Olhem só todo esse potencial turístico do nosso enorme Brasil que, com certeza, não iremos explorar durante a Copa do Mundo e as Olimpíadas por pura incapacidade. O sol se pôs tarde, eram mais de 20h00 e ainda era possível ver o sol esticando minha sombra na beira da estrada. Segui pedalando até a noite cair de vez e ainda restavam mais de 20 quilômetros até Taguatinga, então nesse momento resolvi pegar minhas lanternas novas, pois minhas lanternas ecológicas não davam conta da escuridão da estrada. Depois de apanhar para encontrar uma maneira de instalar as lanternas, bolei uma maneira interessante de iluminar o meu caminho. Primeiro consegui prender uma "porcamente" junto com o meu garrafão no bagageiro dianteiro, a outra (maior) coloquei no lado de fora do alforje. Nele havia um compartimento vazado com uma espécie de rede e colocando a lanterna ali, a luz passava pela rede e iluminava a estrada. Mais tarde resolvi colocar a outra lanterna no alforje direito, assim parecia que ela estava equipada com dois faróis de milha.

Cheguei a Taguatinga e eram quase 22h00, consegui arrumar uma pousadinha que tinha um restaurante e foi lá mesmo que jantei. Cicloturista que não faz sua comida tem que tomar cuidado, pois diferente das grandes cidades onde temos o que comer a qualquer hora, em cidades pequenas, se você deixar para comer depois das 22h00, corre o risco de ir para cama com fome.

No restaurante do hotel havia um casal jantando, não demorou e o rapaz começou a puxar papo comigo. Era o Smilly e a Mônica, ele mineiro e ela de Goiânia, ele trabalhava com designer digital e ela era representante de uma empresa de lingerie da família dela. Para passarem mais tempo juntos, ele mudou de profissão, passou a ser representante (não lembro o que) e ambos viajam aquela região do Brasil distribuindo seus produtos. Mais uma prova de amor e doação que encontrei na estrada.

Conversamos um pouco e o Smilly, um apreciador de uma boa comida, falou para encontrá-los no dia seguinte no "Azuis", um vilarejo que fica a uns 30 quilômetros de Taguatinga, onde iria almoçar uma deliciosa galinhada por conta deles. Fiquei honrado pelo convite e ansioso para conhecer mais essa bela história.

8.5 - ADEUS TOCANTINS!

Mais uma vez acordei, enrolei e encarei a estrada depois das 10h00 da manhã. O fuso horário atrapalha, pois apesar de Tocantins estar no mesmo paralelo de São Paulo, como o estado não aderiu ao horário de verão, ainda estava uma hora adiantado, como se estivesse em Mato Grosso. Se quisesse sair às 6h00 da manhã da cidade, na verdade eu deveria sair às 5h00 no meu horário. Além do mais todo o comércio segue o horário deles e não o meu. Se o café da manhã é servido às 7h00, é como se eu só pudesse comer às 8h00. Olha a confusão, nem eu mais me entendo.

Deixando a confusão de lado, às 10h30 do horário local (11h30 no meu) eu estava na saída de Taguatinga, rumo a comunidade Azuis, onde iria encontrar o Smilly e a Mônica para comer uma galinhada. Na saída consegui ver a belíssima montanha que tive que contornar na noite anterior para chegar à cidade, só dava para perceber que era uma imponente montanha por causa da sua silhueta. Infelizmente também não encontrei um bom ponto para fotografar, mas mais uma vez me lembrou a belíssima Chapada dos Guimarães.

Saindo de Taguatinga - TO

No meu destino havia a comunidade Rio Azuis que já foi considerado o menor rio do mundo, mas provavelmente é o menor rio do Brasil. Antes de escrever esse capítulo fiz uma pesquisa na internet e vamos aos dados. O rio Azuis tem de 130 a 147 metros de extensão, pelo menos foram esses os números que eu encontrei na internet. Já segundo o Guinnes Book o menor rio do mundo é o Rio Roe que fica na cidade de Great Falls no estado de Montana (EUA). Título garantido depois de vencer o rio D no estado de Oregon que tinha cerca de 150 metros, maior do que o nosso, o que significa que o Azuis é o segundo menor rio do mundo.

Errado, pois a mesma internet aponta que o rio Reprua que fica no distrito Gagra, na Abkházia tem apenas 18 metros e quer o título de menor rio do mundo para ele. Uma googada é possível ver algumas fotos. Antes que você me pergunte onde fica a Abkházia, já que certamente será seu próximo destino de viagem, fica na região do Cáucaso, portanto, dependendo da década que esse texto for lido, é bom colocar na mala um bom colete a prova de bala antes de tomar o rumo dessa magnífica cidade. Tudo bem, podemos perder o título de menor rio do mundo, mas com certeza o Azuis tem tudo para ser o mais bonito dos menores rios do mundo. São apenas 20 quilômetros de Taguatinga até a comunidade dos Azuis e no caminho fui ultrapassado pelo casal. Já estava bem próximo, mas eles disseram que iam se adiantar e já fazer o pedido da nossa galinhada.

Rio Azuls, o menor rio do Brasil

Chegando ao povoado fui direto para o rio, onde ambos já estavam se refrescando. O rio tem esse nome provavelmente devido a sua cor azulada, logo em sua nascente se forma uma linda piscina natural. Sua água cristalina lembrou os belos rios do Jalapão. Apesar de já ter percorrido o maior Rio de São Paulo, o Tietê, não tive curiosidade de percorrê-lo para vê-lo desaguar no rio Sobrado. Enquanto a galinhada não ficava pronta ficamos quase uma hora curtindo a gelada água do Azuis, além de bater um papo com uma linda iguana numa árvore ao lado da nascente.

Fomos então para a galinhada que realmente estava uma delícia, embora o Smilly não tenha gostado. Ele é daquelas pessoas que apreciam mesmo uma boa comida e saiu de lá reclamando de detalhes que nem reparei. O almoço regado a cerveja foi maravilhoso, a companhia deles melhor ainda. Eles voltaram para Dianópolis e eu segui rumo ao sul, mas logo na saída meu pneu traseiro furou. Consertei o pneu e quando ia sair vejo o pneu dianteiro furado. Desmontei o pneu, achei o novo furo, remendei e quando fui ver se o remendo pegou surgiu outro furo. Fiquei quase

Galinhada, gentileza do Smilly e a Mônica

uma hora consertando pneus, parecia que não iria sair mais de lá. O restante do trecho até a divisa do estado haviam várias cidades pequenas com distâncias curtas entre elas. Depois de Aurora do Tocantins percorri quilômetros de um trecho plano, desviando das montanhas num belíssimo vale, isso me lembrava da viagem que havia feito em outubro de 2010 quando percorri o Vale Europeu em Santa Catarina.

Enquanto percorria esse lindo vale tive um reencontro com uns seres caninos, provavelmente de alguns desses proprietários de comércio que se descabelam ao ver "suas vagas" na via pública darem espaço a ciclovias. Mas minha relação com os caninos até que estava sobre controle, ocorre que depois de uns 100 encontros com cachorros que mais enchiam o saco do que me colocavam em perigo, tinha que haver um que queria mais do que isso. Para esses usava aquele cabo de vassoura que de vez em quando fazia as vezes de descanso para minha bicicleta. A estrada estava numa espécie de aterro, na parte superior havia um desnível de uns 3 metros para as laterais. Nela havia uma trilha aonde vinha um homem montado num cavalo com dois cachorros ao seu lado. Assim que os cachorros me viram, ambos vieram na minha direção, como estávamos indo de encontro ao outro, em tese eles teriam que me pegar pela frente. O dono dos cachorros nada fez quando eles vieram para cima de mim, apenas deu um sorriso como se achasse aquilo divertido.

Um dos cachorros, ainda lá embaixo, passou direto por mim enquanto o outro desistiu. Achei que ambos haviam desistido e nem esbocei aumentar o ritmo da pedalada, de repente sinto uma tentativa de mordida ao lado do meu pé esquerdo. O cachorro que passou por mim subiu o barranco até a pista e veio por trás tentar me morder, por muito pouco mesmo ele não mordeu minha perna esquerda, cheguei a sentir o bafo da sua mordida no vazio. No puro reflexo, peguei o cabo de vassoura que levava preso junto ao quadro, o arranquei erguendo-o para o alto e num único movimento tentei acertar o cachorro que estava nas minhas costas.

Lindas montanhas rochosas

Ele também foi muito ligeiro, freou e meu cabo passou a centímetros da sua cabeça. Sei que os "defensores" dos animais irão dizer que é instinto, que os bichinhos são uns coitados, mas você está na natureza e nela você tem que sobreviver a tudo. Se eu vacilar outros animais vão me considerar presa e não terão nenhuma piedade de mim, portanto tenho sim que apresentar minhas armas e foi o que eu fiz. Mas fiquei mesmo revoltado com o dono do cachorro, se eu acertasse o cão, a culpa não seria minha, nem do cão, mas sim do dono que nada fez para impedir, sequer deu um grito para o cachorro. Um animal selvagem pode sim fazer exatamente o que seu instinto manda, aliás os selvagens evitam o confronto a todo custo, mas aquele animal

domesticado não. Protegido (porque não encorajado pelo seu dono), se sentiu à vontade para me atacar de forma covarde e por pouco não se deu mal.

Coca-cola, meu isotônico preferido durante a viagem

Nesse momento o pedal rendia mesmo estando com os pneus de cravo. Deixei-os porque, apesar das estradas de Tocantins não terem muitos buracos, o asfalto é mais abrasivo, tanto é que o acostamento era sempre cheio de "farelo de asfalto". Logo no primeiro dia de Tocantins, sofri com vários pneus furados quando os troquei por pneus de asfalto e preferi mantê-los até Brasília ao menos, pois eles eram mais resistentes aos furos. Restavam apenas três cidades antes de cruzar a divisa do estado, Lavandeira, Combinado e Novo Alegre, cidades próximas, as três estavam dentro de um raio de 20 quilômetros. Já eram 19h30 quando cheguei a Novo Alegre e lá parei para comer um pão de queijo e tomar a última Coca-Cola no estado de Tocantins. Ainda teria cerca de 30 quilômetros até Campo Alegre em Goiás. Sabia que chegaria de noite, mas estava feliz já que estava prestes a vencer mais um estado.

Encarei uma subida forte e logo cheguei na divisa onde eu vi a placa dizendo "Tocantins, estado da livre iniciativa e justiça social". Vou confessar que no geral, um dos povos mais felizes que encontrei na viagem e com menos a reclamar dos políticos era o povo de Tocantins. Não é um estado rico como Mato Grosso, mas me pareceu bem organizado, com tudo funcionando, estradas boas, cidades limpas e pessoas agradáveis. Uma ótima sugestão para aquelas pessoas que pretendem se aposentar e mudar para um lugar bonito e tranquilo, só resta saber até quando ficará assim.

Cheguei a Campos Belos por volta das 21h00 e diferente das cidades de Tocantins já encontrei uma cidade mais populosa e, me desculpe os moradores da cidade, bem feinha. Me senti pedalando na periferia no Jardim Ângela em São Paulo, dava para perceber que a cidade movimentava bastante dinheiro, mesmo assim não me pareceu agradável. Vai ver é o cansaço, não sei, mas não curti muito a cidade. Dormir num posto nem pensar, mas não foi difícil arrumar uma pousadinha baratinha, o dono dela me fez um preço de 15 reais com café da manhã, disse que já estava acostumado a receber ciclistas e apesar de simples, consegui dormir tranquilamente e estava pronto para seguir rumo à Chapada dos Veadeiros.

Rio Azuis - TO

8.6 - MAIS CANSAÇO...

Depois de dias bem intensos, consegui controlar a ansiedade e focar mais na viagem, mas graças ao cansaço físico, mental e toda pressão dos últimos dias comecei a sentir na pele (e no corpo) as consequências. Esse foi um dia de pedal não muito animado, passei por poucas cidades, poucos carros na estrada, poucas pessoas. A minha adorada bicicleta estava longe dos 100%, tudo culpa da minha displicência no trato mecânico, na manutenção e até mesmo na forma de pedalar. Antes da viagem do Projeto Biomas, minha viagem mais longa havia durado 15 dias. Sempre exigia muito da magrela e fazia ZERO de manutenção na bike durante a viagem, geralmente quando retornava ela ia direto para uma revisão completa em alguma bicicletaria de confiança.

Mas numa viagem tão longa como essa, deveria ter feito um plano de manutenção e não apenas tacar um óleo na corrente de vez em quando. As consequências dessa displicência foram várias. Vou aproveitar esse capítulo para deixar várias dicas do que eu poderia ter feito para não ter tantos perrengues, pois isso poderá ser útil para quem quer se aventurar numa longa cicloviagem. Vale lembrar que apesar das dificuldades poderem trazer grandes transtornos, não tem nada melhor do que superar um problema.

A primeira dica é não sair de casa sem verificar se você tem a chave para cada parafuso da sua bicicleta. Se você não sabe se tem todas as ferramentas, aqui vai uma dica. Desmonte toda sua bike antes de sair para uma viagem, reserve um final de semana só para isso. Quando começar a desmontar irá sentir falta de ferramentas, então saia comprando todas que precisar. Se conseguir desmontar e montar a bicicleta sozinho (vale ter a ajuda de um amigo experiente, mas quem tem que fazer é você) podemos dizer que você estará pronto para encarar qualquer cicloviagem.

Atenção, disse qualquer cicloviagem e não uma "cicloviagem". Pois há diversos tipos de cicloviagens, as curtas, com carros de apoio, por circuitos mapeados e controlados, sozinhas, acompanhado, em grupos, e também há cicloviagens mais extremas como essa que eu fiz. Não estou desmerecendo nenhuma das demais, pelo contrário eu AMO qualquer tipo de cicloviagem. Mas se você conseguir fazer o que disse no outro parágrafo, significa que você pode fazer "qualquer cicloviagem" e que dificilmente terá problemas em completá-la.

Mesmo assim você pode precisar de algumas ferramentas específicas que só a experiência irá mostrar sua necessidade, como o exemplo que dei da lima, com ela eu poderia aumentar os dentes da coroa que sofreu mais desgaste, aumentando um pouco mais sua vida útil. Aliás não posso esquecer de dizer que essa foi uma dica do Daniel Haase, um amigo ciclista aqui de São Paulo. Nem ele sabia se funcionaria, mas depois de limarmos fiz o teste e funcionou bem. Claro que o melhor é sempre trocar a coroa, mas se eu tivesse levado uma pequena lima na viagem, poderia ter feito esse trabalho manual e pedalado o restante da viagem sem tanto sofrimento. Poderia até ter comprado essa lima e feito o trabalho em uma das paradas, mas minha cabeça só pensava em chegar logo em casa, até porque faltavam pouco mais de 1000 quilômetros para isso.

Uma dica bacana é inverter a corrente a cada 1000 ou 2000 quilômetros. Como fazer isso? Todo cicloturista tem que saber tirar a corrente, então com a ferramenta de corrente você abre ela, tira do cambio, inverte e coloca novamente. Isso vai fazer a corrente se desgastar dos dois lados dobrando a vida útil dela. Só cuidado na hora de tirar a corrente, pois todas as correntes tem um elo certo para abrir.

Outra solução que espero experimentar em breve são os cubos internos, poucos populares aqui no Brasil. Com esses cubos, como a corrente não se movimenta na troca de marchas, sua vida útil muito maior. Mas vão dizer "e se der algum problema? Onde você vai arrumar peça de reposição?" Primeiro que nenhum cicloturista deve cair na estrada sem ter uma ótima noção de mecânica e isso vale para tudo (lembre-se, você já desmontou e montou sua bicicleta). Além de levar todas as ferramentas necessárias para desmontar e montar uma bicicleta, o cicloturista tem que saber fazer manutenção em tudo. Numa viagem curta, ou próxima aos grandes centros você pode até arriscar, mas se você vai encarar lugares inóspitos, é necessário ser autossuficiente. Esses cubos internos requerem pouca manutenção e são raros os problemas mecânicos. Mas se ocorrerem você tem que saber abrir e consertar. Se necessário até levar um cubo reserva, já que ele não ocuparia muito espaço. Bem menos por exemplo de um dos 5 pneus reservas que eu levei na viagem.

Voltando ao trecho pedalado, boa parte do trajeto desse dia foi plano e percebi que depois que saí daquela Serra em Panambi, quando cheguei a quase mil metros de altitude, havia descido muito e já estava a cerca de 300 metros do nível do mar. Isso significava que teria muitos morros pela frente, pois a região da Chapada dos Veadeiros, Serra do Tombador é uma espécie de caixa d'agua do Brasil, pois vários importantes rios como Tocantins, Xingu e Araguaia nascem nessa região montanhosa e correm para norte indo desaguar na bacia amazônica, portanto iria subir muito.

A estrada cruzava diversos rios e todos assoreados, aumentava minha tristeza ver tanto descaso com nossos rios e saber que pelo nosso novo Código Ambiental (mais conhecido como código agrícola) o descaso será premiado e punição apenas aos corretos que cumpriram a lei. Parei para almoçar em Monte Alegre e segui em frente, de repente sinto a marcha da coroa da frente cair e entrar na pequena. Quando olhei para o passador de marchas percebi que o conduíte próximo ao passador havia rasgado. Outra falta de manutenção, pois deveria ter desmontado os conduítes e passado um óleo no cabo de aço mesmo durante a viagem, como não fiz isso, o conduíte tinha até sinais de ferrugem. Parei em um posto de gasolina desativado e comecei a pensar em como consertar. Tive que arrancar o conduíte, cortar a parte defeituosa e repassar o cabo de aço novamente. Depois montei o câmbio, regulei e ficou novinho! Mais ou menos, deu para notar que o cabo de aço estava começando a enferrujar, mas aguentaria meu retorno até São Paulo.

Ainda tive mais um pneu furado, minhas câmaras estavam com mais remendos do que borracha, furavam até com a bicicleta parada. Quando procurava algum furo era comum encontrar pequenas mordidas que ainda não vazavam. Então eu fazia remendos preventivos, pois a qualquer momento aquelas falhas iriam ceder e furar sem um agente causador aparente. Quando isso ocorre é terrível, pois ficamos desesperados procurando o agente causador

Vários rios e todos muito assoreados

de forma inócua. Do meu freio só restou o traseiro, pois a pastilha nova do freio a disco dianteiro havia sido consumida durante a forte chuva que peguei antes de chegar ao Jalapão. A porca que segurava o bagageiro traseiro não suportou o peso e quebrou dentro do quadro. A solução foi escorar a base do bagageiro na blocagem e improvisar com uma abraçadeira de nylon (também conhecida como "enforca-gato") para a base do bagageiro ficar próxima do quadro. Ah, não dá para faltar na mala do cicloturista aquelas fitas adesivas popularmente conhecidas como "Silver-Tape" e Abraçadeiras de Nylon de todos os tamanhos, além de elásticos sobressalentes, como o que usamos para prender bagagens no bagageiro, sempre encontramos alguma nova função para eles.

A roda traseira tinha vários raios quebrados, e não conseguia trocá-los devido à falta de ferramentas mas resolveria isso em breve assim que chegasse em Brasília. Os alforjes já estavam imprestáveis, havia perdido uma das capas e numa das malas deixava pneus, panelas e algumas tralhas que não sofreriam algum problema em caso de chuva. O único consolo é que já havia percorrido uns 80% da viagem e chegaria em casa, mesmo que tivesse que terminar os últimos quilômetros carregando a bike nas costas. Mas como tinha que percorrer um dia de cada vez, me concentrei em chegar a Teresina de Goiás. Faltando 20 quilômetros para chegar à cidade eu estava a 300 metros de altitude e depois de passar por um grupo de carneiros largados sozinhos na estrada, comecei a subir de verdade, entre diversos morros, cheguei a Teresina com 750 metros. Um aquecimento para a forte subida que teria no dia seguinte.

Olha só o que aconteceu com o conduíte do câmbio dianteiro

Como consegui sair cedo de Campos Belos, cheguei em Teresina com mais de uma hora de luz natural e tive tempo para procurar uma pousadinha. Apesar da grana estar curta, uma galera havia feito boas doações durante a viagem e como não teria gasto com hospedagem em quase todas as cidades depois de Brasília, poderia

ficar em pousadinhas onde dormiria com mais conforto e ainda desfrutaria de fartos cafés da manhã. Não lembro o nome da Pousada que fiquei em Teresina, mas nela conheci o Eduardo Teixeira. Eduardo é de Brasília, Zootécnico que se especializou em peixes e arrumou um emprego numa piscicultura longe de casa. Hoje ele mora no hotel, sofria com a saudades da família, mas estava todo feliz por poder trabalhar no que gosta.

A piscicultura que ele trabalhava ficava no meu caminho, então prometi dar uma parada lá para me despedir, isso se não passasse direto sem ver a entrada. Mas como era um trecho em subida, provavelmente passaria bem devagar, com maiores chances de achar o local. Hora de dormir, pois no dia seguinte teria que subir com minha bike e mais 50 quilos por toda Chapada dos Veadeiros.

Cabritinhos perdidos na rodovia

8.7 - CHURRASQUINHO DE CICLISTA?

A Chapada dos Veadeiros logo após as montanhas

Mais uma vez acordei e fiquei brigando com a cama, o lado bom é que agora estava no meu fuso, portanto oito é oito e não nove horas, mas estava com medo de encarar tanta subida. Era dia 3 de fevereiro, quinta-feira e havia cerca de 300 quilômetros me separando de Brasília. O correto seria reservar uns três dias no mínimo para desbravar a Chapada dos Veadeiros. De Teresina eu poderia seguir até Cavalcante e de lá cortar o meio da Chapada saindo em Alto Paraíso. Mas se fizesse iria chegar a Brasília no meio da semana, não teria muito tempo para descansar na cidade e ainda atrapalharia a vida do meu amigo que não poderia dar atenção a mim por causa do seu trabalho.

Por isso cometi o sacrilégio, e apenas cruzei a Chapada dos Veadeiros, minha esperança é haver perto da estrada algum ponto bacana que eu pudesse explorar, mas sem sair muito da minha rota já que eu tinha que percorrer uma distância de pouco mais 130 quilômetros até São João da Aliança, com uma enorme montanha no meu caminho, já que Teresina está a 700 metros de altitude e subiria no mínimo até 1200 metros no meio da Chapada.

Saí da cidade e fui ao encontro de uma enorme parede onde, em alguns trechos, chegou 20% de inclinação, isso motivou a casa de apostas da cidade já que muitos duvidaram que conseguisse subir pedalando, nada que uma relação 22 x 32 não resolva. Vencida a primeira montanha, atingi 930 metros e logo em seguida havia "uma curta" descida de três quilômetros para começar a subir novamente. Passei pela entrada de uma cachoeira que fica numa fazenda dos proprietários da pousada que fiquei em Teresina. Teria que pedalar 500 metros da estrada até a cachoeira, considerei a distância "longa" e achei melhor seguir em frente, até porque havia acabado de entrar na Chapada. Mais tarde fui descobrir que aquela era a cachoeira mais próxima da estrada que poderia encontrar no meu caminho.

Continuei subindo e como ia devagar conseguia ouvir o barulho de algumas corredeiras onde parei para me abastecer naquela gelada e cristalina corredeira. Segui morro acima até que meu GPS registrou a significativa marca de 1000 metros. Pela primeira vez em toda a viagem, depois de mais de 5.100 quilômetros pedalados, finalmente passei dos 1000 metros do nível do mar. Bem quando atingi essa significativa marca, avistei uma construção e logo vi que era a piscicultura onde o Eduardo trabalhava. Entrei para conversar com ele e vi duas Araras Canindés livres se alimentando sobre a proteção de uma varanda. Segundo ele, uma foi achada filhote e a outra teve sua asa machucada. O pessoal de lá cuidou das aves que, depois de curadas, não quiseram mais ir embora. Elas não estão presas, dão suas voltas para a região, mas fizeram de lá suas casas. Acho que no mundo animal, a única espécie que

Visão que só quem está pedalando consegue ter

tem como costume alimentar outra espécie diferente é justamente a nossa.

Ilustres moradoras da Piscicultura

Fiquei pouco tempo com ele e segui morro acima. Quando atingi os 1200 metros percebi que estava ainda muito longe do topo. O sol ia e vinha entre as densas nuvens e quanto mais alto subia, mais parecia que ia rumo ao olho do furacão. Seguia rumo ao sul, mas as nuvens de chuva seguiam do oeste para o leste (esquerda para direita) e até então estava conseguindo desviar delas. Finalmente cheguei a 1540 metros encontrei um platô. Passei ao lado de umas pedras estranhas que não entendi direito o que eram e não sei porque não parei para fotografar. Havia uma placa escrito "Paralelo 14" e até aí continuei não entendendo nada. Depois alguém falou rapidamente das pedras e eu, na hora de escrever o livro, fui atrás da informação.

O Paralelo 14 é o mesmo paralelo que corta a cidade Peruana de Machu Picchu e segundo consta a Chapada dos Veadeiros possui uma enorme jazida de cristal que de alguma forma energiza o local. Bem, misticismo a parte eu queria vencer logo a Chapada, consequentemente fugindo da chuva, vou deixar a exploração desse lado mais místico para meu retorno. Mais adiante vejo uma placa no sentido contrário, para quem vem de Brasília rumo a Teresina. Nela está escrito "Mirante do Pouso Alto a 1676m de Altitude – Ponto culminante de Goiás". Como a placa estava no sentido contrário e não observei nenhuma trilha, não sabia como chegar e tão pouco onde estava o mirante. Creio que era uma montanha que ficava a minha esquerda. Como hoje eu me arrependo de não ter ficado uma semana desbravando a Chapada dos Veadeiros...

Perdi uma bela oportunidade de subir no mirante

Segui em frente, conseguindo desviar das nuvens de chuvas que vinham de todos os lados até que, finalmente, comecei a descer, a estrada começou ir para leste onde havia uma linda formação rochosa, mas logo em seguida a estrada voltou a seguir rumo ao sul e avistei Alto Paraíso lá do alto, cidade que fica a mais de 1200 metros de altitude. Lá do alto vi que uma nuvem de chuva passava por Alto do Paraíso, já eram

quase 14h00, lá iria almoçar e depois tocar forte rumo ao sul. Cheguei na cidade, achei um restaurante bacana e mandei ver.

Não queria perder muito tempo na cidade e logo tentei sair, foi quando fui abordado por um ciclista na rua, seu nome era Antônio Toro, colombiano, que faz parte da Cicloexpedicion por Sudamerica. A coincidência é que ele esteve em São Paulo quando a Renata Falzoni ganhou a Medalha José de Anchieta e me reconheceu por causa do vídeo que mandei em homenagem a ela, já que sua homenagem foi justamente no dia em que eu estava cruzando o Pantanal. Como sabia que no Pantanal dificilmente haveria como entrar por telefone para prestar minha homenagem, acabei fazendo um vídeo quando estava em Três Lagoas.

Ele me acompanhou até a saída da cidade onde tirei uma foto. O curioso é que atrás dele havia uma enorme nuvem de chuva vindo de oeste e que iria cruzar meu caminho. Já eram 15h30, tinha mais umas 5 horas de sol e cerca de 70 quilômetros até São João da Aliança. Como eu tinha receio de esperar a chuva passar e me atrasar sendo obrigado a pedalar de noite, arrisquei sair naquele momento e cruzar a estrada antes da chuva chegar nela, foi quando eu cometi um erro quase fatal. Bastava um pouco de observação para perceber que era uma nuvem com raios, uma nuvem baixa e muito densa. Também havia outra grande nuvem de chuva se aproximando por detrás e se eu decidisse esperar, muito provavelmente acabaria tendo que ficar um dia em Alto Paraíso.

Encarei a "carreteira", assim que saí da cidade comecei a sentir os primeiros pingos de chuva e ao meu lado vi um clarão. Comecei a contar e em 10 segundos chegou o barulho do trovão. Como o som viaja no ar a cerca de 350 metros por segundos, numa conta simples, dividindo 10 por 3, significa que o relâmpago caiu a cerca de 3 quilômetros de mim. Isso num campo aberto é muito perto! Olhei ao meu entorno e não encontrei nenhuma construção ou abrigo que pudesse me proteger e só me restou pedalar para deixar a nuvem o mais longe de mim, lembrando que eu seguia ao Sul e a nuvem seguia de leste a oeste (da minha direta para a esquerda). Achava que a borracha do pneu da bicicleta me protegeria, mas depois fiquei sabendo que o que protege a pessoa dentro de um carro é a estrutura metálica e não o fato de apenas os pneus estarem em contato com o solo, tanto é que um carro conversível não protege ninguém dos raios.

Antônio Toro, cicloturista colombiano. Atrás a núvem que queria fazer churrasco de mim

Na internet achei algumas dicas, falam que, se de repente você começar a sentir seus pelos arrepiarem ou sua pele coçar, significa que um raio está pronto para cair. A saída é se abaixar, curvando-se sobre os joelhos e colocando a cabeça sobre eles (posição fetal) e jamais se deitar no chão.

Era isso que teria feito se estivesse a pé, mas como estava pedalando a mais de 40 km/h, nem senti meu corpo coçar ou arrepiar, aliás, se houve algum arrepio foi de pavor. De repente olho para o lado direito, de onde estava a enorme nuvem e vejo um raio atingir uma pequena arvore no meio do campo. Nem vi direito se foi uma árvore, mas foi tão perto que nem precisei contar os segundos, o estrondo foi imediato, deve ter caído a menos de um quilômetro de mim.

Só consegui pensar em pedalar, não reparei na minha velocidade mas facilmente passei dos 50 km/h, até porque estava num trecho plano, nem toda a cachorrada que me pentelhou na viagem me fez correr tanto. Senti a chuva diminuir, outros raios continuaram caindo, mas agora eles começavam a ficar mais distantes. Uma chuva fraca me acompanhou por uns 20 quilômetros até sumir de vez, só então consegui pedalar com tranquilidade.

O trajeto teve mais descidas e voltei a pedalar a cerca de mil metros. Encarava longos trechos planos, descidas apenas quando cruzava grandes rios e muitas fazendas de soja e gado. Logo avistei a cidade de São João da Aliança e faltando dois quilômetros para a cidade, vi um carro saindo de uma estrada de terra que esperou eu passar para entrar na estrada. Me alcançaram e começaram a andar ao meu lado, perguntando as coisas sempre. O motorista se chamava Mauro e estava com alguns amigos. Eles vinham de um pesqueiro e me convidaram para comer um peixe com eles, disseram que assim que chegasse na cidade, para eu perguntar onde é o Bar do Paulo que lá eles me dariam comida e uma cervejinha. Quando cheguei na cidade fui perguntando pelo tal do bar e ninguém conhecia, mas uns 15 minutos pedalando pela cidade finalmente os encontrei. O pessoal foi muito gente fina, eles estavam ali só mesmo para tomar cerveja e beliscar um peixinho, mas como eles sabiam que eu precisava comer, usaram a cozinha do boteco para me preparar um arroz com feijão e salada, tudo só para mim.

Horas de conversa boa, onde conheci pessoas maravilhosas como a Marisa, o Cleber, Geraldo e mais um monte de gente bacana que me proporcionaram uma agradável noite. Lá eu comentei sobre um Outdoor que me chamou muita atenção, assim que entrei na cidade. Ele tinha a seguinte frase "Pedalar é saúde", foi a primeira vez na viagem que vi alguma loja de bicicleta fazendo qualquer tipo de propaganda e olha que o veículo que mais observei em minha viagem foi justamente a bicicleta. O pessoal que estava comigo no bar ligou para o Gleisson, o dono dessa loja de bicicleta e o convidou para vir me conhecer. Assim que ele chegou falei o quanto fiquei orgulhoso de ver aquela propaganda. Então ele iniciou um discurso que me impressionou.

Muito bem recebido pela galera de São João da Aliança - GO

"Aqui nessa cidade a bicicleta só é vista como transporte, mas a bicicleta é muito mais do que isso. Usar para um pedal

Primeira grande propaganda de bicicleta que encontrei em toda a viagem

curto, só para transporte é muito pouco. Bicicleta é saúde, é esporte, é lazer e é isso que procuro mostrar para essa gente. Por isso organizo passeios pela cidade, levo o pessoal para pedalar em trilhas, já realizei passeios com mais de 200 pessoas, pois a bicicleta não é só transporte não, ela é lazer e esporte também!"

Impossível não associar seu discurso aos dos cicloativistas (ciclistas que, em tese, lutam por cidades mais justas, onde qualquer pessoa se sinta segura para pedalar). Quando comecei a falar em mobilidade por bicicleta em São Paulo, era comum enfrentar um ceticismo geral, quase todos diziam que bicicleta não é meio de transporte, que o lugar dela é em parque, que meio de transporte é carro (ainda tem pessoas que dizem isso). No final das contas bicicleta é tudo. Lazer, esporte, transporte, diversão e aí que mora a magia da bicicleta.

O pessoal até queria me dar pouso na casa de um deles, mas sabia que se aceitasse, acabaria ficando de papo e não conseguiria escrever meu texto para o blog, então agradeci a oferta e fui para uma pousadinha na entrada da cidade onde pude dormir e escrever meu diário daquele dia.

8.8 - VELOZES E FURIOSOS, BEM VINDO A BRASÍLIA

Acordei às 7h00, fui tomar o café da manhã no hotel e voltei ao meu quarto para arrumar as tralhas e seguir viagem, sempre com aquela lerdeza já habitual, parecia me arrastar. Mas quando cheguei ao meu quarto vi duas bicicletas em frente à porta do quarto vizinho... Como assim? As bikes eram de um casal de Brasília que foram de carro até São João e de lá fariam um pedal por uma trilha do Rio Paranã que os levaria até Alto do Paraíso, estavam aguardando a chegada de outro amigo, ciclista de Brasília, para seguirem num pequeno grupo. Tá aí uma bela opção de pedal na região que ainda pretendo realizar. Por fim saí às 10 da manhã de São João, morrendo de medo de ser obrigado a pedalar de noite em Brasília. Já havia pedalado nessa cidade e sabia que não seria nada simples pedalar de noite chegando por uma região que não conheço (área norte). Para quem não conhece Brasília vai uma dica, é uma cidade que foi planejada pensando que toda a população só iria se deslocar de carro, uma cidade sem calçadas, no máximo no entorno dos prédios residenciais. Se você não tem condições de ter um carro, ou mesmo não quer ter um, não vá para lá!

Na saída da cidade passei na Sport Bike, para tirar uma foto do Gleisson Rodrigues e me despedir dele. Encontrar uma figura que luta para convencer a população que bicicleta é muito

mais que transporte foi uma experiência única. Voltando ao pedal, saí com as pernas bem cansadas buscando insanamente chegar antes do anoitecer em Brasília. No começo alguns trechos planos, algumas colinas nem tão íngremes. Nas retas até conseguia manter 25 km/h, mas devido ao cansaço, não conseguia pedalar mais que 8 km/h nas subidas, sentia a perna pesando demais, claros sinais de over training.

Me despedindo do Gleisson

Pedalei 60 quilômetros e cheguei a São Gabriel de Goiás, uma cidade bem pequena, quase uma vila dessas que margeiam importantes rodovias. Almocei, abasteci meu galão de água já que o calor era insano e segui em frente. Após essa cidade encarei longos trechos bem plano e conseguia manter uma velocidade sempre superior a 25 km/h, sinal que conseguiria chegar de dia no DF como era meu objetivo. Cruzei a divisa do estado e fui recebido, por um lindo casal de araras Canindé, mas também pelos raivosos e displicentes motoristas de Brasília. Aos brasilienses, desculpem a generalização, mas andar socando a bota em BSB, infelizmente é regra. A exceção é quem anda sempre dentro da lei, com a preocupação de preservar a vida dentro e fora do seu carro.

Tocantins foi o estado onde encontrei os motoristas mais tranquilos de toda a viagem, claro que sempre há aqueles que se acham piloto e desprezam a vida alheia, mas esses eram exceção. Gestos cordiais eram comuns no estado, me apaixonei pelo seu povo. Mas no resto do Brasil, inclusive nas estradas vicinais de São Paulo, a quantidade de irresponsáveis por "volante quadrado" era assustadora. E quanto mais me aproximava de Brasília, mais apavorado ficava. Bastou cruzar a divisa dos estados e começou a putaria, a pista não estava esburacada, mas muito remendada e para os motoristas poderem andar em altíssima velocidade trafegavam pelo acostamento que estava menos judiado. Detalhe que a velocidade máxima regulamentada na pista era 80 km/h, velocidade essa totalmente ignorada. Pra piorar, adivinhem quem estava no acostamento?

Aqui ignorar as leis é regra e não exceção

Me ultrapassam e retornam ao acostamento, sempre em altíssima velocidade

Imaginem o meu cagaço (medo) de ser atropelado por um desses imbecis, já que um motorista a 160 km/h, não teria tempo para desviar de mim quando eu surgisse em sua frente após uma curva. Num curto trecho de 10 quilômetros de rodovia tirei 15 fotos de motoristas trafegando no acostamento e não consegui tirar uma foto sequer de alguém andando da forma correta. Brasília quase não tem avenidas, eles têm rodovias cruzando a cidade. Entrei numa dessas rodovias onde o asfalto era um tapete, mas o acostamento péssimo, nem por isso consegui me arriscar na pista, achei que meu pneu trator iria se desintegrar naquela lixa de acostamento.

Logo que entrei na BR-020 desci 10 quilômetros direto, sempre na mesma inclinação, uma longa descida que antecedeu mais 10 quilômetros de subida e justamente na subida o acostamento sumiu. Calçada para pedestres, área para um carro quebrado, nem pensar. Como havia um acostamento na esquerda junto ao canteiro central, não pensei duas vezes, assim que deu uma folga no movimento, atravessei a pista e segui pedalando pelo acostamento da esquerda, fui subindo devagar e sempre, até chegar a Sobradinho. No meu caminho vários condomínios fechados de alto padrão, muita especulação imobiliária e nada de alternativas de deslocamento que não sejam rodoviários. Com a cidade se espalhando segundo o critério das empreiteiras fica impossível dar um jeito no nó que o congestionamento acaba criando e o mais complicado é perceber que a maioria dos brasilienses acha isso normal. O céu já extremamente poluído e com um altíssimo índice de acidentes fatais de trânsito.

Asfalto maravilhoso para os carros e péssimo para o ciclista

Comparando a situação de Brasília com São Paulo, em 2008 foram 60 ciclistas que morreram no DF (Fonte AMB) já na cidade de São Paulo o número foi de 69. O detalhe é que, enquanto São Paulo tem uma população de 11 milhões (22 milhões na região metropolitana), no distrito federal são apenas 2,5 milhões de habitantes. Podemos dizer que um ciclista em Brasília tem quatro vezes mais chances de morrer atropelado do que em São Paulo. Ao menos, na época, havia tímidas campanhas de conscientização dos motoristas.

Quando o relógio marcou 19h30 já havia pedalado 140 quilômetros e estava a uma descida para entrar no Plano Piloto e finalmente chegar a Brasília. Liguei para meu amigo Uirá, que seria meu anfitrião na cidade e ele me deu umas dicas para não seguir o trânsito lógico dos carros, assim eu sairia direto na Asa Norte pelo trecho dos bairros, bem mais tranquilo de se pedalar. Não entendi direito, mas resolvi arriscar e encarei uma longa descida a mais de 60 km/h, o problema é que o acostamento havia sumido, não havia calçada e a pista estava muito irregular, tinha que controlar a velocidade, pois uma dessas ondulações da pista poderia ser fatal para a bicicleta, a viagem e até mesmo para mim, já que os demais motoristas não tinham muita paciência e uma queda ali, nem com capacete de titânio me salvaria.

Brasília é uma das cidades que mais mata ciclistas do Brasil

Nesse momento surgiu um motoqueiro que começou a me escoltar. Disse que iria em direção do Eixo Monumental e ele disse que me indicaria o melhor caminho, bem mais seguro. Ele me deu uma boa segurança e nos bizarros acessos que pareciam pistas de fórmula 1, quando dei por mim estava no meio do Eixão, pista expressa que corta o Plano Piloto. Ele queria que eu pedalasse numa pista no canteiro central, pois segundo ele, ali era mais seguro. O problema é que eu teria que atravessar três faixas rápidas e andar numa pista suja, com carros em alta velocidade passando dos dois lados. Bem na pista onde morreu o ciclista Pedro Davidson, morto em 19 de agosto de 2006 por um motorista bêbado que invadiu essa pista. Claro que não iria pedalar naquele moedor de carne.

Já estava no Plano Piloto e me senti em casa, achei um acesso para entrar na área residencial da Asa Norte e fui pedalando tranquilamente até o a Rodoviária onde temos uma visão privilegiada da Esplanada dos Ministérios e do Congresso Nacional, lá foi o ponto de encontro onde o Uirá foi me buscar. Ainda sobrou tempo para passar na casa do Zerbinato, cicloativista de Brasília

Ao fundo o Congresso Nacional

que conheço de longa data. Depois fomos tomar um Chopp e falar sobre mobilidade, política, bicicleta na cidade, papo que todo cicloativista adora, ainda teve mais um pedal até sua casa no bairro de Águas Claras, totalizando nada menos de 180 quilômetros de muito pedal. Ao menos agora teria no mínimo dois dias de descanso para aproveitar o final de semana com meus amigos em Brasília.

8.9 – PASSEANDO POR BSB

Passei correndo pela Chapada dos Veadeiros para poder curtir o final de semana com meus amigos de Brasília e iria aproveitar ao máximo. Sábado de manhã vimos que havia uma entrega para o Uirá na portaria, fomos ver e era a roda traseira da minha bicicleta, aquela que eu pedi pro pessoal da Caloi me enviar quando estava em Palmas. Me enviaram uma roda montada, com pneu e até um cassete Deore 9 velocidades, bastava só jogar na bike e sair pedalando. O detalhe interessante eram os aros trançados, já tinha ouvido falar nisso, que ciclistas de Downhill costumavam usar rodas assim para se tornarem mais resistentes a pancadas e se não tivesse mais nenhum raio quebrado nos pouco mais de 1000 quilômetros que restavam já estava feliz. O problema é que eu teria que ir numa bicicletaria, pois não tinha as ferramentas para sacar o disco do freio e tão pouco do cassete.

Era sábado e a Mara nos convidou para irmos ao Hotel dela para comermos uma feijoada e lá fomos nós, eu, o Uirá e seus dois filhos, o Cauã e o Iuri. Claro, a Roni (esposa do Uirá) também foi conosco, a família inteira e todos de bicicleta. Apesar de ser um pouco longe, até daria para ir todos pedalando, o problema é que não há opções seguras, ainda mais para se levar crianças na cadeirinha. Como em Brasília há rodovias cortando a cidade, muitas sem acostamento, sempre será extremamente perigoso pedalar lá, mesmo que o ciclista tenha muita experiência e pedale como um atleta. Naquela época Brasília já possuía um plano cicloviário com mais de 600 quilômetros mas pouco havia sido executado. O plano tinha vários problemas, fazia o ciclista se deslocar com segurança até onde havia um cruzamento com uma avenida (ou essas rodovias que cortam a cidade) e obrigava o ciclista a dividir espaço com os carros para chegar do outro lado. Duvido que um desses engenheiros teria coragem de colocar seu filho pedalando por essas ciclovias. Pior que Brasília não sofre com espaço para construção delas como em São Paulo, lá existe espaço de sobra para a construção de ótimas ciclovias.

Uirá, meu anfitrião em Brasília, e seus bebes, Cauã (atrás) e Iuri (frente)

Como essas ciclovias estavam jogadas de qualquer maneira e sem nenhuma interligação, fizemos o mais seguro, pedalamos até uma estação do metrô e seguimos até seu final na Rodoviária. O legal é que em Brasília a bicicleta é liberada

no metrô todos os dias, a qualquer horário e deixam até usar a escada rolante. Em tese é proibido, mas como os seguranças fazem vista grossa, é como se fosse permitido. O metrô de Brasília é pequeno, menor que o de São Paulo que tem seis carros, os de lá tem apenas três. O tempo entre os trens é muito demorado, enquanto em São Paulo o tempo varia entre 2 e 4 minutos, durante minha estada em Brasília fiquei no mínimo 10 e no máximo 30 minutos esperando. No trajeto da casa do Uirá até o metrô (2 km no máximo) o Iuri dormiu na cadeirinha. Dentro do metrô ele acordou mas foi a vez do Cauã dormir.

Sonequinha do Cauã no metrô de Brasília

Lembrava dos pedais que fiz com meu filho, mal esperei ele conseguir sentar sozinho e lá estava eu colocando-o na cadeirinha da bicicleta, isso com pouco mais de seis meses. Ele adorava, o problema é que dormia rapidinho. Conforme ele foi envelhecendo passou a ficar mais tempo acordado e curtindo o pedal, mesmo assim já passei por vários perrengues por causa desse sono incontrolável dessas crianças. Quando fazia um pedal mais longo eu levava uma toalha, parávamos num lugar gramado para ele dar uma cochilada e depois voltávamos a pedalar. As vezes ele apagava quando faltavam cerca de 1 a 2 quilômetros de casa e era uma briga para pedalar segurando a cabecinha (sim, fui bondoso) dele. Já vivemos diversas aventuras juntos e apesar de atualmente termos nos separados por causa da sua mãe, acredito que a bicicleta irá nos unir ainda mais no futuro.

Fomos então de metrô, descemos na rodoviária e de lá seguimos para o Hotel da Mara, onde encontrei outros amigos de BSB (como o pessoal de lá se refere a cidade), comemos uma deliciosa feijoada e depois ficamos um tempo na piscina do hotel vendo as crianças se divertirem com a água. Era doloroso ver outras crianças, pois sempre me lembrava do meu filho, me divertia com os filhos do Uirá mas ao mesmo tempo me trazia tristeza. Ficava imaginando a possibilidade de casar com outra pessoa, ter outro filho. Mas ao mesmo tempo temia ter que passar por tudo aquilo novamente e ser obrigado a ficar longe dele como estava do meu único filho até então. Também não conseguia imaginar

Ver a alegria deles só me deixava com mais saudades do meu filho

Fonte iluminada ao lado da Torre de TV

compensar a ausência dele com a de outra criança. Antes de ter um filho até achava que isso seria possível, mas depois que ele nasceu descobri que nada nesse mundo pode substituir o amor que sinto por ele.

A tarde fomos até a Torre de TV, um ponto turístico de BSB, bem no meio do Eixo Monumental onde também havia uma bela fonte de água. Ficamos ali até o anoitecer, depois que colocaram uma fonte de água naquele local, muitas são as pessoas que vão para lá apenas para ficar curtindo e até mesmo se refrescando. É uma fonte que fica tocando música, suas águas dançam conforme o som e ao anoitecer ocorre até algumas projeções. Nenhum investimento que é feito com finalidade de valorizar o espaço público e trazer pessoas para as ruas pode ser considerado um gasto equivocado.

Voltamos antes do metrô fechar, pegamos o último trem e seguimos para Águas Claras, naquele dia fiquei de ligar para meu filho e falar com minha ex. A conversa foi péssima, nem

Cidade perfeita para quem só anda de carro, enquanto sobram vias expressas sem semáforos, faltam calçadas e ciclovias. O problema não é falta de espaço

vou entrar em detalhes do que foi conversado, mas uma coisa é certa, ali começou a surgir em mim um amor próprio que conduz minha vida até os dias de hoje.

8.10 – CURTINDO O DOMINGÃO NA CIDADE CARROCRATA DE BRASÍLIA

A palavra democracia tem sua origem na Grécia Antiga (demo=povo e kracia=governo), em tese, isso significa que o povo tem o poder de tomar suas decisões, dizem que vivemos numa democracia porque temos o poder de decidir quem queremos que nos governe pelo voto. Seria o ideal se não colocássemos nessa conta o quanto somos manipulados para votarmos em quem alguns poucos acham que devemos votar, mas de todos os sistemas que temos aí, a democracia é o menos ruim. Compreendendo o significado de Democracia, fica fácil entender o que viria a ser uma Carrocracia, ou seja, a impressão é de que o poder está nas mãos de quem tem carro e acredito que não exista outra cidade no Brasil onde o termo Carrocracia não se aplique melhor do que em Brasília. Aqui ou você tem carro ou você é uma pessoa excluída e terá que sobreviver nas piores condições possíveis. Como disse anteriormente, Brasília não tem avenidas, mas rodovias cortando a cidade, tudo feito para ser muito mais fácil (e barato) se deslocar de carro do que de qualquer outra forma, seja a pé, de transporte público ou bicicleta.

Quem anda a pé sofre com a ausência de calçada em várias vias, apesar de não faltar espaço para elas, é comum você ver o gramado vir até a guia que separa a via do que seria a calçada e uma trilha no meio da grama, onde os pedestres costumam caminhar. Em caso de chuva, a trilha vira um brejo. Sem falar no uso da calçada (e dos gramados) como estacionamento, outra aberração "natural" da cidade.

No domingo de manhã, estávamos perto da portaria do prédio do Uirá, um morador passou por nós e ele disse – "Olha só, o cara vai pegar o carro e ir dirigindo ao mercado que fica a 300 metros daqui para comprar o pãozinho" – Não demorou 15 minutos e lá estava o morador de volta, com um saquinho de pão nas mãos. Achei aquilo patético, até que arrisquei ir a pé ao supermercado. Me assustei com o número de carros, mas não nas ruas e sim nas calçadas. Como não há espaço para eles dentro dos prédios de 20 andares e com uma vaga por apartamento, consequentemente os carros extras ocupam o espaço público e principalmente as calçadas. Nessa caminhada minha de 300 metros até o Supermercado tive que desviar de OITO carros estacionados no meio da calçada, o que me obrigou a caminhar pela rua. Como o motorista padrão de Brasília não consegue enxergar outra coisa senão outros carros na via, claro que passei vários perrengues até chegar ao supermercado. Depois dessa que deveria ser uma simples experiência (o de caminhar até a padaria), passei a relevar a atitude do motorista do pãozinho, ele não é egoísta ou imbecil, ele não é corajoso como os loucos que se aventuram a caminhar pela cidade até a padaria.

Essa história de respeito a faixa de pedestre na cidade é balela, isso até ocorre de forma bem discreta dentro das áreas residenciais dos asas do Plano Piloto. Em outros lugares da cidade está longe de ser um padrão, principalmente nas raras alças de acesso em que há faixas de pedestres. Os ônibus são os mais caros do Brasil, com motoristas insanos que raramente param no ponto. Na maioria são sucatas que já foram usadas em outras cidades, reformadas e vendidas para as empresas de ônibus que operam na cidade. Parece não haver nenhum controle pelo

Aos domingos o Eixão é fechado para carros e aberto para pessoas

governo do DF sobre essas empresas e elas colocam os ônibus que quiserem, na linha que quiserem e na quantidade que quiserem. Inclusive cobrando o preço que quiserem.

Para os ciclistas então... O Uirá é um ciclista experiente, praticamente um atleta, tem um condicionamento físico invejável e pedala em Brasília sempre em alta velocidade. Mesmo com toda sua experiência diz que vai de manhã pedalando ao trabalho, mas que a noite, devido ao medo de ser atropelado, volta de metrô. Minha estada em Brasília foi na mesma época em que o Bike Anjo em São Paulo estava começando a crescer. Bike Anjo são ciclistas voluntários que procuram incentivar outros ciclistas a usarem a bicicleta como meio de transporte, passando dicas de como se comportar no trânsito junto aos carros e como encontrar as melhores rotas para pedalar. O Uirá dizia que não tinha coragem de estimular outros ciclistas a pedalarem em Brasília de tão perigoso que estava ficando. Os números de acidentes fatais envolvendo ciclistas comprovam isso, Brasília é uma das cidades mais motorizada (consequentemente desumanizada) do Brasil.

Bem, voltando ao pedal, naquele dia eles haviam combinado com outros amigos de passarem o domingo no Parque Nacional de Brasília, uma espécie de balneário com piscinas naturais, onde milhares de pessoas vão se refrescar. Aos domingos o Eixão, uma via expressa que atravessa todo o Plano Piloto, é fechado aos carros e tomado pelas pessoas, portanto são milhares de ciclistas e pedestres que tomam conta da via. Fomos novamente de metrô até a Rodoviária e depois seguimos pelo Eixão até o final da Asa norte. Claro que sempre de bicicleta e com o Uirá carregando seus dois filhos. Vale salientar que eles não são gêmeos, apesar de muito parecidos eles tem uma diferença de um ano, mesmo assim a Roni (mãe dos garotos) gosta de vesti-los com roupas parecidas.

Para chegar ao parque sem carro, voc"e tem que cruzar uma rodovia urbana

Pedalamos pelo Eixão, depois por uma avenida e não demorou para chegarmos na

entrada do Parque Nacional. Para a minha surpresa tivemos que atravessar uma rodovia, com muitos veículos passando em altíssima velocidade pois em frente ao parque não há faixa de pedestres, semáforos, passarela, nada que estimule a pessoa acessar o parque senão de carro. Em consequência disso sempre há uma enorme fila formada na entrada do parque. Deixamos os carros para trás e seguimos felizes, pois iríamos entrar pela entrada de pedestres, mas nossa surpresa foi a enorme fila que encontramos. Com aquele sol castigante seria complicado ficar com as duas crianças esperando nossa vez de passar. Então o Uirá tentou passar na frente dos carros achando que ele teria a preferência. Mas ele já começou discutir com os seguranças, pois eles o mandaram para a fila de pedestres, então já viu, ele começou a questionar com o segurança que bicicleta era veículo, bla, bla, bla.

Tentei até contê-lo pois sei que não adianta ficar batendo de frente com um segurança ignorante e sim tentar falar com alguém que resolvesse o problema e que fizesse valer o seu direito de ter preferência já que ele estava com duas crianças. O problema é que havia várias pessoas com crianças pequenas lá na fila de pedestres... Nossa, que confusão!

Por sorte o motorista que ele entrou na frente, ao invés de ficar bravo já que ele estava segurando a fila, ficou ao seu lado alegando que "bicicleta era veículo também!" Foi engraçado, a confusão ainda foi longe, primeiro falaram que só deixariam o Uirá entrar com as crianças mas eu e sua mulher tínhamos que pegar a fila. No final das contas o motorista perguntou em quanto estávamos e comprou as entradas para nós. Foi uma bela furada de fila que me deu um pouco de vergonha, pois acabamos passando na frente de pessoas na mesma situação que nós. Uma pena, pois se houvesse um tratamento mais digno da própria gestão do parque, ninguém seria obrigado a passar por tudo aquilo.

Armamos nossas redes embaixo de umas árvores e curtimos a tarde no parque. As crianças se divertiram muito, o Cauã ficou peladinho e tirei uma linda foto dele fazendo xixi numa árvore. Só não público em respeito aos seus pais e também a criança já que tá cheio de gente com pensamentos malucos por aí, mas um dia vou fazer um quadro e dar de presente a ele quando tiver tamanho suficiente para ficar envergonhado.

No final do dia retornamos para casa e eu ainda chateado com tudo que havia ocorrido no dia anterior. Infelizmente essa foi uma constante em minha a viagem, todos que conviveram comigo durante esses pouco mais de 100 dias me encararam num momento bastante depressivo, sinto não ter sido a agradável companhia que gostaria de ser. Minha intenção era encarar a estrada na segunda-feira, mas como não consegui trocar a roda que a Caloi me

Usando o metrô (em dia útil) para chegar em Taguatinga - DF

Raios trançados foi a solução encontrada pelo pessoal da Caloi para a quebra de raios

enviou no final de semana, tirei a segunda para ir até uma bicicletaria e a mais perto que o Uirá confiava ficava em Taguatinga. E em plena segunda-feira fui de metrô, sem stress, no meio do dia. Encontrei com o Uirá na estação de Taguatinga e fomos para a Taguaciclo.

Lá o pessoal da loja, mais uma vez, me deu uma força e fez o serviço que eu precisava. A roda que a Caloi me mandou tinha um cassete Shimano Deore novinho, mas seria besteira colocar um cassete novo num conjunto já desgastado, com risco até de não dar encaixe. Então pedi para o mecânico tirar o cassete e o disco de freio da roda antiga e passar para a roda trançada. Já o cassete novo trouxe para usar quando fosse trocar a relação, ou mesmo em outra bicicleta. Fizeram tudo isso sem cobrar e ainda me deram vários remendos de pneus, pois os meus já estavam no fim, devo ter gasto uma caixinha inteira desses remendos estrelados nessa viagem!

Voltei para a casa do Uirá e com os remendos que ganhei na loja consegui consertar minhas câmaras dos pneus de asfalto, assim os coloquei de volta na bicicleta, o que significava que poderia acelerar bastante até Patos de Minas, minha próxima longa parada.

8.11 - ADEUS BRASÍLIA, CHEGA DE SUFOCO

São Paulo não é nenhuma maravilha, mas em Brasília é assustador! Brasília não tem transporte público (é tão ruim que para mim é como não ter) não tem calçadas, também não tem avenidas, mas em compensação tem dezenas de rodovias loteando a cidade, ilhando bairros e vilas. Tanto é que, tirando a região do Eixo Monumental, onde há muitos turistas, é raro encontrar pessoas caminhando pelas suas ruas. Os carros fazem "literalmente", parte da paisagem da cidade. Estão em todos os lugares, ocupando qualquer espaço vago nas ruas, nas calçadas, gramados e em tudo que é lugar. A

Chegar a pé ao Shopping nem pensar. Melhor caminhar 2 kms dentro do estacionamento

cidade é rasgada pelas EPs (nome das avenidas-rodovias que cortam a cidade) que não tem semáforos, nem em frente a locais de grande fluxo de pessoas como a rodoviária, ou mesmo o Parque que fomos no domingo.

Pior que a maioria do povo brasiliense acha tudo isso normal, um grande empreendimento da região de Águas Claras não era um hospital, uma escola pública e sim um Shopping com mais 1200 vagas de carros. Aliás meu amigo viu o plano do bairro de Águas Claras e o projeto é até bom, tem tudo isso que falei, escolas, hospitais, áreas públicas, está tudo lá, mas só no plano. Certa vez ele foi até a regional, uma espécie de Subprefeitura que administra o bairro, questionou o porquê essas obras ainda não foram entregues e um funcionário lhe disse que, por pressão da própria população. Pois segundo esse funcionário, muitos dos moradores não queriam serviços públicos no bairro pois eles poderiam atrair pobres para a região. Você duvida que isso seja verdade? Eu não duvido.

Brasília é simplesmente horrível para quem não se desloca de carro. E também está ficando horrível para os motorizados por motivos óbvios. Mudanças? Duvido, pois some todos os problemas já existentes, associado a uma cultura egocêntrica onde eu sou melhor do que você, uma disputa surreal do "Você sabe com quem está falando?", da Sociedade do Automóvel onde posses, bens, superioridade financeira está no inconsciente coletivo, uma necessidade incontrolável de provar que você é melhor que o vizinho, que seu valor está no que você tem e não pelo que você é. Soma-se o fato de Brasília ter uma população onde a maioria dos moradores não possuem longas raízes com o local. Raiz é algo que estimula as pessoas a preservarem o espaço que vivem, que se identificam, a maioria das pessoas tem um carinho especial pela terra onde nasceu. Brasília está mais para o Mato Grosso, estado onde não encontrei mato-grossenses, do que para Tocantins, um estado onde senti um orgulho das pessoas por pertencerem aquela terra. Pra finalizar, inclua nesse bolo essa droga de cultura política que atrai as pessoas para um cargo público, não pelo prazer em servir o cidadão, mas sim para ganhar muito e trabalhar pouco. Por isso que fica difícil enxergar mudanças a curto prazo, quem sabe daqui a umas duas gerações?

Bem, Brasília é passado e agora preciso seguir viagem. No dia anterior eu tinha como objetivo pedalar uns 200 quilômetros até Paracatu, mas para variar não consegui acordar cedo e saí da casa do Uirá só depois do almoço. Partindo para o pedal, peguei um longo trecho de ciclovia numa dessas EPs (rodovias que deveriam ser avenidas) para acessar a rodovia que me levaria a Cristalina. Mas como qualquer infraestrutura não motorizada numa cidade carrocrata, no primeiro cruzamento, ao invés de haver placas alertando os

Para chegar ao parque sem carro, voc"e tem que cruzar uma rodovia urbana

motoristas sobre a ciclovia, havia placas mandando o ciclista parar e dar a preferência ao "deus carro", algo que vai de encontro às leis de trânsito brasileiras, mas para que o estado tem que seguir as leis?

Consegui deixar o DF às 16h00, com meu GPS marcando incríveis 4000 quilômetros. Como eu liguei o GPS apenas do Pantanal em diante, quando já havia pedalado 1500 quilômetros, significava que já havia passado da marca dos 5500 quilômetros pedalados. Com 20 quilômetros pedalados já estava em Goiás, com trânsito bem mais tranquilo, pista com bom acostamento e podendo pedalar com maior tranquilidade. Quando estava em Brasília planejei pedalar 200 quilômetros até Paracatu e no dia seguinte mais 200 até Patos de Minas, mas quem disse que meu corpo estava aguentando?

O trajeto não é lá tão interessante, muitas fazendas, poucas matas preservadas, muitos carros e alguns belos vales no caminho, mas não tirei muitas fotos, na verdade só parei duas vezes e segui pedalando. Às 19h30, ainda restavam uns 20 quilômetros até Cristalina, foi quando avistei um posto na estrada. Liguei meu celular e vi que tinha um sinal fraco da Tim, então seguindo o conselho de uns caminhoneiros e resolvi passar a noite naquele posto. Aqui vai outra dica, quer encontrar um posto seguro para dormir? Escolha um com muitos caminhoneiros e de preferência o mais afastado possível de uma cidade. Esse posto era tão bom que tinha chuveiro quente de graça e uma janta maravilhosa, onde você pode comer a vontade pagando apenas R$8,00. Foi um pratão de salada, outro com o prato quente e uma Coca-Cola de 2 litros só pra mim.

Armei minha rede ao relento entre duas árvores, amarrei minha bicicleta na mesma árvore e

Posto de gasolina em Cristalina - GO

fiquei apenas com medo dos relâmpagos que eu via a nordeste de onde estava, só torcia para as nuvens de chuva não passarem por ali. Para garantir, passei um cordame de sisal acima da rede e meu plano B seria colocar a lona sobre o cordame caso a água despencasse, por sorte a chuva não chegou e dormi seco.

Fiquei ali mais algumas horas escrevendo o texto do blog, publiquei e cochilei, embora despertasse a todo o momento com o barulho dos caminhões que chegavam no posto durante a madrugada inteira.

Rio Azuis - TO

Cristalina - GO

8.12 – CHEGANDO EM MINAS! EITA TREM BÃO...

Dormindo ao relento e com sorte pois não choveu de madrugada

Acordei às 7h00 com a luz do sol no meu rosto e calmamente preparei o meu café da manhã ao lado de onde armei minha rede. Tinha um pão sovado, creme de amendoim, leite em pó, café solúvel, uns pacotes de bolachas, só precisava esquentar a água e tomar meu delicioso café ali mesmo. No começo eu levava manteiga, mas com o calor, mesmo na malinha térmica, ela ficava líquida. Tentei uma geleia, mas sofria da mesma maneira com o calor, foi quando me lembrei do "ioiô-cream". Quem é da minha geração sabe muito bem como é gostoso, uma pasta de amendoim com chocolate, divididos meio a meio dentro do pote. Em São Paulo é mais comum comer Nutella, dificilmente encontrava o loiô cream, até que achei essa pasta em uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul, a partir de então, sempre comprava essa pasta. Quando não tinha esse ioiô-cream, comprava pasta de amendoim mesmo.

Posto onde passei a noite

Tomei meu delicioso café vendo o sol surgir no horizonte, guardei minhas bagagens e por volta das 8h30 estava pronto para partir, não era tão tarde e não teria tanta distância a percorrer. Até Paracatu restavam 120 quilômetros, sabia que até a divisa de Goiás com Minas, haveria muitos trechos planos, mas em Minas começariam torturantes subidas. Se não surgisse nenhum contratempo, poderia chegar a Paracatu às 14h00, mas quem disse que as coisas seriam fáceis para mim nesse final de viagem?

Em Paracatu eu iria encontrar a mãe do Kico, cicloturista do grupo Nova Origem que conheci enquanto passava por Cuiabá. Naquele dia eles estavam na Bolívia, em Cochabamba, se preparando para subir a cordilheira rumo a La Paz. Saí do posto de gasolina e o GPS marcava uma altitude de 891 metros de altitude. Foram 24 quilômetros subindo suavemente até Cristalina e ao chegar na cidade já estava a 1242 metros. Vim num ritmo muito bom, minha média era de surpreendentes 18 km/h, algo que iria me custar caro mais adiante. Disseram-me que Cristalina é uma cidade bem interessante, uma das maiores produtoras de cristais do Brasil, com belas cachoeiras e outras belezas naturais, infelizmente eu não tinha muito tempo para conhecê-la. Parei em um caldo de cana perto da cidade, tomei uma garapa com pastel e voltei logo para e estrada.

Se subi 24 quilômetros suavemente, o mesmo posso dizer da descida, foram 30 quilômetros só descendo e girando a sempre mais de 30 km/h. Quando reparei já havia percorrido 60 quilômetros em menos de 3 horas e não demoraria a cruzar a divisa dos estados. A paisagem, apesar de muito pouco de área preservada, conseguia encontrar beleza até nas enormes plantações de soja. Estava bem abastecido mas teria que me precaver em relação a porque depois de Cristalina seriam 100 quilômetros até Paracatu sem nenhuma cidade no meio. Antes eu deixava meu galão deitado e só precisava girar a tampa para beber a água. Depois de tantas quedas a tampa do galão rachou e a água começou a vazar. Para não ficar sem água, passei a levá-lo de pé e para beber tinha que arrancar o galão. Mas já estava com tanta prática que isso nem era mais um incômodo.

O asfalto estava maravilhoso, acostamento impecável, mas as pernas começaram a pesar nas subidas. Apesar de ainda estarmos em época de chuvas, comecei a observar queimadas, que de naturais não tinham nada. Não demorou cruzei o Rio São Marcos, deixando o Estado de Goiás para trás. Bastou cruzar o rio e o asfalto ficou péssimo, com o acostamento impraticável. O problema eram mesmo os caminhões, se você tem acostamento, pode pedalar tranquilo, quando não tem, como eles passam a todo o momento, fica meio impraticável ficar saindo a toda hora para o acostamento horrível, com risco de furar um pneu. Em estradas sem acostamento, a

Tempo lindo e asfalto impecável

velocidade dos veículos não poderia passar de 60 km/h, mas o motorista Brasileiro está longe de dirigir com prudência, ainda mais nessas rodovias onde a fiscalização é zero.

A divisa de Goiás com Minas é um rio que obviamente fica no fundo de um vale, te obrigando a descer muito, para subir muito novamente. Minhas boas vindas mineiras foi uma torturante e longa subida. Aliás nem era tão longa assim, mas para meus músculos já extremamente castigados, foi a gota d'água. A 40 quilômetros de Paracatu, passei a sentir fortes câimbras no quadríceps da perna esquerda. Parei e comecei a fazer massagens na coxa, minha perna estava toda dolorida, cheia de ácido láctico. Qualquer um que começou a praticar exercícios já sentiu as famosas dores de esforço e culpa, de forma equivocada, o ácido láctico. Na verdade o ácido láctico funciona como fonte de energia para o músculo, gerada pelo próprio organismo.

Quando o músculo está bem condicionado, ele consome esse ácido láctico e o transforma em energia, mas quando o músculo esta fadigado, ou trabalhando além da carga limite, ele deixa de consumir o lactato, o que gera uma hiperacidez e traz desconforto e fortes dores. Para queimar esse ácido só girando leve ou com um belo e longo descanso, mas como parar para descansar? Fui assim, girava muito nas subidas, na mais levinha e largava na descida. Depois de um tempo o problema não era mais a perna esquerda. A direita passou a querer travar também. Se eu tentava ir empurrando na subida também sentia dores, só de descer e subir da bike minhas costas queriam travar. A panturrilha também, quando percebi estava tendo câimbras no corpo inteiro, sinal que meu organismo estava quase entrando em colapso. Isso tem vários motivos, fadiga, ausência de minerais, desidratação, insolação. Eu tinha tudo e mais um pouco, comecei a ficar com muito medo, entrar em colapso ali seria terrível, mas devagar e sempre eu segui pedalando, pois faltava muito pouco até meu destino do dia.

Faltando 10 quilômetros para Paracatu, lá do alto avisto a cidade. Que bom, um longo trecho em descida, soltei a magrela e logo estava na cidade. Estava feliz por chegar achando que não haveria mais sofrimento até a casa dela, mas depois da longa descida havia uma forte subida já dentro da cidade e novamente meu corpo inteiro travou. Mas agora eu chegaria nem que fosse de ambulância! Liguei para a Marina, mãe do Kico, ela me explicou como chegar à casa dela e por sorte, depois daquela forte subida só haveria descida. Passei pelo centro da cidade, desci uma ladeira, cruzei um rio e lá estava ela, me esperando na porta da sua casa. Como eu fiquei feliz em chegar, me sentir acolhido, poder dar um descanso para meu corpo. Nem preciso contar o quão fui bem tratado pela Marina. Para se ter uma ideia, a última vez que ela recebeu um cicloturista em sua casa, foi justamente seu filho e seus amigos do Nova Origem.

Cruzando a divisa de Goiás com Minas, asfalto péssimo e início das câimbras

Eles saíram de Juiz de Fora para sua volta ao mundo, mas antes percorreram muitas cidades Brasileiras e não deixaram de incluir a cidade de Paracatu no roteiro. Quando cheguei à sua cidade já faziam mais de 10 meses que eles estavam na estrada. Como sua mãe estava tão feliz com o tratamento que seu filho vinha recebendo das pessoas em sua viagem, disse que iria descontar tudo em mim. Para começar ela já havia programado um jantar com vários amigos para me receberem. E que recepção, com direito a violão, muitas risadas, tudo de bom. Fiquei muito feliz com a calorosa recepção, mas depois descobri que para eles tudo é motivo para se reunirem e fazer alguma celebração. Disseram que a cachorrinha de um deles estava dando cria, daí liga para um, avisa o outro e daqui a pouco estão todos na casa de um deles, vendo a cachorra parir e tomando cerveja.

Lá em baixo a cidade de Paracatu - MG

Era esse tipo de energia que precisava para continuar minha viagem, pretendia pedalar já no dia seguinte para Patos de Minas, mas conhecia boa parte do caminho do dia seguinte e sabia que seria muito duro, com no mínimo duas longas serras e uma distância de 200 quilômetros, praticamente impossível de vencer a distância naquelas condições. A Marina pediu para eu ficar mais um dia, até ligou para uma amiga que tem uma clínica de fisioterapia e conseguiu uma sessão de tratamento de recuperação muscular para o dia seguinte. Acabei aceitando sua hospitalidade, mesmo assim sabia que dependeria da minha recuperação a tentativa de vencer a distância que me separa das duas cidades, em um dia.

Dormi como um anjo. No dia seguinte recebi uma ligação do Kico e fiquei muito feliz pelo empréstimo da sua mãe. Marina é uma funcionária aposentada do Banco do Brasil, me contou sua história, do casamento com o pai do Kico, da sua separação que ela enfrentou justamente porque queria buscar sua carreira, sua independência, a sua felicidade. Ela vislumbrava um futuro feliz para ela e infelizmente não conseguia

Recepção calorosa na casa da Dona Marina, mãe do Kico do Nova Origem

imaginar conquistando esse futuro com seu ex-marido, apesar do sentimento que os levaram a casar. Com toda coragem do mundo que só uma mulher visionária para a época podia ter, desistiu do relativo conforto, da acomodação que uma vida padrão poderia proporcionar e buscou sua real felicidade.

Hoje olhamos para ela e vemos uma mulher feliz e realizada, claro que ela tem também seus perrengues, consegui perceber o sofrimento com a distância do seu filho, suas lágrimas contidas logo após conversar com ele, mas ao invés de fazer algo egoísta para tentar tê-lo por perto a todo custo, fez o oposto, deu e dá todo apoio que uma mãe poderia dar a um filho. Sempre que recebe dá uma mesada mensal para seu filho e garanto que, se pudesse, bancaria toda a viagem dele, tudo pela felicidade do seu filho. Acho que nem o Kico tem noção do que sua mãe sentiu com a distância. Mas eu, como um bom pai, sei exatamente como ela se sente e a invejo por tamanha lucidez. Ao invés de entregar os pontos, tira proveito das dificuldades e como uma verdadeira mãe tem que ser, conforta sua dor se alimentando da felicidade do seu filho.

Outra forma de superar a dor é viver de forma feliz e saudável com seu atual marido, o Humberto. Aprendi muito com ela, principalmente que é possível viver um novo amor, algo que não conseguia imaginar antes daquele evento em Brasília. A partir desse dia realmente comecei a repensar em ser feliz com outra pessoa e posso dizer com todas as letras, a Dona Marina foi a primeira pessoa que me mostrou essa nova possibilidade. Sofri por meses numa luta, até o dia em que finalmente consegui desenhar o futuro que eu quero para mim e quando fiz isso descobri que não havia mais espaço para o amor do passado. Demorou para perceber que o ciclo havia se fechado, que "foi bom enquanto durou", que o amor não dá para ser a única base de uma relação e que minha futura parceira terá que ser, não apenas uma pessoa de quem eu me orgulhe, mas também alguém que realmente sinta orgulho por mim e que acredite nos meus sonhos.

Fisioterapia e muito trabalho para estar inteiro no dia seguinte

Você que está infeliz no seu casamento, faça o teste, desenhe em sua mente o futuro que você gostaria de viver e veja se a sua parceira(o) teria espaço nele. Verifique se você sente orgulho dela(e) e, principalmente, se ela(e) sente orgulho por você. Analisando seu futuro, será que não está na hora de você repensar o seu presente?

No dia seguinte, conforme prometido, a Dona Marina me levou até a Clínica de sua amiga, lá fiz uma série de exercícios na piscina e depois passei por uma sessão com umas luzes que não me lembro direito o que era. Só sei que fiquei bem melhor e me sentia uma máquina, pronta para

tocar forte até Patos de Minas, onde teria pelo menos uma semana de descanso, antes do meu retorno a São Paulo. Claro que tivemos mais uma reunião de amigos na casa da Dona Marina, agora o motivo era se despedir de mim. Saí de lá morrendo de saudades dessa pessoa iluminada que é a Dona Marina, apesar de ser feliz pela mãe que tenho, fiquei muito feliz pelo Kico que tem uma mãe tão maravilhosa.

8.13 – NUNCA SENTI TANTA FALTA DE UM ABRAÇO

Acordei às 6h00 da manhã, minha esperança era sair às 7h00, pois teria um longo dia de pedal até Patos de Minas, com uma grande serra no caminho e não queria ter que pedalar de noite. Mais uma vez, para variar, enrolei e saí da cidade às 8h40. O lado bom é que as dores foram embora e saí confiante de que faria os 200 quilômetros sem sofrer novamente com as câimbras. Estava na BR-040, se eu seguisse sempre nela passaria por Belo Horizonte, Juiz de Fora e chegaria ao Rio de Janeiro. Mas naquele dia pedalaria nessa rodovia, rumo a sudeste, por cerca de 70 quilômetros, depois rumaria ao sul por mais 70 quilômetros, dessa vez pela MG-410, onde teria uma serra pela frente, passando dos mil metros de altitude, até a BR 354, onde teria os últimos 50 quilômetros até Patos. Devido a distância e a dificuldade do terreno, previa que chegaria de noite.

Durante a viagem reparei que em todas as estradas existe uma área com cerca de 10 metros no mínimo, que chamam de faixa de domínio. Essas áreas devem receber um cuidado constante para a vegetação não invadir a pista e provocar acidentes. A manutenção da BR-040 é de responsabilidade do DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). Reparei também que, em diversos pontos, essa faixa havia sofrido ação de queimadas, algo que achava proveniente, provavelmente, de um motorista irresponsável que atirou uma bituca de cigarro no cerrado seco. Mas em Paracatu, a dona Marina disse que em diversos casos, o responsável pelas queimadas é o próprio DNIT, pois ele contrata empresas para realizarem essa manutenção da faixa de domínio e muitas dessas empresas usam o fogo como forma de fazer essa limpeza. Se reparar bem em algumas fotos que eu tirei da viagem, é fácil notar que realmente é uma queimada controlada, pois nem sempre afeta áreas de cerrado ou plantações após a faixa de domínio. Disse nem sempre, pois encontrei várias situações onde o incêndio invadia o terreno inteiro. Segundo ela já ocorreu casos de acidentes com mortes devido a essas "queimadas institucionais". Recentemente havia ocorrido uma colisão entre duas carretas por causa da fumaça que invadiu a pista e encobriu a visão dos motoristas.

Queimadas contratadas pelo Dnit (Depto Nacional de Infraestrutura de Transportes)

Segui em frente pela BR-040, no começo

o relevo é bem acidentado, com mais descidas que subidas e havia pedalado cerca de 20 quilômetros quando encontrei outro ciclista, no mesmo lado da via que eu estava. Ele tinha uma bicicleta de estrada, estava descalço com suas sapatilhas no espaço onde deveria haver suas garrafas de água. Ele vinha sentado no quadro, próximo do guidão, embalando a bicicleta como um skate, pois seu pneu traseiro estava furado. Seu nome era Wilton, havia saído de Paracatu de manhã para treinar, seria um "girinho" de uns 100 quilômetros. Mas como não queria levar peso, não levou câmara reserva, bomba, remendos, nada. Teve seu pneu furado com 40 quilômetros de pedal, onde estava não havia sinal de celular para poder pedir um resgate, não conseguiu carona e estava retornando para casa daquela forma por cerca de 20 quilômetros.

Agora se imagine no lugar desse ciclista, morando numa cidade do interior de Minas, com pneu furado e imaginando diversas possibilidades de resolver seu problema. A última coisa que ele pensou foi encontrar um cicloturista percorrendo a mesma rota que ele. Fiquei bem feliz por ajudá-lo, nessa minha vida já passei por inúmeras dificuldades, diversas situações onde precisava de uma ajuda e ela não veio, em compensação já encontrei diversas pessoas em situações adversas e não pensei duas vezes em ajudá-las. Nem sei mais quantos carros quebrados ajudei em São Paulo, aliás se seu carro pifar no meio de uma marginal e você precisar de ajuda, com certeza ela virá de um ciclista ou mesmo de um dos motoqueiros que você tanto deve odiar. Agora se um carro parar para te ajudar, as chances de ser um ciclista ou um motoqueiro dirigindo são enormes.

Lembro de uma noite chuvosa e eu vinha pedalando pela Marginal Pinheiros rumo a minha casa. Devia ser por volta das 22h00, estava até com minha capa de chuva, quando encontrei um homem empurrando um carro. Ele já estava próximo ao acesso de um supermercado e só precisei ajudá-lo empurrando por poucos metros. Havia acabado sua gasolina e o posto mais próximo era do outro lado do supermercado, cerca de 1,5 quilômetros a pé atravessando o estacionamento do supermercado. Dentro do carro sua esposa grávida, com um barrigão enorme. Não iria deixar o cara ir a pé até o posto e largar sua mulher sozinha no carro. Disse que iria buscar de bicicleta, pois enquanto a pé ele levaria quase uma hora para ir e voltar, de bike não levaria mais de 15 minutos.

Salvei o dia desse ciclista, o meu também

Comprei sua gasolina, colocamos no carro, ainda esperei o carro pegar, pois sei que as vezes isso demora a acontecer. Quando o carro deu sinal de vida vi a sensação de alívio em ambos. Ele havia me dado 20 reais, não havia gasto nem 10 com a gasolina e ele queria que eu ficasse com o troco. Até estava precisando do dinheiro na época e confesso que depois que eu o

ajudasse a sair daquele perrengue seria a coisa mais natural ele tentar me dar algum agrado, mas não tinha como aceitar. Joguei o dinheiro dentro do carro dele e disse "Quer me ajudar? Faça assim, toda vez que ver um ciclista na rua, lembre-se de mim e faça o máximo para protegê-lo. Essa será a melhor retribuição que você poderá me dar." Vocês não imaginam o quanto fiquei feliz por ter ajudado a resolver aquele seu problema, pois conseguia imaginar claramente o seu sofrimento, a tensão pelo estado da sua mulher, o arrependimento por ter calculado mal e não ter parado num posto anterior, até porque já passei por situações quase idênticas.

Da mesma forma novamente fiquei feliz por ajudar o Wilton que nunca mais vai sair de casa sem bomba e remendo da sua bicicleta para pedalar na estrada, via a felicidade dele por ter me encontrado e o quanto de sofrimento consegui poupá-lo, realmente não tem nada melhor no mundo do que ajudar alguém. Dizer que não queremos nada em troca, todas as vezes que realizamos uma boa ação é complicado, eu sempre espero algo sim, sentir uma sensação boa ao ver o alívio que nossa ajuda trouxe a alguém.

Despedi-me do Wilton e segui em frente, não me arrependi nem um pouco da meia hora que perdi ali e que me faria falta no final do dia, mas saí realizado. Seguindo em frente, depois dos primeiros 30 quilômetros, peguei um longo trecho plano, onde conseguia manter um ritmo bom, sempre acima dos 25 km/h, algo que me deixava animado. Depois fiquei sabendo que o Iuri Scotton, um ciclista de Patos de Minas que me seguia no Twitter, cruzou duas vezes comigo nessa rodovia e tirou várias fotos. Pena que ele não parou para conversar comigo como muitos fizeram.

Com uns 70 quilômetros pedalados já me aproximava da estrada que me levaria a Presidente Olegário, rumo a Patos, deixando para trás a BR-040 e seu bom acostamento. Antes percebi que havia uma casinha na beira da estrada que vendia pamonha. Depois que comi uma deliciosa pamonha em Paraíso do Tocantins, passei a apreciar essa iguaria, era uma vendinha bonitinha, bem enfeitada. Havia uma variedade de pamonha, pedi duas, uma com queijo e outra com calabresa, essa segunda posso dizer que é uma mistura bem interessante.

Voltei para a estrada, entrei na MG-410 e segui para sul, era 13h40 e ainda teria mais de 130 quilômetros pela frente e com uma longa serra, seria um pedal puxado, mas estava determinado, chegaria a Patos nem que fosse de madrugada. Acostamento foi embora, mas devido ao pequeno tráfego de carros não tive problemas e conseguia negociar espaço com eles numa boa. Com 100 quilômetros pedalados, começaram os

Aqui o pedal rendeu

Serrinha casca grossa, como sempre o visual compensa

desafios, a subida da Serra dos Alegres, saí de 500 metros e depois de 24 quilômetros e quase 3 horas, cheguei a 1000 metros, onde encarei um longo e belo chapadão. Uma longa e linda reta com plantações dos dois lados, a soja e o milho dominavam a paisagem. O trecho do chapadão, como o pessoal da região chama essa estrada, tem reta longa, sem curvas, por aproximadamente 20 quilômetros. Observava os carros bem ao longe e imaginava a linda cena que poderia compor naquela estrada.

A minha frente, rumo ao sul, um céu escuro, com nuvens de chuva carregada, já atrás de mim o céu com poucas nuvens e um lindo azul. Queria tirar uma foto, mas queria que ela fosse composta apenas com a estrada e eu na bike, nada de carros. Então parei num ponto da estrada, armei o tripé e fiquei aguardando um momento sem carros no plano de visão. Avistava carros bem ao longe, mas eles não me alcançariam em menos de um minuto, então armei o tripé no meio da estrada, coloquei no timer de 10 segundos e segui pedalando sobre o pontilhado, tentando me equilibrar para não sair do centro. Voltei, peguei a câmera e fui para o canto da pista, pois já tinha um caminhão bem próximo de mim. Como um bom perfeccionista, não ficou exatamente como gostaria, mas não tive outra chance, pois já estava bem escuro e as nuvens de chuva rapidamente tomaram conta da paisagem. Essa foto acabou virando a capa desse meu livro.

No alto do chapadão, novamente consegui manter uma boa média, nas retas eu seguia bem, mas nas subidas era sofrível, perdia muito tempo, raramente conseguia subir a mais de 8 km/h. Assim que terminei a MG-410, entrei em outra BR, agora a que me levaria até Patos. Antes tinha que passar em Presidente Olegário e cheguei na cidade às 19h00, quando acabou a luz do sol. Já havia pedalado 170 quilômetros e restavam no mínimo 30 até Patos de Minas. Tão perto e tão longe, liguei pra Tia Cidinha para avisar que estava já em Presidente Olegário e que iria chegar em Patos nem que fosse de madrugada. Comi algo num bar na estrada, pois não tinha mais de onde tirar minhas energias e encarei um pedal na escuridão.

Para complicar, esse era o trecho mais montanhoso do trajeto, nada de retas, os primeiros quinze quilômetros foram basicamente descendo, mas não podia embalar na descida porque estava com pouca iluminação e muita dificuldade para ver falhas na pista. Por muito pouco não sofro um grave acidente, estava a uns 30 km/h e fui surpreendido por um desbarrancamento que tomava o acostamento, quase que acerto o barranco em cheio. Quando cheguei no final do vale, cruzei um rio e já imaginava o que iria encarar, uma forte subida, cerca de 5 quilômetros subindo, um desnível de 245 metros, com inclinação média de 5%. Para quem acompanha o Tour de France, é como encarar uma montanha de categoria 3 depois de quase 200 quilômetros, pedalando uma bicicleta com 60 quilos no total, nada mal.

Entrei por uma entrada da cidade onde consegui ver Patos lá do alto, a quase 1100 metros de altitude. Depois de três meses de viagem, conquistei meu primeiro grande objetivo. Sempre que visitava meus padrinhos em Patos, dizia que um dia chegaria pedalando na cidade, mas jamais imaginava que seria numa situação como essa. Estava em êxtase, pela primeira vez depois de tanto tempo iria poder abraçar pessoas queridas, pessoas que tiveram papeis relevantes em minha vida. Assim que entrei na cidade meu celular tocou, era a galera do site "Nóis Pedala" um site de ciclismo da cidade que já vinha me acompanhando fazia um bom tempo. Queria muito chegar logo, mas como os caras queriam me filmar chegando na cidade, tive que esperá-los para bater um papo, pena que sonegaram a entrevista e não publicaram até hoje.

Seu Moacir e a Tia Cidinha, já em Patos de Minas - MG

Logo depois fui para a casa dos meus padrinhos, cheguei, abracei, beijei, chorei, como me senti feliz, tinha conquistado o meu primeiro grande objetivo, agora tinha vários dias de folga onde poderia recarregar minhas energias antes de encarar a curta jornada que marcaria meu retorno a São Paulo.

Presidente Olegario - MG

8.14 – TÉCNICAS PARA COMBATER A DOR DA SAUDADE

Quis o destino que eu ainda conseguisse ver meu filho por acaso, um dia antes da minha partida, conforme relatei no prólogo do meu livro. Mas mesmo passando por lugares incríveis, era inevitável me sentir carente, com saudades das pessoas queridas. Numa viagem solitária como a minha, desenvolvemos algumas técnicas para aliviar a dor da saudade, só faltou criar o meu "Wilson" (do filme Naufrago), mas bastava olhar para a bicicleta, alguma ferramenta, qualquer objeto que eu tivesse em mãos que geralmente me traziam lembrança das pessoas queridas e fazia com que eu não me sentisse tão só durante a viagem.

Sempre que encarava longos trechos de asfalto me lembrava do pneu que a Renatinha (Falzoni) me deu. A Renata é uma daquelas amigas que eu só lamento não tê-la conhecido antes. Excelente amiga, parceira de viagens, de ações, até pedalar pelados já pedalamos, só não fomos ambos para a delegacia porque o Capitão Tomada ficou com medo dela. Quando olhava para meu bagageiro dianteiro me lembro de chegar alucinado na casa do Juliano Pappalardo e "obrigá-lo" a soldar em uma hora um excelente bagageiro dianteiro que só deu problema devido as abraçadeiras vagabundas que usei, do contrário ele funcionou até melhor que o traseiro. Ele nem imagina o quanto foi fundamental para essa viagem.

Durante a viagem também recebi vários presentes úteis. Como disse no início do Capítulo, saí de casa precisando comprar várias coisas, entre elas um tripé para poder compor fotos interessantes. Quando contei isso ao Francisco Pellegrini, meu anfitrião no segundo dia de pedal, ele foi para o quarto e voltou com um tripé compacto que cabia dentro da minha pochete. Sempre me perguntam quem estava comigo quando devido às fotos onde eu apareço. Respondia que quem esteve comigo foi o Francisco, graças ao presente que me deu.

Outro amigo que me emprestou algo que foi extremamente útil foi o Rafael Poço, brother que dividia "virtualmente" a casa em que morei na Zona Norte logo que me separei. Quando vi um bom saco de dormir entre suas tralhas, nem pensei duas vezes, já enfiei na minha mala. Principalmente quando dormia ao relento na rede, bastava me enfiar dentro do saco para ter uma noite tranquila, mesmo em dias mais frios.

O Pappalardo montando o meu bagageiro

E como não me lembrar do garrafão de água (de 5 litros) que ganhei do João de Campo Grande? Ele insistiu tanto para eu levar um garrafão e eu resistindo, até porque não tinha dinheiro para comprar, mas posso dizer que seu presente literalmente me salvou em inúmeras situações. Sem o garrafão, por diversas vezes ficaria sem água, não apenas na

travessia do Pantanal, mas em várias situações durante a viagem. Um excelente presente que me fazia lembrar de toda a galera de Campo Grande.

Tripé, presente do Francisco de São Pedro - SP

Não posso também me esquecer do presente que ganhei da Vanessa, uma ciclista de quem já fui bike-anjo e hoje é uma grande amiga. Ela estava indo viajar para São Francisco e apesar de não conhecer a cidade, contei a história do Critical Mass e fiz ela até alterar a data do retorno só para participar da Critical Mass da cidade. Ela perguntou se eu queria algo e disse que sim. Meu sonho era uma papete com clip e não é que ela encontrou? E ainda nem quis cobrar, me deu de presente. Que presente, quando eu ia de encontro a uma imensa chuva a única preocupação que tinha era a de colocar a capa de chuva nos alforjes e seguir em frente. E quando eu via um rio ou uma cachoeira? Só precisava tirar o chapéu, os óculos e curtir. Vocês não tem noção da inveja que eu causava nos demais ciclistas quando eles viam minha maravilhosa papete.

Dez em cada dez sul-mato-grossenses, ao saber dos meus planos de atravessar o Pantanal sozinho diziam – "Não vai levar nenhuma arma? Nem um facão?" – O último a dizer isso foi o Bruno (11 anos na época), filho do seu Biruca, aquele que me deu pouso um dia antes de entrar no Pantanal. No dia da minha partida, ele se despediu de mim e foi para a escola. Já na hora em que eu estava mesmo saindo, sua mãe trouxe esse presente a pedido dele. Carreguei aquele facão com muito carinho por toda a viagem. Não precisei usá-lo em nenhum momento, mas ele sempre estava à mão em caso de necessidade. Já em Patos de Minas, o Seu Moacir o pediu emprestado e voltou com uma bainha de presente. Agora quero amolá-lo e deixá-lo guardado para sempre como uma grande recordação de carinho dos dois, tanto do Bruno como do seu Moacir, que até uma dedicatória escreveu na bainha do meu facão.

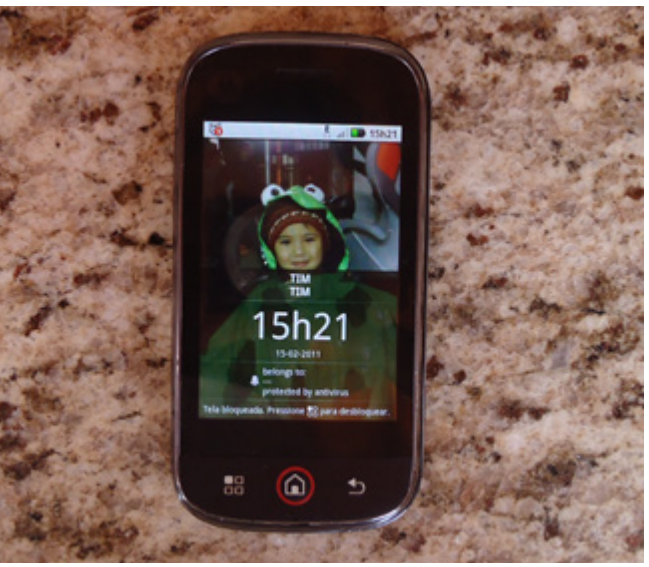
Papete com clip que causou muita inveja durante a viagem

Não dá para esquecer do meu grande amigo Claudio Nadaleto, companheiro das primeiras cicloviagens. Eu e o Claudio desenvolvemos uma sinergia única, somos

pessoas muito diferentes, mas criamos uma amizade sólida na base do respeito e admiração mútua, o que sempre usamos para explorar o melhor do outro. Um parceiro que ainda sonho em ter ao meu lado em uma longa viagem, quem sabe junto do seu afilhado. E o que me fazia lembrar dele? Logo em nossa primeira cicloviagem ele tinha na mala um cordame de sisal. Perguntei pra que aquilo e ele disse – "São tantas utilidades que durante a viagem, naturalmente você irá descobrir". Fazia lanternas com vela e garrafas pet para pendurar nos ambientes, varal, servia para prender a rede. O mais legal, como é feito de celulose, é totalmente biodegradável e rapidamente absorvido pela natureza. Comprei um rolo de sisal no interior de São Paulo e, mesmo desperdiçando, durou toda a viagem. Sim, desperdicei porque o rolo era pesado, devia ter uns dois quilos. Como não tinha como comprar só um pedaço, tive que levar o rolo inteiro.

Não posso me esquecer da rede Kampa do meu amigo Palmas. Não canso de fazer propaganda dela depois de tanto que ela me ajudou. Nem iria levar a rede, pois apesar dele ter me oferecido uma de graça, não consegui passar em sua casa para retirar, mas por uma daquelas coincidências do destino, o Felippe Cezar, cicloturista de Aracaju do projeto Pedais pelo Mundo estava na casa do Juliano Pappalardo, justamente no dia da minha despedida, quando fui pegar meu bagageiro. Como ainda iria ficar alguns dias em São Paulo, ele me deu a sua rede Kampa e disse que depois pegaria outra com o Palmas. Sem dúvida passei mais noites na rede do que em qualquer outro lugar durante minha viagem.

Agora como lidar com a saudade da pessoa mais importante da minha vida? Saudades de pais, irmãos, amigos, mexem com a gente, mas a certeza de que você os verá em breve acaba trazendo um certo alívio, agora a saudade de filho... Isso machuca muito, ainda mais quando é tão pequeno, pois sei que ele precisa de mim e que aquele tempo afastado dele será perdido para sempre, jamais irei recuperar. Para lembrar dele bastava ver uma criança, cansei de me pegar aos prantos no meio da estrada, sozinho, sem ninguém sequer para ouvir meu choro. Relembrava a todo o momento daquele dia em Barra Bonita quando o bebê de menos de dois anos tropeçou na calçada. Quantos tombos meu filho levou, ergueu sua cabeça, me procurou e não me encontrou? Como eu queria poder estar perto do meu filho nesses três meses para acudi-lo sempre que precisasse. Quantas vezes ele sentia minha falta, mas não sabia expressá-la? Ou quantas vezes ele a expressou e ao invés de tentarem colocá-lo em contato comigo, tentaram fazê-lo esquecer de mim?



Quanta saudades do meu sapinho

Amigos vêm e vão, amores nunca teremos a certeza de que serão eternos, mas filhos… Essa viagem me trouxe uma certeza, de que nunca mais ficarei longe do meu filho por tanto tempo. Posso nunca mais ter o perdão de alguns amigos, até mesmo das mulheres que já passaram (e passarão) em

minha vida, mas tenho certeza que meu filho sempre irá me perdoar, até porque ele sempre encontrará suas respostas em mim. Vou compensar toda essa tristeza que eu o fiz passar para continuar sendo o pai que eu sempre fui, aquele pai que jamais poupará esforços para estar com seu filho, mesmo que outras pessoas tentem inutilmente me afastar dele.

8.15 – MEU QUASE RETIRO ESPIRITUAL EM PATOS

Melhor do que um Spa

Cheguei a Patos de Minas no dia 11 e parti no dia 17 de fevereiro de 2011. Foram seis dias que eu havia prometido me dar antes de finalizar a viagem. Não apenas para dar uma pausa para meu corpo, como também para sugar o máximo de energia dos meus padrinhos queridos.

"Seu Moacir e a Tia Cidinha", como costumamos chamá-los, são os pais de três amigos meus, da época em que eu morava no Califórnia, condomínio na zona sul de São Paulo. Um condomínio que está ao lado do metrô do Campo Limpo (o condomínio chegou muito antes do metrô), onde vivi dos meus 10 aos 20 anos de vida (1984 a 1994). Nossa turminha no condomínio era numerosa mas sempre tem aqueles que a gente cria um vínculo maior. No meu caso, me aproximei muito dos dois irmãos mais novos, o Flávio e o Marcus. O Alexandre (ou Ale), mais velho dos três, é um cara muito bacana mesmo, mas como ele era três anos mais velho que nós, andava com outra turma, a os "grandãos" (era exatamente assim que nos referíamos). Aproximei-me mais do Ale apenas depois que eles se mudaram para Patos e também porque

após meus 20 anos a diferença de idade passou a ser irrelevante.

Mas já com o Flávio e o Marcus não, teve uma época que eu era grudado com o Marcus e depois passei a ser grudado com o Flávio e seu primo (tratante) Cadu. O Marcus eu conheci logo que mudei para o prédio, na época seu apelido era Creck (Lembram dos Monstrinhos Creck, biscoitos que fizeram sucesso na década de 80?). Com ele foram muitos jogos de bola, pipa, vídeo game, mas o que mais forte vem à memória quando resgato aquela época eram nossas conversas sobre mulheres quando tínhamos cerca de 14 anos. O Cabeção (os apelidos do Marcus foram evoluindo com o passar dos anos) fazia sucesso com a mulherada. Era folgado e pra lá de seguro com as mulheres, lembro que ele chegava nas meninas que estavam sentadas conversando, se aproximava por de trás, colocava a mão na testa das garotas, jogava sua cabeça para trás e lascava um beijão. Era engraçado que elas faziam certa resistência, mas logo se entregavam. As vezes ele fazia isso com uma e minutos depois fazia o mesmo com outra que estava ao lado da primeira.

Eu sempre fui um adolescente bobão, até gostaria de ser cachorrão como ele, mas não conseguia, tanto é que meu primeiro beijo foi numa dessas brincadeiras de "beijo, abraço ou aperto de mão", em uma garota que ele a obrigou me beijar. Disse que só ficaria com ela se ela tirasse a virgindade da minha boca.

Sempre fui romântico, lembro que me apaixonei por uma garota do prédio, a Carla e até chegamos a namorar. Namoro longo, deve ter durado duas semanas no máximo. Nem lembro direito porque terminou, mas lembro que levei uma semana para dar meu primeiro beijo nela (já namorando). Depois que levei um pé na bunda dela, lembro que fiquei meses ou anos ainda apaixonado e o Marcus era meu companheiro de lamentações, ficávamos horas em seu quarto ouvindo música e falando dos nossos amores. Ele, apesar de pegar todas, sempre deixou claro que sua grande paixão era a Alessandra e passávamos as tardes na casa dele só imaginando até como seria nossas vidas depois de casado, com filhos (claro que com nossos amores).

Já com o Flávio ficamos mais unidos quando eu completei meus 18 anos e foi meio por acaso. Vivíamos a época das danceterias, lembro que íamos na Toco, Contramão, Overnight. Não sei o que aconteceu nessa cidade de São Paulo, mas teve uma época onde só se criavam casas noturnas na Zona Leste. Lá íamos nós, de ônibus, trem, a pé ou pau de arara atravessar a cidade para chegar na balada. Certa vez combinamos de ir numa danceteria no sábado, ficamos a semana inteira agitando e parecia que a turma inteira iria, mais de vinte pessoas. Desses vinte, eu e mais uns oito estudávamos no mesmo colégio e como voltávamos sempre juntos, apostamos que quem não ficasse com uma garota teria que carregar o material dos que ficaram na volta para casa.

A semana foi intensa, todo mundo queria ir e convidamos os "grandões", assim eles nos levariam de carro. No dia começou uma negociação e eles começaram a abusar, íamos rachar a gasolina e o estacionamento, mas depois exigiram a entrada, não contentes queriam dinheiro para a bebida lá dentro, só faltou pedir dinheiro para motel caso se dessem bem na balada. Chegou num ponto que não dava mais, então virei para o Flavio e o Cadu e disse – "Vamos mandar esses caras a merda e vamos de ônibus?"

Apenas os dois toparam, já o restante molecada desanimou e fomos só nós três. Até porque nós éramos irmãos mais novos e sabíamos que os mais velhos tinham vergonha da gente e não se animaram com nossa companhia. Fazendo um mea culpa e protegendo meu irmão mais velho, ele até ficou tentado a ir conosco, mas acabou cedendo a maioria e ficou com seus amigos mais próximos, incluindo aí o Marcus (irmão do Flávio) e o Zenga (apelido do Marcelo, irmão do Cadu). Chegamos na balada e com a grana que economizamos por deixar de pagar para os "grandões" bebemos muito e tentamos nos divertir, mas só curtindo e nada de "pegar" alguém. Pior que os nossos outros amigos (a turma dos irmãos mais velhos), sempre que voltavam das baladas contavam que haviam ficado com várias mulheres e nós três ali já há horas, sem pegar ninguém e sem entender o porquê era tão fácil pra eles.

Mas a aposta ainda estava valendo e eu, já meio alto, parti pro desespero. Vi um grupo com cinco garotas dançando, entrei na roda, comecei a dançar ao lado daquela que achei mais bonitinha e ela me respondeu com um sorriso. Confesso que não sabia o que fazer, me lembrei do Marcão que simplesmente as beijava e resolvi tentar fazer o mesmo, até porque devido ao som nem dava para conversar. Quando dei por mim já estava atracado com a garota. Assim que dei uma pausa a abracei e olhei para meus amigos que não acreditavam naquilo que estava acontecendo. Subi para um mezanino onde havia umas mesinhas e só lá perguntei o nome da garota (que obviamente não lembro). Enquanto curtia a garota, surge o Cadu com uma gordinha feinha. Chegou lá em cima e disse – "André" – quando olhei ele deu um beijo nela e disse "Você viu", ou seja, eu fui prova de que ele havia ficado com alguém. Continuei com a garota lá em cima e o Cadu desceu, mas não demorou e ele surge com outra, essa bem mais bonita.

Enquanto isso o Flávio lá embaixo, estava desesperado, tentando agarrar tudo que é mulher que ele visse e nada. Acabou a balada e lá fomos nós três para casa sem entender direito o que havia acontecido. Chegamos três garotos tímidos e bobinhos, saímos já homens seguros e pegadores. Até o Flávio que não ficou com ninguém naquele dia se sentia orgulhoso de ter perdido o medo de abordar uma mulher sem tremer nem gaguejar. Ou seja, descobrimos que mulher não é esse bicho tão inatingível como achávamos, até então.

Ocorre que diferente dos nossos amigos, quando nos perguntaram como foi, escondemos detalhes do que havia ocorrido, dissemos que foi normal mas não ficamos com ninguém. Na segunda-feira, no retorno da escola, adivinhem. Jogamos nossos materiais no colo do Flávio para ele carregar. Meu irmão mais velho (Carlos) e o Marcus que estavam conosco perguntaram – "Não ficaram mesmo com ninguém?" – nós respondemos – "Não, é que jogamos no palitinho e o Flávio perdeu".

Depois disso viramos três baladeiros e tomamos gosto pela coisa, raramente alguém não se dava bem numa balada e a partir dessa fase a amizade entre nós três só aumentou. Obviamente que depois disso passamos a ser companhia interessante para nossos amigos e até para os "grandãos", pois sempre ajudávamos nossos amigos a se "darem bem" também.

Mas o que essas histórias têm ver com meu livro? Essa foi uma semana de muita reflexão, daria para fazer centenas de livros interessantes com todas as histórias que eu passei em minha vida, garanto que todos devem ter as suas e é bom usarmos essas histórias para valorizar suas verdadeiras amizades. Essa família Vaz tem um enorme significado em minha vida, o Flávio sempre foi um cara que me ajudou, o Marcus também, confiava em ambos de olhos fechados, lembro que quando comecei a me envolver nesse ativismo da bicicleta e apesar dele não pedalar, posso dizer que o Marcus foi o primeiro amigo meu a se orgulhar dos meus objetivos e das minhas conquistas. Me ligava quando saia alguma matéria minha em jornais, me procurava para até dar dicas sobre como atingir meus objetivos.

No dia do casamento do Marcus, realizado num sítio na Serra da Cantareira, lembro que estávamos todos num gramado a céu aberto enquanto o casal, padrinhos e o padre estavam sob algumas tendas. De repente começou cair um temporal e todos correram para a cobertura. Ficamos apenas eu, Cadu e o Zenga assistindo o casamento enquanto todos correram para o salão. O Zenga virou para nós e disse – "Amigo de verdade fica até debaixo de chuva!" – passado uns 15 minutos de temporal, quando estávamos completamente encharcados, o Zenga vira para nós e diz brincando – "Acho que não sou tão amigo quanto achava, hehe".

Fico me imaginando no lugar dele no momento daquele temporal, ouvir a chuva, sem poder olhar para trás, mas apenas ouvindo o barulho das pessoas correndo para se abrigar. Ficar imaginando o azar que estava passando, achar que olharia para trás e não veria mais ninguém, mas ao olhar vê três malucos ensopados e firmes como rocha. No mínimo surgiria um sorriso na sua face, feliz e saber que poderia contar conosco sempre, esquecendo qualquer dificuldade já que lealdade é algo que nenhum dinheiro nesse mundo consegue comprar.

Quando eu casei tive uma dúvida cruel, quem chamar para ser meu padrinho? O Marcus ou o Flávio? Nada melhor do que chamar alguém que representasse todos eles, então fiz seu Moacir e a tia Cidinha deixarem Patos de Minas e virem para São Paulo para serem meus padrinhos de casamento, assim teria um vínculo para sempre com essa família que tem tanto significado para mim.

São essas coisas que ocorrem em nossas vidas e que não conseguimos achar explicação. O Marcus sempre sofreu de epilepsia, já teve várias crises e uma delas ele teve em Florianópolis ao lado do meu irmão Carlos. Tomava medicação e todos seus amigos mais próximos sabiam até como proceder numa situação como essa. Mas exatos um mês após meu primeiro casamento, o Marcus teve um ataque enquanto dormia, justamente no dia em que sua mulher estava viajando. Como não havia ninguém para acudi-lo, ele acabou se sufocando vindo a falecer.

Quando mais jovem, por volta dos 15 anos eu perdi minha querida avó, sofri demais mas não tanto como dessa vez, até porque ficamos triste quando alguma pessoa idosa morre mas ela se vai com a sensação de que viveu bem sua vida. Mas ele foi minha primeira grande perda, alguém próximo que considerava quase como um irmão. Anos mais tarde, logo após o retorno de uma viagem que eu e minha ex fizemos a ele em Patos de Minas, ela engravidou e por pouco nosso filho não foi concebido em Patos. Começamos a pensar nos nomes, dizia para minha ex que se fosse homem já tinha uma sugestão. Ela queria discutir opções, mas eu disse para ela guardar suas sugestões e deixar para decidirmos quando soubéssemos o sexo.

No ultrassom de 20 semanas o médico nos mostrou o sacão do nosso filho e tínhamos certeza que teríamos um meninão. Ficaria muito feliz se fosse uma menina, mas sempre me imaginei jogando bola com meu filho, pedalando, falando besteira, ensinando "técnicas" com a mulherada. O pai que diz não ter um pensamento como esse em relação ao filho está mentindo, por isso fiquei tão feliz ao saber que seria menino.

A noite, na hora de discutirmos sobre o nome, minha ex passou a dizer suas sugestões, ela tinha várias, Lucas, Matheus, enquanto eu tinha apenas uma – "Marcus!" – ela disse que também tinha pensado nesse nome, então falei – "Fácil, já decidimos então!" – ela disse – "Mas vamos discutir as outras opções" – eu disse que não, se já tem um que os dois concordam, porque discutir outras, até porque eu não queria outro nome. Eu queria fazer uma homenagem para meu amigo, então seu nome seria Marcus com "u", igual ao original que vem do Latim, já ela queria Marcos, com "o". Tudo bem, eu queria fazer uma homenagem ao meu amigo, enquanto ela quis fazer uma homenagem ao glorioso "São Marcos" goleiro da Sociedade Esportiva Palmeiras, então estava tudo em casa. Essa foi só uma pequena amostra do quanto essa família significa para mim, já fizemos diversas viagens para Patos durante meu casamento, assim que meu filho completou cinco meses, lá fomos nós passar uma semana com eles para apresentarmos o Marquinhos pessoalmente.

Aquela foi uma semana extremamente importante em minha vida, ainda com muitas confusões em minha cabeça, começando a tentar imaginar um futuro sem minha ex, mas recebendo a influência deles, um casal feliz que resistiu tanto tempo juntos. A tia Cidinha sempre dizia que iríamos voltar, mas ela não conseguia enxergar a mágoa que havia ficado na mãe do meu filho, mas esse pensamento era algo que ocorria com todos com quem conversava durante a viagem.

Apesar de começar a aceitar a possibilidade de reencontrar a paixão em outra pessoa, principalmente do que havia ocorrido em Brasília, aquelas que acabaram alimentando uma esperança desnecessária e que indiretamente prejudicaram um pouco esse meu processo de fechamento de ciclo. Mas com ou sem chances eu precisava encerrar logo minha viagem, pois, por mais que o papel da minha ex houvesse se encerrado, havia um outro personagem no roteiro da minha agitada vida e o seu papel estava apenas começando.

E essa família tão linda tinha que ter um papel relevante nessa minha busca, nessa minha tentativa de recomeçar. Eles tinham que fazer parte do início desse meu novo ciclo, precisava dessa energia e como eles me fizeram bem nesses sete dias.

8.16 - TEMPO

Tem gente que não gosta de tempo, eu não gostava, achava que era sinal de indecisão, de fraqueza. Mas quem nunca teve incertezas na hora de tomar uma decisão? Aliás, atire a primeira pedra aquele que nunca enfiou os pés pelas mãos porque não usou o Tempo e tomou a decisão errada.

Todos precisam de um Tempo, eu precisava de um Tempo, precisava desse Tempo sozinho. Foram três meses sozinho. Três meses intensos, Tempo de muitas descobertas, de muitos sentimentos que variaram da euforia extrema até longos períodos de depressão. Tudo isso se misturando às sensações de conhecer lugares fantásticos e outros nem tão fantásticos assim.

Tempo onde levei ao limite minha mente e meu corpo, Tempo de busca, Tempo de descobertas. Quantas descobertas, alguns valores deixei no passado e novos surgiram, isso é sinal de evolução.

Tempo onde testei minha força, descobri minha verdadeira força, descobri minha capacidade de suportar os limites do corpo e da mente. E superei todos os meus limites. Aliás, subestimei os meus limites e descobri que a maioria das vezes que desisti de algo, foi porque subestimei minha capacidade.

Tempo de sentimentos intensos e quantos foram esses sentimentos. Como foi dureza domá-los, na viagem aprendi a viver com eles, enquanto escrevia o livro aprendi a compreendê-los. Sobrou vontade de jogar tudo para o alto, vontade de cometer besteiras, ainda bem que quando isso ocorreu estava tão depressivo que nem força tinha para fazer algo.

"O que não te mata te fortalece"

O Tempo nos fortalece. Foram três meses onde convivi com centenas de pessoas maravilhosas, vivi centenas de anos nesses três meses e conheci pessoas que serão minhas referências para o resto da vida. Mas foram três meses longe de pessoas que cresceram comigo, amigos de longa data que encontrei quando cheguei a Patos de Minas, onde pela primeira vez nessa viagem, recebi um abraço de saudades, recebi aquele colo que por tantas noites sonhei.

Seu Moacir e a tia Cidinha são como pais para mim. Seus filhos, o Alexandre que virou um grande amigo depois que crescemos, o Flávio que é meu super parceiro, amigo que posso ficar anos sem vê-lo, mas sei que quando reencontrá-lo será como se nunca tivéssemos ficado tão longe. E o Marcus que se foi e pela primeira vez senti uma perda de verdade.

Reaproximei-me demais do Marcus depois que o Flávio mudou para Londres. Quando ele se foi senti um vazio enorme, "Como assim não vou mais poder ver meu amigo?" Mas o Tempo me fez descobrir que ninguém morre de verdade se a gente deixar. Marcus ainda está vivo em mim, nas maravilhosas lembranças, nos valores que ele me passou e mais vivo ainda nessa maravilhosa família que cruzou o meu destino. E também na inspiração ao nome do meu filho, sempre que olhar para meu bebê me lembrarei desse grande amigo que me deixou.

Esse Tempo de sete noites que descansei em Patos serviu para recarregar minhas baterias e mandar a depressão para o espaço. O Tempo me mostrou que sem a depressão, tenho a força necessária para conduzir meu destino.

Saí de Patos de Minas rejuvenescido, com a certeza de que tenho condições de ter o futuro que tanto sonhei e sabendo que esse Tempo não foi perdido, não será em vão e que ele sempre foi

necessário para a formação dessa nova velha pessoa que eu sempre quis ser.

Tchau Tia Cidinha, vocês não tem noção do quanto que me fizeram bem nesses dias

8.17 - A CAMINHO DE CASA

Parti de Patos de Minas já com saudades, foram sete noites maravilhosas e com gosto de quero mais. Mas já havia atingido meu objetivo, de recarregar as baterias para a jornada final de volta a São Paulo. Nesse dia meu destino era Araxá, seriam 160 quilômetros de pedal. Quando estava saindo da casa da Dona Cidinha vejo que tem um jardineiro trabalhando na casa dela. Adivinhem como ele chegou? Com uma bicicleta e uma carretinha para poder carregar suas ferramentas de trabalho. Não poderia ter uma visão mais inspiradora.

Segui pela BR 365 que vai até Uberlândia, mas apenas por cerca de 40 quilômetros,

Olha que beleza, uma boa surpresa na saída para me motivar

pois para Araxá, o caminho mais curto seria a Serra do Salitre por uma rodovia secundaria, relevo pouco acidentado, longos trechos planos e no mínimo uma montanha para vencer. Sabia que quanto mais ao sul de Minas me aproximasse, raros seriam os trechos planos, mas enquanto as montanhas não chegavam, curtia o pedal pelas estradas tranquilas e bonitas. Outro sinal de que estava me aproximando do sul de minas eram as plantações de café, tomando espaço das plantações de soja que preferem terrenos menos acidentados.

Patos está a 800 metros de altitude e sabia que teria que subir bastante se optasse pela Serra do Salitre, não conhecia a região, mas nunca vi uma Serra que não tivesse montanha. Depois de umas 3 horas de pedal, começou uma longa e suave subida, assim que passei por Brejo Alegre. Apesar de pouco inclinada (3% em média nos dez quilômetros de subida), sofri muito, percebi que os sete dias de descanso não me trouxeram a forma que eu estava quando cruzei o Mato Grosso, coloquei na menor coroa e girei muito, com várias paradas e apenas curtindo o belíssimo visual. Cheguei ao topo da Serra do Salitre a 1200 metros de altitude onde meu odômetro marcou 6 mil quilômetros pedalados. Lembrei do começo da viagem, ainda em São Paulo, quando perguntavam de onde vinha, eu tinha até vergonha de responder por ter tão pouco pedalado. Naquela situação eu respondia - "Não estou vindo, mas voltando pra casa".

Cruzei a cidade que há no alto da Serra do Salitre (que leva o mesmo nome), sendo que já havia pedalado 80 quilômetros desde Patos até então. Já eram 16h00 e ainda restavam outros 80. Mais uma vez saí tarde e chegaria de noite, mas dessa vez seria diferente, até porque havia várias nuvens de chuva cortando a estrada, será que conseguiria me desviar de todas elas? Desci a ladeira e lá embaixo vi um desses aviões pulverizando com agrotóxicos defensivos agrícolas uma lavoura de soja. Enquanto tirava a foto do avião observei uma nuvem pesada que se formou no alto da serra e começou despejar toneladas de água a minha esquerda. Ela seguia numa direção parecida com a minha e iria cruzar a rodovia me pegando em cheio. Girei muito forte, de repente olhei no velocímetro que marcava 33 km/h na reta. Graças a esse gás, cruzei a estrada antes da nuvem de chuva, peguei minha máquina, apontei para trás e num golpe de sorte tirei uma foto que eu acho uma das mais bonitas da viagem. Eram duas nuvens com um espaço entre elas sem chuva, meu amigo disse que parece que eu bati um cajado e surgiu um portal entre as cortinas de água, só para eu passar.

Vencendo a Serra do Salitre

Consegui desviar de várias nuvens de chuva e até então não havia pego uma gota de água sequer. O ritmo estava tão bom que já imaginava conseguir chegar na cidade de Araxá de dia, algo que parecia improvável até então. Já conseguia até avistar Araxá quilômetros à frente, mas antes dela havia uma imensa nuvem e

dessa não daria para escapar. Resolvi parar num bar na estrada e esperei ela passar. Eu estava com fome e constantemente via no cerrado uma árvore pequena com uns frutos verdes e arredondados. Peguei um desses frutos e levei comigo, tentei encontrar alguém que identificasse aquilo e me dissesse se era comestível ou não. Nesse bar, mostrei a fruta ao dono que me disse ser comida de Lobo, mas que fazia mal para o homem. Acabei dispensando as frutas até porque não queria nenhum lobo no meu rastro.

Praticamente inevitável não pegar chuva nesse dia

A grande nuvem passou, mas deixou uma fina garoa. Segui em frente, logo avistei um vale e outra nuvem de chuva se aproximando, o problema é que essa estava carregada de raios. Desci rápido, parecia que escaparia dessa, mas na subida eu travei, reduzi muito a velocidade e peguei a borda da nuvem. De repente ouço um estrondo, um raio caiu muito perto de mim. Estava meio protegido pois não estava na área mais alta e ainda bem longe do topo, mesmo assim fiquei assustado. Por sorte foi só susto e logo deixei mais essa chuva para trás.

Cheguei a Araxá às 20h00, 20 minutos após o pôr do sol. Estava com muita fome e antes de procurar um canto para dormir, fui matar a minha vontade de comer uma boa pizza, algo raro de achar nessa minha viagem. Peço desculpas galera do restante do Brasil, mas vamos combinar que a maioria das pizzarias da periferia de São Paulo dão de 10 nas maioria das pizzarias de até grandes cidades brasileiras, enquanto em São Paulo é raro encontrar pizza ruim (até devido à concorrência já que pizzaria ruim não dura muito tempo), na minha viagem inteira só encontrei 3 pizzarias realmente boas e uma delas foi essa em Araxá. O garçom me deixou colocar a bicicleta numa área coberta, bem ao lado da entrada do restaurante, enquanto fui comer, reparei que havia uma molecada brincando numa área da pizzaria e eles ficaram alucinados com minha bike. Depois que comi, fui até eles e recebi um bombardeio de perguntas. Me diverti com a garotada, contei um pouco das aventuras que passei deixando-os ainda mais impressionados com o que podemos fazer com uma simples bicicleta. Quem sabe eu não inspiro aí um futuro Cicloturista?

Depois do jantar fui procurar um canto para dormir, devido à chuva que insistia em cair e até por ser tarde da noite, procurei um hotel e o primeiro que encontrei estava lotado. Na porta havia dois caras conversando e acabei falando sobre minha viagem. Um deles era representante de uma fábrica de óculos e perguntou se eu conhecia a DeBike de Bauru. Disse que conhecia e que inclusive havia comprado um óculos para a viagem na loja dele. Essas coincidências do destino que me fascinam, esse cara era o Fabio representante da Global Vision, justamente a fabricante dos óculos que comprei em Bauru. Mas fazia tempo que eu

Garotada (como sempre) impressionada com minha magrela

não o usava, pois sua lente estava cheia de falhas. Eu achava que os riscos haviam sido causados por guardar meus óculos dentro da pochete junto com outras ferramentas. Mostrei os óculos e ele disse que aquilo era um problema devido a uma reação da lente com filtro solar, defeito que ocorria apenas naquela linha mas que já tinha sido resolvido.

Então ele trouxe uma caixa com várias amostras e mandou-me escolher um deles. Peguei um parecido com o que eu comprei, mas com lente polarizada, bem melhor (e mais caro) do que eu havia comprado. Usei esse óculos por muito tempo até perde-lo numa das minhas viagens anos depois.

Óculos é fundamental, serve para proteger dos raios solares que recebemos direta ou indiretamente, pois o reflexo dele no asfalto ou na areia, prejudica demais nossa retina, além de nos proteger de colisões. Uma vez, numa viagem com o Claudio Nadaleto, algo entrou nos seus olhos e eu tive que tirar. Havia simplesmente um caco de vidro dentro do olho dele. Nessa viagem mosquitos era a situação mais comum, não apenas precisava dos óculos como pedalar de boca fechada, como isso é mais difícil posso dizer que aumentei aumentava diariamente minha cota de proteína ingerida. Certa vez estava em uma descida a mais de 50 km/k quando bati numa Libélula que chegou a arrancar meu óculo devido à força do impacto. Já de óculos novo, saí à procura de um hotel e achei um bem simples, onde pude descansar para o dia seguinte, quando tentaria chegar na Serra da Canastra.

Serra do Salitre - MG

8.18 – O PREÇO DO ESFORÇO EXAGERADO

Sete dias descansando e de cara encarar um pedal de 160 km num ritmo alucinante, é óbvio que teria um preço, até porque, apesar de sentir que eu ainda tinha força e resistência, meu corpo não estava mais se recuperando rapidamente como nos primeiros dias da viagem. No dia anterior, na chegada à Araxá, meus músculos estavam tendo espasmos, minhas pernas coçavam, não estava nada bem. Disseram-me que poderia ser insolação, mesmo não pegando tanto sol no dia anterior, não sabia exatamente o que eu tinha, só sabia que não estava nada bem. Enrolei muito para deixar Araxá, como as reservas dos hotéis geralmente terminam ao meio dia, acabava enrolando até o limite, queria descansar, mas precisava seguir em frente. Como consegui administrar bem a grana das doações que eu recebi, podia me dar ao luxo de ficar em pousadas até o final da viagem, isso seria bom, pois além da fadiga muscular, câimbras, as dores lombares retornaram com muita força. Quanto melhor eu passasse a noite, maiores as chances de eu ter um pedal sem problemas físicos.

Deixei a cidade de Araxá por volta das 13h00 e aproveitei para almoçar na cidade. O objetivo inicial era pedalar 90 quilômetros, sendo 50 de asfalto até Tapira e 40 de terra até São João Batista da Canastra onde eu ficaria na pousada do Ricardo, ciclista que conhece a Serra da Canastra na palma da mão. Logo na saída da cidade, girando lentamente na primeira subida que enfrentei, avistei uma jiboia de uns dois metros atropelada. Aliás acho que vi centenas de serpentes na viagem mas nenhuma viva, todas atropeladas, principalmente próximo a região da Amazônia.

Esqueci de encher meu garrafão de água no hotel, procurei algum posto que oferecesse água aos caminhoneiros na saída da cidade, mas não achei nenhum. Havia um posto policial e parei nele para pedir água. Fui muito bem atendido pelo PM que me arrumou água geladinha. Era ciclista também, ainda trocamos algumas ideias sobre a viagem, realmente a bicicleta aproxima as pessoas. Logo após o posto policial meu pneu furou e lá fui eu fazer o remendo. Enquanto estava ali consertando o pneu, ouço um barulho que parecia ser de um cortador de grama. Algo se aproximava muito lentamente, muito mesmo, não era uma moto e não parecia ser uma bicicleta já que não via o movimento dos pedais. Quando chegou perto vi que era um senhor numa bicicleta com motor a gasolina, era um trecho plano e ele deveria estar numa velocidade de menor que 5 km/h. A visão me lembrou daquele filme "Férias do Mr Bean" quando ele tenta roubar de um cara sua bicicleta motorizada, acho que caminhando eu seria mais rápido que ele.

Mais uma vítima da velocidade

Consertei meu pneu e segui em frente, sabendo que se quisesse chegar em São João naquele dia, ainda teria que parar em Tapira para trocar os pneus de asfalto pelo de terra, transformando minha estradeira numa MTB 29er novamente. As retas sumiram, só havia subidas e descidas e as pernas já não respondiam bem, nem saí direito de Araxá e já pensava em abortar o pedal até São João naquele dia.

O trajeto é muito bonito e tranquilo, poucos carros, asfalto impecável, mesmo sem o acostamento eu não sentia necessidade dele, mas como sofria nas subidas, desníveis com mais de 150 metros, chegava ao topo e despencava novamente. Lembrei do comentário de um ciclista que disse passar 70% da viagem nas subidas. Passava até mais tempo que isso, pois levava meia hora subindo e 2 minutos descendo. A vegetação me lembrava o Cerrado do Jalapão, quase sem árvores, parecia até que derrubaram tudo para virar pasto. Mas essa é uma vegetação de Cerrado de altitude, como estava sempre acima dos mil metros, é raro encontrarmos grandes árvores até porque terreno é muito arenoso e com pouca água. Aliás, para encontrar água bastava observar as mudanças de terreno, se encontrasse um pequeno vale entre duas montanhas com muitas árvores grandes, é sinal de nascente ou leito de rio. Certo momento, durante uma longa subida, ouvi um barulho forte de água. Encosto a bicicleta no guard-rail e começo a seguir o som, até encontrar uma cachoeira de uns 5 metros escondida no meio da vegetação, coisas que só quem está de bicicleta consegue ver.

Mais à frente avistei uma represa dentro da propriedade da Fosfértil, uma empresa do grupo Vale, uma mineradora. Bem, o que esperar de uma mineradora? A estrada de asfalto que vai até Itapira, justamente devido à mineradora. Ela contorna a represa e observo que num canto dela há várias algas acumuladas, possivelmente sinal de que a água está carregada de materiais orgânicos e poluentes. Continuo contornando e subindo. Do outro lado da represa consegui avistar uma montanha que estava sendo minerada, ou melhor, sumindo. Quando terminei de contornar e cheguei ao ponto mais alto do dia, a 1350 metros, dali em diante apenas cerca de 8 quilômetros até Tapira, só de descida. Ao meu lado esquerdo uma parede viva feita por diversas árvores. Encontrei um vão e fui ver o que havia do outro lado e descobri um imenso Canyon feito pelo homem. Mais tarde fui saber que aquela montanha que estava sendo minerada, um dia foi a maior da Serra da Canastra. Sim, já estava dentro do limite da Serra mas apenas uma área menor é protegida pelo Parque Nacional e infelizmente essa ex-montanha não fazia parte dela. Desculpe pessoal, mas tenho uma certa dificuldade em aceitar tanta destruição apenas por causa do "pogresso".

Agora de óculos novo

Segui em frente e só precisei deixar a bicicleta embalar, cheguei em Tapira por volta das 17h00 e restavam 40 quilômetros de muita terra e subida até a vila (ou arraial) de São João que fica a menos de 2

Mineração da Fosfértil. Essa um dia foi a maior montanha da Serra da Canastra

quilômetros da entrada do parque da Serra da Canastra. Até trocar os pneus e encarar o pedal na terra em um relevo que eu desconhecia, achei melhor ficar na cidade. Liguei para o Ricardo e perguntei como era o trajeto e ele disse que eu cruzaria ao menos cinco rios. Isso significava que eu iria subir e descer, no mínimo cinco montanhas. Sem chances, resolvi ficar na cidade e partir no dia seguinte, então arrumei outra pousadinha, assim pude com calma preparar minha bicicleta para os dias seguintes, (já com pneus de terra) e fui jantar.

Depois do jantar voltei para meu quarto e aquela dor nas costas, que costumava a sentir desde que estava no Pantanal, retornou. Isso significava que eu teria uma péssima noite de sono. Tão perto e ao mesmo tempo tão longe, naquela altura eu estava muito apertado com meus prazos, até porque já havia combinado encontrar uns amigos em Paraisópolis (sul de Minas) dali a 5 dias. Todo o planejamento que havia feito em Patos de Minas havia ido pro beleléu, pra complicar, tinha a limitação física. Adiar minha chegada? Nem em sonho, era hora da prudência e de tentar buscar uma solução para o meu problema, mas como? Viajando um dia de cada vez.

8.19 – MINHA DESPEDIDA DO CERRADO

Quando fiz o trajeto oficial da viagem eu incluí a Serra da Canastra, depois quando decidi abortar a viagem e chegar logo em casa, eu tirei. Como acabei ganhando um tempo resolvi recolocá-la no trajeto. Indecisão era meu sobrenome. Além dos biomas, fiz questão de incluir na viagem a passagem por pontos turísticos que são sonhos de consumo dos ciclistas. Tenho um sonho e trabalho para que tenhamos no Brasil as mesmas condições e incentivos que os cicloturistas europeus recebem em seu continente. Mostrar através do blog, do livro e das minhas redes o nosso potencial cicloturístico, não deixa de ser uma forma de caminharmos rumo a esse objetivo. Isto posto, como já conhecia a Serra da Canastra de outras viagens sem bicicleta, seria outro pecado não incluí-la nessa.

Minha aventura na Canastra começou em Tapira e seriam "apenas" 40 quilômetros até São João Batista da Canastra, onde fica a Pousada da Serra, de propriedade do Ricardo Tavares. Mas como já havia previsto, mal consegui dormir e levantei com uma forte dor nas costas, com dificuldades até para levantar da cama. Eu tinha a mão vários medicamentos que ganhei dos hipocondríacos que conheci durante a viagem, mas nunca gostei de automedicação e até então, só havia tomado um anti-inflamatório fraco num desses momentos de dores. Era uma dor que não incomodava tanto durante o pedal e depois que eu esquentava, mas em

compensação para andar e de manhã quando o corpo estava mais frio, as dores eram terríveis. Levantei cedo, tomei meu café na padaria do dono do hotel e resolvi ir até o posto de saúde da cidade para conversar com um médico de verdade. Lá ele constatou que era uma contratura muscular e me receitou alguns anti-inflamatórios. Como levei todos os remédios que eu ganhei, ele prescreveu alguns que já possuía. Recebi ainda duas injeções, uma na veia e outra na poupança. Depois disso voltei para o hotel para deitar e torcer para as dores sumirem até o meio dia, assim poderia seguir viagem até a pousada do Ricardo.

Cochilei e quando o relógio tocou, acordei e as dores haviam desaparecido, para minha felicidade. Fiquei feliz, mas eu precisava continuar tomando os remédios e sabia que se fizesse isso até o final da viagem, possivelmente elas não retornariam. Almocei, montei na minha bicicleta e lá fui eu encarar as cinco "lombas" até a pousada do Ricardo na Canastra. Enquanto subia a primeira montanha logo na saída da cidade vejo dois ciclistas descendo. Eram o Gordim e o Eloi da equipe Rasta, ciclistas de Araxá e Uberlândia (respectivamente). Estavam voltando da pousada do Ricardo, justamente treinando para participar do Cape Epic de 2011 na África do Sul. Nunca fui muito chegado em competições, mas essa me chama atenção, o Cape Epic é uma espécie de volta ciclística em terra. São 800 quilômetros divididos em várias etapas, quem sabe eu ainda participarei dessa corrida. Continuei subindo, e não parava de subir, saí de Tapira com uns 1000 metros e atingi quase 1200 no final da primeira montanha. Lá do alto vejo o trajeto da estrada, a vista é linda, mas deixava claro que iria descer muito para subir até o mesmo patamar novamente.

Trechos planos? Nenhum com mais de 100 metros. Para facilitar nossa vida, as divisas das fazendas são com os "mata-burros", também conhecido como "mata-ciclistas". Nada de vir no embalo e tentar passar rapidamente, ainda mais carregando tanto peso. Quanto mais alto, menos árvores grandes, poucas plantações e muita criação de gado, a cada morro vencido mais um belo visual para se contemplar. Não há cercas separando a estrada dos pastos, então é comum encontrarmos o gado atravessando a estrada migrando para o pasto do outro lado. Havia uma boiada num pasto a minha esquerda e quando eles me viram, subiram todos para a estrada. Boi é um bicho extremamente curioso, mas raramente perigoso. Desde o Pantanal eu aprendi a lidar com eles, o perigo é se você encarar o Touro dominante e ele sentir que você pode levar algum perigo. Já havia aprendido a identificá-los e quando notava algum risco, nunca o encarava ou pedalava em sua direção.

Deixando Tapira, retorno dos pneus de terra

Uns gritos de "Ehh Boi" ajudam a tirá-los da sua frente, mas dessa vez rolou uma situação inusitada, todos subiram e pararam bem na minha frente, até parei

Cinco depressões como essa em 40 quilômetros

a bicicleta para tirar uma foto deles me encarando. Segui em frente, dei uns gritos e eles abriram caminho mas como sempre, passaram a me seguir de perto. Foram até a divisa da propriedade já que eles não conseguem passar pelo "mata-burro". Essa era a terceira subida, restavam ainda mais duas, o desnível médio de cada montanha era de 150 a 200 metros, olhando o trajeto no mapa de altimetria, parecia que eu olhava para um eletrocardiograma. Pra piorar, as pontes estavam caindo aos pedaços e tinha que passar com muito cuidado para não acabar com minha viagem por causa de um descuido. Até esse dia não havia empurrado a bicicleta uma vez sequer. Não importava a inclinação da ladeira, subia pedalando, parava no meio para descansar e continuava subindo. Mas dessa vez foi diferente, não tinha mais forças para subir e pela primeira vez tive que empurrar. Encarei trechos com 15% de inclinação, certo momento parei para medir meus batimentos e estavam a 130 bpm. Isso é sinal de que meu coração não estava sendo muito exigido, já minhas pernas estavam quase em colapso, claro sinal de fadiga.

Não sou atleta, posso até ter um bom condicionamento físico, mas não tenho treinamento e nunca quis ser um atleta profissional. Mas todo atleta tem uns picos de condicionamento e força. Ficou claro que esse meu pico ocorreu no mês passado e naquele momento precisava administrar meu corpo para não travar até o final da viagem.

Vai encarar?

Quando subi a sexta montanha do dia avistei o Arraial de São João Batista lá do alto. Cheguei na pousada do Ricardo restando ainda uma hora de sol e fui muito bem recebido por ele. Conheci o Ricardo quando visitei pela primeira vez a Serra da Canastra, quando meu filho ainda tinha cinco meses de idade. Havia comprado uma daquelas mochilas onde coloco o bebê nas costas, ideal para fazer Trekking. Foi justamente naquela viagem que fui levar meu filho para meus padrinhos de Patos conhecerem. Para não fazer uma longa viagem de 800 quilômetros em um dia, com um bebê ainda novinho, fizemos uma pausa na ida em São Roque de Minas

que fica mais perto de outro portão da Serra da Canastra e ficamos 4 dias fazendo trilhas pela região. Numa das trilhas um guia nos trouxe até o Arraial para conhecer a cachoeira da Gurita, a nascente do Rio Araguari. Nesse dia pedi para ele nos levar até a Pousada da Serra, pois um amigo meu ciclista já havia se hospedado na pousada do Ricardo e que ele seria um ótimo guia para quem desejasse conhecer a região de bike.

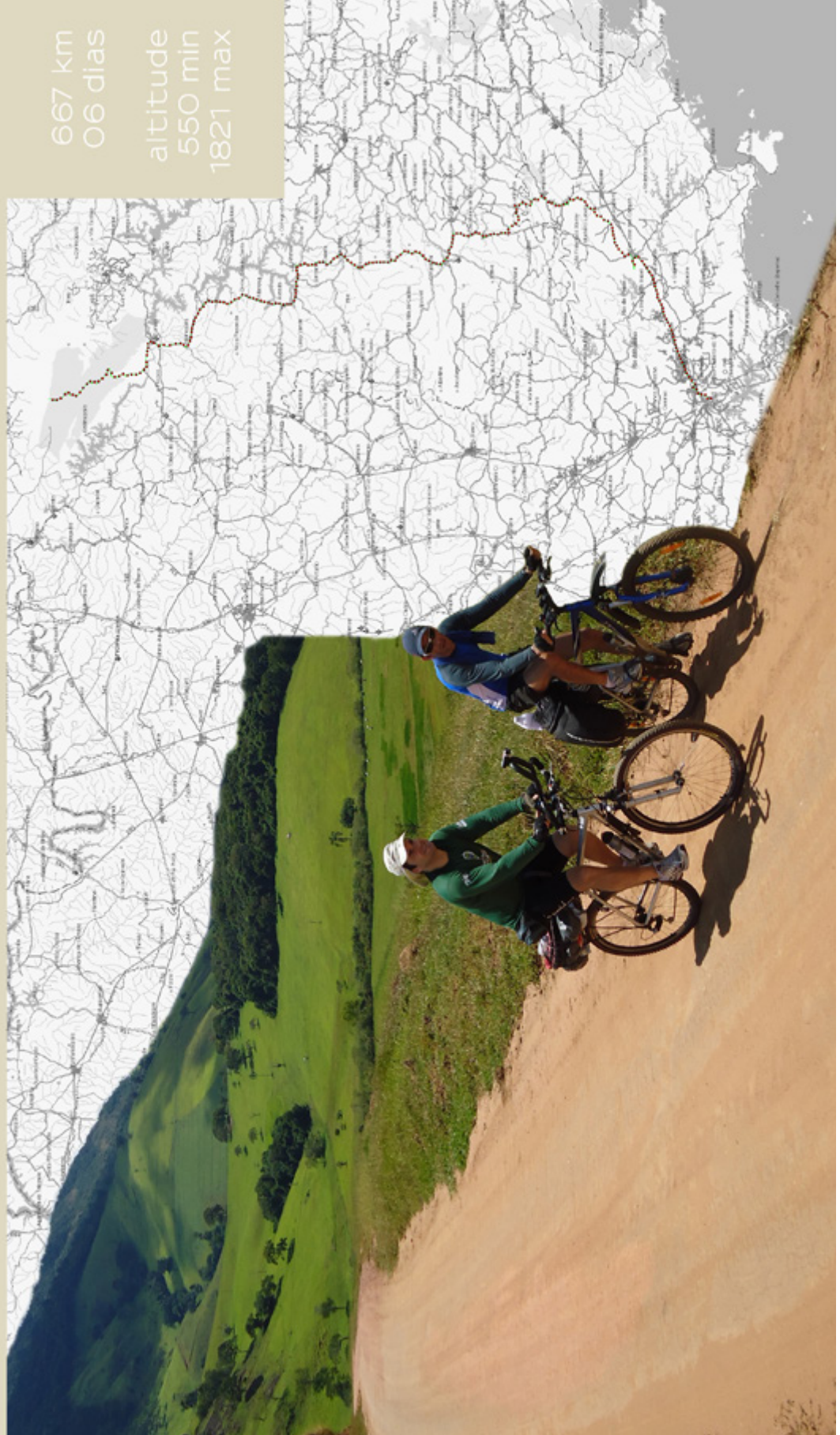
Tenso

Daquele dia em diante sempre mantive contato com o Ricardo com o objetivo de um dia voltar para a Canastra e conhecê-la de bicicleta. Quando contei da minha viagem e pedi apoio para ele, pude contar na hora. O Ricardo tinha mapeado diversas trilhas que podem ser feitas de bicicleta, dá para passar uma semana pedalando por ela sem repetir trajetos. Quando passei por lá ele disse que estava com vontade de vender a pousada, pegar uma magrela e sair pedalando pelo mundo e até onde soube, parece que ele acabou fazendo isso mesmo.

Enquanto o sol se punha, registrei uma foto que sinalizaria mais uma evolução em minha viagem. No quintal da pousada do Ricardo há um exemplar de Palmeira Pupunha e de Araucária. Duas árvores típicas de Mata Atlântica, isso significa que a Serra da Canastra é uma área de transição entre os dois Biomas, o quarto de minha viagem, portanto o momento certo para encerrar mais um capítulo do livro. E nada melhor do que encerrar com uma deliciosa comida mineira que jantei em um restaurante ali na vila. Barato e delicioso, feijão com caldo encorpado, carne, salada, arroz carreteiro e ainda um queijinho divino. Para coroar ainda mais, só mesmo observar a lua cheia nascendo a leste, iluminando minha volta até a pousada. Quando analiso minha condição física totalmente debilitada naqueles dias, fico me perguntando de onde eu tirava energias para vencer mais um dia? Hoje, relembrando cada momento maravilhoso que passei, fica óbvio saber de onde ela vinha.

Araucárias e Palmeiras, sinal de que entrava no bioma Mata Atlântica

Tapira - MG



9 – A MATA ATLÂNTICA

Quer saber mais informações sobre a Mata Atlântica, nada melhor do que consultar o site da SOS Mata Atlântica, ou se envolver em alguns projetos da Ong, uma das melhores maneiras de compreender esse magnífico bioma. Meu primeiro contato com a SOS foi durante a preparação da minha primeira cicloviagem pelo Rio Tietê. Como eles realizam um trabalho de monitoria do rio através do Núcleo Pró Tietê, além de informações importantes sobre o rio, consegui vários contatos que acabaram me ajudando durante minhas viagens pelo Tietê, desde então mantenho contato e acompanho os projetos da SOS.

Araucária,
símbolo da Mata Atlantica

As informações e números que irei citar aqui eu extraí do site do SOSMA (outra forma de se referir a Ong), não tenho o objetivo de dar uma aula sobre Mata Atlântica, mas apenas passar um panorama da dimensão desse Bioma.

A Mata Atlântica é o bioma mais rico em biodiversidade do planeta. No Brasil percorre uma faixa ininterrupta desde o Rio Grande do Sul até o Piauí, com 1,3 milhões de quilômetros quadrados, ocupando cerca de 15% do território nacional englobando 14 estados atingindo ainda a Argentina e o Paraguai.

Mas a particularidade que mais assusta é que 93% da sua formação original já foi devastada, sendo que dentro desse bioma residem mais de 110 milhões de habitantes. Outro fator preocupante é que 7 das 9 maiores bacias hidrográficas brasileiras nascem nesse bioma. Isso ajuda a entender o porquê as grandes cidades vem sofrendo com a escassez de água no início do século 21. A devastação da Mata Atlântica é tamanha que já vale a pena atualizar o logo da Ong SOS Mata Atlântica pois quem dera se tivéssemos todo aquele verde do logo.

Devido sua extensão no território brasileiro, a Mata Atlântica apresenta diferentes conjuntos de ecossistemas interligados, mas com suas características próprias. Alguns exemplos são as florestas Ombrófila Densa, Ombrófila Mista (mata de araucárias), os ecossistemas associados como manguezais, restingas, brejos interioranos, ilhas costeiras e campos de altitude. Esse último tem a característica da região da Canastra e de alguns trechos da Serra da Mantiqueira que iria cruzar mais à frente no sul de minas.

Apesar de ser um dos maiores biomas brasileiros, é o que eu menos pedalei. Até porque o trecho pedalado no primeiro capítulo, pelo Estado de São Paulo, poderia considerar Mata

Atlântica se ele não estivesse tão devastado, por isso que só me considero dentro do bioma a partir de agora. Então vamos curtir as belezas desse último bioma da viagem e também como foi minha chegada em casa.

9.1 – A CRUZADA PELA CANASTRA

Acordei bem, fim do horário de verão e a partir desse dia teria uma hora a menos de luz do sol para contar. Mas toda preocupação fica pequena quando acordamos com um lindo visual que é a Cachoeira da Gurita, vendo a lua se pondo atrás dela. O Ricardo deixa até um tripé armado para que seus hóspedes possam tirar belas fotos. Só lamento não ter tido uma máquina fotográfica com mais recursos, erros que não irei repetir nas próximas aventuras. Depois de um belo café da manhã, me despedi do Ricardo e parti. A Canastra é perto de casa e pretendo voltar várias vezes, seja para desbravá-la caminhando ou de bicicleta.

A portaria do Parque da Serra da Canastra fica a 1 km do Arraial São João Batista e separe o dinheiro, pois para entrar você tem que pagar 6 reais (em 2011, nenhum absurdo). Ao lado da portaria você já pode visitar o topo de uma cachoeira que esqueci o nome. Não é possível ver a queda d'água, mesmo assim vale a pena conferir os poços de água (gelada) cristalina e os espelhos d'água que se formam próximo da nascente.

Segui pedalando dentro do Parque rumo a Garagem de Pedra, onde desceria uma trilha que, segundo o Ricardo, parecia estar fechada ao público. Dentro do parque é aquele visual de savana, mato baixo, pequenas árvores com lindas flores. Estamos a 1300 metros de altitude e no topo da Serra da Canastra é possível encontrar uns líquens. Uma espécie de casca que se forma em rochas ou em árvores, uma associação de dois seres vivos, a alga e o fungo. São considerados Bioindicadores, pois como eles são sensíveis à poluição, a presença deles é sinal de ar puro. Antes dessa viagem, minha última passagem pela Serra da Canastra meu filho tinha apenas cinco meses (quando fiz a viagem ele já tinha 4 anos) e foi minha estreia da Mochila Cadeirinha da Deuter (Kid Confort), algo que sempre sonhei em ter. Lembro que fizemos trilhas aqui. Foi uma das melhores viagens que já fiz, tanto pela companhia do meu bebê, como pelo visual.

Vista da Cachoeira da Gurita

Mas diferente da outra vez, não consegui ver um animal sequer, o que me deixou muito incomodado. Quando conheci o Ricardo nessa visita a Canastra, me lembro bem dele dizendo que pedalar pela Canastra é um verdadeiro safári, pois como a bike não faz barulho, conseguimos nos aproximar dos animais sem espantá-los. Da outra vez, mesmo de carro vimos Veados,

Tamanduás, Emas e até um Lobo-Guará. Já dessa vez, o máximo que eu vi foi uma cobra morta no chão. Fiquei decepcionado, pode ser que, se eu fosse até a trilha da Casca D'anta, eu conseguisse ver algum animal, mas pela minha rota eu só a veria de longe.

A primeira aventura do meu filho na Canastra, em 2007, ao lado do Rio São Francisco

Segui a trilha que o Ricardo jogou no meu GPS e cheguei na Garagem de Pedra. Quando entrei no parque, me perguntaram onde eu iria sair e disse que sairia pela portaria de São Roque. Isso porque, segundo o Ricardo, haviam proibido o pessoal de usar a trilha da Garagem não sei bem por que. Para não correr o risco de não me deixarem acessar o parque, menti. Torço para que eles não estejam até hoje, esperando um ciclista sair do Parque por aquela portaria. Na entrada da trilha havia uma placa dizendo ser proibida para carros e motos. Mas a placa diz que é permitido descer a pé e de bicicleta. Para todos os efeitos, quando eu cheguei lá, vi que podia descer e desci. Estava a 1400 metros de altitude, um dos pontos mais altos da Serra da Canastra. Ali é um lindo mirante onde avistava um vale e a Serra da Babilônia do outro lado. Meu destino é o Vale da Babilônia, atrás da outra serra. Teria que descer e subir tudo novamente.

A descida foi tensa, um desnível de 400 metros em menos de 4 quilômetros. Não desci pedalando, eu ia a pé, ao lado da bike e segurando no freio. Descer aquilo no Downhill seria alucinante, até é possível descer, basta o ciclista ter muita técnica e um bom equipamento. No meu caso, descer pedalando, além de esse tipo de adrenalina não ser minha especialidade, o risco de um forte impacto que comprometesse os bagageiros ou até mesmo a bicicleta eram enormes, portanto é melhor deixar para me aventurar nessas trilhas em outra oportunidade.

Sem peso até que daria para descer. De qualquer forma é preciso muita técnica

Fiz muito esforço para descer, não era fácil segurar a bicicleta e a cada pausa que fazia para registrar uma imagem daquele lindo visual, aproveitava para descansar. Desci até que avistei um casarão que hoje é uma

Foto tirada pelo meu auxiliar que se chama "tripé"

base do Ibama. O Ricardo deu a dica de descer, entrar rapidamente na estrada e seguir rumo ao portão de saída do terreno. Fiz isso com medo de algum cachorro entregar minha "invasão" e por sorte nada ocorreu. Até deveria haver alguém na casa, mas preferi não arriscar. Quando cheguei ao portão bateu o desespero, pois estava fechado com cadeado. Era um portão de ferro, com vários arames na lateral e a única forma de passar seria pulando o portão. Cansado por causa da descida e ainda ser obrigado a desmontar toda a bagagem da minha bicicleta para poder pular o portão? Quando estava achando que seria a única alternativa, reparei algo estranho na corrente do portão. O que prendia dois elos da corrente era um simples arame. Nem acreditei, bastou soltar o arame e pronto, o portão estava aberto, para a minha felicidade.

Avancei um pouco e encontrei um rio cruzando a estrada, um lindo rio raso, de águas cristalinas. Fiquei todo preocupado em tirar uma linda foto e não me atentei ao principal, esqueci se encher meu galão de água, pois achava que iria encontrar outras nascentes logo à frente. Fui seguindo a trilha que o Ricardo me passou no GPS, sem ela eu teria muitas dificuldades, com certeza pegaria trilhas erradas. Havia uma porteira, uma trilha que seguia em frente e outra subindo uma montanha a esquerda. Comecei a subir a montanha, extremamente puxada, fui pedalando até onde aguentei e perto do topo comecei a empurrar. Depois de subir quase 30 metros cheguei ao topo, foi quando olhei no GPS e percebi que eu havia saído da trilha e o correto seria seguir reto pela estrada, contornando a montanha. Nem preciso dizer o quanto me xinguei.

Pausa para o lanche, quando percebi que estava sem água

Segui a estrada e comecei a subir, no começo fui pedalando, a estrada virou a esquerda, começando a descer rumo a uma fazenda, mas dessa vez prestei atenção no GPS que mandava seguir uma trilha mais fechada, o que chamamos de single-track, mais conhecido também como "picada" ou "picadão", uma pequena trilha no meio do mato. Estava com pouca água e precisaria

começar a racionar, pois quanto mais eu subia, menores as chances de encontrar um veio de água. Parei ao lado de uma mata mais densa e sabia que se entrasse ali no meio acharia água, mas deveria passar por uma cerca, me embrenhar numa mata bem densa, então preferi seguir em frente. Como da Pousada do Ricardo até o Vale da Babilônia seriam "apenas" 50 quilômetros, achei que chegaria lá na hora do almoço e teria tempo de tocar até São João Batista do Gloria e depois pedalar mais 10 quilômetros até Passos, chegando lá no final do dia com 100 quilômetros pedalados, nada mal não é?

Mas já eram 16h00 e sequer havia chegado ao Vale da Babilônia. Quando me perguntam qual a distância ideal para se pedalar por dia, sempre respondo que o cicloturista que realiza um planejamento em quilômetros, sem conhecer o local, pode dar um grande tiro no pé. A distância de 100 quilômetros no asfalto é bem mais fácil de ser vencida do que na terra. Acrescente a variável do relevo, solo arenoso. Nessa viagem fiz trajetos tanto trajetos de 200 como de 20 quilômetros em um dia, com o mesmo nível de dificuldade, portanto o ciclista tem que levar em consideração o tempo de pedalada com luz natural, não importa a distância que ele se propuser a percorrer.

Apesar de montar meus planejamentos a cada dia, sempre tinha um "plano B". Já àquela altura havia abortado o plano de cruzar a Canastra em um dia, mas comecei a ficar preocupado com os prazos. Mesmo assim não me desesperei e me concentrei apenas em pedalar um dia por vez e naquele dia tinha que descer até o Vale da Babilônia. Aproveitei para comer algo, mandei ver numas barrinhas, um lanche que havia feito na pousada, tomei um pouco de água já que era obrigado a racionar por pura burrice. Estava a 1200 metros e sabia que chegaria a 1400. Para complicar, o terreno só piorava, encontrei as mesmas pedras enormes da descida da Garagem de Pedra. Não apenas era impossível de pedalar, mas tinha enormes dificuldades para empurrar essa minha bike com 60 quilos. Seria mais fácil arrastar um defunto.

Levei quase duas horas para subir uns dois quilômetros e chegar no topo do Chapadão da Babilônia, a partir dali o terreno ficou mais plano, com algumas subidas, mas todas pedaláveis. O visual lá de cima é simplesmente fantástico, a Serra da Canastra tem esse nome porque ela tem o formato de um baú e Canastra é um tipo de baú antigo. O Parque Nacional da Serra da Canastra era para ter originalmente 200 mil hectares, mas se efetivou apenas em 75 mil. Ou seja, toda essa região que percorri depois daquela porteira que passei, onde havia a casinha do Ibama, deveria fazer parte do parque. Desse lado, nessa Serra da Babilônia, vi várias fazendas de gado, não acho interessante manter esse pessoal lá com plantações ou quaisquer criações. O

Aqui foi dureza, não é qualquer um que sobe pedalando, mesmo sem peso

Foto tirada pelo meu auxiliar que se chama "tripé"

pessoal que mora ali deveria ter apenas pequenas hortas para consumo próprio e explorar apenas o Turismo, transformando suas casinhas em pousadas. A Serra da Canastra está a 300 quilômetros de Belo Horizonte e 350 quilômetros de São Paulo e tem um potencial de turismo ecológico imenso. Nessas horas eu acho que o ministério do Turismo deveria ser integrado ao Ministério do Meio Ambiente, pois o ambiente poderia usar o turismo para impedir a degradação dos nossos patrimônios ambientais.

Outra particularidade da Serra da Canastra é a nascente do Rio São Francisco, um dos principais rios brasileiros. A Canastra é uma imensa caixa d'água com centenas de nascentes e cachoeiras que surgem da umidade que a rocha fria absorve do ar, principalmente à noite. Da montanha que eu estava, tive uma visão mais que privilegiada Casca D'anta, a cachoeira do Rio São Francisco. O nome é esse mesmo "Casca D'anta" que dá nome também para uma espécie de árvore. Segundo os pesquisadores, a anta se esfrega no tronco da árvore para curar ferimentos superficiais. Essa não é a maior cachoeira da Canastra, mas é a maior em queda direta, com cerca de 160 metros.

Minha água secou quando estava no alto da serra, encontrei um pequeno lago numa das baixadas daquele platô, lembrei dos Corixos do Pantanal, aqueles lagos onde os Jacarés ficam ilhados e os pantaneiros usam para se abastecer de água. Mas fiquei com medo e preferi encontrar uma fonte mais segura. Lembram do que eu disse sobre avistar aglomerações de árvores nas fendas da montanha seria sinal de água? Foi o que passei a procurar, dessa vez eu iria parar na primeira que encontrasse, não importa o esforço necessário para chegar a ela. Até que depois de mais uma subida, encontrei uma pequena fazendinha e junto a ela uma mata mais densa num desses vales.

Paredões da Serra da Canastra ao fundo. Leva esse nome por parecer uma imensa caixa

Deixei minha bike perto da porteira e fui a pé até um curral. Não encontrei ninguém, mas percebi que logo atrás do curral havia um riacho. Subi ela alguns metros já que a partir do curral o rio começava a receber as

impurezas da fazenda. Caminhei até onde considerei a água mais segura e enchi meu garrafão. Nem coloquei o Clorin, pois eu precisava deixar ele trabalhando por meia hora na água e com a tampa aberta. Como tinha apenas pouco mais de meia hora de sol, mandei bala naquela água mesmo. Cheguei ao final do Chapadão e encontrei uma trilha que me levaria ao Vale. Desci com todo cuidado do mundo e quando cheguei lá embaixo fui atrás da Pousada da Vanda, sugestão do Ricardo. Não lembro quanto ela cobrou, mas dei uma pechinchada e consegui um bom desconto para ficar lá incluindo janta e café da manhã.

Linda estrada de pedras brancas

Ao chegar, reparei num cachorro que ficou todo assanhado comigo, seu nome era Gaúcho e ficava chorando e me seguindo para todo lado. Como meu bagageiro dianteiro estava com problemas, aproveitei a pouca luz natural do dia para arrumá-lo com uma gambiarra que me levasse até a São Paulo. O Gaúcho ainda ficou lá me pentelhando e, como já estava meio traumatizado com cachorros, nem fiquei dando muita bola para ele. Tomei um gostoso banho, lavei minhas roupas de ciclistas, comi maravilhosamente bem, com direito até a uma cervejinha e fui dormir, pois no dia seguinte, além de sair da Canastra, tinha que pedalar o máximo que eu pudesse, pois teria apenas mais 3 dias para chegar em Paraisópolis. Apesar de tentar pedalar um dia de cada vez, confesso que estava cada dia mais complicado.

9.2 - ADEUS CANASTRA

Overtraining (quantas vezes você ouviu essa palavra em meu livro?), mas esse deve ser o novo nome da síndrome do pânico de subidas que me assolava toda vez que avistava uma. Achei que elas haviam terminados, já que iria percorrer o Vale da Babilônia. Vale plano? Que nada, entre vales há várias montanhas que mais parecem passos andinos. Muitas montanhas pela frente, até parece que me esqueci que estava em Minas Gerais.

Depois de um belo café da manhã comecei a arrumar minha bicicleta e notava a inquietação do Gaúcho, aquele cachorro da pousada que ficou todo assanhado quando cheguei. Enquanto preparava minhas malas ele chorava, corria pela grama, voltava parando em minha frente, depois corria novamente. Perguntei para a Dona Vanda o que tinha dado naquele cachorro e ela respondeu – "Ele adora ciclista! Sempre que chega algum na pousada ele fica assim, louco para acompanhá-lo. Certa vez ele saiu com um grupo e só voltou para casa depois de três dias." – Depois de correr de mais de uma centena de cachorros que odiavam ciclistas, fiquei feliz em ver um que nos curtia. Mas o coitado deve estar com Overtraining também, pois desistiu de me seguir após dois quilômetros.

Gaúcho, o primeiro cachorro que conheci que adora ciclista

O vale é lindo e não demorei a encontrar lindas Araucárias, só reforçando a evolução da viagem e a entrada na Mata Atlântica. Dentro do vale o trajeto não era plano, mas com suaves descidas e subidas, sempre cruzando algum rio de água cristalina. Mas como aquela região não é parque, há muitas fazendas pequenas de gado, e poucas plantações. Embora fique claro que o Ecoturismo é muito explorado na região já que é comum encontrar placas de pousadas e hotéis. Segui indo em direção sudeste e era inevitável não reparar no formato das montanhas que formavam o vale. A minha esquerda (nordeste) elas formavam aclives suaves, como se elas fossem se desgastando aos poucos, já a direita (sudoeste), as montanhas formavam maciços mais acentuados. Fiquei imaginando o que formou principalmente os cânions do lado direito. Ação eólica? Antigas nascentes? Não deixavam de ser lindas formações com poucas árvores e vegetação baixa.

A região da Serra da Canastra tem praticamente 3 formações montanhosas lado a lado, bem similares, com altitudes parecidas e dois vales entre elas. Longas formações com cerca de 100 quilômetros de extensão no sentido Noroeste-Sudeste e teria que vencer as três formações para chegar ao vale do Rio Grande, um afluente do Rio Paraná que mais a oeste vem ser a fronteira entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. A primeira montanha eu venci logo que entrei no parque, depois desci até o vale onde cruzei aquele rio (onde esqueci de me abastecer com água), subi a segunda montanha com os trechos terríveis de pedras soltas, desci novamente no Vale da Babilônia e teria que vencer a última formação para acessar o vale do Rio Grande. De toda a viagem, pedalar pelo Pantanal foi extremamente cansativo, mas o trecho mais difícil, disparado é essa cruzada da Serra da Canastra. Por sorte, diferente do Pantanal que foram 400 quilômetros em 10 dias, aqui seriam "apenas" 70 quilômetros em dois dias.

A última montanha a vencer seria a Serra do Quilombo, mais baixa que a Canastra e a da Babilônia. Dizer que é mais baixa é um equívoco pois ela é tão alta como as demais. A diferença é que as anteriores eu tive que pedalar até o topo para depois descer. Já essa há uma espécie de "passo" entre as montanhas o que facilitou "só um pouco" a minha vida. Segui serpenteando as montanhas, descendo sempre que havia um rio onde não deixei mais de me abastecer. Cansei de me arrepender de passar por lugares lindos sem tempo necessário para curti-los, mas estava preocupado com meu cronograma, pois precisava pedalar um total de 360 quilômetros em três dias. Percorrer 120 quilômetros por dia não é nada impossível, mas teria que levar em consideração as montanhas de Minas e o imponderável, nada de errado poderia

acontecer. Venci a última montanha e lá de cima consegui avistar São João Batista do Glória, além do lago formado pela Represa Peixoto. Fim das grandes montanhas e poderia deixar a Canastra, cruzar o Rio grande e pedalar ao menos uns 100 quilômetros nesse dia.

Deixando a Canastra para trás

Cheguei a São João Batista do Glória por volta das 14h00, procurei um restaurante para almoçar e depois sentei na praça no meio da cidade, para publicar os posts que escrevi durante a Canastra (já que não havia sinal de celular não meio da serra) e planejar minha rota novamente. A princípio pretendia pedalar até Poços de Caldas, mas isso aumentaria meu trajeto e seria impossível chegar em Paraisópolis em três dias. Enquanto estava parado na praça, uns senhores se aproximaram e começaram a puxar assunto. Um deles deu uma dica de uma estrada de terra onde eu seguiria rumo a Alpinópolis. Um dos incentivos para mudar meu roteiro foi a possibilidade de passar por um rio onde o pessoal da região costuma passar os domingos se refrescando, segui então por uma estradinha de terra rodeada de plantações de milho e cana de açúcar, onde mais a frente iria poder cruzar o Rio Grande.

Cheguei a essa corredeira e, apesar de ser uma segunda feira, haviam muitas pessoas se banhando, mas fiquei assustado com a sujeira. Vários sacos de cerveja, garrafas pets, lixo e muito lixo jogado para tudo que é lado, como eu tenho vergonha de ser brasileiro nessas horas até porque parece que faz parte da nossa cultura viver rodeado de lixo. Entrei na água, mas sinceramente fiquei com nojo. Passei por tantos lugares maravilhosos nessa viagem e os mais belos são aqueles que são de difícil acesso. Só por isso ainda são belos, pois basta facilitar o acesso das pessoas que, em breve tudo estará destruído. Como é difícil se aproveitar de um recurso da natureza sem destruir, para que temos que deixar algum sinal de que passamos por lá? Infelizmente o povo brasileiro está longe de saber desfrutar das nossas belezas naturais. Essa é uma área particular que o dono libera para uso da população. Se eu fosse o dono,

bate papo na Praça em São João Batista do Glória - MG

Estava dando nojo aquele lixão

ou cobraria a entrada ou simplesmente proibia o acesso das pessoas como seu Biruca de Rio Negro no Mato Grosso do Sul acabou fazendo.

Saí rapidamente daquele lixão aguado e segui em frente, entrei na MG-050, cruzei o Rio Grande de onde avistei a imensa usina de Furnas. São muitos os caminhões de cana que passam por essas rodovias e encontrei, caído no chão, um pedaço de cana. Limpei, cortei um pedaço e coloquei junto com aquele cabo de vassoura que servia, como descanso da bike e também para afastar cães chatos. Já tinha minha dose de isotônico para os próximos dias da viagem. Já chegando a Alpinópolis outra situação curiosa, mas dessa vez bastante constrangedora. Estava parado no canto da estrada, vendo alguma coisa no celular, quando um motorista do outro lado da estrada parou e começou a conversar sobre o que estava fazendo. Falei sobre a viagem e como percebi que ele queria conversar mais e estava num local bem perigoso, pedi para ele fazer a volta e estacionar mais a frente, onde havia um local mais seguro.

Como vocês já devem ter reparado em meu livro, não tem nada mais comum do que as pessoas me pararem na estrada para perguntar sobre a viagem, bater papo, tirar fotos e sempre atendo as pessoas normalmente. De cara percebi que ele era gay, mas até ai não vi nenhum problema, o tratei como tratava qualquer pessoa que encontrava na estrada. Mas o papo tomou outro rumo e ele passou a fazer insinuações, a perguntar se eu tinha casos na viagem, se ficava com alguém e respondi que, como a principal motivação da viagem foi o fim do casamento, até tive oportunidades de ficar com algumas pessoas, mas minha cabeça estava longe, não tinha essa motivação. Foi quando comecei a perceber suas reais intenções, percebia que ele sempre procurava me tocar e logo olhava para a minha cintura. Provavelmente para ver se eu reagia com alguma excitação. Com certeza quebrou a cara, pois a cada toque dele, meu bilau se escondia, fiquei até com medo de sumir pra sempre.

Pedaço de cana para mascar durante o pedal

Percebendo as segundas intenções eu passei a me esquivar e tentar sair, então ele começou a pegar pesado, perguntou se eu não queria brincar com ele, disse que ficava excitado com homens com roupas como a minha. Com uma paciência que não sei de onde tirei, perguntei se ele não tinha o famoso "radar gay", pois estava na cara que eu não gostava de homem e mesmo assim ele insistia. Então ele disse que ele curtia "hetero" também, respondi que eu não curtia que era melhor pararmos por ali e ele insistindo. Falou "Vamos ali naquela estradinha brincar um pouco". Comecei sair pela tangente, pedindo desculpas e fui montando na bicicleta, até que ele mandou o golpe de misericórdia.

"Mas nem com uma motivação?" – Completou fazendo sinal de dinheiro com a mão.

Eu disse – "Até agora fui paciente, mas segue seu rumo que eu seguirei o meu, pois se você continuar insistindo, vai dar merda".

Literalmente deixei o cara falando e fui embora. Me senti um lixo, me coloco no lugar das mulheres que são assediadas grosseiramente por covardes, o cara mesmo sabendo do risco de eu perder a paciência chegou até a oferecer dinheiro para mim. Eu na maior boa vontade achando que a pessoa estava mesmo interessada na minha viagem, ou até mesmo no meu bem estar, mas ele estava preocupado apenas em saciar sua podre vontade, vá pra pqp.

Quantas são as garotas que vêm até mim para contar do seu sonho em fazer uma viagem sozinha, mas que morrem de medo de sofrer violência devido ao assédio de algum ser (des) humano pelo caminho. Infelizmente em uma cicloviagem estamos expostos a riscos e em cicloviagens solo mais ainda, portanto o cuidado tem que ser dobrado. Mas uma coisa posso garantir, há muito mais pessoas boas no mundo do que as ruins. Pela minha experiência, pode até ser que uma mulher viajando sozinha sofra um assédio, mas com certeza ela encontrará muito mais pessoas dispostas a ajudá-la do que tentando tirar algum proveito.

Se eu tiver que passar alguma mensagem para as mulheres eu diria, não desistam dos seus sonhos, planejem e batalhem por eles, pois apesar de tudo, tenho certeza que as experiências incríveis que você viverá valerão todos os riscos. Além do mais, viver é perigoso, então que saibamos viver em busca da nossa felicidade.

Cachoeira Casca D'anta do Rio São Francisco - Serra da Canastra - MG

9.3 - CORPO, MENTE E TEMPO. MINHA LUTA É CONTRA ELES

Corpo: as dores já fazem parte do cotidiano, as coxas lotadas de ácido láctico, força já não é mais a mesma e fazem falta até nas retas. Já as dores nas costas que me atormentaram no Pantanal e na entrada da Serra da Canastra diminuíram, mas não sumiram por completo.

Mente: ansiedade, saudades, depressão (ou bode). A reta final é cruel, acho que está sendo pior até que o natal. Tão perto e tão longe.

Tempo: corrida contra o relógio, só consegui cumprir uma etapa como havia planejado após sair de Patos de Minas. Segundo meu planejamento, nesse dia meu destino deveria ser Pouso Alegre, mas estava a mais de 200 quilômetros da cidade. Se fosse outra situação, poderia até arriscar um tiro longo, praticamente um Audax, como fiz em diversas situações durante a viagem. Considerando a distância, acrescentando os dois fatores citados acima, somando ainda a ausência de planícies no sul de Minas, se conseguisse percorrer os 200 quilômetros em um dia, meu feito seria a altura do de Filípides, quando, após os soldados atenienses terem vencidos os Persas na batalha de Maratona, correu 42 quilômetros para avisar o povo de Atenas que haviam vencido a batalha para então morrer.

Apesar da tensão, a boa notícia era que no dia seguinte teria a companhia do meu amigo Marcio Rissardi. Ele havia participado de um encontro de ciclistas em Piracicaba e seguiu pedalando rumo a Paraisópolis, chegaríamos juntos na cidade. O Wellcleaf, um amigo de infância que pedalou comigo durante a segunda viagem que eu fiz pelo Tietê em 2004, disse que se juntaria comigo também em Paraisópolis para chegar ao meu lado em São Paulo. Saber que muito em breve encontraria dois grandes amigos me deixou muito animado.

Saí de Alpinópolis e comecei a encarar uma longa subida a leste, e bem no meio dela encontrei várias vaquinhas caminhando tranquilamente pela estrada a procura de pasto fresco. Bateu um desespero, pois desciam vários carros pela estrada e fiquei com medo deles não terem visto os animais e, ao sair da curva, darem de frente com eles. Tirei minha máquina da minha bolsa de guidão e enquanto a ligava,' acenava para chamar a atenção dos motoristas que, por sorte, reduziram e desviaram dos animais. Sorte que nenhum motorista corria como retardado, do contrário ocorreria uma tragédia.

Ainda bem que os carros não estavam rápidos, imprudência aí significa tragédia

Peguei um trecho longo e relativamente plano a leste, sentido ao lago da usina de Furnas, a mesma que eu havia visto quando cruzei o Rio Grande antes de

seguir para Alpinópolis. Já na estrada, comecei a reparar na mudança da vegetação, saíram os campos com grama baixa e as árvores retorcidas do cerrado e entraram árvores grandes e coloridas, características da Mata Atlântica. Cada vez mais saía da área de transição e entrava no último bioma da viagem. Um lindo céu azul me recebeu, a estrada era tranquila, com bom acostamento e bem agradável. Parei num posto de gasolina onde tomei meu café da manhã e percebi que o pedal estava rendendo, se continuasse assim seria muito provável que eu conseguisse chegar a Pouso Alegre naquele dia. Mas a sorte não estava tão ao meu lado, assim que ultrapassei um pescador ciclista e fiz a curva depois de um morro, avistei várias nuvens de chuva, bem no meu caminho, agora quando eu apontava para o sul.

Passei o dia fugindo da chuva

Chuva com relâmpagos. Quer saber? Atravessei o braço da represa, encontrei um restaurante e resolvi almoçar enquanto a chuva chegava. Não demorou e ela chegou, mas já estava bem protegido. Meus planos de tentar pedalar 200 quilômetros foram por terra, doce ilusão pedalar uma distância tão grande sem pegar nenhuma chuva, justamente nessa época do ano. Preparei meu psicológico para pedalar até Alfenas e deixar para pedalar 150 quilômetros no dia seguinte, mas dessa vez eu iria acordar cedo (de verdade) e encarar a estrada. Fui curtindo o ar limpo, as belas árvores coloridas, grama super verde, passei por Alterosa, contornei a Represa de Furnas seguindo novamente a leste, onde já conseguia enxergar ao longe a cidade de Alfenas. Comecei a me lembrar do visual que me marcou quando passei por São Paulo, grandes plantações de cana, justamente próximo das bacias hidrográficas. Cheguei a Alfenas e logo na entrada encontrei uma lanchonete que vendia Açaí. Na estrada eram duas coisas que me faziam muito bem e tomava sempre que possível, Coca-Cola e açaí. Encontrei novamente uma pousadinha simples, meu dinheiro estava justinho, mas sabia que no dia seguinte estaria com meus amigos que não me deixariam gastar com mais nada até o final da viagem, portanto que eu tenha uma noite tranquila, pois seria minha última noite sozinho em toda a viagem.

9.4 – MAIS BRAÇOS E ABRAÇOS, CADA VEZ MAIS PERTO DE CASA

Acordei 6h00 da manhã com o despertador, nesse dia não seria o cansaço nem a depressão que iriam me segurar na cama. Não demorou e enquanto me arrumava, o celular tocou. Era meu amigo Well, dizendo que só precisava "agilizar" algo no trabalho para ser liberado para me encontrar e percorrer os últimos dias da viagem comigo. Mais tarde recebo um torpedo do Márcio que estava saindo de Lindóia e também iria pedalar até Paraisópolis. Eu teria que pedalar até Paraisópolis não importa o que acontecesse. As dores nas pernas, nas costas, a falta

de força nas subidas, nada disso me incomodava mais, pois a certeza de que iria reencontrar meus amigos era o "doping" que precisava.

Saí de Alfenas às 8h00 da manhã, podemos considerar uma proeza inimaginável até poucos dias. Concentrei-me no pedal, como não conseguia render o que gostaria, foquei na constância. Seriam 106 quilômetros até Pouso Alegre, minhas pernas mantinham aquele giro constante, nem mais nem menos. Seriam poucas e rápidas paradas, nunca mais do que 10 minutos e teria que chegar a Pouso Alegre no início da tarde. Trechos planos? Isso não existe em Minas. Comparando as planícies do Mato Grosso com as montanhas mineiras, em matéria de belezas chega a ser covardia qualquer comparação. São muitas fazendas sim, várias plantações, mas a monocultura não é impregnada em Minas como é no Mato Grosso. Via muitas plantações de café, fazendas, áreas mais preservadas em morros, beiras de rios, lindas montanhas.

E suas cidades? Agora falando das cidades mineiras, parece que eles as projetam assim, encontram uma linda montanha, constroem uma igreja lá no alto e depois vão construindo o resto da cidade morro abaixo. Avistava ao longe um morro com suas casinhas coloridas subindo as ladeiras. Notei também que muitas casas tem painéis solares, não para captação de energia, mas para o aquecimento de água. Conforto aliado com sustentabilidade e olha que no Brasil não há incentivos para as pessoas tornarem suas vidas mais sustentáveis, aqui o que manda é gastar bilhões construindo usinas na Amazônia. Estamos longe de termos governantes realmente preocupados com nosso futuro, o máximo que eles fazem é se planejar como conseguir fazer caixa para as próximas eleições.

O dia estava rendendo, mas logo no começo do entardecer, nuvens de chuva começaram a se formar. Nuvens perigosas, com muitos raios, como eu estava numa região bem montanhosa, não me assustei tanto, pois de certa forma as montanhas me protegiam já que o raio sempre irá buscar o ponto mais próximo entre a terra e a nuvem. Estava seguindo ao sul e observei uma nuvem de chuva fina vindo do oeste. Foi inevitável meu encontro com ela, mas era bonito observar a nuvem avançando lentamente sobre a montanha, tornando um pouco mais acinzentado o verde dos campos. Observava tudo enquanto estava parado na estrada, ensacando minhas malas.

Passava por umas barraquinhas de frutas e sempre cumprimentava o pessoal, até que passei pela Barraca do seu Chiquinho que gritou, "Quer uma banana?" Meu lema é nunca pedir, mas aceitar tudo que oferecerem. A grana estava muito curta, mas minha fome era de leão! Fiquei alguns minutos conversando com ele, mais uma vez contei da minha vida, a motivação em fazer minha viagem e mais uma vez encontrei uma pessoa especial, o resultado foram dois corações bem abertos. Ele falou da sua vida, dos seus amores, filhos e se despediu dizendo que iria rezar por mim. Fiquei feliz em receber aquela energia e hoje sinto que estou no caminho da felicidade. Antes de sair recebi uma super dica, disse que logo a frente iria encontrar uma bica onde poderia me reabastecer. Não demorou e avistei uma placa dizendo "Água Potável". Cheguei numa bica moderna, alguma empresa da região construiu uma infraestrutura bem sofisticada, havia um quiosque que vendia produtos mineiros, banheiros públicos, um chuveiro natural e aonde a água vertia colocaram azulejos e alguns canos para o pessoal abastecer seus galões.

Havia uma placa pedindo para as pessoas não jogarem lixo no local (que realmente estava limpo) e quando cheguei, haviam vários carros parados, muitos com esses galões de água de 20 litros. Como Pouso Alegre estava a cerca de 15 quilômetros da bica, provavelmente as pessoas iam de carro até o local só para poder encher seus galões com água de boa procedência e barata. Se morasse na região, provavelmente faria o mesmo. Junto à placa havia um certificado de análise da água, financiado pela mesma mineradora que construiu a infraestrutura no entorno da bike, comprovando as qualidades e a pureza da água. Até fiquei com vontade de usufruir um pouco da ducha, mas estava tão gelada que o máximo que fiz foi reabastecer o meu galão.

Seu Chiquinho que me presenteou com um cacho de bananas

Segui em frente, estava no alto de uma serra, lá do alto avistava a cidade de Pouso Alegre, teria um desnível de 160 metros e pouco mais de 10 quilômetros até a cidade. Cheguei na cidade às 15h30, não no horário que eu gostaria, mas ainda com tempo suficiente para chegar a Paraisópolis. Comi um lanche e voltei para a estrada, agora só restavam 60 quilômetros até meu destino. Pedalei por cerca de 20 quilômetros rumo a leste, numa estrada asfaltada, com acostamento e acompanhando um lindo vale. Isso significava que teria um bom trecho sem subidas. Terminado os 20 quilômetros, encontrei o trevo sendo que a sul chegaria em Paraisópolis, para minha felicidade a placa me informava que restariam apenas 38 quilômetros até a cidade. Apesar de ser uma estrada sem acostamento, ela é bem menos movimentada e um pouco mais acidentada que a estrada anterior. Meu relógio marcava 17h00, teria duas horas de luz do sol, portanto numa média de 20 km/h, conseguiria chegar em Paraisópolis com luz do dia. Mas fala isso para as minhas perninhas...

Pessoal de Pouso Alegre vem até esse ponto para se abastecer de água

Passei por Cachoeira de Minas e de lá já avistava Conceição dos Ouros, isso porque menos de sete quilômetros separam uma cidade da outra, segui vencendo cidade por cidade, nem sei por quantas passei na viagem, mas acho que

Restava muito pouco para reencontrar meus amigos

por mais de 500 facilmente. Restavam apenas 18 quilômetros até Paraisópolis, nem conseguia acreditar que estava conseguindo atingir meu objetivo mesmo com tantos contratempos. Já havia recebido uma mensagem no celular do Well dizendo que estava a caminho da cidade. Hoje olhando na altimetria, fica fácil notar que os desníveis nem eram tão fortes, mas na minha situação qualquer morro parecia o Everest, até porque também qualquer morrinho tinha uma inclinação de 10%. Para piorar, uma grande nuvem de chuva se formava à minha direita, mais uma corrida desesperada para chegar logo, pois pedalar a noite e na chuva ninguém merece. Venci Conceição, segui pedalando até que eu consegui avistar uma placa, eram quase 19h00, quando o último raio de luz do dia foi embora e a placa dizia que Paraisópolis estava a apenas seis quilômetros.

Seria a felicidade plena se eu não tivesse que encarar uma subida de 120 metros com cerca de 10% de inclinação em média e trechos de até 13%. Venci a montanha, tive que descer novamente cada um dos 120 metros que subi, no escuro e morrendo de medo de não visualizar algo na pista e levar um tombaço chegando à cidade, mas consegui descer sem problemas e para a minha felicidade total, assim que a descida acabou já estava no trecho urbano, marcado pelos postes de luz que me iluminaram até o centro da cidade. Nem bem entrei na cidade e meu telefone tocou, era o Well que estava na praça no centro da cidade me esperando. Quer saber onde é a praça central? Olhe para cima... Como em qualquer boa cidade mineira, na parte mais alta havia uma igreja e era exatamente lá que o Well me esperava. Subi a última montanha do dia e pude abraçar meu grande amigo como há tempos não fazia. Ficamos na expectativa do Marcio chegar, me encontrei com o Well não eram 19h00 e nessa hora liguei para o Marcio que estava na cidade de Consolação, cerca de 20 quilômetros de nós, mas ele viria por uma estrada de terra. Nossa preocupação durou até às 22h00 quando ele finalmente chegou. Quando estávamos decidindo onde iríamos dormir, uma pessoa em um carro gritou -

Os últimos seis quilômetros na escuridão com uma enorme montanha pela frente

"Pelegrino!"

Não teve como não relembrar da minha viagem pelo Caminho da Fé em 2004, quando já havíamos nos acostumados com essa frase. O correto seria nos chamarem de "Peregrino", dizem que a língua é viva e ao menos em Minas Gerais, essa nova palavra já deve até estar descrita no dicionário. Ficamos numa belíssima pousada e depois fomos até uma Pizzaria, uma das poucas ainda abertas, onde conseguimos jantar para então tentar dormir. E quem disse que eu conseguia dormir? Tanto tempo longe dos amigos, tantas histórias para contar, como

Último trecho da viagem, em companhia dos meus amigos Marcio (esquerda) e o Well (direita)

era bom estar em braços amigos novamente. Era o início de um feliz retorno para casa.

9.5 – TÊM QUE TER FÉ E FORÇA NAS PERNAS

Estava com meus amigos, não pedalaria mais sozinho até São Paulo durante os próximos três dias. E de Paraisópolis pedalaríamos por um trecho do Caminho da Fé. Entre os diversos "sonhos de consumo" de ciclistas, não poderia deixar de incluir o Caminho da Fé. A princípio eu iria percorrer o caminho inteiro a partir de São Carlos. Mas já imaginando o sofrimento que seria encarar as montanhas mineiras com tanto peso (desnecessário para o Caminho da Fé) resolvi percorrer apenas um pequeno trecho, justamente um que ainda não tivesse percorrido. Mas para variar, tinha que ser o mais difícil, até para coroar o final da minha viagem.

O Caminho da Fé é uma rota de peregrinação inspirado no Caminho de Santiago de

Setas amarelas, marca registrada da maioria dos caminhos de peregrinação

Compostela. Almiro Grings, morador da cidade de Águas da Prata, depois de percorrer por duas vezes o Caminho de Santiago se perguntou, "Porque não temos um caminho como esse no Brasil?" A ideia foi amadurecendo, até que ele se juntou com mais dois amigos, Clóvis Tavares e Iracema Tamashiro, ambos jovens senhores aposentados que resolveram tornar aquele sonho em realidade. A forma de pensar o trajeto foi a mais simples possível, abriram um mapa e traçaram o caminho mais lógico para se chegar em Aparecida, a partir de Águas da Prata. Depois disso resolveram criar a Associação dos Amigos do Caminho da Fé, percorreram todas as cidades conversando com fazendeiros, para permitirem a passagem de peregrinos por suas terras, entraram em contato com executivo e legislativo das cidades, aprovando leis nas Câmaras de Vereadores e firmando as parcerias com a Associação. Sinalizaram o trajeto com placas simples, muita tinta amarela até que, em 2003, inauguraram a rota de peregrinação com cerca de 320 quilômetros ligando Águas da Prata com Aparecida do Norte, onde fica a basílica de Aparecida do Norte, um dos locais de maior peregrinação religiosa do Brasil.

Mas seguindo a tendência do Caminho de Santiago, o Caminho da Fé foi se expandindo, quando percorri da primeira vez em 2005, seu ponto mais longínquo era a cidade de Tambaú a 430 quilômetros de Aparecida, em 2014 tinha um ramal partindo de São Carlos com 541 quilômetros, outro de Mococa a 423 e um partindo de Sertãozinho a 584 quilômetros de Aparecida. Somando todos os ramais, só o Caminho da Fé possuía 841 quilômetros, devido até às dimensões continentais do Brasil, não me estranharei se o Caminho da Fé vier a ser o maior caminho de peregrinação do mundo. A religião no Brasil tem presença muito forte, principalmente nas camadas sociais de menor poder aquisitivo, sendo que a religião mais predominante no Brasil é o catolicismo. Como a prática de peregrinações é muito comum nessa religião, o Brasil está repleto de caminhos de peregrinações.

Devido as particularidades desses caminhos, por procurar trajetos montanhosos, em áreas rurais, com pouco tráfego motorizado e principalmente pela sinalização e infraestrutura já estabelecida para os peregrinos a pé, muitos ciclistas começaram a descobrir esses caminhos, isso aconteceu comigo em 2005, dois anos depois da criação do Caminho da Fé. Lembro que conheci a Iracema Tamashiro na minha passagem por Águas da Prata onde ela me contou do seu espanto ao ver a procura pelo caminho por ciclistas aumentar cada vez mais. E também sua preocupação, pois devido ao desconhecimento da prática do cicloturismo, a associação tinha dificuldades em orientar os peregrinos ciclistas.

Quando percorri o Caminho em 2005, passei pela cidade de Paraisópolis e de lá seguimos para sul, rumo a São Bento do Sapucaí, Sapucaí Mirim e São Carlos do Pinhal. Ocorre que, já naquela época, a Iracema me dizia ter dificuldades com as prefeituras dessas cidades e que muito provavelmente o caminho seria alterado, o que realmente ocorreu. Em 2011 o caminho vinha praticamente inalterado até Paraisópolis para seguir rumo a Luminosa e depois Campos do Jordão. Antes o ponto mais alto do caminho estava a 1412 metros em São Roque da Fartura. Agora estava na estrada entre Luminosa e Campos do Jordão a 1800 metros! Saímos de Paraisópolis a 866 metros e seguimos rumo a Luminosa que ficava a 23 quilômetros de montanhas pela frente. O objetivo era chegar até na Pousada Barão Montes a 30 quilômetros de Paraisópolis, mas a 1700 metros de altitude. Parece fácil, mas, mais uma vez, superestimei minha capacidade.

Eram 10h30 da manhã quando saímos de Paraisópolis, tempo de sobra para fazer 30 quilômetros caso eu não tivesse planejado tão mal e observado mais atentamente os detalhes da altimetria da subida da Luminosa. Quando olhei no site, achava que sairíamos de Paraisópolis e só subiríamos. Mas meu erro foi que ignorei a altimetria entre Paraisópolis e Luminosa. Nos primeiros 10 quilômetros o trajeto é tranquilo, sem muitas montanhas, começamos num asfalto, entramos numa estrada de terra, lindos Ipês, Araucárias, pontes de madeira, tudo estava realmente lindo até a primeira montanha. Começou não o sofrimento, mas sim a curtição, subíamos tranquilos. Agora eu ainda tinha a possibilidade de compor as belíssimas paisagens com ciclistas as percorrendo. Subimos um dos morros mais fortes ao lado de um rio. A vontade era de descer para nos refrescarmos, mas na maior parte do trajeto ele estava longe de nós e dentro de uma propriedade privada. Seguimos subindo até que encontramos uma parte do rio que ficava próximo a estrada, deixamos nossas bicicletas na estrada e lá fomos nós "invadir" a propriedade alheia.

Nessa hora me dei bem, devido a minha papete com clip "waterproff", só precisei ir caminhando até entrar no rio, já meus amigos tiveram que ir caminhando de tênis por um trecho com pedras, depois tiraram os sapatos quando virou um brejo e ainda tinham que se preocupar em secar os pés antes de colocar os tênis de volta. Eu desci primeiro e o Marcio vinha logo em seguida, mas com muito mais dificuldades. Cheguei até o leito do rio e, como ele era bem rasinho, para me refrescar por completo tive que deitar. Estava deitado, curtindo o refresco quando escuto um barulho. O Marcio foi se segurar num bambu para descer, ele se quebrou e por pouco não caiu sobre um pontiagudo broto de bambu. Pra piorar, no dia seguinte o Marcio começou dar falta do seu óculos e no melhor estilo CSI, descobrimos que a última foto que ele aparece com o óculos, é

Visual deslumbrante da Serra da Mantiqueira

A cidade de Luminosa lá em baixo, a mais de 300 metros de desnível

justamente em uma ali no rio.

Voltamos para a estrada, subindo sempre até chegar num vilarejo Cantagalo que já fazia parte de São Paulo. Ao final da vila outra montanha para vencermos, o GPS marcava 1300 metros e uns 10 quilômetros até a pousada. Eu achava que precisaríamos apenas subir mais 500 metros e logo chegaríamos ao nosso destino, mas imaginem minha decepção ao chegar ao alto da montanha e avistar a cidade de Luminosa lá em baixo no meio de um vale. Tudo que já havíamos subido até então, cerca de 400 metros, desceríamos novamente. Já que não havia outra opção, descemos, algo que fiz com muito cuidado, pois a descida era muito acidentada e não estava a fim de ter meus bagageiros quebrados faltando tão pouco para chegar em São Paulo.

Chegamos na cidade por volta das 15h00 e para piorar estava começando a chover e já bem próximo da entrada da cidade havia muita lama, a pista estava um sabão. Descia o Marcio a frente, eu e o Well logo atrás, claro que uma distância segura um do outro, até para caso um caísse, não acabasse levando o outro e foi exatamente o que aconteceu. Eu vi o Marcio perdendo o controle da bicicleta no lamaçal e indo para o chão. Por muito pouco não perdi o controle da bicicleta também, devido ao peso que carregava, um tombo naquelas condições poderia complicar e muito minha viagem, mas passei ileso. Logo que chegamos na cidade uma fortíssima chuva nos encontrou o que nos desencorajou de tentar vencer os últimos 10 quilômetros até a Pousada Barão Montês escalando a Estrada da Luz, o trecho mais difícil do Caminho da Fé. Até pensamos em subir pela outra estrada, mas disseram que ela deveria estar até pior devido ao atoleiro causado pelos carros que tentam subir a serra. Nos aconselharam a ficar na cidade e partir no dia seguinte, já que as chuvas caíam geralmente no final da tarde.

Optamos por ficar numa pousada no meio da cidade que é exclusiva para peregrinos. Infelizmente não lembro o nome do casal simpático que nos acolheu, mas eles contaram um pouco da história, da felicidade deles ao saber que a cidade foi incluída no trajeto, mostrou as diversas fotos de peregrinos que já passaram por lá (muitos de bicicleta). É um prédio pequeno, de três andares, mas deve ser a maior construção da cidade, menor apenas que a igreja. Da sua varanda no último andar é possível ter uma bela visão panorâmica da cidade. A minha frente, apontando para o sul, avistava a enorme montanha que teríamos que vencer no dia seguinte. Cortes na montanha em formato de "Z" eram um sinal de que a estrada não seria nada fácil de se vencer. A direita um lindo sobrado rosa com um campinho de futebol, mais a direita o cemitério da cidade, bem afastado da área urbana e à esquerda a bela igreja rosa, única construção que conseguimos identificar facilmente do alto do morro quando chegamos

na cidade.

Segundo os moradores, Luminosa pertencia a São Paulo, mas durante a guerra de 1932, as forças federais usaram a cidade como base para invadir o estado. Depois da revolução a cidade foi anexada em definitivo ao estado de Minas Gerais, pena que não achei mais informações sobre o assunto na internet para confirmar sua veracidade. Observando um pouco melhor as divisas entre Minas e São Paulo, fica fácil notar que aquele seria um ótimo ponto estratégico, portanto a história tem tudo para ser verídica. Fico imaginando quantos fatos históricos importantes estão perdidos nesses rincões do nosso país. Pelo mapa, realmente não tem muita lógica Luminosa pertencer a Minas, já na lógica do relevo sim. Basta reparar que as montanhas contornam toda a cidade, menos a norte onde temos a cidade de Brasópolis a pouco mais de dez quilômetros. Se hoje já é complicado vencer as montanhas para chegar a Campos do Jordão (cidade paulista mais próxima), imagina a 80 anos atrás?

Montanha que enfrentaríamos no dia seguinte, quase mil metros de desnível

Ficamos na cidade, mas já estava preocupado, pois desconhecia as dificuldades do terreno e pretendia encontrar meu amigo, o Tom Bike de São José dos Campos em Campos do Jordão, por volta do meio dia do dia seguinte, só não tinha certeza se isso seria possível.

Estrada da Luz - Luminosa - MG

9.6 – A ESTRADA DA LUZ

Sempre gostei de desafios, vejo os desafios como algo para mostrar o quanto subestimamos nosso potencial e o quanto dramatizamos problemas que deveríamos encarar como pequenos. Sempre gostei de montanhas, vencer uma grande montanha pedalando é algo que me traz tanta satisfação que essa será minha busca, poder pedalar o mais alto que eu puder, mesmo se isso me trouxer algum risco. Apesar de já ter pedalado milhares de quilômetros no nosso Brasil, o ponto mais alto que já havia chegado com minhas pernas, até então, era justamente a Chapada dos Veadeiros, quando pedalei a 1500 metros de altitude. Mas achava muito pouco, por isso fiz questão de incluir essa rota do Caminho da Fé, pois saberia que chegaria próximo aos 2000 metros. Aquele era um dia especial, o dia em que eu chegaria ao ponto mais alto que minha bicicleta já me levou em minha vida, mas já sabendo que seria o primeiro passo para desafios maiores. Portanto, todo sacrifício necessário para atingir esse meu feito pessoal seria pouco. E quanto sacrifício...

Saímos por volta das 8h00 de Luminosa e começamos a pedalar rumo à montanha que estava logo a nossa frente. Ir se aproximando lentamente da montanha que você terá que vencer é algo fascinante, ao menos para mim. A adrenalina começa a correr por todo meu corpo e eu fico pensando, "até quando vou conseguir pedalar?", "Quando vou começar a empurrar?" Apesar de só ter empurrado minha bicicleta pela primeira vez na viagem, dias atrás nos cascalhos da Serra da Canastra, não me frustro quando preciso empurrar, até porque sei que conseguiria subir pedalando se estivesse com menos peso. Não preciso mais provar que sou o homem mais forte do mundo, ou o melhor ciclista do mundo. Quero apenas provar a mim que sou capaz, que tenho a capacidade de trabalhar minha mente junto com meu corpo e superar todas as adversidades que irei encontrar. Eu iria vencer a montanha usando minhas forças, no máximo, ajuda de amigos, pois naquele momento formávamos um time onde era todos por um. Mas não teria nenhuma ajuda extra, principalmente de qualquer coisa movida a motor. Tudo era apenas uma questão de mente e corpo. Isso é a base para superarmos todos os problemas que certamente surgirão em nossas vidas.

A caminho daquela trilha em forma de "Z"

Lá fomos nós, pedalando rumo à montanha e não demorou muito para descobrir a partir de que ponto teria que começar a empurrar minha bicicleta, isso aconteceu logo na primeira subida. Como as bicicletas do Marcio e do Well estavam bem mais leves, era comum eles pedalarem até certo ponto da subida, deixarem as magrelas e me ajudarem empurrando a minha. Sim, a ajuda deles foi fundamental, claro que conseguiria subir a montanha empurrando minha magrela, já que essa subida não era mais difícil que os cascalhos da Canastra,

mas com certeza o faria em muito mais tempo do que sem a ajuda deles. E tempo naquele dia era precioso, pois não devíamos apenas chegar a Campos do Jordão, mas teríamos que pedalar até São José dos Campos, pois do contrário não conseguiria chegar a São Paulo no dia seguinte como havia combinado.

Senhor José Ferreira carimbando nossas credenciais do Caminho da Fé

Pedalamos uns três quilômetros (sempre subindo) até a Pousada da Dona Inês, onde fomos recebidos pelo senhor José Ferreira, seu marido. Na entrada da sua casa tem um banco que ele mesmo construiu e uma mangueira para o pessoal, tanto beber água, como para lavarem suas bicicletas. Detalhe que, junto com a estrada, sempre ouvíamos o barulho de água corrente, um grande volume por sinal. Era a água que vinha de uma cachoeira, no alto da montanha, que o pessoal da fazenda desviou para seu uso, inclusive a água da mangueira vinha dessa corredeira. Ficamos alguns minutos lá, tomamos um cafezinho oferecido pelo seu José, aliás, pouco antes de chegar em sua propriedade, encontramos a Dona Inês descendo a estrada rumo a cidade. Ela nos mandou parar em sua casa para tomar um café.

De certa forma cometemos um vacilo, pois apesar de sermos bem recebido na pousada em Luminosa, o melhor seria termos subido até a Dona Inês, pois além de ser um local lindo e aconchegante, já começaríamos o dia com pelo menos 20% da montanha vencida. Seu José nos contou que nunca havia saído dali, o mais longe que havia ido era até a cidade de Luminosa a três quilômetros do seu sítio. Foi uma sensação meio maluca meu encontro com ele, lembrei de um pantaneiro que se lamentou comigo durante minha passagem pelo Pantanal – "Nossa, você tem a minha idade e já foi a tantos lugares e o mais longe que eu já fui foi até Coxim (cidade vizinha ao Pantanal)". As pessoas são diferentes e com objetivos diferentes, seu José tinha orgulho de nunca ter saído daquele lugar, ele deve ter uma ligação com cada grama que nasce na sua terra e fico imaginando o seu sofrimento se alguém o obrigasse a sair de lá. Já imaginou se descobrem que suas terras são de um mega-especulador e a justiça o obriga a mudar de lá? Provavelmente ele não viveria muito tempo longe dali.

Ficamos uns 40 minutos na pousada da Dona Inês e lamento não poder passar mais tempo ali. Na despedida, o Marcio ainda presenteou o seu João com um binóculo que ele estava trazendo, disse que era para o seu João ver de longe a aproximação dos peregrinos, assim ele poderia ir esquentando o café. Tomamos nosso cafezinho, carimbamos nossas credenciais e seguimos morro acima.

Mas a subida era muito pesada, não parávamos de subir, sabia que passaria de 1800 metros,

Olha o Marcio empolgado com a cachoeira

olho para o GPS que ainda marcava "apenas" 1000 metros. Os primeiros 7 quilômetros de subida tinham inclinação média de 11% na terra. Muitas montanhas HC ("Hors Catégorie" que significa sem ou fora de classificação) do Tour de France não possuem essa inclinação média. Seguimos pedalando quando e avistamos uma ponte, sinal de que havia um leito de água próximo. De repente o Marcio, cruzando a ponte, começou a apontar para a direita e gritar "Olha! Olha!". Levei um susto, achei que era uma onça, mas logo vi que seu encanto era por uma linda cachoeira. Dei muita risada nessa hora, o Marcio simplesmente começou a tirar toda roupa ficando só de cueca, colocou a sunga e entrou na cachoeira. Eu já aproveitei a versatilidade das minhas vestimentas, entrei na água sem precisar fazer um strip-tease na frente dos meus amigos.

Depois de nos refrescarmos, cruzamos uma porteira e seguimos subindo. Cruzar porteiras é comum no Caminho da Fé, existe até uma regra de deixar a porteira exatamente como você a encontrou, aberta ou fechada. Algumas porteiras ficam fechadas com cadeado, mas geralmente há uma passagem ao lado para os peregrinos. O problema é quando essa passagem só cabe uma pessoa a pé, nesse caso o ciclista tem que pular a porteira, com as bikes. Imagina eu ter que pular uma porteira com minha bicicleta? Entramos bem no trecho do "Z" que avistávamos lá de baixo, de longe não dá para notar o quão larga é a pista e também o quão íngreme. Tinha largura suficiente para passar um caminhão, agora uma coisa é ter largura, outra é o carro conseguir subir.

Haja fé!

Eu até conseguia pedalar, tinha mais dificuldades nas curvas e em alguns tops desumanos, analisando depois a subida pelos tracks do GPS vi que alguns trechos tinham inclinação de 28%. Foram várias as vezes que meus amigos subiam e depois voltavam para me ajudar empurrar a minha bicicleta. Já se passavam das 11 da manhã e não havíamos chegado nem na metade da subida, mesmo assim era impressionante o visual lá de cima, já bem mais alto do que estávamos quando chegamos a Luminosa.

Vencemos aquela montanha do "Z" e seguimos para outra, maior ainda, atrás dela. Sem quase nada de alívio, seguimos subindo e vimos lá embaixo um bravo fusquinha vindo em nossa direção. O fusca nos passou e fiquei impressionado, tem muito carro zerinho de fábrica que não teria chegado nem na metade da montanha.

Chegamos na parte mais alta da montanha de onde era possível observar o horizonte a quilômetros de distância. Não era mais possível ver a cidade de Luminosa, pois a montanha menor estava a nossa frente, mas era possível ver quase toda a segunda parte da estrada que acabamos de subir e lá embaixo avistamos dois pontos pequenos, eram dois ciclistas que provavelmente estavam percorrendo o Caminho da Fé. O GPS marcava ainda 1550 metros e ainda tínhamos muito para subir. Já passavam das 13h00, hora que havia planejado chegar à Campos do Jordão e encontrar o Oton. Como não havia sinal de celular fiquei desesperado, minha esperança é que ele me acompanhasse pelo rastreador e poderia verificar o quão longe ainda estava dele.

Entramos num trecho de mata fechada e continuamos subindo. Mas agora não era mais possível avistar o horizonte para tentar ver se havia alguma nuvem de chuva na nossa direção. Mas havia sim, uma grande nuvem de chuva e ela nos alcançou quando chegamos no marco da divisa dos estados de Minas e São Paulo. O GPS marcava 1740 metros, será que chegamos ao "cume"? Seguimos a trilha e, para o meu desespero, começamos a descer. Sim, desespero, pois sabia que ainda não estávamos na parte mais alta da viagem e quanto mais descesse, mais teria que subir novamente. Descemos cerca de 100 metros e logo voltamos a subir, foi quando eu ouvi um barulho de motor e não demorou para ver um carro passando rapidamente no final da estrada. Nunca fiquei tão feliz em ver um carro, isso era sinal que chegamos ao asfalto, significa que não pedalaríamos mais em terra, ao menos até Campos do Jordão.

Mas ainda não havíamos chegado ao cume e no asfalto, lá vem mais subida e fomos subindo. Segundo havia lido na internet, o ponto mais alto do Caminho da Fé ficava a 1900 metros de altitude e no asfalto chegamos a 1821 metros. Como achava que ainda iria subir mais, eu não tirei foto do GPS e deixei de registrar o ponto mais alto da viagem. Isso porque, logo após a curva, começamos a descer sem parar. Durante a descida, avistamos placas informando que estávamos no caminho da pousada Barão Montes, onde pretendíamos almoçar, mas logo chegamos e a encontramos fechada com um bilhete na porta. Havia o nome do responsável e um telefone celular. Agora adivinhem se o celular de alguém funcionava ali no meio da montanha? Eram 3 horas da tarde e restavam ainda 20 quilômetros até Campos do Jordão.

Marco da divisa de São Paulo com Minas Gerais

Continuamos na estrada na busca de algum lugar para comer e encaramos nada menos que cinco quilômetros de descida, até chegarmos na divisa de Campista com Campos do Jordão, descendo nada menos que 400 metros de desnível.

Encontramos um bar e paramos para comer, nesse bar reencontramos os dois ciclistas que avistamos quando estávamos no alto da montanha. Eles passaram por nós quando paramos na pousada do Barão Montes. Ao lado daquele bar havia uma estrada de terra por onde seguia a trilha oficial do Caminho da Fé, mas já estava satisfeito de ter percorrido aquele trecho do caminho, então preferimos seguir pelo asfalto mesmo. Uma chuva fraca nos pegou no início da subida, mas não era isso que iria nos impedir de pedalar, a pergunta era qual será o tamanho dessa montanha? Foram nada menos que seis quilômetros sempre subindo e com muito custo, vencemos a montanha subindo mais 400 metros em pouco mais de uma hora, cerca de 5 km/h de média.

No último trecho dei uma avançada deixando o Well e o Marcio um pouco para trás, quando cheguei ao cume, passei em frente a uma casa e avisto dois cachorros correndo em minha direção. Poderia seguir pedalando já que até eles chegarem na pista eu estaria longe. Mas se fizesse isso, quando os cães estivessem retornando para casa dariam de frente com meus dois amigos. Então pedalei e parei no meio da estrada a cerca de 200 metros da portaria da fazendinha deles, voltei minha bicicleta em direção deles e fiquei só encarando os cães. Assim que eles me viram continuaram correndo em minha direção e eu apenas os encarando. Quando estavam a cerca de 10 metros de mim, saquei meu cabo de vassoura como se fosse um Jedi. Um continuou correndo para uma estrada a minha esquerda e o outro deu uma travada no asfalto, deu até para ouvir o barulho da freada. Ambos ficaram latindo de longe para mim e bastava ameaçar com o cabo de vassoura para eles saírem correndo. Não demorou e surgiram meus dois amigos na estrada, os cachorros fizeram menção de ir em direção deles, mas bastou um grito para eles ficarem onde estavam e deixá-los passar. Definitivamente, depois de "levar corre" de mais de 100 cachorros pelo Brasil, aprendi a lidar com eles, basta deixar claro quem manda.

Muito esforço até o topo

Começamos a descer, pedalamos três quilômetros e chegamos a Campos do Jordão por volta das 18h00. Fizemos um pedal de uns 35 quilômetros em 10h00 e ainda tínhamos que pedalar até São José dos Campos mais 90 quilômetros. Ainda encontramos os dois ciclistas que cruzamos horas atrás na entrada da cidade arrumando a magrela de um deles. Disseram que não pegaram tanta subida, mas em compensação encararam uma forte chuva que deve ter passado ao nosso lado.

Finalmente consegui falar com o Oton que havia subido quase toda a Serra e retornado para casa. Já estava no caminho de volta quando liguei e avisei que estávamos descendo a serra, então ele decidiu nos esperar no posto policial no pé da serra. A descida da Serra de Campos é longa e suave, são 20 quilômetros de descida e um desnível de 1000 metros, cerca de 5% de desnível médio, levamos cerca de meia hora para descer, mesmo assim encaramos o final dela na escuridão total. A ideia inicial era participar da Bicicletada de São Jose dos Campos, para isso precisávamos chegar na cidade até às 19h00. Mais um compromisso abortado por mal planejamento, infelizmente.

Descendo a Serra de Campos do Jordão, 20 quilômetros em meia hora

Já se passavam das 20h00 e ainda estávamos a 50 quilômetros do nosso destino, o lado bom é que as subidas se acabaram e agora só teríamos trechos planos pela frente. Por mim eu iria pela Dutra mesmo, encarando trechos às vezes sem acostamento, se necessário, mas o Oton nos guiou por uma rota interessante, o problema é que era de terra. Uma estrada que vai seguindo pelo outro lado do rio Paraíba do Sul, foi até uma rota tranquila tirando um motorista "fdp" que passou por nós, num trecho próximo à cidade de Caçapava e por pouco não realizou um verdadeiro strike. Só faltava essa, ter minha viagem arruinada por um imbecil a um dia de casa. Estávamos acabados, o Well começou a sentir fortes dores no joelho, mas não tínhamos muito o que fazer, o máximo seria pedalar até a cidade e lá tentar fazer algo para o dia seguinte. Nós três estávamos com muita fome e não víamos a hora de chegar na cidade para comer algo.

Chegamos a São José, cruzamos o Rio Paraíba e começamos a pedalar pelos trechos urbanos. O Oton tentou nos levar a um lugar, mas já estava fechado. Continuamos pedalando até outro local no caminho da casa dele, mas já eram quase meia noite e nossos corpos estavam trabalhando no piloto automático, foi quando avistamos um restaurante Habib's e paramos nele, mesmo a contragosto do Oton. Ali o Well já estava destruído e ameaçava abortar a viagem, queria ligar para sua esposa para vir buscá-lo, então eu e o Marcio o convencemos a esperar até o dia seguinte, eu tinha Calminex de uso veterinário que passava nos músculos quando percebia alguma dor mais forte, o Marcio deu um relaxante muscular e fizemos uma verdadeira terapia no garotão. Se ele sobrevivesse aos remédios, era quase certo que estaria pronto para o dia seguinte.

Depois, ainda fomos para a Casa do Oton que fez o favor de morar a oito quilômetros de onde estávamos, quase nos limites da cidade. Mas tudo bem, naquele momento cada pedalada que eu dava era com dor e prazer. A sensação de saber que no dia seguinte chegaria em casa, completaria minha saga e finalmente veria meu filho compensava qualquer dor que eu sentia.

9.7 – A CHEGADA A SÃO PAULO, A CORRIDA PARA MEU TÃO SONHADO ABRAÇO

Em frente a belíssima casa do Oton em São José dos Campos

Já tinha a companhia do Well e do Marcio, mas ganhei mais um companheiro de chegada a São Paulo. O Bruno Frizo, que eu só tinha contato via Twitter e Facebook, também aceitou o convite e foi até São José para se juntar à comitiva da chegada. Para a minha felicidade, o Well acordou bem, sem muitas dores nas pernas e resolveu pedalar conosco. Por volta das 11h00 da manhã, partimos em cinco guerreiros, sendo que o Oton nos acompanhou até a saída da cidade.

Pedalamos um trecho pelas ruas de São José, por algumas Ciclofaixas, ciclovias, só tivemos que desviar dos carros estacionados sobre ela e segundo o Oton, a prefeitura havia permitido o estacionamento sobre as Ciclofaixas. Incrível o que nossas autoridades costumam fazer em referência ao Deus Carro. Pouco mais de meia hora de pedal, estávamos na Dutra onde o Oton se despediu de nós e seguimos em frente. A princípio iríamos pela Dutra até o acesso para a Rodovia dos Trabalhadores, o que aumentaria nosso trajeto em uns 10 quilômetros, mas em compensação pedalaríamos por uma via mais tranquila e com acostamento em todo o trajeto. Como o horário estava apertado, restando menos de seis horas para chegarmos em São Paulo, seguimos pelo caminho mais tenso, embora mais curto.

O trecho da Dutra de São José dos Campos não tem nenhum acostamento. Embora exista uma

lei que obrigue as rodovias que passam por trechos urbanos a terem calçadas e ciclovias.

Mas nem deveria haver uma lei obrigando isso, apenas o bom senso dos projetistas deveria ser suficiente. Ou uma lei que os proibissem pessoas que só andam de carro a projetar rodovias, só assim para garantirmos qualquer tipo de humanização no projeto e terem a noção de como aquele empreendimento irá impactar na vida de todos e não apenas nas pessoas que possuem carros.

Sem acostamento, sem calçada, sem ciclovia... O melhor caminho mesmo?

Seguimos com tensão no trecho sem acostamento, mas logo adiante ele retornou e passamos a pedalar com maior tranquilidade. Nem tanta tranquilidade, pois o sol era muito forte e nosso tempo escasso. Programamos duas curtas paradas e nos concentramos no pedal, até porque a estrada não é nada convidativa, com nenhum atrativo, apenas carros e mais carros. A única coisa boa era o prazer de pedalar mesmo. Quando entramos na região de Guarulhos, aí sim a coisa ficou feia. Acostamento virou pista, nem calçada existe e a saída foi negociar o espaço com ônibus e caminhões passando em alta velocidade pela gente. Foi extremamente tenso pedalar na Dutra, mas não havia outra alternativa. Chegamos à São Paulo por volta das 17h00 e para sair logo da Dutra, assim que passamos o acesso da Fernão Dias, entramos por dentro da Vila Maria, na Zona Norte. Acabamos fazendo um caminho mais longo, mas evitamos um restinho de Dutra e de Marginal Tietê. Hoje eu teria ido direto pela Dutra, já havíamos passado pela parte mais terrível mesmo.

Mas fiz o caminho que costumava fazer para sair da Zona Norte e chegar ao Centro, atravessamos a ponte da Vila Guilherme, passando pelo Pari, Brás, cruzamos a Avenida do Estado e saímos na Tiradentes. Lá fiz uma pergunta para o pessoal – "Vocês preferem o quê? Subir pela Vergueiro ou ir pela 23 de maio?" Para quem não é de São Paulo vou explicar, a Av. Vergueiro é uma avenida comum, um pouco movimentada, mas com velocidade mais controlada, muitos semáforos, na época sem uma ciclovia. Já a 23 de maio

Pedalar na Dutra sem acostamento? Isso que é ser aventureiro

Para quem encarou a Dutra, a 23 de maio parecia ciclovia

é uma via expressa, sem semáforos, onde raramente há ciclistas. A diferença é que, pela Vergueiro iríamos subir até a altura da Paulista, um dos pontos mais altos de São Paulo, já pela 23 de maio passaríamos por um vão e deixaríamos de subir por cerca de 30 metros e adivinhem qual pista escolhemos?

Para quem havia sobrevivido a Dutra, a 23 de maio ficou parecendo uma Ciclovia. O engraçado é que os motoristas buzinavam me saudando, da mesma forma que ocorria quando estava na estrada, me senti numa cidade do interior. Eram 17h30 quando começamos a subir a 23 de maio sendo que eu havia combinado chegar ao Parque das Bicicletas às 17h00. Nessa hora nem sentia mais o peso da bicicleta, parecia que eu estava pedalando uma estradeira com quadro de carbono. Em menos de 10 minutos eu já estava no alto da 23 de maio e fiquei esperando meus amigos chegarem, primeiro chegou o Well que nem parecia estar com a perna ferrada no dia anterior. Depois chegou o Marcio com o Bruno logo em seguida. Coitado do Bruninho, ele me disse que era a primeira viagem que havia feito, quando moleque já havia realizado pedais com mais de 50 quilômetros, mas nunca um trajeto com mais de 100 (como naquele dia) e já o coloquei naquela roubada. Mas faltava muito pouco, então descemos a 23 de Maio, onde atingi a minha maior velocidade do dia, cerca de 60 km/h, ultrapassando até alguns carros, entramos a direita e seguimos rumo ao Parque do Ibirapuera chegando lá às 17h40.

Banho de pia pra poder abraçar todo mundo sem medo

Uma rápida parada para tomar um banho de pia, trocar de camiseta e passar um desodorante. Já que iria abraçar um monte de gente, que ao menos tirasse aquele gosto salgadinho do suor. Enquanto tomava "banho", a galera arrumava o pneu do Bruninho. Eles até falaram para eu ir na frente enquanto eles arrumariam a bike dele. Que nada, vamos chegar todos juntos, terminamos de consertar e em menos de 5 minutos estávamos a caminho do outro parque.

Assim que cheguei do lado de fora já pude ver alguns amigos pelo outro lado da cerca, mas não avistei a pessoa que eu mais queria ver. Entrei no parque e parei no meio do balão, foi engraçado, pois ninguém veio me abraçar. Olhei para o pessoal

e vi minha mãe, minha irmã, o Gallo, o Aragon, mas cadê meu filho? Quando olhei um pouco para a minha esquerda o avistei, sua mãe segurando seu braço. Quando percebeu que o vi só soltou sua mão. Ele correu em minha direção, me abaixei e peguei-o no colo e depois não vi mais nada. Seu bracinhos me apertaram, lembrei da última vez que eu tive aquela sensação, um dia antes de sair em viagem. Chorei. Choramos, como bebês.

Meus amigos me deixaram curtir meu momento único por alguns segundos. Nem havia desmontado da bicicleta e logo que consegui me recompor, alguém pegou minha bicicleta e pude abraçar meus amigos e amigas, mas sempre com ele no meu colo. O Marcos estava com sua bicicletinha e ainda demos algumas voltas no parque.

A viagem chegou ao fim, foram vários momentos de dúvidas, até mesmo quando saí, por diversas vezes passou pela minha cabeça não voltar mais. Provei a mim que poderia viver com pouco, se quisesse poderia armar uma moradia temporária em qualquer canto desse país e viver de forma mais digna do que muitos que hoje não passam de escravos desse modelo de sociedade.

Mas sempre existiu um vínculo que me impedia de sumir, meu filho sempre me indicou qual seria o meu caminho, que seria o mais próximo dele possível. Não tenho a ilusão de que terei meu filho para sempre sob meus braços, mas quero estar sempre ali, ao alcance dos seus bracinhos, pois ele saberá que sempre que quiser terá em mim toda a ajuda para criar sua base como ser humano. Pois é essa base que será fundamental para ele superar todas as dificuldades que terá em sua longa vida.

Com meu parceiro das futuras aventuras - Parque das Bicicletas - São Paulo - SP

CONSIDERAÇÕES FINAIS – MELHOR, A CONTINUAÇÃO DA VIAGEM...

Escrever essas considerações foi o verdadeiro encerramento do livro, pois simplesmente não sabia como encerrá-lo. Como encerrar um livro com tom autobiográfico, que fala de um período importante da vida de alguém, vida essa que ainda não acabou? E mais uma vez, como não se deixar influenciar pelo momento em que escrevo esse texto, cinco anos após o encerramento da viagem? Vou fazer desse texto um resumo/reflexão de tudo que aconteceu do final da viagem até essa publicação. Para situar vocês, escrevo essa conclusão em 14 de janeiro de 2016, dias antes do lançamento do Projeto Brasil em Ciclos, uma cicloexpedição que daremos início ainda no primeiro semestre de 2016.

Ao término da minha viagem haviam 3 questões bem complicadas. A primeira era a de como seria minha vida profissional, pois durante a viagem decidi que abandonaria a profissão de programador e que viveria da bicicleta. A segunda questão era a de como ficaria a minha relação com meu filho, pois até poucos meses antes da viagem, essa relação era de unha e carne, ele tinha mais contato comigo do que com a mãe, mas após o divórcio isso ficou praticamente impossível, pra piorar, sua mãe (advogada), se aproveitando da minha inocência e do fato que acreditei em suas promessas feitas após a separação de que jamais faria algo pra me afastar do meu filho, fez uma armação e conseguiu, na justiça, me afastar por mais de um ano do meu pequeno, nem gosto de lembrar do meu sofrimento na época. A terceira questão era saber como seriam minhas relações afetivas após meu retorno, conseguiria reatar meu casamento? Ou será que conseguiria encontrar outro grande amor?

Comecei a escrever o livro em fevereiro de 2011 e finalizei em janeiro de 2012 a parte da viagem. Em janeiro de 2013 lancei uma versão impressa sem fotos (tiragem de apenas 50 exemplares) com as considerações finais que considerava importante para a época, mas tão logo lancei o livro veio mais uma desilusão que fez com que me arrependesse de tudo que havia escrito nessa parte. Em setembro de 2014 resolvi reeditar o livro por inteiro e fiquei estacionado nessas conclusões por quase dois anos, até que em janeiro de 2016, finalmente concluí o livro para nunca mais reeditá-lo.

Ao término da viagem, se tentasse imaginar como estaria cinco anos depois, não conseguia imaginar um futuro sem estar novamente com minha ex, ou longe do meu filho. Acredito que isso seja um sentimento comum a todos que acabaram de sair de um longo relacionamento, por isso vai uma importante consideração. Não tente fazer planos logo após uma separação, pois seja lá qual plano fizer, é certo que discordará dele no futuro. Respeite o luto de uma separação, reserve uns meses para uma autoanálise e só depois tente refazer seus planos. Não vou dizer que se envolver com alguém logo após o término de uma relação é certeza de fiasco, (sou prova viva que não é), mas para ter sucesso você precisará de uma maturidade emocional muito elevada, algo que raramente temos antes de maturar a dor da sua primeira grande desilusão.

Mas falando sobre a questão profissional, voltei determinado a viver da bicicleta, após conseguir sobreviver pedalando durante 4 meses sem dinheiro, contando só com a ajuda dos leitores do meu blog e das pessoas solidárias que encontrei no caminho, aprendi que é

possível levar uma boa vida contando apenas com aquilo que você consegue carregar em uma bicicleta. Resolvi buscar uma maneira de viver fazendo aquilo que amo, ou seja, ajudando aqueles que querem pedalar mas que por diversas razões ainda não conseguem. Ou usar a minha bicicleta para de, alguma forma melhorar, a vida das pessoas, seja levando informações importantes, conscientização, ou mesmo ajudando-os a terem o mesmo prazer que tenho ao pedalar.

Acontece que ao final da viagem prometi que um dia faria outra cicloviagem pelo Brasil, só que dessa vez com mais tempo, sem a pressão de uma data para terminar. A intenção era percorrer todos os Biomas, fazer pesquisas e estudos para, ao final da viagem, ter material suficiente para escrever um livro sobre cada Bioma. Portanto, não importa qual fosse a minha empreitada profissional, ela não poderia conflitar com esse objetivo adormecido.

Foram praticamente 5 anos sobrevivendo, nunca mais tive o padrão de vida da época de programador, mas consegui me dedicar a projetos incríveis, conhecer lugares maravilhosos e principalmente pessoas maravilhosas, oportunidades que minha antiga profissão jamais proprocionaria. Uma coisa é certa, apesar de todas as dificuldades que tenho para viver dignamente numa sociedade capitalista (e selvagem), não me arrependo da minha decisão.

Já em relação ao meu filho o processo foi muito complicado, devido a brigas judiciais e com a ajuda da nossa justiça que acreditou numa bizarrice, sem antes me dar direito a defesa (graças a uma manobra digna de "bons" advogados), fiquei mais de um ano afastado do meu filho, nessa época só podia vê-lo por 3 horas quinzenais e mesmo assim sob os olhares de um tutor, como se o perigoso na história fosse eu. Esse inferno só se encerrou quando consegui, na justiça (com ajuda de um defensor público), reverter a questão e ganhei a esmola de vê-lo a cada 15 dias e em alguns períodos nas férias. Até hoje não tenho acesso ao que ele come, nunca fico sabendo se ele ficou doente, nada sobre ele me é relatado, o máximo que consigo fazer é cultivar o amor que ele não deixa de demonstrar sempre que estamos juntos.

Abandonando as rodinhas

A relação com meu filho ainda é muito boa apesar das dificuldades, aos cinco anos, mesmo não podendo tirá-lo da sua casa, o ensinei a pedalar usando um espaço não maior que 10 metros, na garagem da casa da sua avó. Quando consegui o direito de passar finais de semana e feriados com ele, passei a levá-lo em minhas cicloviagens na sua cadeirinha. Nos pedais que havia carro de apoio, ele alternava entre a cadeirinha e umas cochiladas no banco do carro, mas sempre foi um parceiro perfeito em minhas cicloviagens.

Duas aventuras não posso deixar de citar, numa cicloviagem em grupo que organizei para o Pico do Gavião, nas divisas de São Paulo com Minas Gerais, levei ele até o topo na cadeirinha, numa altitude maior que 1.600 metros. Em alguns trechos a inclinação era tanta que meu amigo Ricardo, que fez companhia durante toda a subida, tinha que dar um empurrão pra eu sair sem o risco de empinar a bike.

Pico do Gavião nas divisas de SP e MG

A segunda aventura, bem mais difícil, foi quando subimos a Estrada Real desde Parati até a divisa com São Paulo. Comparando as duas subidas, enquanto na primeira foram 12 quilômetros, partindo de 1250 metros até 1690, já na estrada Real partimos do nível do mar e pedalamos 20 quilômetros até atingirmos 1500 metros na divisa de São Paulo com o Rio, detalhe é que o garotão sempre foi forte e pesava uns 25 quilos pelo menos.

Ao atingir o topo havia um segundo desafio, pedalar mais 10 quilômetros até a Pedra da Macela a 1800 metros. O problema é que seria necessário descer uns 4 km até 1200 metros para depois subir 6 km até o topo da montanha. Chegamos na divisa e começamos uma longa descida, meu moleque estava cansado e queria ir pro carro de apoio, este que pelo combinado, já deveria ter nos alcançado. Então combinamos que enquanto o carro não nos alcançasse seguiríamos pedalando.

O problema é que meu joelho começou a fisgar cada pedalada mais forte e quando já estávamos na estrada pra Pedra da Macela, resolvemos parar numa sombra e esperar o carro, dali eu continuaria sozinho. Acontece que já eram quase 17 horas, não havia sinal de celular para entrar em contato com o carro e se ele não havia chegado até o momento, significava que algo de errado havia acontecido. Nessa hora falei pra ele – "*Marcos, o carro não vai chegar, deve ter acontecido algum problema. Não temos outra opção a não ser voltar sozinho, por isso preciso da sua ajuda, você tem que ir comigo na cadeirinha e me ajudar, pois possivelmente vamos ter que pedalar até de noite.*" Meu moleque respondeu – "*Tudo bem papai, vamos voltar pedalando".*

Me enchi de forças e mesmo com uma dor insuportável no joelho direito, como estava de sapatilha, fiz os 4 km de subida na volta pedalando só com a perna esquerda. Com muito esforço chegamos no alto da serra com o sol já posto, apenas com o lusco-fusco. Começamos a descida e logo a escuridão era total, apesar de estar com uma boa iluminação, o breu, as pedras e principalmente a neblina me obrigavam a descer com o máximo de cuidado. Ao mesmo tempo meu garoto, com medo da escuridão ameaçava chorar. Então dei meu rádio e ele ficava tentando falar com o carro, mas sabia que se houvesse resposta, significaria que

Pedalando na estrada durante o 6º DBM

estávamos muito perto, era mesmo só para entretê-lo até chegar ao carro.

Depois de muita tensão, finalmente alcançamos o carro de apoio, que estava preso a uns mil metros da serra porque ele não conseguiu passar por um trecho mais complicado, com grandes pedras no meio da pista. Para quem não conhece o local, metade da estrada é asfaltada, a outra metade é quase uma trilha, com grandes pedras no meio da estrada, não é qualquer motorista ou carro que consegue passar. Mas o importante é que na hora da dificuldade, meu parceiro soube não apenas ter tranquilidade mas principalmente confiar em mim. Situações como essas só servem para aumentar ainda mais o vínculo e amor que sentimos pelo outro.

Quando encerrava esse livro, ele estava a metros de mim, passando as férias em casa, com 9 anos. Essa foi uma das últimas aventuras dele na minha cadeirinha, logo ele já estava pedalando uma bicicleta aro 20 e fazendo companhia a mim em pequeno trajetos, de no máximo 20 km. Isso porque além de uma aro 20 não render muito, ainda tem a falta de uma relação com marchas. Em 2015 consegui comprar uma bicicleta aro 24 com marchas e fiz ele participar de alguns treinos do DBM ao meu lado. Num deles chegamos a pedalar 80 quilômetros por São Paulo e minha próxima meta agora é realizar uma Cicloviagem com ele. Não vejo a hora dele me deixar para trás num pedal, será minha maior alegria, até porque ele tem tudo para até se tornar um profissional do ciclismo, só depende dele.

Já em relação as questões amorosas, jamais imaginei que minha vida teria o encaminhamento que se deu. Todos que já saíram de um longo relacionamento sabem o quão complexo é o processo de corte de vínculos e retomada da vida, também sentia aquela sensação de que nada substituiria o que havia vivido, mesmo que a todo momento meus amigos insistiam na máxima de que "ninguém é insubstituível".

De certa forma essa frase equivocada, pois considero impossível substituir alguém e infelizes são aqueles que buscam uma substituta a um novo amor. Se analisarmos friamente, principalmente quem já passou por vários relacionamentos, verá que aquele que um dia foi um grande amor, se aparecesse em sua vida num momento diferente, dificilmente o relacionamento vingaria. Minha análise é bem pragmática, até mesmo meu atual amor, se surgisse quando eu era mais novo, dificilmente teríamos maturidade para manter um relacionamento saudável.

Será que sabemos o que é melhor para nós? No meu caso, demorei muito para chegar a uma definição, tanto de como minha parceira tem que ser, o que consigo tolerar e principalmente, o que ela não pode ter. E mesmo que você encontre uma pessoa que preencha quase todos

seus requisitos, há outra questão tão importante quanto as demais, você é a pessoa que ela precisa? Difícil ter essa resposta, principalmente quando nem ela sabe ainda o que realmente precisa num homem. Quando vejo um casal na faixa dos 20 anos se casando, raramente consigo imaginá-los juntos depois de algumas décadas, quanto mais para sempre.

Amadureci uns 20 anos em 5, hoje sou uma pessoa completamente diferente da que pediu o divórcio em agosto de 2010. Naturalmente acabou surgindo outras pessoas em minha vida, a princípio tentava usar meu passado com razão e jamais com emoção. Cometi muitos erros, mas acertei bastante e usando meu passado como se consultasse um projeto trabalho de faculdade, passei a ser mais seguro e convicto com minhas escolhas.

Das diversas experiências da viagem que levarei para o resto da vida, uma delas é a história daquele cara que conheci em Itapura, que tomava conta dos enfeites de Natal da praça da cidade. Ele estava no quarto casamento e quando perguntei qual seria sua escolha se existisse essa opção, ele disse que escolheria a primeira.

Isso me trouxe um grande questionamento, será que eu conseguiria viver com uma pessoa tendo a sensação de que uma mulher do meu passado teria sido melhor para mim? Minha resposta é NÃO! Sabendo disso criei uma regra, aconteça o que acontecer, a pessoa que estiver comigo deverá ser sempre melhor que a anterior. Mas vamos com calma, essa coisa de melhor e pior é relativo, o que é bom para mim não necessariamente será bom para outra pessoa. Mas é sim nossa opção estar num relacionamento ainda melhor que os anteriores e seguindo essa regra, consegui fazer só boas escolhas desde então.

O tempo me ensinou a não levar a fase da paixão a sério, paixão é algo para curtirmos sem se deslumbrar. É muito bom a adrenalina do diferente, do novo, mas essa sensação só dura até aceitarmos que nossa parceira não é perfeita (como ninguém é, nem você). Esse é o momento em que ambos devem tomar a decisão de se queremos ou não amar essa pessoa.

Ela tem defeitos, mas são toleráveis? São questões que a maturidade por si só resolverá? E os seus defeitos? Você acha que conseguirá evoluir para que aquela pessoa continue te amando? Infelizmente (ou felizmente) é necessário ser um pouco racional para não tomar uma decisão que possa te atormentar pelo resto da vida. Quantas são as pessoas que, devido ao medo da solidão, insistem em relacionamentos equivocados só para não ficar sozinho?

Claro que não devemos procurar apenas nosso clone do sexo oposto (ou do mesmo sexo de acordo com sua orientação), conviver com as diferenças faz parte de um relacionamento, nos transforma em pessoas mais tolerantes, mas é preciso de muita experiência e principalmente racionalidade, para saber se conseguimos ou não conviver com essa ou aquela diferença. Mesmo com todos esses cuidados, também temos que ter ciência de que nada disso é garantia de que iremos acertar sempre em nossas escolhas, mas vezes temos que arriscar.

Toda essa explicação filosófica, é só pra dizer que depois da separação, surgiram amores que pareciam ser para sempre (mas não foram), até que encontrei a pessoa que hoje, dia 14 de